

ANTOINE DE SAINT-EXUPÉRY

Cidadela



Exilado dos livros

ANTOINE DE
SAINT-EXUPÉRY

CIDADELA

TRADUÇÃO DE RUY BELO
AGOSTO 2009

Algumas notas sobre a tradução para o Português

A única tradução existente desta obra para o Português é a de Ruy Belo, realizada na década de 1970. Adotei algumas diretrizes na retradução e adaptação, visando tornar a obra acessível, por um lado, ao público brasileiro de 2009, e ao mesmo tempo fiel ao original de 1944.

Em uma coisa me permiti adotar uma diretriz diferente de Ruy Belo – Saint-Exupéry freqüentemente escreve usando longos períodos. Ruy Belo, com a válida intenção de tornar o autor e o livro mais compreensíveis, tomou a decisão de quebrar vários destes parágrafos, desta forma realmente fazendo o texto mais fácil de ler.

Mas me parece que o objetivo do tradutor não deve ser o de tornar o texto mais fácil de ler – se possível, sim. Mas o mais importante é que a tradução transmita ao leitor de língua Português-Brasileiro o “espírito” do autor e de sua obra. Assim, se me determinados trechos Saint-Exupéry usou parágrafos longos, é, na minha visão, porque “pensava” em parágrafos longos, porque seu estilo era esse.

Tentei, então, manter sempre que possível, com o intuito de ser fiel, os parágrafos longos, dando-lhes evidentemente uma revisão cuidadosa ao extremo de tal forma que não se tornassem incompreensíveis. Asseguro ao leitor que em caso algum, se eu, o tradutor, não entendi o texto, não prossegui enquanto não ficou totalmente claro o sentido, o significado, a poesia, a música, que Saint-Exupéry quis lhes dar..

Com todo o respeito da tradução anterior, posso garantir ao leitor Brasileiro que apesar de imperfeita, e afinal tudo é imperfeito, a presente tradução teve a preocupação permanente de se ater sempre não apenas à inteligibilidade do texto, mas também e de forma importante, ao espírito e ao estilo de Saint-Exupéry. Estilo esse único na literatura universal, que, em minha opinião, devemos respeitar e prosseguir num trabalho de traduções sucessivas, umas apoiadas nas outras, e sempre tentando chegar cada vez mais próximo de transmitir ao leitor de língua Portuguesa tudo que Saint-Exupéry pensava, sentia, sofria, amava... Esta é uma das grandes diferenças entre a presente tradução e a anterior, de Ruy Belo. Diferentes “filosofias de tradução”.

Por outro lado, resisti à tentação da vaidade. Onde a tradução anterior de Rui Bello me pareceu impecável, a mantive. Segui os conselhos do chefe da Cidadela, que recomenda evitar a vaidade e orgulho. Apenas para proclamar o ineditismo de meu trabalho, não seria honesto trocar apenas palavras, pelo simples prazer de trocá-las, e de dizer que as coloquei lá. Não se altera o que está bom.

Adaptei também no tempo – o Português de Portugal usado na década de 1970 empregava bastante o pronome após o verbo – por exemplo, “venho ver-te”. No meu entendimento, e comparando com o original francês, optei por “venho te ver”, que traduz muito mais fielmente o que Saint-Exupéry escreveu no seu peculiar estilo em 1944, e o que o leitor brasileiro ouve e fala correntemente. Mas asseguro que o tom e o estilo tipicamente Saint-Exupéryuperiano, falando na primeira pessoa como o chefe da Cidadela, este mantive, sem abrir precedentes, pois é parte central de todo o arcabouço do livro. Vários pronomes que não estão na versão original, e que foram colocados por Ruy Belo para facilitar a compreensão, no Português de hoje, no século 21, já não são mais usados. Os verbos se explicam sem a necessidade de tantos pronomes, e verificando no original francês pude ver que lá também há uma “economia de pronomes”.

Alguns trechos, ao serem traduzidos com este espírito de fidelidade, irão parecer trechos de um livro inacabado. Aparecem contradições, frases misturadas, parágrafos que necessitam ser garimpados para que o diamante do estilo e da compreensão sejam extraídos. Mas é assim que ele era, Saint-Exupéry. Um homem, em toda sua beleza e em toda sua amplitude. Em toda sua contradição, suas idas e vindas, e é assim que deve ser lido em toda sua beleza. Cidadela não é um livro escrito por um Semi-Deus ou um computador moderno. É um livro escrito por um poeta, piloto de guerra, amante, esposo, filho, idealista, frágil e forte, um homem, como diz ele, “fundado no templo”. E é assim que deve ser lido e traduzido.

Ocorre que para sermos fiéis a Saint-Exupéry, e à sua memória, defendo que respeitemos o fato de que realmente este livro é uma obra inacabada, cujas últimas anotações foram escritas provavelmente na noite de 30 de julho de 1944. O autor não sabia se iria prosseguir ou não sua obra no dia seguinte. O livro tem então, esse toque de insegurança, de inacabado, de não-revisado, e me parece que a maior homenagem que podemos prestar ao autor é respeitar as incoerências, as lacunas, os saltos, do texto. Acho que para respeitarmos Saint-Exupéry em toda sua beleza e sua compaixão, Cidadela deve ser lida como o que realmente é: Uma obra prima, porém nunca revisada em sua totalidade pelo autor. Não me dou o direito de terminar, revisar, unificar, um dos livros mais importantes do século. Outros pensarão de forma diferente, e os respeito. Minha posição, no entanto, é defensável. Alguns concordarão, outros não. Isto é salutar. Uma obra destas merece discussão, e como diria Saint-Exupéry, “a unanimidade das pedras não constrói o templo...”.

E aprendi. Aprendi muito com esta viagem. Ocorre-me como Saint-Exupéry fala do “vento das palavras”, e percebo que ultimamente tenho notado quando converso com alguém, que realmente às vezes existe apenas do lado de lá “o vento das palavras”, não vem um coração em anexo às frases... Vejo que são frases ocas, aprendidas, recitadas, arquivadas em uma gaveta mental para certas ocasiões, e retiradas dessas gavetas e utilizadas sem passar pelo coração. E vim a aprender que “Cidadela” não é para ser lido. É para ser livro de cabeceira, porque apenas uma leitura não nos permite penetrar no próprio livro “para além do vento das palavras”. É para ser lido, relido, aberto ao acaso como se faz com a Bíblia, e refletido. E meditado, até que aos poucos vamos nos entranhando na teia magnífica que ele preparou e que nos absorve e nos engole e ao nos tornamos templo continuamos pedras, mas passamos a ser algo superior, e a entender a vida de outra forma, em outro nível.

Traduzir “Cidadela” não é apenas uma tarefa lingüística, como o próprio Ruy Belo o deixou claro, ao levar dois longos anos para fazê-lo. No meu caso, decorreram quase quatro anos. É que, como disse, não é uma tarefa lingüística, é uma viagem pela alma de um homem. Quantas as vezes em que parei a tradução abismado, pasmo, encantado, inebriado, aprofundado e construído. Quantas as vezes em que parei a tradução porque não conseguia ler direito o que escrevia devido às lágrimas que me turvavam a vista. Quantas as vezes em que tive de interromper o trabalho porque não podia seguir em frente sem antes absorver o que acabara de ler e de traduzir. É um privilégio fazer esta viagem, maravilhosa e deslumbrante, pela alma de um grande homem. Conhecer Saint-Exupéry mais a fundo, entender melhor Cidadela, só isso já valeu a pena.

E tudo vale a pena... se a alma não é pequena... como dizia o grande Fernando Pessoa.

I

Não foram poucas as vezes que vi a piedade enganar-se. Nós, que governamos os homens, aprendemos a sondar-lhes os corações, para só a objeto digno de estima dispensarmos a nossa solicitude. Mais não faço do que negar essa piedade às feridas de exibição que comovem o coração das mulheres. Assim como também a nego aos moribundos, e, além disso, aos mortos. E sei bem por que.

Houve uma altura da minha mocidade em que senti piedade dos mendigos e das suas úlceras. Até chegava a contratar curandeiros e a comprar bálsamos por causa deles. As caravanas traziam-me de uma ilha longínqua unguentos derivados de ouro, que têm a virtude de voltar a compor a pele em cima de carne. Procedi assim até descobrir que eles tinham como artigo de luxo aquele insuportável fedor. Surpreendi-os a coçar e a regar com esterco aquelas feridas, como quem aduba uma terra para dela extrair a flor cor de púrpura. Mostravam orgulhosamente uns aos outros a sua podridão e gabavam-se das esmolas recebidas. Aquele que mais ganhara comparava-se a si próprio ao sumo sacerdote que expõe o ídolo mais venerado. Se consentiam em consultar o meu médico, era na esperança de que o seu miserável o surpreendesse pela pestilência e pelas proporções. Chegavam a empregar os cotos para conquistar um lugar no mundo. Daí também aceitarem os cuidados como uma homenagem e oferecerem os membros a abluções bajuladoras. Mas, apenas o mal os deixava, descobriam-se eles sem importância. Já nada alimentavam que fosse deles próprios, achavam-se inúteis. O único remédio era ressuscitar de novo essa úlcera que vivia à custa deles. E, uma vez envoltos de novo no seu mal, gloriosos e vazios, pegavam nas bacias e tornavam a empreender o caminho das caravanas. Voltavam a espoliar os viajantes em nome dos seus sórdidos deuses.

Houve também um tempo em que tive piedade dos mortos. Julgava eu que o homem mesmo justificado no seu deserto mergulhasse numa solidão desesperada. Ainda não tinha descoberto que nunca há solidão para os que morrem. Não havia ainda tropeçado com a condescendência deles. Eis quando me foi dado constatar o seguinte: tanto o egoísta como o avarento ou mesmo o veemente revoltado contra a menor espoliação, chegados à última hora, mandavam juntar em sua volta as pessoas de família e partilhavam os bens com a magnanimidade desdenhosa de quem distribui brinquedos fúteis a crianças. Tive por outro lado ocasião de ver o ferido pusilânime que, situado no coração de um perigo sem grandeza, houvera decerto erguido bem alto a voz para pedir ajuda, dispensar, quando finalmente perdido, qualquer assistência de outro, no receio de que os companheiros viessem a correr perigo por isso. A gente aplaude, entusiasmada, tal abnegação. Mas eu só tenho visto nela um sinal discreto de desprezo. Homem que o sol abrasava já eu o vi estender a outro o cantil. Nem me passou despercebido quem, no apogeu da fome, ainda dividiu o seu pedaço de pão. Mas isso era porque já não tinha necessidade dela. Dava a roer a outro um osso que para ele já não tinha valor.

Vi, oh! Se vi, as mulheres chorarem os guerreiros mortos. Mas quem as enganou senão nós? Viste ou não viste voltarem da guerra os sobreviventes, pobres empecilhos inchados de glória? Ei-los gritando aos quatro ventos as façanhas cometidas. Trazem, como caução do risco corrido, a morte dos outros, morte a seu ver medonha porque poderia ter sobrevivendo a eles. Eu próprio, na minha mocidade, gostava de sentir à volta da frente os golpes de sabre que outro afinal recebia. Ao voltar, eu brandia os companheiros mortos e o seu terrível desespero. Só o que a morte escolheu, entretido a vomitar o sangue ou a conservar as entranhas, descobre esta verdade: não há horror algum na morte. O próprio

corpo se mostra instrumento doravante inútil. Como já não serve para nada, tem de o por de parte. Corpo desmantelado, objeto de ostensiva deterioração. E, se esse corpo tem sede, o moribundo só vê nele uma ocasião de sede, de que aliás gostaria de se ver livre. E tornam-se inúteis todos os bens que serviam para preparar, alimentar, festejar esmo corpo ferido semi-estrangeira, afinal mero domínio doméstica, como o burro atado à sua argola.

Começa então a agonia, que não passa do balanço de uma consciência ora vazia ora cheia das marés da memória. Vão e vêm como o fluxo e o refluxo, trazendo, da mesma sorte que tinham levado, todas as provisões de imagens, todas as conchas da recordação, todos os búzios de todas as vozes ouvidas. Sobem, banham de novo as algas do coração, e aí temos todas as ternuras reanimadas. Mas o equinócio prepara o refluxo decisivo, o coração se esvazia, a maré e as suas provisões reentram em Deus.

Para que negá-lo? Também já vi gente que fugia da morte, impressionada de antemão pelo confronto. Mas é bom que vos desenganeis : nunca eu vi um moribundo amedrontar-se.

Se assim é, para que os hei de lastimar? Para que chorar o seu fim? A perfeição dos mortos! Não conheço eu outra coisa. Nada de mais etéreo abordei do que a morte dessa cativa que animou os meus dezesseis anos e que, quando a trouxeram, já toda ela se empregava em morrer. Respirava num ritmo breve e escondia a tosse entre os lençóis, como a gazela no termo de uma corrida, já estafada, mas ignorando-o ainda, pois lhe dava para sorrir. Mas esse sorriso era vento numa ribeira, rasto de um sonho, esteira de um cisne, dia a dia mais depurada e mais preciosa e mais difícil de conservar, até se tornar essa linha simples e puríssima, que fica quando o cisne já se foi embora.

E depois a morte de meu pai. De meu pai realizado e transformado em pedra. Dizem até que os cabelos do assassino embranqueceram ao ver que o seu punhal, em vez de esvaziar aquele corpo mortal, o enchia de tamanha majestade. O matador, que ficara escondido na câmara real, viu-se apanhado na armadilha de um silêncio cuja causa era ele próprio. Foram dar com ele às primeiras horas do dia, reduzido à prostração só pela imobilidade do morto, em quem via, não a sua vítima, mas o gigantesco granito de um sarcófago.

Assim meu pai, que um regicida instalou na eternidade, mal deteve o alento, suspendeu a respiração dos restantes durante três dias bem medidos. De tal forma que as línguas não se desataram, nem os ombros deixaram de se mostrar abatidos a não ser quando o descemos à terra. Mostrou-se até tão importante - ele, que o que se chama governar não governou, antes carregou e imprimiu a sua marca - que chegamos a julgar, quando o descemos à vala, ao longo de cordas que rangiam, não sepultar um cadáver, mas sim armazenar provisões. Pesava, suspenso no ar, como se fosse a primeira pedra de um templo. E nem se pode dizer que o tenhamos enterrado. O que fizemos foi selá-lo na terra, tornado finalmente aquilo que é: fundamento, alicerce, fundação.

Foi ele, e não outro, que me ensinou a morte e me obrigou, quando eu era moço, a olhar para ela cara a cara, porque nunca ele foi pessoa para baixar os olhos. Meu pai era da raça das águias.

Foi no decorrer do ano maldito, do ano a que chamamos “O Festim do Sol.” É que o sol, nesse ano, dilatou o deserto. Brilhou e brilhou sobre as areias, entre as ossadas, os espinheiros secos, as peles transparentes dos lagartos mortos e essa erva dos camelos mudada em crinas. Aquele que faz crescer os caules das flores tinha devorado as suas criaturas e reinava sobre os seus cadáveres dispersos, da mesma maneira que a criança reina sobre os brinquedos que destruiu.

Absorveu até as reservas subterrâneas e bebeu a água dos raros poços existentes. Absorveu mesmo o dourado das areias, que se tornaram tão vazias e brancas, que batizamos a região com o nome de

Espelho. É que um espelho não contém absolutamente nada e as imagens que o recheiam não tem nem peso nem duração. É que um espelho queima por vezes os olhos, como um lago de sal.

Os condutores de camelos, quando se extraviam, se caem nessa armadilha que nunca restituiu a sua presa, a princípio não a reconhecem, porque nada a distingue. Vão arrastando para lá, como uma sombra ao sol, o fantasma da sua presença. Atraídos por este engodo de luz, eles bem julgam caminhar ainda, pensam que estão vivos e, no entanto, foram já engolidos pela eternidade. Puxam pela sua caravana até onde esforço algum prevalece contra a inércia da planície, à procura de um poço que não existe. Gozam do frescor do crepúsculo, que aliás já não passa de um inútil adiamento. Talvez - pobres ingênuos! - se queixem da lentidão das noites, quando pouco falta para que as noites passem sobre eles como piscar de olhos. Cobrem-se de ofensas uns aos outros por causa de enternecedoras injustiças, sem saber que, para eles, já justiça se fez. Estás convencido de que, nestas paragens, uma caravana diminui alguma vez o passo? Deixa passar vinte séculos e vem de novo ver!

Fundidos no tempo e mudados em areia, fantasmas bebidos pelo espelho, foi assim que eu próprio tive ocasião de os descobrir quando meu pai, para me mostrar a morte, me pegou e me levou na garupa do seu cavalo.

“Lá - e apontou para um lugar - houve antigamente um poço.”

Lá no fundo de uma dessas chaminés verticais que, de tão profundas, refletem apenas uma estrela, a própria lama endurecera, e a estrela prisioneira tinha-se extinto. Ora, basta a ausência de uma estrela para que uma caravana se desnorteie como se de uma emboscada se tratasse.

Homens e animais, em vão se haviam aglutinado à volta do apertado orifício, verdadeiro cordão umbilical roto, para receberem do ventre da terra a água do seu sangue. Mas os operários mais hábeis, depositos sobre o chão desse abismo, inutilmente cavavam a dura crosta. Semelhante ao inseto furado vivo que, no estremecimento da morte, espalha em volta a seda, o pólen e o ouro das asas, a caravana, pregada à terra por um só poço vazio, começava já a perder a cor na imobilidade dos arreios partidos, dos baús arrombados, dos diamantes atirados para o lixo e das pesadas barras de ouro que a areia começava a cobrir.

Como ficara olhando para eles, meu pai levantou a voz:

“Deves saber o que fica do jantar de casamento quando os convivas e os noivos abandonam a sala. A primeira luz da madrugada vem exhibir a desordem que eles deixaram. Jarros quebrados, mesas de pernas para o ar, brasas apagadas, tudo conserva a marca de um tumulto que petrificou. Mas não penses que é lendo estas marcas que aprendes alguma coisa sobre o amor.”

“O ignorante, ao considerar e revirar de um lado e do outro o livro do Profeta, ao quedar-se no desenho dos caracteres ou no ouro das iluminuras, passa ao lado do essencial, que não reside no objeto vão, mas sim na sabedoria divina. O essencial do círio, por exemplo, não é a cera que deixa, mas sim a luz que liberta.”

E como todo eu tremia por ter ousado olhar de frente, em toda a planície de um planalto deserto, semelhante às mesas dos antigos sacrifícios, estas sobras do repasto de Deus, meu pai acrescentou:

“Aquilo que verdadeiramente importa não se encontra entre as cinzas. Não percas mais tempo com esses cadáveres: O que aqui há são tudo carroças prontas para a eternidade, que lutam com falta de cocheiros.

- Se assim é - gritei eu -, quem me há de ensinar?” E meu pai me respondeu:

“O essencial da caravana tu o descobres quando ela se consome. Esquece-te do ruído vão das palavras e repara: Se o precipício se opõe à sua marcha, ela contorna o precipício, se um rochedo se ergue diante dela, evita-o, se a areia é fina demais, põe-se à procura de uma areia resistente. Mas, de qualquer maneira, insiste sempre na mesma direção. Se o sal de uma salina range debaixo do peso da carga que transporta, tu a vês agitar-se, desatolar os animais, sondar o terreno até encontrar uma camada sólida, mas eis que mais uma vez volta a entrar em ordem e se orienta na direção original. Se uma cavalgadura cai, fazem alto, apanham os baús arrombados, carregam-nos sobre outra montaria, puxam e puxam para amarrá-los bem com o nó da corda rangendo, e depois voltam a tornar o mesmo caminho. Uma vez por outra, morre o que fazia as vezes de guia. Juntam-se em volta dele. Enterram-no na areia. Disputam uns com os outros. Depois, empurram outro para o lugar de condutor e orientam-se uma vez mais pelo mesmo astro. A caravana move-se assim necessariamente numa direção que a domina, é uma pedra pesada num declive invisível.

Os juízes da cidade condenaram um dia uma jovem, que tinha cometido não sei que crime, a despir-se, sob o sol, da sua mimosa casca de carne e, para isso, não tiveram meias medidas: mandaram-na amarrar a uma estaca no deserto.

“Vou-te mostrar - disse-me meu pai - para onde é que os homens puxam.” E levou-me de novo consigo. Já íamos a caminho, e o dia passou todo sobre ela, e o sol bebeu-lhe o sangue morno, a saliva e o suor das axilas. Bebeu nos olhos dela a água de luz. Caía a noite, e a sua breve misericórdia com ela, quando eu e meu pai chegamos à beira do planalto proibido. Lá estava ela. Emergia branca e nua da superfície da rocha, mais frágil do que um caule ainda há pouco alimentado pela umidade, agora cortado, separado das provisões de água pesada que constroem na terra o seu denso silêncio. Retorcia os braços como um ramo de videira que já estalasse no incêndio e apelava para a piedade de Deus.

Ouve-a - disse-me meu pai. “Ei-la que descobre o essencial...” Mas eu era criança e pusilânime.

E respondi-lhe: “E quem te diz a ti que não sofre? Talvez até tenha medo...”

- O sofrimento e o medo, me disse meu pai, doenças de estábulo, que atacam o humilde rebanho, ela já os ultrapassou. “Ela descobre agora a verdade.”

E eu a ouvi queixar-se. Apanhada nessa noite sem fronteiras, chamava o lampião que à noite se acende nas casas, e o quarto que a teria agasalhado, e a porta que atrás dela ficasse bem fechada. Exposta ao universo, que não exhibia qualquer espécie de rosto, reclamava o filho que se abraça antes de adormecer e que resume em si todo o mundo. Submetida, no topo deste planalto deserto, à passagem do desconhecido, cantava os passos do esposo que à noitinha se fazem ouvir na soleira da porta, passos que mal se ouvem, que se reconhecem e tranquilizam. Ali estava ela, sem nada mais a que agarrar-se, e suplicava que lhe restituíssem esses empecilhos que afinal são as únicas coisas que nos falam da vida: a meada de lã para tecer, aquela e só aquela tigela para lavar, aquela criança para fazer adormecer e não outra. O que ela pedia era a eternidade da casa, preparada com toda a aldeia para a mesma oração da noite.

Meu pai colocou-me de novo na garupa do cavalo, quando a cabeça da condenada lhe caiu sobre um dos ombros. E nos deixamos ir com o vento.

Esta noite - preveniu-me meu pai - hás de ouvi-los sussurrar nas tendas, e chegarão aos teus ouvidos protestos contra o que eles consideram uma crueldade. Mas eu lhes esmagarei na garganta a menor tentativa de rebelião. Eu trato de forjar o homem!

E, no entanto, eu percebia a bondade de meu pai.

Quero que amem - concluía ele - as águas das fontes. E a superfície ininterrupta da cevada verde, recozida na crepitação do verão. Quero que glorifiquem o regresso das estações. Quero que se alimentem, semelhantes a frutos que se realizam, de silencio e de calma. Quero que chorem por muito tempo os seus lutos, que prestem demoradas homenagens aos mortos, porque a herança passa lentamente de geração para geração. O que eu não quero é que derramem o seu mel pelo caminho. Quero que eles sejam semelhantes ao ramo de oliveira, que sabe esperar. Então começarão a sentir o grande balançar de Deus, que vem como um sopro experimentar a árvore. Ora os conduz através da aurora para o crepúsculo, do verão para o inverno, das colheitas que crescem para as colheitas já armazenadas, da mocidade para a velhice; e depois da velhice para os filhos jovens.

Porque, tal como acontece com a árvore, não podes saber seja o que for do homem se o desdobras pela sua duração e o distribuis pelas suas diferenças. A árvore não é semente, depois caule, depois tronco flexível, depois madeira morta. Para conhecê-la, é bom não a dividir. A árvore é essa força que desposa o pouco e pouco o céu. É o que acontece contigo, meu rapaz. Deus faz-te nascer, faz-te crescer, enche-te sucessivamente de desejos, de pesares, de alegrias e de sofrimentos, de cóleras e de perdões, até que te faz ingressar de novo n'Ele. E, no entanto, tu nem és aquele estudante, nem aquele esposo, nem aquela criança, nem aquele velho. Tu és aquele que se realiza. E, se sabes ver em ti um ramo que balança, bem ligado à oliveira, nos teus movimentos hás de gozar da eternidade. E tudo à tua volta se tornará eterno. Eterna a fonte que canta e soube matar a sede a teus pais, eterna a luz dos olhos quando a bem-amada te sorri, eterno o frescor das noites. O tempo deixa de ser uma ampulheta que vai gastando a areia, e faz lembrar um ceifeiro que ata o seu feixe.

II

Assim vim a descobrir, do topo da mais alta torre da cidadela, que nem o sofrimento, nem a morte no seio de Deus, nem o próprio luto se devem chorar. Se venerarmos a memória do desaparecido, ele encontra-se mais presente e tem mais poder do que o vivo. E compreendi a angústia dos homens e lamentei os homens. E decidi-me a curá-los.

A minha piedade vai toda para aquele que desperta no meio da grande noite patriarcal, convencido de estar abrigado pelas estrelas de Deus, e de repente sente a viagem.

Proíbo terminantemente que o interroguem, porque sei muito bem que não há resposta que sacie a sede.

Aquele que interroga, o que em primeiro lugar procura é o abismo.

Condeno a inquietação que leva os ladrões ao crime, depois de ter aprendido a ler nas seus rostos e ter vindo a saber que não os salvo se os salvo da sua miséria. Porque, se eles se julgam que o que cobizam é o ouro de outro, enganam-se totalmente. O ouro brilha como uma estrela, mas esse amor que a si próprio ignora dirige-se a uma luz que eles jamais captarão. Vão de reflexo em reflexo, roubando bens inúteis, como doido que, para se apoderar da lua, esgotasse a água negra das fontes, onde ela se reflete. Vão e lançam ao fogo pequenino das orgias a cinza inútil que roubaram. Depois, voltam a empreender os seus cruzeiros noturnos, pálidos como a caminho de um encontro, imóveis com receio de assustar. Imaginam eles residir nisto o que talvez um dia os venha a saciar!

Se eu libertar o ladrão, ele continuará fiel ao seu culto e os meus soldados voltarão a surpreendê-lo amanhã nos jardins de outro, ouvirão o bater aflitivo do seu coração. Depois de cortarem as ramagens, darão com ele todo convencido de que essa noite que sua sorte mudaria.

Aliás é verdade que os cubro de uma maneira particular com o meu amor, por descobrir neles mais fervor do que nos virtuosos em suas lojas. Mas eu sou um construtor de cidades. Decidi assentar aqui os alicerces da minha cidade. Fiz parar a caravana em marcha, que não passava de grãos dispersos no leito do vento. O vento arrasta como um perfume a semente do cedro. Eu, mesmo, resisto ao vento, e a semente, enterro-a, para que os cedros cresçam para glória de Deus.

É preciso que o amor encontre o seu objeto. Só estou disposto a salvar aquele que ama aquilo que é e que pode ser satisfeito.

É também por isso que eu encerro a mulher no casamento e mando lapidar a esposa adúltera. E esteja descansada, que eu compreendo muito bem a sua sede e a importância da presença que reivindica. À noite, quando todos os milagres são possíveis e ela se apóia no parapeito do terraço, cercada por todos os lados pelo mar alto do horizonte, toda entregue ao suplício de ser terna como quem se entregasse a um carrasco solitário, o que ela quer sei eu.

Eu bem a sinto toda palpitante, deitada ali como uma truta sobre a areia, à espera do manto azul do cavaleiro, que a há de cobrir com a plenitude da vaga marinha. Todo o seu apelo o deixa cair na noite. Há de surgir alguém disposto a satisfazê-la. Mas debalde passará de manto em manto, porque não existe homem que a satisfaça. A margem, para se refrescar, chama pelas vagas do mar. E as vagas, que lá se vão derramar, sucedem-se eternamente. Gastam-se umas atrás das outras. Não adianta nada ratificar a

mudança de esposos: Quem quer que ame acima de tudo a proximidade do amor, jamais conhecerá o encontro.

Só estou disposto a salvar aquela que aceita ordenar-se em volta do pátio interior, da mesma feição que o cedro se edifica em volta da sua semente, e fica a dever o desenvolvimento aos seus próprios limites. Estou disposto a salvar aquela que, em vez de amar a primavera, ama a ordem desta ou daquela flor em que a primavera se encerrou; que não ama o amor, mas sim este ou aquele rosto particular que contraiu o amor.

É por isso que essa esposa dispersa na tarde, de duas uma: ou a expurgo ou a congrego. Disponho à sua volta, como outras tantas fronteiras, o fogareiro, a cafeteira e a bandeja de cobre, para que pouco a pouco, através deste conjunto, ela venha a descobrir um rosto conhecido, familiar, um sorriso que só pode ser daqui. E isto significará para ela a aparição lenta de Deus. A criança então gritará para ver se lhe dão de mamar, a lã a cardar constituirá uma tentação para os dedos, e a brasa reclamará a sua parte de sopro. Ei-la doravante cativa e pronta para servir. Porque eu sou aquele que constrói a urna em volta do perfume, para que ele permaneça. Sou o amadurecimento que enche o fruto. Sou aquele que constrange a mulher a assumir feições e a existir, para que mais tarde eu possa remeter em seu nome a Deus, não este leve suspiro disperso no vento, mas tal fervor, tal ternura, tal sofrimento particular...

Meditei muito tempo sobre o sentido da paz. A paz só vem dos filhos nascidos, das colheitas feitas, da casa até que enfim arrumada. A paz nos vem da eternidade, em que ingressam as coisas acabadas, perfeitas. Paz dos celeiros cheios, das ovelhas que dormem, dos lençóis dobrados, paz que apenas da perfeição nasce, paz do que se torna oferenda a Deus, uma vez bem feito.

Acho que o homem é muito semelhante à cidadela. Ele derruba as muralhas para assegurar a liberdade, mas nessa altura não passa de fortaleza desmantelada e aberta às estrelas. Começa então a angústia que vem de ter deixado de ser. Que ele vá buscar a sua verdade ao odor do ramo de videira que arde ou da ovelha que tem para tosquiá-lo. A verdade cava-se como um poço. O olhar, quando se dispersa, perde a visão de Deus. Sabe muito mais de Deus aquele sábio, que se circunscreveu e apenas conhece o peso das lãs, do que a esposa adúltera, aberta às promessas da noite. Cidadela, eu te construirei no coração do homem.

Há um tempo para escolher entre as sementes, mas há também um tempo para se alegrar com chegada da colheita, depois de ter escolhido a semente. Há um tempo para a criação, mas há também um tempo para a criatura. Há um tempo para a faísca rubra, que rompe os diques nos céus, mas há também um tempo para as cisternas em que as águas derramadas se vão reunir. Há um tempo para a conquista, mas lá vem o tempo da estabilidade dos impérios: eu, que sou servidor de Deus, tenho o gosto da eternidade.

Odeio o que muda. Estrangulo aquele que se levanta pela calada da noite e lança aos quatro ventos as suas profecias, como a árvore que, tocada pela semente dos céus, estala e rebenta e abrasa com ela toda a floresta. Todo eu me encho de medo quando Deus se agita. Ele, o imutável, que permaneça firme na eternidade! Porque há um tempo para a gênese, mas há um tempo, um tempo bem-aventurado, para o costume!

É preciso pacificar, cultivar e polir. Sou aquele que tapa as fendas do solo e esconde aos homens os traços do vulcão. Sou a grama sobre o abismo. Sou o celeiro que doura os frutos. Sou a barça que recebeu de Deus uma geração em penhor, e a passa de uma margem para a outra. Ele, por sua vez, a receberá de minhas mãos tal como me confiou, mais madura talvez, mais sábia, mais hábil no cinzelar dos jarros de prata, mas não mudada. Encerrei o meu povo dentro do meu amor.

É por isso que goza da minha proteção aquele que, passadas sete gerações, volta a trabalhar na quilha do barco ou na curvatura do escudo, disposto a encaminhá-las para a perfeição. Pode contar com a minha proteção aquele que herda do avô cantor o poema anônimo e, ao dizê-lo por sua vez, e ao enganar-se por sua vez, lhe ajunta o seu sumo, o seu desgaste, a sua marca. Amo a mulher grávida ou a que dá de mamar, amo o rebanho que se perpetua, amo as estações que se sucedem. Porque eu sou, antes do mais, aquele que mora. Cidadela, minha morada, prometo salvar-te dos projetos da areia, e hei de bordar-te de clarins para tocarem na guerra contra os bárbaros!

III

Aí está a grande descoberta que fiz: os homens moram, o sentido das coisas muda para eles conforme o sentido das casas. O caminho, o campo de cevada e a linha da colina são diferentes para o homem conforme constituam ou não um domínio. De um momento para o outro, esta matéria disforme se junta e pesa sobre o coração. E não habitam no mesmo universo aquele que habita e aquele que não habita no reino de Deus. E os infiéis, que se riem de nós e que julgam perseguir riquezas tangíveis, quando não as há, os infiéis deixemo-los no seu erro. Porque, se eles cobiçam este rebanho, é já por orgulho. E nem as próprias alegrias do orgulho são tangíveis.

E o mesmo se diga daqueles que, ao divisarem o meu território, ficam convencidos de que o descobriram. Dizem eles: “Ora, o que há lá são carneiros, cabras, cevada, moradias e montanhas e nada mais;” São pobres, não possuem mais nada; e tem frio. E eu vim a descobrir que eles se parecem com aquele que esquarteja um cadáver. Diz ele assim: “A vida é tal como se pode ver à luz do dia; não passa de uma mistura de ossos, de sangue, de músculos e de vísceras.” Quando na verdade a vida era essa luz dos olhos que se deixou de ler nas suas cinzas. Pois o meu território é coisa absolutamente diferente destes carneiros, destes campos, destas moradias, e destas montanhas; é, nem mais nem menos, o que os domina e o que os liga. É a pátria do meu amor. E dá gosto vê-los felizes se porventura o sabem, porque moram na minha casa.

E os ritos são no tempo o que o lar é no espaço. É bom que o tempo que desliza não dê a impressão de que nos gasta e nos perde, como a um punhado de areia, antes se nos afigure que nos realiza. É bom que o tempo seja uma construção. É assim que eu ando de festa em festa, e de aniversário em aniversário, de vindima em vindima, como quando era criança e ia da sala do conselho até à sala do repouso, na densidade do palácio de meu pai, em que todos os passos tinham um sentido.

Impus a minha lei, que é como a forma das paredes e o arranjo de minha casa. O insensato veio a mim e disse-me: “Liberta-nos do teu jugo e vais ver como crescemos.” A dar-lhe ouvidos - ou não estivesse eu farto de o saber -, começariam por perder o conhecimento de um rosto e, deixando de amá-lo, eles próprios deixariam de se conhecer. E decidi, apesar deles, enriquecê-los com o seu amor. Porque, para poderem passear mais à vontade, eles me propunham derrubar as paredes do palácio de meu pai, onde todos os passos tinham um sentido.

Era uma moradia ampla. Lá estavam a ala reservada às mulheres e o jardim secreto onde cantava o jato de água. (Toda casa, seja ela qual for, deve ter um coração - eis a ordem que eu dou. Alguém que nela more há de aproximar-se ou distanciar-se sempre de algo, há de poder sair e entrar. Senão, deixa-se de estar em lugar algum. E não é ser livre não estar seja onde for.) Havia além disso os celeiros e os estábulos. Ora, às vezes acontecia que os celeiros se esvaziavam e os estábulos ficavam desocupados. E meu pai não deixava servirem-se deles para outros fins. O celeiro, dizia ele, é antes de tudo um celeiro, e tu não moras mais numa casa se deixas de saber onde te encontras. Pouco importa, dizia ele ainda, um uso mais ou menos lucrativo. O homem não é uma cabeça de gado para engordar, e o amor, para ele, conta mais do que o usufruto. Não penses tu que podes amar uma casa que não tem rosto, uma casa onde os passos não tem sentido.

Havia a sala reservada só para as grandes embaixadas. Abriam-na ao sol somente em datas especiais,

quando subia no ar a poeira de areia levantada pelos cavaleiros e no horizonte ondulavam esses estandartes em que o vento lutava como no mar. Mas, quando se tratava de pequenos príncipes sem importância, então ficava deserta. Havia a sala onde se administrava justiça e a sala para onde levavam os mortos. Havia o quarto vazio, que nunca ninguém soube para que servia - e que talvez não servisse para nada, a não ser para fazer ressaltar o sentido do segredo e para dar a entender que nunca é possível desvendar todas as coisas.

E os escravos, que percorriam os corredores carregados com o peso dos fardos, levavam de um lugar para outro tapeçarias que lhes machucavam os ombros. Subiam degraus, empurravam portas, voltavam a descer novos degraus e, conforme estavam mais perto ou mais longe do jato de água central, se tornavam mais ou menos silenciosos, até se mostrarem inquietos como sombras no limiar do domínio das mulheres cujo conhecimento por erro lhes teria custado a vida. E as próprias mulheres: calmas, arrogantes ou furtivas, segundo o lugar que ocupavam na casa.

Bem ouço a voz do insensato: “Quanto espaço dilapidado, quantas riquezas inexploradas, quantas comodidades perdidas por negligência! É preciso demolir estas paredes inúteis e nivelar estas curtas escadarias, que dificultam a marcha. Então o homem será livre.” E eu respondo: “Os homens, nessa altura, tornar-se-ão gado de praça pública. Com medo de se entediarem, inventarão jogos estúpidos, que ainda serão regidos por regras, mas por regras sem grandeza. Porque o palácio pode inspirar poemas. Mas que poemas escrever sobre a ninharia dos dados que eles lançam? É possível que ainda por muito tempo vivam da sombra dos muros, cujos poemas lhes falarão de nostalgia; depois, a própria sombra se apagará e deixarão de compreendê-los.”

E dali em diante o que é que os faria rejubilar?

É o que afinal acontece ao homem perdido numa semana sem dias, ou num ano sem festas, que não exhibe rosto nenhum. É o que acontece ao homem sem hierarquia, cheio de ciúmes do vizinho, se em algo este lhe passa à frente, constantemente empenhado em reduzi-lo à sua medida. Que alegria tirarão eles, depois, do charco que hão de constituir?

Mas eu recrio os campos de força. Construo barragens nas montanhas para conter as águas. Oponho assim a minha incompreensão às inclinações naturais. Restabeleço as hierarquias lá onde os homens se aglomerariam como as águas, depois de misturadas no charco. Eu reteso os arcos. Com a injustiça de hoje, crio a justiça de amanhã. Restabeleço as direções lá onde cada um se instala ao Deus dará e ainda por cima chama felicidade a esta estagnação. Desprezo as águas estagnadas da sua justiça e liberto aquele que uma injustiça bem argumentada instituiu. E é assim que enobreço o meu império.

Porque estou farto de conhecer os seus arrazoados. Eles admiravam o homem que meu pai instituiu. “Como ousar mudar - disseram eles para consigo – uma construção tão completa?” E, em nome daquele que tais barreiras tinha fundado, quebraram essas barreiras. Enquanto elas duraram nos corações, ainda fizeram sentir a sua ação. Mas depois foram caindo no esquecimento. E acabaram por matar aquele que queriam salvar.

Odeio a ironia, que não faz parte do homem, mas sim do miserável. O miserável lhes diz: “Os costumes são uns num lugar e outros noutra. Por que não haveis de mudar de costumes?” Da mesma maneira que lhes teria dito: “O que é que vos força a instalar as colheitas no celeiro e os rebanhos nos estábulos?”. Mas é ele que se deixa enganar pelas palavras, porque ignora o que as palavras não podem apreender. Ignora que os homens vivem numa casa.

E suas vítimas, que já não são capazes de reconhecê-la, começam a dismantelá-la. Os homens dilapidam

assim o seu bem mais precioso: o sentido das coisas. Até se julgam alguém por, nos dias de festa, não cederem aos costumes, traírem as tradições, festejarem o inimigo. É verdade que experimentam alguns movimentos interiores no processo de seus sacrilégios. Enquanto houver sacrilégio. Enquanto se insurgirem contra algo que ainda exerce pressão sobre eles. E, se vivem, é por o inimigo respirar ainda. A sombra das leis os limita ainda o bastante para eles se ele sentirem contra as leis. Mas a própria sombra em breve se apaga. Deixam então de sentir seja o que for, porque esqueceram o próprio gosto da vitória. E não fazem senão bocejar. Mudaram o palácio em praça pública com uma arrogância de fanfarrão, já não sabem o que é que estão fazendo no meio daquela feira. E sonham vagamente em reconstruir uma casa de mil portas, de tapeçarias que machucam os ombros, de antecâmaras lentas. E, sem o saberem, depois de o terem esquecido, choram o palácio de meu pai, onde todos os passos tinham um sentido.

Aí está por que, depois de tê-lo compreendido bem, eu oponho o meu arbítrio a este desagregação das coisas e não dou ouvidos aos que me falam de inclinações naturais. Estou cansado de saber que as inclinações naturais enchem os pântanos com a água das geleiras, e nivelam as asperezas das montanhas, e interpõem o movimento do rio, quando ele se lança no mar em mil redemoinhos contraditórios. Estou cansado de saber que os pendores naturais fazem com que o poder se distribua e os homens se igualem uns aos outros. Mas eu governo e escolho. O cedro também triunfa da ação do tempo que o deveria reduzir a poeira, e, de ano em ano, edifica, contra a própria força que o puxa para baixo, O orgulho de um tempo de folhagem. Eu sou a vida e organizo. Edifico as geleiras contra os interesses dos mares. Pouco me importo se porventura as rãs coaxam contra a injustiça. O que eu faço é rearmar o homem, para que ele seja.

É por isso que não dou importância ao tagarela imbecil que vem e censura a palmeira por ela não ser cedro e o cedro por ele não ser palmeira e, de tanto misturar os papéis, o que ele faz é tender para o caos. Sei perfeitamente que o tagarela, vistas as coisas à luz da sua ciência absurda, tem toda a razão: não fora a vida, cedro e palmeira se unificariam e se espalhariam em pó. Mas a vida opõe-se à desordem e aos declives naturais. É do pó que ela arranca o cedro.

A verdade das minhas ordens é o homem que delas há de nascer. Estou muito longe de procurar nos costumes, nas leis e na linguagem a significação do meu império. Sei perfeitamente que, ao assentar pedras, é silêncio que criamos. Ora, o silêncio não se lê nas pedras. Sei perfeitamente que, à força de cargas e vendas nos olhos é o amor que se vivifica. Sei perfeitamente que está muito longe de conhecer coisa alguma aquele que esquartejou o cadáver e pesou os ossos e as vísceras. Porque ossos e vísceras por si próprios não servem para nada, como para nada servem a tinta e o papel do livro. Só conta a sabedoria de que o livro é portador, embora ela não esteja na essência da tinta e do papel.

E rejeito a discussão, porque nestas coisas não há nada que se possa demonstrar. Língua do meu povo, hei de salvar-te de apodrecer. Lembro-me do incrédulo que visitou meu pai:

“Tu ordenas que em tua casa se reze com terços de treze contas. O que é que faz treze contas? Não será a mesma a salvação se tu mudares o número?”

E fez valer sutis razões para os homens rezarem com terços de doze contas. Eu, o filho, sensível à habilidade do discurso, olhava para meu pai, duvidando do brilho da resposta, tão brilhantes me pareciam os argumentos invocados:

“Ora diz-me - recomeçava o outro - quanto pesa a mais o terço de treze contas?”

“O terço de treze contas - respondeu meu pai - pesa o peso de todas as cabeças que em seu nome

mandei cortar até hoje...”

Deus iluminou o incrédulo e ele se converteu.

IV

Morada dos homens, quem seria capaz de te fundar sobre o raciocínio? Quem ousaria erguer-te conforme os princípios da lógica? Tu existes e não existes. Tu és e não és. Partiste de materiais díspares, mas é preciso inventar-te para te descobrir. Aquele que, no vão intuito de conhecer a casa, resolve destruí-la, passa a ter na sua frente um montão de pedras, de tijolos e de telhas. Que é feito da sombra, do silêncio, da intimidade que pedras, tijolos e telhas serviam? Chega a ser difícil descobrir que outro uso pode ter esse montão informe. E tudo isto por quê? Porque as pedras, os tijolos e as telhas se viram sem a invenção que os dominava. Abandonou-os a alma e o coração do arquiteto. Ausentou-se da pedra a alma e o coração do homem.

Aí só há raciocínios do tijolo, da pedra e da telha, não da alma e do coração que os dominam e os transformam através do seu poder em silêncio. A alma e o coração escapam às regras da lógica e às leis dos números. Então eu, já que assim é, apareço com meu arbítrio. Eu, o arquiteto. Eu, que possuo uma alma e um coração. Eu, o único que tenho o poder de mudar a pedra em silêncio. Venho e petrifico esta massa que não passa de matéria, segundo a imagem criadora que me vem só de Deus e desconhece os caminhos da lógica. Construo a minha civilização, arrebatado só pelo gosto que ela me dará, como outros constroem os seus poemas e alteram a frase e transfiguram a palavra, sem se ele sentir obrigados a justificar nem a frase nem a mudança, arrebatados só pelo gosto que terão, e que conhecem pelo coração.

Porque eu sou o chefe. E escrevo as leis e estabeleço as festas e ordeno os sacrifícios e, dos carneiros, das cabras, das moradas, das montanhas dos meus súditos, extraio esta civilização semelhante ao palácio de meu pai, onde todos os passos tem um sentido.

Sem mim, que teriam eles feito do montão de pedras, a levá-lo da direita para a esquerda, a não ser outro montão de pedras menos bem organizado ainda? Eu governo e escolho. E sou o único a governar. E eles podem rezar no silêncio e na sombra que devem às minhas pedras, ordenadas segundo a imagem do meu coração.

Eu sou o chefe, eu sou o senhor, eu sou o responsável. E solicito a ajuda deles. Já compreendi que chefe não é aquele que salva os outros, mas sim aquele que lhes pede que o salvem. Porque é graças a mim, à imagem mesmo levada de um lugar para o outro, que se funda a unidade. Eu, e só eu, a extraí dos meus carneiros, das minhas cabras, das minhas moradas, das minhas montanhas. E os vejo apaixonados por elas, como estariam por uma jovem divindade que abrisse os braços tenros ao sol, e que eles não tivessem a princípio reconhecido. Eis que amam a casa que inventei segundo o meu desejo. E, através dela, amam a mim, o arquiteto. Quem ama uma estátua não ama o barco, nem o tijolo, nem o bronze, mas sim a ação do escultor. E vinculo os homens do meu povo às respectivas casas, para que cada um deles saiba reconhecer a sua. E só a reconhecerão depois de a terem alimentado com o seu sangue. E adornado com os seus sacrifícios. Há de exigir-lhes até o sangue, até o corpo ferido, porque eles terão nela a sua própria significação. Como hão de desconhecer depois essa estrutura divina em forma de rosto? Só amor poderão sentir por ela. E suas noites hão de ser calorosas. E o primeiro cuidado dos pais, quando os filhos abrirem os olhos e os ouvidos, será fazê-los descobri-la, para que não venha ela a afogar-se na confusão das coisas.

E, por eu ter sabido construir a minha morada bastante ampla para dar um sentido até às estrelas, se eles se aventurarem à noite no seu limiar e levantarem a cabeça, darão graças a Deus por guiar tão bem estes navios. E, se eu a construir bastante duradoura para conter a vida na sua duração, eles então irão de festa em festa e de vestíbulo em vestíbulo, sabendo para onde vão, e descobrindo através da vida diferente o rosto de Deus.

Ó cidadela! Eu bem te construí como um navio. Com pregos e armações, e depois te abandonei ao tempo, que afinal não passa de um vento favorável.

Navio dos homens, sem o qual eles não acertariam com a eternidade.

Não ignoro as ameaças que pesam sobre o meu navio. Sempre atormentado pelo mar escuro do exterior. E pelas outras imagens possíveis. Porque é sempre possível derrubar o templo, e levar de lá as pedras para outro templo. E o outro não é nem mais verdadeiro, nem mais falso, nem mais justo, nem mais injusto. E ninguém perceberá o fracasso, porque a qualidade do silêncio não está inscrita no montão de pedras.

Se eu desejo que eles apóiem sólidamente os flancos do navio, é para salvá-los de geração em geração. Como posso eu decorar um templo, se o recomeço a cada instante?

V

Por isso é meu desejo que eles armem sòlidamente as vigas-mestras do navio. Construção de homens. Pois em volta do navio, o que há é a natureza cega, ainda por formular e além disso poderosa. E aquele que esquece o poder do mar corre o risco de abusar do repouso.

Ele julga absoluta em si própria a morada que lhe foi dada. Ora, a evidencia modifica-se, uma vez demonstrada. Quando se vive no navio, deixa-se de ver o mar. Ou, quando se avista o mar, este é apenas um ornamento do navio. Tal é o poder do espírito. O mar parece-lhe feito para agüentar o navio.

Mas ele engana-se. Determinado escultor, através da pedra, mostrou-lhe tal rosto. Mas outro teria mostrado outro rosto. E tu próprio o pudeste já verificar a propósito das constelações. Aquela lá é um cisne. Mas outro poderia ter-te mostrado uma mulher deitada. Chega tarde demais. Não estamos dispostos a arredar pé do cisne. O cisne inventado apoderou-se de nós.

Mas se, por engano, o consideramos absoluto, descuidamos de protegê-lo. Sei bem por onde me ameaça o insensato. E o malabarista. Aquele que modela rostos com a destreza dos seus dedos. Os que assistem à brincadeira perdem o sentido do seu domínio. Por isso eu o mando prender e esquartejar. Deus me livre, porém, de recorrer para isso aos meus juristas. Seriam capazes de me demonstrar que ele não tem razão. Ora, razão ele a tem. Mas não consinto que se julgue mais inteligente, mais justo do que os meus juristas. E afinal é sem motivo que ele julga ter razão. Faz passar por um absoluto as figuras brilhantes, muito justas, a que deu vida. Mas faltam-lhes o peso, o tempo, o laço antigo das religiões. A sua estrutura ainda não se formou. Ao passo que a minha, já. E é por isso que eu condeno o malabarista e salvo assim o meu povo de apodrecer.

Porque aquele que deixa de prestar atenção e ignora que mora num navio encontra-se antecipadamente como que desmantelado e em breve há de ver o mar rebentar e a vaga acabar com seus jogos imbecis. Esta imagem do meu império foi-me sugerida uma vez que eu e alguns súditos meus nos fizemos ao mar, integrados numa peregrinação.

Lá íamos nós, encerrados a bordo de uma nau de alto mar. Às vezes, eu passeava em silencio no meio deles. Agachados em torno das bandejas de alimento, dando de mamar às crianças ou ocupados na mecânica do rosário da prece, haviam-se tornado habitantes do navio. O navio havia-se tornado morada.

Mas eis que, uma noite, os elementos se sublevaram. Quando fui visitá-los, no silencio do meu amor, vi que nada havia mudado. Eles cinzelavam os seus anéis, fiavam a lã, ou falavam em voz baixa, tecendo incansavelmente essa comunidade de homens, essa rede de laços que, se a seguir um deles morre, arranca algo a todos os outros. E os ouvia falar. No silencio do meu amor, passava por cima do conteúdo das suas palavras, das suas histórias de chaleiras ou de doenças, sabendo que não é no objeto que reside o sentido das coisas mas sim no processo. E aquele, outro, que se entediava, não sabia se era por medo ou ausência de Deus. Era assim que eu olhava para eles, no silencio do meu amor.

E, no entanto, o pesado ombro do mar, desconhecido para eles, penetrava-os com os seus movimentos lentos e terríveis. Às vezes, no pico de uma subida, tudo flutuava numa espécie de ausência. Nessa altura, todo o navio tremia como se o casco tivesse rachado, como se já houvesse sido desfeito. Enquanto permaneciam fora da realidade, deixavam de rezar, de falar, de dar de mamar às crianças ou de cinzelar a prata pura. Mas todas essas vezes, um estalido único, duro como a fâisca, atravessava o madeiramento de

lado a lado. O navio voltava a cair como que em si mesmo, com grande estrondo, sobre todos os seus contrafortes, e isso arrancava vômitos aos homens.

Apertavam-se uns contra os outros, como num estábulo que rangesse sob o balanço enjoativo das lamparinas.

Mandei-lhes dizer, com medo de que se deixassem invadir pela angústia:

“Os que trabalham a prata ponham-se a cinzelar-me uma jarra. Os que preparam as refeições dos outros procurem fazê-lo ainda melhor. Os sãoos que cuidem dos doentes. Os que rezam que mergulhem mais na oração...”

Quando eu descobria alguém encostado a uma viga, lívido de terror, ouvindo através das calafetagens espessas o canto proibido do mar, ordenava-lhe:

“Vai ao porão contar os carneiros mortos. Estão com tanto medo que se sufocam uns de encontro aos outros...”

Ele respondia-me:

“Deus está amassando o mar. Estamos perdidos, é o que nós estamos. Ouço estalar as vigas-mestras do navio... Não admira que não se note, porque se trata de cabos e armações. O mesmo acontece com as bases do globo às quais confiamos nossas casas e a procissão das oliveiras e a ternura dos carneiros de lã que à tardinha mastigam lentamente a erva de Deus. É bom nos ocuparmos das oliveiras, dos carneiros e da refeição e do amor dentro de casa. Mas é mau que o próprio quadro nos atormente. Que o que estava feito passe a ser obra. Ora veja: aquilo que por sua condição estava quieto, se move. Onde é que nós iremos dar, se as montanhas murmurarem? Ouvi esse murmúrio e, por muitos anos que eu viva, nunca mais poderei esquecê-lo...”

“Que murmúrio? - perguntei-lhe eu.”

“Senhor, eu outrora morava numa aldeia edificada na encosta segura de uma colina, bem plantada na terra e recortada no céu, uma aldeia estabelecida para durar e que durava. Um desgaste maravilhoso reluzia sobre o parapeito dos nossos poços, sobre a pedra dos nossos soleiras, sobre o parapeito curvo das nossas fontes. Mas eis que, uma noite, algo despertou no nosso assento subterrâneo”. Compreendemos que, debaixo de nós, a terra recomeçava a viver e a modelar-se. O que estava concluído tornava-se movimento. Começamos a sentir medo. Não tanto por nós próprios como pelo objeto dos nossos esforços. Por aquilo em que nos transformamos ao longo da vida. Eu era cinzelador e comecei a temer pelo grande jarro de prata em que trabalhava havia já dois anos. Tinha trocado dois anos de vigília por ele. Havia outro que tremia pelas tapeçarias de lã farta, que tinha tecido com alegria Todos os dias a desenrolava ao sol. Estava orgulhoso de ter trocado algo da suo corpo ferido enrugada por esta vaga que a princípio parecia profunda. Outro teve medo por causa das oliveiras que havia plantado. E eu creio que nenhum de nós temia a morte; todos tremíamos por causa de pequenos objetos estúpidos. Descobríamos que a vida não tem sentido se não nos trocamos pouco a pouco. A morte do jardineiro não é coisa que valesse uma árvore. Mas, se ameaças a árvore, então o jardineiro morre duas vezes. Havia entre nós um velho narrador que conhecia os mais belos contos do deserto. E que lhes tinha acrescentado até maior beleza. Era ele o único que os conhecia, porque não tinha filhos. Logo que a terra começou a afundar, pôs-se a tremer por pobres contos que jamais seriam contados por ninguém. Mas a terra continuava a viver e a moldar-se, e uma maré viva ocre começava a formar-se e a descer. E o que queres tu que se troque de uma pessoa, para embelezar uma maré agitada que reflui lentamente e tudo engole?”

“Sob a pressão, as casas viravam-se lentamente. Uma torção quase invisível fazia as vigas estourarem bruscamente, como barris de pólvora negra. Ou então eram as paredes que começavam a tremer e a desfazer-se de um momento para o outro. E aqueles de nós que sobreviviam perdiam o seu significado. A não ser o narrador, que enlouquecera e cantava.

"Aonde é que tu nos levas? Este navio vai soçobrar, levando consigo o fruto dos nossos esforços. Eu sinto que lá fora o tempo corre em vão. Eu sinto que o tempo corre. Ele não deve correr assim tão visivelmente, mas sim enrijecer, amadurecer e envelhecer. Deve percorrer pouco a pouco sua obra. Mas doravante, poderá ele enrijecer e dar permanência a algo que venha de nós?"

VI

E eu caminhava no meio do meu povo. Quando nenhum elemento estável liga as gerações umas às outras, a troca deixa de ser possível e o tempo passa a correr tão inútil como a areia de uma ampulheta. Esta morada ainda não é bastante ampla, nem bastante duradoura a obra por que ela se troca - dizia eu comigo mesmo. E o pensamento fugia-me para os faraós, que mandaram edificar grandes mausoléus indestrutíveis e angulosos, navios em rota no oceano de um tempo que os consome lentamente em poeira. Vinham-me à lembrança as grandes areias virgens das caravanas, donde uma vez por outra emerge um templo antigo, meio sepultado e como que desmastreado já pela invisível tempestade azul, vogando meio à deriva, mas condenado ao completo naufrágio. E eu pensava: este templo ainda não é bastante duradouro, apesar do seu carregamento de dourados e de objetos preciosos que custaram longas vidas humanas. Não importa que o enriqueçam esse mel de tantas gerações, essas filigranas de ouro, esses dourados sacerdotais por que se trocaram lentamente velhos artesãos, e essas toalhas bordadas, onde doces velhinhas queimaram lentamente os olhos ao longo da vida, verdadeira cauda real que, apesar de encarquilhadas, doentes, sacudidas já pela morte, elas deixaram atrás de si esta cauda real. Autêntica campina que se desenrola... E aqueles, que nos nossos dias as vêem, dizem de si para si: "Que bonito é este bordado! Que lindo..." E venho a descobrir que estas velhinhas fiaram a seda nas metamorfoses de si próprias. Não se sabiam tão prodigiosas.

É preciso construir o caixão grande para receber o que deles restar. E o veículo para levá-los. Porque eu respeito em primeiro lugar o que dura mais do que os homens. E salvo assim o sentido das suas trocas. E constituo o grande tabernáculo, ao qual eles confiam tudo o que são.

Ainda hoje encontro estes vagarosos navios no deserto. Ainda fazem as suas viagens. E aprendi uma coisa que é essencial: é preciso construir primeiro o navio e aparelhar a caravana e construir o templo que dura mais do que o homem. E então ve-los trocarem-se alegremente por coisas mais valiosas do que eles próprios. E nascem os pintores, os escultores, os gravadores e os cinzeladores. Mas não espero nada do homem, se ele só trabalhar para a sua própria vida e não para a sua eternidade. Porque então seria inútil que eu lhes ensinasse a arquitetura e as suas regras. Se constroem casas para nelas viver, de que serve trocarem vidas por casas?

Porque esta casa deve servir a vida e não outra coisa. E eles chamam útil à casa e não a vêem por si própria, mas apenas pela comodidade que proporciona. A casa a servi-los e eles enriquecendo. Mas morrem sem nada, porque não deixam deles nem a toalha bordada, nem o dourado sacerdotal ao abrigo de um navio de pedra. Pediram-lhes que se trocassem, e em vez disso eles quiseram ser servidos. E, quando se vão embora, nada fica atrás deles.

Ao passear por entre os homens do meu povo, no delta da tarde, quando tudo se desfaz, atinei com eles, de vestes amarfanhadas, na soleira das humildes quitandas, repousando de uma atividade de abelhas. Interessava-me menos por eles do que pela perfeição do favo de mel em que todos tinham trabalhado ao longo do dia. E pus-me a meditar diante de um deles, que era cego e tinha além disso perdido uma perna. Todo ele rangia, como um moinho velho, cada vez que se mexia, e respondia lentamente, porque era de idade avançada e começava a perder a clareza na articulação das palavras, mas tornava-se cada vez mais luminoso e compreensivo no objeto mesmo da sua troca. Porque, com as mãos tremulas amalhava ainda o seu trabalho, que se ia tornando elixir cada vez mais sutil. E ele, evadindo-se tão

prodigiosamente da sua velho corpo ferido encarquilhada, tornava-se cada vez mais feliz, cada vez mais inacessível. Cada vez mais imorredouro. Ao morrer, levava, sem dar conta disso, as mãos cheias de estrelas...

Os meus homens passaram a vida trabalhando para um enriquecimento sem serventia, todo ele trocado pelo incorruptível bordado... Dedicaram apenas uma parte do seu trabalho à utilidade prática, e a outra parte toda ela à cinzelagem, à inútil qualidade do metal, à perfeição do desenho, à doçura da curva, que não servem para nada senão para receberem a parte trocada, que dura mais do que o corpo ferido. Costume, à noitinha, andar no meio do meu povo, rodeando-o com o silêncio do meu amor. E vejo a angústia invadir o inquieto, exclusivamente deslumbrado por aquilo que brilha com uma luz inútil, e o poeta cheio de amor pelos poemas, mas que nunca escreveu o seu, e a mulher apaixonada pelo amor, mas incapaz de realizar-se por não saber escolher. Eles bem sabem que eu os curaria da angústia se lhes permitisse esse bem que exige sacrifício e escolha e esquecimento do universo. Porque determinada flor é, em primeiro lugar, uma renúncia a todas as outras flores. E, no entanto, só com esta condição é bela. É o que acontece com o objeto da troca. E o insensato, que vem censurar a esta velha o seu bordado, sob o pretexto de que ela poderia ter tecido outra coisa, demonstra com isso que prefere o nada à criação. Vou andando, andando, e ouço erguer-se a prece sobre os odores do acampamento, onde tudo amadurece e se forma em silêncio, lentamente, sem quase pensarmos nisso. O fruto, o bordado ou a flor, antes de realizados, começam por se banhar de tempo.

E, no decurso de meus longos passeios, vim a compreender que a qualidade da civilização do meu império não repousa sobre a qualidade dos alimentos, mas sim sobre a das exigências e sobre o fervor do trabalho. Não é feita da posse, mas sim da dádiva. Civilizado, para mim, é aquele artesão que se recria no objeto e ao mesmo tempo passou a ser eterno, pois o abandonou o medo de morrer. Civilizado também aquele que combate e se troca pelo império. Mas este outro se embrulha sem benefício no luxo comprado nas casas dos mercadores. Se não criou coisa alguma até hoje, de nada lhe serve alimentar o seu olho de perfeição. Sei dessas raças abastardadas que deixaram de escrever os poemas e apenas os lêem, que deixaram de cultivar o solo e passaram a apoiar-se nos escravos. É contra eles que as areias do Sul preparam eternamente, na sua miséria criadora, as tribos ardentes que hão de subir até aqui, para a conquista das provisões mortas. Não amo os sedentários do coração. Aqueles que não trocam nada jamais se tornam coisa alguma. E a vida não terá servido para amadurecê-los. E o tempo corre por eles como o punhado de areia, e perde-os. Que hei de remeter a Deus em nome deles?

Quando deixaram desabar o celeiro antes de estar cheio, é que eu pude avaliar bem a sua miséria. A morte do avô, feito terra depois de se ter todo ele mudado, é uma autentica maravilha. Enterra-se o instrumento que passou a ser inútil. Tive ocasião de ver nas minhas tribos essas crianças ameaçadas de morte, que se apagavam sem nada dizerem, os olhos semicerrados, retendo ainda um resto de brasa sob os cílios imersos. Como o agricultor na colheita, Deus ceifa flores junto com a cevada. E, quando ele recolhe a colheita, rica de grão, encontra lá este luxo inútil.

“É o filho de Ibrahim que está morrendo - dizia o povo. E lá fui eu, no meu passo lento, sem eles o saberem, até a casa de Ibrahim, com a certeza de que, apesar das ilusões da linguagem, podíamos muito bem entender-nos. Era questão de nos encerrarmos no silêncio do amor. E eles nem sequer me prestaram atenção, tão ocupados estavam em ouvi-lo morrer.

Falavam baixo na casa, andavam de um lado para o outro arrastando as sandálias, como se ali houvesse alguém cheio de medo, pronto a fugir ao menor ruído um pouco nítido. Não ousavam mexer-se, nem abrir ou fechar as portas, como se ali houvesse uma chama trêmula acesa sobre uma leve capa de azeite.

Quando o divisei, vi bem que estava se indo: as mãos fechadas, a respiração breve, de quem se acha entregue ao galope da febre, os olhos obstinadamente fechados, dispostos a não ver. As pessoas em sua volta procuravam cativá-lo, como se cativa os animaizinhos selvagens. Traziam-lhe, como que tremendo, a tigela de leite. Talvez lhe agradasse o leite e ele reparasse no cheirinho e o bebesse, qual gazela que mordisca na palma da mão. Mas continuava sério e impassível como antes. Não era de leite que precisava. As velhinhas, baixo, muito baixinho, começavam a cantar uma canção da qual ele havia gostado - a das nove estrelas que se banham na fonte -, mas estava claro que ele já estava longe demais, e não ouvia. Nem sequer se voltava para trás em sua fuga. Tão infiel ao morrer. E eles imploravam ao menos um gesto, um olhar, que o viajante, mesmo sem diminuir o passo, lança ao amigo... Um sinal de reconhecimento. Viravam-no na cama, enxugavam-lhe o rosto banhado em suor, forçavam-no a beber - e tudo isso talvez para o despertarem da morte.

E resolvi-me a deixá-los, todos atarefados em estender-lhe laços para que ele vivesse. Oh! Tão fragilizados por esta criança de nove anos! E punham brinquedos à sua disposição. Acenavam-lhe com a felicidade. Mas a sua mãozinha rejeitava-os, inexorável, quando os traziam para muito perto, como o cavaleiro afasta os arbustos que o obrigaram a abrandar o galope.

Encaminhei-me para a porta, vi-me de novo na rua. Deixava atrás de mim apenas um momento, uma luz frouxa, um aspecto da cidade entre muitos outros. Uma criança chamada por engano tinha sorrido, tinha respondido ao apelo. Acabava de se voltar para a parede. Presença de criança já mais frágil que uma presença de pássaro... E deixei-os cavar o silêncio para aprisionarem a criança que morria.

Comecei a caminhar ao longo da viela. Ouvia, através das portas, censurarem as empregadas. Arrumavam a casa, faziam as malas para a travessia da noite. Pouco me importava que a repreensão fosse justa ou injusta. Eu só ouvia o fervor. E, um pouco mais longe, mesmo junto da fonte, uma mocinha chorava, com a fronte oculta no cotovelo. Pousei-lhe docemente a mão nos cabelos e virei para mim aquele rosto. Não lhe perguntei a causa do desgosto, por saber perfeitamente que ela estava muito longe de o saber. A mágoa é sempre feita do tempo que corre e não formou o seu fruto. Há a mágoa da fuga dos dias, da pulseira perdida, que é do tempo que se dispersa, ou da morte do irmão, que é do tempo que já não serve. E ela, quando for velha, irá chorar a partida do companheiro, caminho perdido, sem ela o saber, para o real, para a chaleira, para a casa bem fechada e para os filhos que se amamenta. E o tempo de repente passará, inútil, através dela, como através da ampulheta.

E eis que uma mulher apareceu sorridente na soleira da porta e me olhou cara a cara, na plenitude da sua alegria, devido talvez ao filho que havia adormecido, ou à sopa perfumada ou a um simples regresso. E, de repente, todo o tempo se encontrava à sua disposição. E passei diante do meu sapateiro, que por sinal só tem uma perna, todo ocupado em embelezar com filigranas de ouro as suas sandálias e, apesar de ele ter perdido a voz, compreendi que cantasse.

“Ó sapateiro, o que é que te torna tão feliz?”

Mas nem sequer me dei ao cuidado de ouvir a resposta, sabia que ele se enganaria e iria me falar do dinheiro ganho ou da refeição que o esperava ou do descanso. Sem saber que a felicidade lhe vinha de se transfigurar em sandálias de ouro.

VII

Os sedentários, que ficam todo o tempo em casa, julgam poder assim viver em paz. Nisso é que eles se enganam. Toda casa se encontra ameaçada. O templo, que tu construístes na montanha, sujeito ao vento do norte, foi-se gastando pouco a pouco, como uma antiga roda de proa, e começa já a submergir. E, aquele lá, acabarão por tornar posse dele as areias que o assediam. Onde ele hoje assenta as fundações, hás de descobrir amanhã um deserto estagnado como o mar. Nem outra sorte aguarda seja que edifício for, a começar pelo meu indivisível palácio feito de carneiros, de cabras, de moradias e de montanhas, verdadeira invenção do meu amor. Se morrer o rei, que resume em si esse rosto, acabará por se resolver de novo em montanhas, cabras, moradias e carneiros. E, perdido daí em diante na balbúrdia das coisas, não passará de materiais espalhados, oferecidos a novos escultores. Os do deserto virão recompor-lhe um rosto. Virão, com essa imagem que levam no coração, ordenar segundo o novo sentido os caracteres antigos do livro.

Foi assim que eu próprio procedi. Ó noites suntuosas das minhas expedições de guerra, declaro-me antecipadamente incapaz de vos celebrar! Depois de levantar, sobre a virgindade da areia, o meu acampamento triangular, gostava de ir até ao topo de um outeiro esperar a noite. Media com os olhos a mancha negra, pouco maior do que uma praça de aldeia, onde eu tinha juntado os meus guerreiros, as minhas cavalgadas e as minhas armas. E punha-me a meditar sobre a sua fragilidade. Haverá coisa mais miserável do que este punhado de homens meio nus, meio cobertos pelos véus azuis, ameaçados pela geada noturna que acabava de fazer prisioneiras as estrelas, ameaçados pela sede e obrigados a poupar os odres até ao poço do nono dia, ameaçados pelo vento de areia que, se ele se levanta, mostra o poder de uma revolta, ameaçados enfim pelos golpes que amolecem como fruto o corpo ferido do homem? E o homem só serve para descartar. Haverá coisa mais miserável do que esses embrulhos de fazenda azul? A pouca consistência que tem devem-na ao aço das armas. Desnorteados, expostos a todos os perigos no meio da planície.

Mas que me importava a mim semelhante fragilidade? Eu ligava-os entre si e salvava-os de se dispersarem e de morrerem. Bastava-me opor à noite a figura triangular do acampamento para distingui-los do deserto. O meu acampamento fechava-se como um punho. Eu tinha visto o cedro fincar-se no cascalho e salvar da morte o leque das ramagens. O cedro, que combate noite e dia, na sua própria densidade, e se alimenta num universo inimigo dos próprios fermentos da sua destruição, nunca tem sono. O cedro a cada instante se funda. A cada instante eu fundava a minha morada, para nela durar. E, deste agrupamento que um simples sopro teria dispersado, extraía esse fundamento angular irreduzível como uma torre e permanente como a roda de proa de um navio. E, para que meu acampamento não fosse adormecer e desvanecer-se no esquecimento, flanqueava-o de sentinelas que recebiam os rumores do deserto. Assim como o cedro absorve o cascalho para mudá-lo em cedro, o meu acampamento alimentava-se das ameaças vindas de fora. Bendita seja a troca noturna, benditos os mensageiros noturnos que ninguém ouviu chegar. Aparecem de um momento para o outro em volta das fogueiras e distribuem-se em grupos. Falam daqueles que avançam para o norte ou daquelas tribos que mais para o sul vão ao encalço dos camelos roubados, ou de certo assassinato que houve em outro lugar. E, acima de tudo, dos projetos dos que se ficam em silêncio debaixo dos véus e meditam na noite que vem vindo. Tu bem ouviste os mensageiros que vem contar o seu silêncio! Benditos aqueles que aparecem de um

momento para o outro ao redor dos nossos fogos, com palavras tão fúnebres que os fogos em breve se escondem na areia e os homens mergulham de barriga sobre seus fuzis, ornamentando em volta do acampamento uma coroa de pólvora.

É que a noite, mal se cerra, torna-se fonte de prodígios.

Todas as tardes me punha a pensar no meu exército, aprisionado na amplidão como um navio, e no entanto permanente, sabendo muito bem que o dia o mostraria intacto e todo arrufado como os galos para o júbilo do despertar. Enquanto arriavam os cavalos, ouvia-se essas explosões de voz que ressoavam na manhã, frescas como címbalos. Os homens, embriagados pelo licor do dia nascente, enchiam os pulmões novos e saboreavam o áspero prazer da planície.

Levava-os até ao oásis a conquistar. Quem quer que não compreendesse os homens, teria procurado no próprio oásis a religião do oásis. Mas os homens do oásis não sabem onde moram. E eu lhes ensinava que tinham de descobrir um lar no coração de um rezzou carcomido pela areia. Era questão de amor.

Tratava de preveni-los: “Vocês encontrarão mais a frente erva perfumada, o cântico das fontes e mulheres de longos véus coloridos, que fugirão espavoridas como uma manada de corças ágeis, mas doces de agarrar, já que estão são feitas para a captura...”

"Elas estão convencidas de que vos odeiam e, para vos repelir, recorrerão às unhas e aos dentes. Mas, para domá-las, bastará afundar a mão nos caracóis azuis das suas cabeleiras!"

“Bastará exercer vossa força sobre sua doçura para ficarem quietas. Ainda fecharão os olhos como se não quisessem saber de vós, mas vosso silêncio exercerá pressão sobre elas como a sombra de uma águia. Até que acabarão por abrir os olhos para vós e os enchereis de lágrimas.”

“Se vós representais para elas a imensidade, como vos hão de esquecer?”

“E prosseguia, para embebedá-los deste paraíso: "Haveis de conhecer palmares e aves de todas as cores... O oásis se entregará a vós, que levais no coração a religião do oásis. Os que expulsastes deixam de ser dignos. As próprias mulheres deles, ao lavarem a roupa no riacho que canta sobre pedrinhas pequenas e brancas, julgam executar um triste dever universal quando celebram uma festa. Mas vós, que vos haveis endurecido na areia e secado ao sol e salgado com a crosta ardente das salinas, haveis de desposá-las e, de mãos nos quadris, vendo-as lavar os lençóis na água azul, podereis então saborear a vossa vitória.

"Sobreviveis hoje na areia tal como o cedro, graças aos inimigos que vos rodeiam e vos endurecem. Depois de ter conquistado o oásis, sobreviveréis no oásis se ele se não for para vós o abrigo onde uma pessoa se encerra e esquece, mas sim uma vitória permanente sobre o deserto.

"Venceste os inimigos porque eles se fecharam no seu egoísmo, satisfeitos com as suas provisões. Só viam na coroa de areia que os rodeava um ornamento pra o oásis e ainda por cima faziam troça dos importunos que procuravam convencê-los a revezarem ao menos as sentinelas que adormeciam nos limites dessa pátria de fontes.

“Atolavam-se na ilusão da felicidade que extraíam dos bens possuídos. Ora, a felicidade, o que é senão o calor dos atos e o contentamento da criação? Aqueles que deixam de trocar seja o que for de si próprios e recebem de outro o alimento, nem que seja o mais bem escolhido e o mais delicado, aqueles que ouvem sutilmente os poemas alheios sem escreverem os poemas próprios, aproveitam-se do oásis sem o vivificarem, consomem cânticos que lhes fornecem, e fazem lembrar os que se apegam às manjedouras no estábulo e, reduzidos ao papel de gado, se mostram prontos para a escravidão.”

“Depois do oásis conquistado, nada de essencial há de mudar para vós. Não passa de uma forma de

acampamento no deserto. Porque o meu império encontra-se ameaçado de todos os lados. A sua matéria é afinal um conjunto familiar de cabras, de carneiros, de moradas e de montanhas, mas se nele se desata o nó que os liga uns aos outros, apenas ficarão os materiais espalhados, sujeitos à pilhagem.”

VIII

Tive a impressão de que eles andavam enganados acerca do respeito. Porque eu apenas me tenho preocupado com os direitos de Deus através do homem. E a verdade é que sempre concebi o mendigo como embaixador de Deus, sem por isso lhe dar demasiada importância.

Mas Deus me livre de reconhecer os direitos do mendigo, da úlcera e da fealdade do mendigo, embora ele e os companheiros as tratem como ídolos.

Nunca até hoje encontrei nada mais repugnante do que esse bairro da cidade, que começava no flanco de uma colina e ia até ao mar, semelhante a um esgoto. Os becos, que desembocavam nas ruelas, exalavam baforadas mornas e como que empestadas. A ralé só emergia destas profundezas esponjosas para se injuriar com uma voz gasta e sem cólera autêntica, como bolhas flácidas que rebentam regularmente na superfície dos pântanos.

Lembro-me de ver um leproso rindo gordurosamente e limpando um dos olhos com um trapo sórdido. Era acima de tudo vulgar e estava todo satisfeito com a sua baixeza.

Meu pai decidiu o incêndio. E aquela turba, que gostava das espeluncas bolorentas, começou a fermentar, reclamando em nome dos seus direitos. O direito à lepra no bolor.

Isto é natural – “Disse meu pai voltando-se para mim - porque, segundo eles, a justiça traduz-se em perpetuar aquilo que existe.”

E eles gritavam, apoiados no direito à podridão. Fundados pela podridão, estavam destinados à podridão. “Se deixas que se multipliquem os hipócritas - continuou meu pai -, aí nascem os direitos dos hipócritas. Os quais são evidentes. E nascerão cantores para os celebrarem. E te cantarão como é grande o patético dos hipócritas condenados a desaparecer.”

“Ser justo... é preciso escolher. Justo para o arcanjo ou justo para o homem? Por que hei de ouvir aquele que me vem falar em nome da sua pestilência?”

“Mas cuidarei dele por causa de Deus. Porque é também uma morada de Deus. Mas não conforme o desejo dele, que não passa de desejo expresso pela úlcera.”

“Quando o tiver limpo e lavado e ensinado, então o seu desejo será outro e renegará a si próprio tal como era antes. E porque haveria eu de ter sido aliado de quem ele próprio viria a renegar? Se eu houvesse seguido o desejo do leproso vulgar, tê-lo-ia impedido de nascer e de se embelezar.”

“Por que hei de tornar o partido do que é, contra o que há de ser? Do que vegeta, contra o que permanece em potencia?”

“A justiça, na minha maneira de ver - disse-me meu pai - está em honrar o depositário por causa do depósito. Tanto como honro a mim próprio. Porque reflete a mesma luz. Por muito pouco visível que seja nele. A justiça é considerá-lo como veículo e como caminho. A minha justiça é fazer nascer de si próprio.

“Mas enche-me de tristeza ver tamanha podridão nesse esgoto que se perde no mar. Deus encontra-se tão desfigurado... Espero deles o sinal que me mostrará o homem, e nunca vem.”

“E, no entanto - retorqui eu a meu pai -, vi este ou aquele partilharem o pão e ajudarem outro mais corrompido do que eles a descarregar um saco ou acolher por piedade uma criança doente...

“Põem tudo em comum - respondeu meu pai - e é a isso que chamam caridade. Eles partilham. Mas nesse pacto, que também os chacais sabem fazer em volta de uma carcaça , propõem-se celebrar um grande sentimento. Querem-nos fazer crer que há um doação nisso! Mas o valor da dádiva depende daquele a quem se dirige. E, no nosso caso, dirige-se ao mais baixo. Como o álcool ao bêbado que bebe. Assim a dádiva é doença. Mas se eu dou a saúde, nessa altura corto neste corpo ferido... e ela me odeia.

“Chegam ao ponto - acrescentou ainda meu pai - de, com toda a sua caridade, preferirem a podridão... Mas e se eu prefiro a saúde.?”

“Quando te salvarem a vida, continuou meu pai, não agradeças nunca. Não leves longe demais o teu agradecimento. Se aquele que te salvou está à espera do teu agradecimento - o que aliás é grande baixeza, afinal que pensa ele? Ter-te servido? Foi a Deus que ele serviu ao guardar-te, se porventura vales alguma coisa. E tu, se exprimes com exuberância demais o teu agradecimento, pecas contra a fé, a modéstia e a humildade. Porque o importante que ele salvou não foi o teu pequeno destino pessoal, mas sim a obra em que tu colaboras e se apóia também sobre ti. E como ele está submetido à mesma obra, não tens por que agradecer-lhe. Quem lhe agradece é o seu próprio trabalho de te ter salvado. É aí que reside a sua colaboração na obra.”

“Demonstras também orgulho se te submetes às suas emoções mais vulgares. E se o elogias na sua pequenez, fazendo de ti seu escravo. Porque, se ele se fosse nobre, rejeitaria o teu agradecimento.

“Não há nada que me interesse tanto - era de novo meu pai quem falava - como a admirável colaboração de um através de outro. Posso servir-me de ti ou da pedra. Quem é que demonstra agradecimento à pedra por ter servido de fundamento ao templo?”

“Mas eles não colaboram noutra coisa que neles próprios. E este esgoto que se perde no mar não alimenta cânticos, nem dá origem a estátuas de mármore, nem é caserna para as conquistas. Para eles, só é questão de partilharem o melhor possível as provisões. Não te deixes enganar. As provisões são necessárias, mas mais perigosas do que a fome.

“Dividiram tudo em dois tempos: a conquista e o gozo. Nem um nem outro tem o mínimo significado. Viste por acaso a árvore crescer e, uma vez já grande, se impor sobre outra árvore? A árvore cresce muito simplesmente. É o que eu te digo: aqueles que, depois de terem conquistado, se fazem sedentários, já estão mortos...”

A caridade, de acordo com o sentido do meu império, é colaboração.

Ordeno ao cirurgião que se esgote na travessia de um deserto, se tem possibilidade de consertar o instrumento de quem está longe. Nem que se trate de um vulgar britador de pedra, desde que tenha necessidade dos músculos para britar as pedras. Mesmo que o cirurgião seja de grande categoria. Porque não se trata de honrar a mediocridade, mas sim de reparar o veículo. E qualquer deles tem o mesmo condutor. O mesmo se aplica aos que protegem e ajudam as mulheres grávidas. Era por causa do filho que elas tinham vômitos e dores. E a mulher não tinha nada que agradecer, senão em nome do filho. Mas hoje ela pede ajuda em nome dos vômitos e das dores. Se os seus vômitos não fossem mais do que vômitos, eu as suprimiria, porque seus vômitos são feios. O que nelas há de importante é o que delas se ele serve e não tem qualidade para agradecer. Tanto quem as ajuda, como elas próprias não passam de servidores do nascimento. Os agradecimentos não tem qualquer sentido.

Eis o general que veio procurar meu pai:

“Não quero saber de ti próprio! Só és grande devido ao império que serves. Faço com que te respeitem para, através de ti, fazer respeitar o império.”

Mas eu sentia também a bondade de meu pai. “Quem tiver desempenhado um papel importante - dizia ele

- não pode ser aviltado. Quem reinou não pode ser privado do seu reino. Não podes transformar em mendigo aquele que dava aos mendigos, porque o que tu afundas, neste caso, é algo como a armação e a forma do teu navio. É por isso que recorro a castigos na medida dos culpados. Aqueles que resolvi fazer nobres, executo-os: longe de mim reduzi-los à condição de escravos, se porventura falharam. Encontrei um dia uma princesa que era lavadeira de roupa. E as companheiras riam-se dela: “O que é feito da tua realeza, lavadeira? Podias mandar cortar cabeças e agora aí estás, e até podemos te emporcalhar impunemente com as nossas ofensas.. É muito bem feito, é justo. A justiça, na maneira de ver delas, era compensação.

E a lavadeira calava-se. Talvez humilhada por ela própria, mas sobretudo por coisa maior do que ela própria. E a princesa debruçava-se, muito aprumada e branca, sobre o lavadouro. E as companheiras sem sucesso a provocavam com o cotovelo. Nada nela convidava à zombaria, porque era bem feita de rosto, reservada de gesto e silenciosa. Compreendi que as companheiras ridicularizavam não a mulher, mas sim o seu declínio.

Porque aquele que invejavas, se porventura te cai debaixo das garras, tu o devoras. Mandei-a, pois, vir à minha presença:

“Só sei de ti que antes reinavas. A partir deste dia, terás direito de vida e de morte sobre as tuas companheiras de lavadouro. Reintegro-te no teu reino. Podes ir.”

“E quando ela voltou a ocupar o seu lugar acima da turba vulgar, desdenhou justamente lembrar-se das ofensas. E as próprias mulheres do lavadouro, sem poder mais alimentarem seus movimentos interiores com o declínio dela, passaram a alimentá-los com a sua nobreza e a veneraram. Organizaram grandes festas para celebrarem o seu regresso à realeza e prosternavam-se à sua passagem, elas próprias enobrecidas por outrora lhe terem tocado com o dedo.”

“É por isso - dizia meu pai - que não estou disposto a submeter os príncipes às ofensas do povão nem à grosseria dos carcereiros. O que farei é mandar cortar-lhes a cabeça, num grande circo de clarins de ouro.”

“Aquele que rebaixa outro - dizia meu pai - é porque é baixo.” “Nunca um chefe - dizia meu pai - será julgado pelos subalternos.”

IX

Meu pai falava-me desta maneira:

“Obriga-os a construir juntos uma torre e vais ver que passam a ser como irmãos. Mas se queres que se odeiem uns aos outros, joga-lhes um punhado de trigo.”

E dizia-me mais :

“Primeiro, que me tragam o fruto do seu trabalho. Que façam desaguar nos meus celeiros o rio das suas colheitas. Que façam construir em mim os seus celeiros. Quero que sirvam a minha glória quando flagelam os trigos e a casca dourada estoura em volta. Porque então o trabalho que era função para o alimento, se transforma em cântico. De todos aqueles que se curvam sob os pesados sacos, os menos dignos de lástima são os que os levam para o moinho. Ou os que trazem de lá, brancos de farinha. O peso do saco os engrandece como uma oração. E ficam a rir alegremente, quando trazem o feixe de centeio, como se fosse um candelabro de grãos, com suas pontas e o seu brilho. Uma civilização repousa sobre o que se exige dos homens, não sobre o que se lhes fornece. É verdade que eles voltam esgotados e depois se alimentam desse trigo. Mas não está voltada para o homem a face importante das coisas. O que os alimenta nos corações não é o que eles recebem do trigo. É o que lhe dão.

“Insisto, mais uma vez, que se deve desprezar essas tribos que recitam os poemas de outro e comem o trigo de outro ou mandam vir arquitetos assalariados para lhes edificarem as cidades. Só merecem um nome: sedentários. E não consigo descobrir ao redor deles, semelhante a uma auréola, o pó do trigo que se malha.

“É justo que eu receba ao mesmo tempo em que dou, para poder continuar a dar. Abençoado esta troca entre a dádiva e a devolução, que permite prosseguir na marcha e dar mais adiante ainda. E, se a devolução permite que o corpo ferido se recomponha, é só a dádiva que alimenta o coração.

“Eu vi dançarinas comporem as suas danças. E a dança, uma vez criada e dançada, não serve para converter em provisões. Ninguém pode ficar com o fruto desse trabalho. A dança passa como um incêndio. E, no entanto, eu considero civilizado o povo que compõe suas danças, embora não haja para as danças, nem colheita nem celeiros. Ao passo que chamo de bruto o povo que alinha nas prateleiras os objetos nascidos do trabalho de outro, por mais finos que sejam e por maior que seja a capacidade que esse povo revele para se inebriar com a perfeição deles.

“O homem - dizia meu pai - é em primeiro lugar aquele que cria. E só são seus irmãos os homens que colaboram. E só se pode dizer que vivem aqueles que não encontraram a paz nas provisões arrecadadas.” Um dia, levantaram-lhe uma objeção:

“O que é que chamas criar? Porque, se se trata de uma invenção importante, poucos serão capazes de fazê-lo. Então falas só para alguns... E os outros?”

Meu pai respondeu-lhes:

“Criar é talvez falhar um determinado passo na dança. E dar de lado este golpe de cinzel na pedra. O destino do gesto pouco importa. Esse esforço parece estéril a ti, cego, que tens o nariz encostado nele, mas experimenta dar um passo atrás. Observe mais de longe o movimento deste bairro de cidade. Só vês subir de lá um grande fervor e a poeira dourada do trabalho. E não reparas nos gestos falhos. Porque

este povo debruçado sobre a obra, bem ou mal, lá vai edificando os palácios ou as cisternas ou os grandes jardins suspensos. As obras nascem como que necessariamente, do encantamento dos dedos. E te garanto que elas nascem tanto daqueles que falham nos gestos como daqueles que os acertam, porque não podes dividir o homem. Se salvas só os grandes escultores, ficas privado de grandes escultores. Ninguém iria escolher um ofício que desse tão poucas possibilidades de viver. O grande escultor nasce do terreno de maus escultores. Servem-lhe de degrau e são eles que o elevam. E a bela dança nasce do fervor com que se dança. E o fervor de dançar exige que todos dancem, mesmo aqueles que dançam mal. A não ser assim, deixa de haver fervor e passa a haver apenas academia petrificada e espetáculo sem significação.

“Não condenes os seus erros como o historiador que julga uma era já concluída. Quem poderá censurar o cedro por não passar ainda de semente ou de caule ou de raminho que brota inclinado? De erro em erro se erguerá a floresta de cedros que, nos dias de ventania, distribuirá o incenso das suas aves.

E meu pai dizia, para concluir:

“Eu já te disse. Erro de um, êxito de outro, não te importes com estas divisões. A única coisa fértil é a colaboração de um através do outro. E o gesto falho serve ao gesto que triunfa. E o gesto que triunfa mostra a quem não tem um objetivo, o que buscavam juntos. Aquele que encontra a Deus encontra-o para todos. Porque o meu império é semelhante a um templo que eu pedi aos homens. Convidei os homens a o construírem. Então é o seu templo. E o nascimento do templo extrai deles seu mais elevado significado. E eles inventam os dourados. E aquele que os procurava sem os conseguir também os inventa. Porque foi especialmente deste fervor que os novos dourados nasceram.”

Dizia ele de outra vez:

“Não queiras inventar um império onde tudo seja perfeito. Bom gosto é virtude de guardião de museu. Se fores desprezar o mau gosto, não terás nem pintura, nem dança, nem palácio, nem jardim. O trabalho da terra, que é um trabalho sujo, te dará repugnância. Virás assim a ficar privado dele, devido a esse teu vazio desejo de perfeição. Inventar um império onde tudo seja simplesmente fervoroso.”

X

Os exércitos estavam tão cansados, como se tivessem transportado um fardo pesadíssimo. Os capitães vinham falar comigo:

“Quando é que voltaremos para casa? O gosto das mulheres dos oásis conquistados não vale o gosto das nossas mulheres.

Um deles dizia-me:

“Senhor, eu não paro de sonhar com aquela que é feita do meu tempo, das minhas disputas. Gostaria de voltar, de ir embora quando quisesse. Senhor, é uma verdade que já não sei lançar raízes mais fundas. Deixa-me crescer no silêncio de minha aldeia. Sinto necessidade de meditar sobre minha vida.”

E compreendi que eles tinham necessidade de silêncio. Só no silêncio a verdade de cada um vinga e lança raízes. Uma das coisas que se pode dizer do tempo é que conta, como se pode ver pela amamentação. E o próprio amor maternal é, em primeiro lugar, feito de amamentação. Quem é que vê a criança crescer de um momento para o outro? Ninguém. São aqueles que vem de fora que dizem: “Como está muito crescido! Mas nem a mãe nem o pai o viram crescer. Ele se foi fazendo, com o tempo. Ele era em cada momento aquilo que devia ser.

Os meus homens tinham necessidade de tempo, nem que fosse para compreenderem uma árvore. Para se sentarem todos os dias no portal da entrada, diante da mesma árvore e dos mesmos ramos. E eis que pouco a pouco a árvore se vai revelando.

Uma noite em que nos achávamos reunidos em volta do fogo, no deserto, o poeta falava da sua árvore. E os meus homens - muitos deles que apenas tinham visto erva para camelos e palmeiras anãs e arbustos de espinhos ouviam-no boquiabertos. Vocês não sabem o que é uma árvore. Eu vi uma que tinha brotado por acaso num edifício abandonado, simples abrigo sem janelas, e dali partira à procura de luz. Assim como o homem deve andar mergulhado no ar, assim como a carpa deve andar mergulhada na água, a árvore deve andar mergulhada na claridade. Instalada na terra graças às raízes, instalada nos astros graças aos ramos, ela é o caminho da troca entre as estrelas e nós. Aquela árvore nascera cega. Desenvolveu em plena noite a sua poderosa musculatura, andou às apalpadelas de uma parede para outra, titubeou. O drama ficou-lhe impresso nos galhos retorcidos. Depois de esburacar uma fresta na direção do sol, irrompeu reta como o tronco de uma coluna. E eu, num recuo próprio de historiador, assistia aos movimentos da sua vitória. “Aquele tronco que, estrangido a ocupar o reduzido espaço de um ataúde, expandia-se depois ao ar livre - maravilhoso contraste! - numa mesa farta de folhagem onde o sol se via servido, amamentado pelo próprio céu, sustentado soberbamente pelos deuses.

“E todos os dias eu a via despertar de alto a baixo. Vinha carregadinha de pássaros. Começava a viver e a cantar. Depois do sol nascer, abandonava as suas provisões ao céu, como um velho pastor bonachão. A minha árvore-casa, a minha árvore-castelo, ficava depois vazia até a noitinha...” Era assim que ele falava. É preciso olharmos muito tempo para a árvore, para ela nascer também em nós. E cada um dos meus homens sentia ciúmes daquele que levava no coração semelhante massa de folhagem e de pássaros.

“Quando – me perguntavam -, quando é que acabará a guerra? Também gostaríamos de compreender as coisas. Já é tempo de chegarmos a ser...”

Se, uma vez por outra, algum deles capturava uma raposa das areias ainda pequena, ou até uma gazela que se dignasse não morrer, começava por lhe dar de comer na mão. A raposa das areias ia-se enriquecendo de pelos sedosos, de esperteza e sobretudo dessa necessidade de alimento que tão imperiosamente exigia a solicitude do guerreiro. E aquele homem vivia na inútil ilusão de fazer passar algo sua para o animalzinho, como se ele se fosse alimentado, formado e composto pela seu amor.

Até que um dia a raposa ouvia a voz do amor. Fugia pela areia e esvaziava de um momento para o outro o coração do homem. Houve até um que eu vi morrer, por se ter defendido com moleza no decurso de uma emboscada. Mal recebemos a notícia da sua morte, veio-me à memória a frase misteriosa que ele tinha pronunciado depois da fuga da raposa, quando os companheiros, ao ve-lo melancólico, lhe tinham sugerido que capturasse uma outra:

“É precisa muita paciência, não para agarrá-la, mas sim para amá-la.”

Mas eles já se sentiam cansados das raposas e das gazelas. Viam que as suas trocas eram vãs: uma raposa que fugia ao encontro do amor não enriquecia com elas o deserto.

“Eu tenho filhos - dizia-me outro -, e eles estão crescendo sem que eu os tenha criado. Nada de meu vou depositando neles. Para onde irei quando morrer?”

Fechava-me então no silêncio do meu amor e via que a exército começava a dissolver-se na areia e a perder-se como esses rios nascidos das tempestades que o subsolo de argila não consegue salvar e morrem estéreis, sem sequer ao longo das margens se terem mudado em árvores, em erva, em alimento para os homens.

O meu exército desejara mudar-se em oásis pelo bem do império, para embelezar o meu palácio de residências longínquas. Ao falarem dele, poderiam dizer: "Que diferentes são lá para o sul essas palmeiras, esses palmeirais novos, essas aldeias em que se esculpe o marfim..."

Combatíamos, porém, sem nos apercebermos disso e cada um de nós pensava no regresso. E a imagem do império destruía-se neles como um rosto para o qual já não sabemos olhar e deixamos perder na balbúrdia do mundo.

“Que nos importa - diziam eles - sermos mais ou menos ricos, termos ou não este oásis desconhecido? Em que é que ele nos prolonga? Em que é que ele nos enriquecerá quando, ao voltarmos para casa, nos fecharmos na aldeia? O oásis servirá apenas para quem lá ficar morando, ou colhendo as tâmaras das suas palmas, ou lavando a roupa na água viva das seus riachos...”

XI

Enganavam-se, mas o que é que eu havia de fazer? Quando a fé se extingue, é Deus que morre e se mostra doravante inútil. Quando o fervor esmorece, é o próprio império que se decompõe, porque é feito do fervor deles. Não que haja engano no império em si. Se chamo de um domínio aquela procissão de oliveiras e aquela cabana, onde uma pessoa se abriga, aquele que as contempla experimenta amor e as unifica no fundo do coração. Mas se ele passa a ver apenas oliveiras entre muitas, e no meio delas uma cabana perdida, que só tem o sentido de abrigar da chuva, quem há de salvar o domínio de ser vendida e dividida? Porque essa venda não viria mudar em nada nem a cabana nem as oliveiras!

Olhai para o senhor dos domínios. Avança sozinho, pelos caminhos, sob o orvalho da madrugada. Não leva nada da sua fortuna com ele. Não goza dos rendimentos. É como se lhe houvessem tirado os bens, que de momento não lhe servem para nada. Se passa depois da chuva, as botas escorregão na lama como qualquer miserável. Afasta para o lado, com a bengala, os espinhos molhados, semelhante ao vagabundo mais vagabundo. Do fundo daquele caminho cavado, nem sequer com o olhar abrange o domínio. Apenas sabe que é o príncipe.

No entanto, se tu o encontrares e ele olhar para ti, é mesmo ele e não outro. Calmo e seguro de si mesmo, apoia-se sobre a garantia fundamental, que não lhe serve de nada naquele momento. Não usa nada, mas nada lhe falta. Ve-se bem alicerçado no fundamento das pastagens, dos campos de cevada e dos palmares que são seus. Os campos estão em repouso. Os celeiros dormem ainda. Os malhadores não fazem ainda voar a luz do trigo. Mas ele contém-nos a todos no coração. Não é qualquer um que caminha por ali, é o senhor que lentamente passeia, à luz das suas lanternas...

Cego e bem cego é aquele que só sabe medir o homem pelos atos, que só no ato, na experiência tangível ou no gozo de um benefício, consegue descobrir o homem. O que conta para o homem não é aquilo de que ele dispõe no momento. O homem que passeia dispõe apenas do punhado de espigas que consegue esmagar nas mãos, ou do fruto que pode colher. Aquele que me segue na guerra está pleno da recordação da bem-amada. Não a pode ver, nem tocar, nem apertar nos braços, nem sequer pensa nisso, já que nesta hora de manhãzinha em que respira a planície e sente a atração que o liga a ela, no seu leito tão distante, nem sequer se acha viva para o mundo. Ei-la como que ausente e morta. Adormecida. E, no entanto, o homem está carregado do existir dela, carregado de uma ternura de que não se serve e que dorme esquecida de si própria como os grãos na reserva, carregado de perfumes que não respira carregado de um murmúrio de jato de água que é o coração da sua casa e que ele ouve, carregado do peso de um império que o torna diferente dos outros.

Encontras pela rua um amigo que tem um filho doente longe. Não o leva consigo, não lhe sente a mão escaudando da febre, não lhe ouve os lamentos. Não troca nada da sua vida naquele preciso instante. E, no entanto, ei-lo como que esmagado ao peso de uma criança que apenas leva no coração.

Até tens aquele que vem do império. Amplia-se o seu coração graças a esse império, muito embora não o consiga abranger com um simples olhar, nem servir-se das provisões, nem receber dele a menor vantagem. Não se distingue do dono do domínio ou do pai da criança doente ou daquele que o amor enriquece, quando a bem-amada não só está longe, mas até adormecida. Só o sentido das coisas conta para o homem.

É certo, bem sei. O ferreiro da minha aldeia vem a mim e diz-me:

“Eu não quero saber daquilo que não me diz respeito. Se eu tenho o meu chá, o meu açúcar, o burro bem gordo e a mulher a meu lado, se os meus filhos progridem em idade e em virtude, então sou feliz e não peço outra coisa. Para que esses sofrimentos?”

E como é que ele havia de ser feliz? Mora em sua casa, mas está sozinho no mundo. Mora com a família numa tenda perdida no deserto. Obrigó-o, portanto, a corrigir:

“Se, à noitinha, encontras outros amigos debaixo de outras tendas, se esses têm algo para te contar e te dão notícias do deserto...”

Porque eu vos vi, não esqueças! Eu vos vi ao redor das fogueiras noturnas, tostando o carneiro ou a cabra, e ouvi as vossas vozes. Acerquei-me a passos lentos, no silêncio do meu amor. É certo que falavam dos filhos, daquele que cresce e daquele que está doente, falavam da casa, mas sem insistir demais. E não começavam a te animar senão quando se sentava ao teu lado o viajante que voltava da caravana longínqua e estendia na tua frente as maravilhas de além e os elefantes brancos de um príncipe e o casamento lá longe, a mil quilômetros de distância, daquela cujo nome mal sabes. Ou então aquele tumulto dos inimigos. Havia quem falasse de um cometa, ou de alguma afronta, ou de certo amor, ou daquela coragem diante da morte ou daquela raiva contra ti ou daquela grande preocupação. Era então que te encontravas cheio de espaço e ligado a tantas coisas. Adquiria então significado a tua tenda amada e odiada, ameaçada e protegida. Apanhado numa rede milagrosa que te mudava no que era mais vasto do que tu...

Tens necessidade de uma planície que só a linguagem te confere.

Lembro-me do que aconteceu quando meu pai acantonou os três mil refugiados berberes num campo ao norte da cidade. Ele não queria que se misturassem com os nossos. Como era bondoso, matou-lhes a fome e abasteceu-os de roupa e açúcar e chá. Mas sem lhes exigir trabalho em troca dos dons da sua magnificência. Não tinham por que se inquietar com a subsistência, e qualquer deles poderia ter dito: pouco me importa o que não me diz respeito. “Se eu tenho o meu chá, o meu açúcar, o meu burro bem alimentado e a minha mulher ao meu lado, se os meus filhos progridem em idade e em virtude - então sinto-me plenamente feliz e não peço nada mais...”

Mas quem os teria julgado felizes? Às vezes, quando meu pai desejava ensinar-me, íamos visitá-los. “Ora vê - dizia-me - como eles começam a tornar-se gado e a apodrecer docemente... não na suo corpo ferido, mas nos seus corações.”

Porque tudo para eles perdia o significado. Embora não jogues a fortuna nos dados, é bom que os dados te possam significar, em sonhos, domínios e rebanhos, barras de ouro e diamantes que não possuis. Que existem noutra lugar. Mas chega uma hora em que os dados já nada podem representar. E deixa de ser possível o jogo.

E os nossos protegidos já não tinham mais nada para dizer uns aos outros. Havia gastado as histórias de família, que se pareciam todas umas às outras. Havia acabado de descrever uns aos outros as suas tendas, quando todas as suas tendas eram semelhantes. Havia acabado de temer e de esperar e de inventar. Usavam ainda a linguagem para efeitos rudimentares: “Empresta-me o teu fogareiro” - podia dizer um. “Onde está o meu filho?” - podia perguntar outro. Humanidade deitada na cama de palha, debaixo da manjedoura, que havia ela de desejar? Em nome de que se teria batido? Pelo pão? Tinham-no garantido. Pela liberdade? Mas, dentro dos limites do seu universo, eles eram infinitamente livres. Afogados nessa liberdade desmedida que esvazia certos ricos das suas entranhas. Para triunfarem dos

inimigos? Eles já não tinham inimigos! Meu pai dizia-me:

“Podes usar um chicote em todos eles, deixá-los a todos feridos no rosto. Não farão mais que recuar, vagamente dispostos a morder, como uma vulgar matilha de cães. Não estão dispostos a sacrificar-se! Fica descansado que não te mordem. Podes cruzar os braços diante deles. E desprezá-los...”

Dizia-me também:

“São carcaças de homens. Neles já não se pode falar de homens. Podem assassinar como covardes, pelas costas, porque a ladroagem costuma mostrar-se perigosa. Mas não serão capazes de agüentar o teu olhar.” No entanto, a discórdia instalou-se entre eles como uma doença. . Uma discórdia incoerente que, em vez de os dividir em dois campos, os lançava a todos contra todos, porque aquele que comia sua parte das provisões os enganava. Vigiam-se uns aos outros, como cães que circulam em volta da fonte de água. Em nome da justiça, cometeram assassinatos sem conta. A justiça deles era principalmente igualdade. E quem quer que se distinguisse fosse no que fosse via-se esmagado pelo número.

“A massa - disse-me meu pai - odeia a imagem do homem, porque a massa é incoerente, poda em todos os sentidos ao mesmo tempo e anula o esforço criador. É verdade que o homem não deve esmagar o rebanho. Mas não procures aí a grande escravidão: essa manifesta-se quando o rebanho esmaga o homem.”

Assim, em nome de direitos obscuros, os punhais que cortavam os ventres alimentavam cada noite de cadáveres. E tal como se faz a limpeza da imundície, arrastavam-nos ao alvorecer até os limites do acampamento onde nossas carroças os carregavam como um serviço de limpeza pública. E eu me lembrava das palavras de meu pai: “Se quiseres que eles sejam irmãos, obriga-os a construir uma torre. Mas, se quiseres que se odeiem, joga-lhes um punhado de trigo”.

Constatamos que eles iam perdendo a pouco e pouco o uso das palavras, de que ,já não precisavam:. E meu pai me levava a passear por entre essas faces ausentes, que olhavam para nós sem nos conhecerem, embrutecidas e vazias. Só emitiam esses grunhidos vagos, que reclamavam o alimento. Vegetavam sem mágoas, nem desejos, nem ódio, nem amor. Em breve deixaram mesmo de se lavar e nem sequer matavam os parasitas, que assim foram prosperando. Começaram a aparecer as chagas e as úlceras. O acampamento começou a empestear o ar. Meu pai tinha medo da peste. E, sem dúvida, também pensava na condição do homem.

“Estou disposto a acordar o arcanjo que dorme, abafado, debaixo do esterco. Porque não são eles que eu respeito, mas é Deus através deles...”

XII

“É uma coisa estranha: os homens perdem o essencial “- fazia notar meu pai – “e não o percebem. Veja os sedentários dos oásis, sentados em cima das provisões. O que eles perderam não se vê nos bens materiais. Esses não mudaram. Os homens de moradas e de montanhas, que deixaram de constituir um domínio, também não sabem o que perderam.

“Os homens que perdem o sentido do império deixam de compreender que devem ser rijos, esvaziam-se da sua substância e deixam de dar o devido valor às coisas. As coisas conservam a sua aparência. Mas... que fazer de um diamante ou de uma pérola, se ninguém os quer? Não passam de vidro lapidado. A criança que embalas perdeu alguma coisa de si própria se deixa de ser oferenda para o império. Mas nem sequer reparas nisso, porque o seu sorriso é o mesmo.

“Não dão conta do empobrecimento, porque os objetos continuam a ter o mesmo uso. Mas o que é o uso de um diamante? E o que é um enfeite, se já não há festa? E o que é a criança se não é do império, e se não sonhas em fazer dela um conquistador, um senhor ou um arquiteto? Se a reduziste a um simples pacote de carne?”

“Desconhecem o seio invisível que lhes dava de mamar noite e dia. O império, na verdade, é esse seio, pois te alimenta o coração. Faz lembrar a bem-amada que, num lugar distante, repousa como morta. Ela te dá outro sentido às coisas e te alimenta de amor. Nada mais há lá longe do que uma débil respiração que tu nem podes sequer respirar. E o mundo para ti é um verdadeiro milagre. O senhor do domínio, que sai de casa para dar um passeio e desafia o orvalho da manhã, leva no coração até o sono dos reideiros.

“O que é estranho é o homem ficar desesperado por a bem-amada o deixar, ou por ele deixar de amar ou deixar de venerar o império e nem sequer suspeitar do seu próprio empobrecimento. Fica contente de dizer: “Não era tão bonita como eu julgava, nem tão simpática...” E aí vai ele satisfeito, ao sabor do vento. Mas o mundo já não é um milagre para ele. E a madrugada já não é a madrugada do regresso ou a madrugada do despertar nos braços dela. A noite já não é o grande santuário para o amor. Deixou de ser, como era, graças àquela que ressona mansamente, esse grande manto do pastor. Tudo desbotou. Tudo endureceu. E o homem, que ignora o desastre, não chora a sua plenitude murcha. Fica satisfeito com a sua liberdade, que é a liberdade de não existir.

“O mesmo ocorre com aquele no qual o império morreu: “O meu fervor - diz ele para consigo - era cegamente estúpido”. E é certo, tem razão. Em sua volta só existe um aglomerado desordenado de cabras, de carneiros, de moradias e de montanhas. O império era criação do seu coração.

“Mas onde é que tu hospedas a beleza de uma mulher, se não há homem que se possa emocionar com ela? E o prestígio do diamante, se ninguém o deseja possuir? E o império, se já não há servidores do império?”

“Aquele que sabe ler a imagem e a leva no coração, que está tão ligado a ela que dela vive como uma criancinha vive do seio, aquele que tem nela a sua pedra angular, que nela acha sentido e significação e ocasião de grandeza, espaço e plenitude, esse, se ele se vê separado da sua nascente, sente-se como que dividido, desmantelado, e morre de asfixia como a árvore que cortaram as raízes. Não mais se encontrará. E, no entanto, ao mesmo tempo em que a imagem que nele morre o faz perecer, já não sofre

e acomoda-se à sua mediocridade sem dar por ela.

“É por isso que convém manter permanentemente acordado no homem aquilo que é grande, e por isso também importa convertê-lo à sua própria grandeza.

“Porque o alimento essencial não lhe vem das coisas, mas sim do laço que liga as coisas. Não é o diamante, mas sim determinada relação entre o diamante e os homens que o pode saciar. Nem esta areia, mas sim determinada relação entre a areia e as tribos. Não as palavras no livro, mas sim determinada relação entre as palavras do livro, que são amor, poema e sabedoria de Deus.

“E eu os convido a colaborar e a estar unidos e a constituir uma grande figura que enriqueça cada um, que faça cada um ser parte de todos. Se eu os abrigo no domínio do meu amor, se os elevo à condição de filhos do império, como lhes há de passar pela cabeça resistir-me? A beleza do rosto resulta da ressonância de cada parte sobre todas as outras. E a aparição te perturba. É o caso de determinado poema. Eu peguei em estrelas, em fontes, em mágoas. Nada de extraordinário. Mas as amassei de acordo com o meu gênio e elas serviram de pedestal a uma divindade que as domina e em nenhuma delas se contém. E esse poema te arranca lágrimas dos olhos.”

E meu pai enviou um cantor a essa humanidade apodrecida. O cantor sentou-se, de tardinha, no meio da praça, e começou a cantar. Cantou as coisas que ressoam umas sobre as outras. Cantou a princesa encantada que só é possível alcançar depois de duzentos dias de marcha na areia sem poços, debaixo de sol. E a ausência de poços torna-se sacrifício e embriaguez de amor. E a água dos odres torna-se oração, porque leva à bem-amada. Dizia ele: “Eu desejava os palmares e a chuva fininha... mas desejava acima de tudo aquela que eu esperava me recebesse no seu sorriso... e já nem era capaz de distinguir a minha febre do meu amor...”

E eles tiveram sede da sede, e estenderam os punhos na direção de meu pai: “Desgraçado, nos privaste da sede, que é embriaguez do sacrifício pelo amor!”

Cantou essa ameaça que reina quando a guerra se declara e muda a areia em ninho de víboras. As dunas crescem uma por uma, em virtude de um poder que é de vida ou de morte. E tiveram sede do risco da morte, que anima a areia. Cantou o prestígio do inimigo, quando se espera de todas as partes e ele se movimenta de uma borda para a outra, no horizonte, como um sol que não se soubesse onde vai nascer. E tiveram sede de um inimigo que os houvesse rodeado da sua magnificência, como o mar.

Quando sentiram sede do amor entrevisto como um rosto, os punhais saltaram das bainhas. E era ve-los chorarem de alegria, acariciando os sabres! As suas armas, apesar de esquecidas, ferrugentas, aviltadas, assumiram aos seus olhos o aspecto de uma virilidade perdida. Só elas permitem ao homem criar o mundo. E foi esse o sinal da rebelião, que veio a ser bela como um incêndio!

E todos eles morreram como homens!

XIII

Resolvemo-nos a tentar o efeito do canto dos poetas sobre este exército que começava a dividir-se. Mas acontecia o seguinte prodígio: os poetas mostravam-se ineficazes, os soldados riam-se deles.

“Que nos cantem as nossas verdades. O jato de água da nossa casa e o perfume da nossa sopa do jantar. Não nos importam esses tolices!”

Foi então que eu descobri esta outra verdade: o poder perdido jamais se encontra. A imagem do império tinha perdido a fertilidade. As imagens morrem como as plantas, quando o poder se gastou e elas não passam de materiais mortos, prestes a se dispersarem, e de húmus para plantas novas. E me afastei para um lugar à parte, para refletir sobre este enigma. Porque nada é mais verdadeiro nem menos verdadeiro, mas sim mais eficaz ou menos eficaz. Deixara de ter nas mãos o nó milagroso da sua diversidade. Escapava-me. E o império se deteriorava como que por si próprio. O cedro, quando a tempestade lhe quebra os ramos e o vento de areia o enrijece e ele cede ao deserto, não é que a areia se tenha tornado mais forte, foi ele que renunciou e abriu a porta aos bárbaros.

Quando um cantor cantava, censuravam-no por exagerar a emoção. E é verdade que o patético soava falso e nos parecia de uma outra época. Estará ele próprio enganado - perguntavam - com o amor que manifesta por cabras, carneiros, casas, montanhas, que não passam de objetos díspares? Estará ele próprio enganado com o amor que manifesta por curvas de rios, que os acasos da guerra não ameaçam e nem sequer merecem o sangue? E é verdade que os próprios cantores tinham a consciência pesada, como se houvessem cantado fábulas grosseiras para crianças que já não acreditassem nelas...

Os meus generais, com a sua sólida estupidez, vinham-me censurar os meus cantos. “Cantam desafinado!”- diziam eles para mim. Mas não me admirava nada que a nota deles soasse falsa. É que celebravam um deus morto.

Os meus generais, com a sólida estupidez que os caracteriza, perguntavam-me então: “Por que é que os nossos homens já não querem lutar? “Se eles tivessem outro ocupação, meus generais seriam capazes de perguntar: “Por que é que já não querem ceifar o trigo?” A questão não era de ocupação. E eu alterava a pergunta que, feita dessa maneira, não dava em nada. Perguntava a mim próprio, no silêncio do meu amor: “Por que é que eles não querem morrer?” E pedia uma resposta à minha sabedoria.

Não se morre por carneiros, nem por cabras, nem por lares, nem por montanhas. Os objetos subsistem, sem necessidade de lhes sacrificar seja o que for. Mas se morre para salvar o invisível laço que os liga uns aos outros e os transforma em domínios, em império, em rosto reconhecido e familiar. Por essa unidade uma pessoa se troca, porque morrer também é construí-la. A morte paga, graças ao amor. E aquele que trocou pouco a pouco a vida pela obra bem feita e mais duradoura do que a vida, pelo templo que caminha de século em século, não hesita em morrer, se seus olhos são capazes de distinguir o palácio da confusão dos materiais, e se anda deslumbrado por aquela magnificência e deseja fundir-se nela. Deixa-se receber e envolver no amor de uma realidade que é maior do que ele.

Mas teriam eles aceito trocar suas vidas por interesses vulgares? O interesse, em primeiro lugar, manda viver. Fizessem os cantores o que fizessem, ofereciam aos meus homens falsa moeda em troca dos seus sacrifícios. É que não sabiam isolar para eles o rosto que os teria animado. Os meus homens já não tinham o direito de morrer no amor. Por que morreriam então?

E aqueles que, em virtude da sua rija tempera, morriam no cumprimento de um dever que aceitavam sem compreender, morriam tristemente, inteiriçados, os olhos duros, sóbrios de palavras, severos e desgostosos. Por isso procurava no meu coração uma lição nova, que fosse capaz de os arrebatá-los. Acabava de compreender perfeitamente que não há raciocínio nem sabedoria que o consiga. Tratava-se de fundar um rosto. Vinha-me à lembrança a imagem do escultor que impõe à pedra o peso do seu arbítrio. E pedia a Deus que me iluminasse.

Passava a noite vigiando meus homens, expostos à areia que se levantava e corria pelas dunas, para as desfazer e as formar um pouco mais adiante. Noite sem idade, em que a lua aparecia e desaparecia na fumaça avermelhada que os ventos levavam consigo. Ouvia as sentinelas chamarem-se ainda umas às outras, dos três vértices do acampamento triangular. Mas suas vozes eram apenas longos gritos sem crença, mais patéticos ainda pela solidão que os envolvia.

E eu dizia a Deus: “Não há nada para os acolher... A velha linguagem deles gastou-se. Os prisioneiros de meu pai eram descrentes, mas ao menos estavam cercados por um império forte. O meu pai lhes havia enviado um cantor que tinha por trás dele um império. Graças ao seu grande poder verbal, bastara-lhe uma noite para os converter. Mas esse poder não era dele, era do império.

“Não tenho cantores, e não disponho de verdades, nem possuo um manto para me fazer pastor. Terão então que se matar uns aos outros, de começar a corromper a noite com essas facadas que vão diretas ao ventre e são inúteis como a lepra? Em nome de que ou de quem os hei de juntar?”

Aqui e ali erguiam-se falsos profetas, que conseguiam juntar alguns adeptos. E os fiéis, embora raros, encontravam-se animados e prontos a morrer pelas suas crenças. Mas as crenças deles não valiam nada para os outros. E as crenças se opunham todas umas às outras. Como só construía igrejinhas, odiavam-se umas às outras, por terem o costume de tudo dividir em erro e em verdade. O que não é verdade é erro e o que não é erro é verdade. Mas eu, que sei perfeitamente que o erro não é o contrário da verdade, mas sim um arranjo diferente, um outro templo construído com as mesmas pedras, nem mais verdadeiro nem mais falso, mas sim outro, ao descobri-los dispostos a morrer por verdades ilusórias, isso me cortava o coração. E dizia para Deus: "Não podes ensinar-me uma verdade que domine todas as verdades particulares deles e as acolha todas no seu seio? Se, destas ervas que se devoram umas às outras, eu fizer uma árvore que uma alma única anime, então este ramo aproveitará a prosperidade do outro ramo e toda a árvore será apenas colaboração encantadora e expansão ao sol.

“Não terei eu um coração bastante grande para os conter?”

Os virtuosos eram ridicularizados e os mercadores triunfavam. Vendia-se. Alugavam-se as virgens. Pilhavam-se as provisões de cevada que eu tinha reservadas em vista dos períodos de fome. Assassina-se. Mas eu não era tão ingênuo que atribuísse o fim do império a este fracasso da virtude. Eu sabia perfeitamente que o fracasso da virtude era devido ao fim do império.

“Senhor - rogava eu -, dá-me essa imagem pela qual eles se trocarão no fundo dos corações. E todos, através de cada um, crescerão em poder. E a virtude será signo do que eles são.”

XIV

No silêncio do meu amor, mandei executar grande número deles. Cada morte, porém, ia alimentar a lava subterrânea da rebeldia. A evidencia aceita-se. Mas já não a havia. Era difícil descobrir em nome de que virtude aquele homem morria. Foi então que recebi da sabedoria de Deus ensinamentos sobre o poder. Poder não se explica pelo rigor, mas pela simplicidade da linguagem. E realmente é necessário o rigor para impor a nova linguagem, porque não há ninguém que a demonstre e ela nem é mais verdadeira nem mais falsa, mas sim outra. Mas como é que o rigor havia de impor uma linguagem que já por si dividia os homens, por lhes consentir contradizerem-se? Impor uma tal linguagem é impor a divisão e dismantelar o rigor.

Eu posso, ao abrigo do meu arbítrio, recorrer a isso, desde que me sirva para simplificar. Faço com que o homem se converta noutro homem. E ele se torna mais sossegado, mais lúcido, mais generoso e mais fervoroso. Após a conversão, enojado da larva que descobre ter sido, admirado do seu próprio esplendor, maravilhado por tudo, ei-lo meu aliado e soldado do meu rigor. E o meu rigor não tem outro fundamento além do papel que desempenha. É porta monumental por onde se faz passar o rebanho, talvez à chicotada, para que se mexa e se transfigure. Não se trata de coagir, mas de converter.

Mas se aqueles homens que, por terem franqueado o pórtico, se viram despojados de si próprios e saídos das crisálidas, não sentem abrirem-se as suas asas; se, em vez de celebrarem o sofrimento que os fundou, se descobrem amputados e tristes, e se voltam para a outra margem, que não há muito deixaram... De que serviu o rigor?

É triste ver, então, o sangue dos homens encher inutilmente os rios...

Aqueles que eu mandava executar, para me fazerem ver o meu erro, davam-me a entender que não havia conseguido converte-los. Então inventava esta oração:

“Senhor, eu sou um mau pastor. Não tenho um manto que chegue para agasalhar todo o povo. Satisfaço as necessidades destes aqui e deixo aqueles lá.”

“Senhor, eu sei que toda aspiração é bela. Seja a da liberdade, seja a da disciplina. Seja a do pão para os filhos, a do sacrifício do pão. Seja a da ciência que examina, a do respeito que aceita e institui. Seja a das hierarquias que diviniza, a da partilha que distribui. Seja a do tempo que permite a meditação, a do trabalho que enche o tempo. Seja a do amor pelo espírito, que castiga o corpo ferido e agiganta o homem, a da piedade que pensa o corpo ferido. Seja a do futuro a construir, a do passado a salvar. Seja a da guerra que semeia as sementes, a da paz que as recolhe.

“Mas sei também que estes litígios não passam de litígios de linguagem. Cada vez que o homem se eleva um pouco, os vê sempre de mais alto. E deixa de haver litígios.

“Senhor, eu quero instituir a nobreza dos meus guerreiros e a beleza dos templos, que dá sentido às vidas dos homens que por ela se trocam. Mas esta noite, ao passear no deserto do meu amor, encontrei uma jovem lavada em lágrimas. Levantei-lhe a cabeça para ler nos seus olhos. E a mágoa que neles vi deslumbrou-me. Se eu, Senhor, me recuso a tornar conhecimento dela, recuso uma parte do mundo e a minha obra fica por acabar. Não é que eu me afaste dos meus fins, mas esta jovem tem de ser consolada! Porque só então o mundo marcha. Ela também é signo do mundo.”

A guerra que não for inclinação natural ou expressão de um desejo torna-se difícil. Os meus generais, com aquela sólida estupidez que os caracteriza, estudavam táticas hábeis e discutiam e procuravam a perfeição antes de agirem. Em vez de serem animados por Deus, não passavam de honestos e trabalhadores. Resultado: fracassavam. Mandei-os chamar e comecei a pregar-lhes:

“Vocês nunca hão de vencer, porque procuram a perfeição. Ora, a perfeição é objeto de museu. Não admitem os erros e só ousam entrar em ação quando conseguem demonstrar que o gesto há de ser eficaz. Mas onde é que vocês leram a demonstração do futuro? Se for assim, além de comprometerem a vitória, não deixariam surgir pintores, escultores ou qualquer outro inventor fértil em vosso território. Eu garanto: a torre, a cidade ou o império crescem como a árvore. São manifestação da vida, porque precisam do homem para nascer. E o homem julga calcular. Julga que a razão governa a montagem das pedras, quando a montagem dessas pedras nasceu do seu desejo. E a cidade está contida nele, na imagem que ele leva no coração, da mesma forma que a árvore se contém na semente. E os seus cálculos apenas tem a virtude de lhe vestir o desejo. E de o ilustrar. Se vocês começam a mostrar a água que a árvore bebeu, as substâncias minerais que absorveu e o sol que lhe emprestou força, como hão de conseguir explicar a árvore? "Aqui está a explicação por que não desaba esta abóbada... Aqui estão os cálculos dos arquitetos... Para explicar a cidade, se ela tem de nascer, sempre se encontrarão calculistas que calculem certo. Mas esses não passam de servos. Se vocês os empurrarem para a primeira fila, convencidos de que as cidades saem das suas mãos, cidade alguma surgirá da areia. Eles sabem como nascem as cidades, mas não por que. Experimentem agora lançar o conquistador ignorante à frente do povo, sobre a terra áspera e sobre o cascalho. Voltem mais tarde, e hão de ver brilhar ao sol a cidade das trinta cúpulas... E as cúpulas estarão de pé, como os ramos do cedro.

O desejo do conquistador, para passar a ser cidade de cúpulas, não terá tido dificuldade em utilizar, como meios, ruas ou estradas, todos os calculistas de que precisava.

“Se continuam a não desejar nada - dizia-lhes eu -, é mais que certo perderem a guerra. Nenhum declive os solicita. Em vez de colaborarem, destroem-se uns aos outros com decisões incoerentes. Olhem para a pedra e vejam como ela pesa. Ei-la rolando para o fundo da planície, colaboração de todos os grãos de pó que a constituem e pesam todos para o mesmo fim. Olhem para a água no depósito. Apoia-se contra as paredes e aguarda as ocasiões. Virá o dia em que chegará a ocasião. E a água pesa incansavelmente noite e dia. Dá toda a impressão de dormir e, no entanto, vive. Ei-la que se põe em marcha, que se insinua, à menor fenda que encontra. Dá com o obstáculo, contorna-o se lhe for possível. Se o caminho não leva a uma nova fenda que lhe abra outro caminho, parece regressar de novo ao sono. Longe dela, no entanto, desperdiçar ocasião que outra vez surgir. E, por vias indecifráveis, que calculista algum teria imaginado, uma leve pressão terá bastado para esvaziar o depósito das vossas provisões de água.

“Vosso exército é semelhante a um mar que não exercesse pressão sobre o dique. Sois uma massa sem fermento. Uma terra sem semente. Uma multidão sem desejos. Administrais em vez de conduzir. Não passais de testemunhas estúpidas. E as forças obscuras, que se aplicarem às paredes do império, pouco se importarão com administradores, para vos afogarem sob as suas marés. Virão depois os vossos historiadores, mais estúpidos ainda do que vós, e vos explicarão as causas do desastre. Chamarão sabedoria, cálculo e ciência aos meios de que o adversário lançou mão para obter êxito. Mas eu mesmo

sou de parecer que não se trata nem de sabedoria, nem de cálculo, nem de ciência da água, quando ela dissolve os diques e engole as cidades dos homens.

“Hei de esculpir o futuro tal como o criador, que extrai a obra do mármore a golpes de cinzel. E caem uma a uma as escamas que escondiam o rosto do deus. E os outros dirão: este mármore continha este deus. O que ele fez foi encontrá-lo. E seu gesto não passava de um meio. Mas digo que ele não calculava, ele forjava a pedra. O sorriso do rosto está muito longe de ser feito de suor, de faíscas, de golpes de cinzel e de mármore. O sorriso não é da pedra, mas sim do criador. Libertem o homem, e ele criará.”

Os meus generais, todos eles dotados de estupidez bastante, resolveram reunir-se:

“É preciso apurar - diziam eles uns para os outros - por que é que os nossos homens se dividem e se odeiam. Mandavam chamá-los. Ouviam uns e outros, procurando conciliar as teses e estabelecer a justiça: dar àquele o que lhe era devido e tirar ao outro aquilo que detinha indevidamente. Se o motivo do ódio era o ciúme, os generais procuravam determinar quem tinha razão e quem não tinha razão. Em breve deixaram de compreender fosse o que fosse, tanto os problemas se intrincavam uns nos outros, tanto o mesmo ato mostrava rostos diversos, nobre a tal luz, baixo a tal outra, cruel ao mesmo tempo e generoso. E aquelas reuniões entravam pela noite dentro. E, como não dormiam, a estupidez ia-lhes aumentando. Então, vieram a mim: “Só há uma solução para esta balbúrdia. É o dilúvio dos hebreus!”

Mas eu lembrava-me de meu pai: “Quando o bolor dá no trigo, procura-o fora do trigo, muda-o de celeiro. Quando os homens se odeiam, não queiras ouvir a exposição imbecil das razões que eles tem para se odiarem, porque eles tem ainda muitas mais, além das que mencionam, e nem sequer o sabem. E tem outras tantas para se amarem. E outras tantas para viverem na indiferença. E eu, que nunca me interessei pelas palavras, por saber que o que elas acarretam não passa de signo difícil de ler - da mesma maneira que as pedras do edifício não mostram nem a sombra nem o silêncio, da mesma maneira que os materiais da árvore não explicam a árvore -, para que me havia de interessar pelos materiais do seu ódio? Eles edificam-no como um templo, com as mesmas pedras que lhes teriam servido para edificar o amor.

De forma que me limitava a assistir a este ódio, que eles vestiam com as suas más razões, e não pensava curá-los através do exercício de uma justiça vã. Ela só teria servido para os endurecer nas suas razões, fazendo mais fundos os danos ou os benefícios, e o rancor daqueles aos quais eu não tivesse dado razão, e a arrogância daqueles aos quais eu teria assim cavado o abismo. Vinha-me à lembrança a sabedoria de meu pai.

Depois de conquistar novos territórios, tinha lá colocado generais para apoiarem os governadores, uma vez que esses territórios ainda estavam pouco seguros. Ora os viajantes, que circulavam dessas províncias novas para a capital, vinham e preveniam meu pai:

“Em tal província, o general insultou o governador. Já não se falam.”

Vinha ter com ele outro de outra província: “Senhor, o governador não pode ver o general.” De outro lugar, aparecia um terceiro:

“Senhor, imploram a tua arbitragem, para resolver um grave litígio. O governador e o general recorreram aos tribunais para resolverem uma controvérsia.”

E meu pai, a princípio, ainda ouvia exporem os motivos das desavenças. E esses motivos eram sempre evidentes. Determinada pessoa havia sofrido determinadas afrontas e decidira vingá-las. Eram tudo traições vergonhosas e litígios inconciliáveis. E raptos e ofensas. E sempre, como é lógico, devia haver um que tinha razão e outro que não tinha. Mas estas histórias cansavam meu pai.

“Tenho mais que fazer - disse ele para mim - do que estudar suas estúpidas querelas. Nascem de um extremo a outro do território, diferentes umas das outras e apesar disso semelhantes. Como é que eu consegui fazer o milagre de escolher governadores e generais que não se podem tolerar uns aos outros?”

“Quando os animais, que pões num estábulo morrem uns atrás dos outros, não te debruces sobre eles à procura da causa do mal. Debruça-te sobre o estábulo e queima-o”.

Mandou portanto chamar um mensageiro:

“Defini mal as prerrogativas de que gozam. Ignoram qual dos dois tem precedência sobre o outro nos banquetes. Vigiam-se com mau humor. Avançam os dois frente a frente até ao momento de se sentarem. Nessa altura, o mais grosseiro ou menos estúpido é que vence e ocupa o lugar. O outro passa então a odiá-lo. Jura a si próprio ser menos cretino da próxima vez e apressar o passo para se sentar primeiro. E, depois, é natural que roubem um ao outro as mulheres, pilhem os rebanhos ou se injuriem... Não passam de banalidades sem interesse, mas acreditam nelas e isso os faz sofrer. Mas eu não estou disposto sequer a ouvir o estardalhaço que fazem.

“Queres que se amem? Não lhes jogue o grão do poder para que o partilhem. Que cada um deles sirva o outro. E que o outro sirva o império. Nessa altura, hão de amar-se por se ajudarem mutuamente e por edificarem em conjunto”.

Castigou-os, pois, cruelmente pela inútil algazarra das suas discórdias : “O império - dizia-lhes ele - não tem nada a ver com os seus escândalos. Um general, é evidente, deve obedecer ao governador. Castigarei, portanto, um deles por não ter sabido mandar. E o outro por não ter sabido obedecer. E vos recomendo o silêncio”.

E, de um extremo a outro do território, os homens se foram reconciliando. Os camelos roubados foram restituídos. As esposas adúlteras foram devolvidas ou repudiadas. Repararam-se as ofensas. Aquele que obedecia descobria-se lisonjeado pelos louvores daquele que mandava nele. E abriam-se neles fontes de alegria. Ao enaltecer o subalterno, o superior dava afinal mostras de poder, e ficava contente. E empurrava-o para a , frente nos dias de banquete, para que se ele sentasse primeiro.

“Não é que eles fossem estúpidos - dizia meu pai. É que as palavras usadas na linguagem não carregam nada que seja digno de interesse. Aprenda a ouvir não o vento das palavras, nem os raciocínios que lhes permitem enganar-se. Aprenda a olhar para mais longe. Porque o ódio deles não era assim tão absurdo. Se cada pedra não se encontra no seu lugar, não há templo. E se cada pedra se encontra no seu lugar e serve o templo, então só conta o silêncio que delas nasce, e a oração que lá se forma. Alguma vez ouviu alguém falar das pedras?”

Por isso eu não queria saber dos problemas dos meus generais. Queriam que eu procurasse nos atos dos homens as causas das suas discórdias, que eu opusesse a minha justiça às suas desordens. Mas, no silêncio do meu amor, eu atravessava o acampamento e os via odiarem-se. E depois me retirava para dar parte a Deus da minha oração.

“Senhor, aí estão eles dividindo-se por já não construírem o império. O erro está em pensar que eles deixam de construir porque se acham divididos. Faz-me ver que torre lhes hei de mandar construir. Eles trocarão por essa torre as aspirações diversas. Sentir-se-ão satisfeitos por ela lhes exigir tudo e os solicitar por inteiro, em toda a sua grandeza. O meu manto é curto demais. Eu sou um mau pastor, que não sabe abrigá-los debaixo da asa. E eles se odeiam porque tem frio. O ódio não passa de insatisfação. Todo ódio tem um sentido profundo, que aliás o domina. As diversas ervas odeiam-se e comem-se umas às outras, mas não a árvore única, onde cada ramo cresce com a prosperidade dos outros. Empresta-me

uma tira do teu manto, para que eu possa abrigar os meus guerreiros e os meus trabalhadores e os meus sábios e os meus esposos e as minhas esposas e até as crianças que choram...”

XVI

Havia, depois, a virtude. Os meus generais, com aquela estupidez tão característica deles, vinham-me falar da virtude:

“Estás vendo? Os costumes estão se corrompendo. E é por isso mesmo que o império se decompõe. É preciso fazer leis mais rigorosas e inventar sanções mais cruéis. E cortar a cabeça daqueles que tiverem errado.”

Eu pensava:

“É possível que seja necessário cortar cabeças. Mas a virtude é mais uma conclusão do que outra coisa. A podridão dos meus homens é, antes do mais, podridão do império que funda os homens. Estivesse ele vivo e são, e exaltaria a nobreza dos homens.”

Vinham-me à cabeça as palavras de meu pai:

“A virtude é a perfeição no estado de homem e não a ausência de defeitos. Se eu quero construir uma cidade, pego os malandros e a ralé. O poder há de nobilitá-los. Ofereço-lhes uma embriaguez, diferente da embriaguez medíocre da rapina, da usura ou do estupro. Olha-os a construir com seus braços calejados. O orgulho deles vai se transformando em torres, templos e muralhas. A crueldade torna-se grandeza e rigor na disciplina. E ei-los servindo uma cidade nascida deles próprios. Trocaram-se por ela no fundo dos corações. E morrerão de pé, nas muralhas, para a salvarem. Só descobrirás neles virtudes resplandecentes.

“Mas tu, que te incomodas com o poder da terra, diante da grosseria, da podridão e dos vermes dos homens, comesças por pedir ao homem que não seja e que não tenha nem sequer cheiro. Reprovas a expressão da sua força. Instalas eunucos à frente do império. E eles começas a perseguir o vício, que não passa de poder mal empregado. É o poder e a vida que eles perseguem e, no entanto, tornam-se guardiões de museu e vigiam um império morto”.

“O cedro - dizia meu pai - alimenta-se da lama do solo, mas transforma-a em espessa folhagem, que por sua vez se alimenta de sol.

“O cedro - dizia-me ainda às vezes meu pai - é a perfeição do barro. É o barro feito virtude. Se quiseres salvar o império, cria-lhe fervor. Ele drenará os movimentos dos homens. E os mesmos atos, os mesmos movimentos, as mesmas aspirações, os mesmos esforços construirão a tua cidade em vez de a destruírem.

“E agora te digo:

“A tua cidade morrerá, por ser uma cidade acabada. Porque eles viviam não do que recebiam, mas sim do que davam. Para disputarem uns aos outros as provisões feitas, vão se tornar lobos nos seus covis. E se a tua crueldade os conseguir dominá-los, a essa altura irão substituir o gado no estábulo. Uma cidade não é coisa que se acabe. Eu só digo que a minha obra está acabada quando me falta o fervor. Eles morrem porque já se encontram mortos. A perfeição não é um fim que se atinja. É a transformação em Deus. E eu nunca acabei a minha cidade...”

Por isso eu tinha as minhas dúvidas : bastará mandar cortar cabeças? Evidentemente, se aquele lá se

corrompeu, é preciso eliminá-lo, para que não vá corromper os outros. Joga-se fora da cesta o fruto estragado, põe-se fora do estábulo o animal doente. Mais vale mudar de cesta ou de estábulo, porque estes afinal é que são os principais responsáveis.

Para que castigar quem pode converter-se? Por isso eu dirigia a Deus esta oração: “Emprestai-me um pedaço de vosso manto, para eu poder abrigar todos os homens, com as suas bagagens de grandes desejos. Temeroso de que arruínem a minha obra, estou cansado de estrangular aqueles que não consigo cobrir. Sei que eles ameaçam os outros, e ameaçam os discutíveis benefícios da minha verdade provisória, nem por isso ignoro que eles são nobres e portadores de verdades.”

XVII

Foi por isso que eu sempre desprezei como inútil o vento das palavras. E desconfio dos artifícios da linguagem. Quando os meus generais, com aquela estupidez tão própria deles, me vinham dizer: “O povo se revolta, vê se atua com habilidade...,” eu os mandava embora. Porque a habilidade não passa de uma palavra vã. Não há desvio possível na criação. Funda-se o que se faz e nada mais. Só aquele que se deixa enganar pelas palavras te julgará hábil se, ao perseguires um fim, pretendes tender para outro, diferente do primeiro. Porque o que tu fundas, afinal de contas, é aquilo para onde primeiro te encaminhas e nada mais.

Mesmo se te ocupas de uma coisa para lutar contra ela. Eu fundo o meu inimigo e faço-lhe a guerra. Forjo-o e enrijeço-o. E se, em nome da liberdade futura, pretendo reforçar a minha coação, é a coação que eu fundo. Não se brinca com a vida. Não se engana a árvore: fazemo-la crescer conforme a dirigimos. O resto não passa de vento de palavras. E, se eu pretendo sacrificar a minha geração pela felicidade das gerações futuras, são os homens que eu sacrifico. Não estes ou aqueles, mas todos. Encerro-os a todos simplesmente na infelicidade. O resto não passa de vento de palavras. E, se eu faço a guerra para obter a paz, fundo a guerra. A paz não é um estado que se atinja através da guerra. Se eu acredito na paz conquistada pelas armas e se me desarmo, morro. A paz só a posso estabelecer se fundar a paz. Isto é, se eu receber ou absorver, e se cada homem encontrar no meu império a expressão dos seus desejos. A imagem pode ser a mesma que cada um ama à sua maneira. Só uma linguagem insuficiente opõe os homens uns aos outros, porque o que eles desejam não varia. Nunca encontrei ninguém que desejasse a desordem, a baixeza ou a ruína. A imagem que os atormenta e que eles gostariam de fundar é parecida, de um extremo a outro do império; o que difere são os caminhos para atingi-la. Aquele crê que a liberdade permitirá ao homem desenvolver-se, o outro acha que a coação o fará grande, e tanto um quanto outro o que desejam é a sua grandeza. Aquele crê que a caridade os unirá, o outro despreza a bondade, que não passa de respeito pela úlcera e obriga o homem a construir uma torre, em que eles se fundam um no outro. E ambos trabalham pelo amor. Aquele é de opinião que a prosperidade domina todos os problemas, por que o homem liberto das cargas encontra tempo para cultivar o coração, a alma e a inteligência. O outro acha que a qualidade dos corações, das inteligências e das almas não se encontra ligada aos alimentos que lhes fornecem, nem às facilidades que lhes concedem, mas aos dons que deles solicitam. Só acha belos os templos nascidos das exigências de Deus e entregues como resgate. Mas ambos desejam embelezar a alma, a inteligência e o coração. E ambos tem razão, porque quem há que possa engrandecer-se na escravidão, na crueldade ou no embrutecimento de um trabalho pesado? Quem há que possa agigantar-se no meio da licenciosidade, do respeito pela podridão e pela obra inútil, que é passatempo de ociosos?

E pegam nas armas por causa de palavras ineficazes, em nome do amor. E aí temos a guerra, que é busca e luta e movimento incoerente na imperiosa direção. Acontecia o mesmo à árvore do meu poeta que, tendo nascido cega, bateu as paredes da prisão até cavar uma fresta e brotar direita a caminho do sol, finalmente retilínea e gloriosa.

Não é que eu imponha a paz. Se me limitar a submeter o inimigo, o que faço é fundá-lo a ele e ao seu rancor.

O que é importante é converter, e converter é receber. É oferecer uma roupa de encomenda a quem se

sentir à vontade dentro dela. E a mesma roupa para todos. Porque a contradição é afinal ausência de gênio. É por isso que repito a minha oração:

“Senhor, ilumina-me. Faz-me crescer em sabedoria, a fim de que eu consiga reconciliar, não pelo abandono, exigindo de uns e de outros o seu fervor. Mas através de um rosto novo, que lhes venha a parecer o mesmo. É o que se passa com o navio, Senhor. Aqueles que, sem compreender, puxam pelo cordame de bombordo, lutam contra os que puxam a boreste. Eles se odiariam, por ignorância. Mas, se são esclarecidos, colaboram, e tanto uns quanto os outros servem o vento”.

A paz é árvore que leva tempo para brotar. Temos, como acontece com o cedro, de aspirar ainda muito cascalho para lhe fundar a unidade...

Construir a paz é construir o estábulo bastante grande para que todo o rebanho ali possa dormir. É construir o palácio com umas dimensões tais, que todos os homens ali possam caber, sem ter de abandonar seja o que for das bagagens. Não se trata de os amputar para os colocar lá dentro. Construir a paz é conseguir que Deus empreste o seu manto de pastor para receber os homens em toda a planície dos seus desejos. É o que se verifica com a mãe que ama os filhos. Ama aquele lá, tímido e terno. Ama aquele outro ardente e vivo. Ama aquele outro talvez corcunda, fraco e desajeitado. E todos eles, na diversidade do seu amor, servem a sua glória.

Mas a paz é árvore que leva tempo a construir. É preciso mais luz do que aquela de que eu disponho. E, mesmo assim, nada é ainda evidente. E eu escolho e rejeito. Seria fácil demais fazer a paz, se eles já fossem semelhantes.

Foi assim que fracassou a habilidade dos meus generais, tão estúpidos que ainda quiseram surpreender-me com raciocínios. Eu me lembrava das palavras de meu pai: “A arte do raciocínio, que permite ao homem enganar-se...”

“Se os nossos homens abandonam as cargas do império, é por se amolecerem. O que temos a fazer é armar-lhes emboscadas, para os enrijecer. O império então será salvo.”

Assim falavam os professores, que vão de conclusão em conclusão. Mas a vida é. Como é a árvore. E o caule não é o meio que o germe encontrou para se tornar ramo. Caule, germe e ramo não passam de fases de um mesmo desenvolvimento.

Eu, portanto, corrigia-os: “Se nossos homens amolecem, é porque morreu neles o império que lhes alimentava a vitalidade. É o que acontece com o cedro, depois de ter consumido o dom de viver. Deixa de mudar o cascalho em cedro. E começa a dispersar-se no deserto. O que é preciso, para os animar, é convertê-los...” Mas, na minha indulgência, vendo que os generais não me podiam compreender, eu os deixava jogar seus jogos. Enviaram homens e mais homens, que morreram junto a um poço que ninguém cobiçava porque estava seco. Mas, por acaso, o inimigo encontrava-se lá acampado.

E realmente é bela a fuzilaria em volta do poço, é bela a dança em volta da flor. Aquele que obtém o poço desposa a terra e volta a encontrar o gosto das vitórias. E o inimigo faz meia volta com um grande movimento de corvo, quando a tua marcha o obrigou a levantar-se. E ele debanda para acampar lá onde não tem por que temer-te. Então a areia que bebeu esses homens nas tuas costas carrega-se de pólvora. Jogas a vida e a morte com a tua virilidade. Danças em volta de um centro, e te afastas e te aproximas de algo.

Se lá só existe um poço seco, o jogo não é o mesmo. Sabes perfeitamente que este poço é tão inútil e vazio de sentido como os dados do jogo, quando deixas de jogar neles a tua fortuna. Os meus generais,

só por terem visto os homens jogarem os dados e assassinarem-se por causa de uma fraude, acreditaram nos dados. E jogaram com o poço como com um dado vazio. Mas ninguém assassina por uma fraude cometida sobre um dado nulo.

Amor foi coisa que os meus generais nunca compreenderam muito bem.

A aurora, que faz o namorado acordar, torna-lhe possível o amor - e os meus generais vêem assim a aurora exaltar o namorado. A aurora, que faz acordar o guerreiro, põe à sua disposição a iminente vitória, essa vitória que já se apodera dele e lhe arranca um sorriso - e os meus generais reparam que a aurora exalta o guerreiro. Por isso atribuem todo o poder à aurora e não ao amor.

Mas eu garanto que não se pode fazer seja o que for sem o amor. Porque o dado que não está carregado de um sentido desejável só serve para te entediar. E a aurora te aborrece se só te volta a integrar na miséria. E a morte pelo poço inútil te aborrece.

É certo que, quanto mais rude é o trabalho em que te consumes em nome do amor, mais ele te exalta. Quanto mais te dá, mais cresces. Mas é preciso alguém que receba. E não se trata de doar em lugar de perder.

Meus generais, tendo visto a doação com alegria, haviam simplesmente deduzido que bastava qualquer um para receber. E eles não viam que, para exaltar o homem, não basta despojá-lo.

Aquele ferido, que eu surpreendi cheio de amargura, disse-me:

“Vou morrer, Senhor. Dei o meu sangue e não recebi nada em troca. O inimigo, que eu estendi com uma bala no ventre, antes que um outro o vingasse, bem que o observei quando ele morria. Deu-me a impressão de que se realizava na morte, entregue todo ele às suas crenças. E sua morte foi redentora. Quanto a mim, por ter respeitado uma ordem do meu cabo e não de qualquer outro - nesse caso, ao menos, alguém teria lucrado -, morro com dignidade, mas entediado.” Quanto aos outros, tinham fugido.

XVIII

E Foi por isso que certa noite, do alto do rochedo negro a que tinha subido, eu olhava para as manchas negras do meu acampamento aberto na planície, sempre com a sua forma de figura triangular, ornado de sentinelas nos três ângulos, sempre dotado de espingardas e de pólvora e, no entanto, prestes a ser tornado e dispersado e derramado como a árvore morta. E perdoei aos homens.

É que compreendi. A lagarta morre quando forma a crisálida. A planta morre quando dá o grão. Quem quer que esteja na muda conhece a tristeza e a angústia. Tudo nele se torna inútil. Quem quer que esteja na muda não passa de cemitério e mágoas. E essa multidão esperava a muda antes de ter gasto o velho império que ninguém seria capaz de rejuvenescer. Não se cura nem a lagarta, nem a planta, nem a criança que muda. A criança, para se sentir feliz, reclama que a façam voltar à infância, e que restituam as cores aos jogos que a entediam e tragam de volta a doçura aos braços maternos e o gosto ao leite, mas já não há cor nas brincadeiras, nem refúgio nos braços maternos, nem gosto no leite, e ela vai embora cheia de tristeza. Depois de terem gasto o velho império, os homens, sem o saberem, reclamavam o império novo. A criança que mudou e perdeu o uso da mãe não descansará enquanto não tiver encontrado a mulher. Só ela a integrará de novo. Mas quem é que pode mostrar o império aos homens? Tamanha confusão reina no mundo, que é difícil seja a quem for talhar um rosto novo só em virtude do seu gênio e forçá-lo a voltar os olhos na sua direção e conhecê-lo. E além de o conhecer, amá-lo. Não é obra de lógico, mas sim de criador e de escultor. Só quem não tem de se justificar sabe imprimir no mármore o poder de despertar o amor.

XIX

Portanto, mandei vir os arquitetos e lhes disse:

“É de vocês que depende a cidade futura. Não o significado espiritual, mas sim o rosto que ela há de exibir e há de constituir a sua expressão. Estou plenamente de acordo convosco: trata-se de que os homens fiquem bem instalados. Eles que disponham das comodidades da cidade em vez de desperdiçarem os esforços em complicações inúteis e em despesas estéreis. Mas eu sempre aprendi a distinguir o importante do urgente. Porque é realmente urgente que o homem coma, já que, se não se alimenta, deixa de haver homem e acaba o problema. Mas o amor e o sentido da vida e o gosto de Deus são mais importantes. E eu não quero saber de uma espécie que engorde. A questão que eu me coloco não é saber se o homem será ou não feliz e estará ou não bem alojado e próspero. Eu me pergunto em primeiro lugar que homem se verá próspero, alojado e feliz. Aos meus lojistas ricos, que a segurança incha, eu prefiro o nômade que eternamente se desvanece e persegue o vento: cada dia se torna mais belo por servir um senhor tão vasto. Se, obrigado a escolher, eu soubesse que Deus recusa ao primeiro a sua grandeza e só ao segundo a concede, eu faria o meu povo desaparecer no deserto. Gosto que o homem dê a sua luz. Pouco me importa a vela gordurosa. Só pela chama meço a sua qualidade.

“Nunca me dei conta de que o príncipe fosse inferior ao carregador, nem o general ao sargento, nem o mestre de obras ao servente, embora mais liberais no uso dos bens. Nem achei os que constroem parapeitos de bronze inferiores aos que alinham paredões de barro. Longe de mim negar a escada das conquistas, que consente ao homem subir mais alto. Mas nem por isso hei de confundir o meio e o fim, a escada e o templo. É importante que a escada garanta acesso ao templo, senão o templo ficará deserto. Mas só o templo é importante. É importante que o homem subsista e encontre à mão o meios de crescer. Mas trata-se apenas da escada que leva ao homem. A alma que eu lhe construir será basílica, porque só ela é importante.

“Não é por favoreceres o cotidiano que vos condeno, mas sim por o tornares como fim. São, é certo, importantes as cozinhas do palácio, mas afinal de contas só o palácio, que as cozinhas devem servir, importa.

E eu vos mando chamar e vos peço:

“Mostrem-me a parte importante do vosso trabalho”. - E ficais mudos na minha frente.

E dizeis: “Nós respondemos às necessidades dos homens. Arranjamos-lhes alojamentos.” Sim. Como se satisfazem as necessidades do gado que fazemos deitar sobre a palha, no estábulo. E o homem, sem sombra de dúvida, tem necessidade de paredes para sob elas se abrigar e vir a ser como a semente. Mas também tem necessidade da grande Via Láctea e da planície do mar, ainda que no momento nem as constelações nem o oceano lhe sirvam para nada. Que quer dizer servir? Conheço gente que subiu pouco a pouco, penosamente, montanha acima, esfolando os joelhos e a palma das mãos, esgotando as energias, para chegar antes da aurora ao cume e matar a sede na amplidão da planície ainda azul, como quem procura a água de um lago para beber. Ao chegarem lá, sentam-se e ficam a olhar e respiram. E o coração lhes bate alegremente, e encontram nisso um grande remédio para suas mágoas.

“Conheço gente que vai em direção ao no passo lento das caravanas e que tem necessidade do mar. Ao chegarem ao promontório, vêem-se senhores dessa planície cheia de silencio e de densidade, que furta

aos seus olhares as provisões de algas e de corais, e respiram a acidez do sal e ali ficam eles, maravilhados diante de um espetáculo que no momento não lhes serve de nada, porque uma pessoa não pode se apoderar do mar. Mas ficam com os corações lavados da escravidão das coisas mesquinhas. Talvez observassem desanimados, como que através das grades de uma prisão, a cafeteira, os utensílios domésticos, as queixas das mulheres, a carga quotidiana, que pode ser um rosto lido através do sentido das coisas, mas, também pode por vezes converter-se em túmulo, e engrossar e aprisionar.

Abastecem-se então de planície e voltam para casa com a felicidade lá encontrada. E a casa se transforma, por existir lá longe a planície do nascer-do-sol e o mar. Porque tudo dá para alguma coisa mais ampla do que a gente. Tudo se torna caminho, estrada e janela que dá para algo diferente de nós.

“Não pretendeis então que as vossas paredes usuais lhes bastem. Se o homem nunca tivesse visto as estrelas e estivesse na vossa mão construir-lhe uma Via Láctea, de gigantescas vigas à custa de despenderdes uma fortuna, seria um desperdício?

Por isso vos digo: “Se construíis um templo inútil, por não servir nem para a cozinha, nem para o repouso, nem para a assembléia dos notáveis, mas simplesmente para o aumento do coração do homem e para a calma dos sentidos e para o tempo que amadurece, se construíis um templo igualzinho a um celeiro do coração, onde uma pessoa se instala para boiar algumas horas na paz equilibrada e na calma das paixões e da justiça incapaz de deserdar, se construíis um templo onde a dor provocada pelas úlceras se torna cântico e oferenda, onde a ameaça de morte se torna porto entrevisto nas águas finalmente calmas... achais que é desperdício de esforços construir este templo?

“Trabalharias por acaso em vão se conseguisses receber de tempos em tempos aqueles que esfolam as mãos manobrando as velas em dias de tempestade? E que trabalham noite e dia, e não passam de carne viva duramente fustigada pelo sol, nas águas calmas e luminosas de um porto, lá onde já não há movimento, nem hora, nem esforço, nem aspereza do combate. Mas silencio das águas, que mal acompanha a chegada, quando a grande nau corre sobre a sua rota? Que doce lhes parece esta água de cisterna, depois de todas essas crinas do mar, de todas essas cabeleiras que correm sobre o peitoril das vagas!

“E aí tens o que podes oferecer ao homem e que só do teu gênio depende. Basta alinhar as pedras para construíres o gosto da água do porto e do silencio e das esperanças maravilhosas !

“Teu templo então os solicita e eles vão se exercitar no silencio. E, uma vez lá, descobrem a si próprios. De outra forma, só haveria as lojas a solicitá-los. Nenhuma parcela do que eles são se veria estimulada, a não ser a do comprador em face dos mercadores. Não se manifestaria a grandeza que há neles. Ficariam sem conhecer a sua planície.

“Dizem-me, e é certo, que esses lojistas barrigudos estão fartos e não pedem mais nada. Mas que fácil é contentar aquele que já não tem espaço no coração!

“Anda realmente em voga uma linguagem estúpida, que dá por inúteis os vossos trabalhos. Mas o comportamento dos homens desmente com toda a segurança tais raciocínios. Vejam os homens de todas as regiões do mundo correrem à procura desses milagres de pedra que vocês já não fabricam. Esses celeiros para a alma e para o coração. Onde é que vistes o homem sentir necessidade de dar a volta ao mundo para visitar armazéns de mercadorias? O homem consome, é verdade, mercadorias, mas, se recorre a elas, é para subsistir. Muito enganado a respeito de si próprio anda ele, se julga que as deseja em primeiro lugar. As viagens que faz tem outros fins. Tu tens visto os homens deslocarem-se. Reparaste nos seus objetivos? Às vezes, sem sombra de dúvida, uma baía bem-aventurada ou uma

montanha vestida de neve ou esse vulcão que cresce à custa do seu excremento, mas antes de tudo esses navios submersos, os únicos que levam a alguma parte.

“Circundam-nos e os visitam, desejosos, sem saber, de embarcar neles. Porque não levam a parte nenhuma. Estes templos já não recebem multidões e já não as levam e já não as transformam, como se fossem crisálidas, em raças mais nobres. Nenhum destes emigrantes tem hoje navio, nem pode mais sofrer metamorfoses. Já não sentem coragem para fazerem esta travessia a bordo de navios de pedra e converter-se de almas pobres e débeis em almas ricas e generosas. É por isso que todos estes visitantes rondam em volta do templo sepultado. Visitam e procuram e andam sobre as grandes lajes brilhantes, que o uso dos passos tornou lustrosas. Ouvem apenas ecoar as suas vozes no silêncio monumental, perdidos na floresta dos pilares de granito. Julgavam instruir-se como meros historiadores. Mas, ao ouvirem seu coração bater, seria bom que compreendessem que, de pilar em pilar, de sala em sala, de nave em nave, o que eles procuram é o comandante. Permanecem todos com o coração a disparar, sem o conhecerem, na esperança de uma ajuda que não chega, desejosos de uma metamorfose que faz não vem, concentrados como estão em si próprios. Só há templos mortos, meio enterrados na areia, só navios encalhados, cuja provisão de silêncio e de sombra se acha mal protegida, rachados por todos os lados, com essas grandes vigas de céu azul que se mostram através das abóbadas desmoronadas ou essa crepitação da areia através das brechas das paredes. E eles tem fome de uma fome que não será saciada...

“Assim, eu vos garanto, é que haveis de construir, porque tão boa é para o homem a floresta profunda como a Via Láctea, ou a planície azul dominada do alto das montanhas. Mas o que é a planície da Via Láctea e do mar ao lado daquela que a noite oferece ao coração das pedras, quando o arquiteto as soube encher de silêncio? E vós arquitetos, só tereis a ganhar se perderes o gosto do usual. Só a verdadeira obra a realizar vos há de revelar, porque puxará por vós. Em vez de vos servir, vos obrigará a servi-la. E vos arrancará a vós próprios. Como haviam de nascer grandes arquitetos, se só tivessem de fazer obras sem grandeza?

“Só vos tornareis grandes se as pedras que pretendeis carregar de poder, em vez de objetos de uso comum e visível, exemplares para concurso ou instrumentos de comodidade, forem pedestais e escadarias e navios que levem a Deus”.

Os meus generais, em sua sólida estupidez, coitados, cansavam-me com as suas demonstrações. Discorriam sobre o futuro como se estivessem reunidos num congresso. Haviam lhes ensinado mais história do que outra coisa e conheciam uma por uma todas as datas das minhas conquistas e das minhas derrotas e dos nascimentos e das mortes. Parecia lhes assim evidente que os acontecimentos se deduzem uns dos outros.

Reduziam a história do homem a uma longa cadeia de causas e efeitos, iniciada na primeira linha do livro de história e continuada até o capítulo onde se anotava, para as gerações futuras, que a criação tinha felizmente ido dar nessa constelação de generais. Levados pelo entusiasmo, iam de conclusão em conclusão, demonstrando o futuro. Ou então vinham a mim, carregados com as suas pesadas demonstrações : “É assim que deves agir pela felicidade dos homens, ou pela paz, ou pela prosperidade do império. Nós somos sábios - diziam eles -, nós estudamos a história...”

Mas eu sabia que a ciência só abrange aquilo que se repete. Aquele que planta uma semente de cedro prevê a ascensão da árvore, da mesma maneira que aquele que larga uma pedra prevê a sua queda. O cedro repete o cedro e a queda da pedra repete a queda da pedra, ainda que nem essa pedra que ele vai soltar nem essa semente que enterra tenham servido antes. Mas alguém terá a felicidade de prever o destino do cedro que, de semente em árvore e de árvore em semente, de crisálida em crisálida, se transfigura? Trata-se de uma gênese de que eu ainda não conheci exemplo algum. E o cedro é espécie nova que se elabora sem nada repetir que eu conheça. E ignoro onde é que ela vai. Assim como ignoro aonde vão os homens.

É certo que os meus generais, quando procuram e descobrem uma causa para o efeito que observam, utilizam as regras da lógica. Todo efeito - dizem-me eles - tem uma causa, e toda a causa um efeito. E, de causa para efeito, vão dar direto no erro. Uma coisa é recuar dos efeitos às causas, outra coisa é descer das causas aos efeitos. Até mesmo eu li tarde demais a história do meu inimigo na areia virgem e espalhada como talco. Eu bem sabia que um passo é sempre precedido por outro passo que o autoriza. A cadeia vai de elo em elo e nunca pode faltar elo algum. Quando não se levanta o vento sempre pronto a atormentar a areia e a apagar, ao mais leve sopro, a página escrita como quem limpa a pedra de um aluno da escola, eu posso ir de pegada em pegada até à origem das coisas, ou perseguir a caravana até a surpreender em alguma planície onde ela decidiu repousar. Mas, através dessa leitura, não recebi ensinamento que me permitisse precede-la na marcha. Porque a verdade que a domina é de essência diferente da areia de que disponho. As pegadas não passam de um reflexo estéril, e o seu conhecimento não me instruirá nem sobre a raiva, nem sobre o terror, nem sobre o amor, que é o que governa os homens.

“Apesar disso, a demonstração continua a ser possível – irão argumentar os generais instalados na sua estupidez. Desde que eu conheça a raiva, o amor ou o terror que os domina, poderei prever os seus movimentos. O futuro acha-se, portanto, contido no presente...”

Responderei que é sempre impossível prever a caravana um passo além dos que ela já deu. Esse passo novo repetirá, sem dúvida, o outro quanto à direção e quanto ao tamanho. Trata-se de ciência do que se repete. Mas nada a impede de sair, quando menos se espere, do caminho que a minha lógica traçou.

Basta-lhe mudar de desejo...

Vi que eles não me compreendiam e comecei a descrever-lhes o que tinha sido o grande êxodo.

Era para os lados das minas de sal. Os homens evitavam a todo o custo viver entre os minerais, porque tudo ali era contrário à vida. O sol oprimia e queimava. E, das entranhas do terreno, em vez de brotar água pura, saíam barras de sal, que teriam matado a água se os poços não houvessem secado. Apanhados entre os astros e o sal-gema, os homens vindos de longe com os odres cheios lançavam-se ao trabalho e arrancavam com a enxadada esses cristais transparentes, que representam a vida e a morte. Depois, iam-se embora, ligados como que por um cordão umbilical às terras felizes e às águas férteis.

O solo, naqueles lugares, era áspero, duro e branco como a fome. Aqui e ali, de um lado e do outro das minas de sal, via-se os rochedos cortando a areia com seus alicerces de ébano e receber, indiferentes, nas cristas a mordida dos ventos. E quem houvesse acompanhado as tradições seculares deste deserto, as teria previsto duráveis e fixas pelos séculos. A montanha iria se desgastando, mas lentamente, como que polida pelo dente de uma lima muito fraca, os homens extrairiam sem cessar o sal, as caravanas continuariam a trazer água e os víveres e a revezar esses miseráveis...

Mas certa madrugada os homens voltaram-se de súbito para o lado da montanha. E viram aquilo que até então não haviam visto.

O azar dos ventos que há séculos mordiam o rochedo acabara por esculpir um rosto gigante e colérico. O deserto, as salinas subterrâneas, as tribos erguidas sobre uma base ainda mais desumana do que a camada de sal cristalizado que agüenta a água salgada dos oceanos, tinham a dominá-los um rosto negro, furioso, de boca aberta para maldizer, esculpido na rocha sob a imensidade de um céu muito puro. E os primeiros homens que o viram, cheios de espanto, começaram a fugir. A notícia propagou-se até o fundo dos poços e, quando os operários emergiam da mina, voltavam-se primeiro para a montanha e depois, assustados, corriam para a tenda, embrulhavam os pertences que conseguiam, injuriavam a mulher, o filho e a escrava e começavam a andar na direção do norte, com sua fortuna que um sol inexorável não poupava por muito tempo. A água começava a faltar e todos acabavam por morrer. Que era feito das profecias dos lógicos, que viam a montanha gastar-se e perpetuarem-se os homens? Mas eles não podiam ter previsto o que ainda havia de nascer.

Quando regresso ao passado, divido o templo em pedras. E a operação é previsível e simples. O mesmo acontece se decompõem em ossos e vísceras o corpo desmantelado e em entulho o templo, ou em cabras, carneiros, moradias e montanhas o domínio... Mas, se me volto para o futuro, verei nascer e virem se juntar aos materiais, seres novos e imprevisíveis em razão da sua diferente essência. Eu chamo a esses seres unos e simples, porque, se os dividem, logo morrem e desaparecem. Porque o silêncio é algo que vem se juntar às pedras mas morre logo que as separam umas das outras. O rosto vem acrescentar ao mármore ou aos elementos do rosto, mas morre se o quebram ou se os distinguem uns dos outros. Porque o domínio é algo mais do que as cabras, as moradias, os carneiros e as montanhas...

Embora incapaz de prever, serei capaz de fundar. Porque o futuro constrói-se. Se reúno num rosto único a desarmonia da minha época, se tenho mãos divinas de escultor, o meu desejo se tornará realidade. Me enganarei, porém, se disser que soube prever. O que eu fiz foi criar. No meio da desordem que me cerca, terei mostrado um rosto, tê-lo-ei imposto e ele governará os homens. Como o domínio, que por vezes lhes exige até o sangue.

Vim assim a descobrir uma nova verdade: que é vão e ilusório nos ocuparmos do futuro. Que a única operação válida é exprimir o mundo presente. E que exprimir é construir, com a desordem atual, o rosto

uno que a domina, é criar o silencio a partir das pedras.

Qualquer outra pretensão não passa de vento de palavras...

Claro que todos nós sabemos como são enganadores os raciocínios. Nem os argumentos mais hábeis, nem as demonstrações mais convincentes conseguiam convencer aqueles que eu tinha em vista. “Sim - concordavam - tu tens razão. E, no entanto, eu não penso como tu...”. Dizem que eles eram estúpidos. Mas eu compreendi que, não só não eram estúpidos, como eram até mais espertos. Respeitavam uma verdade que as palavras não carregavam.

Porque os outros imaginam que o mundo se conserva nas palavras e que a palavra do homem exprime o universo e as estrelas e a felicidade e o pôr-do-sol e o domínio e o amor e a arquitetura e a dor e o silêncio...

Mas eu conheci o homem que tinha por missão desmontar, apenas com uma pá, a montanha a sua frente. Penso, é verdade, que os geômetras que projetaram as muralhas têm nas mãos a verdade das muralhas. E que saberão construí-las segundo os seus projetos. Mas haverá algum geômetra capaz de compreender toda a importância das muralhas? Em que parte de seus projetos consegues ler que as muralhas constituem um dique? Sob esse aspecto, elas assemelham-se à casca do cedro, no interior da qual se edifica a cidade viva. As muralhas constituem casca para o fervor e permitem a transformação das gerações em Deus, na eternidade da fortaleza. Eles vêem nela pedra, cimento e geometria. Mas são também as vigas mestras da quilha de um navio e abrigo para os destinos particulares. E eu acredito em primeiro lugar nos destinos particulares. De maneira alguma mesquinhos, apenas por serem limitados. Porque esta flor única é a janela aberta sobre o conhecimento da primavera. É a primavera feita flor. Não significaria nada para mim uma primavera que não tivesse formado flores.

Realmente, pode não ser importante o amor daquela esposa que espera pelo regresso do marido. A mão que se agita antes da partida também não é sinal de algo importante. Não será tão importante assim a luz que brilha no interior da muralha e faz lembrar a lanterna de um navio; no entanto, sinto-me incapaz de medir o peso dessa vida que desabrocha.

As muralhas são como que a casca da cidade e a tornam semelhante à larva contida na semente. E a janela faz lembrar a flor da árvore. E, por trás dela, talvez haja uma criança pálida, tornando seu leite. Brinca, balbucia, não sabe as orações, mas será amanhã conquistador e fundará cidades novas, que guarnecerá de muralhas. E aí temos a semente da árvore. Mais importante, menos importante, que sei eu? E essa questão, para mim, não tem sentido - como já disse, não é bom dividir a árvore para a conhecer.

Algum geômetra saberá destas coisas? Eles julgam compreender as muralhas porque as constroem. Julgam que a sua geometria contém por completo as muralhas, porque lhes basta ordenar ao cimento e à pedra para que a cidade se fortifique. Mas há uma coisa que os ultrapassa. Se desejasse mostrar o que são na verdade as muralhas, eu vos reuniria à minha volta. Iam aprender assim a descobri-las sem jamais esgotar o trabalho, porque não há palavra que lhes apreenda a essência. E eu limito-me a fornecer sinais delas, como por exemplo a geometria, e até esses braços do marido em torno da esposa grávida, cheia de um mundo, protegida por ele.

Como aquele que vem, com as suas pobres palavras, demonstrar a outro que não tem motivo para estar triste. Vês porventura o outro se transformar em alguma coisa? Ou que não tem motivo para ser

ciumento ou para amar? Vês por acaso o outro ficar curado do amor? As palavras procuram desposar a natureza e levá-la com elas. Assim, quando eu digo “a montanha”, trago a montanha carregadinha de hienas, de chacais, de planícies plenas de silêncio e sua subida rumo às estrelas até os cumes castigados pelos ventos, e levo-a comigo. Mas não passa de uma palavra, que é preciso encher. E, se disser muralha, também preciso encher a palavra. E contribuem com algo para enchê-la tanto os geômetras, como os conquistadores, ou a criança pálida, ou a mãe que, graças a eles, pode dedicar-se a soprar a brasa, para esquentar o leite da tardinha, sem que a carnificina a venha distrair. E, se me é possível raciocinar sobre a geometria das muralhas, como raciocinaria sobre as próprias muralhas, que a minha linguagem não consegue conter? Porque aquilo que é verdade a respeito de um sinal é falso a respeito de outro.

Às vezes, para me mostrarem a cidade, levavam-me ao alto de um monte e me diziam: “Olha a nossa cidade! E eu admirava a orientação das ruas e o desenho das muralhas. “Lá está - observava eu - o cortiço onde dormem as abelhas. Ao nascer do dia, espalham-se pela planície, onde sugam as provisões. Os homens cultivam e recolhem. E procissões de burrinhos levam para os celeiros e para os mercados e para os abrigos o fruto do trabalho do dia... A cidade espalha os homens ao alvorecer e depois recupera-os carregados de fardos e de provisões para o inverno. O homem é aquele que produz e que consome. “Por isso, lhe prestarei um favor se estudar antes de tudo seus problemas e administrar o formigueiro”.

Mas outros, para me mostrarem a cidade, faziam-me atravessar o rio e admirá-la da outra margem. Entretinha-me então a descobrir de perfil, envoltas no esplendor do crepúsculo, as casas onde eles moravam, umas mais altas, outras mais baixas, umas menores, outras maiores, e as flechas dos minaretes, semelhantes a mastros presos na fumaça das nuvens cor de púrpura. Faziam-me lembrar uma frota alinhada para partir. E a verdade da cidade estava muito longe de ser ordem estável e verdade de geômetra. Era assalto da terra pelo homem vindo no grande vento de seu trajeto. Aí temos - dizia eu - o orgulho da conquista em marcha. À frente das minhas cidades hei de colocar capitães, porque é na criação e no gosto forte da aventura e na vitória que o homem vai buscar as maiores alegrias. Não é que fosse mais verdade ou menos verdade; era, simplesmente, diferente.

Mas também havia os que, para me fazer admirar sua cidade, me arrastavam com eles ao interior das muralhas. Levavam-me, em primeiro lugar, ao templo. E eu entrava, conquistado pelo silêncio e pela sombra e pelo frescor. Punha-me a meditar. E a minha meditação me parecia mais importante do que a alimentação ou a conquista. Porque eu me tinha alimentado para viver, tinha vivido para conquistar, e tinha conquistado para regressar e meditar e sentir o coração mais vasto no meio do repouso do meu silêncio. “Aí está - dizia eu - a verdade do homem. Ele só existe para a sua alma. À frente da minha cidade, colocarei poetas e padres. E eles farão desabrochar o coração dos homens.” E não era nem mais verdade nem menos verdade. Era, simplesmente, diferente.

E agora, graças à minha sabedoria, se emprego a palavra “cidade”, não me sirvo dela para raciocinar, mas simplesmente para especificar tudo aquilo de que ela me enche o coração. Ensinarão-me isso a experiência e a solidão que senti ao longo das suas ruelas e o repartir do pão nas suas moradas e a sua glória de perfil na planície e sua ordem admirada do alto das montanhas. E muitas outras coisas que eu não sei dizer ou que não penso neste momento. Como vou usar a palavra para raciocinar, se o que é verdadeiro a respeito de um sinal é falso a propósito de outro?

O que se me afigurou mais imperioso foi toda aquela herança que os homens transmitem uns aos outros de geração em geração. Autênticos celeiros de imagens costumo eu descobrir àquela hora em que, envolto no silêncio do amor, vou lentamente pela cidade: Esta aqui fala ao namorado e lhe sorri com ternura e receio, aquela lá aguarda a volta do guerreiro, aquela mais ao longe repreende a criada. Há quem pregue a resignação e a justiça, quem, invadido pelo desejo de vingança, se encarregue da defesa do fraco e leve a multidão a dividir-se, quem esculpa a sua peça de marfim e volte a esculpir e paulatinamente se vá aproximando de uma perfeição que existe nele. Minha cidade, a essa hora, começa a adormecer e faz esse ruído que vem a pouco e pouco morrendo, comparável a um címbalo recentemente tocado que ainda ressoa e logo se desvanece, como se o sol a houvesse agitado, como agita um enxame de abelhas antes que a noite desça e as faça sentir as asas cansadas e lhes retire o perfume das flores e dissimule as trilhas que antes as guiavam ao longo do leito dos ventos. Vão-se extinguindo uma por uma as luzes e todos os fogos adormecem cobertos pela cinza; nenhum deles deixou lá fora o seu bem: nem a seara que cresce no fundo das granjas, nem as crianças que brincavam na soleira da porta, nem o cão, nem o burro, nem o banquinho do velho. Minha cidade, enfim, repousa, semelhante ao fogo coberto pela cinza. Todos os pensamentos, todas as orações, todos os projetos, todos os entusiasmos, todos os movimentos do coração envolventes ou repulsivos, todos os problemas momentaneamente insolúveis, todos os ódios inoperantes antes do nascer do dia, todas as ambições por coroar até a madrugada vir, todas as orações do homem para Deus reservadas, inúteis como escadas no armazém, todo esse mundo aguarda como que morto mas não extinto. Todo esse gigantesco patrimônio não serve para nada no momento; e apesar disso, em vez de perdido, está reservado e adiado. Logo que o sol agitar o enxame e fizer dele uma herança, todos retornarão novamente seu problema, sua alegria, seu cuidado, sua ambição. Minha colônia de abelhas voltará para os abrigos e para os lírios. E a essa altura eu me: que é feito desses celeiros de imagens?

E me parece fora de dúvida que, se eu dispusesse de uma humanidade ainda inanimada e quisesse educá-la e instruí-la e enche-la dos mesmos mil movimentos diversos, a ponte da linguagem não bastaria.

É certo que nos comunicamos uns com os outros, mas as palavras de nossos livros não contém o objeto. E se eu pegar um grupo de crianças e as misturar e indicar a cada uma delas uma direção arbitrária, perderei uma parte da herança. O mesmo aconteceria com meu exército, se não se estabelecesse de homem para homem a continuidade do contacto que faz deste exército uma dinastia sem interrupções. É verdade que estarão sujeitos à autoridade dos capitães. Mas as palavras de que dispõem os cabos ou os capitães não passam de reservatórios infinitamente insuficientes para transmitirem de uns para outros uma instrução que não se pode descrever nem exprimir por fórmulas. Nem a palavra nem o livro podem oferecê-la. Porque se trata de atitudes interiores e de pontos de vista particulares e de resistências e de entusiasmos e de sistemas de ligação entre os pensamentos e entre as coisas... Se eu pretender explicar ou expor, os desmonto em partes, não fica nada deles. Assim acontece com o domínio, que solicita o amor. Para dizer alguma coisa dela, preciso falar das cabras, dos carneiros, das casas e das montanhas. O tesouro interior transmite-se, porém, não pela palavra, mas sim pela filiação do amor. E, de amor em amor, vão legando uns aos outros esta herança. Basta romper o contacto, uma só vez que seja de geração para geração, e esse amor morrerá. Basta romper uma vez o contacto entre os veteranos e os recrutas de

um exército, para esse exército não passar de fachada de uma casa vazia e se desfazer sob o primeiro golpe. Experimentem romper o contacto entre o moleiro e o filho e assistirão à perda do que há de melhor no moinho; lá se vão por água abaixo a moral, o fervor e os mil apertos de mão difíceis de exprimir e as mil atitudes difíceis de justificar pela lógica, mas apesar disso presentes (há mais inteligência nas coisas tal como elas são do que nas palavras). Peçam agora que reconstruam o mundo mediante a simples leitura do livrinho, que não passa de imagens e de reflexos ineficazes e vazios da soma das experiências! Seria transformar o homem num animal primitivo e esquecer que a humanidade evolui de maneira semelhante à árvore que cresce e vai de homem para homem do mesmo modo que o poder da árvore permanece através dos nós e dos galhos retorcidos e da divisão dos ramos. Quando, do alto de um monte, me debruço sobre a minha cidade, tenho a meus pés um corpo enorme e chego mesmo a não saber da morte: caem folhas aqui e lá, nascem rebentos aqui e ali, e apesar disso permanece indiferente o tronco sólido. Nenhum desses males particulares lesa seja o que for do essencial. Olha como o templo continua a erguer-se, como continua a despejar-se e a encher-se o celeiro, a embelezar-se o poema e a lustrar-se o peitoril curvo da fonte. Se ousares, porém, separar as gerações, é como se quisesses recomençar o próprio homem no meio da sua vida; como se lhe apagasses tudo O que ele sabia, sentia, compreendia, desejava, temia, como se substituísse essa soma de conhecimentos feitos carne, pelas pobres fórmulas extraídas de um livro e suprimisses toda a seiva que subia através do tronco para só transmitir aos homens o que é suscetível de se codificar. E, como a palavra falseia para apreender e simplifica para ensinar e mata para compreender, eles cessam de ser alimentados pela vida.

Eu afirmo o seguinte: é bom fomentar, na cidade, a gênese das dinastias. Se eu for buscar em um grupo pequeno, mas dono de uma herança completa, e não só de algumas palavras, todos os meus curandeiros, virei afinal de contas a dispor de curandeiros de maior gênio do que se estender a minha seleção a todo o povo e alistar os filhos de soldados e de moleiros. E não é que eu contrarie as vocações; esse tronco virá a formar um núcleo bastante duro para poder enxertar nele ramos estranhos. E minha dinastia absorverá e transformará em si mesma os alimentos novos que as vocações lhe fornecerem.

Vim mais uma vez a constatar que a lógica mata a vida. E que ela, por si própria, nada contém...

Mas os fazedores de fórmulas enganaram-se a respeito do homem. E confundiram a fórmula, que é sombra lisa do cedro, com o próprio cedro: volume, peso, cor, carregamento de aves e folhagem, inexprimíveis e intransferíveis através do débil vento das palavras...

Porque esses confundem a fórmula que designa com o objeto designado.

Vim assim a achar inútil e perigoso proibir as contradições. Era o que eu respondia aos generais que me vinham falar da ordem, mas confundiam a ordem, sinônimo de poder, com o arranjo dos museus.

A árvore é ordem, não há dúvida. Mas ordem no sentido de unidade que domina a dispersão. Porque este ramo ostenta o seu ninho de aves e aquele outro não. Porque este exhibe o seu fruto, mas aquele outro não. Porque este sobe para o céu e aquele se inclina para a terra. Mas os meus generais acham-se dominados pela imagem das revistas militares e só dizem que estão em ordem os objetos que não diferem uns dos outros. Se eu consentisse, eles aperfeiçoariam até os livros santos, que denunciam uma ordem que é sabedoria de Deus. Teriam a desfaçatez de por em ordem todos essas letras que qualquer criança logo descobre misturadas. Os A juntos, os B juntos, os C juntos... Um livro em ordem, não haja dúvidas. Um livro para generais.

E como suportariam eles o que não se pode formular ou não produziu nada ainda, ou está em contradição com outra verdade? Como saberiam que, numa linguagem que formula mas não apreende, duas verdades se podem opor? E que eu posso falar, sem me contradizer, da floresta ou do domínio,

apesar de a minha floresta abarcar vários domínios sem talvez cobrir totalmente ao menos uma delas , e minho domínio estender-se por várias florestas sem nenhuma delas caber nela? E uma coisa não implica a negação da outra. Mas os meus generais, se resolvem celebrar os domínios, logo mandam cortar a cabeça dos poetas dispostos a cantar a floresta.

Uma coisa é duas realidades se oporem, outra coisa é elas se contradizerem. Ora, eu não conheço nenhuma verdade além da vida, nem reconheço ordem que não a unidade que domina os materiais. E pouco me importa que os materiais sejam contrastantes. Minha ordem se traduz na universal colaboração de todos através de cada um e me obriga à criação permanente, por me impor o dever de fundar essa linguagem que há de absorver as contradições e, além disso, identificar-se com a própria vida. Não é rejeitando que se cria a ordem. Se começo por rejeitar a vida e alinho aqueles da minha tribo como postes ao longo de uma estrada, consigo uma ordem na verdade perfeita. O mesmo, se reduzo os meus homens a não serem mais do que uma colônia de cupins. Mas em que é que os cupins me haviam de seduzir? Porque eu amo o homem liberado pela sua religião e vivificado pelos deuses que eu fundo nele: casa, domínio, império, reino de Deus, para que se possa trocar todos os dias por alguma coisa maior do que ele. E por que não havia de os deixar discutirem uns com os outros, sabendo que o gesto que triunfa é feito de todos aqueles que falham no alvo e que o homem, para crescer, deve criar e não repetir - o que equivaleria apenas a consumir provisões já prontas? Sabendo, em suma, que tudo, mesmo a forma da quilha, ou cresce e vive e se transforma, ou não vai além de cadáver, objeto de museu ou obra de rotina? É importante, para começar, distinguir entre a continuidade e a rotina. Entre a estabilidade e a morte. Nem a estabilidade do cedro, nem a estabilidade do império se fundam sobre a decrepitude. “Isto está bom e, portanto, nunca mais mudará” - dizem os meus generais. Mas eu odeio os sedentários e chamo de mortas as cidades acabadas.

XXIII

Mal vão as coisas se o coração leva a melhor à alma. Se o sentimento se avanta ao espírito.

Descobri que no meu império era mais fácil soldar os homens pelo sentimento do que pelo espírito que domina o sentimento. Sem dúvida isso é sinal de que o espírito deve-se tornar sentimento, mas não é o sentimento que conta em primeiro lugar. Vim a saber que não se devia submeter aquele que cria para os anseios da multidão. Porque é a sua própria criação que deve tornar-se o anseio da multidão. A multidão deve receber o espírito e transformá-lo em sentimento. Ela não passa de um ventre. O alimento que recebe, tem de o mudar em graça e em luz.

O meu vizinho forjou o mundo porque o experimentava no coração. E veio assim a fazer do seu povo um hino. Mas eis que os homens desse povo tiveram medo da solidão e dos passeios pela montanha que se estende sob seus pés como a cauda do profeta; tiveram medo do diálogo com as estrelas e da interrogação glacial e do silêncio circundante e dessa voz que fala e não fala a não ser no silêncio. E aquele que de lá volta, volta amamentado pelos deuses. E empreende a descida calmo e solene, com o seu mel ignorado debaixo do manto. E só trarão mel consigo aqueles que tiverem tido o direito de deixar a multidão. E sempre esse mel parecerá amargo. E toda palavra nova e fértil parecerá amarga porque - eu já o disse - nunca ninguém passou por metamorfose alegre. E afirmo que, se arranco vossa pele, é para vos renovar, tal como a serpente que se veste com uma pele mais nova. E então essa cantiga se torna cântico, da mesma maneira que a fagulha solta numa floresta se transforma em incêndio. Mas o homem que recusa esse cântico, a população que proíbe a um dos seus membros libertar-se dela para se entrincheirar na montanha, o que fazem é matar o espírito. Porque o espaço do espírito, o meio onde ele pode abrir as asas, é o silêncio.

XXIV

Passei a refletir sobre os que consomem mais do que produzem. Quando um chefe de Estado, que no crédito da sua palavra vai buscar eficácia e poder, resolve recorrer à mentira, obtém resultados surpreendentes. Mas a utilização dessa arma lhe desgasta o fio. Se quem a ela recorre no começo leva a melhor sobre o adversário, virá a hora em que terá de o enfrentar sem armas.

O mesmo ocorre com quem compõe e escreve poemas e consegue efeitos surpreendentes graças à violação das regras comumente aceitas. Porque o efeito do escândalo é também uma operação. Mas esse homem é um malfeitor porque, com o uso de uma vantagem pessoal, quebra o vaso de um tesouro comum. Para se exprimir, destrói possibilidades de expressão de todos. É comparável àquele que, para se iluminar, incendiou a floresta. Resultado: os outros passam a dispor apenas de cinzas. Eu, que me habituei aos erros de sintaxe, depois nem sequer consigo provocar o escândalo ou maravilhar graças ao inesperado. Nem mesmo consigo me exprimir no harmonioso estilo antigo, porque tornei inúteis todas as convenções, todos os sinais, as piscadas de olho, todo esse acordo, todo esse código elaborado pouco a pouco que me permitia transmitir até a parte mais sutil de mim próprio. Me exprimi à custa de consumir o meu instrumento. E o instrumento dos outros.

O mesmo se passa com a ironia que não é própria do homem, mas do miserável. Temos o caso desse meu governador que domina e é respeitado. Um belo dia me ocorre compará-lo a um burro. Ninguém esperava por essa e o êxito da minha graça é grande. Se eu continuar a misturar dessa maneira burro e governador, virá o dia em que não consiga fazer rir ninguém com meu gracejo. Acabei por extinguir uma hierarquia, uma possibilidade de ascensão, ambições férteis, uma imagem da grandeza. Consumi o tesouro que me servia. Pilhei um celeiro e espalhei os grãos. A falta, a traição reside no seguinte: Se eu, pela utilização do meu governador, o destruí, é porque outros o tinham construído. Ofereceram-me uma ocasião de me exprimir. Servi-me dela para a destruir. Por isso traí.

Mas àquele que escreve com rigor e forja o seu instrumento de maneira a poder depois utilizar o veículo, mais se lhe aguça a arma no uso, e vê assim aumentarem-lhe as provisões à medida que as consome. E aquele que, apesar das dificuldades ou das amarguras, domina o povo mediante a verdade da sua palavra vê aumentar-lhe a confiança à medida que se serve dela. Verá que é seguido com mais entusiasmo se vai à guerra. E aquele que funda o sentimento da grandeza constrói o instrumento de que se há de servir amanhã.

Mandei vir os educadores à minha presença e lhes disse:

“Vós não estais incumbidos de matar o homem nos filhos dos homens, nem de os transformar em formigas para o formigueiro. Pouco me importa que o homem se veja mais ou menos satisfeito. O que me importa é que seja mais ou menos homem. Gosto de perguntar em primeiro lugar, não se o homem será ou não será feliz, mas que homem será feliz. E pouco me importa a opulência dos sedentários saciados, como gado no estábulo.

“Não os satisfareis com fórmulas, todas elas vazias, mas com imagens que acarretam estruturas. “Não os encheis de conhecimentos mortos. Ireis lhes forjar um estilo, para que possam apreender. “Não julgareis suas aptidões só pela aparente facilidade nesta ou naquela direção. Porque aquele que trabalhou mais contra si próprio vai mais longe e obtém maior êxito. Haveis de levar em conta, antes do mais, o amor.

“Em vez de insistires no uso, mais vale sublinhar a criação do homem, para que aplaine a sua tábua na fidelidade e na honra, e depois irá aplainá-la melhor.

“Pregareis o respeito, porque a ironia é própria do miserável. e é esquecimento dos rostos.

“Lutareis contra os apegos do homem aos bens materiais. Se quiseres fundar o homem no filho do homem, ensina-lhe em primeiro lugar a troca, porque fora da troca, nada mais há do que endurecimento.

“Ensinareis a meditação e a oração, porque tornam a alma mais ampla. E o exercício do amor. Porque o que é que o substituiria? E o amor a si próprio é o contrário do amor.

“Castigareis em primeiro lugar a mentira e a delação, que realmente podem servir o homem e na aparência a cidade. Mas só a fidelidade cria os fortes. Porque não pode haver fidelidade aqui, e lá não. Quem é fiel é sempre fiel. E está muito longe de ser fiel aquele que é capaz de trair o companheiro de trabalho. Eu tenho necessidade de uma cidade forte, e Deus me livre de apoiar a sua força no apodrecimento dos homens.

“Pregareis o gosto da perfeição, porque toda obra é uma marcha para Deus e só na morte pode acabar.

“Não começareis por pregar o perdão nem a caridade. Porque poderiam ser mal compreendidos e não passarem de respeito pela ofensa ou pela úlcera. Mas pregareis a maravilhosa colaboração de todos através de todos e através de cada um. Nessa altura, o cirurgião se apressará a atravessar o deserto para arrumar o simples joelho de um homem que sofre. Porque se trata de um veículo. E ambos têm o mesmo condutor.

Nessa época me atraía o grande milagre da metamorfose e da transformação de si próprio. Porque havia um leproso na cidade.

“Ora, eis aí o abismo” - disse para mim meu pai.

E levou-me até os subúrbios, junto de um campo ralo e sujo. Em volta do campo, uma barreira e, no centro do campo, uma casa baixa onde habitava o leproso, isolado dos homens.

“Pensas que ele vai apregoar aos quatro ventos o seu desespero?” - perguntou-me meu pai. “Observa-o quando sair e hás de ve-lo bocejar.”

“Nem mais nem menos do que aquele em quem morreu o amor. Nem mais nem menos do que aquele que se viu diminuído pelo exílio. Porque eu te digo: o exílio não dilacera, gasta. Passas a sustentar-te só de sonhos e jogas com dados viciados. Pouco importa a tua opulência. Não passas agora de rei de um reino de sombras.

“É na necessidade que reside a salvação - observou meu pai. Não podes jogar com dados viciados. Não podes satisfazer-te com teus sonhos, pela simples razão de que teus sonhos não resistem. São ilusórios os exércitos lançados nos sonhos vazios da adolescência. Útil é o que te resiste. E a infelicidade desse leproso não está em ele apodrecer, mas em não haver nada que lhe resista. Aí o temos fechado; as provisões fizeram dele um sedentário.”

Os homens da cidade vinham por vezes observá-lo. Reuniam-se em volta do campo, numa atitude semelhante à dos que, depois de terem feito a subida da montanha, se debruçam sobre a cratera do vulcão e ouvem, pálidos de medo, o globo preparar-lhes sob os pés seus arrotos. Aglutinavam-se, pois, à volta do tabuleiro do campo do leproso como quem se reúne em torno de um mistério. Mas não havia mistério nenhum.

“Não tenhas ilusões - dizia-me meu pai. Não o imagines desesperado e contorcendo os braços, cheio de insônias e de cólera contra Deus, contra si próprio ou contra os homens. Por que nele só a ausência é que cresce. O que é que ele teria de comum com os homens? Os seus olhos gotejam e os seus braços caem como ramos. E ele apenas recebe da cidade o barulho de um longínquo trem de mercadorias. A vida já só o alimenta com um vago espetáculo. Um espetáculo não é nada. Só podes viver daquilo que transformas. Não vives daquilo que foi depositado em ti como num armazém. Aquele homem só viveria se pudesse chicotear o cavalo e carregar pedras e contribuir para a edificação do templo. Mas tudo lhe é dado.”

Com o tempo, veio a criar-se um costume. Os moradores da cidade, comovidos por semelhante miséria, vinham todos os dias lançar os seus presentes para lá das estacas que delimitavam aquela fronteira. E eis que ele era servido, arranjado e vestido como um ídolo. Alimentado com as melhores iguarias. E até, nos dias de festa, honrado com música. E, no entanto, se tinha necessidade de todos, ninguém tinha necessidade dele. Disponha de todos os bens, mas não tinha bens para oferecer.

“O mesmo acontece com os ídolos de madeira que sobrecarregas de presentes - disse-me meu pai. E ardem diante deles as lamparinas dos fiéis. E o aroma dos sacrifícios fumeja. E ornam-lhes a cabeleira de pedras preciosas. Ora eu te afirmo o seguinte: a multidão que lança aos ídolos suas pulseiras de ouro

e suas pedras preciosas ainda se engrandece, mas o ídolo de madeira permanece de madeira. Porque não transforma nada. E viver, para a árvore, é pegar a terra e modelar flores.

E vi o leproso sair do seu covil e passear sobre nós o olhar morto. Mais inacessível a esse ruído, que no entanto procurava consolá-lo, do que às ondas do mar. Afastado de nós e doravante inacessível. E, se alguém da multidão lhe manifestava piedade, ele o olhava com vago desprezo... Não solidário. Farto de um jogo sem garantia. Que piedade é essa que não pega nos braços para embalar? É verdade que às vezes, ao ver que o tornavam por espetáculo e curiosidade de feira, ainda uns restos de nobreza animal lhe arrancavam certos acessos de cólera. Mas, na realidade, bem pouco profunda era essa cólera. Ele e nós pertencíamos a universos diferentes. Nós, os da cidade, fazíamos lembrar aquelas crianças que se distribuem em volta do lago onde evolui lentamente a única carpa. Que mal nos podia causar uma cólera absolutamente impotente, condenada a se esvaír em palavras vazias que o vento leva? Vim assim a considerá-lo despojado pela sua opulência. E me vinham à lembrança aqueles leprosos do sul que as leis impediam de descer dos cavalos. Mesmo assim, não lhes era difícil saquear os oásis de cima dos animais: bastava-lhes ir estendendo a bacia na ponta de uma bengala. Olhavam em frente sem ver, cheios de dureza. Os rostos felizes não passavam, para eles, de território de caça. E por que os havia de irritar uma felicidade tão estranha ao seu universo como as brincadeiras silenciosas dos animaizinhos na clareira? Olhavam friamente e sem ver. Iam em passos lentos pela frente das lojas e desciam do alto do cavalo um cesto atado na extremidade de uma corda. Esperavam com paciência que o comerciante o enchesse. Paciência sombria que metia medo. Ao ve-los naquela imobilidade, eram para nós a imagem da lenta evolução da doença. Tão surdos a tudo, que pareciam vasos e alambiques de podridão. Eram para nós apenas passagem e campos fechados e moradas da doença. O que é que esperavam? Nada. Não há ninguém que espere em si próprio. Uma pessoa espera sempre em outro que não ela. E quanto mais rudimentar for tua linguagem, quanto mais grosseiros forem os teus laços com os homens, menos te dominarão a expectativa e o tédio.

Mas o que é que teriam podido esperar de nós esses homens tão isolados? Não esperavam nada.

“Repara -exclamou meu pai. Ele nem sequer consegue bocejar. Renunciou até ao tédio, que vem da espera pelos homens.”

XXVII

Pareceu-me que estavam muito infelizes. A noite tinha descido como um navio onde Deus colocasse os passageiros sem ao mesmo tempo lhes dar um comandante para os guiar. E ocorreu-me a idéia de separar os homens. O que eu queria era compreender a felicidade.

Mandei tocar os sinos. “Venham aqui, os que a felicidade preenche.” Porque quem é feliz faz lembrar um fruto cheio de sumo. E reparei naquela que se adiantava com as duas mãos no peito, inclinada para diante, como que cheia. E vieram pôr-se à minha direita. Venham aqui - mandei então - vós, os infelizes. E mandei tocar os sinos para eles. Venham para a minha esquerda - disse-lhes eu. E quando os vi separados uns dos outros, procurava compreender. E perguntava a mim próprio: “Donde é que vem o sofrimento?”

Porque não acredito na aritmética. Nem o infortúnio nem a alegria se multiplicam. E se, no meio do meu povo, há uma pessoa que sofre, seu sofrimento é tão grande como o de um povo. E, ao mesmo tempo, é mal que não se sacrifique para servir o povo.

O mesmo acontece com a alegria. Quando a filha da rainha se casa, todo o povo dança. É a árvore que forma a sua flor. E eu julgo a árvore pela sua ponta.

XXVIII

Ampla me pareceu a minha solidão. Era silêncio e lentidão que eu reclamava para o meu povo. E eu bebia esta reserva no fundo da alma e este tédio no alto da montanha até à amargura. Notava, pois, sob meus pés as luzes da tarde na minha cidade. Esse imenso apelo que a cidade emite até que estejam todos reunidos, todos encerrados, todos atingidos uns pelos outros. Os via fecharem-se um após outro em cada janela que se extinguia. Guiava-os a princípio o amor. Depois vinha o tédio, a menos que o amor se trocasse por alguma coisa mais ampla.

E as últimas janelas iluminadas denunciavam os doentes. Havia dois ou três miseráveis semelhantes a círios acesos. Depois aquela estrela lá, talvez alguém que termina uma obra, porque não pode dormir sem ter atado seu feixe de centeio. Depois ainda algumas janelas de espera desmedida e sem esperança. Porque Deus fez a sua colheita do dia e há aqueles que nunca mais voltarão.

Havia alguns semelhantes a sentinelas, virados para a noite como uma pessoa se volta para o mar. “Aí estão eles - dizia eu comigo mesmo -, testemunhas da vida diante do impenetrável mar. Na vanguarda. Somos um punhado velando pelos homens aos quais as estrelas devem a sua resposta. Somos um punhado de pé, com nossa opção sobre Deus. Somos os poucos que agüentam com o peso da cidade, no meio dos sedentários duramente flagelados pelo vento gelado que cai das estrelas como um manto frio.

“Capitães, meus companheiros, reparem que vai ser dura a noite que aí vem. Porque os que dormem não sabem que a cidade não passa de mudanças e de estalidos interiores de cedro e metamorfose dolorosa. Somos uns poucos a levar por eles esse fardo, somos alguns nas fronteiras, aqueles que o mal queima e que remam lentamente na direção do dia, aqueles que esperam como no mastro da vigia a resposta às perguntas, aqueles que esperam ainda o regresso da esposa...”

Mas foi então que descobri a fronteira que separa a angústia do fervor. Porque a angústia e o fervor tocam aos mesmos. Uma e o outro são sentimento do espaço e da planície.

Só velam portanto comigo - dizia eu comigo mesmo - os angustiados e os fervorosos. Os outros que repousem. Aqueles que criaram durante a dia e que não tem a vocação de permanecer na vanguarda...”

Mas a cidade nessa noite achava-se suspensa fora do sono, por causa de um homem que havia de expiar um crime de madrugada. Diziam que ele era inocente. As patrulhas circulavam pelas ruas, para evitar os aglomerados. Não era preciso nada de especial para arrancar os homens às casas e provocar um ajuntamento.

E eu dizia comigo mesmo: “É o sofrimento de um só que ateia este incêndio. Aquele encarcerado é brandido por todos como um tição.”

Me veio a necessidade de o conhecer. E dirigi-me para a prisão. A vi recortar-se, quadrada e negra, num céu de estrelas. Os guardas abriram-me as portas que giravam lentamente nos dobradiças. As paredes pareceram-me de uma espessura inusitada e reparei nas frestas protegidas por barras. E também lá, patrulhas negras que circulavam ao longo dos vestíbulos e dos pátios, ou que se levantavam à minha passagem como animais noturnos. E por todo o lado esse cheiro de caserna e esses ecos profundos de caverna, quando alguém deixava cair uma chave ou quando marchava sobre as lajes. E eu pensava: "Muito perigoso deve ser o homem para, não obstante um corpo ferido, tão mirrado e tão fraco que um

simples prego o pode esvaziar de vida, ainda ser preciso sepultá-lo debaixo de semelhante montanha.”

E todos os passos que eu ouvia eram sobre ele. E todas essas paredes, todas essas abobadas, todos esses contrafortes assentavam sobre ele. “Ele é a alma da prisão - dizia eu comigo mesmo com o pensamento nele

-. Ele é o sentido e o centro e a verdade da prisão. E, no entanto, o que é que nele aparece, a não ser um simples montão de roupas, deitado atravessado em cima de barras e talvez mesmo adormecido e respirando mal? Mesmo assim, ele é o fermento de uma cidade. E provoca, ao voltar-se de uma parede para a outra, este tremor de terra”.

Introduziram-me junto do traidor e olhei para ele. Sabia bem que havia ali algo para compreender. E vi qual era.

A única coisa de que ele tem de se arrepender talvez seja o amor pelos homens, pensava eu. Mas aquele que constrói uma casa dá uma forma à sua casa. E toda forma pode ser desejável. Mas não todas ao mesmo tempo. Senão, deixa de haver casa.

“Um rosto arrancado à pedra é feito de todos os rostos recusados. Todos eles podem ser belos. Mas não todos ao mesmo tempo. Não há dúvida de que o seu sonho é belo.”

“Estamos ele e eu sobre o topo da montanha. Ele e eu, a sós. Estamos esta noite sobre o topo do mundo. Nos encontramos e nos compreendemos. Porque nada a esta altitude nos divide. Ele deseja, como eu, a justiça. E, no entanto, há de morrer...”

Eu sofria, no íntimo do coração.

No entanto, para que o desejo se transforme em ato, para que a força da árvore se faça ramo, para que a mulher se tome mãe, é necessário uma escolha. É da injustiça da escolha que a vida nasce. Porque aquela lá, que era bela, andavam atrás dela aos milhares. E, para ser, ela os reduziu ao desespero. É sempre injusto aquilo que é.

Eu compreendia que toda a criação é, antes do mais, cruel.

Fechei a porta e pus-me a andar ao longo dos corredores. Cheio de estima e de amor: “Que importa ele deixar a vida na escravidão, quando é o orgulho que faz a sua grandeza?”. E cruzava com as patrulhas, com os carcereiros, com os varredores da alvorada. E todo esse povo seria prisioneiro dele. E essas paredes pesadas guardavam o seu prisioneiro, como essas ruínas informes que vão buscar o sentido ao tesouro escondido. E me voltei uma última vez para a prisão. A torre em forma de coroa lançada na direção dos astros, navio carregadinho em marcha, toda ela fervorosa. E eu dizia comigo mesmo: “Quem levará a melhor? E, longe de mim, comprimida na noite, essa prisão apresentava uma aparência de paiol.

Eu pensava nos da cidade. É certo que eles o hão de chorar. Mas também é bom que chorem.”

Porque eu meditava nas canções, nos boatos e nas meditações do meu povo.”Eles o enterrarão. Mas é que não se enterra - pensava eu. O que se enterra é semente. Eu não tenho poder contra a vida e ele terá razão um dia. Eu o enforco na extremidade de uma corda. Mas ouvirei cantar a sua morte. E esse apelo ressoará sobre quem quiser conciliar o que se divide. Mas que hei de conciliar?

“Preciso me absorver numa hierarquia e não, no mesmo instante, em outra. Não devo confundir a beatitude e a morte. Caminho para a beatitude, mas não devo recusar as contradições. Devo recebê-las.

Isto é bom, isto é mau, tenho horror da mistura que não passa de xarope para os fracos e que os torna efeminados; mas hei de erguer-me sobre aquele que aceito como meu inimigo.”

Pus-me a meditar diante da máscara da bailarina. E no seu ar relutante, obstinado e cansado. E pensei comigo mesmo: “No tempo da grandeza do império, era uma máscara. Hoje não passa de tampa de uma caixa vazia. Não há nada de mais patético no homem. Deixou de haver injustiça. Ninguém mais sofre por sua causa. E haverá causa que não faça sofrer?”

“Um homem queria alcançar algo. Alcançou. Existe agora felicidade para ele? Mas a felicidade era fruto do trabalho para chegar. Olhe para a planta que forma a flor. Feliz por ter formado a sua flor? Não, mas sim acabada. Só lhe resta desejar a morte. Porque eu conheço o desejo. A sede do trabalho. O gosto de triunfar. Depois o repouso. Mas ninguém vive desse repouso, que não é semelhante ao alimento. É preciso não confundir o alimento com o fim. Aquele correu mais depressa. E ganhou. Mas seria incapaz de viver da corrida que ganhou. Nem o outro, que amava o mar da sua única tempestade vencida. A tempestade que ele vence é apenas uma braçada no seu nado. E ele pede uma outra braçada. E o prazer de formar a flor, de vencer a tempestade, de construir o templo, distingue-se do prazer de possuir uma flor feita, uma tempestade vencida, um templo construído. É ilusória a esperança de aproveitar o que antes se desprezava. O guerreiro que não espere ir buscar as alegrias, nas alegrias do sedentário. E, no entanto, à primeira vista, o guerreiro combate para alcançar aquilo de que se alimenta o sedentário. Mas não tem o direito de ficar desiludido caso se transforme a seguir em sedentário, porque é falsa a aflição daquele que diz que a satisfação foge eternamente diante do desejo. O que persegues eternamente - dizes tu - eternamente se afasta... É como se a árvore se queixasse: Eu formei a minha flor e ela agora se torna semente e a semente se torna árvore e mais uma vez a árvore flor... Assim venceste tua tempestade e ela se tornou repouso, mas o teu repouso não passa de preparação da tempestade. Eu te garanto: Não há anistia divina que te poupe à metamorfose. Tu gostarias de ser: só em Deus serás. Ele te recolherá na sua granja quando te houveres lentamente transformado e modelado através dos teus atos, porque o homem, como vês, leva tempo para nascer.

“Assim eles se esvaziaram da convicção de terem possuído e alcançado e de terem parado no caminho para gozar, como dizem, das suas provisões. Porque não há provisões. E eu, que durante tanto tempo me deixei apanhar nos laços das criaturas, na certeza de que me era possível dominar aquela que se formava em alguma região distante e vinha perfumada com a perfeição das plantas aromáticas, sei perfeitamente. E chamava amor a semelhante vertigem. E me dava a impressão de que morreria de sede se não conseguisse tê-la.

“Nesse tempo, os casamentos davam lugar a grandes festas, que estendiam o seu brilho a todo o povo, graças à religião do amor. Era costume despejar buquês de flores, espalhar perfumes e queimar diamantes que tinham custado o suor, o sofrimento, o sangue a muitos homens. Se, para obter uma gota de perfume, é preciso várias carroças de flores, não é demais uma multidão de homens para produzir um diamante. E cada um procurava, sem compreender muito as coisas, esgotar-se no amor.

Mas ei-la no meu terraço, a cativa terna, de véus ondulantes ao vento. Para mim, homem e guerreiro vencedor, representava a recompensa pela guerra. Mas, de um momento para outro, com ela na minha frente, descobri bruscamente que já não sabia em que havia de me tornar...

“Minha pombinha - disse-lhe eu -, minha rolinha, minha gazela das pernas esguias... tudo palavras que eu

inventava no intuito de a prender, a ela, que era inacessível! Eu a via derreter-se como a neve. Ela estava muito longe de ser a dádiva que esperava. Eu gritava: “Onde estás tu?” Não a conseguia encontrar. Onde é então a fronteira? E eu me tornava torreão e muralha. E, por toda a cidade, ardiam as fogueiras em sinal de regozijo para festejar o amor. Não havia deserto mais terrível do que o meu: tê-la ali à minha disposição, nua, submersa no sono, e não poder fazer nada. “Enganei-me na presa, enganei-me na corrida. Ela fugia apressada e eu a fiz parar para me apoderar dela... E, uma vez agarrada, ela já não era...”. Mas também compreendia o meu erro. Era um caminho em que eu corria e havia sido tão louco como aquele que encheu o jarro e o fechou no armário, por gostar do cântico das fontes...

“Mas, se eu não te tocar, construo-te como um templo. E te construo na luz. E o teu silêncio encerra os campos. E eu sei amar-te para além de mim e de ti. E invento cânticos para celebrar o teu império. E se fecham teus olhos, pálpebras do mundo. E eu te tenho desmaiada nos meus braços, como uma cidade. Não passas de um degrau da minha ascensão para Deus. És feita para ser queimada, consumida e não para reter... E eis que em breve o palácio chora e a cidade inteira se paramenta de cedro, porque eu peguei mil homens armados e transpus o pórtico da cidade na direção do deserto, por não estar satisfeito.

A dor de um só - como eu já te disse - vale a dor do mundo. E o amor de uma só, por muito estúpida que ela seja, contrabalança a Via Láctea e as suas estrelas. E eu te aperto nos meus braços como a linha do meu navio. Como essa partida para o alto mar: ombro temível do amor...”

Conheci assim os limites do meu império. Mas esses limites já o exprimiam, porque eu apenas amo o que resiste. Árvore ou homem é aquela ou aquele que resiste. Por isso eu comparava a uma tampa de uma caixa vazia esses baixos-relevos de bailarinas obstinadas, que foram máscaras no tempo em que cobriam a obstinação e a agitação interior da poesia, filha dos litígios. Amo quem se faz notar por sua resistência, quem se fecha e se cala, quem se mantém inexorável e de lábios cerrados nos suplícios, quem resistiu aos suplícios e ao amor. Amo aquele que prefere e que é injusto por não amar. Amo a ti, semelhante a uma torre temível, que nunca será tornada...

Porque eu odeio a facilidade. E não temos homem se ele se não se opõe. Mero formigueiro onde Deus não se inscreve. Homem sem fermento. E foi precisamente esse o milagre que me apareceu na minha prisão. Mais forte do que tu, do que eu, do que nós todos, do que meus carcereiros e minhas pontes levadiças e minhas muralhas. Era esse o enigma que me atormentava, o mesmo enigma do amor, quando ela, toda nua, se achava submissa. Grandeza do homem e no entanto pequenez do homem, porque eu o considero grande na fé e não no orgulho da revolta.

Passei a considerar destituído de interesse o homem não só incapaz de sacrifício, de resistência às tentações e de aceitação da morte - porque então deixa de ter forma - mas também o homem fundido e sujeito às leis da massa. Porque isso se dá com o javali ou com o elefante solitário ou com o homem da montanha. A massa deve consentir o silêncio a cada um deles, em vez de, por um motivo de ódio, fazer com que deixem de ser semelhantes ao cedro, que domina a montanha.

Aquele que me vem com sua linguagem, disposto a apreender e a exprimir o homem na lógica da sua exposição, parece a criança que se instala no sopé do Atlas de pá e balde na mão e quer carregar a montanha e a transportar para outro lado. O homem é o que é, não o que se exprime. O fim de toda a consciência é realmente exprimir o que é, mas a expressão é tarefa difícil, lenta e tortuosa - e o erro está em julgar que não é aquilo que não se pede antes do mais enunciar. Porque enunciar é conceber no mesmo sentido. Mas até hoje só aprendi a conceber uma pequena parte do homem. Ora, o que eu concebi um dia, não existia menos na véspera. Engano-me realmente se imagino que o que não posso exprimir do homem não é digno de ser considerado. Porque eu também não exprimo a montanha, significo-a. Mas eu confundo significar e apreender. Significo a quem já conhece, mas àquele que ignora, como lhe hei de transmitir esta montanha com a sua fenda de pedras rolantes e suas encostas de alfazema e o seu cume de torres recortadas entre as estrelas?

Sei muito bem distinguir uma montanha, que não é fortaleza desmantelada ou barco sem direção, que basta desatar a corda da argola de ferro para o levar de um lado para outro a nosso bel-prazer. É existência maravilhosa, com suas leis de gravitação interna e os seus silêncios mais majestosos do que o silêncio da maquinaria das estrelas.

Foi esta questão que me fez admirar no íntimo o homem submetido e o homem irreduzível que mostra o que é. Compreender o problema eu o compreendia, mas não era capaz de o formular. Porque aqueles que se regem pela mais dura disciplina e que, a um sinal meu, aceitam a morte, aqueles que a minha fé magnetiza, tão bem moldados pela disciplina que os posso injuriar e submeter como crianças, uma vez largados à aventura e contrastando com os outros, revelam a têmpera do aço e a cólera sublime e a coragem na morte. Compreendi que se tratava apenas de dois aspectos do mesmo homem. E que aquele que nós admiramos como o grão irreduzível, ou aquela impossível de submeter, ausente nos meus braços como um navio em alto mar, aquele a quem eu chamo um homem, porque não transige, nem pactua, nem compõe, nem se desfaz de uma parte de si próprio por habilidade, ganância ou lassidão, aquele que eu posso esmagar debaixo da pedra de moer sem que dele saia o azeite do segredo, aquele que leva no coração esse duro caroço de azeitona, sobre o qual eu não admito que a multidão ou o tirano exerçam coação, transformado em diamante no coração, eu sempre lhe descobri a outra face. E submisso e disciplinado e respeitoso e cheio de fé e de abandono, filho sagaz de uma raça espiritual e depositário das suas virtudes...

Mas aqueles a quem eu chamava livres e independentes de juízo e inexoravelmente sós, esses não se governam, falta-lhes vento nos mastros e as suas resistências nunca passam de caprichos incoerentes. Assim eu, que odeio todo esse gado e que abomino do homem esvaziado da sua substância e privado de pátria interior, eu que, na minha qualidade de chefe e de senhor, não gosto de tornar o povo efeminado nem de o transformar em formigas cegas e obedientes, vim a compreender que a minha violência podia e

devia vivificar e não perder. E que a mansidão que ele mostra na minha igreja e a assistência que está pronto a prestar a outro não são as de um bastardo, porque só ele me pode servir nos limites do império como pedra angular. Se há alguma coisa a esperar, não é da própria pessoa, mas da maravilhosa colaboração de um através do outro...

Assim, aquele que o peso das muralhas esmagava e que as sentinelas vigiavam, e que eu podia perfeitamente crucificar sem que abjurasse, aquele que sob a prensa dos meus carrascos se limitaria a soltar o seu riso superior, eu me enganaria totalmente se visse nele um desobediente. Por seu poder lhe vir de uma outra religião, há uma outra face dele que é terna. Outra imagem dele, a de um homem que se senta, e que ouve, com as mãos sobre os joelhos, um sorriso cândido na face, e ele é dos seios que lhe deram o leite. O mesmo acontece com aquela que capturei na minha torre e que anda de um lado para a outro na gaiola do horizonte, e não pode ser violada nem agarrada, nem transigirá em emitir a palavra de amor que lhe pedem. E que é, simplesmente, de uma outra região, de um outro incêndio, de uma tribo longínqua e está cheia da sua religião. E, a não ser pela conversão, eu não conseguiria chegar até ela.

Eu odeio, sim, aqueles que não são. Raça de cães que se julgam livres, porque livres de mudar de parecer, de renegar (e como saberiam que renegam, se são juízes de si próprios?). Porque livres para mentir e para jurar em falso e de abjurar. Para os fazer mudar de parecer, se tiverem fome, me basta mostrar-lhes o prato. Aí tens o que foi a noite de núpcias e do condenado à morte. Adquiri assim o sentimento da existência. Conservem suas formas, sejam permanentes como a roda de proa de um navio e, aquilo que absorverem do exterior, transformem em si mesmo tal como o cedro. Eu sou o quadro e a moldura e o ato criador que vos dá vida. É preciso agora que, semelhantes à árvore gigante, que desenvolve as suas ramadas e não as ramadas de uma outra, forma as suas agulhas ou as suas folhas, cresçam e se firmem...

Mas eu diria que são da ralé todos os que vivem dos gestos de outro e que aos outros pedem emprestadas

as cores, como o camaleão, e amam donde lhes vem os presentes e saboreiam as aclamações e se julgam no espelho das multidões. Porque uma pessoa não os consegue encontrar, eles não se fecham, como uma cidadela, sobre os seus tesouros e não transmitem de geração em geração sua palavra de ordem, e deixam crescer os filhos sem os formarem. E abundam como cogumelos, na superfície do mundo.

Vieram falar-me da comodidade e me lembrei do meu exército. Sabia bem os esforços que o equilíbrio da vida requer, apesar da vida se ausentar uma vez estabelecido o equilíbrio.

Por isso eu gostava da guerra, que tende para a paz. Com a sua areia morna e pacífica, areia virgem carregada de víboras, e esses lugares inviolados e esses abrigos. E pensei muito sobre as crianças que brincam e transfiguram as pedrinhas brancas: “Temos aqui - dizem elas - um exército em marcha, lá rebanhos.” Mas o transeunte, que não vê mais do que pedras, não lhes conhece a riqueza dos corações. O mesmo se passa com aquele que vive da aurora e mergulha no espelho do sol para fazer abluções de água fria e depois se aquece à luz das primeiras horas do dia. Ou simplesmente aquele que vai ao poço quando tem sede, e puxa ele próprio pela roldana que range e eleva o pesado balde até o parapeito do poço e conhece assim o cântico da água e todas as suas músicas agudas. A sede encheu-lhe de significação a marcha e os braços e os olhos, e acontece com este passeio de um homem que tem sede até um poço o mesmo que com um poema. Mas há também aqueles que fazem sinal ao escravo, e o escravo lhes aproxima a água dos lábios e eles não lhe conhecem o cântico. A sua comodidade não passa de ausência: não acreditaram no sofrimento e a alegria não quis nada com eles.

Notei o mesmo naquele que ouve música e não tem necessidade de penetrar nela. Que se deixa levar na música como numa liteira e não quer caminhar ao seu encontro, que renuncia ao fruto que tem casca amarga. Mas eu lhe digo: não há fruto onde não houver casca. E vocês confundem a felicidade com a vossa própria ausência. Porque aquele que é rico já não aproveita das suas riquezas, tais riquezas são vãs. E não há paisagem descoberta do alto das montanhas se não se galgou a encosta, porque essa paisagem, em vez de espetáculo, é principalmente domínio. E, se te levaram até lá acima de liteira, apenas reparas no ordenamento de coisas mais ou menos insípidas, e te vês incapaz de as engrossar com a tua substância. Porque a paisagem, para aquele que cruza os braços sobre o peito com satisfação, é uma mistura de respiração e de repouso dos músculos depois do esforço e do progressivo azulamento da tarde; é também contentamento da ordem estabelecida, porque cada um dos seus passos contribuiu um pouco para ordenar estes rios, dispor estes cumes, comprimir este saibro da aldeia. Ele fez nascer essa paisagem, e a alegria que descobro nele é nem mais nem menos que a alegria da criança que distribuiu as pedrinhas e construiu com elas uma cidade que agora contempla maravilhada e a preenche. Mas qual criança neste mundo se sentiria feliz ao olhar um montão de pedras que não passa de espetáculo sem esforço?

Eu vi aqueles que sofreram de sede, a sede, o ciúme da água, mais dura do que a doença, porque o corpo conhece o seu remédio e o exige como exigiria a mulher, e vê em sonhos os outros beberem. Porque se vê a mulher que sorri para os outros. Nada tem sentido se eu não lhe misturei o meu corpo e o meu espírito. Não há aventura se não me comprometer nela. Os meus astrólogos, ao observarem a Via Láctea, durante as noites dos seus estudos, descobrem nela o grande livro cujas páginas roçam magnificamente umas pelas outras quando se viram, e eles adoram Deus por ter enchido o mundo de uma medula tão pungente para o coração.

Eu vos garanto: não tendes o direito de evitar um esforço, a não ser em nome de outro esforço, porque é vossa obrigação crescer.

Nesse ano morreu aquele que reinava a leste do meu império. Aquele que eu tinha combatido duramente, para depois de tantas lutas vir a compreender que me apoiava nele como numa parede. Ainda me lembro dos nossos encontros. Montávamos uma tenda cor de púrpura no deserto. A deixávamos vazia. Depois dirigimo-nos, eu e ele, até ela. Os nossos exércitos mantinham-se à parte, porque não é bom que os homens se misturem. A multidão vive apenas no seu ventre. E todo o dourado estala. Ficavam a olhando-nos cautelosamente, apoiados na segurança das suas armas, sem se comoverem com sentimentos fáceis. Porque o meu pai tinha razão quando dizia: “Não deves encontrar o homem à sua superfície, mas no sétimo andar da sua alma e do seu coração e do seu espírito. Se o buscares nos movimentos mais vulgares, irás verter inútilmente o sangue.

Assim eu tinha compreendido, e só, despojado e encerrado numa tríplice muralha de solidão, é que ia encontrar com ele. Sentávamos-nos na areia, um na frente do outro. Não sei qual de nós dois era nessa altura mais poderoso. Mas nessa solidão sagrada, o poder tornava-se medida. Nossos gestos abalavam o mundo, mas nós os medíamos. A causa de nossas divergências eram as pastagens. “Eu tenho vinte e cinco mil animais morrendo - dizia ele. Acaba de chover nos teus campos.” Mas eu não podia tolerar que viessem com os seus costumes estranhos e fizessem nascer a dúvida, origem de toda a podridão. Como receber nas minhas terras pastores de outro universo? E eu respondia: “Tenho vinte e cinco mil filhos dos homens que devem aprender as suas orações e não as dos outros. De outro modo, não adquirirão forma...” E as armas decidiam entre os nossos povos. E nós éramos semelhantes a duas marés que vão e vêm. E, se algum de nós não avançava, embora exercêssemos todo o nosso peso um contra o outro, era porque nos encontrávamos no apogeu e tínhamos endurecido o nosso inimigo com a sua derrota. Tu me venceste, eu me tornei portanto mais forte.

Não que eu desprezasse sua grandeza. Nem os jardins suspensos de sua capital. Nem os perfumes dos seus comerciantes. Nem a ourivesaria delicada dos seus cinzeladores. Nem suas grandes barragens para as águas. O homem inferior inventa o desprezo, porque sua verdade exclui as outras. Mas nós, fartos de saber que as verdades coexistem, não tínhamos por sintoma de fraqueza reconhecer a do outro, embora ela fosse o nosso erro. A macieira, que eu saiba, não despreza a vinha, nem a palmeira o cedro. Mas cada um deles resiste ao mais forte e não mistura as raízes. E salva a sua forma e a sua essência, capital inestimável que não convém adulterar.

“A verdadeira troca - dizia-me ele - está nesse armário de perfume ou nesse grão ou nesse presente de cedro amarelo que enche a tua casa do perfume da minha. Ou ainda no meu grito de guerra, quando ele te chega das minhas montanhas. Ou talvez num embaixador, se foi educado durante muito tempo formado e endurecido, e ao mesmo tempo te recusa e te aceita. Porque te recusa nos teus andares inferiores. Mas te encontra lá onde o homem está além do seu ódio. A única estima que vale é a estima de um inimigo. E a estima dos amigos só vale se prevalece sobre o reconhecimento e todos os agradecimentos e movimentos vulgares. Se morres pelo teu amigo, proíbo-te que te comovas...”

Eu mentiria se dissesse que tinha nele um amigo. E, no entanto, cada vez que nos encontrávamos, sentíamos uma alegria profunda. Mas é aqui que as palavras descarrilam, devido à vulgaridade dos homens. A alegria não era para ele, mas para Deus. Ele era um caminho para Deus. Os nossos encontros eram fechados de abóbada. E nós não tínhamos nada a dizer um ao outro.

Que Deus me perdoe ter chorado quando ele morreu.

Eu conhecia bem a imperfeição da minha miséria. Se choro - dizia eu comigo mesmo - é porque ainda não sou bastante puro. E o imaginava, se tivesse sido ele a saber da minha morte, entrando simplesmente na noite de um território. E contemplando esse terrível abalo do mundo com o mesmo olhar com que contemplava o crepúsculo. Ou aquele que se afoga, quando o mundo se altera sob o espelho adormecido das águas. Senhor - teria ele dito ao seu Deus - anoitece e alvorece conforme a tua vontade. Mas alguma coisa se perdeu desta feixe de centeio atado, desta época terminada? Eu fui.” E ele me teria encerrado na sua calma inefável. Mas eu não era bastante puro, e ainda não tinha bem o gosto do eterno. E, como as mulheres, sentia aquela melancolia de superfície, quando a aragem da tarde murcha as rosas dos meus vivos roseirais. Porque eu murcho nas minhas rosas. E me sinto morrer nelas.

Eu tinha passado a vida sepultando os meus capitães, demitindo os meus ministros, perdendo as minhas mulheres. Tinha deixado atrás, como a serpente, as peles de centenas de imagens de mim próprio. No entanto, quando chegava o sol, medida e relógio do dia, ou o verão que mede os balanços do ano, de reencontro em reencontro, de tratado em tratado, meus soldados montavam a tenda vazia no deserto. Dirigiamo-nos então os dois para lá. Observávamos solenemente a praxe, esboçávamos um sorriso de pergaminho, aceitávamos essa calma vizinha da morte. E esse silêncio que não é do homem, mas de Deus. De um momento para o outro, vi-me sozinho, único responsável por todo o meu passado e sem testemunha que me tivesse visto viver. É que o meu vizinho do leste chegava a compreender todos esses atos que eu não me dignava explicar ao povo, ia mesmo ao ponto de adivinhar essas sublevações interiores que eu não deixava transparecer. Por achar preferível que todos continuassem a acreditar no meu arbítrio, eu a ninguém costumava prestar contas das responsabilidades que me esmagavam, mas meu vizinho do leste as ia apreciando e julgando de maneira diferente de mim, avesso à compaixão superior e distante. E agora ele acabava de adormecer na púrpura da areia. Puxara a areia para cima, como um lençol digno dele. Tinha-se por fim calado. E dava início a esse sorriso melancólico e cheio de Deus que aceita ter atado a feixe de centeio, os olhos fechados sobre a sua provisão. Ah! Que egoísmo no meu pensamento! Eu, tão fraco, dando importância à trajetória do meu destino, quando não a tem; medindo o império mesmo próprio, em vez de me fundir no império; descobrindo que minha vida pessoal, comparável a uma viagem, tinha levado a essa crista.

Tive essa noite, pela primeira vez na vida, a sensação de que a linha divisória das águas descia por uma vertente abaixo, depois de ter subido lentamente pela outra acima. Já não reconhecia ninguém. Sentia-me velho. Via-me sem rostos familiares. Todas as pessoas me eram indiferentes, a começar mesmo próprio e até aqueles que eu deixara na outra vertente: todos os meus capitães, todas as minhas mulheres, todos os meus inimigos e talvez o meu único amigo. Deixaram-me sozinho num mundo habitado por populações que eu não conhecia.

Mas foi aí que consegui recompor-me. Acabo de quebrar - pensava eu - a minha última casca e talvez vá me tornar puro. Eu não era assim tão grande, porque estava absorto em mim mesmo. E esta provação me foi enviada porque eu amolecia. Porque inchava com os baixos movimentos do meu coração. Ainda haveria de restituir o meu amigo morto à sua majestade, e nessa altura deixaria de o chorar. Ele passaria simplesmente a ter existido. E a areia me pareceria mais rica, porque o tinha visto sorrir muitas vezes, ao longo desse deserto. E ao sorriso de todos os homens se acrescentaria esse sorriso particular. Este sorriso particular enriqueceria todos os sorrisos. Eu haveria de ver no homem o esboço que nenhum entalhador conseguiu arrancar à sua pedra, mas através dessa pedra conheceria melhor o rosto do homem, por ter visto um, olhos nos olhos.

“Desço, portanto, da minha montanha. Não tenhas medo, meu povo, eu retornei o fio. Não era nada bom que eu tivesse necessidade de um homem. A mão que me tratou e que me deu depois os pontos desvaneceu-se, mas a costura ficou. Desço da minha montanha e cruzo com ovelhas e carneiros. Acarício-os. Encontro-me só no mundo diante de Deus. Mas, ao acariciar estes cordeiros que fazem brotar as fontes do coração, não este cordeiro, mas através dele a fraqueza dos homens, eu volto a encontrar-vos.”

Quanto ao outro, consegui assentá-lo e nunca ele reinou melhor do que agora. Assentei-o na morte. E todos os anos montam uma tenda no deserto. O povo vai rezando. Os meus exércitos apoiam-se nas armas, os fuzis carregados, os cavaleiros circulam policiando o deserto, e corta-se a cabeça àquele que se aventura no lugar. E eu avanço sozinho. E levanto a aba da tenda e entro e me sento. E o silêncio desce sobre a terra.

XXXIII

E agora, que me corrói esta dor nos rins intermitente e no entender dos médicos incurável, agora que eu me vejo como uma árvore da floresta à mercê do machado do lenhador, agora que Deus me vai abater como uma torre velha, agora que o meu despertar já não é o despertar dos vinte anos, essa distensão dos músculos, esse vôo aéreo do espírito, venho a encontrar meu consolo nessa dor. Ela não me deixa sofrer com esses prenúncios que se distribuem pelo corpo, não permite que me levem sofrimentos mesquinhos e pessoais e tão fechados em mim que os historiadores do império nem três linhas lhes hão de conceder nas suas crônicas. Pouco me importa que o meu dente amoleça e que o arranquem, e seria bem miserável da minha parte esperar um mínimo de piedade. Ao pensar nisso, chego até a encolerizar-me. É que essas fendas são do vaso e não do conteúdo. Contam-me que o meu vizinho do leste, quando se viu atacado de paralisia, e um lado do corpo lhe ficou frio e morto, e se viu obrigado a transportar consigo esse irmão siamês que já não ria, nem por isso perdeu sua dignidade. Dizem até que aproveitava com esta aprendizagem. E àqueles que o felicitavam pela sua força de ânimo, ele respondia displicentemente que se enganavam acerca da sua pessoa e que fizessem o favor de guardar esse gênero de homenagens para os lojistas da cidade. Porque aquele que reina, se não reina em primeiro lugar sobre o seu próprio corpo, não passa de um usurpador ridículo. Não significa nenhuma diminuição para mim, é até maravilhosa alegria, libertar-me hoje um pouco mais!

Ah! Velhice do homem. Sem dúvida não reconheço nada na outra vertente da minha montanha. O coração cheio do meu amigo morto. E fico a olhar para as aldeias com um olho seco pelo luto, à espera de ser, como por uma maré, retomado pelo amor.

XXXIV

Fiquei de novo olhando essa cidade onde se acendiam as primeiras luzes da tarde. Um rosto branco, por vezes azulado, com as suas luzes dispostas em constelações, iluminando por dentro as casas. E a estrutura das ruas. E o silencio que começava, porque nascia nela o silencio que aflora nas rochas submarinas. De repente, ao admirar o deserto das ruas, das praças, e mais além os templos semelhantes a celeiros espirituais, e em toda a volta essas vestes sombrias da colina, assaltou-me a imagem de uma planta seca com as raízes cortadas, apesar do corpo ferido de que vinha cheia. E ocorreu-me a imagem dos celeiros vazios. Já não havia lá um ser vivo, onde cada uma das partes ressoasse sobre a outra, já não havia um coração formando o sangue para o verter em toda parte, já não havia um corpo ferido única capaz de se regozijarem juntos nos dias de festa, capaz de formar um campo único. Só havia parasitas instalados nas conchas de outro, cada um deles na sua prisão, sem colaborarem uns com os outros. Não havia uma cidade, mas uma casca de cidade cheia de mortos convencidos de viverem. Dizia comigo mesmo: "A árvore vai secar. O fruto vai apodrecer. Eis aqui o cadáver de uma tartaruga debaixo da sua carapaça." E descobri que era preciso encher de novo minha cidade de seiva. Era preciso ligar ao tronco alimentício todos esses ramos. Era preciso encher os celeiros e as cisternas das suas provisões de silencio. E era preciso que fosse eu: senão, quem amaria os homens?

A música que eu ouvia. Eles não a podiam compreender. E me ocorreu este pequeno problema: ou os fazes ouvir cânticos que eles compreendam - e então não progridem. Ou lhes ensinas uma ciência que eles compreendam - e nesse caso não ganham nada com isso. Ou os encerras nos usos que são os deles há milhares de anos - e nessa altura a árvore, ao crescer, não elabora os frutos e as cores novas, mas em contrapartida há calma no coração e sabedoria e sono em Deus. Ou, preocupado com o futuro, os empurras e os transtornas e os obrigas a mudar de costumes, e logo te vês à frente de um rebanho de emigrantes que abriu mão do patrimônio, de um exército que vai acampando mas nunca assenta lugar.

Não há ascensão que não doa. Toda metamorfose faz sofrer. Não penetro numa música, se primeiro não sofri com ela. Porque ela não deve passar do próprio fruto do meu sofrimento. Não acredito naqueles que se aproveitam das provisões feitas por outro. Não me parece que baste mergulhar os filhos dos homens no concerto e no poema e no discurso para lhes dar felicidade e a grande embriaguez do amor. Porque o homem é realmente facultade de amor, mas é também de sofrimento. E de tédio. E do rabugento mau humor de um céu chuvoso. E, mesmo para quem é capaz de saborear o poema, há somente a alegria do poema, porque senão nunca ficariam tristes. Se fechariam no poema e seriam felizes, sem ter mais nada para criar. Mas o homem é feito de tal maneira que só se regozija com o que forma. Para saborear o poema, teve primeiro de fazer a sua ascensão. Da mesma maneira que a paisagem descoberta no topo das montanhas se gasta depressa no coração. E só tem sentido enquanto construção da fadiga, e disposição dos músculos. Uma vez recomposto e ávido de retomar a marcha, a mesma paisagem te faz bocejar e não tem mais nada para te entregar - assim se gasta o poema que não nasceu do teu esforço. O próprio poema de outro não passa de fruto do teu esforço, da tua ascensão interior. Os celeiros só formam sedentários, desprovidos de categoria humana. Não disponho do amor como de uma reserva; o amor é, em primeiro lugar, exercício do coração. E não me admira nada que haja quem não compreenda a granja, o templo, o poema ou a música, quem, na sua presença, pergunte: “Vês neles alguma coisa mais do que confusão relativamente rica? Havia de me deixar dominar por isso?” Esses se consideram razoáveis, céticos e cheios de ironia, que não é própria do homem mas do miserável. Um certo rosto não te dá o amor como quem dá um presente. Não é a paisagem que te faz sentir essa serenidade, mas sim a ascensão triunfal, a vitória sobre a montanha, a conquista do céu.

O mesmo se passa com o amor. A ilusão está em pensar que ele se encontra quando se descobre. Muito se engana quem vagueia pela vida para se fazer conquistar. Em breves períodos de febre, consegue sentir o tumulto do coração. Sonha constantemente com a grande febre que o há de abrasar por toda a vida. Mas, dada a mesquinhez do seu espírito e a pequenez da colina vencida, essa febre vem a reduzir-se à fraca vitória do seu coração.

Também não se pode repousar em amor que não se transforme de dia para dia, como o amor de mãe. Mas tu queres te sentar na tua gôndola e te tornares canção de gondoleiro por toda a vida. Enganas-te totalmente. Tudo aquilo que não for ascensão ou passagem não tem sentido nenhum. E, se resolves parar, só encontrarás tédio, porque a paisagem já não tem mais nada para te ensinar. E repudiarás a mulher, quando eras tu que em primeiro lugar que devias repudiar.

Nunca me impressionou o argumento do descrente nem do lógico: “Mostra-me o domínio, o império ou Deus, porque vejo e toco nas pedras e nos materiais e acredito nas pedras e nos materiais que toco. Mas

nunca pretendi instruí-lo pela revelação de um segredo pouco importante para se formular. Da mesma maneira que não posso transportá-lo para a montanha, a fim de lhe revelar a verdade de uma paisagem que não será vitória para ele, nem posso fazê-lo saborear esta música se ele se não a tiver primeiro vencido. Vem a mim para ser ensinado sem esforço, como outro procura uma mulher que deposite nele o amor. E isso não está nas minhas mãos.

Eu pego nele e o encerro e o faço estudar, ciente de que o que é fácil é estéril por isso mesmo. Meço a envergadura do trabalho pela torção e pelo suor. Por isso mandei chamar os professores das minhas escolas: “Não vos enganeis. Confiei-vos os filhos dos homens, não para pesar mais tarde a soma dos conhecimentos que adquiriram, mas para me regozijar pela qualidade da sua ascensão. Vós bem podeis fazer subir em uma liteira um dos vossos alunos e mostrar-lhe mil cumes de montanhas rodeados das mil paisagens. Ele não ficará conhecendo nenhuma delas verdadeiramente. E, depois, mil paisagens não passam de um grão de poeira na imensidade do mundo. Só me interessará aquele que tiver exercitado os músculos na ascensão de uma montanha, nem que ela seja a única. Assim estará disponível para compreender muito melhor do que o outro, o vosso falso sábio, as mil paisagens mal ensinadas.

“E se eu quiser que aquele lá desabroche para o exercício do amor, fundarei nele o amor através do exercício da oração.”

O erro deles provém de terem visto que aquele que se exercita no amor descobre o rosto que o abrasa. E eles acreditam na virtude do rosto. E que aquele que dominou o poema foi abrasado pelo poema, e eles acreditam na virtude do poema.

Mas eu repito mais uma vez: quando digo a montanha, significo montanha para ti, que te arranhaste nos seus espinheiros, emergiste nos seus precipícios, suaste contra as suas pedras, colheste as suas flores e depois respiraste a plenos pulmões no alto das suas cristas. Eu significo, mas não imponho nada. E, quando eu digo “a montanha” a um lojista obeso, não lhe transporto nada para o coração.

E não é por ter morrido a eficácia do poema que já não há poemas. Ou por ter morrido a eficácia do rosto, que deixou de haver amor. E a eficácia de Deus, que deixou de haver no coração do homem a planície das terras aráveis, presas na sua noite, onde a charrua faria rebentar cedros e flores.

Porque ouvi com atenção as relações entre os homens e vim a descobrir os perigos da inteligência, que acredita que a linguagem apreende. E as respostas nas disputas. Porque não é através da linguagem que hei de transmitir o que em mim existe. O que existe em mim não há palavra que o diga. Eu só o posso significar na medida em que tu já o compreendes por outros caminhos que não a palavra. Pelo milagre do amor ou porque, por sermos filhos do mesmo Deus, te pareces comigo. Caso contrário, puxo pelos cabelos o mundo que se acha submerso em mim. E, ao acaso da minha inépcia, só mostro esse aspecto dele ou aquele outro, da mesma maneira que consigo significar menos mal que esta montanha é alta, ao passo que ela é uma coisa completamente diferente. E como se falasse da majestade da noite quando se tem frio nas estrelas.

XXXVI

Quando tu escreves ao homem, carregas um navio. Mas bem poucos navios chegam ao porto. Naufragam quase todos. Poucas frases há que mantenham a sua ressonância através da história. Talvez eu tenha significado muito, mas apreendi pouco.

Mais uma vez o mesmo problema: é mais importante ensinar a apreender do que a significar. Importa ensinar a realizar as operações de captura. Que me interessam as coisas que sabe aquele que tu me mostras? Para isso há o dicionário. Interessa-me sim o que ele é. E aquele lá escreveu o poema e o encheu do seu fervor, mas falhou na pesca de alto mar. Não trouxe nada das profundidades. Significou-me a primavera mas não a criou em mim na medida em que me poderia ter alimentado dela o coração.

E eu via os lógicos, os historiadores e os críticos se aperceberem de que a força de uma obra forte exprime-se no projeto, porque se torna projeto o que é forte. E se me aparece um projeto na cidade, é porque a minha cidade se exprimiu e se fez. Mas não foi o projeto que fundou a cidade.

Eu, no entanto, pensava nas minhas dançarinas, nas minhas cantoras e nas cortesãs da minha cidade. Elas mandavam construir liteiras de prata e, quando se aventuravam a algum passeio, eram precedidas de emissários que se encarregavam de anunciar a sua passagem, a fim de que a multidão se juntasse. Quando os aplausos as importunavam suficientemente e as arrancavam a um sono frágil, dignavam-se aceder ao desejo da multidão, afastavam a véu de seda dos rostos brancos e os estendiam ao amor. Lá iam sorrindo modestamente, enquanto os pregoeiros se desempenhavam do seu ofício com zelo, pois já sabiam que à tarde seriam fustigados se a multidão não tivesse forçado, pela tirania do amor, a modéstia da dançarina. Elas se banhavam em banheiras de ouro maciço e a multidão era convidada a ver preparar o leite para o banho. Mandava-se ordenhar cem jumentas. E se acrescentava aromas e leite de flores, que custava caríssimo mas era tão discreto que não dava perfume.

E eu não me escandalizava, porque afinal de contas a extração desse leite de flores pouco perturbava a atividade do meu território e o seu custo era além disso ilusório. Aliás, agradava-me que em alguma parte se celebrasse o objeto precioso. Porque não é o uso que conta, mas sim o fervor. E, já que ele existia, pouco importava que perfumasse ou não as minhas cortesãs.

Embora os lógicos me censurassem por eu olhar o império sob o prisma do fervor, sempre tive por norma abster-me de intervir, a não ser que uma estima exagerada dos enfeites levasse o meu povo a desinteressar-se do pão. Até gosto que eles se dediquem moderadamente à arte de enfeitar, que empresta nobreza ao trabalho restante. Pouco me importava que esses enfeites não servissem para o uso! Era melhor que embelezassem a cabeleira de uma mulher, do que irem adornar um monumento estúpido. Podes realmente dizer que o monumento é domínio da multidão, mas uma mulher bonita também pode ser olhada. Um monumento, a menos que seja templo de Deus, apenas derrama nos olhos dos homens os seus enfeites, sem nada receber dos homens. Mas a mulher bonita atrai as dádivas e os sacrifícios e te embriaga com o que tu lhe dás. Não com o que ela te dá.

Elas tomavam então banho no seu leite de flores. E, pelo menos, tornavam-se imagens da beleza. Alimentavam-se depois de iguarias raras e entediantes e bastava um espinho para lhes causar a morte. E possuíam pérolas que iam perdendo. E não me contrariava que as perdessem, porque é bom que as pérolas sejam efêmeras. Depois ouviam os declamadores e desmaiavam e, ao desmaiarem, não se esqueciam de escolher para a queda um coxim que se ajustasse graciosamente às cores dos seus véus.

De tempos em tempos, davam-se também ao luxo do amor. E vendiam as pérolas em troca de algum jovem soldado com quem passeavam pela cidade e que desejavam como o mais belo, o mais brilhante, o mais gracioso, o mais viril de todos...

E o soldado ingênuo, quase sempre, ficava bêbado de reconhecimento, convencido de receber algo, quando na verdade só servia a vaidade e as extravagâncias delas.

XXXVIII

Veio a mim aquela que se queixava com violência:

“É um brigão, um homem viciado, corrompido, coberto de vergonha. É a sarna do globo. Ignominioso e mentiroso de palavra...”

- Vai-te lavar - respondia-lhe eu. Estás toda suja.”

E veio aquela outra proclamando a injustiça e a calúnia.

Não procures que compreendam os teus atos. Nunca os compreenderão. E não por injustiça. Porque a justiça persegue uma quimera que contém o contrário de si própria. Viste como os meus capitães, no deserto, são nobres, nobres e pobres, e curtidos pela sede. Dormem, enrolados na areia, durante a grande noite do império. Disponíveis e em estado de alerta e prontos para se armarem ao menor ruído. Eles correspondem ao desejo de meu pai: “Que se levantem os que estão preparados para a morte, depois de terem atado toda a sua fortuna numa trouxa que se possa levar no ombro. E que estejam disponíveis. Leais no combate e generosos. Levantai-vos, e vos entregarei as chaves do império. E eles se mantêm vigilantes à entrada do império, como arcanjos. Nobres de maneira diferente dos criados dos meus ministros ou até dos meus ministros. Mas, se os chamam à capital, passam ao segundo lugar nos banquetes e andam de um lado para outro nas antecâmaras e se queixam, eles que são verdadeiramente grandes, por se verem assim humilhados e reduzidos à servidão. Amargo destino - dizem eles - o de quem não é apreciado...”

E eu respondo: “Amargo destino o daquele que é compreendido e que é levado em triunfo e lhe agradecem e o honram e o enchem de bens. Em breve se satisfaz com uma pretensão vulgar e troca as suas noites de estrelas por mercadorias. Esse homem era mais rico, mais nobre e maravilhoso do que os outros, era senhor na sua solidão. Por que vem a submeter-se à opinião dos sedentários? O velho carpinteiro encontra no polimento da tábua a recompensa do seu trabalho. O outro, na qualidade do silêncio no deserto. Que está lá para que o esqueçam depois de nele ter entrado. E, se sofre com isso, é porque não era bastante puro. Eu te digo: o império está fundado sobre o valor dos homens. Aquele lá é um pedaço do império. E participa do tronco da árvore. Se sonhas para ele os benefícios do comerciante e, na intenção de os proporcionar, envias o comerciante para o deserto, espera alguns anos para desfrutares do fruto do teu trabalho. O teu comerciante será um senhor importante que priva de igual para igual com o vento, o outro será comerciante vulgar.

Protejo aqueles que são nobres. E a proteção de que eles gozam é a injustiça. Não te indignes por causa de palavras. Se estenderes esses peixes azuis de longos véus na margem, é injusto que sejam feios. Mas a culpa é tua: eles foram feitos para o deslumbramento submarino. Eram belos lá onde termina a margem. E os capitães das areias também são belos lá onde morre o ruído das cidades, a oferta dos mercadores e a vaidade. Porque não há sombra de vaidade no seu deserto.

“Que se consolem. Se o desejarem, voltarão como reis. Nem os privarei do seu reino, nem lhes pouparei o sofrimento.

Uma outra veio dizer:

“Sou esposa fiel e inteligente e bela. Só por ele respiro. Costuro-lhe os mantos e trato-lhe as feridas.

Partilho os seus dias maus. Mas ele dedica o seu tempo àquela que o humilha e rouba.”

E eu respondo:

“Não te enganes assim a respeito do homem. Quem é que se conhece a si próprio? Caminhamos em nós próprios na direção da verdade, mas o espírito do homem é semelhante à ascensão das montanhas. Tu vês a crista, dá-te toda a impressão de que a estás atingindo e vens a descobrir outras cristas, outras planícies e outras encostas. Quem é que conhece a sua sede? Há aqueles que têm sede do ruído dos rios e que, para o ouvirem, aceitam a morte. Há também aqueles que têm sede de sentir uma raposa aconchegada contra o peito e se põem à espreita, apesar do inimigo. Aquela de que tu falas talvez tenha nascido graças a ele. E por isso ele é responsável por ela. Tu te deves à tua criatura. Ele a vai procurar para que ela o roube. Ele a vai procurar para que ela mate a sede. Ele não se verá pago por uma palavra terna, mas também não se verá enganado pela ofensa. Não se trata de empresa de contabilidade em que uma palavra meiga acrescente e uma ofensa subtraia. Ele será pago pelo seu sacrifício, e por essa palavra que ela lhe dirá e que ele lhe terá ensinado. Semelhante àquele que voltou do deserto e que as condecorações não podem pagar, pela mesma razão que as ingratidões não o podem diminuir. Julgas que se trata de adquirir e de possuir, quando apenas se trata de se tornar, de ser, em suma, e de morrer na plenitude da substância. Diz a si própria que a recompensa antes do mais é a morte que solta finalmente o navio. Feliz aquele que está carregado de tesouros!

“E mesmo tu, de que é que tens que te queixar? Não sabes ir ter com ele?”

Foi então que eu compreendi a aliança e até que ponto ela difere da comunidade. “Eles se abordam todos uns aos outros - dizia eu comigo mesmo - com uma linguagem rudimentar, que pretende transportar quando mal significa. E ei-los todos ocupados em manobrar as suas balanças e seus instrumentos de medida. Todos eles tem razão, mas razão demais. Eles apenas tem razão e, portanto, enganam-se. E todos constroem imagens uns dos outros para exercício de tiro.”

A aliança é capaz de nos unir, mesmo quando te apunhalo.

Nunca tenhas medo da chantagem. Porque, se comprometes tudo neste detalhe, em breve o terias comprometido em outro detalhe e o primeiro teria sido concedido inutilmente.

É o que se passa com o império.

Uma pessoa, para compreender, tem de se transformar. Aquele que acredita, bem sabe que a dúvida de um outro não significa nada, já que ele não pode compreender. Daí o seu orgulho.

Aprende a distinguir o constrangimento do amor. Não quero saber daquele que jura mesmo e que espera que eu fale para falar. Porque vou procurando minha luz entre os homens. Cantar em coro é uma coisa. Mas fundar o canto é outra. E quem colabora na criação?

Mais uma vez temos de levantar o mesmo dilema. Só há criação se todos colaboram e procuram. Só há criação quando o tronco da árvore é atado pelo amor. Nesse caso, não é que cada um caia sob o domínio de todos, não. A direção da corrente de seiva é que estabelece as ramagens como um templo no céu. Ver as coisas de outra forma, seria cair no erro dos lógicos que só por verem o projeto construído logicamente julgam que foi ele que deu origem à criação. O projeto, que a construção aproveita para se exprimir, não passa de rosto mostrado. A submissão não é de cada um a todos, mas de cada um à obra. E cada um força os outros a crescerem, talvez mesmo pelo ato de se oporem. E eu os constranjo à criação. Se eles se limitassem a receber de mim, tornar-se-iam pobres e vazios. Mas sou eu que recebo de todos eles. E eles assim enriquecidos, por possuírem como expressão esse eu, que eles primeiro tanto enriqueceram. E da mesma maneira que tomo nos meus braços seus carneiros, suas cabras e suas sementes e até as paredes de suas moradas, para as fazer minhas e para as restituir como dádivas do meu amor, da mesma maneira as basílicas que eles constroem... Mas, assim como a liberdade não é licenciosidade, também a ordem não é ausência de liberdade. (Voltarei mais adiante à liberdade).

Hei de escrever um hino ao silêncio. A ti, músico dos frutos. Habitante das adegas, dos celeiros e das granjas. Vaso de mel da diligência das abelhas, repouso do mar na plenitude.

A ti, em quem, do alto das montanhas, eu encerro a cidade. É como se os veículos, lá em baixo, deslizassem sem ruído. Nem um grito, nem o som de uma bigorna sequer. Já todas estas coisas se acham suspensas no vaso da tarde. Vigilância de Deus sobre a nossa febre, manto de Deus sobre a agitação dos homens.

Silêncio das mulheres que não são mais do que carne onde o fruto amadurece. Silêncio das mulheres na reserva dos seios grávidos. Silêncio das mulheres, que é silêncio de todas as vaidades do dia e da vida que é feixe de centeio dos dias. Silêncio das mulheres, que é santuário e permanência. Silêncio em que se adia para amanhã a única corrida que há de levar a alguma parte. Ela ouve a criança que lhe dá chutes no ventre. Silêncio onde encerrei tudo o que diz respeito à minha honra e ao meu sangue.

Silêncio do homem que se apóia nos cotovelos e reflete e recebe doravante sem dispêndios e fabrica o suco dos pensamentos. Silêncio que lhe permite conhecer e lhe permite ignorar, porque algumas vezes é bom que ele ignore. Silêncio que é repúdio dos vermes, dos parasitas e das ervas daninhas. Silêncio que te protege no desenrolar dos teus pensamentos.

Silêncio dos próprios pensamentos. Repouso das abelhas, porque o mel está feito e não deve ser mais do

que tesouro arrecadado. E que amadurece. Silencio dos pensamentos que preparam suas asas porque não é bom que te agites em teu espírito ou no teu coração.

Silencio do coração. Silencio dos sentidos. Silencio das palavras interiores, porque é bom que encontres Deus, que é silencio na eternidade. Quando tudo se disse e tudo se fez.

Silencio de Deus qual sono de pastor. Não há sono mais doce, apesar de os cordeiros parecerem ameaçados. Deixou de haver pastor, deixou de haver rebanho. Quem seria capaz de os distinguir uns dos outros debaixo das estrelas, quando tudo é sono, quando tudo é sono de lâ?

Ah, Senhor! Que um dia, ao armazenares nossa criação, abras esse grande portal à raça tagarela dos homens e os arrumes no estábulo eterno. Os tempos se terão resolvido e terás arrebatado o seu sentido às nossas perguntas, como quem cura doenças.

Foi-me dado compreender que todo o progresso do homem está em descobrir que as suas questões, umas após outras, não tem sentido.

Consultei meus sábios e eles, em vez de terem encontrado respostas para as questões do ano passado, riem-se hoje, Senhor, mas de si próprios, porque a verdade lhes surgiu como o desvanecimento de uma questão.

Se eu sei hoje, Senhor, que a sabedoria não é resposta mas cura das vicissitudes da linguagem, vim a sabê-lo por esses que se amam e se ele sentam com as pernas penduradas na mureta, em frente à plantação de laranjas, lado a lado. Receberam porventura resposta às perguntas que ontem faziam?... O amor está em deixar de fazer pergunta alguma.

E pouco a pouco, de contradição dominada em contradição dominada, me encaminho para o silencio das questões e, portanto, para a beatitude.

Oh! Tagarelas, estragastes de tal maneira os homens...

Insensato aquele que espera resposta de Deus. Se ele se te recebe, se ele se te cura, é apagando com a mão as tuas perguntas, como quem afasta para longe a febre. É assim mesmo.

Ao armazenares um dia a tua criação, Senhor, abre-nos tuas portas e faz-nos penetrar lá onde já não se responderá mais nada, porque já não haverá resposta mas beatitude, que é fecho de abóbada das questões e rosto que satisfaz.

Que surpresa, nesse dia, para aquele que, com as pernas penduradas, se sentava tão perto da amada que lhe sentia o bater do coração! Ela não passava de uma gazela que houvessem obrigado a correr e ali estivesse, ainda ofegante. Mas, no cântico das fontes que nesses momentos de amor ouvia, ele como que vislumbrava já essa planície de água doce, mais ampla que a planície dos mares, que agora lhe é dado contemplar. Silencio, porto do navio. Silencio em Deus, porto de todos os navios.

XL

Deus me enviou aquela que mentia por mentir, com tamanha graça, com crueldade cantante. E me debrucei sobre ela como sobre vento fresco do mar.

“Por que é que tu mentes?” - perguntava eu.

Ela então punha-se a chorar, toda debulhada em lágrimas. E eu refletia sobre essas lágrimas:

“Ela chora - dizia eu comigo mesmo - por não acreditarem nela quando mente. Acho que não há teatro algum nos homens. Ignoro o sentido do teatro. Ela realmente quer-se fazer passar por outra. Mas não está aí o drama que me atormenta. Há drama, sim, para ela, que gostaria tanto de ser aquela outra. E vi a virtude mais vezes respeitada por aquelas que a fingem do que pelas que a praticam e tem tanto de virtuosas quanto de feias. Tão desejosas as outras de serem virtuosas e de serem amadas, mas sem se saberem dominar, ou antes dominadas pelas outras. E sempre em revolta contra. E mentindo para serem belas.”

As razões que usam jogos de palavras nunca são as verdadeiras. E é por isso que não as censurarei por nada, a não ser por exprimirem tudo indiretamente. E era por isso que eu me calava diante dessas mentiras, sem mais ouvir, no silêncio do meu amor, o ruído das palavras, mas só o esforço. Só esse trabalho da raposa apanhada na armadilha que se debate contra a armadilha. Ou do pássaro que se ensangüenta no seu aviário. Voltava-me então para Deus e perguntava-lhe: “Por que é que tu não lhe ensinaste a falar uma linguagem comunicável? Se fosse dar-lhe ouvidos, em vez de a amar, eu a mandaria enforcar. E, no entanto, há nela algo de patético. Ela ensangüenta as asas na noite do seu coração. Tem medo de mim como essas pequenas raposas das areias, às quais eu dava pedaços de carne e que tremiam, mordiam e me arrancavam o corpo ferido para a levarem para os seus covis.”

“Senhor - dizia-me ela - eles não sabem que eu sou pura.”

Eu realmente sabia o transtorno que ela provocava em minha casa. E, no entanto, sentia-me ferido no coração pela crueldade de Deus:

“Ajuda-a a chorar. Derrama-lhe lágrimas. Que ela se canse de si própria contra o meu ombro: não há cansaço nela.”

Porque a tinham ensinado mal na perfeição do seu estado e me assaltava o desejo de a libertar. Sim, Senhor, eu falhei no meu papel... Não há mocinha alguma que não tenha importância. Aquela que chora não é o mundo, mas sinal do mundo. E a angústia lhe vem de não vir a ser. Vai-se queimando e dilapidando em fumo. Está prestes a naufragar num rio em movimento difícil de conter. Eu venho e sou a vossa terra e o vosso estábulo e vossa significação. Sou a grande convenção da linguagem e casa e quadro e armadura. “Ouve-me primeiro” - disse-lhe eu.

Tenho de a receber. E também os filhos dos homens e sobretudo aqueles que não sabem que podem saber... “Porque quero te guiar pela mão em direção de si próprio... Eu sou a primavera dos homens.”

XLI

Descobri que os homens eram felizes ou infelizes, não em virtude da simples infelicidade do luto ou da simples ventura das bodas, por exemplo, nem por causa da doença ou da saúde. Nada mais fácil do que conseguir que aquele que está doente se esqueça de que o está. É dar-lhe uma notícia importante e logo o ponho de pé, a andar pela cidade toda. Basta-me para tanto agir sobre o seu espírito mediante um certo sentido das coisas, que, por ser mais simples, chamarei por exemplo, vitória. Não há nada melhor do que o resplendor, ao romper da aurora, das minhas armas vitoriosas, para curar toda a cidade. Olha como eles se empurram e se abraçam uns aos outros. E perguntarás a ti próprio: não seria possível mante-los num clima destes, num clima de música? E eu respondo: a vitória não é paisagem possuída do alto das montanhas, mas avistada lá de cima quando os teus músculos a construíram. A vitória é passagem de um estado para outro. Uma vitória que permanece não tem sentido. Deixa de ser vivificante. Torna-se lânguida e entediante. Porque então deixa de haver vitória, passa a haver simples paisagem cumprida. Hei de viver numa perpétua oscilação entre a miséria e a riqueza? E tu facilmente vens a descobrir que isso também é falso, porque podes viver toda a tua vida na nudez, na miséria e no abandono, como aquele que é perseguido pelos credores e acaba por se enforcar, sem que as pequenas alegrias ou as melhorias passageiras o tenham recompensado do desgaste causado pelas noites passadas em claro. A fortuna e a vitória deixam assim de ser estados duradouros dados ao homem como quem dá ração ao gado. Eu quero os rapazes ardentes e generosos e as mulheres de olhos brilhantes. E onde se vai buscar isso? Nem no interior nem no exterior, decerto. Te direi onde: no gosto pela repercussão de umas coisas sobre as outras. Tanto faz que se trate da tua caravana de guerra como da tua catedral ou da vitória de uma manhã. Mas a vitória não passa de um café da manhã. Porque, obtida essa vitória, não há mais nada a fazer do que gastar essas provisões que te matam. A tua alegria foi tanto mais viva e tanto mais fortes sentiste os laços que te ligam à tua comunidade, quanto maior a tristeza que tenha te levado na véspera a te retirares para tua casa ou para casa dos teus amigos, abalado pelo teu luto e pelo luto dos teus filhos. Ora aí tens tu essa vitória, precisamente na altura em que se desvanece. Mas quem leva cem longos anos a construir a sua catedral, pode viver cem anos da riqueza do coração. Porque é dando que tu te agigantas e amplias o teu próprio poder de dar. E te vejo feliz porque, ao longo do meu ano em que constróis a vida, já vais preparando a festa sem nunca arrecadares provisões. Porque o que dás, antes da festa, para a festa, te engrandece mais do que o que a festa há de te dar de uma só vez. E o mesmo se passa com os teus filhos, que estão em idade de crescer. E com os teus navios, que se demoram no mar: vêem-se ameaçados, depois triunfam e abordam o dia que nasce com as suas tripulações. Eu mesmo vou intensificando o fervor que se alimenta dos êxitos, como daquele que, em vez de plagiar, vai escrevendo e, ao escrever, aperfeiçoa o estilo. Mas repudiarei aquele que, embora vivo, se deixa arruinar pelos êxitos. Porque, quanto mais conheço, mais quero conhecer, mais me sinto disposto para conhecer, mais invejo o bem de outro e mais o rouba e mais engordo à custa de o devorar. Mais me arruíno no coração.

É ao utilizar o objeto conquistado, que o homem descobre que se enganou com a conquista, por ter confundido o calor da criação com o gosto de usar o objeto que já não lhe transmite mais nada. E no entanto, é necessário que venha a submeter-se um dia a esse uso. Mas então, se a conquista serve para o uso, não interessa só o uso que serve para a conquista. Cada um deles vai reforçar o outro. O mesmo se passa com a dança ou com o canto ou com o exercício da oração que cria o fervor, que a seguir alimenta a oração, ou com o amor. Porque, se eu mudo de estado, se deixo de ser movimento e ação tendente seja

ao que for, a essa altura eis-me como morto. E, da cimo da tua montanha, já não desfrutarás da paisagem. Ela deixou de ser vitória dos teus músculos e satisfação da teu corpo ferido.

Haviam condenado cem mil homens à morte. E eu lhes disse: não tenham vergonha dos seus ódios. Os condenados andavam errantes pelas prisões com as placas no peito, para se distinguirem uns dos outros, como se faz com o gado. Cheguei, tomei conta das prisões e chamei toda essa multidão. E ela não me pareceu diferente das outras. Pus-me à escuta, ouvi e olhei. Vi-os repartirem o pão como os outros e acotovelarem-se, como os outros, em volta dos filhos doentes. E embalá-los e velar por eles. E os vi sofrer, tal como os outros, pela miséria de se verem sós, quando sozinhos. E, como os outros, chorarem quando uma das mulheres, no meio daquelas paredes espessas, começava a experimentar uma certa inclinação do coração.

Lembro-me bem do que meus carcereiros me contaram. Mandei que trouxessem aquele que na véspera, tinha esfaqueado alguém. Ainda estava sujo de sangue. Quis eu próprio interrogá-lo. Debruçava-me, não sobre aquele homem já destinado à morte, mas sobre o impenetrável do homem.

Porque a vida pega onde pode pegar. No buraco da rocha, forma-se o musgo. Antecipadamente condenado, é certo, pelo primeiro vento seco do deserto. Mas esconde as raízes que não hão de morrer. Quem ousará considerar inútil esse aparecimento de verdura?

Vim a saber, pelo meu prisioneiro, que tinham zombado dele. E ele se tinha sentido ofendido na vaidade e no orgulho. Na vaidade e no orgulho de condenado à morte...

E eu os vi, ao frio, acotovelarem-se uns contra os outros. E se pareciam com todas as ovelhas da terra. Mandei comparecer os juízes e lhes perguntei:

“Por que é que os separam do povo, por que trazem no peito uma placa de condenados à morte?”

“É a justiça” - responderam-me. E eu pensava:

“Na verdade, é a justiça. Porque a justiça, para eles, é destruírem o insólito. E a existência dos pretos é para eles uma injustiça. E a existência das princesas, se são operários. E a existência de pintores, se porventura não compreendem a pintura.

E lhes respondi:

“Quero que seja justo libertá-los. Procurai compreender. Caso contrário, se eles conseguirem forçar as prisões e tomar conta do reino, serão obrigados por sua vez a vos prender e a dar cabo de vós. E não acredito que o império ganhe com isso.”

Foi então que descobri com toda a evidencia a loucura sanguinária das idéias. E dirigi a Deus a seguinte oração:

“Cometeste então a loucura de os fazer acreditar no seu pobre murmúrio, que lhes ensinará não uma linguagem, mas a maneira de se servirem de uma linguagem? Porque, nessa terrível promiscuidade dos vocábulos, num vento de palavras, foram buscar a urgência das torturas. De palavras toscas, incoerentes ou ineficazes, nasceram engenhos de tortura eficazes.

Mas, ao mesmo tempo, tudo isto me parecia ingênuo e cheio do desejo de nascer.

XLIII

Acontecimentos que não se podem viver na substância são falsos. Sua glória é falsa. Como é falso o nosso entusiasmo pelo vencedor.

Notícias que não deixam nada depois de si são falsas notícias.

O ensino, em vez de ter um conteúdo falso, deve integrar-se num quadro, rodear-se de uma armação.

A obra do escultor é como uma grande paisagem, que vai emergindo da bruma no seu conjunto e não aos poucos. Onde é que viste libertar-se primeiro o nariz, depois o queixo, depois a orelha? A criação é sempre imagem fornecida de um momento para o outro, em vez de dedução sucessiva. Isso é trabalho da multidão que se agita sobre a imagem criadora e comenta e age e constrói em volta.

XLIV

Quando vinha a noite, descia eu do alto da minha montanha pela vertente das novas gerações. Já não conhecia um único rosto. Sentia-me cansado de antemão das palavras dos homens. Deixara de saber descobrir no barulho das carroças e das bigornas batidas por eles o cântico dos corações. Tampouco eles me satisfaziam, pois era como se já conhecesse a sua língua. Era-me indiferente um futuro que doravante não me dizia respeito. Dava-me a impressão de estar enterrado. Já desesperado de mim próprio, couraçado por trás desta opressiva muralha de egoísmo, exclamei para Deus: “Senhor, tu te afastaste de mim, é por isso que eu abandono os homens. E perguntava a mim próprio o que é que no comportamento dos homens me havia desiludido.

Se não tinha necessidade de obter dos meus novos rebanhos o que quer que fosse, por que é que enchia deles os meus palmeirais? Por que acrescentar ao meu palácio novas torres, quando já arrastava a minha túnica de sala em sala, como um navio através dos mares? Para que alimentar outros escravos quando já eram sete e oito em cada porta e se erguiam como pilares da minha casa? Cruzava com eles ao longo dos corredores e bastava o leve sussurrar da minha túnica para se encolherem de encontro às paredes. Para que capturar outras mulheres, quando já envolvia de silêncio as que tinha? Aprendera que não há nada melhor para ouvir do que não prestar ouvidos. Não costumava eu ve-las de pálpebras descidas, os olhos envoltos em veludo, vencidas pelo sono? Depois de assistir a esse espetáculo, sentia-me desejoso de subir à torre mais alta mergulhada nas estrelas, para Deus me explicar o sentido do sono daquelas mulheres. Porque, a essas horas, as gritarias, os pensamentos medíocres, as habilidades degradantes e as vaidades, tudo isso repousa e só lhes regressará de novo ao coração quando for dia, quando só pensarem em levar a melhor, em destronar a companheira no meu coração: (Mas, se me esquecia das palavras delas, só me ficava o vôo de uma ave e a doçura das lágrimas...)

À noite eu descia do alto da minha montanha pela vertente onde já não conhecia ninguém, como um homem enterrado por anjos mudos, e passei a sentir a consolação de envelhecer. E de ser uma árvore cheia de ramos, encarquilhada de nós e de rugas, como que embalsamada já pelo tempo no pergaminho dos meus dedos, e tão difícil de ferir como se já me tivesse tornado eu próprio. E perguntava comigo mesmo: como é que o tirano há de ser capaz de amedrontar com o cheiro dos suplícios, que é cheiro de leite azedo, como se arranjará para fazer mudar seja no que for aquele que envelheceu dessa maneira, se ele deixou para trás uma vida, como alguém que carrega um velho manto, preso apenas por um fio? Vejo-me assim já situado na memória dos homens. E nenhuma negação da minha parte teria sentido daqui para a frente.

Senti também a consolação de me ver libertado das minhas limitações. Era como se esse corpo ferido e encarquilhado se tivesse tornado mais invisível que as asas. Como se passeasse, finalmente nascido de mim próprio, na companhia desse arcanjo que tanto tinha procurado. Como se, ao abandonar o meu velho invólucro, me descobrisse extraordinariamente jovem. E essa juventude não era feita de entusiasmo, nem de desejo, mas de uma extraordinária serenidade. Essa juventude era daquelas que abordam a eternidade, não daquelas que abordam ao romper da aurora os tumultos da vida. Ela era de espaço e de tempo. Dava-me a impressão de que me tornava eterno, por ter acabado de me realizar.

Eu era também semelhante àquele que encontrou no caminho uma jovem apunhalada. Ele a carrega em seus braços calejados, toda esfacelada, abandonada como um buquê de rosas, docemente adormecida pelo relâmpago de uma arma e como que sorrindo por apoiar a sua fronte branca no ombro alado da morte, que a leva até à planície, único lugar onde se encontram aqueles que a hão de curar.

“Ó bela adormecida, hei de encher-te da minha vida. Já não quero saber das vaidades, nem dos acessos de cólera, nem das pretensões dos homens, nem dos bens que posso ter por acaso, nem dos males que me podem atingir, mas apenas daquilo em que me mudo. E, ao levar a minha carga aos curandeiros da planície, me tornarei luz dos olhos, madeixa de cabelos numa fronte pura. E se, depois de a ter curado, lhe ensinar a oração, a alma perfeita a fará manter-se toda ereta, como um caule de flor, bem apoiada pelas raízes...”

Não estou encerrado no meu corpo, que range como uma velha casca. No decurso da lenta descida pela vertente da minha montanha, dá-me a impressão de arrastar, como quem arrasta um grande manto, todas as encostas, todas as planícies e, picotadas aqui e lá, as luzes das minhas moradas, semelhantes a estrelas de ouro. O peso dos dons que levo comigo faz-me dobrar, como uma árvore.

Ó meu povo adormecido, eu te abençoô, continua a dormir.

Que o sol demore, antes de vos arrancar à doce noite! Que a minha cidade tenha ainda o direito de repousar, antes de sair do casulo de manhãzinha para o trabalho. Que aqueles, que o mal ontem feriu e apenas se beneficiam da prorrogação concedida por Deus, esperem ainda, antes de carregarem de novo o fardo do luto, ou da miséria, ou da condenação, ou da lepra que acaba de se declarar. Que permaneçam ainda perdoados e abrigados no seio de Deus.

Sou eu que hei de me encarregar de vós.

Eu velo por ti, meu povo. Continua a dormir.

XLVI

Senti no coração o peso do mundo, como se fosse responsável por ele. A solidão rodeou-me. Apoiei-me a uma árvore, cruzei os braços sobre o peito, no meio da aragem da tarde, e recebi como reféns os que tinham necessidade de encontrar em mim a sua significação, por a terem perdido. Perdeu a significação a simples mãe cujo filho morreu. Ela ainda se mantém diante da cova, voltada para um passado doravante inútil. Ela se havia tornado floresta de cipós em volta de uma árvore florescente. E, de um momento para o outro, a árvore morre”. Que hei de fazer do meu leite, quando me afluir aos seios?” pergunta ela, de si para si.

Já não tem sentido aquele que a lepra vai minando como um fogo lento. Acha-se isolado da comunidade dos homens, não sabe o que há de fazer dos impulsos do coração, lentamente exercidos sobre ele. Nem aquele que habita no seu próprio câncer. Tu bem sabes quem é. Ele tinha dado início a uma série de trabalhos que exigiam que vivesse muito tempo, como árvore que tivesse pacientemente instalado toda a rede das raízes e subitamente se descobrisse o centro de prolongamentos inúteis, porta falsa para o mundo. Ou como aquele cuja granja ardeu, ou como o cinzelador que perde a mão direita. Ou como o homem a quem se extinguem os olhos.

Senti no coração o peso de todos aqueles que não conseguem encontrar ombro para eles. Repudiados pelos seus ou isolados deles. E daquele que em cima do leito, nó de sofrimentos, volta e torna a voltar um corpo mais inútil do que uma carroça quebrada. Chama talvez pela morte, mas a morte não quer saber dele. E grita: “Para que, Senhor, para que?”

Às vezes comparo-os a soldados de um exército derrotado. Mas hei de reuni-los e levá-los à vitória. Porque para todos os exércitos há vitórias, muito embora diferentes de caso a caso. Eles não passam de mais um estágio da vida. A flor que murcha deixa cair a semente, a semente que apodrece serve de alicerce ao caule, e saem asas da crisálida que se abre.

Ah, vós sois o húmus e alimento e veículo para a soberba ascensão de Deus!

XLVII

Não vos envergonheis - disse-lhes eu - dos vossos ódios, das vossas divisões, das vossas cóleras. Não levanteis o punho por causa do sangue derramado ontem. Se saís renovados da aventura, como a criança do seio dilacerado ou o animal alado e belo da crisálida destruída, por que motivo atacar o que no dia de ontem aconteceu, em nome de verdades que se esvaziaram de substância? Eu, instruído pela experiência, sempre tenho visto na atitude daqueles que se engalfinham e se dilaceram a prova sangrenta do amor. E o fruto que nascer não é nem de um nem do outro, mas dos dois. Esse fruto domina tanto um como o outro. E os dois se reconciliarão nele até o dia em que venham a sofrer, com a nova geração, a prova sangrenta do amor.

É verdade que sofrem os horrores do parto. Mas, passado o horror, chega a hora da festa. E uma pessoa encontra-se no recém-nascido. E quando a noite chega e vos adormece, todos são semelhantes uns aos outros. Eu até já o disse a respeito daqueles que, nas prisões, levam as coleiras de condenados à morte: não diferem uns dos outros. Importa simplesmente que se encontrem no seu amor. Perdoarei a todos por terem matado, porque me recuso a distinguir de acordo com os artifícios da linguagem. Este aqui matou por amor. E o outro também tinha matado por amor dos seus. Aprendei a reconhecê-lo e renunciarei a denominar erro o contrário das vossas verdades, e verdade o contrário do erro. Porque a evidencia que domina e vos constrange a escalar vossa montanha, também se apoderou do outro que sobe igualmente sua montanha. E que ele é governado pela mesma evidencia que aquela que vos obrigou a levantar durante a noite. Não a mesma talvez, mas tão forte como ela.

Vós só sabeis ver nesse homem o que nega o homem que sois. E ele também só sabe ler em vós aquilo que o nega. E cada um sabe bem que há nele outra coisa além de negação glacial ou odienta. Há a descoberta de um rosto tão evidente, simples e puro, que até é capaz de vos levar a aceitar a morte por ele. Odiais-vos um ao outro por inventardes um adversário mentiroso e vazio. Mas eu, que vos domino, digo-vos que amais o mesmo rosto, embora mal reconhecido e mal descoberto.

“Lavai-vos, pois, do vosso sangue: sobre a escravidão, nada se constrói, a não ser revoltas de escravos. Nada se tira do rigor, se não houver declives para a conversão. Se a fé oferecida não vale nada e se os declives levam à conversão, nessa altura para que é que serve o rigor?”

“Para que hão de servir vossas armas, quando vier o dia? Que ganhareis com esses degolamentos em que nem sequer sabeis quem matais? Eu desprezo a fé rudimentar, que só concilia os carcereiros.

Desaconselho-te, pois, a polemica. A polemica não leva a nada. Se discutires com aqueles que cometem o erro de recusar as tuas verdades em nome das deles, fica sabendo que assim não fazes mais que recusar as verdades deles.

Aceita-os. Pega-lhes pela mão e guia-os. Diz-lhes: "Vós tendes razão, subamos, no entanto, pela montanha acima". Assim, estabeleces a ordem no mundo. Eles respiram sobre a planície que conquistaram.

Nenhuma dificuldade se levantaria se afirmasses: “Esta cidade tem trinta mil habitantes.” O outro te responderia: “Não tem mais de vinte e cinco mil.” Realmente, seria fácil que vocês concordassem a

respeito de um número. Um dos dois estaria enganado. Há, porém, quem diga: “Esta cidade é operação de arquiteto, é coisa estável. Esta cidade é navio que leva os homens. Esta cidade é cântico dos homens absorvidos no mesmo trabalho...”

Há quem diz: “A liberdade é que é fértil, pois assegura ao homem o nascimento e as contradições nutritivas.” Outro afirma: “A liberdade é podre; o que é fértil é o constrangimento, necessidade interior e princípio do cedro.” E eis que derramam o sangue um contra o outro. Não lamentos que isto aconteça. Em semelhante gesto terás ao mesmo tempo dor do parto e torção contra si próprio e apelo a Deus. Diz, portanto, a cada um deles: “Tens razão.” Porque eles tem razão. Mas leva-os a subirem mais alto, cada um na sua montanha, pois o sofrimento os obriga e lhes dá coragem para enfrentarem o esforço da subida, que eles recusariam, tamanho esforço exige dos músculos e do coração. Porque foges para o alto, se os gaviões te ameaçam. Procuras lá no alto o sol, se porventura és árvore. E os teus inimigos colaboram contigo, porque não há inimigo algum no mundo. Inimigo o que faz é limitar-te, dar-te a tua forma e alicerçar-te. E lhes dizes: liberdade e constrangimento são dois aspectos da mesma necessidade, que é ser aquele e não outro. Livre de ser isto, não livre de ser outro. Livre numa linguagem. Mas não livre de misturar a ela outra. Livre nas regras de determinado jogo de dados. Mas não livre de as corromper, preterindo essas regras em favor das de outro jogo. Livre de construir, mas não de pilhar nem de destruir, por uso mal dirigido, a própria reserva dos teus bens. Aquele que escreve mal e vai buscar efeitos em suas metáforas, acabará seu poder de expressão, porque ninguém sentirá mais nada ao ouvi-lo, quando ele tiver destruído o sentido do estilo entre os homens. Posso comparar o rei a um burro enquanto o rei for respeitável e respeitado. Chega o dia em que se identifica com o burro. Nessa altura, limito-me a pronunciar uma evidencia.

Não há quem não o saiba. Os que reclamam a liberdade reclamam a moral interior, para que nem assim o homem deixe de ser governado. E o policial - dizem eles de si para si - está no interior de cada um. E os que solicitam a coação afirmam que ela é liberdade de espírito. Na tua casa, tens a liberdade de atravessar as antecâmaras, de medir a passos largos as salas, uma por uma, de empurrar as portas, de subir ou descer as escadas. E tua liberdade cresce à medida que aumentam as paredes e os obstáculos e os ferrolhos. E dispões de um número tanto maior de ações possíveis quanto mais obrigações te impôs a dureza das tuas pedras. E, na sala comum, onde te instalas no meio da desordem, deixas de dispor de liberdade, passa a haver dissolução.

E, afinal de contas, todos sonham com uma e a mesma cidade. Mas há quem reclame para o homem, tal como ele é, o direito de agir. Outro, o direito de modelar o homem, para que ele seja e possa agir. E todos celebram o mesmo homem.

Mas enganam-se tanto um como o outro. O primeiro julga-o eterno e existente por si, sem saber que vinte anos de ensino, de constrangimentos e de exercícios alicerçaram nele este e não outro. As tuas faculdades de amor vêm mais do exercício da oração do que da liberdade interior. O mesmo ocorre com o instrumento de música, se não o aprendeste a tocar, ou com o poema, se não conheces nenhuma linguagem. E o segundo também se engana, porque acredita nas paredes e não no homem. No templo, mas não na oração. Porque, das pedras do templo, só conta o silencio que as domina. E esse silencio na alma dos homens. E a alma dos homens, onde se conserva esse silencio. Aí está o templo diante do qual eu me prostro. Mas aquele outro faz o seu ídolo da pedra e prosterna-se diante da pedra enquanto pedra...

O mesmo acontece com o império. Eu não fiz do império um deus para que escravizasse os homens. Não sacrifico os homens ao império. Lanço os alicerces do império, para animar e encher dele o homem.

Homem, para mim, é mais importante que o império. Foi para alicerçar os homens que eu os submeti ao império. Não foi para alicerçar o império que eu submeti os homens. Abandona, pois, essa linguagem que não leva a nada e aprende a distinguir a causa do efeito e o senhor do servo. O que há são relações e estruturas e dependências internas. Eu, que reino, acho-me mais submetido ao meu povo do que qualquer dos meus vassallos a mim. Eu, que subo ao meu terraço e recebo as queixas noturnas e os murmúrios e os gritos de sofrimento e o tumulto das alegrias para fazer delas um cântico a Deus, comporto-me afinal como servidor deles. Sou o mensageiro que os reúne e os arrasta. Sou o escravo carregado com as suas liteiras. Sou o seu tradutor.

Assim eu, o fecho de abóbada deles, sou o nó que os junta e os ata em forma de templo. Como me haveriam de querer mal? As pedras se considerariam lesadas, por terem de agüentar o seu fecho de abóbada?...

Não consintas discussões sobre tais assuntos, porque são vãs.

Nem sequer discussões sobre os homens. Confundes sempre os efeitos e as causas. Como queres que saibam o que se passa através deles, quando não há linguagem para o apreender? Seria a gota de água capaz de se saber rio? E, no entanto, o rio corre. Seria cada célula da árvore capaz de se conhecer enquanto árvore? E, no entanto, essa árvore cresce. Poderia cada uma das pedras ter consciência do templo? E, no entanto; esse templo encerra o seu silencio como se fosse um celeiro.

Poderiam os homens conhecer os seus atos, se não tivessem subido pela montanha, no meio da solidão, à procura do silencio para se realizarem? E, sem dúvida, só Deus pode conhecer a forma da árvore. Mas eles sabem que um puxa para a esquerda e o outro para a direita. E cada um quer massacrar o outro que o irrita e que o incomoda, quando nem um nem outro sabe para onde vai. As árvores dos trópicos também são inimigas umas das outras. Porque todas se esmagam umas às outras e roubam às vizinhas a sua parte de sol. E, no entanto a floresta cresce e cobre a montanha com um casco de pele negra, que distribui de madrugada as suas aves. Julgas que a linguagem de cada um consegue apreender a vida?

Nascem todos os anos os líricos que te dizem que as guerras são impossíveis. Ninguém deseja sofrer, abandonar a mulher e os filhos, conquistar um território do qual não se beneficiará, para depois receber no ventre as balas disparadas por mão inimiga, e ficar estendido ao sol, entre a vida e a morte. E exiges de cada um dos homens sua escolha. E cada um deles recusa. E, no entanto, no ano seguinte, o império pega de novo em armas, e todos aqueles que recusavam a guerra, inaceitável segundo as operações da sua parca linguagem, se unem numa moral informulável para efetuarem um esforço que não tinha sentido para nenhum deles. Edifica-se uma árvore que se ignora. E aquele que se faz profeta na montanha a reconhece.

O que, de superior aos homens, se alicerça ou morre, por tratar dos homens, passa através deles sem que eles o saibam formular: mas o seu desespero é sinal dessa passagem. E se um império está às portas da morte, darás conta dessa morte ao ver que este ou aquele perde a fé no império. Não é certo que o tornes responsável pela morte do império: o que ele fazia era mostrar o mal. Mas como é que serias capaz de distinguir entre os efeitos e as causas? E, se a moral apodrece, lerás os sinais disso na corrupção dos ministros. Podes cortar-lhes a cabeça: eles eram os frutos da podridão. Não é sepultando os cadáveres que vais lutar contra a morte.

Mas é preciso sepultá-los, claro, e tu os sepultas. Ponho de lado aqueles que estão putrefatos. Mas, por uma questão de dignidade, proíbo que se polemize acerca dos homens. Desagradam-me solenemente os cegos que se injuriam uns aos outros com base nas suas deformidades. Haveria eu de perder meu tempo ouvindo-os formular essas ofensas? Se o meu exercito recua, o general acusa-o e ele acusa o general. E o

conjunto acusa as armas más. E o exército acusa os comerciantes. E os comerciantes acusam o exército. E todos eles usam ainda outros. E eu respondo: é preciso cortar ramos mortos, por causa do sinal da morte. Mas é absurdo acusá-los pela morte da árvore. É a árvore que morre quando lhe morrem os ramos. E o ramo morto não passava de um sinal.

Se, em dada altura, eu os vejo apodrecer, corto-os sem me ocupar com eles, mas dirijo meu olhar para outro lado. Não são homens que apodrecem. É um homem que apodrece neles. E eu me debruço sobre a doença do arcanjo...

Bem sei que só há remédio no cântico, e não nas explicações. Alguma vez as explicações dos médicos ressuscitaram a vida? Os médicos dizem: “Ele morreu porque...” E realmente esse homem morreu devido a uma causa conhecida e a um desarranjo das vísceras. Mas a vida era coisa diferente de um arranjo das vísceras. E depois de tu, com a tua lógica, teres tudo preparado, acontece como com uma candeia que forjaste e cravejaste e que não dá luz se primeiro não a acenderes.

Tu amas porque amas. Não há razão para amar. O único remédio é a criação, porque só no movimento dos corações deles constituirás a sua unidade. E a razão profunda deles agirem será esse cântico com o qual os carregará.

E o cântico, na verdade, se tornará amanhã razão, motivo, móvel e dogma. Porque os lógicos se debruçarão sobre a tua estátua para enumerarem as razões que ela tem para ser bela. E não se enganarão, porque ela é bela. Porque eles conhecem através de outras vias que não a lógica.

XLVIII

Trago-vos a grande consolação: não há nada a lamentar. Nem a rejeitar. Meu pai costumava dizer: “Deves-te servir do teu passado como quem se serve da paisagem, num lado flanqueada por uma montanha, limitada naquele outro lado por um rio. Podes espalhar livremente pela paisagem as cidades vindouras, desde que tenhas em conta o que existe - a montanha, o rio. E, se o que existe não existisse, as cidades por ti inventadas seriam cidades de sonho fáceis de inventar, porque não há nada que resista aos sonhos, mas em contrapartida perdidas e dissolvidas no arbítrio. Não te queixes pelos teus alicerces serem estes e não outros. A maior virtude dos alicerces é existirem. É o que se passa com o meu palácio, com minhas portas, com minhas paredes.

“Conquistador algum terá alguma vez lamentado, ao tornar posse de um território, que lá houvesse uma montanha e que aqui se desdobrasse o rio. Tenho necessidade de uma trama para urdir, de regras para cantar ou para dançar e de um homem alicerçado para agir.

“Se lamentas o ferimento recebido, é o mesmo que lamentares não seres, ou não teres nascido numa outra época. Porque todo o teu passado não passa de nascimento hoje. É assim, e pronto. Aceita-o tal como é e não desloques as montanhas. Elas são como são.

XLIX

Só o caminhos importa. Eles é que permanece e não o destino, mera ilusão do caminhante que vai de pico em pico, como se o fim alcançado tivesse um sentido. Assim como não há progresso sem aceitação do que existe. De onde partes perpetuamente. Eu não acredito no repouso. Se uma pessoa se acha envolvida em um litígio e isso a incomoda, não convém tomar procurar uma paz precária e de má qualidade, aceitando cegamente de uma de duas opções. Julgas que o cedro ganharia em evitar o vento? O vento fere-o, mas alicerça-o. Seria um sábio quem conseguisse separar o bem do mal. Procuras um sentido para a vida, quando ele está em vires a ser tu próprio, e não em obteres a paz covarde que o esquecimento dos litígios concede. Se alguma coisa se opõe a ti e te fere, deixa crescer, é que estás ganhando raízes e mudando. Abençoado ferimento que te faz parir de ti próprio: porque nenhuma verdade se demonstra, nem se atinge através da evidencia. E aquelas que te propõem não passam de arranjo cômodo e se assemelham às drogas que se tornam para dormir.

Sinto profundo desprezo por aqueles que se embrutecem para esquecer ou que, para viver em paz, sufocam uma das aspirações do coração. Fica sabendo que toda contradição sem solução, todo litígio irreversível te obriga a crescer para os absorveres. E, através dos nós das tuas raízes tiras da terra sem rosto e na areia e no húmus, e constróis um cedro para a glória de Deus. Só alcança a glória a coluna do templo que se desgastou através de vinte gerações de homens. Foi o desgaste que a fez.

Tu, se quiseres crescer, deixa que os litígios te gastem: eles é que te levam a Deus. É o único caminho que existe no mundo. Daí que o sofrimento te acresça quando o aceitas.

Mas há árvores frágeis que o vento de areia não modela. Há homens fracos que não conseguem ultrapassar-se. Vão buscar a felicidade numa alegria medíocre, depois de haver suicidado grande parte de si próprios. Ficam num albergue para toda a vida. Abortaram a si próprios. Eu não quero saber se eles se realizam ou se vão vivendo. A felicidade, para eles, é estagnarem sobre a pobreza das suas provisões. Recusam inimigos dentro e fora de si próprios. Renunciam a ouvir a voz de Deus, que é necessidade e procura e sede inexprimíveis. Estão longe de procurar o sol, como através da espessura da floresta o procuram as árvores. Nunca o obtém como provisão nem como reserva, porque a sombra das outras árvores sufoca cada uma delas. Procuram-no em plena ascensão, modeladas como colunas gloriosas e lisas, brotadas do solo e tornadas poder, em nome da procura do seu deus. Deus não se atinge mas propõe-se, e o homem se constrói no espaço como uma ramagem.

Tens de desprezar os juízos da multidão, porque te reconduzem a ti próprio e te impedem de crescer. Chamam de erro ao contrário da verdade e consideram simples teus litígios e se recusam a aceitar os ferimentos da tua ascensão, por verem neles frutos do erro. Querem é ver-te encerrado nas tuas provisões, reduzido a parasita, saqueador de ti próprio. Se um dia, como pretendem, te vires realizado, que necessidade te levaria a procurar Deus, a fabricares o teu cântico e a subires mais ainda para pôr sob os pés a paisagem de montanha tornada desordem, ou salvares em ti o sol que, em vez de se ganhar uma vez por todas, não passa de busca quotidiana?

Deixa-os falar. Seus conselhos partem de um coração fácil, que te deseja primeiramente feliz. Desejam dar-te cedo demais essa paz que só a morte nos oferece, quando tuas provisões te servirão enfiam. Porque não são provisões para a vida, e sim mel de abelha para o inverno da eternidade.

E se perguntas: “Devo acordar aquele lá ou deixá-lo dormir para que seja feliz?”, eu te responderei que não sei nada da felicidade. Mas, se houvesse uma aurora boreal, deixarias dormir o teu amigo? Ninguém deve dormir se tem a possibilidade de a conhecer. E é verdade que aquele lá ama o seu sono e se envolve nele. Apesar disso, arranca-o à sua felicidade e o faz sair da cama, para que se realize.

L

A mulher te explora pela casa. E realmente o amor é desejável; é o aroma da casa e o canto do jato de água e a música dos bules silenciosos e a benção das crianças que vem umas atrás das outras, com os olhos cheios do silêncio da tarde.

Não queiras decidir, ao abrigo de fórmulas, entre os favores do amor e o resplendor do guerreiro no meio da areia. Só a linguagem opõe aqui uma realidade à outra. Não há amor fora do guerreiro cheio das extensões do deserto, nem há oferenda da vida na emboscada em volta dos poços a não ser aquela do apaixonado que soube amar, porque de outra forma o corpo ferido oferecida deixa de ser sacrifício ou dádiva do amor. Porque se aquele que combate não é homem, mas autômato e máquina de rebitar, onde está então a grandeza do guerreiro? Apenas vejo nisso obra monstruosa de inseto. E se aquele que acaricia a mulher não passa de gado humilde deitado no estábulo, onde está então a grandeza do amor?

Para mim, só é grande o guerreiro que depõe as armas e embala o filho, ou o esposo que vai à guerra. Não se trata de oscilação de uma para a outra verdade, de algo válido por breve tempo e logo a seguir mudado. Nem de duas verdades sem sentido. É na qualidade de guerreiro que te entregas ao amor e na qualidade de apaixonado que vais à guerra.

Mas aquela que te conquistou para as suas noites e conheceu a doçura do teu leito, se dirige a ti, que és a sua maravilha, e te diz: “Os meus beijos não são doces? Nossa casa não é fresca? Nossos crepúsculos não são felizes?” E tu concordas, sorrindo. “Então - diz ela - fica comigo, para me apoiares. Quando o desejo vier, terás apenas de estender os braços e me dobrarei para ti logo ao sentir o teu peso, como a laranjeira nova carregada de laranjas. Quando está longe, levas uma vida sem graça, que não ensina carícia nenhuma. E os movimentos do teu coração, como a água de um poço assoreado pela areia, não encontra planície onde se realizar”.

E, realmente, sentiste ao longo das tuas noites silenciosas essas impulsos desesperados por esta ou aquela. Suas imagens brilhavam mais, porque sempre ganham maior beleza no meio do silêncio.

Julgas que a solidão da guerra te fez perder a maravilhosa ocasião. E, no entanto, só durante as férias do amor aprendes a amar. E só aprendes a conhecer a paisagem azul das tuas montanhas no meio das rochas que levam ao cume. Só aprendes a conhecer a Deus no exercício de orações que não obtém resposta. Apenas te satisfará para sempre, sem perigo de vir a gastar-se, aquilo que te for concedido fora da corrente dos dias,

quando os tempos tiverem terminado para ti e vieres finalmente a ser, por teres acabado de te realizar.

E, é verdade, podes te enganar. És capaz de lamentar aquele que solta o seu apelo no meio da noite inútil e julga que o tempo corre inutilmente, roubando-lhe os seus tesouros. Podes-te inquietar com essa sede de amor sem amor, esquecido de que na sua essência o amor não é mais do que sede de amor. Bem o sabem os bailarinos e as bailarinas. Eles poderiam começar se abraçando. E, no entanto, vão buscar a poesia no movimento de aproximação.

Afiânço-te que o que conta é a ocasião perdida. Talvez a grande ternura seja a ternura através das paredes da prisão. A oração é fértil enquanto Deus não responde. E são a areia e os espinhos que alimentam o amor.

Não confundas, portanto, o fervor com o uso de provisões. O fervor que exige para si não é fervor. O fervor da árvore vai nos frutos que não lhe trazem nada em troca. O mesmo se passa comigo em relação ao meu povo. Porque meu fervor corre para pomares dos quais não tenho nada a esperar.

Não te encerres nem sequer na mulher. Para busca o que já achaste. O que podes é voltar para ela de tempo em tempo, como aquele que mora na montanha e desce por vezes até ao mar.

LI

Injusto aquele que dizia da sua minúscula casa:

“Mandei-a construir para receber todos os meus verdadeiros amigos...”

O que é que esse infeliz pensava dos homens? Se eu quisesse construir uma casa para meus verdadeiros amigos, nunca a conseguiria construir grande demais. Não sei de homem algum neste mundo que pelo menos em parte não seja meu amigo, por pequena ou fugidia que seja essa parte. Se fôssemos capazes de distinguir os homens, conseguiria até descobrir um amigo naquele a quem mando cortar a cabeça. Mesmo naquele que aparentemente me odeia e, se pudesse, me mandaria cortar a cabeça. E não julgues que se trata de compaixão fácil, nem indulgência, nem desejo vulgar, nem simpatia vulgar, porque eu permaneço inflexível e silencioso. Mas que numeroso é o meu amigo esparso, e como encheria bem a minha casa, se eu o ensinasse a caminhar!

Mas um outro só chama amigo verdadeiro àquele a quem pode confiar dinheiro sem se arriscar a ser roubado - a amizade, então, não passa de lealdade de criado - ou pedir um favor e ele o faz - e a amizade não passa de benefício tirado dos homens - ou àquele que em caso de necessidade seja homem para tomar sua defesa - e a amizade é homenagem prestada. Eu, porém, desprezo a aritmética e chamo meu amigo àquele que vi nele, que dorme talvez enrolado no seu cobertor, mas que, diante de mim, começa a se libertar. Reconheceu-me e sorriu, embora venha mais tarde me trair.

Mas - vês tu? - os que o outro denomina seus amigos são aqueles que beberiam a cicuta em vez dele. Como queres que se alegrem com isso?

Aquele, lá, que se dizia bom, não compreendia a amizade. Meu pai, que era cruel, tinha amigos e sabia amá-los. Nunca se mostrava sensível à decepção, que é avareza frustrada. A decepção não passa de baixaza. Se amaste algo no homem, que importa haver no mesmo homem outra coisa que te desagrade? Mas tu, não, senhor: transformas logo a seguir em escravo quem amas ou quem te ama. Se ele não assume os encargos dessa escravidão, o condenas.

E o outro que fez? Tinha um amigo que lhe fazia presente do seu amor. Vai ele e transforma esse presente em dever. E a dádiva do amor tornou-se dever de beber a cicuta, tornou-se escravidão. O amigo não gostava da cicuta. O outro ficou por desiludido, o que é injusto. Efetivamente, só pode haver decepção relativamente a um escravo que serviu mal.

LII

Estou disposto a falar-te do fervor, porque terás de afrontar muitas censuras. A mulher sempre irá te censurar porque dás a outros e não a ela. Porque, na opinião do homem, o que se dá em alguma parte é roubado em outra. Foi a isto que o esquecimento de Deus e o uso das mercadorias nos reduziram. Porque o que tu dás, na realidade não te diminui, pelo contrário te aumenta as riquezas a distribuir. Assim, aquele que ama todos os homens através de Deus, ama infinitamente mais cada um dos homens do que aquele que ama só um e estende simplesmente ao cúmplice o campo miserável da sua pessoa. Da mesma maneira, aquele que afronta lá longe os perigos das armas dá mais à bem-amada, sem ela o saber, pois lhe dá alguém que é, do que lhe dá aquele que noite e dia a embala, mas não existe.

Neste ponto, não faças economias. Não há mercadoria que se poupe quando se trata dos movimentos do coração. Porque dar é lançar uma ponte por cima do abismo da tua solidão.

E, quando dás, não te preocupes em saber a quem. Porque virão dizer-te: Esse não merece tal dádiva! Como se estivesses a consumir uma mercadoria. Aquele mesmo, que não te serviria de nada nas dádivas que porventura solicitasses dele, pode servir-te nas dádivas que tu lhe concederes. Assim servirás Deus através dele. Sabem-no bem aqueles que, em vez de experimentarem uma piedade baixa pelas misérias da criadagem, fãcilmente expõem as vidas e impõem a si próprios, sem pestanejar, cem dias de marcha através dos rochedos apenas para ajudar o criado do criado deles. Em contrapartida, mostram-se vis e condescendem com a condição de criado aqueles que lhe pedem adiantado algum movimento de reconhecimento, pois o criado não tem carne bastante para pagar um olhar teu. Através do depositário, a quem deste afinal foi a Deus. Tu é que te deves prosternar, porque ele se dignou receber.

LIII

Eu próprio, quando era moço, cheguei a esperar a vinda dessa bem-amada que me traziam para esposa numa caravana procedente de fronteiras tão longínquas, que muita gente envelhecera no caminho. Já viste caravana envelhecer? Aqueles que se apresentaram às sentinelas não tinham conhecido a sua pátria. Porque haviam morrido no decurso da viagem os que teriam podido contar recordações de lá. E, ao longo do caminho, tinham sido sepultados uns após outros. Aqueles que chegaram até nós apenas tinham como patrimônio recordações de recordações. E as canções que haviam aprendido dos seus antecessores não passavam de lendas de lendas. Seria possível imaginar milagre maior do que essa aproximação de um navio que houvessem construído e aparelhado no mar? E a jovem que desembarcasse de um relicário de ouro e prata e pudesse pronunciar a palavra "fonte" por ter aprendido a falar, saberia bem que outrora, durante os dias felizes, se tinha falado de uma fonte. E diria essa palavra como uma oração à qual não se pode responder, pois assim se ora a Deus, por causa da recordação dos homens. Mais espantoso ainda era que ela soubesse dançar. Tinham-lhe ensinado a dança entre as areias e os arbustos de espinhos. Ela bem sabia que a dança é uma oração capaz de seduzir os reis, mas que no meio do deserto ficará sem resposta. Também a tua oração, até à morte, é uma dança para comover um deus. Mas o mais espantoso era que ela fosse dotada de tudo o que lhe havia de servir em outro lugar. Os seios tépidos como pombas para a amamentação. E o ventre liso para servir filhos ao império. Viera a mim toda pronta, como uma semente alada através do mar, e tão bem modelada, tão bem formada, tão puramente encantada por provisões que nunca lhe haviam servido de nada, como tu com os teus méritos sucessivos, e com os teus atos e as tuas lições recebidas, que só te servirão de alguma coisa na hora da morte, quando finalmente te tiveres realizado. Ela tinha se servido tão pouco, não só do ventre e dos seios, que permaneciam virgens, mas das danças para seduzir os reis, das fontes para banhar os lábios e da ciência dos ramos de flores (ela nunca tinha visto flores), que ao chegar até mim, na sua total perfeição, o que ela podia era morrer.

LIV

Já te disse que a oração é exercício do amor, graças ao silêncio de Deus. Se tivesses encontrado Deus, te alicerçarias nele, realizado de uma vez para sempre. Para vir a ser, não precisarias então crescer. Aquele que se debruçava sobre ela e a via tão entrincheirada no seu orgulho como se a protegessem tríplexes muralhas, aquele que sabia ser impossível salvá-la, chorava desesperadamente a sorte dos homens: “Senhor - dizia ele -, eu compreendo e espero as lágrimas. Elas são chuva em que se derrama o perigo da tempestade, são expansão do orgulho e perdão permitido. Que ela desate a chorar e eu perdôo. Mas, semelhante a um animal selvagem que se defende com unhas e dentes contra a injustiça da tua criação, ela não sabe deixar de mentir.”

E a lamentava, por ela ter tanto medo. E dizia a Deus, falando dos homens: “Tu lhes causaste medo uma vez por todas, com os dentes, os espinhos, com as unhas, com as peçonhas, as escamas pontiagudas, os arbustos da tua criação. Ainda terá de passar muito tempo até que eles se tranquilizem e voltem.” E ele sabia bem que aquela que mentia se achava muito longe. Estava completamente perdida e precisaria caminhar sem descanso para voltar.

E ele lamentava os homens, por ver neles distâncias consideráveis, que ninguém seria capaz de medir. Havia quem se admirasse da sua aparente indulgência por pecados abomináveis. Mas ele sabia bem que não era indulgência da sua parte. Costumava dizer a Deus: “Senhor, eu não estou aqui na qualidade de juiz.

Há épocas e homens para julgar e eu próprio posso ser chamado a desempenhar esse papel para com outros. Mas aquela em que peguei porque tinha medo, não foi para exercer sevícias sobre ela. Alguma vez se viu o salvador voltar a lançar ao mar o naufrago, por o julgar indigno? O que fazes é salvá-lo de uma vez, porque não é ele que salva, mas Deus através dele. Só depois de salvo, podes exercer sevícias sobre ele. Se o condenado à morte está doente, o mandas curar, por que te é permitido castigar um homem no corpo, mas não desprezar o corpo de um homem.”

E àqueles que me perguntassem: "Com que fim ages tu, se há tão poucas esperanças de a salvar?", eu responderia que uma civilização não repousa sobre o gozo das suas invenções, mas apenas sobre o fervor em inventar. Não caias na bobagem de pedir ao teu médico que justifique a sua intervenção na qualidade do doente. A ação tem tanta importância porque os fins não passam de aparentes, os estágios são arbitrários e não sabes para onde vais. E, para além deste pico da montanha, há um outro. E, para além desse indivíduo, há outra coisa que salva, mesmo que se trate só da religião da salvação. E, se ages pela recompensa, e se comesças por pedir que te paguem, então és um comerciante e não um homem.

O que podes saber dos estágios que não passam de invenção da linguagem? Só a direção tem sentido. O que importa é ir para, e não ter chegado, porque jamais se chega a parte alguma a não ser na morte.

Encarei, portanto, a licenciosidade como angústia e não como desespero. Se deixas escapar tudo das mãos, é porque renunciaste a agarrar. A licenciosidade não passa de renúncia a ser. E tu desesperas, por esses tesouros morrerem gastos, uns após os outros. Porque a flor seca e se torna semente para ti. E tu, que acreditavas na flor para além de um lugar de passagem, ficas desesperado. Afianço-te que sedentário não é aquele que ama apaixonadamente a jovem, a seguir desposa a mulher, depois embala o filho, mais tarde instrui o filho do homem, para na velhice distribuir a sabedoria. Esse homem caminha sempre em

frente. Aquele que quisesse ficar na mulher, gozar dela como de um poema único ou de uma provisão arrecadada, em breve viria a descobrir a vaidade de tudo isso, porque não há na terra nenhum reservatório inesgotável e a paisagem avistada do alto das montanhas não passa de construção da tua vitória.

Às vezes, o homem repudia a mulher, ou a mulher muda de amante, por se ter desiludido. Conclusão do comportamento leviano quer dum quer do outro. Porque só é possível amar através da mulher e não a mulher. Através do poema e não o poema. Através da paisagem avistada do alto das montanhas. E a licenciosidade nasce da angústia de não se conseguir ser. Quando uma pessoa está com insônia, revira-se e torna a se revirar na cama, em busca do fresco ombro do leito. Mas basta tocá-lo, para este se tornar morno e recusar-se. E ele procura noutro lugar uma fonte durável de frescor. Mas não consegue achá-la, porque, mal a toca, ela se esvai.

O mesmo se passa com aquele ou com aquela que fica no vazio dos seres. Não passam de vazios os seres que não são janelas ou frestas para Deus. É por isso que, no amor vulgar, só amas o que te foge. De outra forma, te vês saciado e farto com tua satisfação. E o sabem bem as bailarinas que me vem representar o amor.

Eu gostaria de ter aquela que enganava a todos e se alimentava de espinhos porque o fruto verdadeiro só se encontra através. Nenhum ser te pode tocar depois de lhe conheceres o jogo e na medida em que o pedes. Ele te toca quando deixas de esperar algo dele. Ou se reduz a uma imagem, uma ovelha perdida, uma criança frágil, ou não passa dessa raposa espantada que te morde o dedo enquanto a alimentas. Que culpa ela tem por se ter aprisionado no seu terror e no seu ódio? Terás por afronta tal gesto ou tal palavra, quando te basta esquecer as palavras e o sentido vão que elas acarretam para encontrares Deus através?

Quando é a mim que ofendem, sou o primeiro a mandar cortar a cabeça, depois de a minha justiça assim ter decidido. Mas eu domino de longe essa raposa que sofre por ter sido apanhada no laço, não para a perdoar, porque não há nada a perdoar nesta altura em que me condeno a estar só, mas para não ouvir, através dos gritos de desordem, o seu simples desespero.

Pode acontecer que aquela que é a mais bela, a mais acabada, a mais generosa, te mostre Deus de menos perto. Não encontras nada com que a tranquilizar, congregar, reunir. E se te pede que te ocupes dela inteiramente e que te encerres no seu amor, apenas solicita de ti um egoísmo a dois. Costumam dar-lhe o nome de luz do amor, quando não há mais nada lá do que incêndio estéril e pilhagem das granjas.

Eu não fiz minhas provisões para as encerrar numa mulher e para me contentar com isso.

Por isso aquela mulher, apesar da deslealdade e da mentira e dos desvios, solicitava mais de mim, pedia mais à fonte do meu coração e até me conseguia dar o gosto da eternidade, por me obrigar a viver no silêncio, que é sinal do amor verdadeiro.

Porque há um tempo para julgar:. Mas há um tempo para vir a ser...

Vou-te falar, portanto, do acolhimento. Se abres a porta ao mendigo e o mandas sentar, não o repreendas por ele ser diferente. Não o julgues. Porque aquilo de que ele mais tinha fome era de estar em algum lugar, na casa de alguém, com o seu ar desajeitado, sua bagagem de recordações, sua respiração arfante e sua bengala encostada num canto. Tinha fome de ser acolhido pelo calor e pela paz do teu rosto, em harmonia com todo o seu passado que não está em causa e com suas falhas como que

despidas. Com a sua muleta, que já não sente, pois não lhe pedes para dançar. E então ele se tranqüiliza, e bebe o leite que tu lhe trazes, e come o pão que lhe cortas, e o sorriso que lhe concedes é manto tão morno como o sol para um cego. Acharias desonroso sorrir-lhe, sob o pretexto de que ele é indigno disso?

Como é que chegas à conclusão de que lhe dás algo, se não lhe dás o essencial que é o acolhimento, que pode tornar tão nobres as tuas relações com o inimigo mais mortal? Que agradecimento esperas extrair dele com o fardo dos teus presentes? Ele não poder deixar de te odiar, se vai embora de tua casa cheio de dívidas.

LV

Não confundas o amor com o delírio da posse, que acarreta os piores sofrimentos. Porque, contrariamente à opinião comum, o amor não faz sofrer. O instinto de posse, que é o contrário do amor, esse é que faz sofrer. Por eu amar a Deus, saio pela estrada fora, mancando penosamente para o levar aos outros homens. E não reduzo o meu Deus à escravidão. E sou alimentado com o que ele dá a outros. Eu sei assim reconhecer aquele que ama verdadeiramente: é que ele não pode ser prejudicado. E o império não pode prejudicar aquele que morre pelo império. Pode-se falar da ingratidão deste ou daquele, mas quem te falaria da ingratidão do império? O império é construído por teus sacrifícios. Que aritmética sórdida pretendes introduzir, se te preocupas com uma homenagem prestada por ele? Aquela que deu a vida ao templo e se trocou pelo templo, amava verdadeiramente. Poderia sentir-se de alguma forma prejudicado pelo templo? O amor verdadeiro começa onde não espera mais nada em troca. E, se o exercício da oração se revela tão importante, por ensinar ao homem o amor aos homens, é porque não há nele resposta alguma.

Vosso amor tem na base o ódio, porque vos paras na mulher ou no homem em quem fazes as vossas provisões. Começas a odiar, como os cães que rondam em volta da bacia, todo aquele que cobiça vossa refeição. Chamam amor a esse egoísmo da refeição. Mal o amor vos é concedido, converteis mais uma vez essa doação livre (o mesmo fazeis com as vossas falsas amizades) numa servidão e numa escravidão e, no mesmo instante em que vos amam, começais a sentir-vos prejudicados. E a infligir, para melhor dominar, o espetáculo do vosso sofrimento. É verdade que sofreis. E é precisamente esse sofrimento que me desagrada. Em que é vós quereis que eu o admire?

Quando eu era jovem, passeava inquieto no meu terraço, sob as estrelas ardentes, por alguma escrava escondida em quem eu via minha cura. Teria levantado exércitos para a reconquistar. E, para a possuir, teria posto províncias aos seus pés. Mas Deus é testemunha de que nunca confundi o sentido das coisas e que nunca qualifiquei de amor, mesmo se ele me punha em jogo a vida, essa busca da minha presa.

No meu entender, a amizade caracteriza-se por nunca se desenganar, e o amor verdadeiro por não poder ser lesado.

Se te vem dizer: “Repudia fulana, porque ela te lesa...”, ouve-os com indulgência, mas não mudes teu comportamento. Quem é que tem o poder de te lesar?

Se te vem dizer: “Repudia fulana, porque todos teus cuidados são inúteis...” , ouve-os com indulgência, mas não mudes teu comportamento, porque escolheste de uma vez por todas. E se te podem roubar o que recebes, quem terá o poder de te roubar o que dás?

E se te vem dizer: “Aqui, tens dívidas. Acolá, não as tens. Aqui, reconhecem tua dedicação. Acolá, a ridicularizamos”, não dês ouvidos à aritmética.

A todos responderás: amar-me é, antes do mais, colaborar comigo.

O mesmo se passa com o templo. Lá só entra o amigo, mas amigo inominado.

LVI

Quero te ensinar um segredo: Todo o teu passado é apenas um nascimento (o mesmo, aliás, se pode dizer dos acontecimentos do império até hoje). Seria tão absurdo lastimares algo do passado como alguém lastimar não ter nascido numa outra época - ou não ter nascido pequeno quando se é grande ou numa região diferente daquela onde se nasceu - e extrair desses sonhos absurdos o desespero de cada instante. Louco, aquele que quebra os dentes contra o passado, bloco de granito terminado. Aceita esse dia como te é dado, em vez de te furtares ao irreversível. Irreversível é um termo que não quer dizer nada, pois é a marca de todo o passado. E se apenas os historiadores, e mais ninguém, conseguem inventar divisões tais como fim atingido, ciclo completo, época acabada, onde te apóias para lastimar uma ação que ainda não produziu efeito e que jamais o produzirá? O sentido das coisas não reside na provisão arrecadada que os sedentários consomem, mas no calor da transformação, da caminhada ou do desejo. E aquele que acaba de ser abatido e ainda sob o calcanhar do vencedor se recompõe, se comporta mais como vencedor do que o que goza sua vitória de ontem. Este faz lembrar o sedentário que desfruta das provisões, e já se encaminha para a morte.

Se os fins não tem significação, para onde devo ir? Me perguntas. E eu, em resposta, te revelarei esse grande segredo que se esconde sob palavras vulgares e simples e que a sabedoria me ensinou pouco a pouco, ao longo da vida: preparar o futuro é, afinal, alicerçar o presente. Os que vão atrás das imagens longínquas, fruto da sua invenção, perdem-se na utopia e nos preparativos e nos sonhos. A única invenção verdadeira é decifrar os aspectos incoerentes e a linguagem contraditória do presente. Se, em vez disso, te deixas levar por essas banalidades que são teus sonhos ocultos sobre o futuro, és semelhante àquele que julga poder inventar a sua coluna e construir templos novos no bico livre de sua pena. Como encontraria ele o inimigo? E quem, a não ser o inimigo, o poderia alicerçar? Contra quem modelaria a sua coluna? O desgaste que a vida vai produzindo na coluna durante gerações e gerações é que alicerça a coluna. Mesmo que não passasse de uma forma, tu não a inventas, vais polindo-a através do desgaste. E assim nascem as grandes obras e os impérios.

O presente é sempre a única coisa que é importante por em ordem. Para que discutir uma herança? Tu não tens de prever o futuro, mas sim de o permitir.

É verdade que tens trabalho, quando o presente te é fornecido na forma de materiais. Ao chamar domínio ou império a este conjunto de carneiros, cabras, campos de cevada, moradias, montanhas, que neste instante existem, extraio algo que não estava lá. E esse algo é uno e simples.

Quem o tocar com a inteligência o destruirá sem ter conhecido. É assim que eu alicerço o presente. De maneira parecida, o esforço que exijo dos músculos ao subir ao pico organiza a paisagem e me faz assistir a essa doçura azul, em que as cidades são como ovos nos ninhos dos campos - o que não é mais verdadeiro nem mais falso do que as cidades vistas como navios ou como templos, mas sim outra coisa. E está em minhas mãos fazer da sorte dos homens um alimento para a minha serenidade.

Fica sabendo que a criação verdadeira não é preconceito sobre o futuro, nem perseguição de quimeras, nem utopia, mas rosto novo lido no presente. E o presente é reserva de materiais a granel recebidos como herança. Não se trata de te regozijares nem de te queixares deles. Existem simplesmente, como tu, por terem nascido.

Deixa o futuro se estender como a árvore um a um os seus ramos. De presente em presente, a árvore irá crescendo até ingressar, realizada, na morte. Não te inquietes por causa do meu império. Depois que os homens lhe reconheceram o rosto na confusão das coisas, depois que eu fiz obra de escultor na pedra, passou a ser tamanha a majestade da minha criação, que mudei os destinos deles. Desde então eles passaram a ir de vitória em vitória. Nunca mais os meus cantores deixaram de ter que cantar. Em vez de glorificarem deuses mortos, basta-lhes simplesmente celebrar a vida.

Olha para os meus jardins. Os jardineiros vão lá de manhãzinha, criar a primavera. Não discutem gineceus nem corolas: plantam sementes.

Ó desenganados, ó infelizes, ó vencidos ouvi: sois o exército de uma vitória! Começais hoje, e é belo ser assim jovem.

Não julgues que é simples pensar o presente, pois, ao pensá-lo, aquela mesma matéria de que hás de fazer uso te opõe uma resistência que nunca te oporiam tuas invenções sobre o futuro. E aquele que se deita na areia perto de um poço seco e que já se evapora sob o sol, como se sente bem em seu sonho. Ficam fáceis os grandes passos a caminho da libertação! Que agradável é beber em sonho! Os teus passos te levam a água como escravos bem disciplinados e não há espinhos para te segurar.

Por outro lado, esse futuro livre de inimigos não leva a nada. E a areia te range entre os dentes, e o palmeiral e o rio pesado e os cantos das lavadeiras naufragam lentamente na morte.

Aquele que caminha de verdade afunda os tornozelos nas pedras, luta contra as espinhos e ensangüenta as unhas nas pedras. Só lhe são fornecidos os degraus da escalada e ele tem de os vencer um a um. E vai criando lentamente a água, à custa do corpo ferido, dos músculos, dos calos nas mãos, dos pés machucados. Ao arrancar a água do deserto de pedras à força, ele lida com realidades tão contraditórias como o padeiro que vai batendo na massa e a sente pouco e pouco endurecer, desenvolver uma musculatura que lhe resiste, atar-se em nós que ele tem de romper; nessa altura é que o padeiro começa a criar o pão. O mesmo se passa com o poeta ou com o escultor que a princípio trabalhavam o poema ou a pedra com uma liberdade em que se perdiam. Tanto podiam fazer sorrir como chorar o seu rosto, debruçar-se à direita ou à esquerda. E não conseguiam realizar-se no meio de uma tal liberdade. Mas chega a hora em que o peixe morde a linha resiste. Chega a hora em que o que querias dizer não o disseste por causa de outra palavra que querias guardar; mas também querias dizer, e acontece que essas duas verdades te resistem. E comesças a riscar ou a modelar na argila um sorriso que começa a te desafiar. Em vez de escolheres isto ou aquilo, em nome de uma lógica verbal, procuras o fecho da abóbada das tuas verdades contraditórias, porque não se deve perder nada - e descobres que o teu poema vai-se escrevendo ou que um rosto está prestes a surgir da pedra, porque já te vês rodeado de inimigos bem-amados.

Nunca dêes ouvidos àqueles que, no desejo de te servir, te aconselham a renunciar a uma das tuas aspirações. Bem sabes qual é a tua vocação, pois a sentes exercer pressão sobre ti. E, se a traíres, é a ti que desfigurás. Mas fica sabendo que a tua verdade se fará lentamente, pois ela é nascimento de árvore e não descoberta de uma fórmula. O tempo é que desempenha o papel mais importante, porque se trata de te tornares outro e de subires uma montanha difícil. Porque o ser novo, que é unidade libertada no meio da confusão das coisas, não se impõe a ti como solução de um enigma, mas como um apaziguamento dos litígios e uma cura dos fermentos. E só virás a conhecer o seu poder, quando ele se tiver realizado. Nada me pareceu tão útil ao homem como o silêncio e a lentidão. Por isso os tenho honrado sempre como deuses por demais esquecidos.

LVII

Noto que vós, deserdados, infelizes e vencidos, sejais tão jovens que só sabeis ler na vossa herança o dia infeliz de ontem. Mas, se eu mandar construir um templo, haveis de constituir a multidão dos crentes. Vos lancei minhas sementes e vos reuni agora na majestade do silêncio, para seres seara lenta e miraculosa. Onde é que há motivo para desesperar? Deveis estar lembrados das madrugadas vitoriosas. Os moribundos nos seus leitos, os cancerosos no meio da pestilência, os mancos sobre as muletas, os endividados entre os cobradores e os prisioneiros rodeados pelos guardas, apesar das divisões e das dores, encontravam-se na vitória como num fecho de abóbada introduzido na sua comunidade. Nessas manhãs, tão heterogênea multidão tornava-se basílica para o cântico da vitória.

Já deves ter visto o amor pegar, como raízes que rompem, num frêmito súbito de almas sobre almas, talvez mesmo sob o golpe da infelicidade que de um momento para o outro se faz estrutura e divino fecho de abóbada, para tirar de todos a mesma parte, a mesma face que colabora. E a alegria então provém de partilhar o pão ou de oferecer um lugar junto do fogo. Fazias uma cara de enjoado, com essa casa minúscula mas grande demais para todos os teus amigos, que até parecias atacado pela gota. E de um momento para o outro abre-se o templo onde só o amigo entra, mas um amigo inominável.

Haverá motivo para desesperar? O que sempre há é um perpétuo nascimento. E, na verdade, o irreversível existe. Mas não há nada nele que seja triste ou alegre. Ele é a própria essência do que foi. O meu nascimento é irreversível, pois eu estou aqui. O passado é irreversível. Mas o presente é fornecido como materiais avulsos que se deixassem aos pés do construtor e vos cabe forjar o futuro.

LVIII

Amigo é aquele que não julga. Eu já te disse. É aquele que abre a porta ao mendigo, à sua muleta, à sua bengala arrumada a um canto. Não lhe peças que dance para julgares como dança. E o mendigo narra a primavera sobre a estrada lá fora. O amigo é aquele que recebe nele a primavera. E, se descreve o horror da fome na aldeia donde vem, sofre com ele a fome. Porque eu já te disse. O amigo, no homem, é aquela parte que é para ti e que te abre uma porta que talvez ele não abra nunca noutro lado. E o teu amigo é verdadeiro e tudo que ele diz é verdade, e te ama mesmo que te odeie nalguma outra casa. E, no templo, o amigo, que graças a Deus abraço e encontro, é aquele que vira para mim o mesmo rosto que o meu, iluminado pelo próprio Deus. Chegamos à unidade, muito embora ele seja porventura lojista quando sou capitão, ou jardineiro quando sou marinheiro. Para além das nossas diferenças, encontrei-o e sou seu amigo. E posso ficar calado junto dele, e nada temer pelos meus jardins interiores, nem pelas minhas montanhas, nem pelas minhas planícies, nem pelos meus desertos, porque ele não passará por lá as suas botas. O que tu, meu amigo, recebes de mim com amor é como se recebesse o embaixador do meu império interior. E o trata bem e o fazes sentar e o ouves. E estamos felizes. Alguma vez, ao receber embaixadores, acaso me viste mante-los à distância ou despedi-los, porque lá no fundo do império deles, a mil dias de marcha do meu, as pessoas se alimentam de iguarias que não me agradam ou porque os costumes deles não são os meus? A amizade é, antes do mais, a trégua e a grande circulação do espírito para além dos pormenores vulgares. E eu não censuro nada àquele que senta-se na cabeceira da minha mesa.

Fica sabendo que a hospitalidade e a cortesia e a amizade são encontros do homem. Que iria fazer no templo de um deus que discutisse a altura ou a apresentação dos seus fiéis, ou de um amigo que, em sua casa, não me aceitasse as muletas e pretendesse fazer-me dançar, para me julgar?

Hás de encontrar bastantes juízes por esse mundo fora. Deixa, que, de te modelar de outra forma e de te endurecer, já os teus inimigos se encarregarão. A tempestade não esculpe melhor o cedro. O teu amigo está feito para te acolher. Fica sabendo que, quando vais ao templo, Deus, em vez de te julgar, te recebe.

LIX

Se quiseres lançar os fundamentos da amizade lá onde não há mais que partilha das provisões e a divisão dos corações daí resultante - para eles se odiarem uns aos outros, nada melhor do que lançar-lhes grão -, tens de reencontrar o respeito pelo homem. Fica sabendo que, na tribo, só se pode respirar quando ninguém critica quem quer que seja. Se pensas mal do teu amigo e o manifestas, é porque não o encontraste ao nível em que se acham os homens - ao nível da assembleia, que no templo é una. Isto não quer dizer que devas ser indulgente ou fraco ou mole no exercício da virtude. Guardarás o teu rigor para outro lado, onde continuarás a ser juiz. E mandarás cortar as cabeças que for preciso, sem pena. Condenas de novo à morte mas, se o condenado ficar doente, cura-o primeiro. Não receies essas contradições de que a tua linguagem insuficiente se socorre para falar dos homens. Porque não há nada que seja contraditório, a não ser a linguagem que exprime. Há uma parte do condenado que entregas ao carrasco, mas há uma outra parte que podes receber à tua mesa e que não tens o direito de julgar. Ordenam-te que julgues o homem, mas também te ordenam que o respeites. E não se trata de julgar um e respeitar o outro, mas de julgar e respeitar o mesmo. Isto é um mistério do meu império, devido apenas à inépcia da linguagem.

E não me importunam essas divisões para lógicos. Porque aquele que eu combato no deserto e envolvo no meu ódio, sempre me proporcionou o melhor exercício da alma. Nós caminhamos, temíveis, um ao encontro do outro, com amor.

LX

Ocorreram-me reflexões a respeito da vaidade. Ela sempre me pareceu não um vício, mas uma doença. Não me parecia estúpida, mas sim doente, aquela que se comovia com a opinião da multidão e que, mal se tornava espetáculo, logo mudava de atitude e passava a ser outra a sua voz. Coitada! Chegava a ficar feliz com palavras pronunciadas a seu respeito e bastava olharem-na para sua face se afogear. Haverá outro meio de alguém obter felicidade de outro, que não o amor ou a dádiva? E, no entanto, a felicidade que ela tirava da vaidade parecia-lhe mais intensa do que a que tirava dos bens, porque preferia esse prazer aos outros prazeres.

Alegria mesquinha e infeliz como um vício. Também há quem sinta prazer quando sente uma comichão e tem de se coçar. A carícia, pelo contrário, é abrigo e morada. Se acaricio determinada criança, é para a proteger. E ela recebe o sinal disso no aveludado do rosto.

Mas tu, vaidosa, és uma caricatura!

Os vaidosos, na minha opinião, deixaram de viver. Quem é que se troca por alguma coisa superior a si próprio, se exige em primeiro lugar receber? Esse não crescerá mais, há de raquítico por toda a eternidade. No entanto, se eu felicitar aquele guerreiro corajoso, ele se comove e treme como a criança da minha carícia. E não há ponta de vaidade nisso.

O que é que comove um e o que é que fere o outro? E em que diferem eles um do outro?

A vaidosa, se adormece...

Como haveis de conhecer o movimento da flor que abana ao vento com todas as suas sementes, se elas não lhe serão entregues?

Como haveis de conhecer o movimento da árvore que entrega os seus frutos, se eles não lhe serão devolvidos?

Como haveis de conhecer a alegria do homem que entrega a sua obra, se ela não lhe será restituída?

Como haveis de conhecer o fervor da bailarina que entrega uma dança, se ela não lhe será restituída?

E o mesmo se passa com o guerreiro que arrisca a vida. Se o felicito, é por ele ter construído a sua ponte. Explico-lhe que renunciou a si próprio em favor de todos os homens. E o vejo contente, não por ele, mas pelos homens.

Mas o vaidoso não passa de uma caricatura. Não é que eu peça a modéstia, porque gosto do orgulho, que é existência e permanência. Se tu és modesto, andas ao sabor do vento como o cata-vento. Porque o outro tem mais peso do que tu.

Peço-te que vivas, não do que recebes, mas do que dás, porque só isso te desenvolve. Não quero dizer com isto que não olhes ao que dás. Deves formar o teu fruto. E é o orgulho que preside à permanência do fruto. A não ser assim, mudá-los-ias constantemente, ao ritmo dos ventos da cor, do sabor e do cheiro!

Mas o que é o fruto para ti? O teu fruto só vale se não te puder ser restituído.

Aquela lá, reclinada no seu leito de brocado, vive das aclamações da multidão: “Eu dou a minha beleza e a minha graça e a majestade do meu

porte. E os homens gostam de me ver passar e vêem em mim a nave maravilhosa do destino. E eu, para dar, basta-me ser.”

A vaidade decorre da dádiva falsa e equívoca. Porque apenas podes dar o que transformas. A árvore dá os frutos que transformou a partir da terra. A bailarina, a dança que transformou a partir do seu passo. E o soldado, o sangue, que ele transforma em templo ou em império.

Mas a cadela no cio não é nada, apesar de os cães a rodearem e a solicitarem. Ela não transformou aquilo que dá. A sua alegria é roubada à alegria da criação. Ela se entrega sem esforço aos desejos dos cães. Há quem desperte a inveja e vá sorvendo o seu aroma. Sente-se feliz se o invejam.

Caricatura da dádiva. E ele se levanta para tornar a palavra nos banquetes. E se inclina para os convivas, como a árvore carregada de fruto. Mas os convivas não tem nada para colher.

O que vale é que sempre há os que julgam colher, porque são mais estúpidos do que o primeiro e se consideram honrados por ele. E, se o vaidoso o sabe, fica convencido de ter dado, porque o conviva recebeu. Repara como se inclinam um diante do outro. Parecem duas árvores estéreis.

A vaidade é ausência de orgulho, submissão à população, humildade ignóbil. Mas procuras a população, para que ela te faça acreditar nos teus frutos.

O rei enobrece um de seus súditos com um sorriso. Pode-se dar o caso de esse súdito dizer: “Meu rei, então, me conhece”. Se houvesse nele amor pelo rei, coraria de prazer e não diria nada. Esse sorriso do rei só teria para ele um sentido: “O rei aceita o sacrifício da minha vida...” E toda a sua vida se dá e troca num ápice pela majestade de um rei. “Eu contribuí - poderia ele dizer - para a beleza do rei, que é belo por ser o orgulho de um povo.”

Mas o vaidoso tem inveja do rei. E, se o rei lhe sorriu, ele cobre-se com esse sorriso, e desfila como uma caricatura, para ser por sua vez invejado. O rei emprestou-lhe a sua púrpura. E ele se comporta como um macaco de imitação.

LXI

Esses tais são filhos da moral que te ensinaram os mercadores ávidos de colocar as mercadorias. Julgas que a alegria te provém de receber e de comprar. Como havias de te convencer do contrário, quando tantos esforços se fizeram por criar laços entre ti e o objeto?

E, na verdade, o objeto é grande quando tu te dás a ele. Quando tentaste trocar o teu trabalho pela luz da pedra. Porque ela pode ser religião. E eu conheci aquela cortesã que trocava por pérolas incorruptíveis a seu corpo perecível. Não desprezo tal culto. Mas torna-se vil todo objeto que submetes a ti como um incensório. A verdade é que não há nada em ti que valha a pena incensar.

No entanto, dou um brinquedo à criança e ela foge com o seu tesouro com medo de eu tirá-lo. Mas trata-se de um ídolo, que logo nos primeiras espinhos a fará sangrar.

LXII

Pus-me a pensar no absoluto e vi que era difícil a pirâmide não descer de Deus para os homens. Aí tens o chefe do império: se ele se é absolutamente o chefe, o aceitas, como necessidade natural, da mesma maneira que, se quiseses ir da sala do conselho para a sala de repouso através do palácio do meu pai, subirás por esta escada e não por outra, empurrarás esta porta e não outra. Lamentarias porventura não escolher outro caminho, se nenhum outro existe? Assim como não há submissão, abandono ou baixeza em te decidires por essa caminhada, que aliás percorres com toda a liberdade do teu passo, também não há submissão, abandono ou baixeza em te submeteres à autoridade do chefe do império, a qual é simplesmente como que absoluta, a não ser no caso de despotismo. Mas, se acontece seres tu a pessoa mais importante do império logo a seguir a ele, se o poder dele sobre ti não é necessário, mas acaso da política, fruto de juízos particulares e discutíveis, ou resultado de uma manobra hábil, então com certeza o invejarás. Porque só invejamos aquele que poderíamos substituir. Haverá algum preto que tenha ciúmes do branco? Haverá algum homem que sinta uma inveja verdadeira do pássaro, inveja que dá lugar ao ódio, porque procura destruir para substituir? É verdade que nem sempre critico a ambição que demonstras, porque pode ser a marca do desejo de criar. Mas critico o teu ciúme. Porque aí te temos tecendo intrigas contra alguém. Absorto nas tuas intrigas, desprezarás a criação que na verdade é colaboração maravilhosa de um através de todos. Começaste por o julgar e em breve havemos de te ver desprezá-lo. Não tens dúvidas em admitir que outro possa prevalecer sobre ti pelo poder, mas alguma vez reconhecerias que ele te leva a melhor em discernimento ou em equidade ou em nobreza de coração? E se o desprezas, recompensar-te-á do trabalho a sua estima? A estima vinda de quem tu desprezas não passa de ofensa. E as relações entre os homens se afigurarão irrespiráveis.

Sempre que ele te der uma ordem, te sentirás humilhado, e ele próprio pensará em te humilhar, para assegurar melhor o seu reinado. Só poderá tornar a sua refeição de igual para igual diante de ti, interrogar-te, admirar o teu saber e regozijar-se com as tuas virtudes aquele que é senhor como a parede é parede, sem que pense sequer em se regozijar por ser assim.

Eu, por exemplo, posso ir e sentar-me à mesa do mais humilde dos meus súditos. E ele limpa a mesa e põe a panela no fogo, todo iluminado pela minha presença. Alguma pedra do edifício censuraria o fecho de abóbada por ser fecho de abóbada? E o fecho de abóbada desprezaria qualquer das pedras? Aqui estamos sentados diante um do outro, em igualdade. A única igualdade que tem qualquer significado. Se eu lhe pergunto pelo seu campo, não é no intuito vil de o conciliar comigo satisfazendo-lhe a vaidade - eu não tenho necessidade da sua aprovação -, mas para me instruir. Se quem pergunta não se interessa pela pergunta, é porque despreza. Se o interlocutor se apercebe disso, enterra-lhe a faca no ventre. Mas eu queria saber quantas oliveiras tinha aquela plantação. Perguntei para receber.

Fiz uma visita ao homem. Saboreei seu acolhimento do homem e ele também recebeu de mim. Há de mostrar aos bisnetos o lugar onde eu me sentei.

Como o meu poder não está em causa e não tenho de refrear nem multiplicar meus gestos por motivos sem grandeza, até posso manifestar reconhecimento. Se ele sorri para mim e se mostra atencioso e manda assar o carneiro para me receber, recebo algo que vem do homem, algo de igual para igual, como se ele se a recebesse de mim. As dádivas retiradas como flechas podem-me atingir o coração. O mesmo se passa com a imagem de Deus, que recebe os teus mais humildes pensamentos e os teus atos mais

fugidios, como também recebe a oração do meio-dia do simples mendigo perdido no deserto. Ao passo que terás de inventar um presente enorme se te passa pela cabeça homenagear o príncipezinho discutível. Ele medirá a sua glória pela importância do teu presente.

Mas se aquele homem dá a volta à manivela desengonçada para fazer subir o balde do fundo do poço e depois o faz balançar no parapeito e se ri da humilde vitória; se depois o traz, debaixo do sol, arcando até junto de mim, que o espero à sombra de uma parede; se por fim me enche o copo com essa reserva de frescor, esse homem banha-me no seu amor.

LXIII

O grande exemplo das cortesãs e do amor vem-me mesmo a calhar. Enganas-te totalmente se acreditas nos bens materiais por eles próprios. Só há paisagem avistada do alto das montanhas na medida em que a tiveres construído pelo esforço da tua subida. O mesmo se passa com o amor. Não há nada que tenha sentido em si mesmo. O sentido verdadeiro é que é estrutura de todas as coisas. O rosto de mármore não é a soma de um nariz, de uma orelha, de um queixo e de mais uma orelha, mas musculatura que liga todos estes órgãos uns aos outros. Punho fechado que encerra algo. E a imagem do poema não reside nem na estrela, nem no número sete, nem na fonte, mas no laço que eu componho obrigando as minhas sete estrelas a se banharem na fonte. Realmente, são necessários objetos ligados para que a ligação se mostre. Mas seu poder não está nos objetos. Não é nem na corda, nem no suporte, nem em nenhuma das suas partes que reside a armadilha para raposas, mas num conjunto que é criação. E ouves a raposa se queixar, porque acaba de ser apanhada. Assim eu, cantor, escultor ou bailarino, saberei apanhar-te nas minhas armadilhas.

E o mesmo se passa com o amor. O que é que tu tens a esperar da cortesã, a não ser repouso do corpo depois da conquista do oásis? Ela não exige nada de ti, não te obriga a ser. A gratidão que sentes por amar, quando te assalta o desejo de voar em auxílio da amada, está nela ter solicitado de ti o arcanjo que em ti dormia.

Não é a facilidade que estabelece a diferença. Aquela de que tu gostas, se gosta de ti, basta abrir os braços para a receberes. A diferença reside na dádiva. No caso da cortesã, é que não há dádiva possível. Ela considera de antemão como tributo aquilo que tu lhe levas.

E, se te impõem o tributo, tu discutirás esse ônus. É o tal caso da dança que se dança. Há os soldados que se espalham à tardinha pelo bairro proibido da cidade. Levam nos bolsos o magro soldo, que é preciso fazer durar. E negociam e compram o amor, como se fosse um alimento. E, assim como o alimento os torna disponíveis para uma nova caminhada pelo deserto, o amor comprado lhes dá ao corpo a calma, disponível para a solidão. Mas transformaram-se todos eles em comerciantes, e já não experimentam fervor.

Para dar à cortesã, seria preciso ser mais rico do que o rei. Ela agradece o que tu lhe levas antes de mais a si própria. Gaba-se do êxito obtido e honra-se a si própria por ser tão hábil e tão bela que te conseguiu arrancar essa quantia. Poderias atirar num poço sem fundo o carregamento de ouro de mil caravanas. Afinal, nem sequer começaste a dar. Porque é preciso alguém pára receber.

Às vezes, ao cair da tarde, os meus guerreiros entretem-se a fazer festinhas nas orelhas das raposas das areias recém-capturadas e chegam a sentir um vago amor por elas. Tem a ilusão de dar alguma coisa àqueles animaizinhos selvagens. E ficam todos derretidos quando elas se vão aconchegar juntinho ao coração.

Mas vê se me consegues encontrar no bairro proibido uma cortesã que sinta necessidade de se apoiar no teu ombro.

No meio dos meus soldados descobre-se às vezes um que, apesar de tão rico como todos os outros, mostra tão pouco amor pelo seu ouro como a árvore pelas sementes que está desejosa de lançar ao vento, pois é um soldado.

E ele exhibe a sua magnificência, alta noite, nas imediações das espeluncas. Chega a fazer lembrar o semeador de cevada que caminha a passos largos através daquela terra escarlata que é digna de receber.

O meu soldado lá vai, dilapidando as suas riquezas. Não sente o menor desejo de as arrecadar. Só ele conhece o amor. E daí talvez também o consiga despertar nas cortesãs: a dança que neste caso se dança é outra e elas assim já podem receber.

O erro - sou eu que te digo - está em desconhecer que receber é muito diferente de aceitar. Receber é essencialmente dar, e darmos-nos a nós próprios. Avaro não é aquele que evita gastar a fortuna em presentes, mas aquele que não dá a luz do seu próprio rosto em troca da tua oferenda. Avara é a terra que não fica mais bonita depois de lançares nela as tuas sementes.

As cortesãs e os guerreiros ébrios se iluminam uma vez por outra.

LXIV

Os aproveitadores vieram e se instalaram no meu império, porque ninguém mais cuidava de criar o homem. E o rosto patético, em vez de máscara, já não passava de tampa de uma caixa vazia.

Meus súditos vieram de destruição do Ser em destruição do Ser. E hoje, mesmo que alguém quisesse dar a vida por eles, não descobriria por que. Vamos então viver. Só aceitas morrer por aquilo de que podes viver. Eles iam dando acabando com as velhas construções. Gostavam muito de ouvir o barulho da queda dos templos. E, no entanto, se esses templos se desmoronavam, não deixavam nada em troca. Destruíam, pois, seu próprio poder de expressão. Destruíam o homem.

Havia também quem se enganasse a respeito da alegria. Esse homem começara por dizer: a aldeia. Nesse termo englobava todas as resistências e costumes e ritos obrigatórios que tinham feito dela uma aldeia fervorosa. Mas, um dia, começou a confundir. E quis ir buscar a sua alegria, não em uma estrutura realizada e lentamente modelada, mas na instalação de algo que fosse provisão, como o poema. E tal esperança é vã. Outros ainda, ao verem como era grande o homem, resolveram libertá-lo. Aquelas coações só serviam para atrapalhar o homem forte. E, na verdade, o inimigo que te alicerça ao mesmo tempo te limita. Mas experimenta suprimir o inimigo e nem sequer poderás nascer.

Havia depois aquele que viu na alegria um fruto das provisões. A alegria era saborear a primavera. Mas é imensamente frágil o sabor da primavera se te fazes vegetal para aproveitá-lo. Como é fraco o sabor do amor, se esperas que um rosto te invada. Para uma obra te transmitir algo, há de ser essencialmente sofrimento. E como é que havia de ressoar em ti o cântico dos forçados e da ausência, se não construisses primeiro em ti a ausência através de mil feridas e as galeras mediante o caráter inexorável do teu destino?

Aquele que durante muito tempo remou sem esperança em direção da madrugada ouve o canto das galeras, e aquele que teve sede no meio da areia experimenta o cântico da ausência. Mas, se não sofreres, nada disso te será dado, já que não há ninguém em ti.

Esse poema sobre a aldeia, capaz de te proporcionar o calor do caldo à tardinha, de te fazer sentir a fraternidade dos homens e o bom cheiro do gado recolhido, esse poema que até te pode transmitir a alegria do fogo de artifício na praça, em tempo de festa, está muito longe de ser a aldeia. O que é que a festa ligaria em ti, se não despertasse um certo eco? Se não fosse lembrança de libertação depois da escravidão, amor após o ódio, ou milagre no desespero? A não ser assim não serias nem mais nem menos feliz do que um dos teus bois. A verdade é que a aldeia se veio construindo lentamente em ti e, para atingir o que hoje é, tiveste de escalar lentamente por uma montanha. Porque foste configurado pelos meus ritos e meus costumes e tuas renúncias e teus deveres e tuas cóleras obrigatórias e pelos perdões e tuas tradições opostas a outras. Não é esse fantasma de aldeia que esta tarde te faz cantar o coração - seria fácil demais ser homem -, mas uma música que a princípio quiseste repelir e depois aprendeste lentamente.

Mas se vais até essa aldeia e te divertes com os costumes, acabas com eles. Eles não são nem para divertimento nem para brincadeira. Se os puseres em ridículo as pessoas deixarão de acreditar neles. Adeus brincadeira, costumes. Acabaram-se: para eles e para ti.

A ordem - dizia meu pai – eu a construo. Mas não segundo a simplicidade e a economia. Porque não se trata de vencer o tempo. Que me importa que os homens engordem se eu mandar construir celeiros em vez de templos e aquedutos em vez de instrumentos musicais? Para que quero saber de toda essa humanidade ladra e vaidosa, mesmo que opulenta? Interessa-me saber qual o homem em questão. E esse homem, para mim, é aquele que se tiver banhado demoradamente no tempo perdido do templo, como que a contemplar a Via Láctea que ele imagina ampla, aquele que tiver empregado o coração no amor através do exercício da oração à qual não se responde (porque a resposta que pagasse a oração tornaria o homem ainda mais ladrão), e aquele em quem o poema tiver amiúde ressoado.

O tempo que economizo na construção do templo, navio que se dirige a qualquer parte, ou no embelezamento do poema que faz vibrar o coração dos homens, terei de o empregar mais em enobrecer do que em engordar a espécie humana. E, se assim é, inventarei os poemas e os templos.

Dizem que se perde muito tempo nos funerais. Os homens, que cavam a terra para nela encerrarem os despojos do morto, poderiam ter consumido esse tempo em trabalhar e ceifar. Apesar disso, estou disposto a proibir essas fogueiras onde se queimam os cadáveres. Que me importa o tempo ganho, se ele se me fizer perder o amor aos mortos? Não sei de imagem mais bela para servir o amor aos mortos do que a tumba: os parentes lá vão, no seu passo miudinho, procurar no meio das pedras a pedra dos seus, regressados a terra como se os houvessem colhidos, convertidos em massa natural. Apesar disso, eles sabem que algo permanece, uma relíquia no ossuário, a forma de uma mão que acariciou, um osso do crânio, esse cofre de tesouros sem dúvida vazio mas outrora cheio de tantas maravilhas. Ordenei então que, quando possível, se construísse uma casa para cada morto, sem olhar para a utilidade nem o dinheiro, para uma pessoa, nos dias de festa, acordar e compreender, não só com a razão mas em todos os movimentos da alma e do corpo, que mortos e vivos se encontram uns com os outros e constituem uma só árvore em crescimento. Acostumei-me a ver o mesmo poema, a mesma curva de quilha, a mesma coluna atravessarem gerações, cada vez mais belos e mais depurados. O homem realmente é perene, se o olharmos de frente, como míopes que se aproximam demais, mas não o é na sombra que projeta, nem no reflexo que deixa atrás de si. Se eu tiver de economizar o tempo perdido em sepultar os cadáveres e em construir-lhes uma morada, se desejar que esse tempo perdido sirva para ligar a cadeia das gerações, para através dela a criação subir direto ao sol como uma árvore, se decretar essa ascensão mais digna do homem do que a ampliação da linha do ventre, então mandarei que o tempo ganho de que disponho sirva para sepultar os mortos, depois de pesar bem o destino a dar-lhe.

A ordem que eu construo - dizia meu pai - é a da vida. A árvore está em ordem, apesar de ser ao mesmo tempo raízes e tronco e ramos e folhas e frutos. O homem está em ordem, apesar de ter um espírito e um coração, e não se reduzir a uma função, como trabalhar ou perpetuar a espécie; apesar de ser ao mesmo tempo aquele que trabalha e que reza, que ama e resiste ao amor, e trabalha e repousa e ouve as canções da tarde.

Um dia, alguém reparou que todos os impérios gloriosos estavam em ordem. E a estupidez dos lógicos, dos historiadores e dos críticos fez-lhes acreditar que a ordem era a mãe da glória dos impérios. A verdade é que a ordem e a glória não passavam de fruto do fervor que havia nesses impérios. Se eu quiser criar a ordem, crio um rosto que as pessoas amem. Mas os lógicos, os historiadores e os críticos

vêm a ordem como um fim em si, e, quanto mais se discutir sobre tal ordem, quanto mais perfeita for, mais se torna economia e simplicidade. Engana-te o que é difícil de enunciar. Ora, nada do que verdadeiramente importa se enuncia. Ainda não encontrei um professor que me conseguisse explicar por que é que eu gosto do vento no deserto, à luz das estrelas. As pessoas chegam a um acordo sobre o usual porque a linguagem que exprime o usual é cômoda. Não há perigo de nos desmentirem quando afirmamos que valem mais três sacos de cevada do que um só. Mas acho que ajudo mais os homens se os obrigar a beber desta bebida que nos amplia o prazer de caminhar algumas vezes à noite, à luz das estrelas, pelo deserto fora.

“A ordem é o sinal e não a causa da existência. Da mesma maneira que o plano do poema é sinal de que ele está acabado e marca da sua perfeição. Não é em nome de um plano que tu trabalhas, tu trabalhas para obter um plano. Mas os mestres dizem aos alunos: “Olhem para esta grande obra e reparem na ordem que revela. Fabriquem-me, antes de tudo, uma ordem, e vossa obra será grande.” Uma obra dessas não passará de esqueleto sem vida e detrito de museu.

“Eu que estabeleça o amor pelo domínio, e se ordenará toda a hierarquia dos agricultores, dos pastores e dos ceifeiros e, à cabeça, o pai. Experimenta impor às paredes a missão de glorificarem Deus e elas se ordenarão em volta do templo. E então a ordem virá da paixão dos arquitetos.

“Não tropeces na tua linguagem. Se impuseres a vida, fundarás a ordem; se impuseres a ordem, imporás a morte. A ordem pela ordem é caricatura da vida.

LXVI

No entanto ocorreu-me o problema do sabor das coisas. Os homens deste acampamento fabricavam louças que eram belas. E os daquele lá, louças feias. E compreendi que, evidentemente, não havia lei formulável para embelezar as louças: Não era questão de gastos para aprendizagem, nem de concurso e honras. Mesmo aqueles que trabalhavam em nome de uma ambição diferente da qualidade do objeto, por muito que entrassem noite adentro entregues ao seu trabalho, não conseguiam deixar de produzir peças pretensiosas, vulgares e complicadas. Realmente, dedicavam suas noites de vigília à venalidade ou à luxúria ou à vaidade, isto é, a si próprios. Já não se trocavam em Deus por intermédio de um objeto que fosse fonte de sacrifícios e imagem de Deus, e onde se viessem a confundir as rugas e os suspiros e as pálpebras pesadas e as mãos tremulas de terem modelado tanto e as satisfações da tarde depois do trabalho e o desgaste do fervor. Apenas conheço um ato fértil, que é a oração, mas também sei que todo o ato é oração, se for dádiva de nós próprios para nos realizarmos. És como a ave, que constrói seu ninho, e o ninho é morno; como a abelha, que faz o seu mel, e o mel é doce; como o homem, que modela a sua urna pelo amor da urna, portanto por amor, portanto por oração. Acreditas no poema que foi escrito para ser vendido? Se o poema é objeto de comércio, deixa de ser poema. Se a urna é objeto de concurso, deixa de ser urna e imagem de Deus. Não passará de imagem da tua vaidade ou dos teus apetites vulgares.

LXVII

E houve um exemplo de gente ainda mais estúpida que veio a mim, cheia de razões e inconstância e belas argumentações. Eu, porém, tinha vontade de rir deles, pois estou farto de saber que a linguagem designa mas não apreende e que os discursos mostram o processo do pensamento mas não o contradizem nem o apóiam.

“Esse general - explicava-me um deles - não ouviu os meus conselhos. Eu, no entanto, mostrei-lhe o futuro...” Deve ter acontecido o seguinte: em casa dele, o vento das palavras carregou, nesse dia, imagens às quais o futuro se dignou assemelhar-se - como sem dúvida noutra dia, ainda em casa dele, o vento das palavras carregou imagens contrárias, porque cada um deles disse tudo o que tinha a dizer. Mas fica claro que destituo, ponho no cárcere e não me dou ao cuidado de alimentar aquele general que dispôs os seus exércitos, pesou as suas possibilidades, cheirou o vento, ouviu dormir o inimigo, mediu o peso do despertar dos homens e depois disso mudou de planos, substituiu os capitães, alterou a marcha dos exércitos e improvisou batalhas por causa de um transeunte ocioso que movimentou durante cinco minutos um ridículo vento de palavras encadeado em silogismos.

Gosto daquele que vem a mim, com gesto de amassador de pão, e me diz:

“Eu os sinto lá prestes a ceder se tu o exiges, mas prontos para se aventurarem se recorres à fanfarra dessas palavras. Eles tem um ouvido muito sensível. Ouvi-os dormir e o seu sono não me agradou. Vi-os acordar e alimentar-se...”

Gosto daquele que sabe dançar e que dança. Só aí reside a verdade. Porque, para seduzir, é preciso desposar. E uma pessoa tem de desposar para ser bem sucedida num homicídio. Tu apóias a tua espada na espada e o aço dança com o aço. Mas já viste raciocinar alguma vez aquele que combate? Onde é que há tempo para raciocinar? O escultor repara como lhe dançam os dedos na argila, porque deu essa dedada com o polegar para corrigir a marca do indicador, para contradizer na aparência, mas só na aparência, porque só a palavra significa algo, mas não há contradições fora das palavras. A vida não é nem simples nem complexa, nem clara nem obscura, nem contraditória nem coerente. Ela é, e isso é tudo. Só a linguagem a ordena ou complica, a ilumina ou obscurece, a diversifica ou congrega. E, se deste um murro à direita e um murro à esquerda, não é preciso deduzir daí duas verdades contrárias, mas a verdade una do encontro. E só a dança desposa a vida. Aqueles que se apóiam em razões coerentes e não na riqueza do coração, que discutem para agir segundo a razão, nem sequer chegarão a agir, porque aos seus silogismos alguém mais hábil oporá argumentos melhores, aos quais eles, depois de terem refletido, oporão argumentos ainda melhores. E assim, de advogado hábil em advogado mais hábil, por toda a eternidade. As únicas verdades que se demonstram são as do passado, evidentes em primeiro lugar porque são. Se quiseres explicar pela razão o motivo por que determinada obra é grande, não há dúvida de que o conseguirás. Porque conheces de antemão o que desejas demonstrar. Mas a criação não pertence a esse domínio. Experimenta dar pedras ao teu contador e ele não construirá templo algum.

Os teus inteligentes técnicos discutem os seus lances como no xadrez. E eu admito que eles, afinal de contas, jogarão o lance definitivo (ainda que eu volte a desconfiar disso, porque tu jogas xadrez sobre elementos simples, mas os dilemas da vida não se pesam. Suponhamos um homem ladrão e vaidoso; se,

por qualquer razão, seus defeitos entrarem em conflito, diz-me por palpite qual deles prevalecerá: a avareza ou a vaidade? Eles devem talvez fazer a jogada mais segura. Mas esqueceram a vida. Porque, no jogo de xadrez, o teu adversário, antes de deslocar a sua peça, espera que te tenhas dignado deslocar a tua. E tudo se passa, assim, fora do tempo, que não alimenta árvore alguma para a fazer crescer. O jogo do xadrez está como que atirado para fora do tempo. Mas, na vida, temos um organismo que evolui. Um organismo e não uma sucessão de causas e efeitos - ainda que, logo a seguir, para espantar teus alunos, tu os descubras. Porque causa e efeito não passam de reflexos de um outro poder: a criação a dominar: E, na vida, teu adversário não espera. Ele deslocou vinte peças, antes que deslocasses a tua. E, agora, a tua jogada é absurda. E por que é que ele havia de esperar? Viste porventura o bailarino esperar? Acha-se ligado ao adversário e é assim que reina sobre ele. Os que se dedicam à inteligência, eu sei bem que chegarão tarde demais. É por isso que, para governar o meu império, convido aquele que chega a minha casa e me mostra, por meio de gestos que se corrigem uns aos outros, que afinal lida com uma massa que se lhe ligará entre os dedos.

Descubro que esse homem é permanente, ao passo que a vida obriga o outro a construir uma nova lógica a cada momento.

LXVIII

Me pareceu claramente uma outra verdade: que nem a felicidade, nem o interesse significam nada para o homem. Porque o único interesse que o move é o de ser permanente e durar. E, para o rico, enriquecer; para o marinheiro, navegar; para o gatuno, armar a emboscada à luz das estrelas. Mas vi todas as pessoas desdenharem facilmente a felicidade, quando ela não passava de ausência de cuidado e de segurança. Aconteceu que meu pai se comoveu com a sorte das prostitutas ao ver, nessa cidade escura, aquele esgoto que corria para o mar. Elas apodreciam como uma gordura esbranquiçada e faziam apodrecer os viajantes. E mandou os homens de armas apoderarem-se de algumas delas, como se capturam insetos para lhes estudar os costumes. E a patrulha andou entre as paredes sujas da cidade apodrecida. Por vezes, num cubículo sórdido donde saía um cheiro viscoso a cozinha rançosa, os homens descobriam uma mulher que esperava, sentada num tamborete junto do candeeiro. Viam-na, pálida e triste como uma lanterna debaixo de chuva, compor uma máscara de boi marcado por um sorriso, que mais parecia um fermento. Era uso, entre elas, cantarem uma cantiga monocórdica para chamar a atenção dos transeuntes, à maneira das medusas macias que preparam o encanto dos seus laços. Ao longo da ruela, iam-se ouvindo essas ladainhas desesperadas. Quando o homem se deixava apanhar, a porta fechava-se sobre ele por alguns instantes e o amor consumava-se na mais amarga deterioração. A ladainha, um instante suspensa, era substituída pela respiração curta do monstro pálido e pelo silêncio duro do soldado que comprava a esse fantasma o direito de não mais pensar no amor. Ele vinha extinguir sonhos cruéis, porque era talvez de uma pátria de palmeiras e de moças sorridentes. E, pouco a pouco, no decurso das expedições longínquas, as imagens dos seus palmeirais tinham-lhe desenvolvido no coração uma ramagem de peso intolerável. O regato tinha-se tornado música cruel e os sorrisos das moças e os seios mornos debaixo dos vestidos e as sombras dos corpos adivinhados e a graça que lhes ligava os gestos, tudo para ele se tinha convertido em fogo do coração cada vez mais devorador. Ele esbanjava o seu magro soldo para pedir ao bairro proibido que o esvaziasse de um sonho. E, quando a porta se voltava a abrir, encontrava-se em terra, fechado em si próprio, duro e desdenhoso. Durante algumas horas, a luz do seu único tesouro, que ele já não agüentava, mantinha-se mortiça.

Os homens de armas voltaram com as suas mulheres ofuscadas pela luz pura do posto de guarda. E o meu pai indicou-as :

“Vou-te mostrar o que é que nos governa.”

Mandou-lhes vestir vestidos novos e instalou cada uma delas numa casa fresca, ornada de um jato de água e mandou-lhes entregar, como costura, finas rendas para bordar. E mandou-lhes pagar, de maneira que elas ganhassem duas vezes mais do que ganhavam antes. Depois proibiu que as vigiassem.

“Aí temos feliz esse bolor triste do pântano - disse-me ele. Limpas, calmas e tranqüilas...” E, no entanto, foram desaparecendo uma a uma. Daí a pouco, estavam de novo na cloaca.

“Foi a miséria que elas choraram” - disse-me meu pai.”Não por gosto estúpido da miséria em vez da felicidade, mas porque o homem caminha, em primeiro lugar, para a sua própria densidade. A casa dourada e as rendas e os frutos frescos são realmente passatempo, brincadeira e descanso. Mas não podiam fazer disso a sua existência e se aborreciam. Não é de um momento para o outro que a luz, a limpeza e as rendas deixam de ser espetáculo refrescante, para se transformarem em rede de laços e em

obrigações e em exigência. Elas recebiam mas não davam nada. E suspiravam, não por amargas, mas apesar de amargas, pelas horas lentas das suas esperas, pelo olhar pousado no moldura negra da porta, onde de hora em hora se recortava um presente da noite, cabeçudo e cheio de ódio. Suspiravam pela ligeira vertigem, que as enchia de um veneno vago, quando o soldado, depois de empurrar a porta, olhava para elas como se olha para a garganta do animal marcado... A verdade é que alguns deles, de punhal na mão, chegavam a ameaçar e a reduzir ao silêncio uma ou outra, para depois desenterrarem de debaixo das lajes ou das telhas as moedas de prata do seu capital.

Tinham saudades do cubículo sórdido onde se viam sós, quando o bairro proibido fechava finalmente, por ordem das autoridades. Enquanto bebiam o chá ou calculavam os ganhos, injuriavam-se e liam o futuro umas às outras, na palma das mãos obscenas. E talvez lhes predissessem essas trepadeiras e essa mesma casa habitada então por mulheres mais dignas do que elas. E o maravilhoso de uma tal casa construída em sonho é ela abrigar-nos a nós, mas transfigurados. O mesmo se passa com a viagem, que te há de transformar. Mas, se eu te encerrar nesse palácio, és tu que para lá arrastas os teus velhos desejos, os teus velhos rancores, os teus velhos desgostos, és tu que lá coxeias, porque não existe fórmula mágica capaz de te transfigurar. Eu só a pouco e pouco, à força de constrangimentos e de sofrimentos, te posso obrigar a mudar e conseguir que te realizes. Mas não mudou nem par sombras aquela que acorda e começa a bocejar nesse quadro simples e puro. Por muito que batam à porta e continuem a bater, ela, que já não se ele sente ameaçada, encolhe os ombros sem sentido. Acabaram-se os presentes da noite. Já o cansaço das noites fétidas não a faz saborear a libertação do amanhecer. Embora lhe possam invejar o destino, ela perdeu a possibilidade de determinar tarde por tarde, ao sabor de predições mudáveis, e de assim viver, no futuro, a vida mais maravilhosa que é possível imaginar. Elas não sabem o que fazer daquelas cóleras bruscas, frutos de uma vida sórdida e malsã, que as assaltam contra vontade, e chegam a fazer lembrar as contrações que, à hora das marés, ainda assaltam durante muito tempo os animais que deram à costa. Quando essas cóleras as dominam, já não há injustiça contra que gritar. Vêem-se de um momento para o outro na situação daquelas mães de crianças mortas, que sentem subir por elas acima um leite inútil.

“Afanço-te que o homem procura a sua própria densidade, e não a felicidade”.

LXIX

Vem-me mais uma vez à cabeça a imagem do tempo ganho. Não me contenho e pergunto: “Em nome de que?” E há quem me responda: “Em nome da cultura.” Como se a cultura pudesse ser exercício vazio. Suponhamos uma mulher que dá de mamar aos filhos, limpa a casa e cose a roupa. Resolvem libertá-la dessas obrigações e, sem ela se preocupar mais com isso, os filhos são alimentados, a casa varrida, a roupa cozida. É questão, agora, de lhe encher esse tempo ganho com algo. Faço-lhe ouvir a canção da amamentação. E a amamentação torna-se cântico e poema da casa. Ela sente a casa no coração. Mas vejo-a bocejar ao ouvi-lo, pois não houve colaboração da sua parte. E assim como a montanha, para ti, é a tua experiência dos espinheiros, das pedras que rolam e do vento nas cristas, e é de todo inútil eu te pronunciar a palavra "montanha", pois nada transportarei para ti se nunca te dignaste descer da tua liteira, também ao falar-lhe da casa não lhe digo nada a ela, pois não gastou na casa nem o tempo nem o fervor. Não saboreou o movimento da poeira, quando se abre a porta ao sol nascente, para varrer o pó amontoado pelo desgaste das coisas. Ao cair da tarde, nunca reinou sobre a desordem provocada pela vida: o rastro das passadas amigas, os pratos na bandeja, as brasas apagadas na lareira e até as fraldas sujas do filho adormecido, porque a vida é humilde e maravilhosa. Não se levantou ao nascer do sol, para reconstruir todos os dias uma casa nova. A semelhança dos pássaros que tu viste pousar nas árvores e alisarem as penas lustrosas com o bico ágil, ela não deu aos objetos aquela transitória arrumação onde a vida diária e as refeições e a amamentação e as brincadeiras das crianças e o regresso do homem hão de deixar uma marca tão visível como na cera. Ela não sabe que uma casa, de manhãzinha, faz lembrar a massa e à tarde se torna livro de recordações. Ela nunca preparou a página branca. Experimenta dizer-lhe casa e hás de ver que essa palavra não lhe diz nada.

Se a quiseres criar viva, empregá-la-ás em dar lustro a um jarro de cobre embaciado, para que algo dela possa luzir ao longo do dia através da penumbra. Para fazer da mulher um cântico, hás de inventar-lhe pouco a pouco uma casa para construir de madrugada...

De outra forma, o tempo que ganhares não terá sentido.

Aquele que pretende distinguir a cultura do trabalho não está bom da cabeça. O homem não tardará a perder o gosto por um trabalho que será parte morta da sua vida, e acabará por se desinteressar de uma cultura que não passará de jogo sem garantia. Tem porventura algum sentido os dados que lanças, se deixam de significar a tua fortuna e de rolar as tuas esperanças? Não se trata de jogo de dados, é certo, mas de jogo dos teus rebanhos, das tuas pastagens ou do teu ouro. O mesmo se diz da criança que constrói o seu castelo de areia. Em vez de um punhado de terra, o que temos é cidadela, montanha ou navio.

É certo que eu vi o homem aceitar com prazer o descanso. Vi o poeta dormir debaixo das palmeiras. Vi o guerreiro beber chá em casa das cortesãs. Vi o carpinteiro saborear, debaixo do alpendre, a ternura da tarde. E realmente eles pareciam cheios de alegria. Mas eu já te disse: é que estavam fartos dos homens. Era um guerreiro que ouvia as cantigas e observava as danças. Um poeta que sonhava deitado em cima da erva. Um carpinteiro que respirava o odor da noite. Noutro lugar é que eles se tinham realizado. A parte importante da vida de cada um deles continuava a ser ainda a parte de trabalho. O que é verdade em relação ao arquiteto, homem que se exalta e adquire sua plena significação quando governa a ascensão do seu templo e não quando se abandona a jogar dados, é verdade em relação a todos. O

tempo ganho ao trabalho, se não é simples ócio, distração dos músculos depois do esforço ou sono do espírito depois da invenção, não passa de tempo morto. E divides a vida em duas partes inaceitáveis : um trabalho em que não há dom de ti próprio e chega a parecer trabalho forçado; um ócio que não passa de ausência.

Houve quem entendesse que os cinzeladores não viviam como homens e decidiram arrancá-los à religião da cinzeladura. Pretenderam fornecer-lhes obras cinzeladas noutros lugares, como se fosse possível vestir uma cultura como quem veste um manto. Loucos! Nem reparavam que o trabalho de cinzelador deixaria assim de ser alimento para os corações. Como se houvesse, de um lado, cinzeladores e, do outro, fabricantes de cultura.

Mas eu afirmo que, para os cinzeladores, só há uma forma de cultura e é a cultura dos cinzeladores. E que ela só pode ser a realização do seu trabalho, a expressão dos cuidados, das alegrias, dos sofrimentos, dos receios e das misérias do seu trabalho.

Só é importante, só pode alimentar poemas verdadeiros a parte da vida que te compromete, que compromete a tua fome e a tua sede, o pão dos teus filhos e a justiça que te for ou não prestada. A não ser assim, não passa de brincadeira, e caricatura da vida, e caricatura da cultura.

Só te realizas no contacto com o que te resiste. Suponhamos que um dia se suprimisse o trabalho! Poderias ficar dormindo tranqüilamente debaixo de uma árvore ou nos braços de amores fáceis. Não haveria injustiças que te fizessem sofrer, nem ameaças que te atormentassem. Que havias de fazer, para existir, senão tornares a inventar o trabalho?

Não te deixes enganar. O jogo não vale nada, porque não dispõe de sanção que te constranja a existir na qualidade de jogador desse jogo. Recuso-me a confundir aquele que se deita para dormir a sesta, por muito vazio que o quarto esteja, por muito que o repouso dos olhos o proteja do dia, com o outro que condenei e fechei na cela até ao fim dos seus dias. Não importa que os dois estejam deitados de maneira parecida, que uma das celas esteja vazia, que a mesma luz entre tanto numa como na outra. Nem mesmo que o primeiro pretenda fingir ser um condenado à prisão perpétua. Experimenta interrogá-los ao cair do primeiro dia. O primeiro terá achado graça na brincadeira; os cabelos do outro embranqueceram. E aquele não será capaz de te contar a aventura que acaba de viver, tanto lhe faltarão as palavras para a referir. Faz lembrar quem, depois de ter subido uma montanha e de ter descoberto lá do alto um mundo desconhecido que o transformou para sempre, não consegue transportar esse mundo para ti.

Só as crianças conseguem espetar uma bengala na areia, transformá-la em rainha e sentir amor por ela. Mas se eu quisesse recorrer a tais meios para aumentar os homens e os enriquecer de experiência, teria de fazer dessa bengala um ídolo, de o impor aos homens e de os obrigar a fazer oferendas que representariam outros tantos sacrifícios.

A essa altura, a brincadeira deixaria de ser brincadeira. A bengala se tornaria fértil. O homem se tornaria cântico de receio ou de amor. Se o quarto onde aquele homem dorme tranquilamente a sesta se transformasse em prisão perpétua, extrairia desse homem uma aparição desconhecida dele próprio que lhe queimaria a raiz dos cabelos.

O trabalho obriga-te a desposar o mundo. Aquele que trabalha encontra pedras, deseja ou desconfia das águas do céu, comunica, se amplia e ilumina-se. E cada um dos seus passos torna-se sonoro. E o mesmo se diz da oração e das regras de um culto que tens o dever de observar e, conforme o observas ou c violas, saboreias a paz ou o remorso. Aí tens o palácio de meu pai, que obrigava os homens a serem eles próprios e não gado informe cujos passos nunca tivessem tido sentido algum.

Na verdade era singularmente bela aquela bailarina de que a polícia do meu império se tinha apoderado. Bela e misteriosamente habitada. Achei que conhecê-la seria conhecer reservas de território, calmas planícies, noites de montanhas e travessias de deserto em dias de vento.

“Ela existe” - dizia eu comigo mesmo. Mas conhecia-lhe os costumes longínquos e sabia que ela trabalhava por uma causa inimiga. Apesar disso, quando tentaram violentar o seu silêncio, os meus homens não arrancaram mais do que um sorriso melancólico à sua impenetrável candura.

E eu honro especialmente o que no homem resiste ao fogo. Humanidade de varejo, ébria de vaidade e vaidade tu própria, consideras-te com amor, como se em ti houvesse alguém.

Mas bastam um carrasco e uma pequena brasa atizada para te fazer vomitar por ti própria, porque não há nada em ti que não se derreta imediatamente. Esse opulento ministro que me caiu no desagrado pela sua arrogância e além disso por ter conspirado contra mim, não soube resistir às ameaças. Vendeu-me os conjurados, confessou, cheio de suor e de medo, suas conspirações, suas crenças, seus amores, rebentaram-lhe as tripas diante de mim - porque gente desta laia não esconde nada por trás das suas falsas muralhas. Depois de ter cuspidos todos os seus cúmplices, depois de ter abjurado, perguntei-lhe:

“Quem te construiu? Por que essa opulência de ventre e essa cabeça deitada para trás e essa prega dos lábios tão solene? Por que essa fortaleza, se não tens nada a defender dentro de ti? Homem é aquele que leva em si algo maior do que ele. Pões a salvo o teu corpo flácido, teus dentes que abanam, o teu ventre pesado, como se eles fossem essenciais, ao vender-me aqueles que deveriam ter servido e em que tu pretendias acreditar! Não passas de um odre, cheio de um vento de palavras vulgares...”

Foi horrível ve-lo e ouvi-lo logo que o carrasco lhe quebrou os ossos.

Em contrapartida, aquela de que falávamos, quando eu a ameacei, limitou-se a esboçar uma leve reverência: “Lamento, Senhor...”

Pus-me a olhar para ela sem dizer nem mais uma palavra e ela teve medo. Já toda pálida e com uma reverência mais lenta:

“Tenho muita pena, Senhor...”

Porque ela pensava que teria de sofrer.

Pensa - lembrei-lhe eu - que sou senhor da tua vida. “Curvo-me, Senhor, diante do vosso poder...”

Denunciava a gravidade de trazer nela uma mensagem secreta e de, por fidelidade, se arriscar a morrer. Aos meus olhos, ela ia assumindo a forma de tabernáculo de um diamante. Mas eu era responsável pelo império:

“Os teus atos merecem a morte.”

- Ah! Senhor... (tinha ficado mais pálida do que a gente costuma ficar quando ama)... Seria justo, sem dúvida...”

Dado o meu conhecimento dos homens, consegui compreender até o fundo um pensamento que ela não teria sido capaz de formular. “É justo, não talvez que eu morra, mas que se salve, em vez de mim, aquilo

que em mim trago...”

“Então há em ti - perguntei-lhe eu - alguma coisa mais importante do que o teu corpo jovem e do que os teus olhos cheios de luz? Julgas proteger em ti algo e, apesar disso, deixará de haver em ti seja o que for, logo que morreres...”

Ela perturbou-se na superfície, por causa de palavras que lhe faltavam para me responder: “Talvez tenhais razão, Senhor...”

Mas eu sentia que ela me dava razão só no império das palavras. Nesse domínio é que ela não sabia defender-se.

“Então, quer dizer que te submetes.”

- Tende a bondade de desculpar, eu realmente submeto-me, mas seria incapaz de falar, Senhor...”

Eu desprezo quem quer que se deixe levar por argumentos, porque as palavras devem te exprimir em vez de te conduzirem. Elas designam sem nada conter. Mas essa não era daquelas que um vento de palavras desferrolha:

“- Eu seria incapaz de falar, Senhor, mas submeto-me...”

Respeito aquele que, através das palavras e muito embora elas se contradigam, continua permanente como a roda de proa de um navio, a qual, não obstante a demência do mar, regressa inexorável à sua estrela. Porque assim sei para onde o homem vai. Mas aqueles que se fecham na lógica seguem as suas próprias palavras e andam às voltas como lagartas.

Olhei para ela por longo tempo:

“Quem te forjou? Donde é que tu vens?” - perguntei-lhe eu. Ela sorriu sem nada responder.

“Queres dançar?” E dançou.

Ora a sua dança foi admirável, o que não me podia surpreender, porque havia dentro dela fosse lá quem fosse.

Já reparaste no rio, observado do alto das montanhas? Ali, onde ele encontrou o rochedo e não o pode quebrar, desposou-lhe o contorno. Virou mais longe, para se beneficiar de uma inclinação favorável. Naquela planície, abrandou em meandros, por causa do repouso de forças que já não puxavam para o mar. Mais longe, adormeceu num lago. Depois, empurrou este braço para a frente, retilíneo, para o pousar na planície como um gládio.

Agrada-me, pois, que a bailarina encontre linhas de força. Que o seu gesto aqui se detenha e lá se solte. Que o seu sorriso, que ainda há pouco era fácil, se esforce agora por permanecer como chama soprada por uma grande ventania; que agora ela deslize com facilidade, como que por uma invisível descida, mas que mais tarde abrande porque os passos se tornam difíceis, como se tratasse de galgar uma encosta. Agrada-me que ela tropece com algo. Ou que triunfe. Ou morra. Agrada-me que se integre numa paisagem contra ela erguida, e que haja nela pensamentos permitidos e pensamentos condenados. Olhares possíveis e olhares impossíveis. Resistência, adesões e recusas. Não me agrada que ela seja semelhante em todas as direções, como uma geléia, mas estrutura dirigida, qual árvore viva, que em vez de ter liberdade para crescer, se vai diversificando conforme o gênio da sua semente.

Porque a dança é destino e caminho pela vida fora. Mas eu desejo fundar-te e animar-te em direção a algo, para me emocionar com o teu andamento. Se queres vencer a torrente e a torrente se opõe à tua marcha, nessa altura danças. Se queres perseguir o amor e o rival se opõe à tua marcha, nessa altura

danças. E há a dança das espadas, se quiseres fazer morrer. E há a dança do veleiro dominada pela sua flâmula, se tem necessidade de lutar para alcançar o porto a que se dirige e escolher no vento invisíveis sinuosidades. Precisas do inimigo para dançar. Mas que inimigo te honraria com a dança da tua espada, se não houvesse ninguém em ti?

A bailarina tinha escondido o rosto entre as mãos, e o coração se me comoveu. Deu-me a impressão de uma máscara. Na parada dos sedentários, vêem-se rostos falsamente atormentados, mas são tampas de caixas vazias. Não podes ter nada, se não recebeste nada. Mas reconheci aquela como a depositária de uma herança. Havia nela esse núcleo resistente que resiste ao próprio carrasco, porque o peso de uma mó não lhe faria soltar o azeite do segredo, essa caução por que se morre e que faz com que se saiba dançar. Só são homens aqueles que o cântico ou o poema ou a oração alindaram, aqueles que se acham construídos no interior. O olhar de um homem desses pousa sobre ti com claridade, porque é o olhar de um homem habitado. E, se recolheres os traços do seu rosto, eles tornam-se máscara dura do império de um homem. Vens a saber que ele é governado e que dançará contra o inimigo. Mas que saberás tu da bailarina, se ela não passa de um país vazio? Porque não há dança do sedentário. Mas lá onde a terra é avara, onde a charrua se prende às pedras, onde o verão rigoroso demais faz secar as searas, onde a homem resiste aos bárbaros, onde o bárbaro esmaga o fraco, aí nasce a dança, por causa do sentido de cada um dos passos. A dança é luta contra o anjo. A dança é guerra, sedução, assassinato e arrependimento. Conseguirias porventura extrair alguma dança do teu gado excessivamente bem alimentado?

Proíbo aos comerciantes que elogiem demais as mercadorias. Eles tem tendência a tornar-se pedagogos e mostram como um fim aquilo que por essência não passa de um meio. Depois de te enganarem sobre o caminho a seguir, pouco falta para te perverterem. Se a sua música é vulgar, para a vender, não hesitarão em te fabricar uma alma vulgar. Ora, se é bom que se alicercem os objetos para servir os homens, seria monstruoso que se exigissem alicerces aos homens para servir de caixote do lixo aos objetos.

Meu pai costumava dizer:

“É preciso criar. Se tu possuis esse poder, não te preocupes em organizar. Não tardarão a nascer cem mil servidores dispostos a servir tua criação. Eles se lançarão a ela como os vermes à carne. Se fundas tua religião, não te preocupes com o dogma. Logo aparecem cem mil comentaristas, que se encarregarão de o construir. Criar é criar o ser, e toda a criação é inexprimível. Se eu chegar uma noite naquele bairro da cidade, que é esgoto que vai desaguar no mar, não me cabe inventar o esgoto, nem os campos de adubamento, nem os serviços de limpeza. Trago comigo amor do portal encerado. E, em volta desse amor, nascem os lavadores de calçada, os policiais de segurança pública e os que recolhem os caixotes de lixo. Não inventes sequer um universo onde, pela magia dos teus regulamentos, o trabalho em vez de embrutecer engrandeça o homem, onde a cultura nasça do trabalho e não do ócio. Não queiras ir contra o peso das coisas que é preciso mudar. Ora esse ato é poema ou moldagem do escultor ou cântico. E, se cantas tão forte o cântico do trabalho nobre, que é sentido da existência, ao lado do cântico do ócio que relega o trabalho para a categoria do imposto e fragmenta a vida do homem em trabalho de escravo e ócio vazio, não te preocupes com razões, com lógicas, nem com diretrizes particulares. Virão os comentaristas explicar por que motivo o teu rosto é belo e como e que ele se deve construir. Hão de tender para determinada direção e saberão argumentar para te demonstrarem que é ela a única. E essa tendência fará com que os regulamentos venham a se cumprir e com que a tua verdade se realize.

“As únicas coisas que contam são o declive e a direção e a tendência para. Só é força da maré aquela que pouco apouco, à margem da inteligência dos lógicos, dissolve os diques e vai fundar mais além o império do mar. Te garanto: toda imagem forte se realiza. Não comeces por te preocupares com os cálculos, nem com os textos da lei, nem com as invenções. Não inventes uma cidade futura, porque a que nascer poderá não se parecer com ela. Funda o amor das torres que dominam as areias. E os escravos dos escravos dos teus arquitetos irão descobrir como organizar o transporte das pedras, da mesma maneira que a água descobre, pela própria gravidade, como enganar a vigilância das cisternas.

“É por isso que - explicava meu pai - a criação permanece invisível, como invisível é o amor que do caos extrai uma granja. Não vale a pena ferir ou demonstrar, porque consegues te abrigar no espanto contra o que te espanta e a toda a demonstração opões uma demonstração ainda mais bela. E como demonstrar a granja? Se, para falar dela, a tocas, já não passa de um conjunto. Se, para explicar a sombra e o silêncio do templo, decides tocar no templo e demonstrar-lhe as pedras, tua obra é vã, porque mal tu o tocas, passa a haver apenas pedras espalhadas, e adeus silêncio.

“Mas eu te pegarei pela mão e caminharemos juntos. E, ao acaso dos passos, teremos subido pela colina acima. Uma vez lá, falarei e direi evidencias que julgarás tu próprio ter pensado. Porque acontece que a colina que eu escolhi cria esta ordem e não uma outra. A grande imagem não se nota como imagem. Ela é. Ou, mais exatamente, te encontras nela. E como haverias de lutar contra? Se eu te instalar na casa, nela habitas simplesmente e partes dessa origem para julgar as coisas. Se eu te instalar no ângulo onde a mulher é mais bela e provoca mais o amor, experimentas simplesmente o amor. Te atreverias a recusar esse amor em nome do arbítrio que te domina, aqui, neste instante, e não em outro? Tu em alguma parte tens de estar! E a minha criação não passa de uma escolha do dia e da hora que não se discute mas que é. E pouco te importas com esse arbítrio! Viste porventura o que o amor atou, furtar-se ao amor,

protestando que tal encontro foi um acaso e que essa mulher que o fere poderia estar morta ou não ter nascido ou encontrar-se naquela hora em algum lugar? Eu criei o teu amor, escolhendo a hora e o lugar. E, quer suspeites ou não da minha ação, isso não te ajuda a te defenderes. És meu prisioneiro.

“Se desejo fundar em ti o montanhês que à noite caminha em direção do cume de estrelas, trato de lançar os fundamentos da imagem que te torna evidente que só esse leite de estrelas lá no alto te matará a sede. E eu para ti não terei passado de um acaso que te fez descobrir essa necessidade, que é bem tua, como o é a emoção provocada pelo poema. E quer suspeites ou não de minha ação, como isso te impedirá de caminhar? Depois de ter empurrado a porta, de ter visto o diamante brilhar na sombra, porventura desejarias menos te apoderar dele, por ser fruto de uma porta empurrada, que poderia ter te levado a outro lugar?”

“Se te consigo adormecer graças a uma sonífero, esse sonífero é verdadeiro, como verdadeiro é o sono. Criar é situar o outro onde ele vê o mundo como gosta e não propor-lhe um mundo novo.

“Se te invento um mundo e depois procuro te orientar para o mostrar, não o vê, e tens razão. Porque, do teu ponto de vista, ele é falso e tu defendes com razão a tua verdade. E eu peço a eficácia se me mostro pitoresco ou brilhante ou paradoxal! Só é pitoresco, brilhante ou paradoxal aquilo que estava feito para ser olhado sob determinado ponto de vista e é olhado de um outro. Terás admiração, mas eu não crio. Não passo de malabarista e saltimbanco e falso poeta.

“Mas se, neste meu andar, que não é verdadeiro nem falso - tu não podes negar os passos, pois eles se dão - te levar a um lugar onde a verdade é nova, a essa altura não vê em mim um criador, nem sou para ti pitoresco, brilhante ou paradoxal. Os passos eram simples e sucediam-se simplesmente, e eu não tenho culpa de que, vista daqui, a planície te dilate o coração, ou a mulher seja mais bela, porque a verdade é que, vistas daqui, essa mulher é mais comovente e essa planície mais ampla. Meu ato domina e não se inscreve nos traços, nem nos reflexos, nem nos sinais. Por não os encontrares no meu ato, não podes lutar contra mim. Só então eu sou criador e verdadeiro poeta. Porque criador ou poeta não é aquele que inventa ou demonstra, mas aquele que leva à realização.

“E criar é sempre absorver contradições. Fora do homem nada é claro ou escuro, incoerente ou coerente, complexo ou simples. As coisas são, muito simplesmente. E quando recorres à tua desajeitada linguagem para te livrares disso e puderes pensar no teu ato futuro, então tudo o que consegues apreender se te afigura contraditório. É nessa altura que intervenho. Não recorro à tua linguagem para demonstrar seja o que for, porque as contradições que te ferem não tem saída. Nem sequer te mostro a falsidade dessa mesma linguagem, porque ela não é falsa, mas incomoda. Convido-te simplesmente a darmos um passeio em que os passos se seguem uns aos outros. Te levo assim até o alto da montanha, onde se resolvem os litígios, e deixo que tu próprio descubras a tua verdade.”

LXXIII

Apeteceu-me morrer. E pedi assim a Deus:

“Dai-me a paz dos estábulos, das coisas arrumadas, das colheitas recolhidas. Deixai-me ser, por ter acabado de me realizar. Estou cansado dos lutos do meu coração. Sou velho demais para recomeçar em todos os meus ramos. Fui perdendo, um a um, os amigos e os inimigos. Vi uma luz brilhar no meu caminho de tristes ócios. Afastei-me, voltei, olhei: fui encontrar os homens em volta de um bezerro de ouro, mais por estupidez do que por verdadeiro interesse. E as crianças que hoje nascem parecem-me mais estranhas do que os jovens bárbaros que desconhecem a religião. Levo comigo o peso de tesouros inúteis. Sei músicas que nunca ninguém compreenderá.

“Dei início à minha obra na floresta, de machado na mão, como lenhador. Seduzia-me o cântico das árvores. Para uma pessoa ser justa, tem de se fechar numa torre. Eu vi os homens perto demais, sinto-me cansado. “Aparece-me, Senhor, pois tudo se torna mais difícil quando se perde o gosto de Deus”.

Tive um sonho depois do grande entusiasmo.

Um dia, ao voltar vitorioso à cidade, depois de uma grande batalha, me vi alvo de grandes manifestações. A multidão, à minha passagem, gritava, cantava e se desdobrava num espírito de comemoração. As flores eram tantas, que compunham um leito para nossa glória. Mas Deus só me invadia de um sentimento amargo. Dava-me toda a impressão de ser o prisioneiro de um povo débil.

Essa multidão que é tua glória faz com que te sintas tão só! Quem se dá a ti não te alcança, pois só no caminho de Deus há uma passagem de ti para o outro. Meus companheiros de verdade são aqueles que se prosternam comigo na oração. Confundidos na mesma medida e grãos da mesma espiga para fazer o pão. Mas aquele povo, ao adorar-me, criava em mim o deserto. Sou incapaz de respeitar quem se engana, e não posso consentir nesta adoração de mim próprio. Não sei receber o incenso deles: longe de mim julgar-me segundo os outros e, por outro lado, sinto-me cansado de mim, pois sou pesado de levar e, para entrar em Deus, tenho necessidade de me despir de mim próprio. Aquela multidão, ao adorar-me, tornava-me um deserto mais desolado do que um poço vazio quando o povo tem sede e se debruça nele. Eu não tinha nada para lhes dar que valesse a pena e, por outro lado, não tinha a receber deles fosse o que fosse, pois se prosternavam diante de mim.

Eu preciso, sim, daquele que é janela aberta sobre o mar e não espelho que me aborrece.

No meio de toda essa multidão, só os mortos, que já se não agitavam por vaidades, me pareciam dignos de consideração.

Depois das aclamações me terem cansado como um ruído vazio que já não me dizia nada, tive o seguinte sonho.

O caminho era escarpado e escorregadio. Lá em baixo, cortado a pique, o mar. Acabava de se desencadear a tempestade e a noite escorria como um odre cheio. Eu caminhava obstinadamente, ladeira acima, ao encontro de Deus. Ia disposto a perguntar-lhe a razão das coisas. Queria que Ele me explicasse a que levava a troca que me tinham pretendido impor.

Mas, no alto da montanha, apenas descobri um bloco pesado de granito negro. Tomei-o por Deus.

“É precisamente Ele - dizia eu comigo mesmo. Imortal e incorruptível. O que eu não queria era mergulhar de novo na solidão.

“Senhor - supliquei-lhe -, instruí-me. Os amigos, os companheiros e os súditos já não representam para mim mais do que marionetes sonoras. Tenho-os na mão e os manipulo a meu bel-prazer. O que me atormenta não é que me obedecem, pois é bom que a minha sabedoria desça sobre eles. Mas que se tenham tornado esse reflexo de espelho, que me torna mais só do que um leproso. Se eu rio, eles riem. Se me calo, entristecem-se. E se a minha palavra os inunda, como o vento nas árvores. E sou eu só a inundá-los. Já não há troca para mim. Nesta audiência desmedida, não ouço nada além de minha própria voz, que eles me devolvem como os ecos gelados de um templo. Por que é que o amor me assusta? Que tenho eu a esperar desse amor, que é apenas multiplicação de mim próprio?”

Mas o bloco de granito, coberto de uma chuva brilhante, permanecia impenetrável.

“Senhor - disse-lhe eu, ao ver em um ramo vizinho um corpo negro -, compreendo perfeitamente que seja próprio da tua majestade Te calares. Apesar disso, preciso de um sinal. Quando eu terminar minha oração, ordena a esse corvo que voe. Seria como que um piscar de olhos de outro que não eu. Deixaria de me sentir sozinho no mundo. Ficaria ligado a Ti pelo laço de uma confiança, por mais obscura que fosse. Só peço que me seja dado um sinal de que há talvez algo a compreender.”

E olhava para o corvo. Mas ele se manteve imóvel. Virei-me para a parede.

“Senhor - tornei eu - tu realmente tens razão. Não é próprio de a tua majestade Te submeteres aos meus desejos. Se o corvo tivesse voado, eu teria ficado ainda mais triste. Teria recebido esse sinal de um semelhante meu, portanto ainda de mim próprio, ainda reflexo do meu desejo. E estaria de novo entregue à minha solidão.”

Depois de me ter prosternado, voltei sobre os meus passos.

Que havia de acontecer? Meu desespero dava lugar a uma serenidade inesperada e singular. Eu me atolava na lama do caminho, arranhava-me nos arbustos de espinhos, lutava contra as chicotadas do vento, e, no entanto, fazia-se em mim uma espécie de claridade uniforme. Realmente não sabia nada, mas que poderia saber sem me constranger? Não tinha tocado Deus, é certo. Mas um deus que se deixa tocar não é um deus. Nem um deus que obedece à oração. E, pela primeira vez, eu adivinhava que a grandeza da oração reside antes do mais em não obter resposta e em não ter o mau aspecto do comércio, embora seja uma troca. Vim também a saber que aprender a orar é aprender o silêncio. E que o amor só começa onde não há nenhuma dádiva a esperar. O amor é, propriamente, exercício da oração e a oração exercício do silêncio.

Voltei para o meio do meu povo e pela primeira vez o encerrei no silêncio do amor. Acabava de me tornar credor das suas dádivas, até à morte. Impressionou-os muito me verem de lábios fechados. Eu era pastor, tabernáculo dos cânticos e depositário dos destinos, dono dos bens e das vidas e, apesar disso, mais pobre do que eles e mais humilde, no meu orgulho sem quebra. Eu bem sabia que não tinha nada a receber.

Simplemente, eles se realizavam em mim e seu cântico se alicerçava no meu silêncio. E, para mim, tanto eles quanto eu, não passávamos de oração desenvolvendo-se no silêncio de Deus.

LXXIV

Eu os vi modelar a argila. A esposa chega, toca-lhes no ombro, é a hora da refeição. Mas eles a mandam de volta para a louça, apegados como estão à sua obra. Depois, a noite chega e, à pálida luz das candeias, tu os vês procurarem na massa uma forma que nem sabem qual é. E, se são fervorosos, mal se afastam dela, porque ela os deseja como um fruto deseja a árvore. São troncos de seiva para a alimentar. Não abandonarão a obra enquanto ela não se ele separar por si própria, como um fruto que se realizou. No momento em que se acham esgotados, os viste porventura dar importância ao dinheiro ganho ou às horas, ou ao destino final do objeto? No instante do trabalho, nunca trabalham para os comerciantes, nem para eles próprios. Trabalham para o vaso de argila e para a curva da asa. Estão de vigília por uma figura que lhes satisfaz plenamente o coração, da mesma maneira que o amor materno domina a mulher na medida em que o filho formado se mexe dentro do ventre.

É bom que todos vós, reunidos por ordem minha, de um lado aceiteis e ameis aquele vaso enorme construído no coração das cidades e destinado a celeiro de silêncio do templo e, por outro lado, que esse mesmo vaso na sua ascensão vos tire algo e que o possam amar. É bom que eu vos obrigue a construir o casco, as pontes e a mastreação de um veleiro de alto mar; virá um dia, tão alegre como o dia de casamento, em que mandarei vesti-lo de velas e oferecer ao mar.

Nessa hora, o barulho dos vossos martelos será cântico, vosso suor e os vossos gemidos serão fervor. E o lançamento do navio será gesto miraculoso, porque fareis florescer as águas.

Gosto que me desenvolvam a unidade do amor em colunas diversas e em cúpulas e em esculturas patéticas. Ao exprimir a unidade, diversifico-a infinitamente e não tens o direito de te escandalizares.

Só conta o absoluto que provém da fé, do fervor ou do desejo. A marcha do navio é na verdade só uma, mas não contribuem porventura para ela aquele que amola uma lâmina, ou o que lava com água de espuma as tábuas da ponte, ou o outro que sobe pelo mastro ou põe óleo nas juntas?

Reclamais talvez dessa desordem. É vossa opinião que, se os homens se submetessem aos mesmos gestos e puxassem no mesmo sentido, seu poder seria outro. Eu respondo: se na verdade se trata de um homem, o fecho de abóbada não reside nos traços visíveis. É preciso subir mais para o descobrir. Ousas censurar o meu escultor se, para atingir e apreender a essência, ele foge a uma simplificação externa e prefere lançar mão de sinais diversos como olhos, rugas e cabelos? Pois , para apanhar a presa, ele não podia dispensar a estrutura de um fio. Desde que não teimes na tua miopia, nem dêes com o nariz na obra ao apreciá-la, tal fio é que fará com que te assalte essa melancolia que é una e que fará de ti outro homem. Nunca me arrependerei de não dar importância a esse tipo de desordem que se nota no meu império. Se quiseres descobrir essa comunidade dos homens, esse tronco nobre, pai de ramos diversos, essa unidade fim da minha ação e sentido da meu império, em vez de te perderes na observação dos grupos diferentes uns dos outros na maneira de puxarem pelos cabos, terás de te afastar um pouco. E verás o navio em rota no mar.

Se eu transmitir aos meus homens o amor da navegação, e esse peso no coração os faz assim tender para o mar, em breve os verás diversificarem-se segundo as qualidades particulares de cada um. Aquele tecerá o pano, outro derrubará uma árvore da floresta, ao clarão do seu machado. Outro ainda forjará rebites e haverá em algum lugar quem observe as estrelas para aprender a governar. E, todavia, não serão mais do que um. Criar o navio não é içar as velas, forjar os rebites, ler nos astros, mas sim fazer nascer o gosto pelo mar, que é um e à luz do qual as coisas, em vez de contraditórias, passam a ser comunidade no amor.

É por isso que sempre estou disposto a colaborar e a abrir os braços aos inimigos, que só me podem enriquecer. Se eu olhar o combate de uma certa altitude, me parecerá semelhante ao amor.

Criar um navio não é prevê-lo em pormenores. Se eu construir apenas os planos do navio, não aprenderei nada que valha a pena. Tudo se modificará quando chegar o dia e outros que não eu possam empregar-se nessas invenções. Não tenho de conhecer cada rebite do navio. Mas tenho de fornecer aos homens o declive que leva ao mar.

Quanto mais cresço como a árvore, mais me estabeleço em profundidade: E minha catedral é uma porque aquele que é um cheio de escrúpulos esculpe um rosto de remorso, já outro que é alegre esculpe um sorriso, o que é resistente me resiste, o que é fiel permanece fiel. E não me venham censurar por ter aceitado a desordem e a indisciplina. A única disciplina que reconheço é a do coração que domina. Quando entrares no meu templo, sereis arrebatados por sua unidade e pela majestade de seu silêncio. Quando vierem prostrar-se lado a lado o fiel e o descrente, o escultor e o polidor de colunas, o sábio e o simples, o brincalhão e o triste, não me venhas dizer que são exemplo de incoerência, pois a raiz faz com que eles sejam um só. O templo, por sua vez, encontrou através deles todas as vias de que precisava e

veio assim a realizar-se.

Mas aquele que cria uma ordem de superfície, engana-se totalmente. Não consegue subir alto o suficiente para descobrir que o templo, o navio ou o amor. E, em lugar de uma ordem verdadeira, funda uma disciplina de polícia em que cada um puxa no mesmo sentido e dá os mesmos passos. Se todos os teus súditos se parecem uns com os outros, é porque ainda não atingiste a unidade. Mil colunas idênticas, em vez de criarem um templo, apenas produzem um estúpido efeito de espelhos. Para que o teu processo fosse perfeito, terias de massacrar todos esses mil súditos, menos um.

A verdadeira ordem é o templo. Movimento do coração do arquiteto que, tal como uma raiz, liga a diversidade dos materiais, e pressupõe essa mesma diversidade para ser uno, duradouro e poderoso. Não é que te esqueças de que todos diferem uns dos outros, de que as aspirações de um se opõem às aspirações de outro, de que a linguagem de um não é a linguagem do outro. A constatação dessas diferenças até será motivo de regozijo para ti. Se fores criador, construirás um templo de maior vão, que será a medida comum deles.

Cego, para mim, é aquele que, no intuito de criar, desmonta a catedral e alinha as pedras umas após as outras, por ordem de tamanho.

LXXVI

Não te importes se tua palavra levantar protestos. Uma verdade nova não é qualquer proposição evidente em que se pode progredir de conclusão em conclusão, mas sim uma estrutura radicalmente nova. Cada vez que significares um elemento do teu rosto, objetarão que noutro rosto esse elemento desempenhava um papel diferente. Parece que te contradizes e que pretendes contradizer os outros.

Terás de lhes dizer: “Aceiteis morrer para vós próprios, esquecer e assistir sem resistências à minha criação nova. Estais encerrados em crisálidas, só assim vos podeis transformar. E, depois de teres feito a experiência, me direis se não vos vedes mais claros, mais pacíficos e mais vastos.”

Se a estátua que eu estou esculpindo a não se revela pouco a pouco, também não há verdade alguma que se demonstre gradualmente. A estátua é uma e só se vê depois de feita. E nem mesmo se nota, porque é parte de nós. E a verdade é o homem que sai de lá.

O mesmo acontece com um mosteiro, onde te enclausuro para mudares. Se me pedires, do meio das tuas vaidades e dos teus problemas vulgares, que te demonstre esse mosteiro, não me dignarei responder. Só um outro que não tu te poderia compreender. Tenho é de te chamar à realidade. É meu dever obrigar-te a vir a ser.

Nem sequer te preocupes com os protestos que a tua imposição levantar. Os que gritam ainda teriam razão se eu lhes tocasse na essência e lhes frustrasse a grandeza. Mas respeitar o homem é respeitar-lhe a nobreza. Eles chamam justiça continuarem a ser, mesmo podres, porque assim vieram ao mundo. E não é Deus que tu prejudicas se decides curá-los.

LXXVII

Posso dizer que me nego, ao mesmo tempo, a pactuar e a excluir. Não sou nem intransigente nem mole ou fácil. Aceito o homem com seus defeitos e, apesar disso, exerço meu rigor. Não faço de meu adversário uma simples testemunha, bode expiatório dos nossos revezes, vítima a queimar até às cinzas na praça pública. Aceito inteiramente meu adversário e no entanto o recuso. A água é fresca e deliciosa. Também é delicioso o vinho puro. Mas da mistura faço bebida para castrados.

Não há ninguém no mundo que não tenha alguma ponta de razão. A não ser aqueles que raciocinam, argumentam, demonstram e, por usarem de uma linguagem lógica sem conteúdo, não podem ter nem deixar de ter razão. Limitam-se a emitir um ruído que, no caso de se orgulharem de si próprios, pode fazer correr por muito tempo o sangue dos homens. E então o que eu faço é cortá-los da árvore.

Todo aquele que aceita a destruição de seu invólucro de carne para salvar o depósito que lá se acha encerrado é que está com a verdade. Eu já te disse. Proteger os fracos ou apoiar os fortes? Eis o dilema que te atormenta. Pode ser que o teu inimigo proteja os fracos, quando tu favoreces os fortes. E vocês vêem-se obrigados a combater: um para salvar o território da podridão dos demagogos que cantam a úlcera pela úlcera; o outro, para poupar seu território à crueldade dos senhores de escravos que, de chicote na mão, impedem o homem de se realizar. E a vida propõe esses litígios com uma urgência que muitas vezes exige o emprego das armas. Basta um simples pensamento - o pensamento cresce como a erva e nenhum inimigo o equilibra - para gerar uma mentira e devorar o mundo.

Tudo isto por ser tão minúsculo o campo da tua consciência. Se é verdade que, no caso de algum assaltante te atacar, não podes pensar ao mesmo tempo na tática da luta e aparar os golpes; e, em viagem pelo mar, não podes simultaneamente receber o medo do naufrágio e os movimentos das ondas (aquele que tem medo deixa de vomitar e quem vomita é inacessível ao medo) ; assim te é impossível pensar e viver ao mesmo tempo duas verdades contrárias, a não ser que disponhas de uma linguagem nova e clara.

LXXVIII

Vieram pois a mim para me fazer observações, não os geômetras do meu império, que se reduziam a um só, aliás já falecido, mas uma delegação dos comentaristas dos geômetras, em número de dez mil.

Quando alguém pretende criar um navio, não se preocupa com os rebites, nem com os mastros, nem com as pranchas da ponte. Manda fechar no arsenal dez mil escravos e alguns capatazes munidos de chicotes. E o certo é que a glória do navio explode. Nunca conheci nenhum escravo que se gabasse de ter vencido o mar. Quando alguém se decide a criar uma geometria, não cuida de a deduzir até ao fim, de conclusão em conclusão, porque esse trabalho ultrapassa tanto seu tempo quanto suas forças. O que faz é levantar um exército de dez mil comentaristas, que aperfeiçoam os teoremas, exploram os caminhos férteis e apanham os frutos da árvore. Mas, por eles já não serem escravos e não haver chicote, para os fazer andar mais depressa, não há um único que não se julgue igual ao único geômetra verdadeiro, primeiro porque o compreende e a seguir porque lhe enriquece a obra.

Eu reconheço que o trabalho deles é inestimável - é preciso arrecadar as searas do espírito -, mas também sei que é ridículo confundir-lo com a criação, gesto gratuito, livre e imprevisível do homem. Por isso os deixei ficar à distância. Se os tratasse de igual para igual, talvez ficassem inchados de orgulho. E os ouvi queixarem-se uns aos outros.

Depois, tomaram a palavra:

“Viemos aqui protestar em nome da razão. Somos os sacerdotes da verdade. Tuas leis são de um deus menos seguro do que o nosso. Tens contigo exércitos e esse peso de músculos pode esmagar-nos. Mas sempre teremos razão, mesmo nos subterrâneos das tuas masmorras.”

E continuavam a falar, pois viam que não provocavam a minha cólera.

Olharam uns para os outros, satisfeitos com a sua própria coragem. Eu, entretanto, pensava. Tinha, durante dias e dias, recebido em minha mesa o único geômetra verdadeiro. Em algumas noites de insônia, tinha ido até à tenda dele; descalçara-me piedosamente, bebera do seu chá e saboreara o mel da sua sabedoria.

“Tu, geômetra - dizia-lhe eu...”

- Eu não sou geômetra, sou homem. Um homem que sonha uma vez por outra com geometria, quando nada mais urgente o governa, como por exemplo o sono, a fome ou o amor. Mas hoje, velho como estou, tu tens sem dúvida razão: eu não passo de geômetra.

- Tu és aquele a quem a verdade se mostra...

- Eu não passo daquele que anda tateando e, como a criança, procura uma linguagem. A verdade não me apareceu. Mas minha linguagem é tão simples para os homem como tua montanha, e eles fazem dela a sua verdade.

- Estás sendo injusto, geômetra.

- Eu gostaria de ter descoberto no universo o rastro de um manto divino. Se algum dia tivesse tocado fora de mim uma verdade, qual deus que por longo tempo se houvesse escondido dos homens, gostaria de a ter agarrado pelas vestes e arrancado o véu do rosto, para mostrá-la. Mas não me foi dado descobrir

coisa alguma além de mim próprio...”

Assim falava o geômetra. Mas os críticos me brandiam o raio da sua cólera por cima da minha cabeça.

“Falem mais baixo - ordenei-lhes eu. Embora compreenda mal, ouço perfeitamente.” Continuaram a resmungar, embora com menos força.

Acabaram por empurrar docemente um deles para a frente. Seria ele o porta-voz, pois estavam arrependidos de ter mostrado tanta coragem.

“Haverá a menor parcela de criação arbitrária, ato de escultor ou poesia no monumento de verdades que nós te convidamos a reconhecer? As nossas proposições decorrem umas das outras, do ponto de vista da estrita lógica. O homem não teve nenhuma intervenção na obra.”

Por um lado, eles reivindicavam a propriedade de uma verdade absoluta com tamanha convicção, que faziam lembrar essas tribos que pegam no primeiro ídolo de madeira pintada que têm à mão e lhe atribuem o poder de lançar o raio. Por outro lado, pretendiam ombrear com o único geômetra verdadeiro, pois todos eles, com mais ou menos êxito, tinham servido ou descoberto como ele - mas não criado.

“Vamos-te mostrar como é que se estabelecem as relações entre as linhas de uma figura. Ora, se nós podemos transgredir as tuas leis, a ti não é possível te libertares das nossas. E, já que somos assim tão sábios, o que tens a fazer é nos nomear teus ministros.”

Eu ficava calado. Ia refletindo sobre a estupidez. Eles interpretaram mal o meu silêncio e então hesitaram.

“O que nós desejamos em primeiro lugar é te servir.” Me decidi, nessa altura, a responder:

“Vocês pretendem não criar, e isso é bom. Quem é estrábico cria seres estrábicos. Os odres cheios de ar criam apenas vento. Com todo esse respeito por uma lógica que só se aplica à história já resolvida, à estátua já fundada e ao órgão morto, ainda bem que não tendes por missão fundar reinos. De contrário, logo ao nascer eles ficariam à mercê dos sabres bárbaros.

“Um dia, alguém descobriu na areia as pegadas de um homem. Iam desde a tenda, que ele havia abandonado de madrugada, até ao alto da falésia donde se tinha atirado ao mar. Os lógicos debruçaram-se sobre os sinais e deram logo com a verdade: não faltava nenhum elo à cadeia dos acontecimentos. Os passos sucediam-se uns aos outros, todos eles eram autorizados pelos anteriores. Seguindo os passos desde a conclusão até a causa, levavam o morto até sua tenda. Seguindo os passos desde a causa até a conclusão, enterravam-no de novo na morte.

“Já compreendemos tudo” - gritaram os lógicos. E congratulavam-se uns com os outros.

Na minha opinião, porém, eles só teriam compreendido se conhecessem, como eu conhecia, um certo sorriso mais frágil do que a água adormecida. Bastaria um simples pensamento para o embaciar. E daí talvez nem sequer existisse naquele instante - quem sabe se não dormitaria o rosto que o mantinha... - nem naquele lugar, mas sim na tenda de um estrangeiro, a cem dias de marcha dali.

A criação é de essência diferente do objeto criado. Evade-se dos sinais que deixa atrás de si, e nunca se lê em sinal algum. Tu sempre descobrirás que essas marcas, esses traços e esses sinais decorrem uns dos outros. Porque a sombra de toda a criação na parede das realidades é lógica pura. Mas essa descoberta evidente não impedirá que tu sejas estúpido.

Como eles ainda não se davam por convencidos, tive a bondade de prosseguir, no intuito de os

esclarecer:

“Era uma vez um alquimista que estudava os mistérios da vida. Ora, aconteceu que das suas retortas, dos seus alambiques, das suas drogas, ele conseguiu extrair um minúsculo fragmento de massa viva. Os lógicos acorreram imediatamente. Recomeçaram a experiência, misturaram as drogas, sopraram no fogo debaixo das retortas e obtiveram uma outra célula de carne. Tinha-se acabado o mistério da vida, proclamaram eles aos quatro ventos. A vida não passava de conclusão natural de causa para efeito e de efeito para causa, da ação do fogo sobre as drogas e das drogas, a princípio sem vida, umas sobre as outras. Os lógicos tinham compreendido perfeitamente, aliás como sempre. Ora, a criação é de essência diferente do objeto criado que ela domina, não deixa rastro nos sinais. E o criador evade-se sempre da sua criação. E o rastro que deixa é lógica pura. E eu, mais humildemente, fui pedir esclarecimentos ao geômetra meu amigo: “Que é que vês nisso de novo - respondeu-me ele -, a não ser que a vida semeia a vida? A vida não teria aparecido se não fora a consciência do alquimista. E este, que eu soubesse, vivia. Esquecem-no porque, como sempre, ele se afastou da sua criação. Tu é que levaste esse homem ao cimo daquela tua montanha de onde é fácil resolver os problemas. Essa montanha torna-se verdade fora de ti; esse homem fica só. Que ninguém me pergunte por que escolheste essa montanha. É lá que nós estamos, em alguma parte havíamos de estar.

Os lógicos são tão pouco lógicos que continuaram a murmurar. Tive de lhes dizer:

“Vocês não passam de uns pretensiosos: no intuito de conhecer, tem a veleidade de seguir a dança das sombras nas paredes; lêem passo a passo as proposições da geometria sem repararem que alguém deve ter caminhado para as estabelecer; lêem os rastros na areia sem descobrirem que houve lá longe alguém que renunciou a amar; lêem a ascensão da vida a partir dos materiais, sem terem em conta que alguém rejeitou e escolheu. Escravos é o que vocês são. Não venham a mim armados de martelo e pregos, fingindo ter concebido e lançado o navio.

“O geômetra era o único da sua espécie e morreu. Gostaria de o ter mandado sentar a meu lado, para juntos governarmos os homens. Era só ele ter mostrado esse desejo. Esse provinha de Deus. A sua linguagem me conseguiria descobrir a amada longínqua. Havia certa dificuldade em a ler, por ela não ser da essência da areia.

“Ele tinha a arte de descobrir a única mistura eficaz entre um número infinito delas, embora nenhum êxito a distinguisse ainda. Às vezes, no meio do labirinto das montanhas, uma pessoa perde o fio condutor. De nada serve a dedução, pois só à vista do abismo é que vês que seguias um caminho errado. Nenhum homem conhece ainda a vertente oposta. Aparece então, vindo não se sabe donde, talvez lá de baixo, o guia, capaz de traçar o caminho. Mas uma vez percorrido, este caminho fica traçado e te parece como evidente. E esqueces o milagre de um trajeto que foi semelhante a um retorno.”

Foi ter com meu pai aquele que estava sempre pronto a contradizê-lo. “A felicidade dos homens” - começou ele...

Meu pai cortou-lhe a palavra:

“Não pronuncies essa palavra em minha casa. Gosto das palavras com recheio, mas repudio as cascas vazias.

- Se, no entanto, tu - chefe de um império, tornou o outro - não cuidas de premiar, com a felicidade, os homens...

- O que eu não gosto é de correr atrás do vento para fazer provisões dele. O vento, uma vez quieto, deixa de ser vento - foi a resposta de meu pai.

- Mas - retorquiu o outro - se eu fosse o chefe de um império, desejaria que os homens fossem felizes...

- Ah! ! - exclamou meu pai - agora já te entendo melhor. Essa palavra não é vazia. Eu realmente conheci homens infelizes e homens felizes. Conheci também homens gordos ou magros, doentes ou saudáveis, vivos ou mortos. Eu mesmo também desejo que os homens sejam felizes, da mesma maneira que gosto mais de os ver vivos do que mortos. Embora seja bom que as gerações se sucedam.

- Então estamos de acordo - gritou o outro.

- Não - emendou meu pai.

E acrescentou, depois de pensar um pouco:

“Quando falas de felicidade, ou te referes a um estado do homem - que então é feliz como se pode ser saudável -, a um fervor dos sentidos, que eu não domino, ou mencionas um objeto apreensível que eu posso ter o desejo de conquistar. E onde é que ele existe? Tal homem é feliz na paz, um outro é feliz na guerra, este deseja a solidão que o arrebatava, aquele para se exaltar necessita da balbúrdia das festas. Há quem vá pedir as alegrias às meditações da ciência, que é resposta aos problemas postos, há quem encontre a alegria em

Deus, em quem nenhum problema tem sentido.

“Se eu quisesse parafrasear a felicidade, te diria talvez que ela é para o ferreiro forjar, para o marinheiro navegar, para o rico enriquecer. Mas, assim, não te diria nada de novo. E, aliás, a felicidade por vezes seria para o rico navegar, para o ferreiro enriquecer e para o marinheiro não fazer nada. Lá se vai esse fantasma sem entranhas, que pretendias em vão agarrar.

“Se queres compreender a palavra, é preciso entendê-la como recompensa e não como fim. De outro modo, deixaria de ter significado. Posso reconhecer que uma coisa é bela, mas não aceito a beleza como fim.

Ouviste porventura o escultor dizer: "Desta pedra, arrancarei a beleza? Os escultores de meia tijela é que andam sempre com um lirismo vazio na boca. Mas o escultor verdadeiro te dirá: "Procuro tirar da pedra algo que se pareça com aquilo que sinto dentro de mim. Só consigo me libertar disso esculpindo. Se o escultor for grande, tanto faz que o rosto esculpido seja pesado ou velho, disforme ou jovem. Nem

mesmo a beleza é um fim, mas uma recompensa.

“Quando há pouco te disse que a felicidade seria para o rico enriquecer, menti. O fogo de artifício que coroar qualquer conquista sua, fará mais que recompensar os seus esforços e dificuldades. E se a vida que se estende diante de ti se mostra por instantes inebriante, é na medida em que te enche de alegria a paisagem que se avista do alto das montanhas, afinal pura construção dos teus esforços.

“E se te digo que a felicidade, para um ladrão, é praticar o roubo à luz das estrelas, é porque há nele uma parte a salvar e a recompensa dessa parte. Porque ele aceitou o frio, a insegurança e a solidão... Já te afirmei que o ouro que ele inveja, inveja-o como algo que se transforma em arcanjo. Ele sente-se pesado e vulnerável, e chega ao ponto de atribuir asas invisíveis ao que avança pela cidade afora com o ouro apertado contra o coração.

“E quedei-me por longo tempo, envolto no silêncio do meu amor, observando a gente do meu povo, que parecia feliz. Sempre achei que a felicidade lhes vinha, como a beleza da estátua, por não a terem buscado. “Sempre achei isso sinal da perfeição deles e da qualidade do seu coração. Se encontrasses aquela única mulher capaz de te dizer: “Sinto-me tão feliz!”, abre-lhe a tua casa para toda a vida, porque a felicidade que lhe aflora ao rosto é sinal da sua qualidade, é a felicidade de um coração recompensado.

“Não peças pois a mim, chefe de um império, que conquiste a felicidade para o meu povo. Não peças a mim, escultor, que corra atrás da beleza: eu me sentaria sem saber para onde correr. A beleza torna-se assim felicidade. Pede-me só que lhes construa uma alma onde um tal fogo possa arder.

Lembro-me do que meu pai tinha dito de outra vez:

“Para construir a laranjeira, sirvo-me de adubos e de estrume e de enxadadas na terra. Podo depois os ramos e a árvore sobe, pronta para receber flores. E eu, o jardineiro, revolvo a terra sem me preocupar com as flores nem com a felicidade. Para que haja uma árvore florida, é preciso haver antes uma árvore, e, para haver um homem feliz, é preciso haver em primeiro lugar um homem.”

Mas o outro voltou a interrogá-lo:

“Se não é para a felicidade que os homens correm, para onde correm eles?”

- Eh! - retorquiu o meu pai. – Te mostro mais tarde.

“Começarei, porém, por te fazer notar que o fato de ver a alegria coroar muitas vezes o esforço e a vitória não te autoriza a concluir, como qualquer lógico estúpido, que os homens lutavam buscando a felicidade.

Nessa ordem de idéias, a morte seria o único desejo dos homens, já que ela coroa sempre a vida. E as nossas palavras fazem lembrar medusas invertebradas. Diz-me: não sacrificam a felicidade para partirem para a guerra?

- É porque encontram no cumprimento do dever uma forma superior de felicidade...

- Recuso-me a falar contigo se não encheres as tuas palavras de um significado que possa ser confirmado ou desmentido. Seria incapaz de lutar contra essa geléia que muda de forma. Se a felicidade é tanto surpresa do primeiro amor como vômito da morte provocado por uma bala no ventre à vista do poço inacessível, que semelhança pode haver entre as tuas afirmações e a vida? Apenas afirmaste que os homens procuram o que procuram e correm atrás do que correm. Não te arriskas a que te contradigam e eu não tenho nada a fazer com as tuas verdades invulneráveis.

“Tu falas como quem faz malabarismos. Suponhamos agora que renuncias a continuar com as tuas banalidades, a explicar pelo gosto da felicidade a partida dos homens para a guerra. Apesar disso, insistes em afirmar que a bondade explica todo o comportamento do homem. Acabarás por defender que as partidas para a guerra se explicam por movimentos de loucura. Eu então reparo que continuas a não querer te comprometer. E exijo que comeces por me explicar o sentido das palavras que usas. Pois se chamas de louco, por exemplo, àquele que solta espuma ou caminha exclusivamente na vanguarda, eu que vi os soldados irem para a guerra a pé, eu não me satisfaço.

“Que quer dizer? Que não dispões de linguagem para me explicar o esforço dos homens, nem para me indicar a direção em que os hei de orientar. Pretendes encerrar a vida em vasos mesquinhos demais, tais como a loucura ou a felicidade. Me fazes lembrar a criança que pretendia mudar o Monte Atlas de um lugar para o outro com uma pá e um balde.

- Então o outro pediu: - Se assim é, ensina-me.”

Se te defines não por um movimento do espírito ou do coração, mas por motivos enunciáveis e inteiramente contidos no enunciado, então te renego.

É que tuas palavras não seriam sinal de outra coisa como o nome de tua esposa, que significa mas não contém coisa alguma. Não podes raciocinar sobre uma palavra, porque o peso está noutra parte. Não te ocorre dizer: “Basta o nome para ver como ela é bonita...”

Como poderias querer que um raciocínio sobre a vida seja auto-suficiente? E, se ele se basear em alguma premissa, essa premissa pode se tornar mais importante se o raciocínio for menos brilhante. E pouco me importa comparar a sabedoria das fórmulas. A vida, é o que ela é.

Se então a linguagem com que me comunicas tuas razões de agir não for um poema que vai me tocar com uma nota profunda, se ele não abrange nada de indescritível, mas com o qual pretendes me tocar, então te recuso.

Se o que te faz mudar de comportamento não é a visão de um rosto que te lança as bases de um novo amor, e sim uma leve vibração do ar que não traz senão a lógica estéril e sem peso, então te recuso. Porque não se morre por um sinal, mas sim pelo significado que traz o sinal. Que impõe, se o queres exprimir, ou começar a exprimir, o peso dos livros de todas as bibliotecas da terra. Pois o que percebi de forma tão simples na minha captura eu não consigo exprimir. Pois é essencial que tenhas feito a caminhada para receber na plenitude a montanha do meu poema. E quantas palavras, durante quantos anos, não teria eu de usar se desejasse transportar a montanha para ti, que nunca abandonaste o mar?

E a fonte, se jamais tiveste sede, e nunca juntaste uma mão à outra em oferenda para receber a água. Posso bem cantar as fontes: onde está a experiência que desperta e os músculos que trarão as tuas lembranças?

Eu bem sei que, primeiro, não te devia falar das fontes. E sim de Deus. Mas, para que a minha linguagem morda e possa tornar-se operação para mim e para ti, é necessário que ela de algum modo te agarre. Se eu desejar te ensinar sobre Deus, começaria por te mandar subir às montanhas, até o cume de estrelas representar uma autentica tentação para ti. Para que as fontes te encantassem, eu te mandaria morrer de sede nos desertos; Depois te mandaria seis meses britar pedra, para que o sol do meio-dia te aniquilasse. A seguir te diria: “Aquele que o sol do meio-dia esvaziou é no segredo da noite que cai que tendo subido até o cimo das estrelas, ele se sacia no silêncio das fontes divinas.”

E tu acreditarás em Deus.

E não o poderás negar, porque Ele existirá simplesmente, como existe a melancolia no rosto, se eu porventura o esculpi.

Pois não existe a liguangem e o ato e sim dois aspectos do mesmo Deus. é por isso que chamo de oração ao trabalho, e chamo o trabalho de meditação.

LXXXII

Foi-me revelada então a grande verdade da permanência. Se não há nada que dure para além de ti, é inútil a tua esperança.

Lembro-me desse povo que honrava os seus mortos. E a pedra tumular de cada família ia recebendo os mortos um a um. E as encontrei, as pedras que asseguravam essa permanência. “Sois felizes? - perguntei-lhes.

- E como não o havíamos de ser, se sabemos onde vamos dormir? ...”

LXXXIII

Senti então uma extrema falta de forças. E me pareceu mais simples dizer que Deus me havia abandonado. Um me sentia sem o fecho de abóbada e nada mais repercutia em mim. Tinha calado, a voz que fala no silêncio. Do tampo da torre mais alta, eu me perguntava: “Por que essas estrelas?” Media com o olhar meus domínios e me perguntava: “Porque esses domínios?” E vinha um queixume da cidade adormecida, eu me perguntava: “Porque esse queixume?” Estava perdido, como um estrangeiro no meio de uma multidão heterogênea que não falasse a sua linguagem. Eu era como um hábito que o homem despiu. Derrotado e sozinho. Parecia uma casa desabitada. E era precisamente o fecho da abóbada que me faltava, porque nada em mim podia mais servir. “E no entanto, continuo a ser o mesmo, eu me dizia, sei as mesmas coisas, tenho consciência das mesmas recordações, espectador do mesmo espetáculo, mas daqui em diante afogado em uma inútil confusão.” Pois a mais bela basílica deste mundo, se não há quem a considere no seu conjunto, quem lhe saboreie o silêncio, quem vá buscar nela o significado da meditação íntima, não passa de uma soma de pedras. O mesmo se passa comigo e com a minha sabedoria e as percepções dos meus sentidos e minhas recordações. Eu era somatório de espigas e não mais o feixe de centeio. E conheci o tédio, que é antes de tudo a privação de Deus.

Não torturado, o que é do homem, mas abortado. Eu facilmente teria sido cruel, na minha melancolia, com o meu jardim onde ia com passos vazios exatamente como alguém que espera alguém. E que persiste dentro de um universo provisório. Eu dirigia muitas orações a Deus, mas já não eram bem orações, pois, em vez de partirem de um homem, partiam da aparência de um homem, círio preparado mas sem chama. “Ah! Que volte a mim o fervor,” pedia eu. Sabia que o fervor é nada mais do que um nó divino que liga as coisas. Ele é então um navio bem dirigido. É uma basílica que é vista. Mas afinal o que será, se não apenas materiais em desordem, se não conseguers entender a intenção, nem do arquiteto nem do escultor?

Foi então que entendi o seguinte: aquele que reconhece o sorriso da estátua ou a beleza da paisagem ou o silêncio do templo, é Deus que ele encontra. Ultrapassa o objeto para atingir a chave, as palavras para ouvir o cântico, a noite e as estrelas para experimentar a eternidade. Pois Deus é acima de tudo a tua linguagem, e esta, se adquire um sentido, te mostra Deus. Se as lágrimas de uma criança te comovem, são uma fresta aberta sobre o mar imenso. Porque então o que te toca não são apenas as lágrimas da criança e sim todas as lágrimas. A criança não passa de alguém que te pega na mão para te ensinar.

“Por que é que me obrigas, Senhor, a esta travessia do deserto? Sofro ao passar no meio dos espinheiros. Basta de ti um sinal para que o deserto se transfigure, para que a areia loira e o horizonte e o grande vento pacífico, em vez de somatório incoerente, passem a ser vasto império que me arrebatava e que eu então consiga vos compreender.”

E entendi que, se Deus se afasta, é fácil lê-lo na ausência. Porque ele é para o marinheiro significado do mar.

E para o esposo significado do amor. Mas há horas em que o marinheiro se interroga: por que o mar? E o esposo: por que o amor? E eles deslizam para o tédio. Nada lhes falta, a não ser o laço divino que ata as coisas. Tudo lhes falta.

Se Deus se afasta do meu povo - pensava eu -, como se afastou de mim, farei deles formigas do

formigueiro, porque se esvaziarão de todo o fervor. Quando os dados perdem o sentido, acaba-se o jogo de dados.

E descobri que a inteligência não te servirá nesse caso de nada. Podes, claro, raciocinar sobre o arranjo das pedras do templo, e nem por isso tocarás no essencial, que é desconhecido das pedras. Podes raciocinar sobre o nariz, a orelha e os lábios da estátua, e nem assim atinges o essencial, alheio à argila. Tratava-se da captura de um Deus. Ele é amarrado com laços que não são da sua essência.

Ao fundar um rosto, eu, que sou escultor, fundo uma coação. Toda estrutura realizada é coação. Quando agarro algo já o cerquei com meu punho para o guardar. Não me fales da liberdade das palavras de um poema. Eu as submeti umas às outras de acordo com determinada ordem, que é minha.

Pode ser que derrubem o meu templo para utilizarem as pedras em outro templo. Há mortes e nascimentos. Mas não me fales da liberdade das pedras. Porque então deixa de haver templo.

Eu não compreendo como se distingue a liberdade das coações. Quanto mais estradas eu traçar, maior liberdade tens de escolher. Ora, cada estrada é uma coação, pois eu as limitei de um lado e do outro. Mas a que chamas de liberdade, se não houver estradas que te permitam escolher? Chamas de liberdade ao direito de vagar no vazio? Terás tanto mais liberdade quanto maior for o número de vias a coagir-te.

Sem instrumento, não tens a liberdade de dirigir as tuas melodias. Sem obrigação de nariz e de orelhas, não dispões da liberdade de a tua estátua te sorrir. E todo aquele que for fruto sutil de civilizações sutis, se enriquece com suas fronteiras, seus limites e suas regras. Alguém é mais rico de movimentos interiores no meu palácio do que na podridão da ladroagem.

Ora, a principal diferença está nas obrigações, tais como a de cumprimentar o rei. Quem quiser subir numa hierarquia, e se enriquecer com mais experiências, logo pede que o constrejam. E os ritos impostos te tornam maior. A criança triste, ao ver os outros brincarem, pede que também lhe imponham as regras do jogo, único caminho para se realizar. Mas triste é aquele que ouve tocar o sino sem que dele nada se exija. E, quando o clarim canta, ficas triste por não ter de ficar de pé. E um outro ao lado te diz, todo sorridente: “Aquele toque é para mim; tenho de me levantar.” Para os outros, porém, não há cânticos de sinos, nem de clarins, e eles continuam tristes. A liberdade, para eles, não passa da liberdade de não ser.

LXXXIV

Aqueles que misturam as linguagens enganam-se. Nesta ou naquela língua, pode realmente não existir uma palavra para designar, por exemplo, o verde da cevada nova. Talvez a língua do vizinho consiga. Mas é bom não esquecer que estamos no domínio dos sinais. Posso designar a qualidade do meu amor dizendo que a mulher é linda. Posso falar das qualidades do meu amigo elogiando sua descrição. Mas assim não transmito qualquer movimento da vida. E sim considerações sobre um objeto como se estivesse morto.

Há, é certo, povos que construíram uma qualidade a partir de qualidades diversas. Que deram o nome a um outro desenho elaborado a partir dos mesmos materiais. E que tem uma palavra para o designar. Talvez haja uma palavra capaz de descrever a melancolia que sem motivo aparente te começa a invadir na hora do pôr do sol, quando te sentas na soleira da porta, à espera da noite que terás de passar em claro - talvez medo da vida, de que a qualquer momento a respiração das crianças assuma o ritmo apressado característico da doença ou da escalada da montanha, medo de que as crianças desistam e não possas pegá-las pela mão para as ajudar. Essa palavra seria expressão da tua experiência e patrimônio do teu povo, se foi frequentemente empregada.

Mas assim eu não transporto nada que tu não saibas. E a minha linguagem em sua essência não foi feita para transportar coisas já realizadas, como pintar de rosa a flor, mas para construir, com a ajuda de palavras mais simples, as operações que te liguem. E não para dizer “aquela ali é linda”, e sim dizer que ela faz o silêncio dentro do coração, como se fosse um jato d’água no calor da tarde.

Deves ficar com as operações que o espírito do teu povo torna possíveis, e que comunicam segundo seu espírito, tal como a trama dos cestos de vime ou as redes de pesca. Mas, se misturas as línguas, em vez de enriquecer o homem, tu o esvazias. Pois em vez de exprimir a vida tu apenas propões operações já feitas e usadas, e em lugar de trazer a descoberta que provoca uma certa tonalidade de verde provoca em ti, e como te alimenta e de transforma avistar a cevada nova quando voltas do deserto, eis que te serves de uma palavra que já foi oferecida como provisão e que apesar de te permitir designar, te impede de apreender.

É inútil que pretendas me nomear todas as cores, usando os nomes pelos quais são chamadas, ou todos os sentimentos com os nomes usados lá onde são sentidos, e onde uma só palavra resume a experiência de gerações e todas as atitudes internas, como o prazer do crepúsculo, com as palavras usadas lá onde elas são ditas. Achando que enriqueces o homem com a posse desta algaravia universal. Pois a única riqueza verdadeira, a divindade do homem, não repousa nesse direito à referência do dicionário, mas sim em sair de si, na sua essência. E isso não há palavra que o designe, pois assim não me transmites nada, e além disso seriam necessárias mais palavras do que o número de grãos de areia ao longo dos mares.

Aquilo que conseguisses dizer pagaria porventura as palavras roubadas, que, além disso, fariam apodrecer a tua linguagem?

Só as palavras da tua língua tem a virtude de denominar cumes de montanhas diferentes de outros cumes e de te proporcionar um mundo mais claro. Ao criar, pode ser que eu te traga algumas verdades novas, cujo nome, uma vez formulado, como que evocará no teu coração alguma nova divindade. Porque uma divindade exprime certa relação entre qualidades cujos elementos não são novos em si, mas

se tornaram novos nela.

E percebi. E é bom que te marque a ferro no coração o número que te pode ampliar. Para evitar que te desencaminhes.

Mas observa que, afora os fechos de abóbada que me são descobertos por outros que não tu, não me consegues designar por meio das palavras algo que diga respeito à tua essência ou à tua vida. Experimenta pintar-me o céu de vermelho e o mar de azul, e não conseguirás me comover. Ficaria então excessivamente fácil de me comover.

Para me comover, tens de me envolver nos laços da tua linguagem. Por isso o estilo é operação divina. É tua estrutura que me impões, os próprios movimentos de tua vida, que não têm igual no mundo.

Ainda que todos te tivessem falado das estrelas e da fonte e da montanha, ninguém te mandou escalar a montanha, para beber nas fontes de estrelas o seu leite puro.

Mas, se por acaso existe uma linguagem em que essa palavra exista, então eu não inventei nada, e não transmito nada de vivo. Não te embaraces com essa palavra, se não te servir para todos os dias. Falsos os deuses que não servem nas orações de cada tarde.

Mas se a imagem por acaso te iluminar, então ela é cume de montanhas onde a paisagem se ordena. É presente de Deus. Dá-lhe um nome para te lembrares dela.

Veio-me o imorredouro desejo de construir as almas e comecei a sentir ódio dos adoradores do usual. Afinal de contas, se o que pretendes é servir a realidade, só terás o alimento para oferecer ao homem, e o seu gosto varia de civilização para civilização. (E ainda não te falei da água que se torna cântico!).

Se hoje tens o prazer de ser governador de província, deves isso à minha arquitetura que no momento não te serve de nada, mas apenas te exalta com a imagem do império que eu fundei. Até mesmo os prazeres motivados pela tua vaidade, não vêm dos objetos ponderáveis que no momento não te servem de nada e que consideras apenas pela cor que assumem no grande clarão do meu império.

Por muito que o corpo de uma prostituta paga por ti se assemelhe ao daquela que durante quinze anos se banhava nos aromas e nos óleos e aprendeu a poesia, a graça e o silêncio - única coisa que contém - e hoje sob a fronte lisa faz lembrar uma pátria de fontes, terás a ousadia de afirmar que uma e outra te proporcionam à noite uma beberagem idêntica?

E, se as não distinguires uma da outra a pretexto de te enriqueceres com mais facilidade nas tuas conquistas, por te custar menos construir uma prostituta do que fundar uma princesa, afinal ficas mais pobre.

Pode acontecer que não saibas apreciar a princesa, pois o próprio poema não é presente nem provisão, mas ascensão de ti próprio, pode acontecer que não sejas aprisionado pela graça do gesto - muitas músicas não as compreenderás por falta de esforço -, mas não é que ela não valha nada. Tu é que não existes. Envolto no silêncio do meu amor, ouvi falar os homens. Percebi que eles se comoviam. Vi brilhar o aço das facas nas disputas. Por muito sórdidos que eles fossem e que o fossem os seus cubículos, afora o apetite de alimento, nunca achei que eles se animassem por bens que tivessem sentido fora da linguagem que falavam. Mesmo a mulher por quem serias capaz de matar alguém está muito longe de ser um simples corpo; ela é determinada pátria particular, fora da qual te descobres exilado e sem significação. De um momento para o outro, a chaleira em que, à tardinha, se prepara o chá começa a perder sentido, na falta dessa mulher.

A tua estupidez pode sim aumentar e fazer-te cometer erros consideráveis. Por exemplo: reparas que os homens tem em grande estima a chaleira da tarde. De que te lembras tu? De a honrar por ela própria. O homem que a forja será escravo seu. Resultado: deixa de haver homens que amem as chaleiras. Acabaste com eles e elas.

Assim divides um rosto, porque reconheceste a doçura das crianças, a piedade junto ao leito do doente, o silêncio junto ao altar, a seriedade da maternidade. E para aumentar o número de tais rostos, mandas construir cavalariças ou estábulos, onde colocas depois os teus rebanhos de mulheres, para darem à luz. Acabarás por perder para sempre os rostos que pretendias favorecer, pois pouco te importam as desventuras de um rebanho, se é apenas um rebanho de engorda.

Mas eu construo a alma do homem, levanto fronteiras e limites, lhe desenho jardins - e para que se torne o culto da criança e que assuma um sentido dentro do teu coração, pode ser que na aparência eu não dê importância ao número - pois não creio na tua lógica e sim na tendência para o amor.

Se tu és, constrói tua árvore, e se invento e fundo a árvore, é apenas uma semente que proporciono. As

flores e frutos dormem potencialmente no leito desse poder. Se te desenvolves, o fazes segundo as minhas linhas, não preconcebidas porque disso não me preocupei. E, pelo fato de seres, é que te podes realizar. E o teu amor torna-se filho desse amor.

LXXXVI

E me vi de repente a beira de uma porta pois há épocas em que a linguagem se revela incapaz de apreender ou de prever seja o que for. Apresentam-me o mundo como um enigma e depois exigem que eu o explique. Mas não há explicação a dar. O mundo não tem sentido.

“Temos de nos submeter ou de lutar?” - perguntam-me. É preciso uma submeter-se para sobreviver e lutar para continuar a viver. Deixa a vida seguir. Tamanha é a miséria do dia a dia que a verdade da vida, para se exprimir, tem de lançar mão de formas contrárias. Mas não te iludas: assim como estás, estás morto. E tuas contradições, os teus ferimentos e as tuas misérias são os da metamorfose. Tu ranges e te dilaceras. E o teu silêncio é o do grão de trigo na terra onde apodrece para se realizar. E a tua esterilidade é a esterilidade própria da tua crisálida. Mas hás de renascer adornado com asas.

Perguntarás para ti próprio, do alto da montanha onde se resolvem os problemas: Como é que não compreendi logo?” Como se houvesse algo que compreender...

LXXXVI

Tu não receberás sinal nenhum, porque a marca da divindade de quem tu pretendes obter um sinal é o próprio silêncio. As pedras não sabem nem podem saber nada do templo que constituem. Nem o pedaço de casca, da árvore que ele constitui na companhia de outros. Nem a árvore ou a moradia, do domínio que compõem juntamente com outras. Nem tu, de Deus. Seria preciso que o templo aparecesse à pedra ou a árvore à casca, o que não tem sentido, pois a pedra não dispõe de linguagem para receber o templo. A linguagem é da escala da árvore.

Esta foi minha descoberta depois daquela viagem até junto de Deus.

Sempre sozinho, fechado em mim diante de mim. Não tenho esperança alguma de sair, mesmo, da minha solidão. A pedra não tem esperança de ser outra coisa que não pedra. Mas, ao colaborar, ela se congrega e se torna templo.

Já não tenho a pretensão de esperar pela aparição do arcanjo, porque ou ele é invisível ou não é. E aqueles que esperam um sinal de Deus, é porque fazem dele um reflexo de espelho, onde não viriam a descobrir nada além de si próprios. Mas, pelo fato de desposar o meu povo, invade-me o calor que me transfigura. E isso é marca de Deus. Porque, uma vez feito o silêncio, passa a haver verdade para todas as pedras.

Nem eu mesmo teria importância alguma nem encontraria satisfações, separado de todas aquelas comunidades a que pertenço.

Portanto deixai-vos ser grão de trigo e adormecer lá na granja, à espera do inverno.

LXXXVIII

Há muitos que não gostam que os transcendam. “Eu”- dizem eles.

E batem na barriga. Como se, de si mesmos, houvesse neles alguém. Como se as pedras do templo dissessem: "Eu, eu, eu." . .

Havia aqueles que eu condenava a extrair os diamantes. O suor, os ais, o tédio tornavam-se diamantes e luz. E eles existiam pelo diamante; nele é que adquiriam significação. Um belo dia, resolveram revoltar-se.”Eu, eu, eu!” - diziam eles. Recusavam submeter-se ao diamante. Já não queriam realizar-se. Queriam ser honrados em razão de si próprios. Mostravam-se como modelo, em vez do diamante. E pareciam feios, pois só no diamante são belos. É no templo que as pedras são belas. É no domínio que a árvore é bela. É no império que o rio é belo. E cantam o rio: Tu, a ama dos nossos rebanhos, tu, o sangue lento das nossas planícies, tu, o condutor dos nossos navios...”

Mas eles se consideravam meio e fim. Tinham deixado de se interessar por aquilo que gostariam de servir, interessavam-se apenas por aquilo que servia a eles.

Foram e massacraram os príncipes, reduziram a pó os diamantes para os dividirem entre todos, meteram no cárcere todos aqueles que, por procurarem verdades, poderiam vir um dia a dominá-los. É tempo - diziam eles - de que o templo sirva as pedras. Por irem dali cada um com o seu pedaço do templo, julgavam-se ricos. Mas todos esses pedaços tinham perdido sua virtude divina, não passavam de entulho.

E no entanto tu perguntas:

“Onde é que começa, onde acaba a escravidão, onde começa, onde acaba o universo? E onde é que começam os direitos dos homens? Conheço os direitos do templo, que é sentido das pedras, e os direitos do império, que é sentido dos homens, e os direitos do poema, que é sentido das palavras. Mas não reconheço os direitos das pedras contra o templo, nem os direitos das palavras contra o poema, nem os direitos do homem contra o império.”

Onde se diz que há egoísmo, o que sempre encontramos é mutilação. E aquele que anda por aí sozinho a dizer: "Eu, eu, eu", como que anda ausente do reino. Assim a pedra fora do templo, ou a palavra seca fora do poema ou aquele fragmento de carne separada do corpo.

“Mas - objeta alguém a meu pai - posso suprimir os impérios e unir os homens num só templo. E eles então receberão seu sentido de um templo mais vasto...”

- Ainda não compreendeste nada - respondeu meu pai. Observa como aquelas pedras lá compõem um braço e é esse o sentido que têm. Vês depois outras formarem uma garganta, e mais adiante, aquelas, umas asas. Mas todas elas, em conjunto, formam um anjo de pedra. Ou constituem uma ogiva. Ou uma coluna. Se agora pegares esses anjos de pedra, essas ogivas e essas colunas, aí tens o templo. Se depois pegares todos os templos, verás a cidade santa, que te governa durante a marcha do deserto. Em vez de submeter as pedras ao braço, à garganta e à asa de uma estátua, depois as estátuas ao templo, depois os templos à cidade santa, és de opinião que seria proveitoso submeter logo as pedras a essa cidade santa. Teríamos assim um grande monte uniforme: Como se o resplendor da cidade santa, que é uno, não nascesse dessa diversidade... Como se o resplendor da coluna, que é uno, não nascesse do capitel, do fuste e do pedestal, diversos uns dos outros. Quanto mais elevada for a verdade, de mais alto a deves observar para a apreender. A vida é una, tal como o declive a caminho do mar, e, no entanto, diversifica-se de estágio em estágio, delegando seu poder de ser em ser ou de elo em elo. Aquele veleiro lá é uno, se bem que formado de diversas partes. Se olhar para ele mais de perto, descobrirás velas, mastros, uma proa, um casco, uma roda de proa. Mais de perto ainda, que cada um deles tem cordas, placas, tábuas e rebites. E cada um destes por sua vez ainda se decompõe mais.

“E o meu império não teria significado nem vida de fato, nem paradas de soldados em continência, se fosse como uma cidade de pedras bem alinhadas. Temos, em primeiro lugar, o teu lar. Vários lares constituem uma família. As famílias formam uma tribo. As tribos, uma província. As províncias, o meu império. E tu vês esse império fervoroso e animado, de oriente a ocidente e de norte a sul, assim como um veleiro no mar se alimenta de vento e o organiza para um fim que não varia, embora o vento varie e o veleiro seja conjunto. “Podes ainda continuar a subir e pegar nos impérios para deles fazer um navio mais vasto, que absorva em si os navios e os leve numa direção que será una, alimentada de ventos diversos e variáveis, sem que varie a direção da roda de proa, orientada pelas estrelas Unificar é ligar melhor as diversidades particulares, e não apagá-las em prol de uma ordem vazia.

(Mas não há etapas em si. Nomeaste algumas. Podias ter nomeado outras que teriam sido contidas nas primeiras).

XC

E apesar disso, eis que te inquietas, pois viste o mau tirano esmagar os homens. E o agiota mante-los submetidos à sua escravidão. E, algumas vezes, o construtor de templos, em vez de servir Deus, servir-se a si próprio e aproveitar-se do suor dos homens. Não te pareceu que os homens ganhassem alguma coisa com isso.

É que isto não era o que devia ser. Ao fazer a ascensão, não se trata de criar o braço ao acaso das pedras que o compõem. Ao acaso dos membros, o anjo de pedra. Ao acaso dos anjos ou das colunas ou das ogivas, o templo. Tens a liberdade de parar no estágio que quiseres. Não é melhor submeter os homens ao templo do que ao braço da estátua. Porque nem o tirano, nem o agiota, nem o braço, nem o templo têm a capacidade de absorver os homens e os enriquecer em troca de seu próprio enriquecimento.

Não são os materiais da terra que se organizam ao acaso e fazem a sua ascensão na árvore. Para criar a árvore, começaste por lançar a semente onde ela dormia. Ela veio de cima e não de baixo.

A tua pirâmide não tem sentido se não termina em Deus. Porque Deus derrama-se sobre os homens, depois de os ter transfigurado. Podes te sacrificar ao príncipe, se ele por sua vez se prostra diante de Deus. Porque então o teu bem regressa a ti depois de ter mudado de gosto e de essência. E o agiota não existirá, nem o braço, nem o templo, nem a estátua. De onde viria esse braço, se não viesse de um corpo? O corpo não é conjunto de membros. Tal como o veleiro não é uma montagem ao acaso, um efeito de elementos diversos, mas resulta sim através de diversidades e contradições aparentes daquela única inclinação em direção ao mar, que é única, da mesma forma o corpo se difersifica em membros mas não é uma soma, pois não se vai dos materiais em direção ao conjunto, pois como te dirá todo criador e todos os jardineiros e todos os poetas, vai do conjunto para os materiais. Me basta incutir nos homens o amor pelas torres que dominam as areias, para que os escravos dos escravos dos meus arquitetos inventem o transporte das pedras e muitas outras coisas.

XCI

O grande erro é não saber que a lei é significação das coisas e não rito mais ou menos estéril por ocasião dessas coisas. Ao legislar sobre o amor, faço nascer determinada forma de amor. O meu amor é desenhado pelas próprias limitações que lhe imponho. A lei, portanto, tanto pode ser costume como polícia.

XCII

É por isso que esta noite vou até ao alto das muralhas, donde exerço o meu poder sobre a cidade. É das muralhas que as minhas guarnições guardam as cidades do império e se comunicam por meio de fogos por sobre as montanhas. As sentinelas que patrulham ao longo das muralhas chamam-se umas às outras e se entediam (mas depois irão perceber que ganhavam sentido desta patrulha, pois não se oferece uma linguagem à sentinela para que seus passos toquem seu coração, e a sentinela não sabe bem o que faz, e pensam que se entediam e apenas esperam a hora da sopa. Mas eu sei que não se deve dar importância à linguagem dos homens. Se enganam minhas sentinelas que sonham com a sopa e bocejam no serviço de guarda. Daí a pouco na hora da janta, uma delas que dá um empurrão no vizinho. Se eu as dispusesse em volta de uma gamela, daí a pouquinho se distinguiriam do gado.)

Então nesta noite, o império desagrega-se. A ausência de alguns fogos nas montanhas torna-se obsessiva, porque a noite pode chegar a extingui-los uns após outros. É o império desmoronando, que há de ameaçar até o sabor da refeição noturna e até o sentido do beijo que a mãe dá ao filho. Se o filho que se abraça já não pertence a um império, não é mais o mesmo, pois não se abraça Deus através dele.

Quando há ameaça de incêndio, recorre-se ao extintor. Com os meus guerreiros fiéis, formei um círculo de ferro e esmaguei tudo o que encerrei lá dentro. Geração transitória, que importam as fogueiras a que te reduzi? É preciso salvar o templo do significado das coisas. A vida ensinou-me que não há verdadeira tortura na carne mutilada, nem mesmo na morte. A ressonância cresce à medida que aumenta a envergadura do templo que dá sentido aos atos dos homens. Se mantiveres fora do império, encerrado na prisão do exílio, aquele que foi educado na fidelidade ao império, hás de ve-lo arranhar-se nas grades e recusar-se a beber, pois a sua linguagem já não tem sentido. E quem senão ele, se arranharia? Se o filho daquele que foi forjado segundo a moral da família, por desgraça, cair na torrente e tentares segurar o pai na margem, o verás lutar nos teus braços para escapar e gritar, louco por se lançar no redemoinho, pois sua linguagem já não tem sentido. Mas, no dia da festa do império, repara no primeiro, todo orgulhoso e cheio de majestade; e hás de ver resplandecer o segundo no dia da festa do filho. Aquilo que te causa os sofrimentos mais graves, traz-te também as maiores alegrias. Porque sofrimentos e alegrias são frutos dos teus laços, e os teus laços, das estruturas que te impus. Eu quero salvar os homens e obrigá-los a existir, ainda que os leve pela via que os faz sofrer, como a prisão que separa da família, ou o exílio que separa do império. Se me censurasses esse sofrimento por causa do teu gosto pela família ou pelo império, te responderia que a tua atitude é absurda, Não faço mais que salvar o que te permite ser.

Ó geração transitória, depositária de um templo que talvez não saibas ver, por falta de perspectiva, mas que te aumenta a capacidade do coração e provoca a ressonância das tuas palavras e os grandes fogos interiores das tuas alegrias, hei de salvar o templo por intermédio de ti. Que importa, pois, o círculo dos guerreiros de ferro?

Denominaram-me o justo. E sou. Se derramei o sangue, foi para estabelecer, não a minha dureza, mas a minha clemência. Posso abençoar aquele que agora me beija os joelhos. A minha benção o enriquecerá. Ele vai-se em paz. Mas aquele que duvida do meu poder, o que é que ganha com isso? Mesmo que eu levante os dedos sobre ele e lhe entorne o mel do meu sorriso, ele é incapaz de receber. Continuará pobre. Já não o enriquece gritar no meio da solidão: “Eu, eu, eu...”, para o que não há resposta. Se me jogassem do alto das muralhas, não seria eu que lhes faltaria, mas a doçura de serem filhos, e a

tranqüilidade de serem abençoados, e a água pura do perdão derramada no coração, e o refúgio e a significação e o grande manto do pastor. Que se ajoelhem para eu lhes parecer belo, que me honrem na minha grandeza para que eu os possa engrandecer com ela. Quem é que fala aqui de mim?

Eu não fiz os homens servirem minha glória, pois me humilho diante de Deus e assim Deus, o único a recebê-la, os envolve a todos em troca da sua glória. Eu não usei homens para servir o império. Utilizei, sim, o império para fundar os homens. Se recolhi, como devido a mim, o fruto do trabalho deles, foi para o remeter a Deus, a fim de o derramar em troca sobre eles como uma benção. Já dos meus celeiros corre um trigo que é recompensa. Assim, ao mesmo tempo em que é alimento, faz-se luz, cântico e paz do coração.

O mesmo se passa com tudo o que diz respeito aos homens, porque esta jóia tem sentido de casamento, este acampamento sentido de tribo, este templo sentido de Deus e este rio sentido de império.

A não ser assim, que possuiriam eles?

Não se constrói o império com os materiais. Os materiais é que se absorvem no império.

XCI

Havia os seres e a fidelidade. Chamo fidelidade à ligação aos seres, como a moagem, ou o império, ou o templo, ou os jardins. E chamo grande àquele que é fiel ao jardim.

Chegam aqueles que nada sabem a respeito da única coisa que importa e se deixam às vezes levar por uma ilusão de falsa ciência: que, para conhecer, o melhor é demonstrar (para conhecer, mas não para conter, pois fica faltando o essencial como letras de um livro se as embaralhas: tua presença. Se misturas as letras do livro acaba o poeta. Se reduzires o jardim a um somatório, acaba o jardineiro). E então descobre uma grande arma: a ironia. A ironia que é própria do miserável. Que mistura as letras sem ler o livro. E te perguntam: “Por que morrer por um templo que não passa de somatório de pedras?” Não há nada a que responder. “Por que morrer por um jardim que não passa de somatório de árvores e de erva?” Não tens nada a que responder. “Porque morrer por caracteres do alfabeto?” E, na verdade, aceitarias morrer por isso?

Mas, na realidade, vão destruindo uma a uma as tuas riquezas. Recusas morrer e, portanto, amar. E chamas a essa recusa exercício da inteligência. És um ignorante. Te empenhas tanto em desfazer o que está feito, que acabarás por acabar com o teu bem mais precioso: o sentido das coisas.

E ficam vaidosos, quando afinal não passam de ladrões, pois não constroem nada como aquele que vai polindo a frase, e ao mesmo tempo forja um estilo que lhe permitirá polir mais adiante. Quebrar a estátua produz realmente um efeito surpreendente, e aqueles pedaços todos conseguem te distrair. Julgavas esse templo meditação e silêncio, e não passa agora de montão de saibro. Quem morrerá por ele?

E depois de te ensinar essa operação que mata os deuses, não sobra nada para respirar nem viver. O mais importante num objeto é a luz com que o ilumina a civilização de que tu falas. Como a pedra do lar, que é amor; e a estrela, que pertence ao reino de Deus; e a carga que te confio, que é própria da dignidade real; e com o brasão, que é próprio da dinastia. Mas que farias tu de uma pedra, de uma carga, de um número que não fossem iluminados?

De destruição em destruição, vais deslizando até à vaidade, único colorido possível quando já não dispões de resíduo algum capaz de te alimentar. E teu objeto, na falta de outro sentido, terá de ir buscar seu sentido a ti próprio. E ficas sozinho a colorir as coisas com a tua pálida luz. Porque esta roupa nova é tua. E esse rebanho é teu. E essa morada mais rica do que uma outra é tua. E todos os trajés, todos os rebanhos, todas as moradas que pertencem a outro são portanto teus inimigos. Porque contra ti formam um império oposto e semelhante. No meio do teu deserto, terás de te mostrar satisfeito contigo próprio, porque fora de ti não há nenhuma outra coisa. E ficas condenado a gritar: “Eu, eu, eu...” o no vazio. E ninguém te responde.

Os jardineiros que conheci, para não serem vaidosos, bastava-lhes amarem os jardins.

XCIV

Aparição do Deus que dá cor às coisas. Basta a amada se ir e tudo muda. De que adiantam as sementes do dia se não servem mais para embelezar umas às outras? Julgavas que a podias usar para a cativar e não há mais nada a cativar. De que serve teu jarro de prata pura, se ele já não é parte da cerimônia do chá, antes do amor? Que significa a flauta de madeira pendurada na parede, se já não é para cantares para tua amada? De que servem as palmas das tuas mãos, se já não são para conter o peso do rosto que adormece? Fazes lembrar uma loja onde só haja objetos para vender, sem lugar certo na loja, nem em ti. Cada um com sua etiqueta, e no entanto sem vida.

E as horas do dia não são mais a espera de um passo leve, depois de um sorriso na tua porta, sorriso esse que é o doce de mel que o amor loge de ti compôs no silêncio e com o qual vais te saciar. Que não são mais as horas do adeus quando é hora de ir. Que não são mais horas de sono em que recuperas teu desejo.

Já não há templo, mas pedras espalhadas. Deixaste de ser. E como irias renunciar, mesmo sabendo que que vais esquecer e construir um outro templo, porque a vida é assim, um belo dia voltará a pegar no jarro e no tapete de lã farta e nessas horas matinais, e o meio dia, e do anoitecer, e de novo te dará um sentido às tuas vitórias e de novo dará um sentido às tuas fadigas e de novo te porá perto ou longe, ou te aproximando ou te afastando, ou perdendo, ou reencontrando algo? Pois agora que ela não é mais a pedra da abóboda, tu não te aproximas, nem te afastas, nem te prolongas, nem recusas relativamente a coisa alguma.

Se julgas comunicar com essas coisas e se apoderar delas e desejá-las e renunciar a elas e esperá-las e quebrá-las e espalhá-las e conquistá-las e possuí-las, te enganas totalmente, pois não pegas, não reténs, não possuis, não perdes, não encontras, não esperas, não desejas a não ser a luz que lhes é dada pelo seu sol. Não há passarela entre as coisas e ti, mas entre ti e os rostos invisíveis que são de Deus ou do império ou do amor. E se eu te vejo, marinheiro no mar, é por causa de um rosto que fez da ausência um tesouro, por causa de um regresso que te anunciam os cânticos antigos das galeras, por causa das histórias de ilhas milagrosas e dos recifes de coral lá longe. Te digo que o cântico das galeras carrega para ti o cântico das vagas, mesmo que as galeras já não existam, e que os recifes de coral tornam mais intensa a cor dos teus crepúsculos à flor das águas, mesmo que as tuas velas nunca te levem até junto deles. E os naufrágios que te contaram, mesmo que nunca venhas a naufragar, juntam às queixas do mar, ao longo das falésias, a sua música de cerimônia, que é sepultar os mortos. - A não ser assim, puxar pelo cordame seco te arrancaria contínuos bocejos. E é ver-te cruzar os braços sobre o peito amplo como o mar. Porque eu não conheço nada que não seja essencialmente rosto, ou civilização, ou templo construído para o teu coração.

E é por isso que não queres renunciar a ti próprio quando, depois de ter vivido longo tempo de um amor, de repente ficas sem outro sentido.

E é por isso que as paredes da prisão não podem encerrar aquele que ama. Ele é de um império que não está nas coisas, mas sim no sentido das coisas, e se ri das paredes. A amada existe em algum lugar, mesmo adormecida, e parecendo morta e sem serventia naquele instante, e mesmo que construas as muralhas da fortaleza entre ela e ele, eis que no silêncio de seu espírito ela o alimenta. E não consegues

separá-los.

O mesmo se passa com toda aparição nascida do laço divino que liga as coisas. Se fores privado daquela única amada que desejas e que te exaspera durante a noite em claro, ficas impossibilitado de receber. Como o cão que tem fome de uma imagem de carne, pois ainda não nasceu o deus que é do espírito e atravessa as paredes. Já te falei do dono de grandes domínios, que passeia de manhãzinha na terra molhada. Nada dos seus domínios lhe serve naquele momento. Ele vê apenas um caminho vazio. E, no entanto, ele é diferente, pois tem o coração repleto. O mesmo acontece com aquele que é sentinela do império. De todo esse império, ele apenas apalpa um caminho de ronda, que é de granito à luz das estrelas. Caminha de um lado para o outro, ameaçado na carne. Conheces alguém mais pobre do que ele, prisioneiro de uma prisão de cem passos? Atravancado de armas, punido com a de prisão se ele se sentar, e de morte se adormecer. Gelado de frio, molhado da chuva, queimado pela areia. Só pode esperar alguma coisa de um fuzil, que mira da sombra, e lhe aponta o coração. Conheces alguém mais desesperado? Qualquer mendigo não será mais rico do que ele? Pelo menos tem uma grande liberdade de movimentos e goza do espetáculo do povo e tem o direito de se distrair onde lhe aprouver.

No entanto, minha sentinela é do império e o império a alimenta. Ela é mais vasta do que o mendigo. E até a sua morte será produtiva, porque ela se trocará pelo império.

Eu mando meus prisioneiros britar pedra. E eles britam e ficam vazios. Mas se tu constróis a tua casa, julgas britar as mesmas pedras? Tu constróis a parede de uma casa, e os teus gestos, em vez de cumprirem um castigo, ilustram um cântico.

Para ver claro neste assunto, basta mudar de perspectiva. É certo que se alguém for salvo no instante da morte, se enriquece e vive um pouco mais. Mas se mudares de montanha, isto é, se considerares seu destino já cumprido e atado como feixe de centeio, verás que fica mais feliz com uma morte que tem sentido.

O mesmo acontece ainda com aqueles que mandei capturar numa noite de guerra. Queria que me entregassem os projetos do inimigo.”Eu sou de minha casa - diz-me um - e os teus carrascos não tem lá poder algum...” Mesmo que eu o tivesse esmagado debaixo de uma mó, não lhe conseguiria arrancar o azeite do segredo, porque ele era do seu império.

“Desgraçado - dizia-lhe eu - estás à minha mercê.”

Mas ele se ria ao ouvir-me chamar-lhe desgraçado. Ninguém lhe poderia arrancar o bem que possuía.

É esse o sentido da aprendizagem. Não são os objetos as tuas verdadeiras riquezas. Se o fossem, só teriam valor enquanto os usasses. O teu burro só tem sentido quando montas nele, as tuas escudelas quando comes. A própria mulher que desejas, mas não chegas a amar, só significará alguma coisa para ti enquanto a força das circunstâncias não te separar dela.

O animal, na verdade, só pode chegar ao objeto, e não à cor do objeto, já dependente de uma linguagem.

Mas tu és homem: te alimentas do sentido das coisas e não das coisas.

E eu te construo. E te educo. E te mostro na pedra o que não é da pedra, mas movimento do coração do escultor e majestade do guerreiro morto. E te enriqueces por existir em algum lugar o guerreiro de pedra. E crio para ti os carneiros, as cabras, as moradas e as montanhas, mas antes te dei um domínio. E se nada nos teus domínios te serve nesse instante no entanto estás repleto. Uso as palavras vulgares e, depois de as ligar no poema, te enriqueço com elas. Pego nos rios e nas montanhas, os ligo no meu império, e eles vão te engrandecer. Em dias de vitória, os cancerosos prostrados nos leitões, os

prisioneiros encerrados nas prisões, os endividados entregues aos carrascos, todos eles resplandecem de orgulho, porque não há parede de hospital nem de prisão que te impeça de receber, arranquei a esta matéria heterogênea um deus que se ri das paredes e que é mais forte que os suplícios.

E é por isso – te disse eu - que construo o homem, mando derrubar as paredes e arrancar as barras e c liberto. Pois construi aquele que comunica e se ri das muralhas. E se ri dos carcereiros. E ri dos ferros dos carrascos incapazes de o reduzir.

Pois não te comunicas diretamente com o outro. Mas cada um vindo de um império, e cada império com sua significação. E se me perguntas: "Como hei de ir ter com aquela que eu amo, no caso de nos separarem muros, mares ou a morte?", eu te respondo que é inútil chamá-la. O que tens a fazer é adorar aquilo de que nenhum muro te separa: aquele rosto da casa, da bandeja com o chá e da chaleira e do tapete de lã farta, que tem como fecho da abóbada a esposa que dorme. Tens o privilégio de a amar embora ausente e adormecida.

Por isso digo que o mais importante, na construção do homem, não é instruí-lo - terá algum interesse fazer dele um livro que caminha? - mas educá-lo e levá-lo até àqueles estágios onde o que liga as coisas já não são as coisas, mas os rostos nascidos do laço divino. Pois não há nada a esperar das coisas, se elas não repercutem umas sobre as outras. A única música que a coração percebe é essa.

E teu trabalho, se for pão dos filhos ou transformação tua em algo mais vasto. E o teu amor se for algo maior do que a busca de um corpo, que seria fechado em si, na alegria que te dá?

Falarei, em primeiro lugar, da importância das criaturas.

Quando na tristeza das noites quentes, retornando das areias, visitas o bairro proibido e escolhes alguém para esquecer nela o amor, e se a acaricias e ouves falar e respondes, no entanto este amor uma vez consumado e mesmo que ela seja linda, te vais despido de ti próprio e sem ter ganho recordação alguma. Mas se acontece que a mesma aparência, os mesmos gestos, a mesma graça, com as mesmas palavras, seja daquela princesa que veio de uma ilha que fica a quinze dias de marcha das lentas caravanas, e que foi banhada por quinze anos primeiro na música, no poema e na tranquilidade, que é permanente e consegue irritar-se com uma afronta, e se consumir de fidelidade mesmo sob a adversidade, e sábia em sua parte irreduzível, plena de deus que ela não consegue trair, e capaz de oferecer ao carrasco sua graça extrema em troca de uma só palavra que se exija dela e que não queira dizer, tão bem fundada na sua nobreza que seu último passo será mais expressivo do que uma dança, se acontece ser ela que quando entras na sala da lua, que tem as lajes polidas, onde te espera, e abre para ti seus braços jovens, e se então pronuncia as mesmas palavras, mas que serão então expressão de uma alma perfeita, então te digo: tu partirás de madrugada para as areias e os espinheiros, não mais o mesmo, mas serás cântico de ação de graças. Pois não pesa o indivíduo com sua pobre casca e seu bazar de idéias, mas acima de tudo o que vale é a alma mais ou menos vasta com seus climas, suas montanhas, seus desertos de silêncio, suas neves derretidas, suas vertentes de flores, suas águas adormecidas, toda uma ligação invisível e monumental. E é dela que recebes tua felicidade. E não consegues mais te distrair. Pois não é a mesma tua navegação ao longo do regato, mesmo que feches os olhos para sentir o balanço, e tua viagem por sobre a vastidão dos mares. Pois não é o mesmo teu prazer, mesmo que o objeto seja semelhante, com o diamante falso e o diamante puro. E aquela que se cala à tua frente não é a mesma que uma outra na profundidade de seu silêncio.

E não te enganas à primeira vista.

E é por isso que recuso te facilitar a tarefa, porque as mulheres são doces ao teu corpo, de aumentar a

facilidade de captura esvaziando-as de conteúdo, de sua recusa dentro da nobreza, porque teria então destruído exatamente o que pretendias capturar.

Seria prostituí-las. E as prostitutas só te podem fazer esquecer o amor. A única ação que eu salvo é a que te prepara melhor para praticar a ação seguinte: te ajudar a subir a montanha, para depois venceres a outra mais alta; te convidar a escalar a alma inacessível, para lançar os fundamentos do teu amor.

XCV

O diamante é fruto do suor de um povo. Mas, depois de tanto ter suado, o povo acaba por produzir um diamante que não é consumível, nem divisível, nem serve a cada um dos trabalhadores. Hei de renunciar à captura do diamante, que é estrela desperta na terra? Há súditos meus que cinzelam jarros de ouro, que também não são divisíveis. Cada um deles custa uma vida e vejo-me obrigado a alimentar quem o cinzela com trigo cultivado ao longe. Se eu o mandar trabalhar a terra, deixará de haver jarro de ouro e passará a haver uma maior quantidade de trigo a distribuir. Será uma manifestação de nobreza do homem não extrair o diamante nem cinzelar o objeto de ouro? Isso irá enriquecer o homem? Que importa o destino do diamante? Para satisfazer a inveja da multidão, estou pronto a mandar queimar uma vez por ano todos aqueles que eu tiver extraído ou então a inventar e a cobrir com o brilho do diamante uma rainha. Eles assim beneficiarão de um dia de festa ou passarão a ter uma rainha guarneçada de diamantes. O brilho da rainha ou o calor da festa se derramará em troca sobre eles. Serão porventura mais ricos se fecharem nos museus esses diamantes, onde nem mesmo serão úteis a ninguém, salvo a alguns ociosos estúpidos, e apenas enobrecerão um guarda grosseiro e pesado?

Tens de admitir que só vale o que custou tempo aos homens, como o templo. E que a glória do meu império, que cada um irá receber sua parte, vem do diamante que eu os obrigo a extrair e da rainha que eu enfeitar com esse diamante.

Só conheço a liberdade que é exercício da alma. A outra dá vontade de rir porque, para atravessar as paredes, tens pelo menos de procurar a porta. E não és livre para ser jovem, nem de usar o sol durante a noite. Se te obrigo a escolher esta porta em vez da outra, irás ficar contrariado; não vês que se por acaso houvesse só uma porta, não verias nisso nenhum constrangimento. Se te negar o direito da casar com aquela que te parece bela, vais te queixar da minha tirania; mas, por não teres conhecido outras mulheres, nem sequer reparaste que todas as da tua aldeia são vesgas.

Mas aquela com quem irás casar, como eu a obriguei a realizar-se e como só a ti forjei uma alma, ambos irão usar da única liberdade que tem sentido e que é exercício do espírito.

A libertinagem te apaga. "Não ser, não é ser livre" - costumava dizer meu pai.

XCVI

Hei de falar-te um dia da necessidade ou do absoluto, que é laço divino que liga as coisas.

É impossível jogar com emoção nos dados, se eles não significarem nada. Temos o caso daquele que eu mando sair para o mar em dia de tempestade. Antes de embarcar, ele olha demoradamente para se certificar do estado do tempo, avalia as nuvens pesadas como adversários, mede a altura das ondas, respira a curvatura do vento. Todas essas coisas repercutirão nele umas sobre as outras; mas, devido ao caráter exigente e irresponsável da minha ordem, em vez de apresentarem a confusão de um espetáculo de feira, organizam-se em basílica que tem em mim o fecho de abóbada, garantia de permanência. Quando esse marinheiro entrar no mar e passar a delegar as ordens segundo o cerimonial do navio, olhai bem para ele: não vos parece magnífico?

Mas aquele outro que pretende visitar o mar como turista, independente de mim, e que pode navegar por lá à vontade e fazer meia-volta quando bem lhe apetece, esse não tem acesso à basílica. As nuvens pesadas não constituem uma prova para ele, nem são mais importantes do que uma tela pintada; o vento que refresca não é transformação do mundo, mas débil carícia na pele, e essa onda que se cava não passa de enjôo que ele começa a sentir no ventre.

É por isso que aquilo a que chamo dever, que é laço divino que liga as coisas, só construirá o teu império, teu templo ou teus domínios, se ele se mostrar como absoluta necessidade e não como um jogo de regras mutáveis.

“Trás reconhecer um dever, dizia meu pai, quando não estiver ao teu alcance escolhê-lo.”

É por isso que se enganam os que buscam agradar. E para agradar se fazem maleáveis e flexíveis. E se apressam-se a corresponder a todos os desejos. E acabam por trair em todas as coisas, para serem como os desejam. Que hei de eu fazer dessas parasitas que não tem ossos nem forma? Vomito-os e restituo-os às suas nebulosas: venham me ver quando estiverem construídos.

As próprias mulheres se cansam quando alguém, para lhes demonstrar amor, aceita se fazer eco e espelho, porque ninguém tem necessidade da sua própria imagem. Mas eu tenho necessidade de ti que estás construído como fortaleza e eu bem sinto o teu núcleo. Senta-te ali, porque tu existes.

Pois para aquele que é de um império, a mulher o escolhe e o serve.

XCVII

Me ocorreram então as seguintes notas sobre a liberdade.

Quando meu pai morreu e se tornou montanha e barrou o horizonte dos homens, logo despertaram os lógicos, os historiadores e os críticos, todos inchados com o vento de palavras que ele lhes tinha feito tragar. E descobriram que o homem era belo.

Ele era belo porque meu pai o tinha fundado.

“Já que o homem é belo - gritaram eles - convém libertá-lo. E ele se desenvolverá com toda a liberdade e só fará maravilhas. Porque limitam o seu esplendor.”

E eu, que à tardinha vou até às minhas plantações de laranjeiras, onde andam endireitando os troncos e podando os ramos, poderia muito bem dizer: “As minhas laranjeiras são belas e estão cheias de laranjas; então para que podar esses ramos que também teriam dado fruto? Convém libertar a árvore, e ela se desenvolverá com toda a liberdade. Porque acontece que andam limitando o seu esplendor.”

Eles libertaram então o homem. E o homem ficou reto, porque tinha sido talhado reto. E quando os guardas, não por respeito à matriz insubstituível, mas por necessidade vulgar de domínio, quiseram submeter outra vez esses homens de esplendor limitado, eles se revoltaram. E o gosto da liberdade os abrasou de um extremo ao outro do território, como um incêndio. Tratava-se para eles da liberdade de serem belos. E, quando morriam pela liberdade, morriam pela sua própria beleza, e a morte era bela.

E a palavra liberdade soava mais pura do que o clarim.

Mas eu me lembrava das palavras de meu pai: “A liberdade deles é a liberdade de não serem.”

E então, eles foram-se tornando barafunda de praça pública. Porque se tu decides de acordo contigo e o teu vizinho decide por sua conta, os atos vêm assim a destruir-se. Se cada um pinta o mesmo objeto segundo o seu gosto, um usa vermelho, o outro azul, o outro ocre, e o objeto deixa de ter cor. Se a procissão se organiza e todos lhe tentam traçar a direção, a loucura sopra sobre esse pó e... Adeus, procissão! Se dividires e distribuíres o teu poder entre todos, não alcançarás o revigoramento, mas a dissolução desse poder. E se cada um escolher a localização do templo e transportar a sua pedra para onde lhe apetecer, vens a deparar com uma planície pedregosa em vez de um templo. Porque a criação é una e a tua árvore é explosão de uma só semente. E essa árvore é realmente injusta, porque as outras sementes não virão a germinar.

Se o poder for vontade de domínio, considero-o uma ambição estúpida. Mas se ele é ato de criador e exercício de criação, se ele se opõe à tendência natural que é de misturar todos os materiais, de derreter todas as geleiras nos mares, de se desgastar os templos contra o tempo, de se apagar as páginas do livro com o uso, de se confundir e se abastardar as línguas, de se igualar as potências, de se equilibrar os esforços e de que toda construção nascida de um nó divino que amarra as coisas, se rompa em uma soma incoerente, então este poder eu o homenageio.

É como o cedro, que aspira o cascalho do deserto, mergulha as raízes num solo em que os sucos já não tem sabor, apanha nos ramos um sol que de outra forma se iria misturar ao gelo e apodrecer com ele; no meio daquele deserto, imutável, onde tudo pouco a pouco se distribuiu, se alisou e equilibrou, o cedro começa a construir a injustiça da árvore que transcende rochedos e cascalhos, desenvolve ao sol um

templo, canta nas mãos do vento como uma harpa e restabelece o movimento no imóvel.

Porque a vida é estrutura, linha de força e injustiça. Se as crianças ficam entediadas, não lhes imporás tuas limitações, as regras de um jogo que as fará voltar a correr?

Veio o tempo em que a liberdade, por falta de objetos a libertar, passou a ser simples partilha de provisões numa igualdade odiosa.

Porque, na tua liberdade, tu conflitas com teu vizinho e ele contigo. E o estado de repouso que encontras é o estado de esferas que após o movimento param de se mover. A liberdade, assim, leva à igualdade, e a igualdade leva ao equilíbrio, que é a morte. Não é preferível que a vida te governe e que enfrentes como obstáculos as linhas de força da árvore que nasce? A única limitação que te oprime e que é importante que tu odeies aparece na raiva de teu vizinho, na inveja de teu igual, na igualdade com a brutalidade. Elas irão te engulir na turba morta, mas é tão estúpido o vento das palavras que falas de tirania quando és ascensão de uma árvore.

Chegaram, pois, os tempos em que a liberdade deixou de ser a liberdade da beleza do homem e passou a ser expressão da massa. O homem tinha acabado por se fundir na massa e ela não é livre, não tem direção, pesa simplesmente e permanece sentada. O que não impedia que denominassem liberdade a essa liberdade de estagnar e justiça essa estagnação.

Veio o tempo em que a palavra liberdade, que ainda imitava o apelo de um clarim, se esvaziou do seu caráter comovente. Os homens sonhavam confusamente com um clarim novo que os despertasse e obrigasse a construir.

O único cântico deslumbrante é o do clarim que te arranca ao sono.

A única limitação válida é aquela que te submete ao templo de acordo com o teu significado. As pedras não tem a liberdade de ir onde queiram; do contrário, não dariam nem receberiam significação alguma. Coação válida é também a de te submeteres ao clarim, quando ele te acorda e faz surgir em ti algo maior. E aqueles que morriam pela liberdade, quando ela era o próprio rosto deles, porém maior do que eles, e era a marcha para sua própria beleza, depois de se submeterem a essa beleza, passaram a aceitar limitações, a levantar-se de noite ao apelo do clarim. Haviam perdido a liberdade de continuar a dormir e de acariciar suas mulheres pois eram homens governados, e pouco me importa saber, já que estás obrigado, se o guarda está dentro ou fora?

E se ele hoje está dentro, sei que antes esteve fora, tal como teu sentido de honra vem do rigor de teu pai que te fez crescer desde cedo dentro da honra.

E se por limitação entendo o contrário da licenciosidade, que é mentir, não quero que seja o efeito de minha polícia, pois observei, andando no meio do povo no silêncio de meu amor, essas crianças de que te falava, sujeitas às regras do jogo e que não burlam as regras sem sentir vergonha. É porque eles conhecem o rosto do jogo. E chamo de rosto aquilo que nasce do jogo. O fervor, o prazer dos problemas decifrados, sua jovem audácia, um conjunto que tem o gosto daquele jogo e não de um outro, um certo Deus que os faz se transformarem, pois nenhum outro jogo consegue te paralizar assim, e mudas de jogo para te mudares. Mas se te vês grande e nobre neste jogo, descobres, se por acaso burlas as regras, que destruístes exatamente aquilo pelo qual jogavas. Essa grandeza e essa nobreza. E aceitas as limitações por amor a um rosto.

O que o guarda funda é a tua semelhança com um outro. Como é que ele haveria de ver mais longe? A ordem, para ele, é a ordem do museu, onde se alinham as coisas. Mas eu não fundo a unidade do império

sobre aquilo em que te pareces com teu vizinho. E sim sobre aquilo que teu vizinho e tu, como a coluna e a estátua no templo, se fundam dentro do império que só ele é uno.

A minha limitação é o cerimonial do amor.

XCVIII

Se não houver esperanças de que o teu amor seja recebido, o que tens a fazer é não o declarar. Poderá desenvolver-se em ti, num ambiente de silencio. Ele te proporciona então uma direção no mundo e toda direção te enriquece, pois permite te aproximar, te afastar, entrar, sair, encontrar, perder. Porque tu és aquele que tem de viver. E não há vida se nenhum deus te criou linhas de força.

Se o teu amor não é recebido, e se torna uma súplica inútil como de uma recompensa pela tua fidelidade, e se não tens a força da alma para te calares, então vai a um médico para ele te curar. Porque é importante não confundir o amor com a escravidão do coração. O amor que pede é belo, mas o amor que suplica é amor de criado.

Se o teu amor esbarra com o absoluto das coisas, se por exemplo tem de transpor a impenetrável parede de um mosteiro ou do exílio, agradece a Deus que ela retribua o teu amor, embora na aparência se mostre surda e cega. Há uma lamparina acesa para ti neste mundo. E pouco me importa que tu não possas te servir dela. Aquele que morre no deserto tem a riqueza de uma casa longínqua, embora morra.

Se eu construir almas grandes e escolher a mais perfeita para a rodear de silencio, ficarás com a impressão de que ninguém recebe nada com isso. E, no entanto, ela enobrece todo o meu império. Quem quer que passe ao longe, prosterna-se. E nascem os sinais e os milagres.

Pois se é amor por ti, mesmo que inútil, e amor em troca de tua parte, caminharás na luz. Grande é a oração à qual só responde o silêncio; basta que o deus exista.

E se o teu amor é aceito e há braços que se abrem para ti, então pede a Deus que salve esse amor de apodrecer, pois eu temo pelos corações plenos.

XCIX

E no entanto, como eu amava a liberdade que havia feito meu coração vibrar, e como havia derramado meu sangue para conquistá-la, e como notei que era luminoso o olhar dos homens que lutavam por esta conquista, (mas por outro lado, vi sinistros e acarneirados como rebanho, e vulgares de coração para as provisões, aqueles a quem suspendiam a ração no estábulo, e que, levantando o focinho, tornavam-se porcos em volta do cocho.)

E como então eu vi a chama da liberdade resplandecer os homens e a tirania embrutecê-los.

E como não faz parte da minha jornada me abster de deixar algo pelo caminho, e desprezo os bazares de idéias, sabendo que se as palavras não transmitem a vida, são elas que se deve mudar, e que se te enganas, bloqueado por uma contradição sem saída, é a frase que deve ser rompida, e deve-se descobrir a montanha de onde a planície se mostre clara.

Descubro então que só são grandes as almas fundadas, forjadas e construídas como fortalezas pelas limitações e pelo culto e pelo cerimonial, que é ao mesmo tempo tradição e oração e obrigação não discutida.

E que apenas são belas as almas altaneiras que se obstinam em não dobrar, mantêm nos suplícios os homens de cabeça erguida, livres de si próprios e obstinados em não abjurar, portanto livres de si próprios escolhem, decidem, casam com aquela a quem amam, apesar de provocar o murmúrio da multidão ou de cair em desgraça perante o rei.

Então eu vi que nem a limitação nem a liberdade tinham sentido. Pois nenhum de meus movimentos é de recusa, embora as palavras que os signifiquem sejam contrárias.

C

Se então prendes as pessoas de acordo com uma idéia preconcebida e vês que pões muita gente na cadeia - até talvez pudesse prender a todos, pois não há nenhum que não tenha algo que condenas; e se resolves prender os desejos ilegítimos até os próprios santos irão para a cadeia), então a tua idéia preconcebida é um mau ponto de vista para julgar os homens, montanha proibida e sangrenta que arbitra mal e te força a agir contra o próprio homem. Pois este que condenas, seu papel poderia ser grande, e no entanto tu o esmagas.

E se os teus guardas, que necessariamente são estúpidos, e agentes cegos de tuas ordens e por sua função, à qual não exiges nenhuma intuição mas ao contrario recusas este direito, pois trata-se para eles não de prender e julgar mas de distinguir de acordo com teus sinais, se teus guardas recebem por missão classificar em preto e não em branco – pois para eles só existem duas cores – aquele que cantarola quando está sozinho ou duvida às vezes de Deus ou demora no trabalho da terra ou de algum modo pensa, age, ama, odeia, admira ou despreza a quem quer que seja, então abre-se o abominável século em que te vês mergulhado com um povo de traição em que não conseguirás cortar cabeças suficientes, e tua multidão será uma multidão de suspeitos, e teu povo um povo de espiões, pois escolheste uma forma de divisão que passa não por fora dos homens, o que te permitiria de colocar uns a direita e os outros a esquerda, operando assim a obra da claridade, mas através do próprio homem, dividindo-o de si próprio, suspeito de si próprio, traidor de si próprio, pois é próprio de cada um duvidar de Deus nas noites quentes. Pois é próprio de cada um cantarolar na solidão ou demorar no trabalho da terra, ou em certas horas , pensar, agir, amar, odiar, admirar ou desprezar seja o que for neste mundo. Porque o homem vive. E somente te parecerá santo, salvo e desejável aquele cujas idéias forem de um ridículo bazar e não movimentos do coração.

E como exiges dos teus guardas investigar no homem o que é do próprio homem e não de um ou outro, eles colocarão todo seu zelo, descobrirão algo em cada um, pois que é normal, se admirarão dos progressos do mal, te assustarão com seus relatórios, te farão partilhar sua fé na urgência da repressão e, quando te tiverem convertido, te farão construir masmorras para prender todo o teu povo. Até o dia em que serás obrigado, pois eles também são homens, a prendê-los também. E se um dia quiseres que os camponeses trabalhem nas tuas terras sob o sol ardente e bom, que os escultores esculpam a pedra, que os geômetras fundam as suas figuras, precisarás mudar de montanha. E, conforme a montanha escolhida, os teus condenados se tornarão os teus santos, e elevarás estátuas àquele que condenavas a britar pedra.

CI

Me veio então a noção de pilhagem, sobre a qual eu sempre pensara sem que Deus me houvesse esclarecido sobre ela. Já sabia que ladrão é aquele que quebra o estilo em profundidade, para conseguir efeitos que o sirvam, efeitos louváveis em si, porque é próprio do estilo te permitir esses efeitos. O estilo, na verdade, é feito para que os homens possam transportar os seus movimentos interiores. Mas ocorre que quebras o teu transporte sob pretexto de transportar, como aquele que mata o seu burro com cargas que ele não consegue suportar. Ao passo que, se o carregas com cargas bem medidas, tu o exercitas no trabalho e ele trabalhará melhor do que agora. Portanto, eu expulso aquele que escreve desrespeitando as regras. Ele que consiga se exprimir segundo as regras, e só assim fundará as regras.

Ora, acontece que o exercício da liberdade, quando é liberdade da beleza do homem, é como pilhagem de uma reserva. E de fato não serve de nada uma reserva adormecida e uma beleza que vem da qualidade de sua matriz, e que não sairá jamais do molde para se expor à luz. É belo fundar celeiros onde armazenar as sementes. E no entanto eles só tem sentido se usares estas sementes no inverno. E aí, o sentido dele passa a ser o contrário. Ele se torna o lugar de onde tiras as coisas. Mas uma linguagem inadequada é a única causa da contradição, porque guardar e tirar são palavras que aparentemente se contradizem, quando alguém diz: “Este celeiro é onde guardo as coisas,” e o lógico te responderia com razão: “É de onde eu tiro as coisas”, e quando dominas o vento das palavras deles, absorves suas contradições e fundas o significado do celeiro chamando-o simplesmente de depósito de grãos.

E minha liberdade é apenas o uso dos frutos das minhas limitações, só isso tem o poder de fundar algo que mereça ser libertada. Livre, para mim, é aquele que no meio dos suplícios se recusa a abjurar, porque resiste em si às ordens do tirano e dos seus carrascos. E também o outro que resiste às paixões vulgares, porque não posso considerar livre aquele que se escraviza a toda solicitação, porque aí eles chamam de liberdade poder se tornar escravos.

Ao fundar o homem, liberto dele caminhos do homem; ao fundar o poeta, liberto poemas. Se fizer de ti um arcanjo, liberto palavras aladas e passos seguros como os de um bailarino.

CII

Desconfio daquele que tende a julgar sob determinado ponto de vista. Como aquele que, ao se tornar embaixador de uma grande causa, submetendo-se a ela, se torna cego. O que eu faço é lhe falar, para despertar nele o homem. Mas desconfio de sua atenção. Ela será principalmente habilidade, astúcia de guerra, e ele irá dirimir minha verdade para a submeter ao seu império. E como haveria eu de censurar essa atitude, se sua grandeza nasce de sua causa?

Aquele que me ouve e com quem me comunico de igual para igual e que não digere minha verdade para fazer dela a sua e se aproveitar dela em caso de necessidade contra mim, que chamo de perfeitamente esclarecido, na verdade em geral ele não trabalha, não atua, não luta e não resolve problema algum. Existe em alguma parte uma lamparina inútil brilhando para si própria e para o luxo, a flor mais delicada do império, mas estéril por ser excessivamente pura.

E aí, levanta-se o problema das minhas relações e das minhas comunicações e da passarela entre mim e esse embaixador de uma causa diferente da minha. E do sentido da nossa linguagem.

Só há comunicação através de um deus que se mostra. Assim como eu não comunico com o meu soldado a não ser através do rosto do império, que é significado para um e para o outro, também aquele que ama só comunica através das paredes com aquela que é da sua casa e que lhe foi dado amar, embora ausente e adormecida. Se o outro é o embaixador de uma causa estrangeira e eu pretendo jogar com ele mais do que xadrez, se quiser encontrar o homem naquele estágio em que a astúcia se acha dominada e onde, mesmo que a guerra nos separe, nos estimamos e respiramos na presença um do outro, como esse chefe que reinava a oriente do império e que foi o inimigo amado, só irei abordá-lo através da imagem nova, que será nossa medida comum.

E se ele se acredita em Deus e eu também, e se ele submete o seu povo a Deus e eu o meu, nós nos abordamos de igual para igual debaixo da tenda de tréguas no deserto, enquanto ao longe as nossas tropas permanecem de joelhos e nós, unidos em Deus, podemos rezar em conjunto.

Mas se não encontras nenhum deus que domine, não há esperança de comunicar, tal como pedras semelhantes se tornam, dependendo do arquiteto, um outro templo, e como irias saber te exprimir se a vitória significa para ti a derrota dele e vice-versa?

E compreendi que nada de enunciável importa, mas apenas o objeto em si, cujo enunciado se exige porque é dele o peso que carrega. Sabendo que o usual não provoca qualquer movimento da alma nem do coração e que “empresta-me a tua chaleira”, se por um lado pode agitar o homem, é por causa de um rosto iludido, como se por exemplo, chaleira fosse parte de tua pátria interior e significasse o chá tomado com a amada após o amor, ou se ela estivesse fora e significasse opulência e riqueza... Compreendi então porque nossos refugiados bérberes reduzidos aos materiais, sem nó divino para interligar as coisas, incapazes de empregar esses materiais, mesmo quando os tinham em profusão, de construir a invisível basílica da qual não seriam senão pedras visíveis, decaíam ao nível do animal cuja única diferença é que ele não sobe até a basílica e limita suas pobres alegrias apenas ao gozo dos materiais.

E compreendi porque ele ficaram tão emocionados com o poeta que lhes trouxe meu pai, quando cantou simplesmente as coisas que repercutem umas nas outras.

E as três pedras brancas da criança: riqueza maior que tantos materiais ao dispersos.

CIII

Meus guardas da prisão conhecem melhor os homens do que os geômetras. Manda-os agir e verás. O mesmo se passa com o governo do meu império. Ainda posso hesitar entre os generais e os guardas da prisão. Mas não entre aqueles e os geômetras.

“Não se trata de conhecer as medidas, nem de confundir a arte das medidas com a sabedoria, que é o conhecimento da verdade” - dizem eles. Sim. De uma verdade que permite as medidas. E, realmente, podes te servir desajeitadamente dessa linguagem ineficaz para governar. E te dará muito trabalho tomar medidas abstratas e complicadas, que teriam sido muito fáceis se soubesses dançar ou vigiar prisões. Porque os prisioneiros são como crianças. E também os homens.

CIV

Ele assediavam meu pai:

“Nós é que devíamos governar os homens. Nós conhecemos a verdade.”

Era assim que falavam os comentaristas dos geômetras do império. E meu pai lhes respondia: “A verdade que vocês conhecem é a dos geômetras...”

- E então, não é a verdade?

- Não - respondia meu pai.

“Eles conhecem – me explicava depois - apenas a verdade dos seus triângulos. Outros conhecem a verdade do pão. Se tu o amassares mal, ele não incha. Se o teu forno estiver quente demais, ele se queima. Se estiver frio demais, a massa endurece. Ainda que das mãos dos padeiros saia um pão que te range alegremente nos dentes, nunca os padeiros se vieram me pedir o governo do império.

- No caso dos comentaristas dos geômetras, talvez tenhas razão. Mas há os historiadores e os críticos. Os historiadores demonstraram os atos dos homens. Eles conhecem o homem.

- Sabes a quem confio o governo do império? Àquele que acredita no diabo - respondeu meu pai. Desde que um homem desses se aperfeiçoe, conseguirá esclarecer com êxito o obscuro comportamento dos homens. Mas o diabo, é claro, não serve para explicar as relações entre as linhas. Por isso não espero que os geômetras me mostrem o diabo nos seus triângulos. Por outro lado, não tem nos triângulos nada que os ajude a guiar os homens.

- Não entendo. Então, acreditas no diabo?

- Não - respondeu meu pai. Mas acrescentou:

“Que significa acreditar? Se eu disser que o verão amadurece a cevada não digo nada que seja fértil nem criticável pois já chamei de verão a estação em que amadurece a cevada. E o mesmo com as outras estações.

Mas se eu tiro relações entre as estações, como por exemplo saber que a cevada amadurece antes da aveia, então irei acreditar nessas relações pois elas existem. Pouco me importam os objetos interligados: eu me servi deles como de um filete para fazer uma proa.”

E acrescentava:

“Acontece o mesmo com a estátua. Por acaso imaginas que o criador se preocupe com a descrição de uma boca, de um nariz, ou de um queixo?

Claro que não. Mas sim dos reflexos desses itens uns sobre os outros, que mostram, por exemplo, a dor humana. E que além do mais consegues entender porque te comunicas não com os objetos mas sim com os nós que os ligam.

“O selvagem acredita - acrescentou meu pai - que o som existe no tambor. E ele adora o tambor. Um outro acredita que o som está nas baquetas, e adora as baquetas. Um outro acredita que o som está no poder dos seus braços, e tu o vês agitar os braços no ar. Mas bem sabes que o som não está nem no tambor, nem nas baquetas, nem no braço, e chamas de verdade os movimentos do músico.

“Proíbo portanto que o comando de meu império fique nas mãos dos comentaristas dos geômetras que veneram como ídolo o que serviu para construir e, quando um templo os comove, adoram o seu poder nas pedras. Esses viriam a governar os homens com as suas verdades próprias de triângulos.”

Fiquei bastante triste.

“Então a verdade não existe? - perguntei a meu pai.

- Se conseguires dizer-me - explicou-me ele a sorrir - a que desejo do conhecimento se recusa uma resposta, lamentarei por essa doença que nos aflige. Mas eu não concebo o objeto que pretendias apreender. Aquele que lê uma carta de amor fica feliz, seja qual fore o papel ou a tinta. Ele não procurava o amor nem no papel nem na tinta.”

CV

Me pareceu que os homens submetidos às ilusões de sua linguagem e tendo observado que é produtivo desmontar o objeto para conhecê-lo melhor, tendo constatado a eficácia fulminante deste método, haviam dilapidado seu patrimônio. Pois o que é verdade, e sem dúvida nem sempre de forma absoluta, sobre a matéria, torna-se falso para o espírito. És na verdade homem, de tal forma construído que os objetos te parecem vazios ou mortos se não são parte de um reino espiritual e mesmo que estejas pleno e sovina não desejas um objeto mais belo do que um outro senão devido ao sentido que ele tem para ti, tal como o ouro, tu o desejas por ser pleno de tesouros invisíveis e que tua amada, se deseja aquela jóia, não é para atravancar a cabeleira, mas por ela ser convenção numa linguagem, e hierarquia, e mensagem secreta, e sinal de domínio.

Me aparceu então a única fonte onde se pode saciar o espírito e o coração. O único alimento que te serve. O único patrimônio a salvar. E que tens de reconstruir depois de dilapidado. Sentado no meio de tuas ruínas de objetos esparsos, e se o animal está satisfeito, o homem em ti está ameaçado pela fome e como não sabe de que tem fome, pois és feito de tua necessidade de alimento e se uma parte de ti está agora fraca e meio sonolenta por falta de alimento ou de exercício, não reclamas nem esse exercício nem esse alimento.

É por isso que nunca saberás, se ninguém descer ao teu encontro do alto da sua montanha e te iluminar, que caminho seguir para te salvares. Da mesma maneira que não acreditarás, por mais sabiamente que te expliquem, que homem nascerá de ti ou em ti despertará, porque ainda lá não está.

É por isso que a minha coação é poder da árvore e, por meio dela, libertação do cascalho.

E posso, de estagio em estagio, fazer com que te comunique com tesouros cada vez mais vastos. Na verdade, já são belos o do amor e o da casa e o do domínio e o do império e o do templo e o da basílica, acabada no ano em que mudaram os dias de festa, mas se deixares que te guie, te ajudarei a subir à montanha mais alta, onde te reservo tesouros tão duros de conquistar que muitos renunciarão a eles durante a ascensão, porque, para construir a imagem nova, eu lhes roubo as pedras de outros templos a que pertencem.

Mas ao conseguir que alguns cheguem lá, eu serei de tal forma emocionante, que a alma lhes arderá. É que há estruturas tão ferventes, que são como fogo para as almas. Eu diria que esses ficam como que incendiados pelo amor.

Vem portanto à minha casa te deixar construir; sairás resplandecente.

Mas Deus se perde. Foi o que te disse sobre o poema. Por mais belo que seja, não te pode alimentar todos os dias... A minha sentinela, que anda de um lado para o outro, também não pode ser noite e dia fervorosa ao império. Muitas vezes se desfaz nas almas o laço divino que ata as coisas. Veja o escultor. Está triste hoje. Balança a cabeça diante do seu mármore. "Por que – pergunta-se ele - esse nariz, esse queixo, essa orelha... ?", é que ele deixou de ver a captura. E a dúvida é resgate de Deus, porque ele então te falta e sofres com isso.

CVI

Só através de um cerimonial consegues comunicar. Se ouvires distraído uma música e contemplar distraído esse templo, não nascerá nada em ti, nem serás alimentado. É por isso que o único meio de que disponho para te explicar a vida a que te convido é te engajar nela à força e amamentar dela. Como poderia te explicar essa música se ouvi-la não te basta, se não estás preparado para ser preenchido por ela? Tão prestes vejo a morrer em ti a imagem do domínio, que dele pouco vai restar do que entulho. A palavra irônica é própria apenas do miserável; um sono mau, um barulho que perturba, e estás tu privado de Deus. E recusado. Te vejo sentado no portal, atrás de ti a porta da casa fechada, e totalmente separado do mundo, que não passa do somatório de objetos vazios. Porque não te comunicas com os objetos, mas com os laços que os ligam.

Como é que te farei subir, quando te desligas com tanta facilidade?

Daí a importância do meu cerimonial, pois se trata de te salvar de destruíres tudo quando estás na soleira de tua casa.

É por isso que condeno, antes de tudo, aquele que embaralha livros.

E te construo e te mantenho, não que sejas perpetuamente alimentado, o que não é parte da fragilidade de teu coração, mas que sejas estrada bem traçada, porta bem aberta, templo bem construído para receber. Quero que sejas instrumento de música pronto para o músico.

Por isso eu disse que o poema que te reservei era a ascensão de ti próprio.

Só tem acesso ao verdadeiro conhecimento aqueles que refazem o caminho perdido e reencontram os os seres que espalharam como escombros.

Quero te mostrar a tua pátria, a única onde o teu espírito poderá se movimentar à vontade.

E é por isso que te digo ainda que minha coação te liberta e te resgata a única liberdade digna desse nome. Pois chamavas liberdade a esse poder que tens de demolir o teu templo, de misturar as palavras do poema, de igualar os dias que meu cerimonial construía em basílica. Liberdade de fazer o deserto. Onde é que irás te encontrar?

Eu chamo liberdade à tua liberação.

Por isso te disse certa vez: Liberdade do escravo ou do homem, respeito pela úlcera ou pela carne sadia? Justiça para o homem ou para os bandidos? É contra ti, através de ti, por ti, que eu sou justo. E sou injusto para o bandido ou para o miserável ou para a lagarta que não passou pela metamorfose, porque os forço a renunciar e a realizar-se.

CVII

Ao te instruir eu te limito. Mas são de tal natureza as limitações que, uma vez absolutas, se tornam invisíveis, como te obrigar a um desvio para procurar a porta na parede. Não me censuras nem te lamentas por isso.

As regras do jogo da criança são coações. Mas ela as deseja. Vês os meus notáveis disputarem os cargos e deveres dos cargos, que são coações. Repara como as mulheres obedecem aos usos na escolha das jóias, que ainda por cima variam de ano para ano, e de novo temos uma linguagem que é limitação. Ninguém deseja a liberdade de não mais ser compreendido. Se chamo de casa a um determinado arranjo das minhas pedras, não tens a liberdade de mudar a palavra, sob pena de ficar só, por não saber te fazer compreender.

Se determino que é de festa e de alegria um determinado dia do ano, não tens a liberdade de não tomar isso em conta sob pena de de ficares sózinho, por não conseguir se comunicar com o povo de onde vens.

Se defino como um domínio um certo arranjo das minhas cabras, dos meus carneiros, das minhas moradas, das minhas montanhas, não tens a liberdade de escapar a isso, sob pena de ficar só, por não colaborar no embelezamento do domínio.

Quando tua liberdade fundir as geleiras em pântanos, logo ficas a sozinho, pois não és mais elemento da geleira que escala o sol sob seu manto de neve, mas igual ao outro e no mesmo nível, sob pena de se odiarem devido às vossas diferenças, e tendo encontrado o estado de repouso a que logo chegam as bolas de gude misturadas, e como não estão mais submetidas a algo que as domina, nem mesmo ao absoluto da linguagem, eis que fica impossível qualquer comunicação entre vós, e como cada um inventou sua própria linguagem particular, e cada um tendo definido seu próprio dia de festa, separados uns dos outros e mais isolados do que os astros em sua inacalçável solidão.

Que esperar da vossa solidão, se ela não é a fraternidade de serem elementos de uma mesma árvore, que vos domina e vos vem do exterior? Eu dou o nome de cedro ao constrangimento do cascalho, que não é fruto do cascalho mas da semente.

Como vos haveis de tornar cedro, se cada um escolhe a árvore a construir ou se recusa a servir uma árvore ou se opõe mesmo à subida de uma árvore que denominará tirania, e cobiça o mesmo lugar, é necessário vos separar e vos fazer servir a árvore, em vez de pretender se servir dela.

Por isso lancei a minha semente e vos submeto ao seu poder. E sei que sou injusto se a justiça é a igualdade. Pois crio as linhas de força e das tensões e das figuras. Mas graça a mim que vos transformei em ramos, vos alimentais de sol.

CVIII

Fui dar com a sentinela adormecida.

É bom que ela seja punida com a morte. Sobre a sua vigilância repousa tanto daquele sono tranquilo, quando a vida te alimenta e se perpetua através de ti, como no fundo de uma baía ignorada existe a palpitação dos mares.

E os templos fechados, de riquezas sacerdotais lentamente recolhidas como o mel, tanto suor e golpes de cinzel, e tantas marteladas e pedras transportadas e olhos gastos no trabalho de agulha nos panos de ouro para os fazer florir, e arranjos delicados devidos à invenção de mãos piedosas. E os celeiros de provisões para que seja mais doce suportar o inverno. E livros sagrados nos celeiros da sabedoria, onde repousa a garantia do homem. E doentes que ajudo a morrer ao lhes tornar a morte mais aprazível como é costume entre os seus, e quase despercebida, pois afinal o que fazem é passar adiante a sua herança. Sentinela, sentinela, tu és sentido das muralhas, que por sua vez são a bainha para o corpo frágil da cidade, impedindo-a de se derramar, pois se uma pequena brecha aparece e lá se vai o sangue do corpo. Tu vais de cá para lá, aberta aos murmúrios de um deserto que prepara suas armas e incansavelmente te vem ferir como o marulhar das ondas, e te modelar e te endurecer ao mesmo tempo em que te ameaçar. Não se deve distinguir o que te destrói daquilo que te funda, porque é o mesmo vento que esculpe as dunas e as apaga, a mesma onda que esculpe os rochedos e os desgasta, a mesma coação que te esculpe a alma e a embrutece, o mesmo trabalho que te dá vida e a tira, o mesmo amor pleno que te preenche e te esvazia. E o teu inimigo é a tua própria forma, porque te obriga que te construas no interior de tuas muralhas, tal como se poderia dizer que o mar é inimigo do navio, porque está pronto a absorvê-lo e porque um navio é antes de mais nada, luta contra ele; mas também se pode dizer que é parede e limite e forma do próprio navio, pois foi a divisão das ondas pela roda de proa do navio que pouco a pouco, durante gerações e gerações, veio esculpindo a carena, até ela se tornar mais harmoniosa e se fundir com ele, e assim a fundou e alinhou. Porque se pode dizer que foi o vento, que rasga as velas, que as desenhou como desenhou a asa. Se não tivesses inimigos, não terias forma nem medida.

Mas que seria das muralhas, se não houvesse sentinela?

Por isso aquele que dorme deixa a cidade nua. Por isso, mal a encontram assim, logo pretendem se apoderar dela, e afogá-la no seu própria sono.

Ora aí estava ela a dormir, com a testa apoiada na pedra rasa e a boca entreaberta. E seu rosto parecia de uma criança. Tinha ainda o fuzil contra o peito, como um brinquedo que se leva para a cama. Ao olhar para ela, senti piedade. Porque, nas noites quentes, tenho piedade das falhas dos homens.

Falhas das sentinelas, é o bárbaro que vos adormece. Tomadas pelo deserto, as portas ficam livres de girar lentamente sobre os gonzos besuntados de óleo, no meio do silencio, para que a cidade esgotada seja fecundada e necessite do bárbaro.

Sentinela adormecida. Vanguarda dos inimigos. Já conquistada, pois teu sono já não é o de quem é de cidade bem ligada e permanente, mas de quem espera pela metamorfose e está aberto à semente.

E me ocorreu a imagem da cidade derrotada, apenas por causa do teu sono, porque tudo se liga e se desliga em ti. Que bela quando vigias, ouvido e olhar da cidade... E tão nobre de entender, dominando

através de teu simples amor a inteligência dos lógicos, pois eles não entendem a cidade e sim a dividem. Para eles, aqui fica uma prisão, lá um hospital, mais além uma casa de amigos; e mesmo essa casa no íntimo do coração a decompõem, e vêem só esse quarto, depois um outro e ainda um outro. E não só os quartos mas, em cada um deles, este objeto, aquele outro e ainda outro. Depois apagam o próprio objeto. E que farão com esses materiais, já que não querem usá-los para construir alguma coisa?

Mas tu, sentinela, quando velas, estás ligada à cidade entregue às estrelas. Não esta casa, nem esta outra, nem este hospital, nem este palácio. Mas à cidade. Nem a queixa de moribundo, nem o grito da mulher que dá à luz, nem o gemido de amor, nem o apelo do recém-nascido, mas essa respiração diversa de um corpo único. Mas à cidade. Nem a vigília daquele, o sono deste, o poema de outro, nem a investigação deste último, mas essa mistura de fervor e de sono, esse fogo debaixo das cinzas da Via Láctea. Mas a cidade. Sentinela, sentinela, com o ouvido colado ao peito da cidade tua amada, atenta a esse silêncio, a esses repousos e a essas respirações diversas que só se ouvem se não as dividirmos, pois são o bater do coração e não outra coisa.

Sentinela, quando tu velas és igual a mim. Porque a cidade repousa sobre ti e sobre a cidade repousa o império. Concordei que, à minha passagem, te ajoelhes, porque é essa a ordem das coisas: a seiva vai da raiz para a folhagem. É bom que a tua homenagem suba de ti para mim, pois ela é circulação do sangue no império e faz lembrar o amor do marido pela mulher, o leite da mãe para o filho, o respeito da mocidade pela velhice. Mas onde vais me dizer que alguém receba algo? Eu sou o primeiro a te servir.

É porque, agora de perfil, quando te apoias contra tua arma, meu igual em Deus, quem pode distinguir as pedras da base daquelas do fecho da abóbada, e qual delas pode ter inveja da outra? É por isso que meu coração bate de amor ao te ver, e no entanto nada me impede de te mandar prender pelos meus soldados. E agora dormes. Sentinela adormecida. Sentinela morta. Olho para ti com espanto, porque em ti dorme e morre o império. Eu o vejo doente através de ti, pois este sinal é mau, que ele me entregue sentinelas para dormir...

“Sim, digo para mim mesmo, o carrasco cumprirá o seu dever e mergulhará esse homem no seu próprio sono...” Mas a piedade fazia nascer em mim um litígio novo e inesperado. Só os impérios fortes cortam a cabeça das sentinelas adormecidas; mas esses não têm mais o direito de cortar seja lá o que for ao se entregarem a sentinelas que dormem. Pois é importante entender o rigor. Não é cortando a cabeça das sentinelas adormecidas que se despertam os impérios, é quando os impérios despertam que cortam as cabeças das sentinelas adormecidas. E aqui de novo confundes o efeito e a causa. Ao ver que os impérios fortes cortam as cabeças, queres criar tua força fazendo o mesmo, e não passas de um bufão sanguinário. Funda o amor e tu fundas a vigilância das sentinelas e a condenação daquelas que dormem, pois elas já se separaram do império por si próprias.

E não tens nada mais para te dominar além da disciplina que vem do teu cabo, que te vigia. E os cabos não têm disciplina se duvidam de si, além da que vem dos sargentos, que os vigiam. E os sargentos dos capitães, que os vigiam. e assim até chegar a mim, que tenho apenas Deus para me governar, e que permanece, quando eu duvido, imóvel no deserto. Mas quero te contar um segredo, o da permanência. Se dormes, a tua vida fica suspensa. Mas ela fica suspensa também sempre que sofres esses eclipses do coração, segredos da tua fragilidade. Pois ao teu redor nada mudou e tudo mudou dentro de ti. E agora perante a cidade, sentinela, não mais apoiado contra o peito da amada ouvindo as batidas do coração que não distingues de seu hálito ou de seu silêncio pois tudo é apenas sinal desta amada, que é una, porém perdida no meio dos objetos esparsos que não consegues mais reunir em um só, sujeitos aos ares noturnos que se contradizem uns aos outros, a este canto de bêbado que nega a queixa do doente, à esse

lamento em volta de alguém morto, que nega o grito do recém-nascido, a este templo que nega essa balbúrdia de feira. E pensas: "Que hei de fazer com toda esta desordem e deste espetáculo incoerente?" Se não sabes que aqui há uma árvore, então as raízes, tronco, ramos e folhagem deixam de ter uma medida comum. E como é que haverias de ser fiel, quando já não há ninguém para receber? Eu sei que não dormirias se velasses um doente amado. Mas desfez-se aquele que poderias amar; não passa hoje de materiais espalhados.

Desfez-se o laço divino que liga as coisas umas às outras.

Mas te desejo fiel a si próprio. Sei que te hás de recompor. Não te peço que compreendas ou sintas a cada momento. Sei bem que nem o amor mais ardente escapa à travessia de tantos desertos interiores. E, diante da própria amada, te questionas: O rosto dela é um rosto. Como a posso amar? A voz dela é esta. Ela disse já esta bobagem. Deu este passo em falso... " Ela é soma que se decompõe e já não te pode alimentar, e breque acreditas que a odeias. Mas como é que a haverias de odiar? Tu nem sequer és capaz de amar.

Mas calas-te, pois sabes obscuramente que se trata apenas de um sono. Aquilo que é verdade agora sobre a mulher, é verdade a respeito do poema que lias ou do domínio ou do império. Te falta o poder de ser amamentado, e mesmo de descobrir que são também amor e conhecimento os laços divinos que ligam as coisas. Tu, minha sentinela adormecida, voltarás a encontrar juntos os teus amores como um tributo que revertesse em teu favor, não um ou outro, mas todos. Convém respeitar em ti, quando te assalta o tédio de ser infiel, essa casa abandonada.

Quando as minhas sentinelas vão fazer a ronda, não pretendo que todas sejam fervorosas. Muitas se aborrecem e sonham com a sopa, pois se todos os deuses adormecem em ti, resta o apelo animal das satisfações do ventre, e quem se aborrece pensa em comer. Não pretendo que todas as suas almas se mantenham despertas. Porque chamo de alma àquilo que de ti se comunica com esses conjuntos que são laços divinos entre as coisas, e se ri das paredes. Pretendo simplesmente que, de tempos em tempos, uma das suas almas se incendeie. E que haja uma delas em que bata o coração. Que haja uma que conheça o amor e, de um momento para o outro, se sinta plena com o peso e os ruídos da cidade. Uma que se sinta ampla e respire as estrelas e passe a conter o horizonte, como essas conchas que o cântico do mar enche. Basta-me que tenhas passado por essa visita e por essa plenitude de ser um homem e que depois te mantinhas bem preparado para a receber, pois é como o sono ou a fome ou o desejo que ter volta em intervalos, e tua dúvida á toda pura e eu gostaria de te consolar.

Voltará a ti, se és escultor, o sentido do rosto. Voltará a ti, se és sacerdote, o sentido de Deus; voltará a ti, se és amante, o sentido do amor; voltará a ti, se és sentinela, o sentido do império; voltará a ti, se és fiel a ti própria e limpas a tua casa embora ela pareça abandonada, a única coisa que te pode alimentar o coração. Não sabes a que hora será a visita, mas convém saber que só ela no mundo é capaz de te preencher.

É por isso que te construo nas mornas horas de estudo, para que o poema, por milagre, te possa incendiar; e que os ritos e os costumes do império, para que esse império se te possa capturar o coração. Não há dádiva que tu não tenhas preparado. E a visita não vem se não houver casa construída para a receber. Sentinela, sentinela, é caminhando ao longo das muralhas, no tédio da dúvida que vem das noites quentes, é ouvindo os barulhos da cidade quando a cidade não te fala, é vigiando as casas dos homens quando elas não passam de morno conjunto, é respirando o deserto em volta quando ele não é apenas o vazio, é te esforçando por amar sem amar, a acreditar sem crer e a ser fiel quando já não há nada a que ser fiel, que preparas em ti a iluminação da sentinela, que algum dia te virá como recompensa

e dom do amor.

Não é difícil ser fiel a ti próprio quando te mostram a que tens de ser fiel, mas quero que tuas lembranças formem de cada momento um apelo. E que possas dizer: "Que a minha casa seja visitada. Eu a construí e a mantenho pura..." E a minha coação é para te ajudar. Obrigo os meus sacerdotes ao sacrifício, mesmo que esses sacrifícios já não tenham mais sentido. Obrigo meus escultores a esculpir, mesmo que duvidem de si próprios. Obrigo minhas sentinelas a dar os cem passos, sob pena de morte, do contrário as veríamos já mortas, já separadas do império.

Eu as salvo com o meu rigor.

Como aquele que se prepara na austeridade do posto de guarda. O envio em patrulha atravessando as fileiras do inimigo. E ele bem sabe que vai morrer. Porque eles estão alerta. E teme o suplicio a que o vão submeter para lhe arrancar, misturados aos gritos, os segredos da cidadela. É verdade que mesmo instante há ao longe homens ligados pelo amor, pois a única alegria é o casamento e eis que eles se casam. Não acredito que na noite de núpcias, a sós com a amada, o mais importante para ti seja a conquista de um corpo, que poderias ter herdado no bairro proibido da cidade, onde há mulheres na aparência semelhantes, mas a alteração do sentido e da cor de todas as coisas. E o teu regresso a casa à tardinha e o teu despertar feito herança transmitida, e a esperança dos filhos e o cuidado ao lhes ensinar a oração. E até essa chaleira que se torna chá junto dela antes do amor. Mal ela entra em casa, os teus tapetes de lã farta tornam-se pradaria sob seus passos. E de tudo que recebes, e que é sentido novo do mundo, é muito pouco o que usas. O que te preenche não é o objeto que é dado, nem a carícia do corpo, nem o uso deste ou daquele proveito, mas a qualidade do laço divino que liga as coisas.

E aquele que se prepara para morrer te parece que não recebe nada naquela hora, pois mesmo aquela carícia que é tão pouco, não lhe é prometida, e sim a sede sob o sol, e o vento da areia que range os dentes. Pois os homens ao seu redor se tornaram prensas dos segredos, então aquele que se prepara para a morte quer entrar nela com seu uniforme de morto, e te parece que deveria gritar seu desespero como alguém que eu tivesse condenado à forca, por algum crime. Que luta com toda força contra as grades. Mas aquele que se prepara para a morte tu o encontras em paz, te olhando com calma e respondendo às zombarias do pelotão da guarda, que são afeto guardado, não por bravata, nem para mostrar coragem, ou desdém pela morte, ou cinismo, nem algo semelhante. Porém transparente como a água calma, nada a te esconder, e se está um pouco triste, falando sem medo de sua tristeza, nada a esconder senão seu amor. E te direi mais tarde porque.

Embora a iminência da morte não assuste aquele que já afivela as correias de couro, sei de armas eficazes contra ele. Ele é vulnerável por tantos lados... Dominam-no todas as divindades do seu coração. E o simples ciúme, se for ameaça a um império e a um certo sentido das coisas e ao sabor do retorno à casa, como irá arruinar esta bela imagem de calma, de modéstia e de renúncia! Vais tirar-lhe tudo, pois ele irá entregar a Deus não apenas aquela que amava mas também a casa e as vindimas das vinhas e a seara murmurante dos seus campos de cevada. E não só as searas, as vindimas e as vinhas, mas o sol que era seu. E não só o sol, mas aquela que é da sua casa. E no entanto, para ele ficar fora de si e o enlouquecer, bastaria roubar-lhe um sorriso da amada. Não te parece um grande enigma? É que o apanhas não pelos objetos possuídos, mas pelo sentido que inerente ao laço divino que liga as coisas. Ele prefere a sua própria destruição à destruição daquilo em que se transforma e aonde por sua vez vai buscar o seu leite. Ele é circulação de um para o outro. E aquele que leva no coração a vocação do mar aceita morrer num naufrágio. Se é verdade que, no momento do naufrágio, talvez venha a experimentar o sobressalto do

animal quando a armadilha se fecha sobre ele, também é verdade que não significa nada para ele essa explosão de pânico que previu, aceita e despreza. Até, pelo contrário, lhe agrada a certeza de morrer um dia no mar. Se por acaso eu os ouço lamentar a morte cruel que os espera, não o tomaria por presunção própria para seduzir mulheres, mas por desejo secreto do amor e pudor de o confessar.

Não existe neste caso nem em qualquer outro, linguagem alguma que permita que te exprimas. No caso da civilização do amor, podes dizer “ela” e achar que traduziste, crente de que se trata dela, apesar de que se trata do sentido das coisas, e ela não está lá senão para te significar o nó divino que liga as coisas ao Deus que é sentido da vida e que merece de ti teus êxtases, que são para comunicar de certa forma e não outra com o mundo. E te sentes subitamente tão vasto que a alma, semelhante aos búzios marinhos, se torna sonora. E talvez possas dizer “o império” na certeza de ser compreendido, e pronunciar, levado pelo instinto, uma palavra bem simples, se todos à tua volta entendem, mas não se alguém vê nisso apenas uma soma e vai rir de ti pois não se trata do mesmo império. E certamente te incomodaria se acreditassem que dás a vida por um armazém de acessórios.

É como se fosse uma aparição, que se junta às coisas e as domina e se ela escapa à tua inteligência, revela-se contudo como evidente ao teu espírito e ao teu coração. E te governa com maior tato e maior pulso e segurança do que qualquer realidade apreensível (mas não podes ter certeza se outros a observam ao mesmo tempo) e te faz ficar silencioso com medo de ser chamado de louco e de sujeitar à ironia do miserável este rosto que te apareceu. Pois a ironia o destruirá ao procurar mostrar de que é feito. Como explicar que se trata de algo muito diferente, já que ela é para o teu espírito e não para os teus olhos?

Tenho refletido muitas vezes sobre essas aparições, as únicas a que poderias aspirar, porém mais belas do que as que costumavas atrair, no desespero das noites quentes. Mas tens o costume, quando duvidas de Deus, de desejar que este Deus te apareça, como se fosse um transeunte que te fizesse uma visita – e então encontrarias apenas o teu igual, parecido contigo, que te levaria a parte alguma e te encerraria em sua solidão – pois desejas não a expressão da majestade divina, mas o espetáculo e a festa vulgar, da qual recebes apenas um prazer de festa vulgar, e tua decepção irritada contra Deus. (E como farias então uma prova de tanta vulgaridade?) Desejas que algo desça sobre ti, te visite no estágio em que estás, humilhando-se ao teu nível sem motivo, e jamais serás atendido, como ocorreu na minha busca de Deus, pois se abrem, ao contrário, os impérios espirituais, e te deslumbram as aparições que não são para os olhos nem para a inteligência, mas para o coração e o espírito, e se fazes o esforço da ascensão, e sobes até o estágio onde não são mais as coisas, porém os nós divinos que as ligam.

E agora já nem podes morrer, porque morrer é perder. E deixar para trás. E não se trata de deixar, mas de te confundires com. E toda a tua vida é reembolsada.

Lembra daquele incêndio em que enfrentaste a morte para salvar vidas. E tu, daquele naufrágio.

E os vês morrer aceitando a morte, de olhos abertos sobre o conhecimento real, eles que teriram rugido, roubado, mentido e humilhado por um sorriso dirigido a um outro.

Diz-lhes que se enganam. Vão rir de ti.

Mas tu, sentinela adormecida, diante do teu rosto de criança pálida, não por teres abandonado a cidade, mas pela cidade te haver abandonado, começo a temer por um império que já não consegue manter as sentinelas acordadas.

Mas certamente me engano ao receber em sua plenitude o cântico da cidade e ao descobrir ligado o que para ti se dividiu. E bem sei que terias de esperar, ereto como o círio, para na hora certa ser

recompensada pela tua luz e para sentir de um momento para o outro a embriaguez dos teus passos de ronda como uma dança milagrosa à luz das estrelas, no meio da importância do mundo. Porque há ao longe, na noite espessa, navios que descarregam os seus cargas de metais preciosos e de marfim, e acontece que tu, sentinela das muralhas, contribuis para os proteger e para enfeitar de ouro e prata o império que serves. Porque há em algum lugar, amantes que se calam antes de ousarem falar, e olham um para o outro e gostariam de dizer... e se um fala e o outro fecha os olhos, é o universo que muda. E tu proteges esse silêncio. Porque há em algum lugar esse último sopro antes da morte. E se aproximam para recolher essa palavra do coração e a benção para sempre que guardarão consigo, depois de recebida, e preservas as palavras de um morto.

Sentinela, sentinela, não sei até onde vai teu império quando Deus te dá a claridade de alma das sentinelas, esse olhar sobre a planície a que tens direito. Pouco me importa que em outros momentos sejas aquele que sonha com a sopa e resmunga durante o serviço. É bom que durmas e é bom que faças esqueça. Mas é mau que, por esquecer, deixes cair tua casa.

Porque fidelidade é ser fiel a si próprio.

E não quero salvar só a ti, mas teus companheiros. E obter de ti essa permanência interior, que é própria de uma alma bem construída. Porque não destruo minha casa quando me afasto dela. Nem minhas rosas ardem se deixo de olhar para elas. Permanecem disponíveis para um novo olhar que em breve as fará florir. Mandarei os meus homens se apoderarem de ti. Serás condenado a essa morte das sentinelas adormecidas. Te resta então a redenção, e a troca, por exemplo através de teu suplício, em vigilância das sentinelas.

CIX

Realmente é triste que aquela que é toda ternura e ingenuidade e confiança e pudor possa ser ameaçada pelo cinismo, pelo egoísmo ou pela falsidade, e que alguém explore essa graça frágil e esse misto de fé e de aceitação, e pode ser que a desejes mais precavida. O que não debes é desejar que sejam desconfiadas, precavidas e pobres de encantos as jovens da tua casa, pois terias arruinado, ao fazê-las assim, exatamente o que pretendias proteger. Toda qualidade comporta, afinal, o fermentos da sua destruição. A generosidade, o risco do parasita que a esgotará; o pudor, o risco da grosseria que o ofuscará; a bondade, o risco da ingratidão que a tornará amarga. E para evitar os riscos naturais da vida, desejas um mundo já morto. E proíbes de erguer um templo que será belo com medo de terremotos que possam destruir este templo. Então as qualidades que te fazem bem, eu as perpetuo, mesmo que sejam as que possam ser traídas. Se o ladrão de mulheres me roubar uma delas, claro que meu coração sofrerá. E se quero um bom guerreiro, aceito o risco de perdê-lo na guerra.

Renuncia portanto aos teus desejos contraditórios.

Tanto é assim, que voltaste a assumir atitudes inexplicáveis. Mesmo tendo admirado o lindo rosto que os costumes na tua casa criaram, passaste a odiar os costumes, que te pareciam limitação, e que na verdade era a de realizar-se. E tendo destruído os costumes, ocorre que destruíste o que pretendias salvar.

E na verdade levado pelo horror à brutalidade grosseira e à degradação que ameaça as almas nobres tu reduziste estas almas nobres a se mostrar mais brutais e mais depravadas.

Fica sabendo que não é em vão que eu amo o que está ameaçado. Não é de deplorar que as coisas preciosas estejam. Pois encontro precisamente nisso uma condição da sua qualidade. Eu amo o amigo fiel nas tentações. Se não houvesse tentação, não haveria fidelidade, eu não teria amigo. E aceito que alguns caiam, para dar valor aos outros. E amo o soldado corajoso, que se mantém de pé sob a saraivada de balas. Se não houver mais coragem, deixarei de ter soldados. E aceito que alguns morram, se assim lançam os fundamentos da nobreza dos outros.

E se me trazes um tesouro, quero que seja tão frágil que o vento posse consumi-lo.

Gosto que o rosto jovem esteja ameaçado de envelhecer e que uma palavra minha possa facilmente mudar em lágrimas um sorriso.

CX

E então me veio a solução da contradição sobre a qual havia tanto refletido. Pois me feria este litígio cruel quando me debruçava, eu o rei, sobre minha sentinela adormecida. Ter de pegar num rapaz imerso em seus sonhos felizes e depositá-lo tal e qual na morte, assustado, durante sua curta vigília, nem teria tempo para compreender por que os homens o faziam morrer.

Vi a sentinela acordar e passar a mão pela fronte. Depois, ainda sem me ter reconhecido, embora eu estivesse à sua frente, ofereceu o rosto às estrelas e soltou um débil suspiro: tinha de pegar de novo no peso das armas. E foi então que eu vi nela uma alma a conquistar.

Ao seu lado, eu, o rei, aparentemente respirando a mesma cidade que ele, e no entanto, não a mesma. E eu sonhava: “O comovente do que assisto não posso lhe demonstrar. Não há outra coisa que faça sentido, apenas convertê-lo e preenche-lo, não de coisas, pois tal como eu, ele as enxerga, as respira e as avalia e as possui, mas com o rosto que é aparição através dele e laço divino que liga as coisas.” E compreendi que o mais importante é distinguir a conquista da coação. Conquistar é converter.

Coagir é aprisionar. Se te conquisto, liberto um homem. Se te constranjo, o esmago. A coação é um montão de pedras alinhadas, iguais umas às outras, donde não nascerá nada.

E vi que todos os homens então deviam ser conquistados. Os que velavam e os que dormiam, os que faziam a sua ronda nas muralhas e aqueles que essa ronda protegia. Os que se alegravam por um recém-nascido ou se lamentavam por causa de um morto. Os que rezavam e os que duvidavam. A conquista é construir tua armadura e te abrir o espírito às provisões plenas. Pois existem lagos para te matar a sede, se te mostrarem o caminho. Instalarei em ti os meus deuses, para que te iluminem.

E sem dúvida é na infância que é importante te conquistar logo, caso contrário ficas petrificado e endurecido e não sabes mais aprender uma linguagem.

CXI

E um dia vim a saber que não podia me enganar. Não que me julgasse mais forte que um outro ou raciocinasse melhor, mas porque, não acreditando mais nas razões que se sucedem de proposição em proposição, segundo as regras da lógica, tendo percebido que a lógica é governada por algo mais alto do que ela, e que não passa de simples pegada na areia, que faz parte da marcha que é uma dança, e que leva ou não ao poço salvador, de acordo com a alma do dançarino, tendo tido a certeza que a história, uma vez feita, é tributária da razão, pois nenhum passo faltará na sucessão de passos, e que o espírito que domina os passos não se pode ler no futuro, tendo compreendido que uma civilização, como uma árvore, brota da força da semente, que é única, embora se diversifique e se distribua e se exprima em órgãos diversos que são raízes, tronco, ramos, folhas, flores e frutos, uma vez expresso todo o poder da semente. Havia compreendido que realmente uma civilização, depois de erguida, remonta sem nenhum hiato até à origem, o que mostra aos lógicos uma pista por onde subir; mas eles não seriam capazes de descer, porque não tem contacto com o condutor. Tinha ouvido os homens disputarem sem que nenhum deles prevalecesse verdadeiramente, tinha dado ouvidos aos comentaristas dos geômetras, tão convencidos de apreenderem verdades, que só renunciavam a elas no ano seguinte e ainda por cima de mau humor, ou acusavam os adversários de sacrilégios, apegados como estavam aos seus vacilantes ídolos, mas também havia partilhado a mesa do meu amigo, o único geômetra verdadeiro, que sabia que buscava uma linguagem para os homens, como o poeta desejoso de exprimir o seu amor, e era ao mesmo tempo simples para as pedras e para as estrelas, e sabia perfeitamente que teria de mudar de linguagem de ano em ano, porque é essa a marca da ascensão. Descubri que não há nada que seja falso, pela simples razão de que não há nada que seja verdade (e que é verdade tudo o que se realiza, como a árvore). Tinha ouvido pacientemente, no silêncio do meu amor, os murmúrios, os gritos de cólera, os risos e as queixas do meu povo. Na minha juventude, quando resistiam aos argumentos pelos quais eu procurava, não construir, mas vestir o meu pensamento, chegara a abandonar a luta por falta de linguagem eficaz contra um advogado melhor do que eu, sem por isso renunciar à minha permanência, pois sabia que o que ele me demonstrava era simplesmente que eu me exprimia mal; mais tarde, usaria armas mais fortes, porque é como se em ti houver uma verdadeira fonte se existir em ti uma base verdadeira. Tendo renunciado a compreender o sentido incoerente das palavras confusas dos homens, me pareceu mais fértil que eles simplesmente tentassem me entender, preferindo me deixar desenvolver como a árvore a partir de sua semente até à perfeição das raízes, do tronco, e dos ramos, pois então não há mais nada a discutir pois a árvore simplesmente é – e não é mais uma questão de escolher entre esta árvore e aquela outra, porque apenas esta proporciona uma folhagem bastante ampla para abrigar.

E tive a certeza de as obscuridades do meu estilo como as contradições dos meus enunciados não eram conclusão de uma alicerces incertos ou contraditórios ou confusos, mas de um mau trabalho no uso das palavras, que não podia ser confuso, nem contraditório, nem incerta uma atitude interior, uma direção, um peso, um inclinação, que não era preciso justificar, pois existiam muito simplesmente, como no escultor que modela a argila existe uma certa necessidade, que ainda não tem forma mas se tornará rosto na argila que ele modelar.

CXII

Nascimento também da vaidade, quando alguém não se submete à hierarquia. (Exemplo: general, governador). Uma vez fundado o ser que os submete um ao outro, a vaidade cai. Pois a vaidade vem do fato de que , misturadas as esferas, se nenhum ser vos domina e tira de ti um sentido, não ficas à vontade no lugar que ocupas.

A grande luta contra os objetos: chegou a hora de te falar de teu grande erro. Eu vi como são fervorosos e até felizes aqueles que viviam de extrair uma vez por ano o diamante puro, mexendo e remexendo a ganga na miséria das terras brutas, queimados pelo sol como frutos maduros, esfolados pelas pedras, cavando nas profundezas da argila para na volta dormir nus sob as tendas. E vi outros, infelizes, insensíveis e divididos, que, ao receber sua fortuna de diamantes, não possuíam senão vidros inúteis. Pois não precisas de um objeto, e sim de um Deus.

A posse do objeto poderá ser permanente, mas não o alimento que nele encontras. Se o objeto tem algum sentido é o de te ampliar, e te amplias na conquista e não na posse. É por isso que venero aquele que te anima a conquistas difíceis como a ascensão da montanha, a educação para vistas um poema, essa sedução da alma inacessível, e que contribui para a tua realização. Mas desprezo aquele que mais parece provisão armazenada e portanto incapaz de te transmitir seja o que for. E depois de ter extraído o diamante, o que farás com ele?

Pois eu trago o sentido da festa, que todos já esqueceram. A festa é o coroamento dos preparativos da festa, a festa é cume de montanha após a ascensão, a festa é captura do diamante quando te é dado separá-lo da terra, a festa é vitória coroando a guerra, a festa é primeira refeição do doente no primeiro dia da sua convalescença, a festa é promessa de amor quando ela baixar os olhos se tu lhe falas...

E por isso inventei para te instruir a seguinte imagem:

Se quisesse, poderia te criar uma civilização fervorosa, cheia de alegria e de risos soltos, nos grupos de trabalhadores que retornam do trabalho, com um gosto forte pela vida, de espera ardente pelos milagres do amanhã e do poema onde farão ressoar em ti as estrelas e onde, no entanto, não farias nada além do que cavar o chão para extrair estes diamantes que se tornarão afinal em luz após a espera silenciosa nas entranhas do globo. (Pois tendo vindo da terra, e depois se tornado semente, depois uma noite opaca, eis que se tornam de novo em luz.). Pois teus movimentos interiores não são governados pelo uso dos objetos conquistados e tua alma se alimenta do sentido das coisas e não das coisas em si.

E realmente eu poderia, em vez de queimar esse diamante, fazer uma concessão ao teu luxo e enfeitar com ele uma princesa. Ou então trancá-lo num cofre, no segredo de um templo, fazendo assim que ele brilhasse mais fortemente para o espírito (que se alimenta através das paredes) do que para os olhos. Mas se te der o diamante, não farei nada de essencial para ti.

Pois compreendi o sentido profundo do sacrifício que não é de te amputar de algo e sim de te enriquecer.

Pois te enganas ao estender os braços para o objeto se o que querias era seu sentido . Se eu te inventar um império onde todas as tardes distribuam diamantes recolhidos lá longe, será o mesmo que te enriquecer de calhaus, porque não encontrarás nada do que desejas obter. Mais rico é aquele que se

esfola durante o ano no meio das rochas e queima uma vez por ano o fruto do seu trabalho para dele tirar o brilho da luz, do que aquele que todos os dias recebe, vindos de outra parte, frutos que não lhe exigiram nada.

(É como no jogo de malha: tua alegria é derrubar os pinos. E se consegues, é uma festa. Mas não há nada a esperar de um jogo de malha em que os pinos todos já estão virados.)

É por isso que sacrifícios e festas se confundem. Pois assim mostras o sentido de teus atos. E a festa nada mais é do que queimar a fogueira, depois de teres amontoado a lenha, relaxar com prazer os músculos no alto da montanha, depois de ter subido até o pico, trazer à luz o diamante, depois de o ter extraído, fazer a vindima, quando as uvas já estão maduras? Onde seria possível aproveitar uma festa como se usasse uma provisão? A festa está em chegar depois da marcha, mas não tens nada a esperar se te transformas em sedentário. É por isso que não te instalas nem na música, nem no poema, nem na mulher conquistada, nem na paisagem avistada do alto das montanhas. Eu te perco se te distribuo na igualdade dos meus dias. Tenho de ordená-los como um navio que vai a qualquer parte. O próprio poema só é festa com a condição de que seja ascensão. O templo só é festa se te libertar dos cuidados mesquinhos. Quanto não sofreste, dia após dia, cuidando da cidade. Quanto não sofreste, dia a dia, com essa febre nascida da urgência do pão a ganhar e das doenças a tratar e dos problemas a resolver: ias para aqui, ias para ali, rias aqui, choravas lá. Mas chega a hora concedida ao silêncio e à beatitude. Sobes os degraus e empurras a porta. Tudo para ti é mar alto e contemplação da Via Láctea e provisão de silêncio e vitória sobre o usual, pois tinhas necessidade de tudo isto como quem tem fome, porque havias suportado objetos e coisas que não são para ti. E precisavas desta realização para que um rosto emergisse das coisas e se estabelecesse uma estrutura que lhes desse um sentido através dos espetáculos dispersos do dia. Mas que virás fazer no meu templo, se não venceste na cidade, nem lutaste e subiste e sofreste, se não trazes contigo a provisão de pedras que se trata de construir em ti? Foi o que eu te disse a respeito dos meus guerreiros e do amor. Se não fores nada mais da que um apaixonado, não há ninguém que ame, e a mulher boceja junto de ti. Só o guerreiro pode amar. Se fores apenas guerreiro, quem irá morrer será apenas um inseto vestido de escamas de metal. Só quem é homem e que amou pode morrer como homem. E não existe aqui contradição alguma senão na linguagem. Os frutos e as raízes tem na árvore uma medida comum.

CXIII

Afinal não nos entendemos sobre a realidade. Eu chamo realidade, não ao que é mensurável numa balança (que me importam as balanças, se não sou uma balança... E que me importam as realidades de balança?), mas ao que pesa sobre mim. E pesam sobre mim esse rosto triste ou essa cantata ou esse fervor do império ou essa piedade pelos homens ou essa nobreza de comportamento ou esse gosto pela vida ou essa ofensa ou essa mágoa ou essa separação ou essa comunhão na vindima (bem mais que os cachos vindimados; mesmo que depois os levem daqui para vendê-los, já recebi deles o essencial. E aquele que ia ser condecorado pelo rei, e que participou da festa, gozou do seu prestígio, recebeu as felicitações dos amigos, conheceu em suma o orgulho do triunfo - mas o rei morreu de uma queda de cavalo antes de lhe ter posto no peito o objeto de metal. Tu me dirás que o homem não recebeu nada?).

A realidade, para o teu cão, é um osso. A realidade, para a tua balança, é um peso de ferro. Mas, para ti, a realidade é de outra natureza.

E é por isso que chamo de fúteis os financistas e de razoáveis as bailarinas. Não que despreze a obra dos primeiros mas porque desprezo sua arrogância, sua segurança e a satisfação de si próprios por se julgarem fim e essência, quando não passam de criados, e que servem primeiro as bailarinas.

Não te deixes enganar. É bom que saibas qual o sentido do trabalho. Há trabalhos que são urgentes, por exemplo os das cozinhas do meu palácio. Se não há alimento, não há homem. E convém que os homens comecem por ser alimentados, vestidos e alojados. Convém que eles sejam, muito simplesmente. E tais serviços são, a bem dizer, urgentes. Mas não é isso que é importante. Importante é a sua qualidade. E as danças e os poemas e os cinzeladores dos andares superiores e o geômetra e o observador das estrelas, que começam por tornar possível o trabalho das cozinhas, são os únicos que honram o homem e que lhe dão um sentido.

Assim quando me vem aquele que só conhece as cozinhas, das quais são levadas realidades para as balanças e ossos para os cães, eu o proíbo de falar do homem porque ele irá desprezar o essencial, tal como o sargento que não considera no homem nada além do que sua capacidade de manaejar as armas.

E porque se haveria de dançar no teu palácio se as dançarinas foram mandadas para as cozinhas, para aumentar a quantidade de comida? E porque se haveria de cinzelar vasos de ouro, se os cinzeladores foram mandados a cinzelar vasos de estanho, para ter um maior numero de vasos?

E porque iriam talhar diamantes, e porque se comporiam poemas, e porque se iria observar as estrelas, quando os envias todos para malhar o trigo a fim de ter um pouco mais de pão?

Mas como na tua cidade irá te faltar algo próprio do espírito e não dos olhos nem dos sentidos, terás de lhes inventar falsos alimentos, que não terão mais qualquer valor. E vais mandar buscar fabricantes que lhes fabricarão seus poemas, autômatos que lhes fabricarão suas danças, ilusionistas que do vidro cortado tirarão diamantes para eles. E eles terão a ilusão de viver. Embora não exista nada neles além de uma caricatura da vida. Terão confundido o sentido verdadeiro da dança, do diamante e do poema - que só te alimentam com sua parte invisível com a condição de serem consequencia da ascensão - com razão para manjedoura. A dança é guerra, sedução, assassinato e arrependimento. O poema é ascensão de montanha. O diamante é o ano de trabalho transformado em estrela. Mas lhes faltará o essencial.

É o que acontece no jogo de malha. Tua alegria é derrubar os pinos do inimigo. Que prazer terias, se os alinhasses às centenas e construísse uma máquina para fazê-los cair?

CXIV

Mas não julgues que eu desprezo em nada as tuas necessidades. Nem mesmo imagino que sejam opostas ao teu significado. Pois quero me traduzir, para te demonstrar a minha verdade, em palavras que se oponham, como necessário e supérfluo, causa e efeito, cozinha e sala de dança. Mas não acredito nessas divisões que vêm de uma linguagem infeliz que leva à escolha de uma montanha errada para ler os movimentos dos homens.

Pois o sentido da cidade minha sentinela percebe quando Deus a enriquece com a limpidez de olhar e de ouvido das sentinelas, e logo o grito do recém-nascido deixa de se opor às queixas em volta de um morto, a feira não exclui o templo, nem o bairro proibido se opõe à fidelidade ao amor noutra lugar; e desta diversidade nasce a cidade que absorve, desposa, e unifica, tal como a árvore surge una, a partir de elementos diversos da árvore, e o templo domina com a qualidade de seu silêncio essa confusão de estátuas, de pilares, de altares e de abóbadas, e eu só encontro o homem naquele estágio em que ele não me aparece mais como aquele que canta contra aquele malha o trigo, ou que dança contra aquele que despeja o grão nos sulcos, ou observa as estrelas contra aquele que forja os rebites, pois se eu divido, não te compreendi e te perco.

Por isso me encerrando no silêncio de meu amor fui observar os homens na minha cidade. Desejando compreendê-los.

(Nota para mais tarde: Não é que eu julgasse possível que uma idéia pré-concebida pudesse escolher a relação entre as atividades. A razão não tem nada a ver com isso. Pois não constróis um corpo a partir de uma soma. Mas plantas uma semente e é esta soma que se apresenta. E é a qualidade do amor somente do qual nascerá razoavelmente a proporção, que te será invisível de antemão, a não ser na linguagem estúpida dos lógicos, dos historiadores e dos críticos, que te mostrarão as tuas partes e como poderias ter engrandecido uma delas em detrimento daquela outra, e poderiam perfeitamente ter chegado à conclusão oposta, porque se inventas a imagem das cozinhas e a da sala de dança, não há balança para apurar a importância de uma ou de outra. É que a tua linguagem se torna vazia de sentido, quando préjulgas o futuro. Construir o futuro é construir o presente. É criar um desejo que é para hoje. Que é de hoje para amanhã. E não realidade dos atos que só tem sentido para amanhã. Porque se teu organismo for arrancado do presente, ele morre. A vida, que é adaptação ao presente e permanência no presente, repousa sobre inumeráveis laços que a linguagem não pode apreender. O equilíbrio consegue-se à custa de mil e um equilíbrios. Basta que tu, na seqüência de uma demonstração abstrata, desfaças um deles, para o equilíbrio total se romper, como o elefante que é uma construção enorme e no entanto se cortas um só dos seus vasos, ele morre. E não se trata de desejar que não mudes coisa alguma. Pois podes mudar tudo. E de uma uma planície áspera podes fazer uma plantação de cedros. O que importa, porém, não é que construas cedros, mas que plantes sementes. E, em cada momento, a própria semente ou o que nascer da semente estará em equilíbrio no presente.)

Mas há diversos ângulos sob os quais se pode ver essas coisas. Se eu escolher a montanha que me divide os homens segundo seu direito às provisões, é provável que venha a me irritar seguindo a minha justiça. Mas também é provável que a minha justiça fosse outra, se exercida numa outra montanha que separasse os homens de maneira diferente. E eu gostaria que se prestasse justiça até ao fim. Foi por isso que mandei observar os homens.

(Não há apenas uma justiça, mas sim um número infinito delas. E posso muito bem separar conforme a idade a fim de recompensar meus generais, fazendo-os crescer em honras e cargos. Mas também posso lhes permitir um repouso que irá aumentando com a idade, os aliviando dos cargos e fazendo com que repousem em ombros novos. E posso julgar segundo o império. E posso julgar segundo os direitos do indivíduo ou, através dele, contra ele, segundo o homem.)

E se, ao considerar a hierarquia do meu exército, insisto em julgar pelas igualdades, fico preso em uma rede de contradições irreduzíveis. Pois há os serviços prestados, as capacidades, o bem do império. Eu sempre encontraria uma escala de valor indiscutível a me demonstrar que estou errado em usar uma outra. Portanto não me incomoda que me mostrem que existe um código evidente segundo o qual minhas decisões são monstruosas, pois sei de antemão que seja lá o que eu faça isso ocorrerá e que é importante pesar um pouco, amadurecer um pouco a verdade para obtê-la não nas palavras mas no peso que elas têm. (Pode-se falar aqui das linhas de força).

Parecia-me inútil ler a minha cidade do ponto de vista dos beneficiários. Todos eles são criticáveis. E não era esse o meu problema. Ou, mais exatamente, ele só vinha em segundo lugar. Eu desejo realmente que os beneficiários sejam enobrecidos e não abastardados pelo uso dos benefícios. Mas o que mais me importa é o rosto da minha cidade.

Fui portanto dar uma volta, acompanhado de um tenente que interrogava os transeuntes.

“O que fazes na cidade? - perguntava ele a este ou àquele, conforme as pessoas que íamos encontrando.

- Eu sou carpinteiro - dizia este.

- Eu sou trabalhador - dizia outro.

- Eu sou ferreiro – dizia um terceiro.

- Eu sou pastor - respondia um quarto.

- Ou abro poços. Ou curo os doentes. Ou escrevo para aqueles que não sabem escrever. Ou sou açougueiro. Ou faço bandejas para chá. Ou teço velas. Ou costuro vestidos. Ou... “

E parecia-me que esses homens trabalhavam para todos. Porque todos consomem gado, água, remédio, tábuas, chá e vestuário. E ninguém consome exageradamente para seu próprio uso. Porque comes uma vez e te arrumas uma vez, te vestes uma vez, bebes chá uma vez, escreves uma vez as tuas cartas e dormes no leito em uma casa.

Mas havia alguns que me respondiam:

“Eu construo palácios, eu lapido diamantes, eu esculpo estátuas de pedra...”

E esses não trabalhavam para todos, mas só para alguns. O produto da sua atividade não era divisível. E, efetivamente, repara naquele que trabalha durante um ano para pintar o seu vaso: como é que irias distribuir tal vaso por todos? Porque um homem trabalha para vários numa cidade. Há as mulheres, os doentes, os fracos, as crianças, os velhos e aqueles que hoje repousam. E há também os servidores do meu império que não fabricam objetos: os soldados, os guardas, os poetas, os bailarinos, os governadores. E, no entanto, esses consomem tanto como os outros, vestem-se, calçam-se, comem, bebem e dormem no leito de uma casa. E, como não trocam objetos pelos objetos que consomem, é preciso que vás roubar esses objetos àqueles que os fabricam, para alimentar igualmente com eles os que não os fabricam. E nenhum homem instalado na sua oficina pode pretender consumir a totalidade do que produz. Há portanto objetos que não podes oferecer a todos, porque não haveria ninguém para fabricá-los.

E, no entanto, é importante que tais objetos sejam concebidos e fabricados, porque são o luxo e a flor e o sentido da tua civilização. E precisamente o objeto que vale e que é digno do homem é aquele que custou mais tempo. E é esse mesmo o sentido do diamante, que é ano de trabalho em troca de uma lágrima do tamanho de uma unha. Ou a gota de perfume extraída da carroça de flores. Que me importa o destino da lágrima e da gota de perfume, se sei antecipadamente que elas não podem ser distribuídas a todos, e que uma civilização repousa não sobre o destino, mas sobre o nascimento do objeto?

Eu, o senhor, roubo pão e vestuário aos trabalhadores para dá-los aos meus soldados, às minhas

mulheres e aos meus velhos.

Por que haveria de me incomodar, roubar pão e vestuário para os dar aos meus escultores e aos meus polidores de diamantes e aos poetas que, muito embora escrevam poemas, tem de se alimentar?

Caso contrário, não haveria diamantes e palácios ou qualquer outra coisa desejável.

Tudo isso, aliás, pouco enriquece o meu povo: o que o enriquece é se distribuir nas outras atividades de sua civilização, que custam muito tempo aos que a elas se dedicam, mas que ocupam poucos homens na cidade, como me demonstraram os nossos encontros.

E além disso eu refletia que, se o destinatário do objeto não tinha importância, porque de qualquer forma aquele objeto não poderia ser distribuído a todos, e que portanto eu não poderia achar que ele roubasse os outros, me ficava a evidência de que aquela teia, formada pelos destinatários, deve ser tocada com muito cuidado, e requer muitas precauções, pois é a trama de uma civilização. E pouco interessa sua qualidade ou as justificativas morais.

E aqui se apresenta um problema moral. Mas que é um problema exatamente oposto. E se eu pensar com palavras que excluam as contradições, logo extingo em mim toda a luz.

CXVI

Notas para mais tarde: os refugiados berberes, que não querem trabalhar, deitam-se. Ato inaceitável. Eu, em vez de impor atos, imponho estruturas. E diferencio os dias uns dos outros. E estabeleço uma hierarquia entre os homens e crio casas mais ou menos belas para suscitar a inveja. E introduzo regras mais ou menos justas, para provocar movimentos diversos. E não posso me interessar na justiça pois ela aqui é deixar estagnar este pântano absolutamente morto. E os obrigo a adotar minha linguagem porque ela tem um sentido para eles. Que não passa de um sistema de convenções que uso para atingir o homem, que se acha tão adormecido neles como se eles fossem cegos, surdos e mudos. Lança fogo ao cego surdo-mudo e grita-lhe: "fogo". E cada vez que o queimares grita: fogo. E és injusto com o indivíduo, porque o queimas.

Mas serás justo com o homem porque, depois de lhe ter gritado "fogo", o iluminas. E virá o dia em que, logo que lhe disser "fogo" sem o queimar, ele irá retirar imediatamente a mão. É sinal de que nasceu. Independentemente da sua vontade, esses homens estão ligados ao absoluto de uma rede que não podem julgar, porque ela simplesmente existe. As casas "são" diferentes. As refeições "são" diferentes. (Hei de estabelecer também a festa, que é tender para um dia e desde logo existir, "e os submeterei às torções e às tensões e as figuras. E toda tensão é injustiça porque não é justo que este dia seja diferente dos outros.") E a festa os faz se afastarem ou se aproximarem de algo. E as casas mais ou menos belas ganhar ou perder. E entrar e sair. E desenharei linhas brancas ao longo do campo para que sejam zonas perigosas e outras sejam seguras. E introduzirei o lugar proibido onde se é punido com a morte para os orientar no espaço. E eis que assim serão criadas vértebras na água-viva. E ela vai começar a andar, o que é admirável.

O homem dispunha de uma linguagem vazia. Mas a linguagem voltará a dominá-lo como um freio. E haverá palavras cruéis, capazes de o fazerem chorar. E haverá palavras sonoras, que iluminarão seu coração.

"Eu vou facilitar as coisas..." e tudo está perdido. Não por causa das riquezas em si, mas porque elas, em vez de trampolim para algo, tornam-se de provisões arrecadadas. O teu erro não está em dar mais, mas em exigir menos. Se tu dás mais, deves exigir mais.

Justiça e igualdade. E eis a morte. Mas a fraternidade só se encontra na árvore. Evita confundir aliança e comunidade. Pois não deves confundir aliança e comunidade, e a aliança não passa de promiscuidade sem deuses a dominarem, nem irrigação, nem musculatura, portanto podridão.

Pois eles se dissolveram por viver na igualdade, na justiça e na comunidade totais. Que é o repouso das esferas misturadas.

Lança-lhes uma semente, que os absorva na injustiça da árvore.

CXVII

Quanto ao meu vizinho, pareceu-me que o melhor não era examinar os fatos, os estados de coisas, as instituições, os objetos, mas exclusivamente as inclinações verificáveis no seu império. Tu, porém, no intuito de examinar o meu império, que fazes? Vais ter com os ferreiros e os encontras forjando os rebites: estão entusiasmados com os rebites e cantam as canções da forja. Vais depois visitar os lenhadores e dás com eles derrubando árvores, todos satisfeitos a verem cair as árvores. A festa do lenhador, que é a do primeiro estalido, quando a majestade da árvore começa a prosternar-se, enche-os de um enorme júbilo. Decides procurar os astrônomos e reparas que nutrem tamanha paixão pelas estrelas, que apenas ouvem o seu silêncio. E, realmente, todos imaginam ser assim. Agora, se eu te perguntar: “O que é que se passa no meu império, o que é que nascerá amanhã em minha casa?”, tu me responderás: Forjar-se-ão rebites, deitar-se-ão árvores abaixo, observar-se-ão as estrelas; teremos portanto reservas de rebites, fornecimentos de madeiras e observações de estrelas. É tão grande a tua miopia, aproximadas tanto o nariz do objeto, que nem reparas que eles estão construindo um navio.

É certo que nenhum deles seria homem para te dizer : Amanhã partiremos para o mar. Viviam todos na convicção de servir apenas o seu deus e não dispunham de linguagem apropriada para cantar esse deus dos deuses que é o navio. Porque a fertilidade do navio está em ele se tornar amor dos rebites para o rebitador. Quanto à previsão do futuro, terias ido muito mais longe se houvesse dominado esse conjunto disperso e tornado consciencia dessa inclinação para o mar, graças à qual eu dilatei a alma do meu povo. Nessa altura, terias visto esse veleiro - agregado de rebites, de tábuas, de troncos de árvores, governado pelas estrelas – modelar-se lentamente no silêncio e instalar-se à maneira do cedro que sorve os sucos e os sais do cascalho para estabelecê-los na luz.

Não terias tido dificuldade em reconhecer, pelos seus efeitos irresistíveis, esta inclinação rumo ao amanhã. Neste caso, não há possibilidade de que te enganes; ela se manifestará onde quer que se possa manifestar. É tão grande esta inclinação que, por exemplo no caso da terra, eu não posso abandonar um só instante a pedra que tenho na mão sem ela cair imediatamente.

Anda um homem por longe a passear. Mesmo que o veja encaminhar-se para o oriente, é-me impossível prever-lhe o futuro. Pode muito bem ser que, depois de ter dado cem passos e de eu o imaginar já com rumo definido, ele faça subitamente meia volta. Seria o bastante para me desorientar. Mas não me é difícil prever o futuro do meu cão se, de cada vez que lhe afrouxo um pouco a corda, é para oriente que ele me obriga a dar um passo e me puxa, O oriente, então, é cheiro a caça. Bem sei para onde é que o meu cão correrá, se eu o soltar. Uma polegada de corda ensinou-me mais a esse respeito do que milhares de passos, .

Repara nesse prisioneiro. Está sentado ou deitado. Parece derrotado e despido de todo o desejo. Mas tende para a liberdade. Não me seria difícil descobrir-lhe a inclinação. É eu mostrar-lhe um buraco na parede, para todo ele ser um frêmito e se tornar musculatura e atenção. E, se a brecha dá para o campo, mostra-me aquele que passou por ela sem a ver.

Se pedires auxílio à tua inteligência, se te puseres a raciocinar, esquecerás esse buraco ou o outro. Se estiveres a pensar noutra coisa, bem podes olhar para ele, que não o verás. E, mesmo que o vejas, pões-te a encadear silogismos para concluir se o hás de utilizar ou não. Quando finalmente vieres a decidir-te,

será tarde demais, porque os pedreiros o terão feito desaparecer da parede. Vê se a água encerrada no depósito se esquece da fenda.

Por isso eu digo que a inclinação, muito embora não formulável por falta de linguagem, é mais poderosa do que a razão; só ela é que governa. E por isso eu digo que a razão não passa de serva do espírito. O que ela faz é transformar a inclinação em demonstrações e máximas. Chegas assim a julgar que foi o teu bazar de idéias que te governou. Quando O que te governou foram os deuses: o templo, o domínio, o império, a inclinação para o mar ou o desejo de liberdade.

Daí eu não estar disposto a observar os atos do meu vizinho, que reina do outro lado da montanha. Não basta ver um pombo em pleno vôo para determinar se ele se voa na direção de um pombal ou se unge apenas as asas de vento. O fato de eu ver um homem dirigir-se para casa não chega para apurar se ele se cede ao desejo da mulher ou ao tédio do dever, se os passos constroem o divórcio ou o amor. Mas eu que me esqueça da chave ao alcance daquele que está fechado no cárcere. Ele não deixará passar a oportunidade. Olha como põe o pé em cima da chave e apalpa as grades para ver se alguma delas cede e mede com os olhos os carcereiros. Bem o podemos imaginar já deambulando em liberdade por esses campos fora.

Não me interessa saber o que o meu vizinho faz, mas o que ele nunca se esquece de fazer, É essa a forma de eu vir a saber que deus o domina e que direção está tornando o seu futuro, muito embora ele o ignore.

CXVIII

Veio-me à lembrança aquele profeta de olhar duro, que além disso era estrábico. Um dia, veio a mim dominado pela cólera, uma cólera sombria.

“É preciso exterminá-los” - disse-me.

Compreendi que ele tinha o gosto da perfeição. Porque ó a morte é perfeita.

“Eles fartam-se de pecar” - disse-me.

Eu continuava calado. Dominava com o olhar essa alma afiada como um gládio. Entretanto pensava: “Ele existe em detrimento do mal. Ele só pelo mal existe. Que seria dele sem o mal?”

“O que é que tu desejas, para ser feliz? - perguntava-lhe eu. “O triunfo do bem.”

E compreendi que ele mentia. Porque chamava felicidade à inatividade e à ferrugem do seu gládio. E, apesar de deslumbrante, se me ia revelando aos poucos a seguinte verdade: quem ama o bem é indulgente para com o mal. Quem ama a força é indulgente para com a fraqueza. Embora as palavras briguem umas com as outras, o bem e o mal se misturam. Os maus escultores são terreno para os bons escultores, e a tirania forja contra ela as almas altaneiras, e a fome provoca a partilha do pão, que é mais doce do que o pão. E aqueles que tramavam revoltas contra mim, acossados pelos meus guardas, privados de luz no fundo das alcovas, familiarizados com uma morte próxima, sacrificados a outros que não eles próprios, tendo aceitado o risco, a miséria e a injustiça por amor da liberdade e da justiça, pareceram-me sempre de uma beleza deslumbrante. Eu via essa beleza resplandecer como um incêndio no lugar do suplício e por isso nunca os furtei à morte. Que seria do diamante, se não o ocultasse aquela ganga dura e difícil de cavar? Que seria da espada, se não houvesse inimigo? Que seria do regresso, se não fosse a ausência? Que seria da fidelidade, se não houvesse tentação? O triunfo do bem é o triunfo do gado prudente, atado à manjedoura. E eu não conto com os sedentários nem com os saciados.

“Tu lutas contra o mal. e toda a luta é uma dança - disse-lhe eu depois. Se vais buscar o teu prazer à dança, vais buscá-lo ao mal. Preferia que dançasses por amor.

“Se eu fundar um império onde as pessoas se exaltem graças a poemas. Virá a hora dos lógicos que, depois de muito raciocinarem, acabarão por descobrir os perigos que ameaçam os poemas no contrário do poema (como se houvesse contrários seja do que for...) A seguir virão os policiais que, confundindo o amor do poema e ódio do contrário do poema, não mais se e:pregarão a amar, mas si. m a odiar. Como se o amor do cedro se identificasse com a destruição da oliveira. Eles lançarão na prisão quer o músico, quer o escultor, quer o astrônomo, ao sabor de raciocínios que serão estúpido vento de palavras e débil tremor de ar. E o meu império nessa altura morrerá, porque vivificar os cedros não é destruir a oliveira nem recusar o odor das rosas. Planta no coração de um povo o amor pelo veleiro e ele pegará em todos os fervores do teu território para transformá-los em velas. Mas a ti deu-te para fomentar o nascimento de velas perseguindo, denunciando e exterminando heréticos. Pode realmente chamar-se contrário do veleiro a tudo aquilo que não é veleiro. A lógica te levará onde quiseres. Como cada um dos teus homens também ama outra coisa, irás de depuração em depuração, até exterminares todo o povo. Acabarás além disso por dar cabo do próprio veleiro, já que o rebitador, em vez de entoar o cântico do veleiro, passou a trautear o cântico dos rebites. Que fizeste? Puseste-o a ferros. E deixará de haver

rebites para o navio.

“Também há quem, no intuito de favorecer os grandes escultores, elimine os maus escultores, por um estúpido vento de palavras fazer deles contrários dos primeiros... Ainda hei de te ver proibir o teu filho de escolher um ofício que oferece tão poucas possibilidades de vida.

- Se te estou a perceber - abespinhou-se o profeta estrábico -, eu deveria tolerar o vício!

- Nada disso. Não percebeste nada - disse-lhe eu.

CXIX

Pois se não quero fazer a guerra e o meu reumatismo me faz arrastar uma perna, ele se tornará talvez para mim objeção à guerra. Ao passo que se eu morresse de amores pela guerra, havia de defender a todo o custo que a ação só me faria bem à perna. Foi o meu simples desejo de paz que se vestiu de reumatismo, ou - que sei eu? - talvez de amor pela casa ou de respeito pelo inimigo ou seja pelo que for. Se queres compreender os homens, começa por nunca lhes dar ouvidos. Porque o rebitador fala-te dos seus rebites. O astrônomo das suas estrelas. E todos esquecem o mar.

Ainda bem que não te basta olhar para ver. Havia às vezes gente que eu convidava a subir até ao meu terraço. Mostrava-lhes o domínio, traçava-lhes os contornos dela. Meneavam a cabeça e apenas diziam: Sim, sim... Em atenção a alguns, até chegava a mandar abrir o mosteiro. Com que solicitude eu lhes explicava as regras, ao mesmo tempo em que eles iam abrindo discretamente a boca. Mostrava a outros a arquitetura do novo templo ou a escultura ou pintura de um pintor ou escultor que tinham contribuído com qualquer inovação sem precedentes. Daí a nada já estavam distraídos. Permaneciam indiferentes a tudo aquilo que atingiria outro homem em pleno coração.

E eu dizia comigo mesmo:

“Nem aqueles que, através das coisas, sabem tocar o nó divino que as liga umas às outras dispõem permanentemente desse poder. A alma está cheia de sono. A alma não exercitada está-o ainda mais. Como esperar que eles sejam tocados pela revelação como que por um raio? Só deparam com o raio os que nele encontram a sua solução. Porque eles esperavam esse rosto, tão construídos estavam para serem abrasados por ele. O mesmo se passa com aquele que, mediante o exercício da oração, eu tornei disponível para o amor. Fundei-o tão bem, tão bem, que certos sorrisos serão para ele como gládios. Mas outros, em compensação, não passam de joguete do desejo. Aqueles que eu embalei nas lendas do norte onde vogam os cisnes e sulca os ares o vôo cinzento dos patos selvagens e desabrocham apelos que enchem a planície - o norte surpreendido pelo gelo é povoado por um único grito, como o templo de mármore negro -, esses se acham dispostos para os olhos cinzentos e para o sorriso que queima interiormente como a luz de um albergue misterioso no meio da neve. Hei de vê-los feridos no coração. Mas aqueles que sobem por desertos escaldantes não são sensíveis a essa forma de sorriso.

Se, quando tu eras pequeno, te construí semelhante a qualquer outro homem do teu povo, descobrirás os mesmos rostos, experimentarás os mesmos amores que eles. Saberão comunicar uns com os outros, porque comunicais não uns através dos outros, mas pelas vias dos diversos nós que ligam as coisas. E para isso é preciso que eles sejam semelhantes para todos.

E, quando eu digo semelhantes, não digo que se trate de criar essa ordem que não passa de ausência de morte, como pedras alinhadas ou soldados marchando ao mesmo passo. O que eu, no fundo, fiz foi industrializar-vos em conhecer os mesmos rostos e experimentar assim os mesmos amores.

Sei agora que amar é reconhecer, e conhecer o rosto lido através das coisas. O amor não passa de conhecimento dos deuses.

Uma verdadeira janela se te rasga naquele preciso instante em que te é dado apreender na sua unidade o domínio, a escultura, o poema, o império, a mulher ou Deus através da piedade dos homens. Mas é a morte do teu amor no momento em que não vês nessas realidades mais do que conjuntos. E, no entanto, não mudou aquilo que te é dado pela via dos sentidos.

Aqueles que renunciaram aos deuses só podem comunicar uns com os outros acerca do quotidiano, como qualquer animal. Não passam de gado recolhido.

Urge, por isso, converter aqueles que vem a mim olhando sem ver. Só nessa altura se iluminarão e se tornarão vastos. E só então ficarão nus. Porque, afora a procura das satisfações do teu ventre, que

desejarias tu e aonde irias tu e donde te nasceria o fogo do prazer?

Converter é voltar alguém para os deuses, para que se mostrem.

Não disponho de passarela que me permita explicar-me a ti. Por muito que eu estenda a minha bengala na direção do campo e te desenhe os contornos da minha domínio, não é por esse movimento que consigo transpor para ti o meu amor. Seria fácil demais comoveres-te. E, nos dias de tédio, abalarias para as montanhas e pegarias numa bengala para te exaltares.

O mais que posso é experimentar a influencia da minha domínio sobre ti. E é por isso que eu acredito nos atos. Aqueles que distinguem o pensamento da ação sempre me pareceram pueris ou cegos. O que podem é distinguir entre a ação e aquelas idéias que são pensamentos transformados em objetos de bazar. Confiar-te-ei, portanto, uma junta de bois e uma charrua ou ainda um mangual para malhar as sementes.

Ou a vigilância dos poceiros ou a recolha da azeitona. Ou a celebração dos casamentos. Ou o enterro com os mortos. Ou seja o que for que te faça entrar na invisível construção e submeter-te às suas linhas de força. Essas linhas de força hão de tornar-te fácil tal gesto e difícil tal outro.

Encontrarás, pois, obrigações e proibições. Porque este campo é impróprio para o trabalho, mas não este outro. Esse poço salvará a aldeia, e esse outro a fará adoecer. Essa jovem está para casar e a aldeia se torna cântico. Mas a outra aldeia chora a sua morta. Quando tu puxas por uma ponta, vem atrás dela todo o desenho. Porque o trabalhador bebe. E o poceiro casa a filha. E a jovem casada come o pão do primeiro e bebe a água do segundo, e todos celebram as mesmas festas, rezam aos mesmos deuses, choram os mesmos lutos. E tu vens a ser o que se vem a ser nesta aldeia. Depois me dirás o que acaba de nascer em ti. E só se alguém não te agrada na minha aldeia tu a renegarás.

A nenhum transeunte ocioso será dado ver. O conjunto, única coisa que avulta, não é nada. E como é que tu serias capaz de apreender improvisadamente o deus, quando ele não passa de exercício do teu coração?

Eu só chamo verdade aquilo que te exalta. Não há nada que se demonstre, nem por nem contra. Mas tu não duvidas da beleza, se reages a determinado rosto. Dir-me-ás então que é verdade que ele é belo. E o mesmo a respeito do domínio ou do império, se uma vez descoberto ele te obriga a aceites morrer por ele. Como é que são verdade as pedras e não O templo, não me dirás?

E, do mais profundo do mosteiro, onde eu te abraço com o maior dos rostos, depois de te ter construído para que ele se mostre, como ousarias tu recusá-lo? Como é que tu me podes dizer que é verdade a beleza no rosto e não Deus no mundo?

Julgas porventura que é natural a beleza dos rostos? Pois eu te afianço que ela é mero fruto da tua aprendizagem. Nunca soube de nenhum cego de nascença que, uma vez curado, passasse imediatamente a ser sensível a um sorriso. Ele precisa também de aprender o sorriso. Desde pequeno que um certo sorriso te prepara as alegrias, porque há uma surpresa que ainda te escondem. Ou um certo franzir de sobrancelhas te amargura, ou um leve tremor de lábios anuncia as lágrimas, ou um certo brilho dos olhos denuncia o projeto que seduz, e uma certa inclinação promete a paz e a confiança nos seus braços.

E, graças às tuas cem mil experiências, vens a construir uma imagem, que é a da pátria perfeita. Ela pode-te receber inteirinho, cumular-te e vivificar-te. És capaz de reconhecê-la no meio da multidão e preferes morrer a perdê-la. O raio feriu-te no coração, mas o coração estava pronto para o raio.

Nem mesmo o amor é mais natural. Afirmo-te que leva tempo a nascer. Pode ser revelação do pão de

que te ensinei a ter fome. Comecei por preparar em ti os ecos que vão repercutir no poema. E te ilumina a ti o mesmo poema que deixaria outro embasbacado. Preparei-te uma fome que se ignora e um desejo que ainda não tem nome para ti. É conjunto de caminhos e estrutura e arquitetura. O deus que existe para ele o despertará num ápice no seu conjunto, e todas essas vias se tornarão luz. E tu realmente não sabes nada dele: se o conhecesses e o procurasses, era porque ele já tinha nome. E então já o terias encontrado.

Nota para mais tarde: Por cause de uma falsa álgebra, esses imbecis julgaram que havia contrários, E o contrário da demagogia é a crueldade. Ao passo que na vida a rede de relações é tal, que, se aniquilas um dos teus dois contrários, morres.

O contrário seja do que for é a morte e só a morte.

É o caso daquele que persegue o contrário da perfeição. E, de emenda em emenda, acaba por te dar cabo de todo O texto. Porque nada é perfeito. Mas aquele que gosta da perfeição embeleza-a cada vez mais. Assim aquele que persegue o contrário da nobreza. E acaba por queimar todos os homens, já que nenhum deles é perfeito.

O mesmo daquele que aniquilasse o inimigo. Antes vivi a dele. Portanto morre. O contrário do navio é o mar. Mas o mar desenhou e afilou a roda de proa e a carena. E o contrário do fogo é a cinza, mas ela vigia o fogo.

O mesmo com quem luta contra a escravidão fazendo apelo ao ódio, em vez de lutar pela liberdade apelando para o amor. E como existem em toda a parte, seja em que hierarquia for, traços de escravidão (e tu podes chamar escravidão ao papel das fundações do templo sobre que se apóiam as pedras nobres, que são as únicas a subir para o céu), de conclusão em conclusão, acabarás por aniquilar a templo.

O cedro não é recusa e ódio do que não é cedro, mas cascalho sorvido pelo cedro e tornada árvore.

Se tu andares em luta contra seja o que for, todo o mundo se te tornará suspeito, porque tudo é abrigo possível e reserva possível e alimento possível para o teu inimigo. Se andares em luta contra seja o que for, deves-te aniquilar a ti próprio, porque sempre existe em ti ao menos uma pequena parte daquilo contra que lutas, por muito fraca que seja.

A única injustiça que concebo é a da criação. E tu, em vez de destruíres os sucos que teriam podido alimentar a silva, edificaste um cedro que os utilizou em proveito próprio, e a espinho não poderá nascer. Se te tornas determinada árvore, não te tornarás uma outra. E foste injusto para com as outras.

Depois de o teu fervor se extinguir, ainda consegues que o império dure por obra e graça dos teus guardas.

Mas, se só os guardas o podem salvar, é porque o império já está morto. Ao passo que o meu constrangimento é o do poder do cedro que liga nos seus nós o suco da terra, não a estéril exterminação dos espinhos e dos sucos, os quais na verdade se ofereciam aos espinhos, mas também se teriam oferecido ao cedro.

Não há quem lute contra as preferências. O cedro, que prospera e aniquila a espinheiro, quer saber da espinheiro para alguma coisa? Nem sequer sabe da sua existência. Luta pelo cedro e transforma em cedro a espinheiro.

Queres porventura fazer morrer contra? Quem estará disposto a morrer? A gente quer matar, mas não morrer. Ora a aceitação da guerra é a aceitação da morte. E a aceitação da morte só é possível se tu te trocas por algo. Portanto, no amor.

Há quem, levado pelo ódio, amontoe prisioneiros nas prisões. Mas assim o que fazem é construir o

inimigo, porque as prisões são mais deslumbrantes do que os mosteiros.

Aquele que prende ou executa é porque duvida de si próprio. Extermina as testemunhas e os juizes, esquecido de que, para crescer, não lhe basta exterminar os que estão acima dele.

Aquele que prende e executa é porque deita as culpas sobre outro. Portanto, é fraco. Quanto mais forte fores, mais te responsabilizas pelas faltas. Elas te servem de lição para a vitória. Meu pai, de uma vez em que um dos generais se tinha deixado vencer e se desculpava disso, observou-lhe: “Não sejas pretensioso ao ponto de te gabares de teres sido capaz de cometer uma falta. Quando eu monto num burro e ele se espanta, não é o burro que se engana, mas eu.”

“A desculpa dos traidores - dizia outra vez meu pai - ° sobretudo terem sido capazes de trair.”

CXII

Quando as verdades são evidentes e absolutamente contraditórias, o que tens a fazer é mudar de linguagem.

A lógica não serve para te ajudar a passar de um andar para outro. Tu não prevês o recolhimento a partir das pedras. E, se falares do recolhimento com a linguagem das pedras, vais-te abaixo. Precisas de inventar essa palavra nova para dares conta de uma certa arquitetura das tuas pedras. Porque nasceu um ser novo, não divisível, nem explicável; porque explicar é desmontar. E tu o batizas então com um nome.

Como é que havias de raciocinar sobre o recolhimento? Como é que havias de raciocinar sobre o amor? Como é que havias de raciocinar sobre o domínio? Não se trata de objetos, mas de deuses.

Ainda me lembro daquele soldado que queria morrer porque tinha ouvido cantar a lenda de um país do norte e sabia vagamente que em certa noite do ano vai toda a gente pela neve fora, na direção de iluminadas casas de madeira. A neve range debaixo dos pés e as estrelas brilham. E se, no fim do percurso, entrares na sala iluminada e colares o rosto aos vidros, descobrirás que essa claridade vem de uma árvore. E te dizem que é uma noite que tem um gosto a brinquedos de madeira envernizada e um cheiro a círio. E te dizem que os rostos dessa noite são extraordinários. Porque são os rostos da expectativa de um milagre. E vês que todos os velhos susem a respiração e estão suspensos dos olhos das crianças e se preparam para grandes palpitações do coração. Porque vai passar por esses olhos de criança algo de inapreensível e de valor inestimável. Tu vieste-a construindo ao longo de todo o ano, através da expectativa e das estórias e das promessas e sobretudo graças às árias ouvidas e às alusões secretas e à imensidade do teu amor. E agora vais tirar da árvore qualquer humilde objeto de madeira envernizada e dá-lo à criança, segundo a tradição do teu cerimonial. É chegado O momento. E toda a gente sustém a respiração. A criança semicerra as pálpebras, porque acabam de arrancá-la ao sono. E tu ali a tens nos joelhos, com esse odor de criança fresca que foram arrancar ao sono e que, depois de te abraçar, se converte em algo que é fonte para o coração. Tu tinhas tanta sede! (O grande tédio das crianças. é verem-se despojadas de uma fonte que existe nelas, embora não a possam conhecer; mas vem beber a ela todos aqueles que envelheceram no coração, para reconquistar a mocidade.) Os beijos suspenderam-se e a criança olha para a árvore e tu olhas para a criança. Porque se trata de colher uma surpresa maravilhosa, como flor rara que nascesse uma vez por ano no meio da neve.

Atinges a plenitude no momento em que uns certos olhos adquirem uma cor sombria. Porque a criança se enrola de repente sobre o tesouro, para toda se iluminar no seu interior mal o presente a fere, como as anêmonas do mar. E ela fugiria se tu a deixasses fugir. E... Adeus, esperanças de atingi-la. Não lhe fales, que ela não ouve.

Mas essa cor em breve passa, mais leve que a duma nuvem sobre o prado. Não me venhas depois dizer que não pesa. Nem que ela fosse a única recompensa do teu ano e do suor do teu trabalho e da tua perna perdida na guerra e das tuas noites de meditação e das afrontas e dos sofrimentos aceites, mesmo assim ela te pagaria e te maravilhariá. Tu ficas a ganhar com essa troca.

Porque não há raciocínio para raciocinar sobre o amor pelo domínio, sobre o silencio do templo, nem sobre este segundo incomparável.

Assim, o meu soldado queria morrer. Ele sempre vivera de sol e de areia, não conhecia nenhuma árvore de luz e mal sabia em que direção ficava o norte. Mas haviam-lhe dito que uma certa conquista viera ameaçar, algures, esse determinado cheiro a vela e certa cor dos olhos, trazidos até ele em débeis poemas através do vento, com os aromas. E haverá mais séria razão para se morrer?

O que te alimenta é o laço divino que liga as coisas e que não quer saber de mares nem de paredes. Alcanças de repente a plenitude, em pleno deserto, algures, numa direção que desconheces, em meio de estrangeiros de que não sabes coisa alguma, num país que não te diz nada, por certa expectativa de determinada imagem: um pobre objeto de madeira envernizada, que se mete pelos olhos dentro de uma criança, como uma pedra nas águas adormecidas.

E acontece que vale a pena morrer pelo alimento que tu aí vais buscar. E eu, se quiseres, levantaria exércitos para salvar, seja lá onde for, um certo odor de vela.

Mas não levantarei o exército para defender provisões. As provisões estão prontas e não tens nada a esperar delas, a não ser que te transformem em gado morno.

E por isso, se ele se te extinguirem os deuses, já não aceitarás morrer. Mas também não viverás. Porque não existem os contrários. Embora a morte e a vida se oponham uma à outra, como palavras que são, o certo é que só podes viver daquilo que te pode fazer morrer. E o que recusa a morte recusa a vida.

Se não houver nada acima de ti, não tens nada a receber. A não ser de ti próprio. Mas que hás de tu ir buscar a um espelho vazio?

CXXIII

Gostaria de falar para ti, que estás sozinha. Tenho vontade de fazer em ti esta luz.

Descobri que, no teu silêncio e na tua solidão, era possível alimentar-te. Bem querem os deuses saber de paredes e de mares... ! Também a ti te enriquece que haja algures um odor de vela. Mesmo que nunca o esperes saborear.

Mas só posso ajuizar da qualidade do alimento que te trago julgando-te a ti próprio. Ao recebê-lo, o que é que tu te tornas? Quero que juntes as mãos no silêncio e fiques de olhos súbitamente sombrios, como a criança a quem eu entreguei o tesouro e imediatamente começa a devorá-lo. Porque o presente que eu dei à criança também não era objeto. Aquele que com três calhaus sabe construir uma frota de guerra e ameaçá-la com uma tempestade, basta eu lhe dar um soldado de madeira, e faz dele um exército e capitães e fidelidade ao império e dureza da disciplina e morte pela sede no deserto. O mesmo acontece com o instrumento de música: mais do que instrumento, é matéria do laço para as tuas capturas. E elas estão muito longe de ser da essência do laço. E também te hei de iluminar, para que a tua mansarda venha a ser clara e o teu coração habitado. Depois de eu te falar do fogo debaixo da cinza, a cidade adormecida que olhas da tua janela deixa de ser a mesma. Se o caminho de ronda passa a ser promontório do império, ele deixa de ser o mesmo para a minha sentinela.

Quando te dás, recibes mais do que dás. Porque não eras nada e te realizas. E pouco me importa se as palavras se repelem.

Falarei para ti, que estás sozinha, porque tenho o desejo de te habitar. E, por causa de um ombro deslocado ou de uma doença nos olhos, talvez te seja difícil receber o esposo de carne na tua casa. Mas há presenças mais fortes. Numa manhã de vitória, até o canceroso deitado no leito parece outro. Muito embora a espessura das paredes não deixe entrar o barulho dos clarins, o seu quarto como que se enche.

E - ó maravilha! - de fora para dentro apenas passou o laço das coisas, que é vitória, e não quer saber de paredes nem de mares. Por que não havia de haver divindade ainda mais ardente? Ela te modelará ardente de coração e fiel e maravilhosa. O amor verdadeiro não se consome. Quanto mais dás, mais te fica. E, se fores beber à fonte verdadeira, quanto mais tu bebes, mais generosa ela é. E o aroma da vela é verdade par a todos. Quando outro que não tu o saboreia, mais rico se torna para ti próprio.

Mas se esse esposo de carne da tua casa sorrir num outro lado, além de cometer um roubo, fará com que te desiludas do amor.

Por isso te hei de visitar. Não tenho necessidade de me dar a conhecer. Sou laço do império e inventei-te uma oração. Sou fecho de abóbada de um certo gosto das coisas. E te ligo. E desapareceu a tua solidão. Como é que tu não havias de me seguir? Deixei de ser diferente de ti própria. Assim a música, que constrói em ti uma certa estrutura, que te põe a arder. E a música não é verdade nem mentira. És tu que acabas de te realizar.

Não quero que fiques deserta na tua perfeição. Deserta e amarga. Hei de despertar-te para o fervor, que dá e nunca retira, porque o fervor não reivindica nem o domínio nem a presença.

O poema é belo por razões que não pertencem à lógica, já que se situa num outro andar. Ele é tanto mais patético quanto melhor se estabelece na planície. O som que é possível extrair de ti e que tu podes

dar é sempre o mesmo, mas nem sempre é da mesma qualidade. E é má música aquela que te abre caminhos medíocres no coração. E o deus que te aparece é débil.

Mas há visitas que te deixam adormecida, por tanto teres amado. Por isso eu inventei para ti, que estás sozinha esta oração.

ORAÇÃO DA SOLIDÃO.

“Tende piedade de mim, Senhor, porque me esmaga a minha solidão. Não há nada que eu espere. Aqui estou eu neste quarto, onde nada me fala. E, no entanto, não são presenças que eu solicito; se mergulhar na multidão, ainda me descubro mais perdida. Mas aquela outra que se parece comigo, também sozinha num quarto semelhante, aí a tens cumulada, se os seres da sua ternura vagueiam pela casa. Ela não os ouve nem os vê. De momento, não recebe nada deles. Mas, para ser feliz, basta-lhe saber a casa habitada.

“Senhor, também não peço nada que se veja ou se ouça. Os vossos milagres não são para os sentidos. Para me curardes, basta-vos iluminar-me o espírito acerca da minha morada.

“Senhor, se o viajante perdido no deserto pertence a uma casa habitada, ele goza dela, muito embora a saiba nos confins do mundo. Não há distância que o impeça de ser alimentado por ela e, se morrer, morre no amor... Eu nem mesmo peço, Senhor, que a minha morada seja perto de mim.

“O transeunte perdido no meio da multidão transfigura-se ao ser ferido por um rosto, mesmo que o rosto não seja para ele. Assim esse soldado apaixonado pela rainha. Ele se torna soldado de uma rainha. Senhor, eu nem mesmo peço que me prometas essa morada.

“Há, ao longo dos mares, destinos ardentes votados a uma ilha que não existe. Os do navio cantam o cântico da ilha e sentem-se felizes com isso. Não é a ilha que os cumula, mas o cântico. Senhor, eu nem mesmo peço que essa morada exista nalguma parte...

“A solidão, Senhor, é apenas fruto de um espírito que está doente. Ele não habita senão numa pátria, a qual é sentido das coisas. Assim o templo, quando é sentido das pedras. Só tem asas para esse espaço. Não goza com os objetos, mas apenas com o rosto que se lê através deles e que os liga uns aos outros. Fazei simplesmente com que eu aprenda a ler.

“Nessa altura, Senhor, ter-se-á acabado a minha solidão.

Exatamente como a catedral é um certo arranjo de pedras iguaizinhas umas às outras mas distribuídas segundo linhas de força cuja estrutura fala ao espírito, assim existe um cerimonial das minhas pedras. E a catedral pode ser mais ou menos bela.

Da mesma maneira a liturgia do meu ano é um certo arranjo de dias no essencial iguaizinhos uns aos outros mas distribuídos segundo linhas de força cuja estrutura fala ao espírito. E há dias em que tens de jejuar, dias em que és convidado a regozijar-te, dias em que não deves trabalhar. Vens assim a deparar com as minhas linhas de força, pois existe um cerimonial dos meus dias. E o ano é mais ou menos vivo.

Também há um cerimonial dos traços do rosto. O rosto pode ser mais ou menos belo. E um cerimonial do meu exército, porque te é possível este gesto mas não esse outro, que vai contra as minhas linhas de força. Tu és soldado de um exército. E o exército é mais ou menos forte.

Há um cerimonial da minha aldeia, porque aí temos um dia de festa, ou o dobre a finados, ou a hora das vindimas, ou a parede a construir juntos, ou a comunidade na fome e a partilha da água durante a seca, e esse odre cheio não é só para ti. E tu és duma pátria. E a pátria é mais ou menos cálida.

Não há nada neste mundo que não seja essencialmente cerimonial. Que podes esperar de uma catedral sem arquitetura, de um ano sem festas, de um rosto sem proporções, de um exército sem regulamento, de uma pátria sem costumes? Que havias tu de fazer dos teus materiais ao desbarato?

Terias a coragem de me dizer que estes objetos ao desbarato são realidade, ao passo que o cerimonial é ilusão? O próprio objeto é cerimonial das suas partes. Queres-me tu dizer que o exército é menos real do que uma pedra? Mas eu chamei pedra a um certo cerimonial da poeira de que ela se compõe. E ano ao cerimonial dos dias. Porventura o ano havia de ser menos verdade do que a pedra?

Há quem só tenha descoberto os indivíduos. E realmente é bom que os indivíduos prosperem e se alimentem e se vistam e não sofram excessivamente. Mas, se não fundares no teu império um cerimonial dos homens, eles morrem para o essencial e não passam de pedras amontoadas.

A não ser assim, o homem deixa de ser coisa alguma. E, se o teu irmão morrer, não o chorarás mais do que o cão que vê afogar-se outro da mesma ninhada. Nem sequer terás alegria, por o teu irmão voltar. Porque o regresso do irmão deve ser um templo que se alinda, e a morte do irmão um desmoronamento do templo. Entre os refugiados berberes, não vi chorarem os mortos.

Como é que eu seria capaz de te demonstrar o que procuro? Já não se trata de um objeto que fala aos sentidos mas ao espírito. Não me venhas pedir para justificar o cerimonial que imponho. A lógica situa-se ao nível dos objetos, e não ao nível do laço que os liga uns aos outros. Neste ponto, começa-me a faltar a linguagem.

Deves ter visto as lagartas sem olhos caminharem para a luz ou subirem à árvore. E tu, que as observas como homem, encarregas-te de formular aquilo para que elas tendem. Tu concluis: "Luz" ou "Cume". Mas elas ignoram-no. Quando recebes alguma coisa da minha catedral, do meu ano, do meu rosto, da minha pátria, fica com a tua verdade, que a mim pouco me importa o teu vento de palavras, que só é bom para os objetos. Tu és lagarta. És incapaz de saber o que procuras.

Por conseguinte, se saís alindado, santificado, ou alimentado por qualquer invisível alimento da minha

catedral, do meu ano, do meu império, eu direi comigo mesmo: Aí tenho eu uma bela catedral para homens. Um lindo ano. Um lindo império. Muito embora eu não saiba que perspectiva adotar para descobrir a causa. Encontrei simplesmente, à semelhança da lagarta, algo que é para mim. Assim um cego que, no inverno, procura o fogo com a palma das mãos. E o encontra. E pousa o seu cajado e senta-se junto dele, com as pernas cruzadas, embora não conheça o fogo da mesma maneira que tu, que vês. Ele encontrou a verdade do seu corpo, pois já não o verá mudar de lugar.

E, se censuras a minha verdade por ela não ser uma verdade, posso contar-te a morte do único geômetra verdadeiro, esse amigo que, ao ver-se prestes a morrer, me pediu para ir assisti-lo.

Vim ter com ele no meu passo lento, porque o amava. “Geômetra, meu amigo, pedirei a Deus por ti.”

Mas ele estava farto de sofrer.

“Não te preocupes com o meu corpo. Eu tenho a perna morta e o braço morto. Pareço uma árvore velha. Deixa o lenhador agir...”

- Tu não tens lamentos nada, geômetra?”

- O que é que haveria de lamentar? Tenho a lembrança de um braço válido e de uma perna válida. Mas toda a vida é nascimento. E uma pessoa adota-se tal como é. Alguma vez lastimaste a tua primeira infância, os teus quinze anos ou a tua idade madura? Esses remorsos são remorsos de mau poeta. Não há remorso nisso. Há é uma doce melancolia, a qual em vez de sofrimento é perfume no vaso de um licor evaporado. É certo que, no dia em que perdes um olho, te lamentas, porque toda a metamorfose é dolorosa. Mas não há nada de patético em uma pessoa se passear pela vida com um só olho. Eu já vi os cegos rirem.

- Uma pessoa pode-se lembrar da sua felicidade...

- E haverá sofrimento nisso? É certo que já vi alguém sofrer pela partida da amada, que era para ele sentido dos dias, das horas e das coisas. Porque se lhe desmoronava o templo. Mas não vi sofrer aquele outro que, depois de ter conhecido a exaltação do amor, e de ter deixado de amar, per deu o lar das suas alegrias. E o mesmo se passa com aquele que se tinha comovido com o poema que agora só consegue aborrecê-lo.

Viste-o porventura sofrer? O espírito adormece e o homem deixa de existir. O tédio não é o mesmo que a pena. A pena do amor é sempre amor. Tu passas a ter esse tédio que se dá ao nível das coisas, porque elas não tem nada para te dar. O fecho de abóbada da minha vida vem-se abaixo e todos os materiais se desagregam. É o sofrimento da metamorfose. Como é que eu o havia de conhecer? Porque só agora se me revela o verdadeiro fecho da abóbada e o verdadeiro significado. Nunca eles tiveram mais sentido do que tem agora. Como é que eu havia de conhecer o tédio, se ele se é basílica construída e acabada e por fim iluminada pelos meus olhos?

- Geômetra, o que me dizes! A mãe pode lamentar-se da recordação do filho morto.

- No momento em que ele parte, talvez. Porque as coisas perdem o sentido. O leite sobe pela mãe acima e o filho já não existe. Esmaga-te a confiança destinada à bem-amada e já não há bem-amada. E, se tu pertences a um domínio vendida e dispersa, que hás de fazer do amor ao domínio? Na hora da metamorfose, sempre dolorosa. Mas tu te enganas, porque as palavras atrapalham os homens. Vem a hora em que as coisas antigas recobram o sentido, que era levar-te a te realizares. Vem a hora em que te sentes enriquecido por teres amado outrora. E é a melancolia, que é doce. Vem a hora em que a mãe envelhecida aparece de rosto mais comovente e o coração mais bem iluminado, embora ela não ouse confessar, tanto medo tem também das palavras, que lhe é doce a recordação do filho morto. Já ouviste alguma mãe dizer-te que preferia não o ter conhecido, nem amamentado, nem acariciado?”

Depois de longo tempo calado, o geômetra disse-me ainda:

“A vida bem arrumada nas minhas costas também já hoje é uma recordação para mim...”

- Ah, geômetra meu amigo, que verdade te torna essa alma serena...

- Conhecer uma verdade é talvez apenas vê-la em silêncio. Conhecer a verdade é talvez ter finalmente direito ao silêncio eterno. Eu tenho o costume de dizer que a árvore, essa relação determinada entre as partes, é verdade. Que o é a floresta, essa relação determinada entre as árvores. A seguir o domínio, que é uma certa relação entre as árvores e as planícies e outros materiais dos domínios. Depois o império, relação entre os domínios e as cidades e outros materiais dos impérios. Por fim Deus, relação perfeita entre os impérios e tudo aquilo que existe no mundo. Deus é tão verdade como a árvore, embora muito mais difícil de ler.” Já não tenho mais problemas a levantar.”

Ele refletiu:

“Eu não conheço outra verdade. Apenas conheço estruturas, que me são mais ou menos cômodas para dizer o mundo. Mas...”

Calou, se desta vez por longo tempo, e não me atrevi a interrompê-lo:

“No entanto, as vezes tive a impressão de que ela era parecida com algo...”

- O que é que tu queres dizer com isso?

- Quando eu procuro é porque já encontrei, pois o espírito apenas deseja o que possui. Encontrar é ver. E como é que eu havia de procurar o que para mim ainda não tem sentido? Como já te disse, o anelo do amor é amor. Não há ninguém que sofra com o desejo do que não se acha concebido. No entanto, cheguei a ter uma espécie de anelo de coisas que ainda não tinham sentido, A não ser assim, por que teria caminhado na direção de verdades que não podia conceber? Escolhi, para poços desconhecidos, caminhos retilíneos que foram semelhantes a regressos. Tive o instinto das minhas estruturas, como as tuas lagartas cegas o tiveram do sol delas.

“E tu, quando constróis um templo e ele é belo, com que é que ele se parece?”

“E quando legiferas sobre o cerimonial dos homens e ele exalta os homens como o fogo aquece o teu cego, com que é que ele se parece? Porque nem todos os templos são belos e há cerimoniais que não exaltam. “Mas as lagartas não conhecem o seu sol, os cegos não conhecem o seu fogo, nem tu conheces o rosto à imagem do qual constróis um templo que é patético para o coração dos homens.

“Havia um rosto que me iluminava de um lado e não do outro, porque me obrigava a voltar-me para ele. Mas ainda não o conheço...”

Foi nessa altura que Deus se mostrou ao meu geômetra.

CXXVII

Os atos maus utilizam, como veículo, almas vis. Os atos nobres, almas nobres. Os atos vis formulam-se por motivos vis.

Os atos nobres, por motivos nobres.

Se mandar trair, mandarei trair por traidores.

Se mandar construir, mandarei construir por carpinteiros. Se fizer a paz, mandá-la-ei assinar por covardes.

Se mandar matar, mandarei declarar a guerra por heróis.

Quem assumirá a responsabilidade por uma tendência que leva a melhor sobre diversas tendências? Aquele que gritou mais forte nessa direção, evidentemente. E se acontece que a direção necessária é humilhante, aquele que a desejou, mesmo que ela não fosse necessária, por simples baixaza, é que te levará por ela.

E é tão difícil mandar as almas heróicas negociarem a rendição, como os mais covardes se pronunciarem sobre o sacrifício.

E se determinado ato é necessário, embora humilhante de um certo ponto de vista, já que nada é simples, mandarei para a frente aquele que, por cheirar mais mal, fará melhor cara. Longe de mim escolher homens delicados de nariz para recolherem os meus caixotes do lixo.

O mesmo se passa com as negociações, se o vencedor for o inimigo. Para conduzi-las, escolherei o amigo do inimigo. Mas não me vás censurar por eu estimar um e por me submeter de bom grado ao outro.

Se pedires aos homens que recolhem os meus caixotes do lixo que se pronunciem, eles te responderão que recolhem os caixotes do lixo por gostarem do cheiro dos detritos.

E o meu carrasco te dirá que decapita por gostar do sangue.

Mas te enganarias se fosses a julgar-me a mim, que mando neles, segundo a sua linguagem. Porque foi o meu horror aos detritos e o meu amor pelos umbrais polidos que me levou a apelar para homens que recolhessem os caixotes do lixo. E foi o horror pelo sangue inocente vertido que me obrigou a inventar um carrasco.

Se desejares compreender os homens, não te ponhas a ouvi-los falar. Se eu, para salvar os celeiros do império, tiver enveredado pela guerra e pelo sacrifício da vida, os mais heróicos, que tornaram a dianteira para pregar a morte, só te falarão da honra e da glória de morrer. Porque não há quem morra por um celeiro. E o mesmo se passa com o amor ao navio, que para o rebitador se torna amor pelos rebites.

Mas se preferi a paz para salvar da pilhagem total alguma coisa dos mesmos celeiros, antes que o fogo tivesse destruído tudo (e portanto já não se levantaria o problema da paz ou da guerra mas o do sono dos mortos) e mandei que fossem os menos prevenidos contra o inimigo a assiná-la, eles te falarão da beleza dessas leis e da justiça dessas decisões. E também eles acreditarão no que dizem. Mas tratava-se de uma coisa completamente diferente.

Se mando recusar algo, aquele que recusaria tudo é quem recusa. Se mando conceder algo, concede-a aquele que concederia tudo.

O império é realidade por demais poderosa e pesada para qualquer vento de palavras a carrear. Esta noite, do alto do meu terraço, olho para essa terra negra, onde milhares de milhares de homens dormem ou velam, felizes ou infelizes, satisfeitos ou insatisfeitos, confiantes ou desesperados. E descobri que o império não tinha voz, porque é um gigante enorme sem linguagem. . Como é que eu havia de transportar para ti o império, com seus desejos, seus fervores, suas lassidões, seus apelos, se nem mesmo eu consigo achar as palavras capazes de transportarem a montanha para ti, que nunca conhecestes senão o mar? Todos eles falavam em nome do império, mas uns de maneira diferente dos outros. E tem razão para tentar falar em nome do império. Porque é bom encontrar um grito que esse gigante sem linguagem possa soltar. Foi o que eu te disse acerca da perfeição. O cântico belo nasce dos cânticos falhados. Porque, se ninguém se exercita no cântico, não nascerão cânticos belos.

Por conseguinte, todos eles se contradizem: ainda não há linguagem para dizer o império. Deixa andar. Ouve-os a todos. Todos tem razão. Mas eles ainda não subiram bastante pelas suas montanhas acima, para que cada um compreenda que o outro tem razão.

E, se começam a brigar, a prenderem-se, a matarem-se uns aos outros, é porque tem desejo de uma palavra que ainda não sabem formar.

E eu os perdôo que balbuciem.

CXXVIII

Perguntas-me tu: “Por que é que esse povo aceita ser reduzido à escravidão e não continua a lutar até o fim?”

Mas convém distinguir o sacrifício por amor, que é nobre, do suicídio por desespero, que é baixo ou vulgar. Para o sacrifício, necessita-se um deus como o domínio ou a comunidade ou o templo, que recebe a parte que tu delegas e na qual te trocas.

Há quem esteja disposto a morrer por todos, ainda que a morte seja inútil. E ela nunca o é. Porque os outros se embelezam e ficam com o olhar mais claro e o espírito mais vasto.

Que pai não se furtará ao aperto dos teus braços, para mergulhar no redemoinho onde o filho se afoga? Tu não o podes deter. Mas, só por isso, hás de desejar que eles mergulhem juntos? Quem se enriquecerá com as suas vidas?

A honra é resplendor, não do suicídio, mas do sacrifício.

CXXIX

Se julgas minha obra, desejo que me fales dela sem me interpores no teu juízo. Porque, se eu esculpo um rosto, troco-me nele e o sirvo. Não é ele que me serve. E, efetivamente, vou ao ponto de aceitar o risco da morte para levar a minha criação a cabo.

Por conseguinte, não poupes as tuas críticas com receio de me ferires na minha vaidade. Não há vaidade em mim. A vaidade não tem sentido para mim, porque se trata, não de mim, mas desse rosto.

Mas se acontece que esse rosto te mudou, por ter transportado algo para ti, também não poupes os teus testemunhos, no receia de ofenderes a minha modéstia. Não há modéstia em mim. Tratar-se-ia de um tiro cujo sentido nos domina, mas no qual é bom nós colaborarmos. Eu como flecha, tu como alvo.

Quando eu morrer.

“Senhor, eu chego a ti, porque trabalhei em teu nome. Para ti, as sementeiras. “Construí este círio. Pertence-te acende-lo.

“Construí este templo. Cabe-te habitar o seu silêncio.

“A presa não é para mim. Eu limitei-me a construir o laço. Tornei essa atitude para ser animado por ela. Construí um homem segundo as tuas divinas linhas de força, para que ele caminhe. Pertence-te usar do veículo, se vires nisso a tua glória.”

Assim, do alto das muralhas, lanço um profundo suspiro. Adeus, meu povo - penso eu. Esvaziei-me do meu amor e vou dormir. No entanto, sou tão invencível como a semente. Eu não disse todos os aspectos do meu rosto. Mas criar não é enunciar. Consegui exprimir-me inteiramente, se emiti um som que é aquele e não outro. Se amei uma atitude, que é aquela e não outra. Se introduzi na massa um fermento que é tal fermento e não outro. Daqui para o futuro, todos vós nascestes de mim. Se ele se vos deparar um ato a escolher entre outros, haveis de encontrar o invisível declive que vos fará desenvolver a minha árvore, e vos realizardes assim de acordo comigo.

“Vós vos sentireis livres, eu morto. Com essa liberdade que o rio tem de se dirigir para o mar ou a pedra abandonada de descer.

“Criai ramos. Criai flores e frutos. Não de vos pesar na vindima.

“Ó meu povo amado, se eu te aumentei a herança, seja fiel de geração em geração. Enquanto a sentinela dava os cem passos, eu rezava e meditava.

“O meu império destaca-me sentinelas que vigiam. Vim assim a atear esse fogo que, na sentinela, se torna chama de vigilância.

“Que belo é o meu soldado quando olha.

Eu transfiguro o mundo, à semelhança da criança das três pedrinhas, basta-me atribuir-lhe valores diversos e diferente papel no jogo. E a realidade, para a criança, não reside nem nas pedrinhas, nem nas regras, que não passam de um laço favorável, mas no fervor decorrente do jogo. E, em recompensa, as pedrinhas se transfiguram.

E que farás dos teus objetos, da tua casa, dos teus amores e dos barulhos próprios para os teus ouvidos, e das imagens mesmo a jeito para os teus olhos, se eles não se tornam materiais do meu invisível palácio, que por sua vez os transfigura?

Mas aqueles que não extraem nenhum sabor, dos seus objetos, por t'alta de um império que os anime, irritam-se contra esses objetos."Por que é que a riqueza não me faz enriquecer?" lamentam-se eles. E concluem que o que tem a fazer é aumentá-la, porque não era suficiente. E açambarcam outras que os atravancam ainda mais. E é ve-los cruéis, fechados no seu irreversível templo. Não sabem que procuram outra coisa, por não a terem encontrado. Encontraram outros homens deliciados a ler as suas cartas de amor. Debruçam-se sobre o ombro deles e, ao verem que extraem a alegria de caracteres negros em páginas brancas, vão e ordenam aos escravos que se dediquem a compor, sobre páginas brancas, mil e um arranjos de caracteres negros. E os açoitam, por não obterem o talismã que faz a gente feliz.

Eles não conhecem aquilo que faz os objetos repercutirem uns sobre os outros. Vivem no deserto das suas pedras ao desbarato.

Mas chego eu, que ao contrario construo o templo. E essas mesmas pedras derramam a beatitude sobre eles.

Tornei-os assim sensíveis à morte. Sem no entanto lamentá-lo. Porque eles passavam a ser sensíveis à vida. Se eu estabelecesse em tua casa o direito de primogenitura, passareis decerto a ter mais motivos para odiar, mas ao mesmo tempo para amar e chorar o teu irmão. Mesmo que, ao abrigo da minha lei, ele te defraudasse... Porque assim morre o irmão mais velho, aquele que tem um sentido. O responsável e guia e o pólo da tribo. E se em vez dele morres tu, a quem ele ajudava, a quem gostava de amar, a quem aconselhava junto à candeia da tarde, ele há de chorar a sua ovelha.

Mas se eu vos tornei iguais e livres uns relativamente aos outros. Nada mudará com a morte; nem sequer haveis de chorar. Eu bem o observei nos meus guerreiros durante o combate. Teu companheiro morreu e, apesar disso as coisas não mudaram muito. Substituíram-no imediatamente por outro. E tu chamas dignidade do soldado, sacrifício consentido, nobreza masculina aquela reserva diante da morte e à tua recusa das lágrimas. Mas dir-te-ei, ainda que isso te possa escandalizar: tu não choras porque não tens motivos para chorar. Não sabes da morte daquele que morreu. Ele morrerá mais tarde, talvez já depois de estabelecida a paz. Hoje sempre há um homem à tua esquerda e outro à tua direita, ambos de espingardas assestadas. Hoje sempre há homens à tua esquerda e outro à tua direita, ambos de espingarda assestadas. Não dispões do ócio para pedires ao homem aquilo que só ele era capaz de dar. Sentes aquela proteção que também o primogênito confere. Aquilo que um dava, dá-lo-á o outro. As bolas de uma caixa não choram a ausência de uma bola, porque uma caixa está toda ela cheia de bolas semelhantes. Limitas-te a dizer daquele que morrer: "Não tenho tempo agora... Ele morrerá mais tarde." Mas ele não morrerá porque, uma vez acabada a guerra, também os vivos se dispersarão. Assim se virá a desfazer a figura que vós formáveis. Haveis de vos juntar vivos e mortos. Os ausentes serão como mortos e os mortos como ausentes.

Mas, se pertenceis a uma árvore, nessa altura cada um depende de todos e todos dependem de cada um. E haveis de chorar, se um de vós se vai embora.

Se vos achais submetidos a alguma figura, há entre vós hierarquia. Nessa altura, a importância de um se manifesta no outro. Onde não houver hierarquia, não há irmãos, Só tenho ouvido dizer "meu irmão" quando existe qualquer dependência.

Não quero tornar-vos de coração insensível à morte. Isso não significa vos endurecer contra uma fraqueza humilhante como seria o temor de perder o sangue ou o medo dos tiros. Esse endurecimento vos faz crescer. Não quero é que passeis com menos dureza pela morte, para assim vos morrerem menos coisas. E, na verdade, quanto mais magra for ao vosso coração a provisão do vosso irmão, menos haveis de chorar a sua morte.

Eu mesmo desejo enriquecer-vos e fazer repercutir o vosso irmão sobre vós. E fazer com que, se vos ama, o vosso amor seja descoberta de um império, e não golfada como que do bode. Na verdade, o bode não chora. Mas basta morrer aquele que amais para vos sentirdes no exílio. E aquele que diz aceitar a morte como homem, é porque se considerava como gado. Acabará por aceitar a sua morte como gado e dirá: "É bom que os homens morram na guerra." . "Mas eu mesmo quero que vós morrais na guerra Porque quem amará, a não ser o guerreiro? Mas não quero que, por covardia, no intuito de virdes a ter menos pena dos tesouros, os degradeis. Quem morrerá, a não ser o autômato morno, incapaz de

sacrificar a mínima coisa ao império?

Eu exijo que me dêem o melhor. Porque só então vós sois grandes.

Não se trata, pois, de vos pedir que desprezeis a vida, mas sim de vo-la fazer amar. E de vos levar também a amar a morte, se ela é preço do império.

Porque nada se opõe. O amor de Deus leva-nos a aumentar o amor ao império. O amor do império, o do domínio. , do domínio, o amor da esposa. E o amor da esposa, o amor da simples bandeja de prata, que é o amor pelo chá à beira dela, após o amor.

Mas, já que vos torno a morte dilacerante, quero ao mesmo tempo consolar-vos. Para os que choram inventei esta oração: Oração contra a morte.

CXXXIII

Acabo de escrever o meu poema. Resta-me corrigi-lo. Meu pai fica todo zangado:

“Escreves o teu poema e depois disso o corriges. que é escrever senão corrigir? O que é esculpir senão corrigir? Já viste modelar a argila? De correção em correção sai um rosto, e a primeira dedada já era correção ao bloco de argila. Ao fundar a minha cidade, mais não faço do que corrigir a areia. Depois corrijo a minha cidade, E, de correção em correção, caminho para Deus.

É verdade, tu te exprimes por relações. E fazes repercutir os sinos uns sobre os outros. Que importância tem os objetos que fazes repercutir? São materiais do laço para capturas, as quais nunca são da essência do laço.

E eu te disse que eram precisos objetos ligados.

Na dança ou na música, há um desenvolvimento no tempo que não me deixa interpretar erradamente a tua mensagem. Estendes-te aqui, abrandas lá, sobes por ali e desces mais além. E tornas-te agora eco de ti próprio.

Mas, quando me apresentas tudo em conjunto, tenho necessidade de um código. Se não houver nariz, nem boca, nem orelha, nem queixo, como é que eu hei de saber o que tu estendes ou encurtas, carregas ou alivias, endireitas ou desvias ou arqueias? Como havia eu de conhecer os teus movimentos e distinguir as tuas repetições e os teus ecos? Como havia de ler a tua mensagem? E a mensagem será o meu código, porque conheço um deles que é perfeito e que é banal.

E, na verdade, se me forneceres um rosto perfeitamente banal, não experimentarás nada a não ser o simples dom do código, o objeto de referencia e o modelo de academia. Eu tenho necessidade dele, não para me comover, mas para ler e que acarretas na minha direção. E, se tu me vens com o próprio modelo, decerto não acarretas nada. Aceito perfeitamente que tu te afastes do modelo e deformes e mistures, mas desde que eu conserve a chave. Nem sequer te censurarei se te aprouver pôr-me o olho na frente.

Quando muito, duvidarei do teu talento. Fazes-me lembrar aquele que, para fazer ouvir a sua música, produzisse muito ruído, ou aquele que, no seu poema, tornasse ostensiva demais uma imagem, para que ela se visse.

A dignidade exige que tu tires os andaimes depois de acabar o templo. Que necessidade tenho eu de ler os teus meios? A tua obra é perfeita, se eu não os consigo descobrir nela.

O que precisamente me interessa não é o nariz. Nem preciso que mo mostrem demasiado, colocando-o na frente. Deve-se evitar a palavra vigorosa demais, sob pena de ela comer a imagem. E mais do que a imagem, ela comerá o estilo.

O que eu solicito de ti é de uma essência diferente do laço. Faz lembrar o teu silêncio na catedral de pedra.

Ora és tu, que ainda há pouco pretendias desprezar a matéria e procurar a essência e te apoiavas sobre essa bela ambição para me forneceres as tuas indecifráveis mensagens, és tu que agora me constróis um laço enorme de cores berrantes, capaz de esmagar e de dissimular o rato nado-morto em que pegaste.

Enquanto me deres azo a que eu te ache pitoresco ou brilhante ou paradoxal, por tornares atitudes de feira, nada terei recebido de ti. Ter-te-ás enganado quanto ao objetivo da criação, que não é mostrares-te a ti próprio, mas sim contribuíres para a minha realização. Ora, se tu agitares na minha frente o teu espantinho de pardais, irei pousar noutra parte.

Mas aquele que me levou para onde ele queria, e depois se retirou, faz-me acreditar que descobro o

mundo e me realizo, como ele desejava.

Mas também não julgues que essa discrição consiste em aplicar uma prensa àquelas partes em que ondulam vagamente um nariz, uma boca e um queixo, como quem se esquece de uma vela junto do fogo. Se desprezares dessa maneira os meios de que usas, começa por suprimir o próprio mármore ou essa argila ou esse bronze, que são ainda mais materiais do que uma simples forma de lábio.

A discrição consiste em não insistires sobre o que me queres fazer ver. Ora, como vejo numerosos rostos ao longo do dia, notarei logo às primeiras que me queres apagar o nariz. Também não é discrição podes o teu mármore numa câmara escura.

Rosto verdadeiramente invisível, sem nada para me dar, é o rosto banal. Mas vós vos tornastes brutos e precisais gritar para que vos ouçam.

Tu, realmente, podes-me desenhar uma tapeçaria pintalgada. Mas ela não tem mais que duas dimensões.

Mesmo que porventura fale aos meus sentidos, não me fala nem ao espírito nem ao coração.

Quero chamar a tua atenção para a miragem da ilha. Julgas tu que, se dispuseres da liberdade das árvores e dos prados e dos rebanhos, se puderes contar com o estímulo da solidão dos grandes espaços e do fervor do amor sem freio, crescerás direito como uma árvore. Mas, pelo que me foi dado ver, as árvores que rompem mais direitas não são aquelas que nascem livres. Essas não se apressam a crescer; meneiam-se durante a ascensão e sobem todas tortas. Ao passo que as da floresta virgem, acossadas por inimigos que lhes roubam a sua parte de sol, escalam o céu com um arremesso vertical, com a urgência de um apelo.

Tu não encontrarás na tua ilha nem liberdade, nem solidão, nem amor.

Se te demorares muito tempo no deserto (outra coisa é ires para lá descansar do barulho das cidades), a única maneira, que eu saiba, de ele se tornar a tal ponto animado que seja terreno para a tua exaltação e te assegure uma tensão permanente, é proporcionar-te lá uma estrutura de linhas de força. Tanto faz que elas sejam da natureza ou do império.

Instalarei a rede dos poços de uma maneira bastante avara para que a tua marcha, em vez de levar, termine em cada um deles. Porque é preciso economizar para o sétimo dia a água dos odres. E tender para esse poço com todas as forças. E ganhá-lo pela vitória. E, sem dúvida, perder cavalgadas em reduzir esse espaço e essa solidão, porque o poço há de requerer o preço dos sacrifícios consentidos. E as caravanas cobertas de areia, que não o conseguiram encontrar, atestam a sua glória. E ele brilha sobre as ossadas delas à luz do sol. Assim, à hora da partida, quando tu verificas o carregamento, puxas pelas cordas para julgar se as mercadorias balançam, controlas o estado das reservas de água, apelas para o melhor de ti mesmo. E eis-te a caminho para o teu país longínquo que as águas abençoam para lá das areias, vencendo a planície de poço para poço, como quem sobe os degraus de uma escada, apanhado pelo cerimonial do deserto, porque há uma dança a dançar e um inimigo a vencer. E, ao mesmo tempo em que te construo uns músculos, construo-te uma alma.

Mas, se eu te quiser enriquecer ainda mais, se quiser que os poços atraiam ou repilam como pólos, com maior força, e que o deserto se torne assim construção para o teu espírito e para o teu coração, o que farei será povoar-te de inimigos. Eles ficarão com os poços e tu, para beberes, terás de recorrer à astúcia, combater e vencer. E conforme as tribos que acamparem aqui e lá forem mais cruéis, menos cruéis, mais vizinhas de espírito ou de uma língua impenetrável, mais bem armadas ou menos bem armadas, assim os teus passos se tornarão mais ágeis ou menos ágeis, mais discretos ou mais ruidosos. As distâncias vencidas ao longo das tuas jornadas de marcha se tornarão variadas, muito embora a planície apresente sempre pontos semelhantes aos nossos olhos. E assim se magnetizará, se diversificará e se tingirá diferentemente uma imensidade que a princípio era amarelada e monótona, mas que, para o teu espírito e para o teu coração, assumirá mais relevo que esses países afortunados onde os vales são frescos, as montanhas azuis, os lagos de água doce e os prados verdes.

Porque o teu passo, aqui, é o passo de um homem punido de morte e, lá, o de um homem libertado. Aqui, o de uma surpresa e, lá, o de uma solução de surpresa. Aqui, o de uma perseguição e, lá, no quarto onde ela dorme e tu não a queres acordar, o de uma discrição atenta.

O mais certo é que não aconteça nada no decurso da maior par te das tuas viagens. Para dar valor à tua

dança, basta que sejam válidas para ti essas diferenças, e motivado, necessário e absoluto o cerimonial daí proveniente. Repara no milagre: se aquele que eu mando juntar à tua caravana ignora a tua linguagem, não participa dos teus medos, das tuas esperanças e das tuas alegrias, se ele se limita a fazer os mesmos gestos que os condutores das tuas montadas, esse homem apenas encontrará um deserto vazio. Passará toda a travessia da interminável planície a bocejar. Só sentirá tédio, um imenso tédio. Nada do meu deserto transformará esse viajante. O poço não terá passado para ele de um buraco pouco profundo, que foi preciso libertar da areia. Nem admira que ele tenha conhecido o tédio, porque o meu deserto é essencialmente invisível: nada mais que um punhado de grãos passeados pelos ventos, embora bastem eles para transfigurar tudo no espírito de quem se encontra ligado, da mesma maneira que basta o sal para transfigurar um festim.

Basta eu te mostrar as regras que regem o meu deserto para ele assumir tal poder e tal domínio a teus olhos que, apesar de tu seres banal, egoísta, zarolho e cético, posso ir-te desencantar aos arrabaldes da minha cidade e impor-te uma só travessia de deserto, para fazer explodir em ti o homem, semelhante a uma semente fora da casca, e começas a desenvolver-te no espírito e no coração. Regressarás transformado, magnífico e feito para viver da vida dos fortes. E, mesmo que eu me tenha limitado a fazer-te participar da linguagem do deserto, ele te terá feito germinar e crescer como um sol, porque o essencial não é próprio das coisas, mas do sentido das coisas.

Tu o terás atravessado como uma piscina milagrosa. E, quando subires para a outra borda, risonho, viril e impressionante, as mulheres reconhecerão logo em ti aquele que elas procuravam. Não precisarás desprezá-las para conquistá-las. Bem louco é aquele que pretende procurar a felicidade dos homens na satisfação dos seus desejos, convencido, por tê-los visto caminhar, de que o que conta para o homem é chegar ao fim. Como se alguma vez houvesse um fim...

Por isso eu digo que o que conta para o homem é a tensão das linhas de força em que ele mergulha, é a sua própria densidade interior daí derivada, é a ressonância dos seus passos e a atração dos poços e a dureza da encosta a subir. Não pensarás estabelecer uma comparação entre o prazer daquele que, depois de subir pela montanha acima, ainda teve de vencer uma última agulha de rochedo à força de pulso e com a ajuda dos joelhos, e o medíocre prazer do sedentário que num dia de repouso se atreveu a arrastar a seu corpo ferido mole até a cúpula fácil de uma colina redonda e a espojar-se por fim, na erva, lá em cima.

Mas tu desmagnetizaste tudo, ao desfazer esse laço divino que liga as coisas. Porque, ao veres os homens precipitarem-se para os poços, julgaste que era questão de poços e lhes mandaste abrir poços. Porque, ao veres os homens tenderem para o repouso do sétimo dia, multiplicaste os dias de repouso. Porque, ao veres os homens desejarem os diamantes, distribuístes diamantes a granel. Porque, ao veres os homens temerem o inimigo, suprimiste-lhes os inimigos. Porque, ao veres os homens desejarem o amor, construístes-lhes bairros proibidos do tamanho de capitais, onde todas as mulheres se vendem. Revelaste assim maior estupidez do que esse velho jogador de malha de que outrora te falei, que procurava a voluptuosidade, sem a encontrar, numa seara de pinos que os escravos lhe derrubavam.

Mas não fiques a julgar ter eu dito que se tratava de te cultivar os teus desejos. Onde nada se mexe, deixa de haver linhas de força. E, se o poço está perto de ti, é certo que o desejas quando morres de sede. Mas se, por qualquer razão, ele te permanece inacessível e não podes receber nem dar-lhe seja o que for, esse poço é como se não existisse. O mesmo acontece com essa transeunte pela qual passas na rua e não pode ser para ti. Mais longínqua, apesar da distância, do que se estivesse noutra cidade e casada noutra lugar. Eu transfiguro-a, se a sei para ti elemento de uma estrutura tensa. E que tu possas sonhar, por exemplo,

caminhares ao encontro dela de noite, encontrares uma escada à sua janela para a raptares e deitá-la no teu cavalo e alegrares-te no teu covil. Ou que tu esperes morrer por ela, na hipótese de ela ser rainha e tu soldado.

Débil e digna de pena é a alegria que tu vais buscar a falsas estruturas, inventando-as por brincadeira. Se amares esse diamante, basta-te caminhar direito a ele com passo mudo, cada vez mais devagar, para viveres uma vida patética. Mas se a tua marcha lenta, direito ao diamante, se integra num ritmo que te constrange e te proíbe apressares o passo, se ao empregares todas as tuas forças por ele encontras os meus freios que te proíbem acelerar mais, então, o jogo não te parece sério. Se o acesso ao diamante não é absolutamente vedado - o que, a teus olhos, lhe tiraria todo o significado, transformando-o em espetáculo sem peso - nem fácil porque então não te exigiriam nada - nem difícil por uma invenção estúpida por inteiro - o que seria caricatura da vida -, se a estrutura for forte e de qualidade numerosa, nessa altura tu és verdadeiramente rico. Que eu saiba, ninguém, a não ser o teu inimigo, te pode fundar. Olha a grande descoberta que te faço: limito-me a dizer que são precisos dois para fazer a guerra.

A tua riqueza é furar poços, chegar a um dia de repouso, extrair o diamante e obter o amor em vez de seres senhor de poços, de dias de repouso, de diamantes, e da liberdade no amor: ou de desejá-los sem aspirar a eles.

Se, por lançares mão de palavras que se repelem, opuseres o desejo à posse, é sinal de que não percebes nada da vida. A tua verdade de homem domina-os e não há nada de contraditório nisso. Para haver dança, requer-se a total expressão do desejo e que tu encontres, não absurdos obstáculos, mas o obstáculo da vida: outro bailarino, teu rival. A não ser assim, tu és tão estúpido como o que joga à cara ou coroa contra si próprio.

Se o meu deserto fosse rico demais em poços, teria de vir uma ordem de Deus que proibisse alguns deles. As linhas de força criadas devem-te dominar de cima, para que aí encontres as tuas inclinações e as tuas tensões e as tuas diligências. Mas, já que nem todas elas são igualmente boas, devem-se parecer com algo que não dependa de ti compreender. Por isso eu digo que há um cerimonial dos poços no deserto.

Não esperes seja o que for da ilha feliz, que é para ti provisão feita para sempre, e faz lembrar essa colheita de pinos tombados. E se eu quiser que os tesouros da tua ilha, que imaginavas deslumbrantes, deslumbrem, uma vez abordados de noite, inventarei um deserto e distribuirei os tesouros ao longo desse deserto, segundo as linhas de um rosto que não será o da essência das coisas. E, se eu desejar salvar-te a tua ilha, hei de oferecer-te um cerimonial dos tesouros da ilha.

CXXXVI

Se quiseres falar de um sol ameaçado de morte, diz-me: sol de outubro. Porque esse sol já esmorece e anuncia a velhice. Mas o sol de novembro ou dezembro chama a atenção para a morte; se recorreres a ele, reparo logo que me fazes um sinal. E não quero saber de ti. Transmitir-me-ias, não gosto da morte, mas o gosto de designação da morte, e não era esse o objeto visado.

Se a palavra levanta a cabeça no meio da tua frase, corta-lhe a cabeça. Porque não se trata de me mostrares uma palavra. A tua frase é um laço para uma captura. Não estou disposto a ver o laço.

Se julgares que se pode enunciar o barulho que os transportes da cidade fazem, estás muito enganado. A não ser assim, tu me dirias: "melancolia" e eu me tornaria melancólico, o que realmente é fácil demais. E realmente reina em ti um vago mimetismo, que te torna parecido ao que eu diga. Se eu disser: "cólera das ondas", sentir-te-ás vagamente balouçado.

E se eu disser: "o guerreiro ameaçado de morte", sentir-te-ás vagamente inquieto pelo meu guerreiro. Questões de hábito. Operações de superfície. A única que vale é conduzir-te lá acima, onde vês o mundo como eu o quis.

Qualquer poema, qualquer imagem de poema, que eu saiba, representa uma forma de ação sobre ti. O poema não pretende explicar-te isto ou aquilo, nem mesmo sugerir-te como julgam as coisas pessoas mais sutis - porque não se trata disto ou daquilo -, mas fazer com que tu te tornes este ou aquele. Mas da mesma maneira que, na escultura, tenho necessidade de um nariz, de uma boca, de um queixo para fazê-los repercutir uns sobre os outros e para assim te apanhar na minha rede, utilizar-me-ei em poesia disto ou daquilo que eu sugerir ou enunciar, para tu te tornares outro.

Se eu recorrer ao luar, não fiques a pensar que se trata de ti ao luar. Trata-se de ti quer ao sol, quer em casa, quer no amor. Trata-se de ti sem mais. Se recorri ao luar foi porque precisava de um signo para me fazer entender. Não podia pegar em todos ao mesmo tempo. E dá-se então esse milagre: a minha ação se irá diversificando à maneira da árvore que na origem era simples, simples semente (essa semente não era uma árvore em miniatura), mas, uma vez exposta ao tempo, deitou ramos e raízes. Coisa semelhante se passa com o homem. Se eu lhe acrescentar algo tão simples que talvez baste uma frase para a acarretar, o meu poder se irá diversificando, e eu modificarei esse homem na sua essência; ele mudará de comportamento 'ao luar, na casa ou no amor.

É por isso que eu te digo: se uma imagem for verdadeira, será como uma civilização em que te encerro. E tu não és capaz de me circunscrever àquilo que ela rege.

Mas tu preferiste talvez uma débil rede de linhas de força. E os seus efeitos morrem no fundo da página. Também há sementes cujo poder se extingue quase logo a seguir, e seres que perdem o entusiasmo. Uma coisa é certa: poderias ter desenvolvido essas linhas, para construíres um mundo.

Quando eu digo "soldado de uma rainha", bem vistas as coisas, não faço alusão nem ao exército, nem ao poder, mas ao amor. E a certo amor: amor que não espera nada para si, que se dá a algo maior do que ele, que nobilita e amplia. Porque esse soldado é mais forte que outro. Se te puseres a observar esse soldado, vê-lo-ás fazer-se respeitar por causa da rainha. E tens a certeza de que não trairá, porque ele reside de coração na rainha e o amor o protege. E o vês voltar à aldeia todo senhor de si; no entanto, tão

pudico se mostra, que todo ele cora quando lhe perguntam alguma coisa da rainha. Mal o chamam para a guerra, logo abandona a mulher, porque os seus sentimentos não são os do soldado do rei, que anda ébrio de cólera contra o inimigo e vai direito a ele com o rei na barriga. O soldado da rainha há de convertê-lo, há de situá-lo também no amor, graças a um combate aparentemente idêntico. Ou ainda...

Mas, a ir mais longe, acabarei por esgotar a imagem, porque ela tem pouco poder. E, se eu tornar o soldado da rainha e o soldado do rei no momento em que comem o pão, ver-me-ei em apuros para os distinguir. Neste caso, a imagem não passa de uma débil candeia: muito embora brilhe, como qualquer candeia, sobre todo o universo, a teus olhos pouco ilumina.

Mas a evidencia forte é como uma semente donde tu poderias tirar o mundo. E por isso eu disse que, uma vez semeada a semente, não era necessário tirares tu os teus comentários, construïres tu o teu dogma e inventares tu os teus meios de ação. A semente pegará no terreno dos homens, e nascer-te-ão servidores aos milhares.

Assim, se tu souberes convencer o homem de que ele é soldado de uma rainha, nascerá como conclusão a tua civilização. Depois do que poderás esquecer a rainha.

CXXXVII

Não te esqueças de que a tua frase é um ato. Se desejas levar-me a agir, não pegues em argumentos. Julgas que me deixarei determinar por argumentos? Não me seria difícil opor, aos teus, melhores argumentos.

Já viste a mulher repudiada reconquistar o marido através de um processo em que ela prova que tem razão? O processo irrita. Ela nem sequer será capaz de te recuperar mostrando-se tal como tu a amavas, porque essa já tu não a amas. Olha aquela infeliz que, nas vésperas do divórcio, teve a idéia de cantar a mesma canção triste que cantava quando noiva. Essa canção triste ainda tornou o homem mais furioso. Talvez ela o recuperasse ele se o conseguisse despertar tal como ele era quando a amava. Mas para isso precisaria de um gênio criador, porque teria de carregar o homem de algo, da mesma maneira que eu o carrego de uma inclinação para o mar que fará dele construtor de navios. Só assim cresceria essa árvore que depois se iria diversificando. E ele havia de pedir de novo a canção triste.

Para fundar o amor mesmo, faço nascer em ti alguém que é para mim. Não te confessarei o meu sofrimento, porque ele te faria desgostares-te de mim. Não te farei censuras: elas te irritariam justamente. Não te direi as razões que tu tens para me amar, porque não as tens. A razão de amar é o amor. Também não me mostrarei mais tal como tu me desejas. Porque tu já não desejas esse. Senão, ainda me amarias. Mas hei de educar-te para mim. E, se sou forte, hei de mostrar-te uma paisagem que fará de ti meu amigo.

Aquela que eu havia esquecido me chegou como uma flecha no coração ao dizer-me: “Ouves o teu relógio de parede perdido?”

Afinal de contas, o que é que eu tenho para te dizer? Tenho ido amiúde sentar-me no alto da montanha. E ponho-me a olhar para a cidade. Ou então, ao passear envolto no silêncio do meu amor, ouço os homens falarem. Na verdade, tenho ouvido palavras às quais se ele segue atos. Há um pai que diz para o filho: “Vai-me encher esta urna à fonte. Ora um cabo diz para o soldado: “Começarás a guardar à meia-noite Mas sempre fui de opinião que estas palavras não encerram nenhum mistério, e que o viajante desconhecedor da linguagem, ao ve-las assim ligadas ao usual, não as teria achado mais surpreendentes do que as deslocções do formigueiro, que nunca parecem obscuras. Ao olhar para os transportes, para as construções, para os cuidados dispensados aos doentes, para as fábricas e para as lojas da minha cidade, não via nada que não fosse próprio de um animal, embora um pouco mais audacioso e inventivo e compreensivo do que os outros. Mas, ao considerar o homem nas suas funções usuais, sempre me deu a impressão de ainda não o ter começado a observar como homem.

Mas havia alturas em que as regras do formigueiro se me mostravam inadequadas para explicar o homem, alturas em que eu precisaria conhecer o sentido das palavras para o apreender: era ao dar com um grupo de homens na praça do mercado, sentados numa roda, a ouvirem um narrador de lendas. Se ele se tivesse gênio, no fim de lhes falar os arrastaria consigo para incendiarem a cidade.

Já tenho visto multidões pacíficas levantarem-se à voz de um profeta e irem-se meter na fornalha de um combate. Mas, para que a multidão desmentisse o comportamento do formigueiro, se transformasse em incêndio e se oferecesse para morrer, era preciso que o vento das palavras trouxesse uma mensagem irresistível.

Aqueles que voltavam para casa pareciam outros. E davam toda a impressão de que, para acreditar nas operações mágicas, não era preciso procurá-las nas patrulhas dos magos. Aí tinha eu à disposição dos ouvidos conjuntos de palavras milagrosas e suscetíveis de me arrancarem à minha casa, ao meu trabalho, aos meus costumes e de me fazerem desejar a morte.

Era por isso que eu ouvia sempre com atenção e procurava distinguir o discurso eficaz daquele que não criava nada, para aprender a reconhecer o objeto do barulho dos transportes em movimento. O enunciado realmente não importa. A não ser assim, toda a gente seria grande poeta, toda a gente seria condutor de homens. Bastaria dizer: "Sigam-me ao assalto, ao cheiro da pólvora queimada..." Mas experimenta e vais ver que se rirão de ti. Lembra-te daqueles que pregam o bem.

Mas, por saber de alguns que tiveram êxito e modificaram os homens, e por ter pedido a Deus que me iluminasse, foi-me dado aprender a reconhecer no vento de palavras o barulho raro do carro das sementes.

CXXXVIII

Adiantei consideravelmente o conhecimento da felicidade e passei a encará-la como problema no dia em que soube ver nela o fruto da escolha de um cerimonial criador de uma alma feliz e não um presente estéril de objetos vãos. Porque não é possível proporcionar a felicidade aos homens como provisão. Meu pai não conseguia dar a esses refugiados berberes nada que os fizesse felizes, ao passa que nos desertos mais agrestes e nas regiões mais rigorosamente nuas tenho visto homens de uma alegria transbordante.

Mas nem por sombra acredito que possas ir buscar a tua felicidade à solidão, ao vazio, à nudez, que aliás podem-te leval^o ao desespero. Aí tens um exemplo sintomático: a felicidade dos homens, em vez de depender da qualidade das provisões que lhes são entregues, deriva da categoria do cerimonial que a prepara.

Embora a experiência me tenha ensinado que se descobrem homens felizes em maior proporção nos desertos, nos mosteiros e no sacrifício do que entre os sedentários dos oásis férteis ou das ilhas ditas afortunadas, nem por isso cometi a asneira de concluir que a qualidade do alimento se opusesse à natureza da felicidade. Acontece simplesmente que, onde os bens são em maior numero, oferecem-se aos homens mais possibilidades de se enganarem quanto à natureza das suas alegrias: estas, efetivamente, parecem provir das coisas, quando resultam do sentido que essas coisas assumem em tal império ou em tal morada ou em tal domínio. Para já, pode acontecer que eles, na abundância, se enganem com maior facilidade e façam circular mais vezes riquezas vãs. Como os homens do deserto ou do mosteiro não possuem nada, sabem muito bem donde lhes vem as alegrias e lhes é assim mais fácil salvarem a própria fonte do seu fervor.

Vem outra vez a propósito evocar o inimigo, que ou te mata ou te amplia. Se tu reconhecesses qual é a verdadeira fonte do teu fervor e conseguisses assim mantê-lo vivo na ilha afortunada ou no oásis, o homem que daí nascesse ele seria sem dúvida maior ainda, da mesma maneira que dum instrumento de várias cordas é lícito esperar um som mais rico que dum instrumento de corda única. A qualidade das madeiras, dos tecidos, das bebidas e das comidas também não podia nobilitar o palácio do meu pai, onde todos os passos tinham um sentido.

Mas há dourados novos que não valem nada no armazém e vem a adquirir sentido uma vez tirados das caixas e distribuídos por uma morada cujo rosto eles embelezam.

Veio de novo a mim esse profeta de olhos duros, que noite e dia alimentava um furor sagrado e que de mais a mais era estrábico:

“Convém obrigá-los ao sacrifício” - sentenciou ele.

- Tens toda a razão - concordei eu. Porque é bom que uma parte das riquezas deles seja retirada das provisões, empobrecendo-os um pouco, mas enriquecendo-os com o sentido que estas nessa altura passarão a ter.”Tais riquezas não lhes valerão de nada, enquanto não tornarem lugar num rosto.”

Mas ele, arrebatado pelo furor, nem sequer me ouvia:

“Eles tem de mergulhar na penitencia - insistia.

- Tem, sim senhor - foi a minha resposta. Privados de alimento nos dias de jejum, terão a alegria de voltar a ele. Além disso, hão de sentir-se talvez solidários daqueles que jejuam por obrigação, ou hão de unir-se a

Deus cultivando a vontade, ou evitarão simplesmente engordar demais. O furor então dominou-o:

“O que é preciso é que eles sejam castigados.”

Compreendi que ele não descansava enquanto não visse o homem acorrentado a um leito, privado de pão e de luz, no fundo de um cárcere.

“Temos de os extirpar do mal - continuava ele.

- Arriskas-te a extirpar tudo - respondi-lhe eu. Não é porventura preferível aumentar o bem, em vez de extirpar o mal? E inventar festas que nobilitem o homem? E vestir-lhe trajes que o tornem menos sujo? E alimentar-lhe melhor os filhos, para que possam valorizar-se no exercício da oração, sem se deixarem absorver pelo sofrimento dos ventres?

“Em vez de limitar os bens devidos ao homem, é preferível salvar-lhe os campos de força, únicos fatores determinantes da sua tempera, únicos rostos que lhe falam ao espírito e ao coração.

“Aqueles que não podem construir barcos, hei de mandá-los fazerem-se à vela e pescarem o peixe. Mas àqueles que não podem lançar navios ao mar, hei de fazer lançar navios ao mar e conquistar o mundo.

- Tu queres então fazê-los apodrecer de riqueza.

- Não quero saber nada de provisões arrecadadas.”Vejo que não me percebeste”, disse-lhe eu.

CXL

Se chamares os teus guardas e os encarregares de te construir um mundo extremamente apetecível, jamais chegarás a ver esse mundo, porque um guarda não tem competência nem categoria para exaltar a tua religião. Não é da essência do guarda ponderar os homens mas fazer executar as tuas ordens, as quais se enquadram num código preciso, como pagar impostos ou não roubar o próximo, ou acatar esta ou aquela regra. Os ritos da tua sociedade e o prazer da refeição à tardinha na companhia dos teus, e não outro prazer, são rosto que te funda este homem e não outro, são linhas do campo de forças que te anima. E o guarda não se vê. Não passa de parede e quadro e armadura. Tu não tens de voltar a encontrá-lo, por muito impiedoso que isso seja, tão impiedoso como o fato de à noite não poderes gozar do sol ou teres de esperar um navio para atravessar o mar, ou, por não dispores de porta à esquerda, teres de sair pela direita. É assim, e está tudo dito.

Se deres maior relevo ao papel do guarda e o encarregares de julgar o homem, o que ninguém no mundo se atreveria a fazer, e de te despistar o mal segundo o seu próprio juízo - e não só de observar os atos, atos esses que pertencem à sua esfera - nessa altura, como nada é simples, como a inclinação é coisa movediça e difícil de formular, e como na realidade não há contrários, só permanecerão livres e ascenderão ao poder aqueles que um forte desgosto não afastar da tua caricatura de vida. Porque se trata de uma ordem que precede o fervor de uma árvore que os lógicos pretendem construir e não de uma árvore nascida de uma semente. A ordem é o efeito da vida e não a sua causa. A ordem é sinal de uma cidade forte e não origem da sua força. A vida e o fervor e a tendência para é que criam a ordem. Mas a ordem nem cria fervor, nem tendência para.

E só se considerarão distinguidos aqueles que, por baixeza de alma, aceitarem o pequeno bazar de idéias pertencente ao formulário do guarda e trocarem a alma por um manual. Por muito elevada que seja a tua imagem do homem, por muito nobre que seja o teu fim, fica sabendo que se tornará vil e estúpido se o enunciares através do guarda. Não é da competência do guarda transmitir uma civilização, mas proibir atos sem compreender porquê.

O homem é inteiramente livre num campo de forças absoluto e coações absolutas, que são guardas invisíveis: aí tens a justiça do meu império.

Por isso eu mandei vir junto de mim os guardas e lhes disse:

“Vocês só julgarão os atos que se acham enumerados no manual. Conto com possíveis injustiças. Efetivamente, pode ser aflitivo que esta parede hoje não se possa franquear, e que em outras ocasiões proteja ladrões, se a mulher assaltada grita do outro lado. Mas uma parede é uma parede e a lei é a lei. “Vocês não hão de fazer incidir juízo algum sobre o homem, pois, no silêncio do meu amor, eu aprendi que não era preciso ouvir o homem para o compreender. É-me impossível pesar o bem e o mal e, ao extirpar o mal, arrisco-me a mandar o bem i para a fornalha. Se isto acontece comigo, como não há de j acontecer a ti, quando eu precisamente te exijo que sejas cego como uma parede?”

“Se eu queimar o supliciado, queimo uma parte que é bela e só no incêndio se revela. Mas aceito esse sacrifício para salvar a armadura. Porque, pela morte dele, eu estico molas que não devo deixar curvar.”

CXLI

Começo portanto meu discurso te dizendo:

“Tu, ó homem insatisfeito nos teus desejos e contrariado pela força, tu que sempre outro impede de crescer...”

E não te levantarás contra mim, porque é verdade que te sentes insatisfeito nos teus desejos e contrariado pela força é reconheces que sempre há de haver alguém que te impeça de crescer. Levar-te-ei a combater o príncipe em nome da vossa igualdade.

Ou então te direi:

“Tu, ó homem que tens necessidade de amar, que só existes através da árvore que constituís juntamente com os outros.”

E não te levantarás contra mim, porque realmente experimentas a necessidade de amar e apenas existes através da obra que serves.

E te levarei a reintegrar o príncipe no trono.

Posso, portanto, dizer-te seja o que for, porque tudo é verdade. E, se me perguntares como reconhecer antecipadamente qual das verdades se tornará viva e germinará, responder-te-ei: aquela que for fecho de abóbada, linguagem simples e simplificação dos teus problemas. E pouco importa a qualidade dos meus enunciados. O que é importante é eu ter-te situado aqui ou algures. Se acontece que este ponto de vista ilumina a maior parte dos teus litígios - e eles deixam de existir - és tu que hás de enunciar as tuas observações e pouco importa se, aqui ou lá, eu me expressei mal ou me enganei. Hás de ver as coisas como eu queria porque, em vez de te aparecer com um raciocínio, proporcionei-te um ponto de vista a partir do qual raciocinar.

Pode acontecer, é certo, que várias linguagens te expliquem o mundo ou a ti próprio. E que se guerreiem umas às outras. Todas coerentes e sólidas. Sem nenhuma levar a melhor. Sem sequer ao menos estar na tua mão argumentar contra o teu adversário, porque ele tem tanta razão como tu. Porque vocês lutam em nome de Deus.

“O homem é aquele que produz e consome...” É verdade que produz e consome.

“O homem é aquele que escreve poemas e aprende a ler nos astros...” É verdade que escreve poemas e estuda os astros.

“O homem é aquele que só em Deus encontra a beatitude...” É verdade que aprende a alegria nos mosteiros.

Mas fica por dizer do homem algo que contenha todos os enunciados. Os enunciados desencadeiam ódios, pois o campo da consciencia é minúsculo e aquele que encontra uma fórmula julga que os outros mentem ou estão no erro. Mas todos tem razão.

O meu princípio há de refletir aquilo que eu, com toda a evidencia, aprendi na minha vida de todos os dias: que, à semelhança do que se passa com as cozinhas do meu palácio, produzir e consumir é, não o mais importante, mas o mais urgente. Eu não quero saber da urgência. Se assim não fosse, eu também poderia dizer: homem é aquele que só vale alguma coisa quando de boa saúde... E a partir daí deduzir

uma civilização onde, sob o pretexto dessa urgência, eu instalasse o médico como juiz das ações e dos pensamentos do homem. Mas, depois de mais de uma vez ter aprendido mesmo próprio que a saúde é apenas um meio e não um fim, quero que essa hierarquia se reflita também no meu princípio. Porque, se o teu princípio não for absurdo, é provável que leve consigo a necessidade de favorecer a produção, o consumo ou o desejo da disciplina para a saúde. Assim como a semente, que é uma, se diversifica segundo o seu crescimento, assim como a civilização da imagem, que é uma, se move diferentemente conforme o teu quadro ou o teu estado, também não há nada que, afinal de contas, o meu princípio não governe.

Direi portanto do homem: “Sendo o homem aquele que apenas vale dentro dum campo de forças, sendo o homem aquele que só comunica através dos deuses que concebe e que o governam a ele e aos outros, sendo o homem aquele que só encontra alegria em se trocar pela sua criação, sendo o homem aquele que só morre feliz se delega, sendo o homem aquele que as provisões esgotam e para quem é poético todo o conjunto mostrado, sendo o homem aquele que procura conhecer e se embriaga quando descobre, sendo o homem aquele que...”

Convém-me formular o homem de tal maneira que as suas aspirações essenciais não saiam diminuídas nem transtornadas. Se é preciso arruinar o espírito de criação para fundar a ordem, essa ordem não me interessa. Se é preciso apagar o campo de forças para acrescer o contorno do ventre, esse contorno do ventre não me interessa. Mas se, para fomentar o espírito de criação do homem, é indispensável fazê-lo apodrecer na desordem, recuso-me a ouvir falar dessa espécie de espírito que se arruína a si próprio. Se, para exaltar esse campo de forças, é condição indispensável dar morte ao homem, não quero saber desse campo de forças de um homem que deixaria de existir.

Portanto eu, o capitão que vela pela cidade, tenho esta tarde de falar sobre o homem. E, da inclinação que eu criar, há de nascer a qualidade da viagem.

CXLII

Eu já de antemão sabia não vir a alcançar uma verdade absoluta e demonstrável, suscetível de convencer os meus adversários. Propunha-me simplesmente obter uma imagem que contivesse um homem em potencia e favorecesse o que, em meu entender, o homem tem de mais nobre, submetendo a esse princípio todos os outros.

Ora, é evidente que não me interessa submeter a nobreza dos amores, o valor dos conhecimentos, o calor das alegrias do homem à ampliação da periferia do seu ventre. Isso seria converter o homem naquele que consome e produz. Apesar de tudo - e não vejo aqui contradição ou subterfúgio - procurarei abastecê-lo o melhor possível. Os que só lhe cuidam da periferia do ventre também defendem que nem por isso desprezam o espírito.

Se a minha imagem for forte, há de desenvolver-se como uma semente. Por isso é tão importante escolhe-la. Já viste inclinação para o mar que não se transformasse em navio?

Em meu entender, também não são os conhecimentos o mais importante. Uma coisa é instruir e outra educar. Não é sobre a soma das idéias que repousa o valor do homem, mas sobre o valor do instrumento que permite adquiri-las.

Os materiais que poderás utilizar, sem desprezares nenhum, são sempre os mesmos. Mas poderás extrair deles seja que rosto for.

Não falta quem acuse o rosto escolhido de ser gratuito e de submeter os homens à arbítrio; vai por vezes ao ponto de os convidar a morrer pela conquista de qualquer oásis inútil, com o pretexto de que a conquista os seduz. Qualquer justificação é desnecessária, porque o meu rosto pode coexistir com todos os outros, também verdadeiros, e porque nós afinal de contas combatemos por deuses, os quais são escolha de uma estrutura através dos mesmos objetos.

Só a revelação e a aparição de arcanjos poderiam decidir. Mas seriam brincadeiras de mau gosto, porque, se Deus se torna parecido a mim para se mostrar, é porque não é Deus e, se é Deus, o meu espírito pode lê-lo mas não os meus sentidos. E, se o meu espírito tem a virtude de o ler, só o reconhecerei pela repercussão d'Ele sobre mim. É o que acontece com a beleza do templo e com aquele cego que se encaminha para o fogo através do tato. Ele só pode conhecer esse fogo pelo seu próprio contentamento, embora eu o procure e lhe venha a proporcionar. Por outras palavras: se Deus me fez sair d'Ele, a sua gravitação leva-me a Ele. E se tu vês prosperar o cedro, é porque ele mergulha no sol, embora o sol não revista significado para o cedro.

Para empregar as palavras do meu amigo, o único geômetra verdadeiro, tenho a impressão de que as nossas estruturas se parecem a algo, porque não tem explicação alguma o movimento que nos leva a esses poços ignorados. E, se eu chamar deus a esse sol desconhecido que governa a gravitação dos meus movimentos, o meu intuito é ler a sua verdade na eficácia da linguagem.

Eu, que domino a cidade, sou esta tarde como o capitão de um navio no alto mar. Julgas tu que o interesse, a felicidade e a razão é que governam os homens. Mas eu não quis saber do teu interesse, nem da tua razão, nem da tua felicidade, porque se me afigurou que denominavas simplesmente interesse ou

felicidade aquilo para que os homens tendiam. Ora eu não sei que fazer de águas marinhas que mudam de forma. Quanto à razão, que vai onde se quiser, se me afigurou rasto na areia de algo que está para além dela.

Nunca foi a razão que guiou o único geômetra verdadeiro, meu amigo. A razão escreve os comentários, deduz as leis, redige os ordenamentos e arranca a árvore à semente, de conclusão em conclusão, até ao dia em que a semente morre e a razão deixa de ser eficaz e se requer outra semente.

Mas eu, que domino a cidade e chego a fazer lembrar o capitão de um navio no alto mar, sei que só o espírito governa os homens e que os governa absolutamente. Porque se o homem entreviu uma estrutura, escreveu o poema, acarretou a semente para o coração dos homens, então o interesse, a felicidade ou a razão virão, como servos, servir. Serão expressões no coração, ou sombras na parede das realidades, da mudança em árvore da tua semente.

E não está na tua mão defenderes-te do espírito. Se eu te instalo no alto desta montanha e não daquela, como hás de tu negar, já que assim é, que as cidades e os rios constituem este arranjo e não outro?

Por isso hei de fazer com que tu te realizes. Por isso aqui me tens, responsável pela verdadeira direção da minha cidade debaixo das estrelas, muito embora ela durma e, ao ler os atos dos homens, tu apenas encontres satisfação do interesse, desejo de felicidade ou movimento da razão.

Nem eles sabem a direção que tornaram. Estão convencidos de que agem movidos por interesse ou por gosto da felicidade ou pela razão. Desconhecem que a razão, o gosto da felicidade ou o interesse mudam de forma e de sentido conforme o império.

Neste império que eu lhes proponho, o interesse está em ter tanto entusiasmo como a criança ao jogar o jogo mais emocionante. A felicidade está em uma pessoa se trocar pelo objeto da sua criação e em permanecer nele. A razão, em legiferar com coerência. A razão do exército é o regulamento do exército, que faz as coisas repercutirem umas sobre as outras desta maneira e não de outra. A razão de um navio é o regulamento do navio. E a razão do meu império é o conjunto das leis, dos dogmas, dos códigos, que assim me farão as coisas repercutirem umas sobre as outras coerentemente.

Mas o som que essa repercussão produzir é meu, uno e indemonstrável. Talvez me perguntes: “Para que a tua sujeição?”

Depois de eu ter fundado um rosto, é preciso que ele permaneça. Uma vez modelado um rosto de terra, faço-o passar pelo forno para o enrijar e para que dure bastante tempo. Porque a minha verdade, para ser fértil, deve ser estável. O que é que tu amarás, que será feito das tuas grandes ações se mudares de amor todos os dias? Só a continuidade permitirá a fertilidade do teu esforço. Porque a criação é rara. Se por vezes é urgente que, para te salvar, ela te seja dada, seria mau que te atingisse todos os dias. Para preparar um homem, preciso de várias gerações. E, a pretexto de melhorar a árvore, não a corto todos os dias, para a substituir por uma semente.

E, efetivamente, eu conheço apenas seres que nascem, vivem e morrem. E tu que fizeste? Pegaste em cabras, em carneiros, em moradas e em montanhas e, desse conjunto, nascerá hoje um ser novo, que há de modificar o comportamento dos homens. E há de durar, esgotar-se a seguir e acabar por morrer, após ter usado desse dom da vida.

E o nascimento é sempre pura criação, fogo descido do céu. Princípio animador. A vida não segue sempre uma curva contínua. Olha: tens na tua frente este ovo. Depois, ele vai evoluindo a pouco e pouco e há uma lógica do ovo. Mas chega o segundo em que a cobra sai e todos os problemas se alteram

para ti.

Há operários no estaleiro, no meio do conjunto das pedras. E há uma lógica do conjunto das pedras. Mas vem a hora em que o templo se abre e transfigura o homem. E, para o homem, todos os problemas se alteram.

Se eu lancei sobre ti a semente da minha civilização, necessito de mais do que uma duração de homem para que ela desenvolva os seus ramos, as suas folhas e os seus frutos. E recuso-me a mudar de rosto todos os dias, porque nada nascerá.

O teu grande erro é acreditares na duração de uma vida do homem. Porque, em primeiro lugar, em quem ou em que coisa delega ele quando morre? Eu tenho necessidade de um deus para me receber.

Preciso morrer com a simplicidade das coisas que são. E, um ano depois, as minhas oliveiras darão azeitonas para ns meus filhos. E aí me tens tu, cheio de calma, na hora da morte.

CXLIII

Assim me foi revelado progressivamente que não era preciso ouvir os homens, mas compreendê-los. Lá em baixo na cidade, sob os meus olhos, a gente pouca consciencia tem da cidade. Eles julgam-se arquitetos, pedreiros, guardas, padres, tecedores de linha, julgam-se pelos seus interesses ou pela sua felicidade e não sentem o amor, da mesma maneira que o não sente aquele que vagueia pela casa, todo absorvido pelas dificuldades do dia. O dia é para as cenas do lar. Mas, à noite, aquele que discutiu volta a encontrar o amor. Porque o amor é maior do que esse vento de palavras. E o homem assoma à janela, à luz das estrelas, de novo responsável por aqueles que dormem, pela ganho do pão, pelo sono da esposa que está mesmo ali ao lado, tão frágil e delicada e passageira. No amor não se pensa. O amor é.

Mas essa voz apenas fala no silencio. E o que digo da tua j casa, digo da cidade. E o que digo da cidade, digo do império. ;' É reinar uma calma extraordinária e logo vês os teus deuses.

Não há ninguém neste mundo que saiba em que dia está disposto a morrer. E lhe parecerão ridículas as palavras que \ não lhe falarem da cidade por meio da imagem do seu interesse ou da felicidade, pois ele não sabe que são efeitos da cidade. Mesquinha linguagem para tão sublime realidade.

Mas, se dominares a cidade e recuares na tempo para ver a sua evolução, descobrirás a lenta e calma deslocação do navio, através da confusão, do egoísmo, da agitação dos homens. Se voltares alguns séculos depois, para veres a esteira que eles deixaram, os descobrirás nos poemas, nas esculturas de pedra, nas regras do conhecimento e nos templos que ainda emergirem da areia. O quotidiano se terá apagado e fundido. E compreenderás que aquilo a que eles chamavam interesse ou gosto da felicidade não passava de reflexo de uma grande realidade.

O homem que eu disse terá feito o seu caminho.

Olha agora o meu exército acampado. Amanhã de manhã no meio da fornalha do vento de areia, lançá-lo-ei sobre o inimigo. E o inimigo se tornará para ele como que um cadinho que o há de fundir. E lhe correrá o sangue e, a uma golpe de sabre , à luz do dia, acharão termo mil e uma felicidades particulares doravante aniquiladas, mil e um interesses doravante prostrados. Apesar disso, o meu exército não conhecerá a revolta, porque o seu comportamento não é o comportamento de um homem, mas do próprio homem.

E, no entanto, embora eu saiba que o meu exército aceitará morrer amanhã, se eu esta noite caminho a passos lentos, envolto no silencio do meu amor, entre os templos e os fogos do acampamento, mesmo que ouça os homens falarem, não ouvirei a voz daquele que aceita a morte.

Aqui, gracejarão à custa do teu nariz torto. Lá, discutirão por um quarto de carne. E esse grupo acocorado se carregará de palavras vivas, que te parecerão insultantes para o condutor'desse exército. E, se eu disser a um deles que está ébrio de sacrificio, ouvi-lo-ás rir-se nas tuas barbas, por te achar enfático demais. Apesar de amanhã vir a morrer pelo seu cabo, esse soldado faz ver que não quer saber dele, que o não acha com categoria para merecer semelhante presente, que, embora o cabo se considere tão importante, não pensa, nem entende dever, nem lhe parece digno morrer por ele.

Não encontrarás em parte alguma esse grande rosto que afronta a morte e se entrega ao amor. E, se fores a ter em conta o vento de palavras, voltarás lentamente para a tua tenda com o sabor da derrota

nos lábios. Porque eles chalaceavam e criticavam a guerra e injuriavam os chefes.

Reparaste nos que lavavam as pontes, nos que ferravam as velas, nos que forjavam os rebites, mas escapou-te a majestade do navio e porque tu eras míope e esbarrachavas o nariz contra o objeto.

CXLIV

Fui certa noite visitar as minhas prisões. Já estava à espera disso: os guardas tinham agarrado e tinham metido no cárcere precisamente aqueles que se mostravam permanentes, os que não fingiam nada, os que não abjuravam das suas verdades.

E tinham deixado em liberdade os que abjuravam e que trapaceavam. Lembra-te das minhas palavras : qualquer que seja a civilização do polícia e qualquer que seja a tua, só aquele que é vil se agüenta diante do polícia dotado do poder de julgar. Seja que verdade for, se é verdade de homem e não de lógico estúpido, é vício e erro para o polícia. Porque ele te quer de um só livro, de um só homem, de uma só fórmula. É característico do guarda construir o navio à custa de suprimir o mar.

CXLV

Estou farto das palavras que se repelem e não me parece absurdo procurar, na qualidade das minhas obrigações, a qualidade da minha liberdade.

Na qualidade da coragem do homem em campanha, a qualidade do seu amor. Na qualidade de suas privações, a qualidade do seu luxo.

Na qualidade da sua aceitação da morte, a qualidade das suas alegrias durante a vida.

Na qualidade da sua hierarquia, a qualidade da sua igualdade, a que eu chamarei aliança. Na qualidade da sua recusa dos bens, a qualidade do uso dos mesmos bens.

Na qualidade da sua submissão total ao império, a qualidade da sua dignidade individual.

Porque, se tu pretendes favorecer o homem, diz-me então o que é um homem sozinho. Eu bem o vi, quando foi dos meus leprosos.

E, se tu pretendes favorecer a comunidade, diz-me então que é uma comunidade opulenta e livre. Eu bem o vi, quando foi dos meus berberes.

CXLVI

Para os que não compreendiam as minhas obrigações, tive a seguinte resposta:

“Vocês fazem lembrar a criança que, por só ter conhecido no mundo uma forma de talha, a considera absoluta e, mais tarde, ao mudar de casa, não compreende por que deformaram e desviaram a talha essencial da sua casa. E assim, quando vês forjarem no império vizinho um homem diferente de ti, que experimenta e pensa e ama e se queixa de maneira diferente, tu perguntas a ti próprio por que é que eles deformam o homem. Daí a tua fraqueza. Não salvarás a arquitetura do teu templo, se ignorares que ela é de um desenho frágil, que ela é vitória do homem sobre a natureza. E que existem, seja onde for, quilhas mestras, pilares, arcos de abóbada e contrafortes para a sustentar.

“Não imaginas a ameaça que pesa sobre ti, porque apenas vês na obra do outro o efeito de um desvio passageiro e não compreendes que está prestes a soçobrar para toda a eternidade um homem que nunca mais renascerá.

“Julgavas-te livre e indignavas-te quando eu te falava das minhas obrigações. E, no entanto, eram muito mais imperiosas do que as de um guarda visível, por não se notarem. Tornas porventura como um insulto à tua liberdade a porta aberta na parede, que te faz dares uma volta para sair?

“Mas se quiseses ver aparecer o campo de forças que te funda e te permite movimentos, emoções, experiências, pensamentos, amor, queixas e ódios, estes e não outros, pensa no espartilho que há na casa do teu vizinho e se começa a fazer sentir, porque nessa altura ele se tornará sensível.

“A não ser assim, desconhecê-lo-ás sempre. A pedra que cai não sente a força que a puxa para baixo. Uma pedra só pesa quando imóvel.

“É quando resistes. que conheces o que te move. E, para a folha entregue ao vento, deixa de haver vento, da mesma maneira que para a pedra liberta deixa de haver peso.

“Só verias o formidável constrangimento que impende sobre ti com tanta evidencia como vês a parede, se te pudesse passar pela cabeça a idéia de incendiaries, por exemplo, a cidade.

“Nem sequer costumavas reparar no constrangimento mais simples da tua linguagem. “Todo código é constrangimento, mas constrangimento invisível.

CXLVII

Fui então estudar os livros dos príncipes, os regulamentos promulgados nos impérios, os ritos das diversas regiões, as cerimônias dos funerais, das casamentos e dos nascimentos, as do meu povo e as dos outros povos, as do presente e as do passado. Procurava descobrir relações simples entre os homens na qualidade das suas almas e das leis promulgadas para os fundar, reger e perpetuar, e não as consegui descobrir.

No entanto, quando tinha qualquer assunto a tratar com aquele que vinha a mim do império vizinho, onde reina determinado cerimonial dos sacrifícios, eu sempre o via chegar com o seu ramo de flores, o seu aroma e a sua maneira própria de amar ou de odiar, porque não há nem amor nem ódio que se pareçam. Assistia-me o direito de perguntar comigo mesmo, quanto a semelhante gênese: "Como é que tal rito, que me parece sem conexão, sem eficácia e sem ação, pois se insere num domínio estranho ao amor, funda este amor e não outro? Onde é que então se situa o laço entre um ato, e as muralhas que governam o ato, e tal qualidade do sorriso que é próprio daquele e não do vizinho?"

O meu intuito não era vão. Ao longo da minha vida, tinha tido oportunidade de ver que os homens diferem uns dos outros, ainda que as diferenças sejam invisíveis a princípio e não se notem na conversa, pois lançamos mão de um intérprete e ele tem por missão traduzir-nos as palavras do outro, isto é, procurar na nossa linguagem o que melhor se parecer com e que foi emitido numa outra linguagem. Ora, como amor, justiça ou ciúme te aparecem traduzidos por ciúme, justiça e amor, ficarás espantado com as semelhanças, ainda que o conteúdo das palavras não seja o mesmo. E, se levares mais longe a análise da palavra, de tradução em tradução, só procurarás e encontrarás as parecenças e te fugirá como sempre, na análise, o que tu pretendias apreender.

Se desejas compreender os homens, é preciso não ouvi-los falar. E, no entanto, as diferenças são absolutas. Porque nem o amor, nem a justiça, nem o ciúme, nem a morte, nem o cântico, nem a troca pelos filhos, nem a troca pelo príncipe, nem a troca pela amada, nem a troca pela criação, nem o rosto da felicidade na forma do interesse, nem a forma do interesse se parecem num lado e no outro. Conheci gente que se dava por saciada e fechava os lábios ou piscava os olhos de satisfação: para se fazerem passar por modestos, alguns deles chamavam-me a atenção para as unhas compridas, os outros mostravam-me os calos na palma das mãos. Conheci outras pessoas que mediam o seu valor pelo ouro que tinham nas caves. Chamarás a isto avareza sórdida, mas é que não conheceste outros que experimentavam os mesmos sentimentos de orgulho e se compraziam em si próprios só por terem rolado pedras inúteis na montanha.

Mas tive toda a impressão de que a minha tentativa estava condenada ao malogro, porque não há dedução para passar de um andar para outro. Pretensão afinal tão absurda como a do bobo que, ao admirar uma estátua na tua companhia, te pretende explicar, pela linha do nariz ou pela dimensão da orelha, o objeto do barulho dos transportes das cidades que, por exemplo, era melancolia de uma tarde de festa, e só passou para a obra como captura, a qual nunca é da essência dos materiais.

Vim igualmente a saber que o erro estava em eu procurar explicar a árvore pelos sucos minerais, o silêncio pelas pedras, a melancolia pelas linhas, e a nobreza da alma pelo cerimonial, inventando assim a ordem natural da criação. Eu devia mas era ter procurado esclarecer a ascensão dos minerais pela gênese

da árvore, a disposição das pedras pelo gosto do silêncio, a estrutura das linhas pelo domínio exercido sobre elas pela melancolia, e o cerimonial pela magnanimidade que é una e impossível de definir pelas palavras, precisamente porque, para a apreender, regular e perpetuar, tu vieste oferecer-me esse laço, o qual é determinado cerimonial e não outro.

Quando era jovem, andei na caça ao jaguar. Abria covas para jaguar, habitadas por um cordeiro, cheias de estacas e cobertas de erva. De madrugada, quando eu voltava, encontrava lá o corpo do jaguar. Para tu inventares a cova do jaguar, com as suas estacas, o seu cordeiro e a sua erva, é questão de conheceres os costumes do jaguar. Mas se não souberes nada do jaguar e eu te pedir que estudes uma cova para o apanhar, não serás capaz de a inventar.

Por isso eu te disse que a meu amigo, o verdadeiro geômetra, é aquele que sente o jaguar e inventa a cova. Muito embora ele nunca o tenha visto. E os comentaristas do geômetra compreenderam, porque lhes mostraram o jaguar que foi apanhado; mas eles te consideram o mundo com essas estacas, esses cordeiros, essas ervas e outros elementos da sua lavra, e esperam tirar daí verdades, graças à sua lógica. Mas essas verdades fazem-se esperar. Eles permanecem estéreis até ao dia em que se lhes apresenta aquele que pressente o jaguar sem o conhecer, e por o pressentir o captura e depois to exhibe. Para te conduzir a ele, serviu-se assim de um caminho semelhante a um regresso.

E meu pai foi geômetra que fundou o seu cerimonial para capturar o homem. Houve outros que fundaram algures, como outrora, outros cerimoniais e capturaram outros homens. Mas chegaram os tempos da estupidez dos lógicos, dos historiadores e dos críticos. Eles olham para o teu cerimonial e não deduzem dele a imagem do homem, porque ela não se pode deduzir. Em nome do vento de palavras a que eles chamaram razão, dispersam-te ao sabor das liberdades dos elementos do laço, arruinam-te o cerimonial e deixam-te fugir a presa.

CXLVIII

Mas acabei por descobrir os diques que me fundavam o homem, durante um desses meus passeios através de um campo alheio. Eu tinha tornado, ao passo lento do meu cavalo, por um caminho que ligava uma aldeia a outra. Ele poderia ter atravessado a planície direto, mas preferiu as bordas de um campo. Semelhante desvio fez-me perder algum tempo. Esse grande quadrado de aveia a isso me obrigou. O meu instinto, entregue a si próprio, me teria levado reto, mas o peso de um campo me fazia desviar. E consumia-me a existência de um quadrado de aveia, porque lhe consagrei minutos que me teriam servido para outra coisa. Esse campo colonizava-me, porque eu consentia no desvio, quando poderia ter lançado o cavalo pela aveia adentro, em vez de a respeitar como um templo. Depois, o meu caminho levou-me ao longo de um domínio cercada de muros. O meu cavalo respeitou o domínio e desviou, numa curva lenta, por causa de saliências e reentrâncias do muro de pedra. E eu via, para além do muro, árvores mais fechadas que as dos nossos oásis e um ou outro tanque de água doce, que cintilava para além dos ramos. Só se ouvia o silêncio. Passei a seguir junto de um portal oculto pela folhagem. E, aí, o meu caminho se dividia: um dos ramos servia esse domínio. Pouco a pouco, no decurso da lenta peregrinação, enquanto o meu cavalo lá ia trotando nas trilhas ou puxando pelas rédeas para comer o capim ao longo dos muros, tive a sensação de que o meu caminho, com todas aquelas inflexões sutis e os respeitos e os lazeres e aquele tempo perdido, que só se costuma perder por causa de algum rito ou na antecâmara de algum rei, desenhava afinal o rosto de um príncipe; e todos aqueles que o tornavam, sacudidos pelas carroças ou balançados pelos burros vagarosos, exercitavam-se, sem o saber, no amor.

Meu pai dizia:

“Eles julgam-se mais ricos quando aumentam o vocabulário. Eu poderia, é certo, usar mais uma palavra que significasse para mim o sol de outubro, por oposição a outro sol. Mas não vejo o que é que ganharia com isso. Descubro, pelo contrário, que perderia assim a expressão dessa dependência que me liga outubro e os frutos de outubro e o seu frescor a esse sol que, por estar velho e cansado, já não cai tão a pique. Raras são as palavras que me fazem ganhar algo, por exprimirem num ápice um sistema de dependência de que me servirei algures. É o caso da palavra ”ciúme”. Porque ciúme me permitirá identificar, sem ter de desfiar todo sistema de dependências, isto que eu hei de comparar àquilo. Poderei, por exemplo, dizer-te: “a sede é ciúme da água” . Porque aqueles que eu vi morrer de sede, se me pareceram supliciados não foi por uma doença, não mais abominável em si mesma do que a lepra, a qual te embrutece e te arranca modestos gemidos. A água faz-te berrar, porque tu a desejas e vês em sonhos os outros beberem. E te achas nem mais nem menos que traído pela água que corre noutro lugar. Aí está essa mulher que sorri para o teu inimigo. O sofrimento que te assalta não é de doença, mas de religião de amor e de imagens, as quais. são eficazes sobre ti de uma maneira diferente, Porque tu vives segundo um império, que não é de coisas, mas de sentido das coisas.

“Mas o sol de outubro de pouco me servirá, por ser demasiado particular.

“Mas já te enriquecerei se te exercitar em diligencias que, com as mesmas palavras, te permitam construir laços diferentes e bons para todas as capturas. Os mesmos nós de uma corda, tu podes separar aqueles que forem bons para as raposas ou para te sustentarem as tuas velas no mar e receberem o vento. Mas o jogo das minhas orações subordinadas e as inflexões dos meus verbos e o fôlego dos meus períodos e a ação sobre os complementos e os ecos e as repetições são como uma dança tal que, cada vez que a dançares, acarretarás para outro o que pretendias transmitir ou apreenderás no teu livro que pretendias apreender. “Tornar consciencia - dizia algures meu pai - é, em primeiro lugar, adquirir um estilo.

“Tornar consciencia - afirmava ele ainda - não é uma pessoa receber um bazar de idéias para depois adormecer. Os teus conhecimentos só me interessam na medida em que os utilizares como objetos e como meios no exercício da tua profissão, que é me construíres uma ponte ou extraíres-me o ouro, ou - se eu tiver necessidade disso - informares-me da distância entre as capitais. Mas esse formulário não é o homem. Tornar consciencia também não é aumentares ó teu vocabulário. Esse acréscimo só tem por objeta permitir-te ir mais longe e poderes comparar os teus ciúmes. Mas só a qualidade do teu estilo te garantirá a qualidade dos processos. A não ser assim, não saberei que fazer desses resumos do teu pensamento. Prefiro ouvir dizer o sol de outubro, que me sensibiliza mais do que a tua palavra nova e me fala aos olhos e ao coração. As tuas pedras são primeiro pedras, a seguir conjuntos de colunas, depois de juntas as colunas, catedrais. Mas, se eu te ofereci esses conjuntos cada vez mais vastos, foi graças ao gênio do meu arquiteto, que viu neles formas onde realizar as operações cada vez mais amplas do seu estilo, isto é, da expansão das suas linhas de força nas pedras. Na frase, também é possível realizar essas operações. E é o importante. “Prende-me esse ele selvagem - dizia meu pai. Experimenta enriquecer-lhe o vocabulário e ele se transformará num inveterado bobo. Enche-lhe a cabeça com a totalidade dos teus conhecimentos, e esse tagarela se tornará pretensioso e vão. Ver-te-ás em apuros para o fazer parar. Embebedar-se-á de verborréias vazias. E tu, cego, perguntarás de ti para ti: será possível

que a minha cultura, em vez de elevar, tenha abastardado esse ele selvagem e o tenha convertido, não nu sábio que eu esperava, mas num detrito que não serve para nada? Reconheço agora que grande e nobre e puro era ele na ignorância!”

“Não reparas ou te esqueces de que o único presente útil para ele é o domínio de um estilo. Tu que lho proporcionas e logo ele, em vez de brincar com os objetos dos seus conhecimentos como quem brinca com balões de cor, de se divertir com o som que produzem e de se embriagar com o seu malabarismo, passará a orientar-se para essas manobras do espírito que são ascensões do homem, embora talvez lance mão de menos objetos. E o verás tornar-se reservado e silencioso como a criança que, depois de receber de ti um brinquedo, começa por ver se faz barulho. Explicas-lhe então que pode tirar conjuntos desse estilo que lhe deste. Fica pensativo e calado. Fecha-se no quarto, enruga a fronte e começa a nascer para o estado de homem.

“Faz o que te digo: começa por ensinar a esse bruto a gramática e o uso dos verbos e dos complementos. Ensina-lhe a agir, antes de lhe dizeres sobre que deve agir. Ele, que fazia barulho demais, que ruminava - como tu dizias - idéias demais. , que te deixava arrasado, terá afinal descoberto o silêncio.

“É esse o único sinal da qualidade.”

CL

É o caso da verdade, quando ela se adapta ao meu uso.

Ficas toda admirado. Mas não te admiras, que eu saiba, quando a água que bebes, o pão que comes, se fazem luz dos olhos. Nem quando o sol se torna ramada e fruto e semente. E, realmente, não encontrarás nada no fruto que se pareça com o sol. Também não há nada no cedro que se pareça com a semente do cedro.

Por lhe deveres a origem, não quer dizer que lhe debes também as feições.

Ao dizer “semelhanças” , designo uma realidade que não é para os teus olhos, nem para a tua inteligência, mas para o teu espírito. Nem outra coisa pretendo significar quando afirmo que a criação se parece com Deus, o fruto com o sol, o poema com o objeto do poema e o homem que extraí de ti com o cerimonial do império.

E isto é de grande importância. Por não reconheceres pelos olhos uma filiação que apenas tem sentido para o espírito, que fazes tu? Recusas as condições da tua grandeza. És como uma árvore que, por não encontrar no fruto as sinais do sol, recusasse o sol. Fazes lembrar um professor que, por não encontrar na obra o movimento informulável que a produziu, se põe a estudá-la; consegue descobrir-lhe o plano, apura se ele será ou não possível descobrir leis internas e acaba por fabricar uma obra que as aplica. Só te resta fugir, para não teres de a perceber.

Não admira, por isso, que a pastora ou o marceneiro ou o mendigo revelem maior gênio do que todos os lógicos, historiadores e críticos do meu império. Eles não gostam que o seu caminho tortuoso perca os contornos. Porque? - perguntas-lhe tu. Porque eles o amam, e esse amor é a via misteriosa por onde são amamentados. Já que o amam, é preciso que recebam algo dele. Pouco importa que o saibam ou não formular. É privilégio dos lógicos, dos historiadores e dos críticos aceitarem apenas aquilo que são capazes de converter em frases. Eu mesmo penso que tu, filho de homem, mal comesças a aprender uma linguagem, andas às apalpadelas, exercitas-te e apreendes apenas uma leve capa do mundo. Porque o mundo é difícil de transportar.

Mas aqueles só acreditam no magro conteúdo do seu pequeno bazar de idéias.

Se recusas o meu templo, o meu cerimonial e o meu humilde caminho pelos campos fora por não saberes enunciar-me o objeto nem o sentido dos transportes da cidade, tenho de esmurrar-te o nariz na tua própria porcaria. Ainda se tu não te prontificasses a receber visitas de que não sabes o nome, vindas desse país onde as palavras cessam, e com elas o ruído que poderias utilizar para me surpreender, e onde cessam também as imagens propostas, que me poderias brandir como provas palpáveis... Já alguma vez ouviste música? Por que a ouves tu?

Aceitas comumente que é bela a cerimônia do pôr-do-sol no mar. Queres fazer o favor de me dizer porque? Afianço-te que ficarias mudado se te pusesse a cavalo no teu burro por aquele caminho de que te falei. E pouco me importa que ainda não saibas dizer-me porque.

É por isso que os ritos, os sacrifícios, os cerimoniais, os caminhos não são todos igualmente bons. E há os maus, da mesma maneira que há música vulgar. Mas, só pela razão, é-me impossível separar os bons dos maus. Só preciso de um sinal, que és tu.

Se eu quero julgar o caminho, o cerimonial ou o poema que faço? Olho para o homem que dali sai. Ou então ouço-lhe o bater do coração.

CLI

É como se os forjadores de rebites e os serradores de tábuas, sob o pretexto de que o navio é conjunto de tábuas e mais de pregos, pretendessem presidir à sua construção e capitaneá-lo depois no mar alto.

O erro é sempre o mesmo e cifra-se num erro acerca do processo. Não é o navio que nasce do forjar dos rebites ou do serrar das tábuas. O forjar dos rebites e o serrar das tábuas é que nascem da inclinação para o mar e do crescimento do navio. O navio realiza-se através deles e os absorve como a cedro absorve o cascalho.

Os serradores de tábuas e os forjadores de rebites devem olhar pelas tábuas e pelos rebites. Devem conhecer as tábuas e os rebites. O amor do navio deve, na linguagem deles, tornar-se amor pelas tábuas e pelos rebites. E não cairei na bobagem de os interrogar acerca do navio.

Assim, aqueles que eu encarreguei de me receberem os impostos. Deus me livre de os interrogar acerca das vicissitudes de uma civilização. Que eles me obedeçam prudentemente.

É eu inventar um veleiro mais rápido e alterar a forma das tábuas e o comprimento dos rebites, e logo se me revoltam e começam a murmurar os técnicos. Na opinião deles, dou cabo da essência do navio, que repousava principalmente nas pranchas e nos rebites deles.

Ele repousava mas era sobre o meu desejo.

E, se eu alterar algo nas finanças e portanto na coleta dos impostos, eis que se revoltam e começam a murmurar e se revoltam, porque arruíno o império que repousava sobre a rotina deles. Que se calem todos. Mas, em compensação, hei de respeitá-los. Desde que o deus tenha descido até eles, abster-me-ei de os aconselhar sobre a maneira de forjarem os rebites ou serrarem as tábuas. E não quero saber disso! O construtor de catedrais, de elo em elo, anima o escultor e enche-o de entusiasmo. Mas não se dá ao trabalho de sugerir a maneira como se deve esboçar um certo sorriso. Porque isso é pura utopia e construção do mundo às avessas. É absurdo pretender que quem trabalha nos rebites inventa um mundo futuro ou submete à disciplina o que não é da alçada da disciplina. Aí avulta a ordem do professor que não é a ordem da vida. Depois virá o tempo das tábuas e dos rebites. Se eu me dedico aos rebites antes da vez deles, canso-me por um mundo que não nascerá. Porque a forma dos rebites e das tábuas há de sair do contacto com as realidades da vida, as quais só se mostrarão aos forjadores de rebites e serradores de tábuas.

E, quanto maior for a restrição que imponho, que é inclinação para o mar dado aos homens, menos avultará a minha tirania. Na árvore não há tirania. A tirania aparece no momento em que pretendes ajudar os sucos a construírem a árvore. Não, se a árvore assimila os sucos.

Eu sempre te disse: a melhor e única maneira de fundar a futuro é pensar o presente. Da mesma maneira que criar um navio é exclusivamente fundar a inclinação para o mar.

Porque não há, nunca há, linguagem lógica que permita passar dos materiais para aquilo que importa, e que domina os materiais, nem para explicar o império a partir das árvores, das montanhas, das cidades, dos rios e dos homens, nem para chegar à melancolia do teu rosto de mármore a partir das linhas e dos volumes respectivos do nariz, do queixo e das orelhas, nem para atingir o recolhimento da tua catedral a partir das pedras ou o domínio a partir dos elementos do domínio ou, mais simplesmente, a árvore a

partir dos sais minerais (a tirania estaria em tu pretenderes realizar uma operação impossível e censurares aos outros aqueles teus fracassos que te irritam).

Não há linguagem lógica, porque também não há filiações lógicas. Tu não fazes nascer a árvore a partir dos sais minerais, mas da semente.

O único processo com sentido, mas esse inexprimível pelas palavras, pois pertence à criação pura ou à repercussão, é o que te faz passar de Deus para os objetos que receberam dele um sentido, uma cor e um movimento. Porque o império te carrega de um poder secreto as árvores, as montanhas, os rios, ; os rebanhos, as planícies e as moradas do império. O fervor do escultor carrega de um poder secreto o barro ou o mármore, a catedral dá sentido às pedras e faz delas reservatórios de silêncio. E a árvore assimila os sais minerais para os estabelecer na luz.

Conheço duas espécies de homens que me falam em fundar um império novo: o lógico e o intuitivo. O lógico emprega a inteligência para construir seu ato, em meu entender, é utópico. Não nascerá coisa alguma, porque , não há nada nele. Aí tens esse rosto modelado pelo professor ,de escultura. Ainda que o criador possa ser inteligente, a criação não é feita de inteligência. E esse homem necessariamente se transformará num tirano estéril.

O outro é animado por uma evidencia forte, à qual nem ele seria capaz de dar um nome. Podem representar este tipo escultor, o pastor ou o carpinteiro sem inteligência, porque a criação não é feita de inteligência. O escultor amassa o barro sem saber ao certo o que virá a extrair dele. Nunca está satisfeito: dá uma dedada à esquerda, depois uma dedada embaixo. Aquele rosto vai realizando cada vez mais algo que não tem nome mas exerce pressão sobre ele. Esse rosto cada vez se parece mais com algo que não é rosto. E eu, neste caso, nem sequer sei o que significa parecer. E esse rosto modelado, que recebeu uma parecença indefinível, aparece dotado do poder de acarretar para ti o que ,animava o escultor. E te vês apanhado como ele se viu.

Este último não agiu pela inteligência, mas pelo espírito. Por isso te direi que é o espírito, e não a inteligência, que ,dirige o mundo.

CLII

É o que te digo: “A não ser quando se trata de escravos cegos, todas as opiniões existem em todos os homens. Não que os homens sejam versáteis; mas é que a sua verdade interior é verdade que não encontra nas palavras vestido à sua medida. E tu precisas de um pouco disto, de um pouco daquilo...”

A liberdade e o constrangimento te simplificaram. E oscilas de uma para o outro, porque a verdade não existe em nenhum deles, nem entre os dois, mas sim fora deles os dois. Por que sortilégio conseguirias reunir numa só palavra a tua verdade interior? As palavras são como caixas pequenas. E em que nome o que te é necessário para crescer se poderia manter numa caixa pequena?

Mas, para que tu sejas livre, com a liberdade do cantor que improvisa sobre o instrumento de cordas, não é preciso que primeiro eu te exercite os dedos e te ensine a arte do canto? O que é isto, senão guerra, constrangimento e rijeza?

E para que sejas livre, com a liberdade do montanhês, não é preciso que tenha exercitado os teus músculos, o que significa guerra, constrangimento e rijeza?

E para que sejas livre, com a liberdade do poeta, não é preciso que tenhas exercitado o cérebro e forjado o teu estilo, o que representa guerra, constrangimento e rijeza?

Não te lembras de que as condições da felicidade nunca são procura da felicidade? Tu te sentarias, sem saber para onde correr. A felicidade, que tu criaste, é-te concedida como recompensa, e as condições da felicidade são guerra, constrangimento e rijeza.

Não te lembras de que as condições da beleza nunca são procura da beleza? Tu te sentarias, sem saberes para onde correr. A beleza, depois de terminada a tua obra, é-lhe concedida para tua recompensa. E as condições da beleza são guerra, constrangimento e rijeza.

As condições da tua liberdade também não são presentes da liberdade. Tu te sentarias, sem saberes para onde correr. A liberdade, depois de terem extraído de ti um homem, é recompensa desse homem, o qual dispõe de um império onde se exercitar. E as condições da tua liberdade são guerra, constrangimento e rijeza.

Dir-te-ei também, embora me arrisque a escandalizar-te, que a igualdade não é condição da tua fraternidade, pois esta é recompensa e aquela se estabelece em Deus. Na árvore, que é hierarquia, vês porventura uma parte prevalecer sobre outra?

Se o templo, que é hierarquia, repousa sobre os fundamentos, articula-se no fecho de abóbada. E como havias de saber qual dos dois leva a melhor sobre o outro? O que é um general sem exército? O que é um exército sem general? Uma igualdade é igualdade no império e a fraternidade lhes é concedida como recompensa. A fraternidade não é o direito ao tratamento por tu nem à ofensa. Afianço-te que a tua fraternidade é recompensa da tua hierarquia e do templo que vós construís um pelo outro. Sabes onde descobri isto? Nos lares em que o pai era respeitado, em que o filho mais velho protegia o mais moço, e em que o mais moço se confiava ao mais velho. Os serões, as festas e os regressos eram extremamente cálidos. Mas se os membros da família são materiais ao desbarato, se deixam de depender uns dos outros, se simplesmente se acotovelam e se misturam como bolas, onde é que vês a sua fraternidade? Um deles que morra, logo o substituem, porque não era necessário. Eu quero saber onde estás e quem és,

para te amar.

E se por acaso te arranquei às ondas do mar, amar-te-ei melhor, por ser responsável pela tua vida. Ou se velei à tua cabeceira e te curei quando sofrias, ou se és o meu velho servidor, que me assististe com uma candeia, ou o guarda dos meus rebanhos. E irei beber a tua casa o teu leite de cabra. E receberei de ti e tu darás. E tu receberás e eu darei. Mas não tenho nada a dizer àquele que, de mau humor, se proclama igual a mim e não quer, nem depender de mim seja no que for, nem que eu dependa dele. Amo cimente aquele cuja morte havia de ser dolorosa para mim.

CLIII

Nessa noite, envolto no silêncio do meu amor, dispus-me a subir pela montanha acima, para mais uma vez observar a cidade, depois de, graças à minha ascensão, a ter situado no silêncio e a ter privado dos seus movimentos... Mas fiz alto a meio caminho, retido pela minha piedade, porque ouvia queixas vindas dos campos e desejava compreendê-las.

Essas queixas partiam do gado recolhido nos estábulos. E dos animais dos campos e dos animais do céu e dos animais da borda de água. Só eles davam sinal de vida na caravana: o vegetal não tem linguagem e o homem, que já a tem e vive a meio da vida do espírito, começava a resguardar-se no silêncio. Olha para aquele que o câncer vai minando: não o vês morder os lábios e calar o sofrimento? Para além da barafunda do corpo ferido, ele vai-se transformando em árvore espiritual que estende os ramos e as raízes num império que não é das coisas, mas do sentido das coisas. Por isso te angustia mais vivamente o sofrimento que se cala do que o sofrimento que grita. Aquela que se cala enche o quarto. Enche a cidade. Não há lugar em que possas estar longe dela. Se amas realmente a amada que sofre longe de ti, o seu sofrimento há de atingir-te estejas onde estiveres.

Eram queixas da vida que subiam até junto de mim. É que a vida se perpetuava nos estábulos, nos campos e à beira das águas. As vitelas que pariam nos estábulos enchiam o ar de , mugidos. Dos pântanos ébrios de rãs, vinham-me também as vozes do amor. Havia, além disso, as vozes da carnificina: queixava-se o gado dos estábulos apanhado entre as garras da raposa, balia a cabra que tu sacrificavas para a refeição. E acontecia, por vezes, uma fera fazer calar a região com o seu rugido, cortando de um só golpe o império do cilício, onde toda a vida ressumava medo. Porque as feras guiam-se pelo odor acre da angústia, que o vento acarreta. E mal acabava de rugir, todas as vítimas brilhavam para ela como um povo de luzes.

A pouco e pouco, os animais da terra e do céu e da borda de água iam perdendo o medo. E recomeçava a queixa da geração, do amor e da carnificina.

“Ah! - dizia eu comigo mesmo -, afinal é o barulho dos transportes da cidade. A vida transmite-se de geração em geração e acontece com essa marcha através do tempo o mesmo que com o carro pesado, que chia pelas ruas fora...”

Vim finalmente a compreender algo da angústia dos homens. Eles também se transmitem, ao emigrarem para fora de si próprios de geração em geração. E, dia e noite, vão prosseguindo inexoráveis, através de cidades e campos, essas divisões como que dum tecido de carne que se rasga e se remenda. E eu sentia em mim, como se tivesse recebido um ferimento, o trabalho de uma metamorfose lenta e perpétua.

“Mas esses homens - dizia eu comigo mesmo - vivem, não das coisas, mas do sentido das coisas. É preciso que deleguem uns nos outros o santo e senha.”

“Por isso, mal lhes acaba de nascer um filho, eu os vejo ocupados a industriá-lo no uso da sua linguagem, como no uso de um código secreto. É que essa linguagem é a chave do seu tesouro. Para transportarem para o filho esse lote de maravilhas, vão abrindo laboriosamente nele os caminhos dos transportes coletivos da cidade. Difíceis de formular e pesadas e sutis são as colheitas que é preciso passar de uma geração para outra.

“Esta aldeia é realmente radiosa. É na verdade patética esta casa da aldeia. Mas, se a nova geração se ocupa das casas que apenas conhece pelo uso, que fará nesse deserto? Se, para proporcionares aos teus herdeiros a sensibilidade a um instrumento de cordas, precisas de lhes ensinar a arte da música, para que eles sejam homens e experimentem sentimentos de homens, também precisas de ensiná-los a ler, sob a dispersão das coisas, os rostos da tua casa, da tuo domínio, do teu império.

“Na falta disso, a nova geração acampará como bárbaros na cidade que te tiver tornado. E que alegria de bárbaros tirariam eles dos teus tesouros? Nem saberão servir-se deles, por não terem a chave da tua linguagem.

“Para aqueles que emigraram para a morte, essa aldeia era como uma harpa. Todas as coisas tinham o seu significado: árvores, fontes, casas. E cada árvore com a sua história, diferente das outras árvores. E cada casa com os seus costumes, diferente das outras casas. E cada muro diferente dos outros muros, por causa dos seus segredos. Quando caminhas, vais compondo o teu passeio como uma música, extraindo o almejado som de cada um dos passos. Mas o bárbaro acampado não sabe fazer cantar a tua aldeia. Aborrece-o essa proibição de penetrar nas coisas e acaba por te desmornar as paredes e dispersar os objetos. Por vingança contra um instrumento de que não se sabe servir, atea o incêndio, que ao menos lhe paga com um pouco de luz. Depois desanima e começa a bocejar. Para a luz ser bela, é preciso conhecer até o que se queima. Aí tens a chama do círio que acendes ao teu Deus. Mas, ao bárbaro, nem a chama da tua casa dirá coisa alguma, pois não é chama de sacrifício. A imagem da geração instalada como intrusa na casa de outra não me saía da cabeça. No meu império, tem de haver ritos: são eles que obrigam o homem a transmitir ou a receber a herança. Tenho necessidade de habitantes no meu país, não de campistas, vindos de parte alguma.

Por isso não te dispensarei das longas cerimônias. Elas permitem-me voltar a coser os rasgões do meu povo, para que nada se perca da herança. A árvore, é certo, não se preocupa com as sementes. O vento às vezes as arranca e as leva consigo. Deixá-lo! O inseto não se preocupa com os ovos. O sol os chocará. Tudo o que eles possuem tem-no no corpo ferido e transmite-se com o corpo ferido.

Mas que seria de ti, se ninguém te pegasse pela mão para te mostrar as provisões de um mel que não é das coisas, mas do sentido das coisas? Visíveis são, é certo, os caracteres do livro. Mas para te fazer a dádiva dessas chaves do poema, tenho de te castigar.

Quero que os funerais sejam solenes. É que não é só questão de enterrar um corpo na terra, mas de recolher intacto, de uma urna quebrada, o patrimônio de que o teu morto foi depositário. É difícil salvar tudo. Os mortos levam longo tempo a recolher. Precisas de chorá-los durante muito tempo e meditar na sua existência e festejar os seus aniversários. Precisas de te voltar muitas vezes, para observar se não te esqueces de algo.

Aí tens também os casamentos, que preparam as crepitações do nascimento. A casa que vos encerra torna-se celeiro e granja e armazém. Quem é capaz de dizer o que ela contém? A vossa arte de amar, a vossa arte de rir, a vossa arte de saborear o poema, a vossa arte de cinzelar a prata, a vossa arte de chorar e refletir, tendes de reunir tudo isso para o transmitirdes. Que o vosso amor seja navio de carga capaz de ultrapassar o abismo de uma geração para a outra, e não o concubinato pela partilha futura de provisões vãs. Os ritos do nascimento também são essenciais. Eles permitem costurar um rasgão.

Pela mesma razão, exijo cerimônias quando tu te casas, quando dás à luz, quando morres, quando te separas, quando voltas, quando comesças a construir, quando comesças a habitar, quando armazenas as tuas colheitas, quando dás início às tuas vindimas, quando declaras a guerra ou celebras a paz.

Por isso exijo que eduques os teus filhos. Só assim eles virão a parecer-se contigo. Poderia um sargento, que só sabe o que vem no manual, transmitir-lhes uma herança? Embora outros que não tu possam depositar nele a tua bagagem de conhecimentos, o teu pequeno bazar de idéias, se ele se for separado de ti perder-se-á tudo o que não é enunciável nem se encontra no manual.

Construirás os filhos à tua imagem, não vão eles mais tarde arrastar-se, sem alegria, numa pátria que será para eles acampamento vazio e caixa forte de tesouros que deixarão apodrecer, por não conhecerem as chaves.

CLIV

Os Funcionários do meu império mostravam tanto otimismo que me deixavam boquiaberto. “É bom que seja assim - diziam eles. A perfeição está a salvo.”

A perfeição está, na verdade, a salvo. Ela tem apenas o sentido de te guiar no caminho, à semelhança da estrela. Ela é direção e tendência para. Mas só o caminho importa. Nunca te podes sentar sobre as provisões. De contrário, morreria o campo de forças que te anima e ficarias reduzido a um cadáver.

Se alguém despreza a estrela, é porque quer sentar-se e dormir. E onde é que te sentas? E onde é que dormes? Eu não sei de nenhum lugar de repouso. Se esse lugar existe e renova, é porque é um objeto da tua vitória. Mas diferente é o campo de batalha, onde respiras essa vitória nova; diferente é essa liteira que fabricas quando pretendes viver.

A que obra-padrão comparas a tua obra para ficares contente?

CLV

Admiras-te que os meus ritos ou o meu caminho através dos campos tenham tanta força. Coisas da tua cegueira.

Repara no escultor. Não vês transportar algo impossível de enunciar? O que caracteriza o homem, e não esqueleto de um homem passado, nunca é enunciável. E o escultor, para transportá-lo, modela um rosto de argila. Tu passando e paraste diante dessa obra, olhaste-lhe para o rosto, talvez arrogante, talvez melancólico, depois continuaste o teu caminho. E - ó maravilha! - nem já parecias o mesmo. Levemente convertido, mas convertido, isto é, voltado e atraído numa nova direção, por um tempo breve talvez, mas por um tempo.

Era uma vez um homem carregado de um sentimento não formulável. Que fez ele? Deu algumas dedadas na argila. A seguir, pos a argila no teu caminho. Começas de novo a andar, carregado com esse mesmo sentimento não formulável.

E isso, mesmo que tenham decorrido cem mil anos entre os gestos dele e a tua passagem.

CLVI

Levantou-se um vento de areia que arrastou até nós destroços de um oásis longínquo. Todo o acampamento ficou cheio de pássaros. Em toda as tendas os havia. Passaram a partilhar da nossa vida, mansos e desejosos de apanharem a jeito nosso ombro. No entanto, por falta de alimento, morriam todos os dias aos milhares, sequinhos e estalando como casca de madeira morta. Mandei-os apanhar, porque começavam a empestar o ar. Encheram-se muitos cestos deles. E foram deitar essa poeira ao mar.

Quando sentimos pela primeira vez a sede - era a hora da máxima força do sol - assistimos à edificação de uma miragem. A cidade geométrica refletia-se, pura de linhas, nas águas calmas. Um homem enlouqueceu, soltou um grito e lançou-se a correr na direção da cidade. Assim como o grito do pato selvagem que emigra tem influencia em todos os patos, compreendi que o grito do homem tinha feito vibrar os meus homens. Todos eles se preparavam para, na esteira do inspirado, oscilarem na direção dessa miragem e do nada. Uma carabina bem apontada o derrubou. Já não passava de um cadáver e nós ficamos finalmente tranqüilos.

Um dos meus soldados chorava.

“O que é que tu tens?” - perguntei-lhe. Eu julguei que ele chorava o morto.

Acabava de descobrir a seus pés uma das carapaças inteiriçadas e chorava o céu despido de pássaros. “Quando o céu perde a sua penugem - respondeu-me ele -, há ameaça para o corpo ferido do homem.” Içamos o operário das entranhas do poço. Ainda antes de desmaiar, conseguiu-nos explicar que o poço estava seco. Há marés subterrâneas de água doce. E a água, durante anos, vai tendendo para os poços do norte, que se tornam fontes de sangue. Mas estávamos suspensos desse poço como de um prego numa asa. Todos pensavam nos grandes cestos cheios de cascas de madeira seca.

Alcançamos o poço de El Bahr no dia seguinte, à noite. Convoquei os guias, já o denso manto escuro nos cobria:

“Vocês enganaram-nos sobre o estado dos poços. El Bahr está vazio. que hei de fazer de vocês?”

Lucilavam admiráveis estrelas no fundo de uma noite amarga e ao mesmo tempo esplendida. Dispúnhamos de diamantes para nos alimentarmos.

“Que hei de fazer de vocês?” - perguntava eu aos guias.

Mas inútil é a justiça dos homens. Não estávamos todos nós mudados em espinheiros?

O sol emergiu, recortado pela bruma de areia em forma de triângulo. Foi como uma punção para a nosso corpo ferido. Houve homens que caíram feridos no crânio. Declararam-se loucos em grande número. Mas já não havia miragens que os solicitassem com as suas cidades límpidas. Já não havia nem miragem, nem horizonte puro, nem linhas estáveis. A areia nos envolvia numa luz tumultuosa de forno de tijolos.

Ao levantar a cabeça, descobri através das volutas o tição pálido que ateava o incêndio.”O ferro de Deus - pensava eu -, que nos marca como animais”.

“O que é que tu tens?” - perguntei a um homem que titubeava. “Estou cego.”

Mandei desventrar dois de cada três camelos e bebemos a água das vísceras. Os sobreviventes carregaram com a totalidade dos aderes vazios e, à frente dessa caravana, expedi homens para o poço de El Ksur, que talvez tivesse água.

“Se El Ksur está seco - disse-lhes eu -, vocês morrerão lá como aqui.”

Mas eles voltaram dois dias depois, sem incidentes que me custassem um terço dos meus homens. “O poço de El Ksur - testemunharam eles - é uma janela aberta sobre a vida.”

Nós bebemos e alcançamos El Ksur para bebermos mais uma vez e nos reabastecermos de provisões de água.

O vento de areia acalmou e chegamos à noite a El Ksur.

À volta do poço, havia alguns espinheiros. Mas, em vez de esqueletos sem folhas, começamos por reparar naquelas bolas de âncora encabadas em paus delgados. Não compreendemos a visão às primeiras. Mas, quando chegamos às proximidades dessas árvores, elas foram explodindo umas após outras, num grande ruído de cólera. A migração de corvos que as haviam escolhido como poleiro, tinha-as despojadas de um momento para outro, como carne que houvesse rebentado à volta do osso. O vôo era tão denso que, apesar da resplandecente lua cheia, nos mantinha na sombra. Porque os corvos, em vez de se afastar em, agitaram longo tempo sobre as nossas frentes o seu turbilhão de cinza negra.

Matamos três mil, porque não tínhamos o que comer.

Foi uma festa extraordinária. Os homens construíram fornos de areia e os encheram de excremento seco, de uma cor tão clara e brilhante como o feno. E a gordura dos corvos perfumou o ar. O grupo de guarda à volta do poço manobrava sem repouso uma corda de cento e vinte metros que fazia parir a terra de todas as nossas vidas. Um outro grupo distribuía água através do campo, como quem rega laranjeiras em tempo de seca.

E lá ia eu, no meu passo lento, ver os homens reviverem. Depois me afastava deles e, uma vez de novo na minha solidão, dirigia a Deus a seguinte oração:

“No decurso do mesmo dia, eu vi, Senhor, o corpo ferido do meu exército secar e reviver. Ela já era semelhante a uma casca de madeira seca. E aqui a temos disposta e eficaz. Os nossos músculos, outra vez frescos, nos levarão onde quisermos. E, no entanto, só faltou uma hora de sol para nos fazer desaparecer da face da terra, a nós e ao rasto dos nossos passos.

Eu ouvi rir e cantar. O exército que trago atrás de mim é um carregamento de recordações. Ele é a chave de existências longínquas. Repousam sobre ele esperanças, sofrimentos, desesperos e alegrias. Em vez de autônomo, ele se acha mil vezes ligado. E, no entanto, houvera bastado apenas mais uma hora de sol para desaparecermos da face da terra, nós e o rasto dos nossos passos.

Eu os conduzo para o oásis a conquistar. Eles serão semente para a terra bárbara. Levarão os nossos costumes a povos que os desconhecem. Mal estes homens, que agora comem e bebem e vivem uma vida elementar, aparecerem nas planícies férteis, farão com que tudo mude; não só costume e linguagem, mas até a arquitetura das muralhas e o estilo dos templos. Eles carregam uma grande força que agirá ao longo dos séculos. E, no entanto, teria bastado mais uma hora de sol para nós desaparecermos da face da terra, nós e o rasto dos nossos passos.

Eles não o sabem. Tinham sede, agora estão satisfeitos. No entanto, se a água do poço de El Ksur satisfaz ventres, também salva poemas e cidades e grandes jardins suspensos (porque era minha decisão mandá-los construir). A água do poço de El Ksur transforma o mundo. E, no entanto, uma hora de sol

poderia haver feito secar e nos teria feito desaparecer da face da terra, a nós e ao rasto do nossos passos.

Os primeiros que de lá voltaram disseram-nos: o poço de El Ksur é uma janela aberta sobre a vida. Os teus anjos estavam prestes a recolher-te o meu exército nos seus grandes cestos e a lançá-los na tua eternidade como casca de madeira seca. Nós evitamos, fugimos por este fundo de agulha. Já não sou capaz de me reconhecer nele. Daqui para diante, ao olhar para um simples campo de cevada ao sol, em equilíbrio entre a lama e a luz e capaz de alimentar um homem, eu verei nele veículo ou passagem secreta, muito embora ignore aquilo de que ele é transporte ou caminho. Eu vi surgir cidades, templos, muralhas e grandes jardins suspensos do poço de E Ksur.

"Os meus homens bebem e sonham com as barrigas. Tudo neles é prazer do ventre. Estão concentrados à volta do fundo da agulha. E não há nada no fundo do fundo da agulha, a não ser o marulhar duma água negra, quando o focinho de um recipiente a atormenta. Mas, ao ser deitada sobre a semente seca que apenas vê nela o prazer da água, desperta um poder ignorado que é de cidades, de templos, de muralhas e de grandes jardins. suspensos.

"Só me reconhecerei nesse poço se tu fores fecha de abóbada e comum medida e significação de uns e de outros. No campo de cevada e no poço de El Ksur e no meu exército, só verei materiais. ao desbarato, se não for a tua presença através de que me permita decifrar aí alguma cidade cercada de ameias que se constrói à luz das estrelas."

CLVII

Em breve chegamos a avistar a cidade. Mas só demos com umas muralhas vermelhas de altura inusitada, que voltavam para o deserto uma espécie de avessos desdenhosos, despojadas como estavam de ornamentos, de sacadas, de seteiras, e evidentemente concebidas para não se ver nada de fora.

Quando tu olhas para uma cidade, ela olha para ti. Ela ergue contra ti as suas torres. Ela te observa por trás das suas seteiras. Ela te fecha ou te abre as suas portas. Ou deseja ser amada ou sorrir-te e volta na tua direção os adornos do rosto. Sempre que nós tomávamos as cidades, víamo-las de tal moda construídas em vistas do visitante, que nos parecia que se nos entregavam. Portas monumentais e avenidas reais, fosses mendigo ou conquistador, eras sempre recebido como príncipe.

Mas, à medida que nos aproximávamos e as muralhas cada vez maiores nos davam tão ostensivamente a impressão de nos voltarem as costas numa calma de falésia, como se não houvesse nada além da cidade, começou a apoderar-se dos meus homens um grande mal-estar.

Levamos o primeiro dia a dar a volta, lentamente, procurando alguma brecha, algum defeito ou pelo menos qualquer passagem murada. Não os havia. Caminhávamos ao alcance das espingardas, mas nenhuma resposta rompia o silencio, embora de vez em quando alguns dos meus homens mais afetados pelo mal-estar ousassem atirar salvas de desafio. Essa cidade recolhida por detrás das muralhas fazia lembrar o crocodilo protegido pela carapaça, que nem sequer se digna sair de um sonho por tua causa.

De uma elevação distante que, muito embora não dominasse as muralhas, permitia um olhar rasante, observamos uma verdura cerrada como agriões. Ora, no exterior das muralhas, não se teria descoberto um só rebento de erva. Até ao infinito, não havia mais que areia e cascalho gastos pelo sol, tão pacientemente drenadas haviam sido as fontes do oásis pelo mero uso interior. Essas muralhas retinham toda a vegetação, como o couro retém uma cabeleira. Nós deambulávamos estupidamente a alguns passos de um paraíso denso demais, de uma erupção de árvores, de pássaros, de flores, estrangulada pela cintura das muralhas como pelo basalto de uma cratera.

Quando os homens souberam sem sombra de dúvida que a muralha não tinha fissuras, alguns deles ficaram cheios de medo. Nunca essa cidade, que homem algum se lembrasse, havia destacado ou acolhido caravanas. Nenhum viajante havia trazido, juntamente com a bagagem, a infecção de costumes longínquos. Nenhum mercador havia introduzido ali o uso de um objeto familiar noutra lugar. Nenhuma jovem capturada longe havia misturado a sua raça à deles. Os meus homens tinham a impressão de apalpar um monstro invisível, que não possuísse nada de comum com os povos da terra. Até as ilhas perdidas nos mares se viram alguma vez abastardadas pelos naufrágios de navios. Seja em quem for, sempre encontras algo para estabelecer o teu parentesco de homem e forçar o sorriso. Mas, se esse monstro se mostrasse, não mostraria rosto algum. Há homens que, pelo contrário, se viram atormentados por um amor indefinível e singular. Só aquela que é permanente e se acha bem fundada tem a virtude de te comover; não a que é mestiça no corpo ferido, devassa de língua em matéria de religião e de costumes ou oriunda dessa lixívia de povos onde tudo se misturou e se tornou geleira derretida em pântano. Que linda era a bem-amada, de aromas, jardins e costumes tão ciosamente cultivados.

Mas quer uns quer outros e até eu próprio, uma vez vencido o deserto, tropeçávamos com o

impenetrável.

Quem se te opõe, abre-te o caminho do coração, abre à tua espada o caminho da suo corpo ferido e podes alimentar esperanças de vencê-lo, de amá-lo ou de morrer às suas mãos. Mas o que é que tu podes contra quem te ignora? Mal acabava de me assaltar esse tormento, descobrimos à volta daquele muro surdo e cego uma zona de areia mais branca, excessivamente rica em ossadas que sem dúvida testemunhavam a sorte das caravanas longínquas. Fazia lembrar a franja de espuma em que se resolve ao longo de uma falésia a ondulação que vaga a vaga nos transmite o mar.

Nessa tarde, estava eu à entrada da tenda olhando para esse monumento impenetrável que se agüentava no meio de nós, quando a minha meditação me levou a pensar que éramos nós que estávamos sujeitos a um cerco e não a cidade que pretendíamos tornar. A terra fértil, muito embora rodeie essa semente dura e fechada que tu incrustaste, nem por isso a sitia. Porque, quando a tua semente estourar, a pequena pevide fará da tua terra um reino para si. A minha meditação continuou: “Quem nos diz que para além desses muros não descobriremos um instrumento de música novo para nós, capaz de melodias ásperas ou melancólicas, de um sabor desconhecido? Se nós conseguirmos vencer esta reserva misteriosa e os meus homens espalharem-se pelo meio dos tesouros da cidade. Diz-me a minha experiência que algum tempo mais tarde, num desses serões dos meus acampamentos, os hei de ver entregues ao esforço de tirar desses instrumentos pouco usuais uma melodia nova, que antes não lhes falava ao coração. E ficarão de corações transformados. “Vencedores ou vencidos - dizia eu comigo mesmo -, tanto faz... Olha para esse homem mudo, no meio da multidão. Ela o rodeia e o aperta e o força por todos os lados. Se ele se for região vazia, ela o esmaga. Mas se ele se tratar de um homem habitado e construído no interior, como a bailarina que eu mandei dançar, esse homem ao falar lança raízes no meio da multidão, arma os seus laços, estabelece o seu poder. Hás de ver essa multidão pôr-se em marcha atrás dele, multiplicando o seu poder: Basta que esse território abrigue em qualquer parte um só homem bem protegido pelo seu silencio e realizado no coração das suas meditações, para que ele equilibre o peso das tua's armas. Esse homem será semelhante a uma semente. E como o distinguirias tu, para decapitá-lo? Ele só se revela na medida em que a sua obra está feita. Assim acontece com a vida, que está sempre em equilíbrio com o mundo. Contra o louco que te propõe utopias ainda tu podes lutar, mas não contra aquele que pensa e constrói o presente, porque o presente é tal como ele to mostra. É o que acontece com qualquer criação: o criador não se manifesta nela. Se, do alto da montanha ande te levei, vês os teus problemas resolvidos desta e não de outra forma, como é que te defenderias contra mim? É preciso que tu estejas nalguma parte.

“Vou-te contar a história do bárbaro. Começou por fazer saltar as muralhas do castelo. Forçou depois o palácio real e, finalmente, irrompeu diante da rainha. Ora a rainha não dispunha de poder algum, porque todos os homens de armas lhe haviam morrido.

“Quando cometes um erro ao jogo que jogavas por simples gosto do jogo, ficas vermelho, humilhado e desejoso de reparar a tua falta. No entanto, não há juiz para te desonrar, a não sex' essa personagem que tal joga desligava em ti; só ela protesta. E, na dança, absténs-te dos passos em falso, muito embora nem o outro dançarino nem ninguém tenha categoria para te censurar, Assim, para te fazer meu prisioneiro, longe de mim mostrar-te o meu poder; dar-te-ei mas é o gosto da minha dança. E tu virás onde eu quiser.

“Mas tínhamos deixado o rei bárbaro na altura em que ele arrombou a porta e surgiu de machada em punho, como um veterano. Exaltava-o ver-se cheio de poder e sentia um enorme desejo de deslumbrar, porque era vaidoso e gabarola. A rainha então se voltou para ele e esboçou um sorriso triste, como de

decepção secreta e de indulgência um pouco estafada. A única coisa que ainda lhe merecia admiração era a perfeição do silêncio. Ela nem se dignou ouvir todo esse ruído, da mesma maneira que tu ignoras os trabalhos grosseiros dos homens encarregados da limpeza dos esgotos, embora os aceites como necessários.

“Adestrar um animal é ensiná-lo a agir na única direção para ele eficaz. Quando queres sair de casa, dás, sem pensar nisso, a volta pela porta. Quando o teu cão quer conquistar o osso, realiza os atos requeridos, pois foi observando a pouco e pouco que eram o caminho mais curto para a recompensa, embora na aparência não tenham relação alguma com o osso. Semelhante comportamento baseia-se no instinto e não no raciocínio. bailarino também conduz a bailarina de acordo com regras que eles próprios ignoram. São linguagem escondida, como aquela que tu empregas com o teu cavalo. Vê se és capaz de me dizer exatamente que movimentos fazem com que o teu cavalo te obedeça.

“Ora, como o ponto fraco do bárbaro era ele querer, em primeiro lugar, deslumbrar a rainha, o instinto logo lhe ensinou que só havia um caminho, pois todos os outros caminhos a tornavam mais distante, mais indulgente e mais decepcionada. E apressou-se a jogar com o silêncio. Ela começava assim a mudá-lo à sua maneira, preferindo ao ruído da machada as reverências silenciosas.”

Era o que nos acontecia - pensava eu nessa tarde. Ao rodearmos esse pólo que nos forçava a olhar para ele, embora fechasse os olhos deliberadamente, fazíamo-lo desempenhar um papel perigoso, porque ele recebia da nossa audiência o poder de sedução de um mosteiro.

Mandei por isso chamar os meus generais e, depois de reunidos, disse-lhes:

“Tornarei a cidade de surpresa. Importa que os da cidade nos perguntem algo.”

Os meus generais, educados pela experiência, embora não tivessem compreendido as minhas palavras, fizeram diversos ruídos de assentimento.

Lembrava-me de uma réplica que meu pai opôs a alguns que lhe objetaram que os homens, nas coisas importantes, só cediam a forças importantes:

“É certo - tinha-lhes ele respondido. Mas vós não vos arriscais a contradizer-vos, porque dizeis que uma força é importante quando faz ceder os fortes. Ora aí tendes um mercador vigoroso, arrogante e avarento. Ele transporta uma fortuna de diamantes cosidos à cintura. Reparai agora nesse corcunda raquítico. pobre e prudente, que o mercador não conhece. Ele fala uma língua diferente da do mercador e deseja, no entanto, ficar com as pedras. Vocês não vêem onde reside a força de que ele dispõe?”

- Não vemos, não - responderam os outros.

- O raquítico que faz? - prosseguiu o meu pai. Abeira-se do gigante e convida-o a beber do seu chá, pois faz bastante calor. Embora leves pedras amarradas na tua cintura, que mal faz partilhares do chá de um corcunda raquítico?

- Realmente, nenhum - responderam os outros.

- E, no entanto, no momento da separação, o corcunda leva consigo as pedras e o mercador espuma de raiva, amordaçado até aos punhos pela dança que o outro lhe dançou.

- Que dança? - quiseram saber os outros.

- A dos três dados de osso - esclareceu meu pai. E a seguir explicou-lhes:

“O jogo é mais forte do que o objeto do jogo. Tu, general, governas dez mil soldados, São os soldados que pegam nas armas. São todos solidários uns com os outros. E, no entanto, tu mandas um por o outro

na prisão. Porque tu não vês coisas, mas o sentido das coisas. Quando o sentido dos diamantes foi serem garantia dos dados, eles correram para o bolso do corcunda.”

Os generais que me rodeavam, afoitaram-se:

“Mas como é que tu conseguirás chegar aos da cidade, se eles se recusam dar-te ouvidos?”

- Aí vens tu com o teu amor pelas palavras, que te leva a fazer um barulho estéril. Se eles por vezes se recusam a dar-te ouvidos, poderão os homens recusar-se a ouvir?

- Aquele que eu procuro converter à minha causa pode fazer-se surdo à tentação das minhas promessas se for bastante sólido de coração!

- É certo, porque tu te expões! Mas, se ele se é sensível a determinada música que lhe fazes ouvir, não és tu que ele ouvirá, mas a música. E, se ele se debruça sobre um problema que o devora, e tu lhe mostras a solução, ele vê-se obrigado a recebê-la. Como queres tu que ele finja, no confronto de si próprio, por ódio ou desprezo por ti, continuar a procurar? Se tu indicas a um jogador a jogada que o salva e que ele procurou sem dar com ela, conseguirás governá-lo. Ele passa a obedecer-te, muito embora pretenda ignorar-te. Se te dão o que tu procuras ficas com isso. Repara naquela que anda à procura do anel perdido ou da palavra de um enigma. Apresento-lhe o anel ou assopro-lhe a palavra do enigma. É certo que ela pode não os querer aceitar das minhas mãos, por excesso de raiva. No entanto governei-a, porque a fiz sentar-se. Era preciso que ela fosse muito boba para continuar a procurar...

“Com certeza que os da cidade desejam, procuram, aspiram, protegem, cultivam algo. A não ser assim, à volta de que é que eles construiriam muralhas? Se tu as constróis à volta de um paço insignificante e se lá fora eu te crio um lago, as tuas muralhas caem por si próprias, porque passam a ser ridículas. Se tu as constróis à volta de um segredo e os meus soldados, à volta das muralhas, te gritam o teu segredo com toda a força, as muralhas também caem, porque deixam de ter sentido. Se tu as constróis à volta de um diamante e os semeiam lá fora como leitos, as tuas muralhas caem por terra, porque só favorecem a tua pobreza. E se as constróis à volta da perfeição de uma dança e eu danço a mesma dança melhor do que tu, tu próprio as demolirás, para aprenderes comigo a dançar...

Só quero que os habitantes da cidade comecem por me ouvir. Depois me escutarão. Mas se eu me puser a tocar clarim debaixo das muralhas, eles repousarão em paz sobre as muralhas, e não prestarão ouvidos à minha inútil lamentação. Porque só ouves o que é para ti e te amplia. Ou vem resolver um dos teus litígios.

“Agirei, pois, sobre eles, apesar de fingirem ignorar-me. A grande verdade é que tu não és o único que existe. Não podes continuar a ser permanente num mundo que se transforma à tua volta. Eu posso, sem te tocar, agir sobre ti. Quer tu queiras quer não, é o teu próprio sentido que eu transformo e não o podes suportar. Tu eras detentor de um segredo, deixa de haver segredo, o teu sentido mudou. Vejo-te um dia dançar e declamar sozinho. Deixa estar. Rodeio-te de ouvintes maliciosos e depois levanto a cortina. Acabou-se a dança.

“Se continuares a dançar é porque és doido.”

“O teu sentido depende do sentido dos outros, quer tu queiras quer não. O teu gosto depende do gosto dos outros, quer tu queiras quer não. O teu ato é movimento de um jogo. Não de uma dança. É eu mudar o jogo ou a dança e mudo o teu ato num outro.

Construíste as tuas muralhas por causa de um jogo, tu próprio as destruirás por causa de outro, “É que vives, não das coisas, mas do sentido das coisas.

Hei de castigar a pretensão dos habitantes da cidade, porque eles contam com as suas muralhas.

Tu, a tua única muralha é o poder da estrutura que te modela e que tu serves. A muralha do cedro é o próprio poder da sua semente. Ela lhe permitirá estabelecer-se, a despeito da tempestade, da seca e do cascalho. Tu que depois o expliques pela casca. Quando a casca era, antes do mais, fruto da semente. Raízes, casca e folhagem são semente que se exprimiu. Mas o germe da cevada tem muito pouco poder e a cevada opõe uma muralha débil às arremetidas do tempo.

“E aquele que é permanente e bem fundado está prestes a desenvolver-se num campo de forças, segundo as suas linhas de força, essencialmente invisíveis. Apetece-me chamar-lhe admirável muralha porque o tempo, em vez de gastá-lo, há de construí-lo. O tempo está feito para servi-lo. E pouco importa se ele se parece nu.

“Se o crocodilo está morto, o couro não protege nada.

Continuava, entretanto, a olhar para a cidade, inimiga encastelada na sua armadura de cimento. Meditava agora na sua fraqueza ou na sua força. Quem é que conduz a dança: ela ou eu? É perigoso, num campo de trigo, lançar um só grão de joio, porque o ser do joio domina o ser do trigo, e pouco importam a aparência e o nome. O teu nome é levado para a semente. Precisas desenrolar o tempo para contá-lo.

CLVIII

Fiquei a meditar muito tempo na muralha. É em ti que a verdadeira muralha existe. E sabem-no bem os soldados que fazem voltear os sabres. E tu deixas de passar. O leão não tem carapaça, mas uma patada sua é como um relâmpago. É ele saltar em cima do teu boi, e o abrirá em dois como um armário.

Realmente, me dirás tu, a criancinha é frágil. Embora mais tarde venha porventura a mudar o mundo, nestes primeiros dias facilmente a teriam apagado como quem sopra numa vela. Mas eu vi morrer o filho de Ibrahim. O seu sorriso era, em tempo de saúde, como um presente. - Vem cá! Chamava-o um velhote. E ele ia ter com o velho. E sorria-lhe. E o rosto do velho se iluminava. Acariciava a face da criança e já não sabia o que lhe havia de dizer, porque a criança era um espelho que dava um pouco de vertigem. Ou uma janela. Uma criança sempre te intimida, como se tivesse conhecimento. Não julgues que andas muito longe da verdade. O espírito da criança, antes de tu o fazeres estiolar, é bastante forte. Com três pedrinhas

faz-te uma frota de guerra. E, embora o velho não reconheça na criança o capitão de uma frota de guerra, reconhece-lhe esse poder. Ora, o filho de Ibrahim era como a abelha que põe todo o amor em fazer o mel.

Tudo se tornava mel para ele. E sorria-te, com os seus dentes brancos. E tu ficavas sem saber o que apreender através desse sorriso. Porque não há palavras para o dizer. Simplesmente, maravilhosamente disponíveis esses tesouros ignoradas, semelhantes a esses golpes de primavera no mar, acompanhados de grandes rasgões de sol. E o marinheiro sente-se bruscamente mudado em oração. O navio ingressa por cinco minutos na glória. Cruzas os braços sobre o peito e é só receberes. O sorriso do filho de Ibrahim também passava como uma ocasião maravilhosa que tu não soubesses onde e como recolher. Como um reinado breve demais, em territórios cheios de sol e de riquezas, que nem tiveste tempo de recensear. Que poderias dizer deles? Essa criança abre e fecha as pálpebras como janelas dando para algum lado. E, embora fosse pouco faladora, ensinava-te. O verdadeiro magistério não é falar-te, mas conduzir-te. E, embora rês velha e sabida, ela te conduzia como um pastorzinho por invisíveis prados, de que não conseguirias dizer nada, a não ser que por um minuto te sentiras como que amamentado, saciado e dessedentado. Ora, tu soubeste que ia morrer aquele que era para ti sinal de um sol desconhecido. E toda a cidade estava de choco e de vela. Todas as velhas vinham experimentar as suas tisanas e as suas canções. Os homens ficavam de pé diante da porta, para impedir que fizessem barulho na rua. E olhavam para ele e o embalavam e o abanavam. Erguiam assim entre ele e a morte uma muralha que poderia parecer impossível de tornar, porque uma cidade inteira a rodeava de soldados, para agüentar esse cerco contra a morte. Não me venhas dizer que uma doença de criança não passa de uma luta de carne débil na sua débil bainha. Se existe um remédio lá longe, mandam-se lá cavaleiros. E a tua doença passa a jogar-se também sobre o galope dos teus cavaleiros no deserto. E quando eles fazem alta para as mudas. E sobre os grandes bebedouros onde se dá de beber. E sobre as esporadas no ventre, porque é preciso vencer a morte na corrida, E tu apenas vês um rosto impenetrável e cheio de suor. E, no entanto, o que se combate combate-se também a golpes de esporas no ventre.

Criança malcriada? Donde é que tu conclus que ela o seja? Malcriada como o general que conduz um exército...

E eu, ao vê-la e ao ver as velhas e os velhos e os mais moços, compreendi todos os enxames de abelhas à volta da rainha, todos os mineiros à volta da pepita de ouro, todos os soldados à volta do capitão. Se todos eles formavam apenas um, tão poderoso, é porque os tinha convocado a todos para um combate. Combate-se também a golpes de esporas no ventre da semente que apanha uma matéria dispersa e dela faz árvores, torres e muralhas. Que fragilidade havia nesse corpo ferido de criança tão vulnerável, se ela muito naturalmente se robustecia com essa colônia que nem sequer conhecia, por efeito desse apelo que ordenava à sua volta todas as reservas exteriores? E uma cidade inteira passava a servir a criança. Assim as saís minerais, chamados pela semente, ordenados pela semente, se tornam, na dura casca, muralhas do cedro. Que é da fragilidade do germe, se ele se tem a poder de reunir os amigos e de submeter os inimigos? Acreditas nas aparências, nos punhos desse gigante e no clamor que é capaz de produzir? Tudo isso é verdade, nesse mesmo momento. Mas esqueces-te do tempo. O tempo constrói-te raízes. E não vês que o gigante está já como que amarrado por uma invisível estrutura. E não vês que a criança débil caminha à testa de um exército. Nesse mesmo instante, o gigante a esmagaria. Mas não a esmagará. A criança não representa uma ameaça. Ainda hás de ver, no entanto, a criança por o pé em cima da cabeça do gigante e destruí-lo com uma pancada do calcanhar.

CLIX

Tu sempre deves ter visto o que é forte esmagado pelo que é fraco. Sem dúvida, isso é falso no instante preciso, e daí as ilusões da tua linguagem. Porque esqueces o tempo. E, na verdade, se a criança enfezada desencadeia a cólera do gigante, o gigante a espezinhará. Mas não é próprio do jogo nem do senso da criança enfezada provocar essa cólera do gigante que ela procura é não ser notada ou ser amada por ele. E, na adolescência talvez ajudá-lo, para que o gigante tenha necessidade dela. Depois, chega a idade das invenções e a criança crescida forja uma arma ou então excede muito simplesmente o outro em altura e em peso. Ou, ainda mais simplesmente, a criança fala e reúne à sua volta um milhar de homens disposto a irem contra o gigante e a servir-lhe como que de armadura. Vê se consegues tocar-lhe.

Se descubro um grão de joio só que seja no campo de trigo, já o dou por vencido. É existir seja onde for, entre o povo governado pelo tirano e espezinhado pelos seus soldados e pela sua polícia, uma criança como o filho de Ibrahim que começa a desenvolver-se e a amadurecer a imagem nova que ordenará o mundo com um espartilho de ferro (porque eu descubro prontas as linhas de força), e não me é difícil prever a queda do tirano, semelhante à desses templos atingidos pela simples semente de uma árvore gigante que estendeu as raízes com a paciência de quem acorda e se espreguiça e incha lentamente os músculos do braço. Uma raiz fez oscilar a contraforte, a outra deitou abaixo um arcobotante. O tronco furou a cúpula do seu fecho de abóbada e o fecho de abóbada ruiu.

E a árvore reina daqui para o futuro sobre materiais dispersos tornados poeira, onde ela vai buscar o suco para se alimentar. Mas sou capaz de abater também essa árvore gigante. Porque o templo se tornou árvore; mas a árvore tornar-se-á povo de lianas. Bastar-me-á uma semente alada ao sabor dos ventos.

O que é que tu mostras, se o tempo te desenrola? Na verdade, essa cidade rodeada pela sua armadura é aparentemente invisível. Mas eu sei ler. E, por se ter fechado nas suas provisões, é que ela aceitou a morte. Tenho medo daqueles que vão nus, em direção ao norte do seu deserto sem fortalezas. Quase não tem armas, mas fazem lembrar a semente ainda não germinada, ignorante de o seu próprio poder. O meu exército brotou da água profunda do poço de El Ksur. Nós somos sementes salvas por Deus. Quem nos embargará o passo? Basta-me encontrar a falha na armadura para fazer ruir esse templo mediante o mero despertar da árvore encerrada na sua semente. Basta-me conhecer a dança que se há de dançar para tu te tornares fêmea do macho, cidade doravante doméstica como a mulher que fica em casa. Já és tão minha como um favo de mel, cidade excessivamente segura de ti. As tuas sentinelas devem dormir. Porque tu tens o coração estragado.

CLX

Se assim é - dizia eu comigo mesmo - não há muralhas. Se aquelas que acabo de construir servem o meu poder, é porque são efeitos do meu poder. Se ele servem a minha permanência, é porque são efeitos da minha permanência. Tu não chamas muralha os restos do crocodilo que morreu.

“Se ouvires uma religião queixar-se de que os homens não se deixam conquistar, não hás de rir a bom rir? A religião deve absorver os homens, não os homens submeterem-se a ela. Tu não censuras a terra por não formar um cedro.

“Se os apóstolos de uma religião nova se propagam pela mundo e a incutem nos homens, julgas que é por causa do barulho que fazem, da habilidade das arengas ou do luxo do alvoroço? Mas eu ouvi bastante os homens para não compreender o sentido da linguagem: acarretar, de outro para ti, algo forte que é ponto de vista novo e que procura alimentar-se por si. Há palavras que lanças coma sementes, que tem o poder de absorver a terra e de a organizar em cedro. E tu, na verdade, poderás ter semeado a oliveira e ter organizado a terra em oliveira. Mas quer uma quer outra hão de prosperar e multiplicar-se por si próprias. Num cedro que cresce, ouvirás cantar o vento cada vez mais forte. E, se a raça das hienas se multiplica, ouvirás o grito das hienas encher cada vez mais a noite. Ousarás, apesar disso, dizer-me que é o barulho do vento nas folhas do cedro que chama para ali os sucos da terra, ou a magia do grito das hienas que transforma em hiena o corpo ferido das gazelas selvagens? O corpo ferido das hienas recruta-se no corpo ferido das gazelas, o corpo ferido do cedro recruta-se nos sucos do cascalho. Os fiéis da tua religião nova recrutam-se entre os infieis. Mas nunca ninguém é determinado pela linguagem, se a linguagem não tem o poder de absorver.

“E tu absorves quando exprimes. E, se eu te exprimo, tu és meu. Tu te tornas em mim necessariamente. Por isso te digo que o cedro é linguagem do cascalho: através dele, torna-se murmúrio dos ventos.

“Mas quem, a não ser eu, propõe uma árvore onde te realizares?”

Cada vez que eu presenciava a ação de um homem, não procurava explicá-la pelo chinfrim da sua fanfarra - tu podes odiá-la ou repudiá-la - nem pela ação dos seus guardas, porque eles podem fazer sobreviver um povo que morre, mas não construir. Já te falei dos impérios fortes que decapitam as sentinelas adormecidas. Isso não quer dizer que a força lhes venha do rigor. Se o império fraco manda decapitar todas as sentinelas que dormem, não passa de um bobo sanguinário; ao passo que o império forte enche os membros com a sua força e não tolera o sono. Eu nem sequer procurava explicar a ação do homem pelas palavras enunciadas ou pelos móbeis ou pelos argumentos de inteligência, mas pelo poder invisível de estruturas novas e férteis, como acontece com esse rosto de pedra que tu olhaste e que te transforma.

CLXI

Mal a noite chegou, subi ao mais alto relevo da região para ver dormir a cidade; à minha volta, na obscuridade universal, em breve se extinguiriam as manchas negras dos meus acampamentos do deserto. Magnífica oportunidade para sondar as coisas. Já sabia que o meu exército era poder em marcha; a cidade, poder encerrado como o de um paiol. Através dessa imagem de um exército comprimido à volta do seu pólo, uma outra imagem, ligação diferente dos mesmos materiais, vinha a caminho e construía raízes. Ainda não sabia dela e por isso procurava ler na noite os sinais dessa gestação maravilhosa, não para a perder, mas para a governar. Todos, menos as sentinelas, foram dormir. E as armas repousam. De súbito, tu és navio no rio do tempo. E passou por cima de ti essa claridade da manhã, do meio-dia e da tarde, essa claridade que vem com a ninhada, fazendo um pouco progredir as coisas. Depois o impulso silencioso da noite, a seguir à dedada do sol. Noite bem untada e entregue aos sonhos. Só se perpetuam os trabalhos que se fazem por si, como um corpo ferido que se restabelece, sucos que se elaboram, passo rotineiro das sentinelas, noite entregue às criadas, porque o senhor foi dormir. Noite para a reparação das faltas, porque o seu efeito é transferido para o dia. E eu, se ao chegar a noite estou em vencedor, remeto para o dia seguinte a minha vitória.

Noite das uvas que esperam pela vindima reservada para a noite, noite das searas adiadas. Noite dos inimigos cercados - só de dia me apoderarei deles. Noite dos jogos jogados. O jogador foi dormir. O mercador foi dormir, mas deu as suas ordens ao guarda noturno que dá os cem passos. O general foi dormir, mas deu as suas ordens às sentinelas. O comandante de bordo foi dormir, mas deu ordens ao homem do leme e o homem do leme conduz a Orion, que passeia pelos mastros lá onde é preciso. Noite das ordens bem dadas e das criações suspensas.

Noite também em que se pode enganar. Em que os gatunos lançam mão dos frutos. Em que o incêndio se apodera das granjas, Em que o traidor torna as cidadelas. Noite dos grandes gritos que repercutem. Noite do escolha para o navio. Noite das visitas e dos prodígios. Noite das vigílias de Deus - esse ladrão -, pois, ao despertar, bem podes esperar por aquela que amavas!

Noite em que se ouve estalar as vértebras. Noite cujas vértebras eu sempre ouvi estalar, como se fossem do anjo esquecido que eu sinto espalhado no meio do meu povo e que um dia será preciso libertar...

Noite das sementes recebidas. Noite da paciência de Deus.

CLXII

Descobri que ainda não tinhas abandonado as tuas ilusões, enquanto falavas daqueles que viviam humildemente, não pediam nada, praticavam as virtudes familiares, celebravam com simplicidade as suas festas, educavam piedosamente os filhos.

“Está muito bem - respondi-te eu. Mas diz-me quais são as virtudes deles. Que festas celebram? Que deuses servem? Eles tem de ser particulares, como determinada árvore, que à sua maneira absorve a areia e não à maneira de outra. A não ser assim, onde os encontrarias tu?”

“Eles não pedem mais - dizes tu - do que viver em paz... É certo. No entanto, já estão em guerra. E estão em nome da sua própria permanência. Eles querem durar no confronto de tudo o que é possível e em que poderiam fundir-se. A árvore também é guerra, na sua semente...”

- Apesar disso, a alma deles pode durar, uma vez adquirida. Uma vez fundada a sua moral...

- Tens toda a razão. A história de um povo, uma vez terminada, pode durar. Essa noiva que tu conhecestes morreu jovem. Morreu sorrindo. Incapaz de envelhecer, bela e sorridente para toda a eternidade... Mas o teu povo, ou conquista o mundo para absorver os inimigos, ou mergulha nas fermentos da sua própria destruição. Por ele estar vivo é que é mortal.

“Mas tu desejavas a duração da imagem, querias conservar a recordação da tua amada. o Voltas disposto a contradizer-me:

“Se a forma que a rege se tornou agora tradição e religião e ritos aceites, ela continuará a transportar o seu código através das gerações. E tu a verás sempre feliz, com essa luz nos olhos dos filhos...”

- Na verdade - disse-lhe eu - depois de arrecadares as provisões, podes viver algum tempo do teu mel. Quem fez a ascensão da montanha pode viver um certo tempo da paisagem, que é ascensão vencida. Ainda por instantes se lembra das pedras escaladas. Mas em breve a recordação morre. Nessa altura, esvazia-se a própria paisagem.

“É certo que as tuas festas te levam a reconstituir a criação da tua aldeia, ou a religião da tua aldeia, pois são lembrança de épocas e de esforços e de sacrifícios. Mas o poder das festas vai morrendo a pouco e pouco; passam a assumir para ti um gosto antiquado ou inútil. Julgas-te necessariamente determinado. teu povo feliz torna-se ele sedentário e deixa de viver. Se acreditas na paisagem, é ficas lá e em breve te aborreces e deixas de ser.

“A essência da tua religião estava no ato de a adquirir. Julgaste que ela era um presente. Mas, depois de teres gastado o poder, que era prazer do presente e não objeto de que dispor, já não sabes o que fazer do presente e acabas por deitá-lo fora.

- Não há esperança de repouso?

- Lá onde as provisões são úteis. Só na paz da morte, quando Deus guarda.

CLXIII

Há estações da vida que regressam para todos os homens.

Os teus amigos cansam-se de ti necessariamente. Vão para outras casas queixar-se de ti. Depois de terem acalmado, perdoam-te, voltam e amam-te de novo, de novo prontos para arriscarem a vida pela tua vida. Já de novo voltavam, por serem outra vez teus amigos.

Um terceiro lembra-se de te vir contar intempestivamente coisas passadas, que não se te destinavam e eram portanto alheias a ti. Resultado: recusar-te-ás a recebê-los.

Ora, se não os tivesses amado da primeira vez, far-lhes-ias agora festas, sentir-te-ias feliz por essa conversão em teu favor, até tu a terias solicitado.

E por que é que não queres que haja várias estações na vida de um homem, quando até no mesmo dia há em ti várias estações relativamente aos pratos mais do teu agrado, desejados, indiferentes, motivo de desgosto conforme o apetite?

E eu não tenho o poder de usar sempre do mesmo.

CLXIV

Efetivamente, já é tempo de eu te instruir a respeito do homem. Há nos mares do norte blocos de gelo flutuantes que chegam a ter a espessura de montanhas. Mas, de todo esse maciço, apenas emerge uma crista minúscula à luz do sol. O resto dorme. A magia da tua linguagem também só te permitiu iluminar uma parte miserável do homem. Porque a sabedoria dos séculos forjou chaves para a apreender. E conceitos para a iluminar. E, de tempos a tempos, vem ter contigo aquele que traz até à tua consciência uma parte ainda não formulada, com a ajuda de uma chave nova, de uma palavra da estirpe daquele “ciúme” de que te falei. Essa palavra exprime num instante certa rede de relações que, mediante uma referência ao desejo da mulher, te ilumina a morte pela sede e muitas outras coisas. Graças a ela acompanhas todos os passos, quando sem ela terias sido incapaz de me dizer por que é que a sede te atormentava mais do que a peste. No entanto, a palavra que atua não é a que se dirige à pequena parte iluminada, mas a que exprime a parte obscura e ainda sem linguagem. E é por isso que os povos vão até onde a linguagem dos homens enriquece a parte enunciada. Porque tu desconheces o objeto da tua imensa necessidade de alimento. Mas eu to trago e tu o comes. E o lógico fala de loucura, porque a sua lógica de ontem não lhe permite compreender.

A minha muralha é o poder que organiza as suas provisões subterrâneas e as leva até à consciência. Porque as tuas necessidades são obscuras e incoerentes e contraditórias. . Tu procuras a paz e a guerra, as regras do jogo para gozares do jogo e a liberdade para gozares de ti próprio. A opulência para te satisfazeres e o sacrifício para te encontrares. A conquista das provisões pela conquista e o gozo das provisões pelas provisões. A saúde para a claridade do teu espírito e as vitórias do corpo ferido para o luxo da tua inteligência e dos teus sentidos. O fervor do teu lar e o fervor na evasão. A caridade em consideração às feridas, e a ferida do indivíduo em consideração ao homem. O amor constrói na fidelidade imposta e na descoberta do amor fora da fidelidade. A igualdade na justiça e a desigualdade na ascensão. Mas em todas essas necessidades ao desbarato como cascalho disperso, que árvore fundarás tu que as absorva e as ordene e faça de ti um homem? Que basílica vais tu construir com essas pedras?

A minha muralha é, em primeiro lugar, a semente que te proponho. E a forma do tronco e dos ramos. Tanto mais durável a árvore, quanto melhor organizar os sucos da terra. Tanto mais durável o teu império, quanto melhor absorver o que de ti se propõe. E inúteis são as muralhas de pedra, quando não passam de escamas de um morto.

CLXV

Eles encontram as coisas, dizia meu pai, como os porcos encontram as trufas. Realmente, há coisas a encontrar. Mas não te servem de nada, porque tu vives do sentido das coisas.

“Se eles não encontram o sentido das coisas, é porque este não se encontra, cria-se. “É por isso que eu te falo.

“O que é que esses acontecimentos contêm? - perguntavam ao meu pai. “Contêm - respondia meu pai - o rosto que lhes modelo.”

Esqueces-te sempre do tempo. Ora, o tempo durante o qual tiveres acreditado nalguma falsa notícia haver-te-á determinado sobremaneira, porque esta terá agido como semente, terá deitado ramos. Mesmo que venhas depois a desenganar-te, ter-te-ás tornado diferente. E, se eu te afirmar isto ou aquilo, descobrirás todos os sinais disso, todos os recortes, todas as provas. Se eu insinuar que a tua mulher te engana, começarás a reparar que ela é provocante e que sai a toda a hora. Tudo isso é verdade, mas tu não havias notado. Ainda que eu a seguir repare a minha mentira, a estrutura permanece. Sempre resta algo da minha mentira, porque ela era ponto de vista para descobrir verdades que são.

Se eu te disser que os corcundas transmitem a peste, ficarás espantado com o número de corcundas. Ainda não tinhas reparado. E, quanto mais tempo houveres acreditado em mim, melhor os terás descoberto. Ficas, pois, a saber o seu número. E era o que eu queria.

CLXVI

Eu, disse meu pai, sou responsável por todos os atos de todos os homens.

- No entanto - objetam-lhe - aqueles lá portam-se como covardes e estes aqui atraíam-te. Que culpa tens tu?

- Se há alguém que se porta como covarde, sou eu. E se há alguém que atraiçoar, sou eu que me atraiçoar a mim próprio.

- Como é que tu havias de te atraiçoar a ti próprio?

- Eu aceito uma imagem dos acontecimentos segundo a qual eles me servem - responde meu pai. E sou responsável por ela, porque a imponho. E ela torna-se a verdade. É pois a imagem do meu inimigo que eu sirvo.

- E por quê? Serias porventura covarde?

- Eu chamo covarde - replica meu pai - àquele que, tendo renunciado a mexer-se, se descobre nu. Covarde é aquele que diz: rio arrasta-me. Ora ele poderia nadar perfeitamente, porque tem músculos.

E meu pai resume: - Chamo covarde e traidor a todo aquele que se queixa das faltas de outro ou do poder do inimigo.

Mas ninguém o compreendia.

“Há, no entanto, evidências pelas quais não sois responsáveis...”

- Não!. - exclamou meu pai.

Pegou num dos convivas e levou-o até à janela. “Que forma te faz lembrar aquela nuvem lá?”

O outro ficou a olhar longo tempo.

“Um leão deitado” - respondeu por fim.

- Mostra-o àqueles.

E meu pai, depois de dividir em duas partes a assembléia levou os primeiros até à janela. Todos viram o leão deitado que a primeira testemunha lhes identificou traçando-o com o dedo.

A seguir, meu pai mandou-os afastar e levou outro até à janela:

- Que forma tem essa nuvem?

O outro ficou muito tempo a olhar.

Um rosto sorridente - respondeu por fim.

- Mostra-o a estes aqui.

E todos viram o rosto sorridente que a segunda testemunha lhes mostrou, traçando-o com o dedo. Depois meu pai levou todo o grupo para longe das janelas.

“Esforcem-se por chegar a um acordo sobre a imagem que a nuvem representa” - pediu-lhes ele.

Mas injuriaram-se uns aos outros sem resultado. O rosto sorridente era por demais evidente para uns e o

leão deitado para os outros.

“Os acontecimentos também tem a forma que o criador lhes conferir - afirmou-lhes meu pai. E todas as formas são verdade ao mesmo tempo.

- Que seja assim quanto à nuvem, aceitamo-lo - objetaram-lhe. Mas na vida... Se o teu exército for desprezível em comparação com o poder do teu adversário, ao raiar a madrugada do combate não está no teu poder agir sobre o resultado.

- É certo - concordou meu pai. Da mesma forma que a nuvem se estende no espaço, assim os acontecimentos se estendem no tempo. Se eu quiser modelar no espaço o meu rosto, tenho necessidade de tempo. Não mudarei nada do que há de concluir-se esta tarde, mas a árvore de amanhã sairá da minha semente. E ela hoje é. Criar não é descobrir um estratagema de hoje que o acaso te teria escondido para a tua vitória. Ela seria sem amanhã. Nem uma droga que te mascarasse a doença, porque a causa subsistiria.” Criar é tornar a vitória ou a cura tão necessárias como o crescimento de uma árvore.”

Mas eles nem sempre compreendiam:

- A lógica dos acontecimentos...

Foi então que meu pai, arrebatado pela cólera, os insultou:

“Imbecis! Corja de castrados! Historiadores, lógicos e críticos, vós sois os vermes dos mortos e nunca vireis a saber da vida seja o que for.”

Voltou-se para o primeiro ministro:

“O rei, meu vizinho, quer-nos declarar guerra. Ora, nós não estamos preparados. A criação não consiste em modelar, num dia, exércitos que não existem. Seria uma infantilidade. Mas já é criação modelar um rei, meu vizinho, que tenha necessidade do nosso amor.

- Mas não está no meu poder modelá-lo...

- Conheço uma cantora - respondeu-lhe meu pai - em quem hei de pensar, se me fartar de ti. Ela, na outra noite, cantou-nos o desespero de um apaixonado fiel e pobre, que não ousa confessar o seu amor. Eu vi chorar o general, chefe do estado maior. Ora ele é rico, rebenta de orgulho e viola jovens inocentes. Ela no-lo tinha mudado em dez minutos nesse anjo de candura de que ele experimentava todas os escrúpulos e todas as penas.

“Eu não sei cantar” respondeu o primeiro ministro.

CLXVII

Se aceites a polemica, ficas a fazer do homem uma idéia simplista.

Repara nesse povo reunido à volta do rei. O rei o conduz ara um objetivo que julgas indigno do homem. E travas uma polemica com o rei.

Mas há muitos súditos do rei que são da tua opinião. Eles não vêem o rei sob essa luz, porque há outras razões para amar ou para tolerar o rei. O que fazes é levantá-los contra si próprios e contra o pão dos filhos. Um terço deles te seguirá com esforço. Renegam o rei, e hão de se arrepender, porque havia outras razões para amar e tolerar o rei. Também era dever deles alimentar as filhas e não há balança para estabelecer a paz entre dois deveres. Para animares o homem que se atola na dúvida e deixa de saber agir, o que tens a fazer é libertá-lo. Libertá-lo é exprimi-lo e exprimi-lo é descobrir-lhe essa linguagem que é fecho de abóbada das suas aspirações contraditórias. Quando há contradições, tu te sentas à espera que elas passem e te causem a morte. Ora, se tu fazes aumentar essas contradições, ele irá deitar-se desgostado.

Outro terço deles não te seguirá. Mas os obrigará a justificar-se a seus próprios olhos, porque os teus argumentos deram resultado. Obrigá-los a construir argumentos tão sólidos que deem por terra os teus. Argumentos, sempre os há, porque a razão vai onde tu quiseres. Só o espírito domina. Agora, que ele se definiu, exprimiu e se reforçou com uma carapaça de provas, já não conseguirás apoderar-te dele.

O rei, que nem por sombras pensava levantar o povo contra ti, ve-se obrigado a agir. E faz apelo aos cantores, historiadores, lógicos, professores, casuístas e comentaristas do seu império. E fabricam de ti uma imagem estrábica, o que sempre é possível. E demonstram a tua baixeza, o que sempre é possível. E o terceiro terço, que te havia lido sem saber determinar-se, cheio de boa vontade, encontra a sua fé nesses monumentos de lógica que tu forçaste a construir. Teu estrabismo leva-o a vomitar e ele vai-se juntar ao rei, reconfortado finalmente por esse puro rosto de uma verdade.

O que tu precisavas não era lutar contra mas por. O homem não é simples, como julgavas. E até o rei é da tua opinião.

CLXVIII

A tua atitude emerge do que costumavas dizer: “Ainda Sou capaz de utilizar quem é mesmo. Mas prefiro, por comodidade, mandar o meu adversário para o outro campo e abster-me de agir sobre ele, a não ser pela guerra.”

Ao proceder assim, não fazes mais que endurecer e forjar o teu adversário.

E eu mesmo digo que amigo e inimigo são palavras da tua lavra. É certo que especificam algo, como definir o que se passará se vos encontrardes num campo de batalha, mas um homem não se rege só por uma palavra. Sei de inimigos que estão mais perto de mim ou que me são mais úteis ou que me respeitam mais do que os amigos. As minhas faculdades de ação sobre o homem não estão ligadas à sua posição verbal. Direi mesmo que atuo melhor sobre o meu inimigo do que sobre o amigo: quem caminha na mesma direção que eu oferece-me menos oportunidades de encontro e de troca do que aquele que vem contra mim, disposto a não deixar escapar a mínima palavra ou gesto meu, que lhe podem sair caros.

Não quer isso dizer que exerça o mesmo gênero de ação sobre um e sobre o outro. Recebi o meu passado como herança e não tenho o poder de lhe alterar seja o que for. Se me vejo obrigado a travar batalha nesta região ornada por um rio e por uma montanha, seria absurdo lamentar a posição da montanha ou a direção do rio. De nenhum conquistador bom da cabeça terás ouvido algum dia semelhantes lamentos. Usarei a rio como rio e a montanha como montanha. Situada aqui, talvez ela me venha a ser menos útil do que se estivesse situada noutra lado, da mesma maneira que, se o adversário for poderoso, há de favorecer-te menos do que um aliado. Já agora podias lamentar não ter nascido noutra época ou não seres chefe de outro império. Mas são tudo sonhos podres. Se me dão o que é, como única realidade a ter em conta, disponho afinal do mesmo poder de ação sobre o adversário que sobre o amigo. Essa ação será, num sentido, mais ou menos favorável e, no outro, mais ou menos desfavorável. Trata-se de agir sobre e fiel de uma balança, isto é, de te manifestares por uma ação ou por uma força, pois são equivalentes as operações que consistem em tirar um peso do prato da direita ou em acrescentar um peso ao prato da esquerda.

Mas tu partes de um ponto de vista moral que não tem nada a ver com a tua aventura. Resolves condenar e repudiar aquele que te vexou, injuriou ou traiçou. Isso é obrigá-lo a vexar-te, injuriar-te ou trair-te mais gravemente amanhã. Eu mesmo sirvo-me daquele que me traiçou como traidor. Ele é peça, determinada peça de um tabuleiro de xadrez. Posso apoiar-me sobre ele para conceber e organizar a minha vitória. Não será já uma arma o conhecimento que tenho do adversário! Logo a seguir, hei de utilizar a minha vitória para o enforcar.

CLXIX

Se recriminas à tua mulher:

“Tu não estavas lá e eu à tua espera.” Resposta dela:

“E como é que eu podia estar, se me encontrava na casa da nossa vizinha?” E é verdade que se encontrava em casa da vizinha.

Observas ao médico:

“Todos tentando reanimar a criança afogada, e tu não estavas lá.” Ele te responde:

“Como é que eu poderia estar, se nesse momento tratava aquele velho noutra lugar?” E é verdade que estava a tratar esse velho.

Perguntas a um habitante do império:

“Por que é que não estavas aqui, servindo o império?”

“Como poderia eu servir aqui o império, se estava a trabalhar lá?” E é verdade que trabalhava lá.

Se tu não vês a árvore subir através dos atos dos homens, é porque não há semente. De contrário, ela teria arrastado nessa direção necessária a presença da mulher, o gesto do médico, o servidor do império. E teria nascido, através deles, o que pretendias fazer nascer. Para o homem que forja rebites, que observa a religião da forja dos rebites, é o mesmo ato que forja este rebite e aquele. Mas pode ser que se trate dos rebites do navio. És tu quem recua para ver melhor, e vês nascimento onde parece haver desordem.

O ser não tem aptidões nem falhas que permitam à linguagem dá-lo a conhecer a todos os que dele participam. O ser revela-se a cada um segundo a sua linguagem particular.

O ser não falha nas ocasiões. Alimenta-se, constrói-se, converte. A pessoa singular, se apenas conhece a lógica do seu andar, é possível que o ignore. (A mulher, o aproveitamento do tempo, não ó desejo de se encontrar em casa.) A falha, em si, não existe. Todo o ato é justificável, nobre ou mesquinho ao mesmo tempo, conforme a ponto de vista. Existe, sim, em relação ao ser ou falha do ser.

Cada um pode ter razões nobres para não agir numa certa direção. Nobres e lógicas. E é porque o ser não o arrastou com bastante força. Aí tens aquele que em vez de forjar rebites esculpe pedras. Atraiçoa o veleiro. Longe de mim ouvir-te expor as razões do teu comportamento: tu não tens linguagem.

Ou, mais exatamente, há uma linguagem do príncipe, depois uma linguagem dos seus arquitetos, depois dos seus chefes de grupo, depois dos forjadores de rebites, depois dos simples operários.

Pagas a obra a um homem. Pagas-lhe bastante caro para que ele te esteja reconhecido, não tanto pelos serviços materiais, como pela homenagem prestada ao seu mérito. Que preço julgarás exagerado para lhe pagar a escultura ou o risco da vida? A escultura merece que a comprem.

E lá compraste tu com o teu dinheiro, não só a escultura, mas também a alma do escultor.

Tens em grande estima o que te assegura a vida, e fazes tu muito bem. O trabalho de um pai é pão dos filhos. Não o tenhas por vil, pois se troca pelo riso dos filhos. Há um homem que serve o tirano, mas o tirano serve-lhe os filhas. Daí a dificuldade em julgar acertadamente o comportamento dos homens.

Só podes julgar quem atraiçoa o ser que poderia ter drenado os seus atos e fazer-lhe escolher, entre passos iguaizinhos uns aos outros, um passo dirigido.

O homem põe uma pedra em cima de outra, ao sol. E o seu ato é tal ato. Pago por tal preço. Custando tal fadiga. O que ele vê é o sacrifício consentido para juntar pedras. Não lhe podes censurar não serem pedras de um templo.

Se fundaste o amor do templo, foi para que se encaminhe para o templo o amor pela junção das pedras. O ser tende a alimentar-se e a crescer.

Precisas ver muitos homens para o saber. E diversos. Assim o navio, através dos rebites, dos panos e das tábuas.

O ser não é acessível à razão. O seu sentido é ser e tender. Ele se torna razão ao nível dos atos. Mas não de um momento para o outro. A não ser assim, nenhuma criança subsistiria, tão fraca ela é em comparação com o mundo. Nem o cedro diante do deserto. O cedro nasce em detrimento do deserto, porque o absorve.

Não comeces por apoiar o teu comportamento na razão. Põe a tua razão ao serviço do teu comportamento. Não exijas que o teu adversário dê mais mostras de razão do que tu. A única lógica é a tua obra feita, estendida no espaço e no tempo. Mas por que motivo essa planície é esta e não outra? Por que é que foi este guia a guiar e não outro? O que houve sempre foi a ação do acaso: Mas como é que os acasos, em vez de dispersarem a árvore em poeira, a estabelecem em detrimento da gravidade?

Tu fazes nascer aquilo que consideras. Fazes nascer o ser, por o teres definido. E ele procura alimentar-se, perpetuar-se e crescer. Ele trabalha por fazer seu o que é diferente dele. Tu admiras a riqueza do homem. E ele se considera na medida em que é rico, ele se absorve no cuidado de acrescentar as suas riquezas, quando antes talvez nem pensasse nisso. Elas, a seus olhos, tornaram-se significação de si próprio. Não desejes transformar o indivíduo em coisa diferente do que ele é presentemente. Deve haver razões poderosas e independentes de ti que o obrigam a ser assim e não de outra forma. Mas podes transformá-lo no que ele é, porque o homem é pesada substância, o homem é tudo. Toca-te escolher dele o que te agrada, e fazer um desenho dele que pareça evidente a todos e a ele próprio. Logo que o vir o aceitará, porque o aceitava bem na véspera, mesmo sem a paixão a ajudá-lo. E depois de ter encarnado nele este fato de o haverem considerado e transformado nele próprio, passará a viver a vida dos seres que procuram perpetuar-se e crescer.

Repara naquele que dá ao negreiro uma parte de trabalho e uma parte de recusa do trabalho. É assim a vida. Ele, na verdade, poderia ter trabalhado mais ou trabalhado menos. Se quiseses que uma parte devore a outra, que o trabalho devore a recusa do trabalho, é só dizeres ao homem: “Fazes bem em aceitar esse trabalho. Apesar de amargo, só nele encontras a tua dignidade, só ele te permite o exercício da criação. Não serve de nada lamentar que o negreiro não seja outro. Ele é, como é a época em que tu nasceste, ou a montanha do teu país ...”

E não manifestaste o desejo de que ele trabalhasse mais, nem quiseste aumentar o litígio dele consigo próprio. O que fizeste foi oferecer-lhe uma verdade que conciliou as suas duas partes no ser que a ti te interessava. Ele caminhará, crescerá e acabará por ir para o trabalho.

Se quiseses que a parte de recusa do trabalho devore a parte da trabalho, é só lhe dizeres:

“Tu és aquele que, apesar do chicote e da chantagem do pão, apenas concede ao trabalho desejado a parte indispensável para não morrer. Que corajoso é o teu comportamento! Tens toda a razão. Se

quiseres que o senhor seja vulnerável, o único meio que tens ao teu dispor é julgares-te de antemão vencedor. Deixas a salvo aquilo que não concedes no íntimo do coração. E a lógica não governa as criações.”

Nem quiseste que ele trabalhasse menos, nem fomentaste o litígio dele consigo próprio. O que lhe ofereceste foi uma verdade que conciliou os seus dois pontos de vista no ser que te interessava. Esse homem caminhará, prosperará e acabará por organizar a revolta.

É por isso que eu não tenho inimigos. No inimigo, eu considero o amigo. E ele vem a sê-lo.

Eu pego em todos os pedaços. Não tenho de mudar os pedaços. Ligo-os graças a outra linguagem. E o mesmo ser evoluirá de maneira diferente.

Considerarei verdade tudo o que me trouxeres dos teus materiais, e deplorável a imagem que eles constituem. E, se a minha imagem os absorve melhor e se ela está de acordo com o meu desejo, tu serás melhor.

Por isso digo que tens razão em construir o teu muro à volta das fontes. Mas aqui tens outras fontes não compreendidas aí. E é apanágio do teu ser deitar abaixo o muro para o voltar a construir. Apressas-te a reconstruí-lo e eu torno-me semente no interior das tuas muralhas.

Condeno a tua vaidade, mas não o teu orgulho. Se danças melhor do que outra, por que te havias de humilhar diante de quem dança mal? Isso seria denegrir-te. Há uma forma de orgulho que é amor pela dança bem dançada.

Mas o amor pela dança não é amor por ti que danças. Tu I; vais buscar o sentido à tua obra, não é a obra que se vale de ' ti. Nunca te realizarás, a não ser na morte. Só a vaidosa se satisfaz, interrompe a marcha para se contemplar e absorve-se na adoração de si mesma. Ela não tem nada a receber de ti ', il a não ser os aplausos. Ora nós, eternos nômades da marcha para Deus, desprezamos tais apetites, porque nada de nós nos pode satisfazer.

A vaidosa fez alto em si própria, convencida de ter adquirido um rosto antes da hora da morte. Tornou-se incapaz de receber ou de dar seja o que for, precisamente à maneira dos mortos.

A humildade do coração não exige que te humilhes, mas que te abras. É essa a chave das trocas. Só então podes dar e receber. Estas duas palavras marcam um mesmo caminho. Não as sei distinguir uma da outra. A humildade não é submissão aos homens, mas a Deus. Assim a pedra é submetida, não às pedras, mas ao templo. Quando tu serves, é à criação que serves. A mãe é humilde em relação ao filho, e o jardineiro relativamente à rosa.

Eu, o rei, submeter-me-ei com prazer à lição do lavrador. Porque ele sabe muito mais de lavoura do que um rei. E, por o saber capaz de me instruir, agradecer-lhe-ei, sem por isso julgar que me rebaixo. É natural que a ciência da lavoura vá do lavrador para o rei. Mas não consentirei na vaidade de desejar que ele me admire. É que o juízo vai do rei para o lavrador.

Não te lembras de ter encontrado na vida aquela que se considera um ídolo? Que havia ela de receber do amor? Tudo, até a tua alegria de a encontrares, se torna homenagem para ela. Mas, quanto mais a homenagem custa, mais vale: ela saborearia melhor o teu desespero.

Ela devora sem se alimentar. Ela se apodera de ti para te queimar à sua honra. Ela é semelhante a um forno crematório. Ela, na sua avareza, enriquece-se de várias capturas, julgando encontrar a alegria nessa acumulação. E não acumula mais do que cinzas. Porque o verdadeiro uso dos teus dons era caminho de um para outro, e não captura.

Ela verá salário nos teus dons e se absterá de to conceder em paga. Na falta de arrebatamentos que te satisfariam, a sua falsa reserva fará ver que a comunhão dispensa sinais. É marca da impotência para amar, não elevação do amor. Se o escultor despreza a argila, terá de modelar o vento. Se o teu amor despreza os

sinais do amor a pretexto de atingir a essência, o teu amor não passa de palavreado. Não descuides as felicitações, nem os presentes, nem os testemunhos. Serias capaz de amar o domínio, se fosses excluindo dela, um por um, como supérfluos, porque particulares demais, o moinho, o rebanho, a casa? Como construir o amor, que é rosto lido através da urdidura, se não há urdidura sobre a qual escrever?

Sem cerimonial das pedras, não haveria catedral.

Nem haverá amor sem cerimonial em vistas do amor. Eu só atinjo a essência da árvore se ela modelou lentamente a terra segundo o cerimonial das raízes, do tronco e dos ramos. Nessa altura, ela é una. Tal

árvore e não outra.

Mas aquela lá desdenha as trocas, que a haviam de fazer nascer. Ela procura no amor um objeto capturável.

E esse amor não tem significado algum.

Ela julga que o amor é um presente que pode fechar em si. Se tu a amas, é porque ela te conquistou. Ela te fecha em si, convencida de enriquecer. Ora o amor não é tesouro a conquistar, mas obrigação de parte a parte, fruto de um cerimonial aceite, rosto dos caminhos da troca.

Jamais essa mulher nascerá. Só de uma rede de laços se pode nascer. Ela continuará a ser semente abortada, poder não empregado, alma e coração secos. Ela há de envelhecer funebremente, entregue à vaidade das suas capturas.

Tu não podes atribuir nada a ti próprio. Não és cofre nenhum. És o nó da diversidade. O templo, também, é sentido das pedras.

Foge dela. Que esperanças podes ter de a embelezar ou de a enriquecer? O teu diamante tornou-se para ela cedro, coroa e distintivo de domínio. Para admirar uma só bugiganga que seja, precisa-se humildade de coração. Ela não admirava: invejava. A admiração prepara o amor; mas a inveja prepara o desprezo. Ela desprezará, em nome do diamante que finalmente tem, todos os outros diamantes da terra. E tu a terás arrancado do mundo um pouco antes de tempo.

Tê-la-ás separado de ti próprio porque esse diamante deixa de ser caminho de ti para ela e dela para ti, para se tornar tributo da tua escravidão.

É por isso que cada homenagem a tornará mais dura e mais solitária.

Diz-lhe:

“Eu me precipitei, é certo, na tua direção, trazido pela alegria de vir ter contigo. Mandei-te mensagens. Saciei-te. A doçura que encontrava no amor era essa opção que te proporcionava sobre mim próprio. Concedia-te direitos para me sentir ligado. Tenho necessidade de raízes e de ramos. Propunha-me assistir-te. Sempre acabo por me submeter à roseira que cultivo. A minha dignidade não sofre pelos compromissos que contraio. Entreguei-me ao meu amor.

“Não receei comprometer-me e armei em pretendente. Aventurei-me porque quis. Ninguém no mundo tem mão em mim. Mas enganavas-te a respeito do meu apelo. Tu leste nele a minha dependência. E eu não era dependente. Era generoso. “Passaste a contar os passos que eu dava por ti. Em vez de te alimentares do meu amor, vivias esta homenagem do meu amor. Deturpaste o significado da minha solicitude. Vou-te deixar, para honrar cimente aquela que é humilde e que há de iluminar o meu amor. Ajudarei a crescer aquela que o meu amor fizer crescer. Quem trataria um doente para o adular e não para o curar? Tenho necessidade de um caminho, de um muro.

O que querias não era amor, mas culto. Barraste-me o caminho. Ergueste-te no meu caminho como um ídolo. De nada me serviu este encontro. Irei bater a outra porta.

Nem sou ídolo que sirvam nem escravo que sirva. Repudiarei todo alquile que me reivindicar. Não sou objeto dado em penhor, e ninguém tem um crédito sobre mim. Assim como não tenho crédito sobre ninguém: recebo perpetuamente daquela que me ama.

A quem é que tu me compraste, para reivindicares este domínio? Eu não sou o teu burro. Tenho talvez para com Deus o dever de te permanecer fiel, mas não para contigo.

Um soldado, por exemplo, deve a vida ao império. Mas o titular do crédito é Deus, não o império. Deus ordena que o homem tenha um sentido. Ora o sentido desse homem é ser soldado do império.

Sou homem para exigir as honras que as sentinelas me devem, mas não fico com nada delas para mim. Por meu intermédio, as sentinelas tem deveres. Eu sou laço do dever das sentinelas.

O mesmo se diga do amor.

De bom grado me tornarei caminho para libertar aquela que a todo o momento cora e balbucia e, para aprender a sorrir, precisa de presentes que, em vez de presa, serão para ela como o vento do mar.

O amor não servirá para me humilhar nem para a humilhar. Serei, à volta dela, como o espaço e, nela, como o tempo.

Dir-lhe-ei: “Não te apresses a conhecer-me, não há nada que apreender em mim. Eu sou espaço e tempo onde realizar-me”.

Se ela tem necessidade de mim, como a semente tem necessidade da terra para se fazer árvore, abster-me-ei de a esmagar com a minha suficiência.

Também não estou disposto a honrá-la por ela própria. Hei de agarrá-la duramente com as garras do amor. O meu amor será, para ela, águia de asas possantes. E não é a mim que ela me há de descobrir, mas os vales, as montanhas, as estrelas, os deuses através de mim.

Não é questão de mim. Eu sou apenas aquele que transporta. Não se trata de ti. Tu não passas de senda no bosque, ao despertar do dia. Não é questão de nós: nós somos os dois passagem para Deus, que pega um instante na nossa geração e a utiliza.

CLXXI

Ódio, não à injustiça, porque ela é um instante de passagem e se torna justa. Ódio, não à desigualdade, porque ela é hierarquia visível ou invisível.

Ódio, não ao desprezo da vida, pois, se te submetes a alguma coisa superior a ti, o dom da tua vida se torna troca.

Ódio, sim, ao arbítrio permanente, porque arruína o próprio sentido da vida, que é permanência no próprio objeto da troca.

CLXXII

Hás de ler no presente o ser que tu te tornas. Hás de enunciá-lo. Ele dará sentido aos homens e aos atos dos homens. Não exigirá nada deles presentemente, a não ser o que dão e já davam ontem: nem mais coragem, nem menos coragem, nem mais sacrifícios, nem menos sacrifícios. Não se trata de lhes pregar nem de fazer desaparecer seja que parte for deles próprios. Nem de mudar nada, logo às primeiras, neles próprios. Apenas se trata de os enunciar. Porque, com os mesmos pedaços que eles tem, podes construir a construção que quiseres. E eles querem esse enunciado, pois não sabem que fazer dos seus pedaços.

Mas tu és senhor de quem quer que enunciares. Tu governas aquele que procurava o seu objeto, quando não encontra o caminho ou a solução. É que o homem é dominado pelo espírito.

Tu os consideras, não como um juiz, mas como um deus. s que governa. Tu os situas e os fazes vir a ser. O resto virá por si mesmo. Porque tu fundaste o ser. Daqui para o futuro, ele se alimentará e transformará em si o resto do mundo.

CLXXIII

Esse pescador era apenas uma barca perdida ao longe, na calmaria do mar.

Mas deve haver, Senhor, outras escalas para o apreciar. Se eu o visse arrancar às águas o pão do amor devido à mulher e aos filhos ou o salário de fome, tê-lo-ia por uma chama de fervor. Se me representasse o mal que o enche e o queima e o vai minando, talvez eu visse nele um nó de cólera.

Pequenez do homem? Onde é que está a pequenez? Não tomes as medidas do homem com uma cadeia de agrimensor. É, pelo contrário, quando entro na barca que tudo se torna imenso.

Para eu me conhecer basta que tu, Senhor, lances em mim a âncora da dor. Puxas pela corda e desperto. Estará o homem da barca submetido à injustiça? Não se altera em nada o espetáculo. A mesma barca. A mesma calma por cima das águas. A mesma ociosidade do dia.

Que hei de receber dos homens, se não me tornar humilde para com eles?

Senhor, ata-me à árvore a que pertença. Se ficasse sozinho, deixaria de ter sentido. Que se apóiem sobre mim. Que eu me apóie sobre outra. Que as tuas hierarquias me constranjam. Eu, aqui, vejo-me derrotado e provisório.

Sinto necessidade de ser.

CLXXIV

Já te falei do padeiro que te amassa o pão. Enquanto a massa lhe obedecer, está tudo muito bem. Mas chega um momento em que começa a empolar. As mãos vão descobrindo linhas de força, tendões e resistências. É uma autentica musculatura de raízes. O pão apodera-se da massa como uma árvore se apodera da terra.

Andas ruminando nos teus problemas e nada. Oscilas entre uma e outra solução, pois nenhuma delas te satisfaz. Sofres por não agir; só a marcha exalta. E te deixas invadir pelo desgosto de te sentires disperso e evadido. Voltas-te então para mim, no desejo de que eu ponha fim aos teus litígios. E, na verdade posso pôr-lhes fim, esfregando as soluções uma na outra. O vencedor que te leva cativo impõe-te, por esse fato, a escolha de uma parte em vez da outra. Ficaste, na verdade, pronto para a ação. Mas a paz que encontras é a paz do fanático ou a paz da térmita ou a paz do covarde. Porque a coragem não é ir por aí afora distribuindo pancada aos portadores de outras verdades.

O sofrimento obriga-te, é certo, a saíres das condições do teu sofrimento. Mas precisas aceitar o sofrimento para seres empurrado para a tua ascensão. O simples sofrimento causado por um membro doente obriga-te a cuidares de ti e a recusares a podridão.

Aquele que sofre dos membros e amputa um deles em vez de procurar o remédio, pode ser doido ou covarde. Corajoso é que não é. Não é meu intento amputar o homem, mas curá-lo.

Do alto da montanha, donde dominava a cidade, dirigi então a Deus a seguinte oração:

“Lá estão eles, Senhor, pedindo-me um significado para a vida. Esperam, Senhor, que eu lhes diga qual a sua verdade. Se eu ainda nem sequer a forjei! Bem amasso eu a massa do pão para que as raízes se manifestem. Não se estabelece ligação alguma entre as coisas, e passo os maus bocados das noites em branco. Mas passo também pela ociosidade do fruto. Toda a criação mergulha, em primeiro lugar, no tempo, onde se há de realizar.

“Eles me trazem a granel os anelos, os desejos, as necessidades. Empilham-nos no meu estaleiro, como outros tantos materiais donde hei de criar o conjunto que os absorva, seja ele templo ou navio.

“Mas não sacrificarei as necessidades de uns às necessidades dos outros, a grandeza de uns à grandeza dos outros, a paz de uns à paz dos outros. Submeterei todos eles uns aos outros, para que se tornem templo ou navio.

“Vim a saber que submeter é o mesmo que receber e colocar. Eu submeto a pedra ao templo e ela não fica ao desbarato no estaleiro. E não há rebite com que eu não sirva o navio.

“Não darei ouvidos à maioria, porque eles não vêem o navio, que os ultrapassa. Se os forjadores de rebites estivessem em maioria, submeteriam os serradores de tábuas à verdade dos forjadores de rebites e não nasceria o navio.

“Deus. me livre de criar, por uma escolha vazia, a paz do cupinzeiro, dos carrascos e das prisões. Tanto faria que a seguir viesse a paz: mas, criado pelo cupinzeiro, o homem seria para o cupinzeiro. Se a espécie não transporta as suas bagagens, não cuida de a perpetuar. O vaso é realmente o mais urgente, mas é o licor que lhe dá valor.

“Longe de mim também conciliar. Quem concilia satisfaz-se com a ignomínia de uma mistura tépida, onde se conciliam bebidas geladas e a ferver. E eu quero salvar o sabor nos homens. Tudo o que eles procuram é desejável, as suas verdades são todas elas evidentes. Cabe-me a mim criar a imagem que os absorva. A comum medida da verdade dos serradores de tábuas e da verdade dos forjadores de rebites é o navio.

“Mas virá a hora, Senhor, em que terás piedade desta aflição a que não me furtei. Porque eu luto pela serenidade, que brilha sobre os litígios absorvidos, e não pela paz do guerrilheiro, que é feita metade de amor, metade de ódio.

“Se me indigno, Senhor, é sinal de que ainda não compreendi. Se aprisiono ou executo, é porque não sei abrir. Aquele que, por não dominar uma linguagem inútil cujas palavras se repelem, chega a uma verdade tão fácil como preferir a liberdade ao constrangimento ou o constrangimento à liberdade, fica fora de si quando o pretendem contradizer. Se te pões a gritar, é porque a tua linguagem é insuficiente e procuras cobrir assim as vozes dos outros. Mas que motivos teria eu, Senhor, para me indignar, se subi à tua montanha e vi as coisas seguirem o seu rumo através das palavras provisórias? Aquele que vier a mim, hei de acolhê-lo. Aquele que se agitar contra mim, hei de compreendê-lo apesar do erro, e hei de falar-lhe docemente, para que volte. Na doçura mesmo utilizada não haverá, porém, sombra de concessão, lisonja ou apelo do sufrágio. A doçura me servirá para ler claramente o patético desejo que ele nutre. CE desejo tornar-se-á desejo meu, pois até isso estou disposto a absorver. A cólera não torna uma pessoa cega; por se ele ser cego é que pode nascer a cólera. Indignas-te contra aquela que se mostra rabugenta. Mas é ela abrir-te o vestido, mostrar-te o câncer e imediatamente lhe perdoas. Por que te havias de irritar contra esse desespero?

“A paz em que medito ganha-se através do sofrimento. Se aceito a crueldade das noites em claro, é porque estou em marcha para ti, que és enunciado, desvanecimento das questões ° silencio. Sou árvore lenta, mas árvore. E, graças a ti, assimilarei os sucos da terra.

“Compreendo agora, Senhor, que o espírito domina a inteligência. A inteligência examina os materiais, mas só o espírito sabe ver a navio. E, depois de eu fundar o navio, os meus súditos me emprestarão as inteligências para vestir, esculpir, endurecer, demonstrar o rosto que eu tiver criado.

“Por que me haviam eles de repudiar? Eu não vim com nada que os contrarie. Se tornei cada um deles livre para o amor...

“E por que é que o serrador de tábuas havia de serrar menos se a tábua é tábua para o navio?

“Os próprios indiferentes, que não tinham recebido tábuas, hão de se converter ao mar. Todo o ser procura converter e absorver ó que tem ao seu redor.

“Se alguém não sabe cuidar do navio, como é que há de ser capaz de prever os homens? Os materiais não ensinam nada sobre a sua evolução. Se não nasceram num ser, é porque não nasceram. Uma vez reunidas, é que as pedras podem agir sobre a coração do homem, graças à maré cheia do silencio. Quando a terra é drenada pela semente do cedro, sei prever o comportamento da terra. Por ter visto os materiais do estaleiro e conhecer as inclinações do arquiteto, é que eu sei que esses materiais hão de abordar ilhas longínquas.

Tornara que fosses permanente e bem fundado, que fosses fiel. Fiel é uma pessoa, em primeiro lugar, para consigo própria. Que podes esperar da traição? Os laços que te hão de reger, que te hão de animar, que te darão sentido e luz levam um longo tempo a atar. Repara nas pedras do templo. Deus me livre de voltar a espalhá-las todos os dias, na pretensão de obter templos melhores. Se trocares o domínio por outra talvez melhor na aparência, perdeste algo tua que nunca mais voltarás a encontrar. Por que será que te aborreces na casa nova? Se ela é mais cômoda e corresponde melhor aos teus desejos do que a outra, tão desprezível!... O poço deixava-te os braços doridos. Sonhavas com uma fonte. Aí tens a tua fonte. Mas falta-te, daqui para a futuro, o cântico da roldana e a água tirada do ventre da terra, que cintilava ao sol.

“ E o meu desejo, repara bem, é que subas a montanha e te eleves e te formes, que caminhes sempre na frente. Mas uma coisa é a fonte com que alindas a tua casa - e que é vitória das tuas mãos -, outra seria instalares-te na concha de outro. Uma coisa são os sucessivos avanços numa mesma direção - como, por exemplo, enriquecer o templo -, avanços esses que se traduzem no crescimento da árvore que se desenvolve conforme o seu gênio, outra coisa é mudares de casa só por mudar, sem amor.

Fico sempre de pé atrás quando cortas com uma dificuldade. É que, nesse caso, arriscas o teu bem mais precioso, o qual não está nas coisas mas no sentido das coisas.

Os emigrantes sempre me pareceram tristes.

Peço-te que abras o espírito, porque te arriscas a ser enganado pelas palavras. Fulano procura o sentido nas viagens. Vai de uma escala para outra escala sem parar um momento.

Mais pobre não digo que fique. Ele tem na viagem a continuidade. Mas Cicrano ama a sua casa. Tem a continuidade na casa. Se mudasse de casa todos os dias, nunca se ele sentiria feliz. Se te falo do sedentário, não falo daquele que o que mais ama é a casa. Falo daquele que já não a ama nem a vê. Porque a tua casa também é perpétua vitória. Que o diga a tua mulher, que a reconstrói de novo ao nascer do dia.

É bom que saibas o que a traição pode quebrar. Tu és laços de relações e não outra coisa. E, se existes, é pelos laços. Os teus laços existem por ti. O templo existe por cada uma das pedras. Experimenta tirar esta aqui: lá vem o templo abaixo. Tu és de um templo, de um domínio, de um império. E eles são para ti. Não te é lícito julgar aquilo ao qual pertences como quem vem de fora, sem laços a ligá-lo. Quando julgas, é a ti que te julgas, teu fardo e tua exaltação. Repugna-me aquele que enxovalha o filho por ele ter pecado. O filho é dele. Tem a obrigação de o repreender e de o condenar - se o ama, é castigar-se a si próprio - e de lhe transmitir as suas verdades. Mas não está certo que vá queixar-se dele de casa em casa. Mal deixa de ser solidário com o filho, se por um lado chega a esse repouso que consiste em se ele ser menos e faz lembrar o repouso dos mortos, deixa por outro lado de ser pai. Quantos desses desgraçados não encontrei eu que já não sabiam do que eram solidários! Eles bem procuravam uma religião, um grupo, um sentido, chegavam a encarregar-se da coleta, para ver se os admitiam. Mas era como se os não admitissem. Só nas raízes existe verdadeiro recolhimento. Não descansas enquanto não te vês bem plantado, responsável, cheio de direitos e de deveres. Mas, às ordens de um negreiro, suportarias tu na vida uma carga de homem como a que o pedreiro leva às costas na obra? Experimenta fugir e ver-te-ás

vazio.

Se o filho pecou, agrada-me que o pai atribua a si próprio a desonra, aceite a mágoa e faça penitência. Porque o filho é dele. Mas, como está ligado ao filho e se rege por ele, está em condições de o reger. Haverá algum caminho que só tenha uma direção? Se te recusas a ser responsável pelas derrotas, não o serás pelas vitórias.

Se a mulher que amas, que vive em tua casa, que é a tua mulher, cair na tentação de pecar, não te juntes à multidão para a julgar. Ela é tua. Se és responsável por ela, começa por te julgar a ti próprio. Teu país faliu? Julga-te a ti próprio, anda. Tu és dele.

Talvez tenhas de corar diante das testemunhas estrangeiras que vieram ter contigo. E, para te purgares da vergonha, deixarás de ser solidário com as suas faltas. Precisas, realmente precisas, ser solidário com alguma coisa. Hás de CE daqueles que te escarraram na casa? Eles tinham razão - dirás tu. Talvez. Mas eu quero que sejas da tua casa. Afasta-te daqueles que escarraram. Havias também tu de lhes escarrar em cima? E hás de entrar em casa aos gritos: "Que vergonha - dirás tu -, por que é que sou tão feio em ti?" Se eles agem sobre ti e te cobrem de vergonha, se tu aceitas a vergonha, nessa altura podes agir sobre eles e alindá-los. E te embelezas afinal a ti próprio.

A tua recusa em escarrar não é condescendência com as faltas. É partilha da falta para a purgar.

Há alguns que não querem saber da solidariedade e são até eles a aliciar os estrangeiros: "Olhem para esta podridão; não julguem que é minha... o De que é que são solidários? Dir-te-ão que são solidários dos homens ou da virtude ou de Deus. Palavras ocas, se eles deixaram de ser nó de ligação. E Deus desce até à casa para se tornar casa. E, para o humilde que acende as velas, Deus é dever de acender velas. E, para aquele que é solidário dos homens, o homem não é simples palavra do vocabulário, o homem é aquele por quem é responsável. Fugir ao encargo de acender os círios com o pretexto de preferir Deus é o caminho fácil da evasão. Eu não conheço o homem, conheço homens. Nem a liberdade, mas homens livres. Nem a felicidade, mas homens felizes. Nem a beleza, mas coisas belas. Nem Deus, mas o fervor dos círios. Aqueles que demandam a essência por outra via que não o nascimento não fazem mais que mostrar a vaidade e o vazio dos corações. Não viverão nem morrerão, pois não se morre nem se vive por palavras.

Aquele que, por já não ser solidário de coisa alguma, julga por si ao julgar, faz-te tropeçar contra a sua vaidade como contra um muro. É que está em causa a sua imagem, não seu amor. Não ele como laço, mas ele como objeto olhado que não faz sentido.

Se as pessoas da tua casa, da tuo domínio ou do teu império é a vergonha da tua casa, não te proclames puro nem a pretexto de os purificar, porque és um deles. Mas deixas de ser deles diante das testemunhas, apenas te reabilitas a ti. Porque te hão de dizer e com razão: "Se eles são como tu, por que é que não estão aqui cuspidos contigo... ?" Tornarias mais vergonhosa a tua vergonha e te alimentarias da miséria deles. Uma pessoa pode, é certo, ficar indignada pela baixeza, pelos vícios, pela vergonha da sua casa, da suo domínio, do seu império e evadir-se dali à procura da honra. E é sinal, porque é, da honra dos seus. A honra dos seus ainda tem vida bastante para o suscitar. Ele é o sinal de que outros tendem a subir para a luz. Mas a coisa não é assim tão fácil. Ele precisa de mais virtude do que para enfrentar a morte. As testemunhas dirão ao encontrá-lo: "Tu és dessa podridão!"

Ele que se ponha a pensar e responderá: "Sou sim, mas saí dela". E os juízes dirão: "Aqueles que são puros, eis que saem! Aqueles que ficam são podridão." E irão te elogiar, mas somente a ti. E não aos teus em ti. Tu farás tua glória da glória dos outros. Mas estarás sozinho, como o vaidoso ou como a

morte.

Deténs, se partes, uma perigosa mensagem. Pois és sinal da honra deles porque sofrias. E eis que tu os distingues de ti.

Só podes ter esperanças de ser fiel se sacrificares a vaidade da tua imagem. É dizeres: "Eu penso como eles, sem distinção". Ver-te-ás desprezado.

Mas, sendo como és parte desse corpo, queres saber para alguma coisa do desprezo! Em vez de te importares com ele, agirás sobre esse corpo. E o carregarás com a tua própria inclinação. E irás buscar a tua honra à honra deles. Porque não há outra coisa a esperar.

Se tens motivo para ter vergonha, não te exponhas. Não fales. Rumina a tua vergonha. Essa indigestão que te forçará a te restabeleceres na tua casa é excelente. Porque depende de ti. Mas aquele lá tem os membros doentes. Que faz ele? Manda cortar os quatro membros. É doido. Podes procurar a morte para que ao menos em ti respeitem os teus. Mas não podes renegá-los, porque então é a ti que te renegas. .

Boa e má, a tua árvore. Nem todos os frutos te agradam. Mas alguns deles são belos. Passar-te-á pela cabeça procurar o deleite dos belos e renegar os outros? Olha que são aspectos diversos de uma mesma árvore. Terás a desfaçatez de escolher certos ramos e renegar os outros? Orgulha-te do que é belo. E, se o mal leva a melhor, cala-te. Está na tua mão esconderes-te no tronco e dizeres: "Que hei de fazer para curar este tronco?"

O povo renega aquele que no íntimo do coração emigra e ele próprio renegará o seu povo. Tem de ser necessariamente assim. Já que aceitaste outros juízes, é bom que te tornes dos deles. Mas não é essa a tua terra. Vais ver que não sobreviverá.

É a tua essência que faz o mal. O erro está em distinguires. Não há nada que possas recusar,. Estás mal aqui. Mas é esta a tua terra.

Eu renego aquele que renega a mulher, ou a cidade, ou o país. Estás descontente com eles? Não te esqueças de que fazes parte deles. Tu és, de entre eles, aquilo que tende para o bem. Tens a obrigação de arrastar contigo o resto. Não queiras julgá-los do exterior.

Tens dois julgamentos a fazer: aquele que fazes por ti próprio, da tua parte, como juiz; e aquele que fazes sobre ti.

Isto aqui não é como quem constrói um cupinzeiro. Se renegas uma casa, renegas todas as casas. Se renegas uma mulher, renegas o amor. Deixarás essa mulher, mas não encontrarás o amor.

CLXXVI

“Dizes-me que és contra os objetos. Mas há objetos que crescem. Protestas contra as honras. Há honras que engrandecem. Deve haver nisto um segredo, pois também há honras que diminuem.”

É que os objetos, as honras, as recompensas não existem em si mesmos. É a tua civilização que resplandece neles. Se tem valor, é na medida em que fazem parte de uma estrutura. Aliás, também a enriquecem. E tu, se ele servires essa mesma estrutura, ficarás mais rico. O mesmo acontece com o grupo, se é um grupo autentico. Basta um dos do grupo obter um premio para todos se ele sentirem mais ricos no coração. E aquele que obteve o premio fica cheio de orgulho pelo grupo e aparece todo corado, com o premio debaixo do braço. Mas, se em vez de um grupo só houver um conjunto de elementos, o premio só ' significará alguma coisa para aquele que o receber. E ele desprezará os outros por não terem obtido também um premio. E cada um dos outros, ao ver-se frustrado, invejará e odiará aquele que recebeu o premio. Os mesmos prêmios são, assim, objetos de elevação para os primeiros, de aviltamento para os segundos. . Só aquilo que funda os caminhos das tuas trocas te aproveita verdadeiramente.

Aí tens os meus jovens tenentes, que sonham morrer pelo , . ,Í império. Promovo-os a capitães. Lá vão eles todos gloriosos. Vês nisso alguma coisa que os diminua? Tornei-os mais eficazes, mais sacrificados. E, ao nobilitá-los, nobilito algo superior a eles. Aquele que eu nomear comandante do navio apanhará nesse dia uma bebedeira na companhia dos capitães e depois passará a servir melhor o navio. Olha a mulher feliz, tão bela que resplandece. Diamante que a adornar adornará o amor.

Um homem adora a sua casa. Não faz mal que ela seja humilde. Sofreu e velou por ela. Falta-lhe algum tapete de lã farta ou o jarro de prata em que se ele serve o chá, junto da bem-amada, antes do amor. Uma noite, farto de desgostos, de vigílias e de sofrimentos, entra em casa do mercador e escolhe o mais belo tapete, o mais belo gomil, como quem escolhe o objeto de um culto. E lá regressa ele, todo vermelho de orgulho. Nessa noite, habitará numa verdadeira casa. E convida todos os amigos a beber para festejarem o gomil. E ele, tão tímido, se farta de falar durante o banquete. Tudo isto me comove profundamente. Esse homem tornou-se na verdade maior e passará a sacrificar-se mais pela casa, porque ela é mais bela.

Se não serves império algum, a homenagem ou o objeto ou a honra são para ti. Um poço vazio não os devoraria com tanta sofreguidão como tu os devoras. Cada vez te mostras mais ávido de ser cada vez menos saciado e dessedentado. Surpreende-te essa amargura que à tardinha te invade? Ela é devida ao vazio das coisas que desejaste tanto. Vaidade dos bens - dizes tu - vaidade!

Quem assim grita é porque procurou servir-se a si. É claro que não se encontrou.

CLXXVII

Estou disposto a falar-te e a fornecer-te um sinal. Quero restituir-te os teus deuses. Houve quem acreditasse nos anjos, nos demônios, nos gênios. E bastava que os concebesses para eles agirem. A caridade também começa a colonizar o coração dos homens mal tu a formulas. A fonte que tu tinhas não era só essa pedra do parapeito gasto pelas gerações, não era só a água cantante, nem só a provisão já arrecadada no depósito como os frutos na cesta (e os teus bois vão ao bebedouro encher-se da água já recebida), nem só a água, o cântico da água, o silencio da reserva de água e o frescor da água ágil na concha das tuas mãos, nem só a noite sobre a água tremula de estrelas, água doce na garganta. Devia haver algum deus da fonte a unificá-la e a impedir que tu, ao distribuí-la nesta pedra e naquela, neste parapeito e neste outro canal, nesta vala e nessa procissão lenta dos bois, fosses perdê-la nos materiais diversos. Não pode ser; tu tens de beneficiar das fontes.

Hei de fazer com que a fonte te povoe a noite. Mesmo que ela fique longe, basta eu te acordar. Parece-te pouco razoável? Repara no diamante puro ou no objeto de ouro que te ofereci. Não é o uso que os torna valiosos, mas a perspectiva ou a recordação da festa. Já te falei daquele proprietário que passeia através dos seus campos, por caminhos tortuosos. O domínio, naquele momento, não lhe serve de nada. Não alcança com a vista os rebanhos, os estábulos, os reideiros ainda adormecidos, as amendoeiras em flor e as gradas searas vindouras. Mas sente-se responsável por esses bens. Eles ampliam-lhe o coração e fazem-no proprietário, a ele, não a outro. Aquele laço divino, que liga as coisas, liga-lhe o domínio num deus que se ri das paredes e dos mares. Se um desses soldados, que ao nascer do dia eu semeio pelo deserto como as sementes na sementeira, se mostra calmo e seguro de si, é porque lá ao longe existe a amada, de momento inútil para ele, de momento ausente, como que morta, talvez adormecida, mas senhora de uma voz que lhe cantaria no coração se ele se a pudesse ouvir. Para tu te veres tão rico como eles, que é como te imagino no meio da noite, mesmo que porventura morras de sede em pleno deserto ou o sangue da tua vida dependa do aprofundamento de um poço avaro visitado pelo deus das fontes, basta eu te dizer que as fontes são como que o coração cantante das macieiras e das laranjeiras a que dão vida - e morte, quando j se calam.

Deus me livre de matar os teus fracos deuses. Nem sequer darias pela morte deles, tão discreta como a dessas pombas que nem restos mortais deixam. Tu, que para conhecer denominas, continuarias a ter o mesmo parapeito, a mesma árvore, o mesmo barulho da água, o mesmo bico de estanho, o mesmo mosaico. Do conjunto dos materiais nada se teria perdido, a não ser a vida.

Aposto que não havias de notar a falta. Ís poder da fonte manifesta-se nessa palavra que introduzo no meu poema, como um presente. Até a posso aliar a outros deuses lentamente construídos. Pois a tua aldeia também se unifica quando dorme, rodeada pelo seu patrimônio de canas, sementes e instrumentos, levemente sobrecarregada de desejos, cobiças, cóleras, piedade, animada por essa velha que vai morrer à semelhança do fruto realizado que abandona a árvore onde vivia e por essa criança prestes a nascer, agitada pelo crime que lá se cometeu e lhe perturbou a substância como uma doença, marcada pelo incêndio do ano passado (ainda te deves lembrar dele, pois o ajudaste a apagar), adornada pela casa do conselho dos notáveis, tão orgulhosos de conduzirem a sua aldeia através do tempo como um navio, que nem lhes importa ela ser uma simples barca de pescadores, sem um destino digno de nota debaixo das estrelas. Basta então eu dizer "... a fonte da tua aldeia, para e sacudir o coração. Depois, a pouco e

pouco, continuarás a aprender comigo essa marcha para Deus, a única que pode satisfazer-te. De sinais em sinais, acabarás por atingir

Aquele que se lê através da urdidura, sentido do livro cujas palavras lê, sabedoria, Aquele que é, de quem recibes tudo em paga. De andar em andar, Ele te liga os materiais para deles extrair a sua significação, Ele, o Deus que é Deus também das aldeias e das fontes.

O meu povo amado, vieste a perder o teu mel, que não vinha das coisas, mas do sentido das coisas. Voltas agora a mostrar interesse pela vida, mas já não consegues dar com o caminho. Em tempos, fui muito amigo de um jardineiro. Um dia reparou que ia morrer. O que mais lhe custava era deixar um jardim inculto. Fartava-se de me perguntar: "Quem me podará as árvores?... Quem semeará as minhas flores... ? E pedia vida para trabalhar no jardim. Tinha as sementes das flores guardadas na arrecadação, os instrumentos para abrir a terra no armazém e a tesoura de podar as árvores pendurada à cintura. Mas estes objetos dispersos tinham deixado de servir um culto. É o que te acontece a ti. Ainda não conseguiste fundir numa aldeia e na fonte dessa aldeia o teu património de canas, de semente, de invejas, de piedade, de disputas, de velhas com os pés na cova, de parapeito do poço, de mosaico, de água cantante, mercê do milagre do laço divino que liga as coisas e dessedenta o espírito e o coração.

CLXXVIII

Apesar de não lhes dar ouvidos, não podia deixar de ouvi-los. Uns espertos, outros burros. Havia também mulheres fartas de praticarem o mal pelo mal. Que outra alegria encontravam em praticá-lo, a não ser o calor do rosto e algum sentimento tão obscuro como o que leva a pantera a estender a pata azul só para cegar?

Na vida dessas mulheres eu via algo do fogo de vulcão, poder sem emprego nem regra, feito do mesmo fogo que qualquer sol. E é de sol que depois é feita a flor. Assim, de conclusão em conclusão, o teu sorriso matinal ou o teu encontro com a amada vem a ser o significado de todas as coisas. Basta um pólo para te congregar, e é então ver-te começar a nascer.

Mas aquelas mulheres não passam de queimadura...

A árvore, pelo contrário, é sono aparente, medida, lentidão e perfume dotado do poder de expansão de um reino, embora possa servir de alimento à pólvora ou ao incêndio e perder assim para sempre o seu poder. De ti e das tuas cóleras recalçadas, dos teus ciúmes, das tuas astúcias e desse calor dos sentidos que te torna tão difícil de aturar quando a noite desce, hei de fazer precisamente uma árvore pacífica. Em vez de te amputar, de te castrar, de rejeitar coisa alguma tua, a semente espiritual, à semelhança da semente mais tarde redentora, na árvore, de um sol que de outra forma acabaria por apodrecer no gelo por ele derretido, a semente espiritual, dizia-te eu, te construirá na tua própria bainha, fundirá na unidade os teus mil e um caracteres diversos.

Por isso, em vez de dizer: "Vem a minha casa para eu te cortar, reduzir, ou mesmo modelar, dir-te-ei: "Vem a minha casa nascer para ti mesmo. Confia-me os teus materiais dispersos que eu, em troca, farei de ti um só. Não sou eu que caminho em ti. És tu que caminhas. Eu não sou nada, a não ser a tua comum medida. Outro é o caso da mulher que, em noites quentes e cruéis, fica vencida, abandonada e pálida, e dá voltas e mais voltas sem se realizar. Essa pende para o mal, pensa e institui o mal. Má sentinela de uma cidade desmantelada. Não sei o que hei de fazer dos seus materiais dispersos. Ela manda chamar o cantor e ele canta." Não - diz ela - mandem-no embora." Chama outro, e outro e depois outro. Esgota os cantores. Depois se levanta, cheia de fadiga, e acorda a amiga: "Meu tédio não tem solução. Nem as canções me distraem..." Ama este, depois aquele, depois aquele outro... Rouba-os um por um. Coitada! Não sabe procurar noutro lugar a unidade. Como é que a havia de encontrar? A unidade não é um objeto perdido entre objetos.

Mas, no meio do silêncio, chegarei eu. Serei costura invisível. Em vez de mudar coisa alguma dos materiais, nem que fosse o lugar deles, eu lhes darei significado. Serei o amado invisível que faz alguém realizar-se.

CLXXIX

Não há quem te toque, instrumento de música. E te maravilhas com os sons que libertas. Fazes lembrar a despreocupada criança que dedilha as cordas e ri do poder das suas mãos. Pouco me importo com sons! Não descanso é enquanto não vir transportares-te para mim. Mas, como não cuidaste de te realizares, não és.

Não tens por isso nada que transportar. E vens dedilhando ao acaso as tuas cordas na expectativa de um som mais estranho do que o outro. Provoca-te obsessão a esperança de encontrares a obra no caminho e de capturares o teu poema. Como se a obra fosse fruto que pudesses encontrar fora de ti.

Quem me dera ver-te semente bem enraizada, capaz de trazer para o poema tudo o que encontra a jeito. Gostava que tivesses uma alma construída, aparelhada para o amor, em vez de procurares na aragem da tarde algum rosto que te capture. Fica sabendo que não há nada que capturar em ti.

Assim celebras o amor.

Assim celebras a justiça. Não as coisas justas. E, nas ocasiões particulares, facilmente te tornarás injusto para a servir.

Celebrarás a piedade, mas nas ocasiões particulares facilmente te tornarás cruel para a servir. Celebrarás a liberdade, e amontoarás nas tuas prisões os que não cantam como tu.

Ora, eu conheço homens justos, não a justiça, homens livres, não a liberdade, homens animados pelo amor e não amor. Da mesma maneira que não conheço nem a beleza nem a felicidade, mas homens felizes e coisas belas.

Em primeiro lugar, é preciso agir e construir e aprender e criar. A seguir vem as recompensas.

Mas eles, habitantes das arquibancadas, acham mais simples atingir a essência sem antes construírem a liberdade. Fazem lembrar o fumador de haxixe que, por algumas moedas, apanha bebedeiras de criador. Parecem-se com as prostitutas, abertas ao vento. Quem lhes servirá algum dia o amor?

CLXXX

A opulência obesa sempre me repugnou. Apenas a tolero como condição de alguma coisa superior a ela, como é o caso da grosseria mal cheirosa dos homens dos esgotos, condição de limpeza da cidade. A vida me ensinou que não há contrários e que a perfeição é a morte. Tolerando, assim, os maus escultores como condição dos bons escultores, o mau gosto como condição do bom gosto, o constrangimento interior como condição de uma elevação que não é dela nem por ela, mas apenas daqueles e por aqueles que ela alimenta. Se for a opulência barriguda que paga o trabalho de esculpir a escultura, que me importa que tenha nome de homem? Ela é então o entreposto necessário onde o poeta irá haurir o grão que lhe assegura a vida. Esse grão foi roubado ao trabalho do lavrador, que apenas recebe em troca um poema que pouco lhe importa, ou uma escultura que muitas vezes nem sequer lhe será mostrada. Se não se desse esse roubo, os escultores não poderiam sobreviver. A escultura não passa de veículo, via e passagem.

Se censurares ao entreposto dos grãos ser por sua vez entreposto do poema e da escultura e do palácio e iludir assim o ouvido e o olhar do povo, responder-te-ei que a vaidade do opulento de ventre até o levará a fazer estendal das suas maravilhas, como é evidentemente o caso do palácio. Uma civilização não repousa sobre o uso dos objetos criados, mas sobre o calor da criação. Já te devo ter falado desses impérios que brilham na arte da dança. Se nem um opulento de ventre, nem o povo conseguem encerrar nas lojas ou no museu a dança dançada, é porque ela não é uma mercadoria.

Censuras ao opulento de ventre só ter bom gosto uma de dez em dez vezes e favorecer os poetas do luar ou os escultores de imitação. Que mal há nisso? Se desejar a flor da árvore, preciso de aceitar a árvore inteira. Dos esforços de dez mil escultores maus é que poderá sair um bom escultor. Exijo, pois, dez mil entrepostos de mau gosto que me garantam um entreposto esclarecido.

Ainda que não haja contrários e o mar seja condição do navio, há apesar disso navios que são devorados pelo mar. E pode haver opulentos de ventre que, em vez de serem veículo, via e transporte, condição portanto, se ponham a devorar o povo só pelo prazer que lhes causa a digestão. Não é preciso que o mar devore o navio, que a tua ação devore a liberdade, que o mau escultor devore o bom escultor e que o opulento de ventre devore o império.

Ao chegarmos a este ponto, talvez tu, impressionado pela minha lógica, me peças que te indique um sistema que não apresente esse perigo. Ora, um sistema assim não existe. Para fazer das pedras uma catedral, alguma vez te passou pela cabeça pedir uma receita? A catedral não é da ordem das pedras, mas do arquiteto. Foi ele que deu a semente que absorve as pedras. É preciso que eu seja e que o meu poema funde a tendência para Deus. Quer o favor do povo, quer as sementes do entreposto, quer as atitudes do opulento de ventre contribuirão nessa altura para a glória de Deus.

Não julgues que eu me interesso pela salvação do entreposto, só por ele ter um nome. Longe de mim proteger o mau cheiro do homem do esgoto em si mesmo. O homem dos esgotos não passa de via, veículo e transporte. Não julgues que eu tomo a peito ódio dos materiais contra seja o que for que se distinga deles. O meu povo não passa de via, veículo e transporte. Quem se indignará contra mim, se eu afinal me mantenho surdo quer à cantilena e à lisonja dos primeiros, quer ao ódio e aos aplausos dos segundos, se o que me importa é servir Deus através de? Na encosta desta montanha, irreversível exílio

onde me sinto mais solitário que o javali das cavernas e mais imóvel que a árvore cuja única atividade consiste em ir transformando calmamente o cascalho em punhados de flores. s que entregará ao vento depois de reduzidas a sementes - e assim se expande em luz o húmus cego -, alheio aos falsos litígios, sem ser nem por estes contra aqueles outros, nem pelos segundos contra os primeiros, superior aos clãs, aos partidos, às facções, eu luto na verdade pela árvore contra os elementos da árvore e pelos elementos da árvore em nome da árvore.

CLXXXI

Um novo litígio veio-me dar a entender que com atos e não com palavras é que eu podia levar o meu povo até à luz das verdades. Para que a vida mostre um rosto, é preciso construí-la como quem constrói um templo. Se os dias fossem todos iguais uns aos outros, como pedras bem alinhadas, que poderias tu fazer deles? Ainda bem que, ao chegares à velhice, te é lícito dizer: amei a festa dos meus antepassados, ensinei os meus filhos, dei-lhes depois mulheres e cheguei a sepultar piedosamente aqueles que Deus me tirou, uma vez construídos, para que lhe dessem glória.

Acontece contigo o mesmo que com a semente maravilhosa, que eleva a terra à categoria de cântico e a oferece ao sol. Tu, a seguir, elevas esse trigo à categoria de luz no olhar da amada que te sorri, depois ela forma-te as palavras da oração. E, se ele semeio sementes, é já como uma oração que eu recitasse à tardinha. Eu sou aquele que vai distribuindo o trigo lentamente, à luz das estrelas. Se me encerro na miopia e teimo em esborrachar o nariz contra o objeto, como hei de medir o meu papel? Da semente sairá a espiga, a espiga se mudará em carne de homem, e do homem sairá o templo para a glória de Deus. Par conseguinte, poderei dizer que esse trigo tem o poder de reunir as pedras.

Para que a terra se torne basílica, basta uma semente alada ao sabor dos ventos.

CLXXXII

Traçarei minha trilha, a princípio sem compreender. Simplesmente, irei...Eu sou do império e ele de mim; não consigo distinguir-me dele. Não tenha nada a esperar do que não fundei primeiro. Sou pai dos meus filhos, que são meus. Não me tenho por generoso, nem por avarenta, nem por sacrificado, nem por sacrificador. Se morro no alto das muralhas, não é pela cidade que me sacrifico, mas mesmo, que sou da cidade. E morro daquilo de que vivo. Tu, porém, procuras como quem procura um objeto comerciável as grandes alegrias, que te foram dadas mais como recompensa do que outra coisa. No coração das areias, a cidade ia assumindo a teus olhos o aspecto da flor cor de púrpura, via-la rica de carnes, apalpava-la e não te cansavas de a gozar. Subias e descias escadas, deliciavas-te com os grandes montes de legumes de cor, com as pirâmides de tangerinas instaladas na província do seu aroma como capitais, e, acima de tudo, com as especiarias que tem o poder de diamantes. Basta uma só pitada dessa pimenta doce que os veleiros alinhados atrás do estandarte te trouxeram das p regiões longínquas para reanimar em ti o sal do mar, o alcatrão dos portos, o cheiro das correias de couro que embalsamaram as tuas caravanas na aridez interminável, quando ias a caminho do milagre do mar. E é por isso que eu digo: fundaste o patético do mercado de especiarias à custa dos calos ', das arranhaduras, das tumefações e dos molhos de escabeche da tua próprio corpo ferido.

Mas aqui, onde se queimam reservas de azeite e já não há quem cante vitórias, que hás de procurar?

Por ter uma vez saboreado a água do poço de El Ksur! "Basta-me realmente o cerimonial de uma festa para uma fonte se tornar cântico em mim...

Estou disposto a ir. Começarei sem fervor mas, se fizer do i celeiro a escala das sementes, deixarei de distinguir o armazenamento do consumo do trigo armazenado. Ainda há pouco queria-me sentar e saborear a paz. E se acabou a paz. Sei agora que se enganavam os que me queriam instalar sobre as minhas vitórias passadas, convencidos de que se pode fechar e guardar uma vitória. Mas a vitória é como o vento que, se alguém se lembra de o guardar, logo o perde.

Aquele homem gostava tanto do cântico das fontes que encerrava a água na sua urna. Não estava bom da cabeça.

Ah! Senhor. Eu me terno caminho e veículo. Vou e venho. Faço o trabalho de burro ou de cavalo com a minha paciência teimosa."Cá mesmo, apenas conheço a terra que revolvo e as sementes que deixo deslizar entre os dedos para o meu avental atado. Cabe a ti inventar a primavera e desdobrar as colheitas, de acordo com a tua glória.

Vou remando contra a corrente. Inflijo a mim próprio esses tristes passos de ronda da sentinela agora adormecida, quando ela quase não sonha com o almoço, para que o deus das sentinelas possa dizer uma vez por ano: "Que bonita é esta casa... que fiel... que austera na vigilância! Deixa para lá, que hei de recompensar os teus cem mil passas de ronda. Irei visitar-te. E serão os meus braços que levarão as armas, como que emprestados e misturados aos teus. E terás a sensação de cobrir o império. E os meus olhos é que hão de recensear do alto das muralhas o esplendor da cidade. Tu, eu e a cidade constituiremos apenas um. Nessa altura, o amor será para ti como que uma queimadura. E, se o: resplendor do incêndio promete ser bastante belo para pagar a madeira da tua vida que, lenho a lenho, foste amontoando, eu te darei licença para morrer.

CLXXXIII

A semente poderia contemplar-se e dizer: “Que bonita e possante e vigorosa que eu sou! Chamo-me cedro. Ou melhor, cedro em essência”.

Mas eu afianço que ela ainda não é nada. Ela é veículo, via e passagem. Talvez operador. Que ela me faça a sua operação! Que ela conduza lentamente a terra para a árvore. Que ela instale o cedro para a glória de Deus. Julgá-la-ei então pelas ramagens.

Mas também há pessoas que não resistem a se considerar: eu sou este ou aquele. Julgam-se provisão de maravilhas. Há neles uma porta que dá para tesouros bem compostos. Basta descobri-la às apalpadelas. E eles te mostram, ao acaso, poemas que são arrotos. Mas tu os ouves arrotar sem te comoveres.

Repara no feiticeiro da tribo negra. Ele reúne ao acaso e com um ar de entendido o material completo de ervas, de ingredientes e de órgãos bizarros. Remexe tudo isso na sua grande terrina, em noites sem lua. Pronuncia palavras e palavras e mais palavras, na esperança de que daquela mixórdia emane um poder invisível que te de cabo do exército que vai a caminho do seu covil. Mas nada acontece. Volta a começar. . Muda de palavras. Substitui as ervas. E a verdade é que o seu desejo não era ambicioso demais. Não vi eu porventura essa massa de madeira misturada com licor escuro derribar impérios? Nuns casos, era a minha carta que decidia a guerra. Noutros, na terrina donde saía a vitória, misturavam a pólvora de espingarda. Noutros ainda, o fraco tremor do ar, saído de um simples peito, ia abrasando a pouco e pouco todo o povo, à maneira de um incêndio: alguém pregava a rebelião. Noutros, por fim, eram pedras convenientemente dispostas que abriam uma nave de silêncio.

Mas, se esses materiais de ocasião não encontravam comum medida em qualquer espírito humano, não emanava deles coisa alguma. E, se o poema é capaz de me comover, nunca conjunto algum de caracteres saído de desconexas brincadeiras de crianças me conseguiu arrancar a menor lágrima. A semente ainda por exprimir, não comprometida na ascensão, pretende às vezes que a admirem como árvore. Mas quem é ela?

È certo que tendes para Deus. Mas que tu possas vir a ser não quer dizer que sejas. Os teus arrotos não transportam nada. Mesmo que a semente seja do cedro, não me dá sombra ao meio-dia.

Os tempos cruéis fazem acordar o arcanjo adormecido. Que i F ele rasgue através de nós as suas faixas e resplandeça ante os nossos olhares. Minúsculas linguagens sutis, que ele vos absorva e vos renove. Que ele nos lance um grito verdadeiro. Grita ' i P ara a ausente. Grito de ódio contra a matilha. Grito pelo pão. Que ele encha de significado o ceifeiro ou a seara ou o vento A que passa uma mão profunda sobre as searas de trigo ou o amor ou qualquer outra coisa que se caracterize pela lentidão.

Tu, porém, que fazes? Vais sorratamente até ao bairro proibido da cidade e, uma vez lá, procuras através de manobras complicadas fazer o amor repercutir sobre ti. Quando amor o que faz é pousar no teu ombro a mão simples da simples esposa.

Proporcionar-te capturas que não são da essência dos laços tem na verdade o seu que de magia e envolve aquilo a que eu chamo cerimonial. Senão, lembra-te daqueles homens do norte que, uma vez por ano, ficam com o coração ardendo por causa de uma mistura de resina, de madeira envernizada e de cera quente. Mas às operações que realizas para triturar na tua terrina ingredientes de ocasião, na expectativa

de um milagre que não preparaste, só posso dar os nomes de preguiça, incoerência e falsa magia. Esqueceste-te de vir a ser e pretendes caminhar ao teu próprio encontro. E, desde então, deixa de haver esperança. Fecham-se sobre ti as portas de bronze.

CLXXXIV

Eu estava melancólico porque me atormentava com os homens. Só pensavam em si próprios e não sabiam o que queriam. O problema é este: que bens há de submeter a ti para ficares mais rico? A árvore, efetivamente, procura os sucos do solo para se alimentar deles e os transformar em si própria. O animal, a erva ou qualquer outro animal que transformará em si próprio. E até tu te alimentas. Mas, além do alimento, que bens úteis poderás desejar? Como o incenso agrada ao orgulho, alugas homens para te aclamarem. E te aclamam. E as aclamações te parecem vãs. Por os tapetes de lã farta tornarem doces as casas, tu os mandas comprar à cidade. Enches a tua casa de tapetes. Mas acabam por te parecer estéreis. Invejas o teu vizinho, porque a suo domínio é real. Despojá-lo dela. Instalas-te lá. E ela não tem para te dar coisa alguma que te interesse. Há um lugar que procuras. Esforças-te por o obter. E o obténs. E nem mesmo isso passa de casa vazia. Uma casa, por muito luxuosa, cômoda ou ornamental que seja, não basta para te fazer feliz, ainda que possas instalar-te nela e chamares-lhe tua. Em primeiro lugar, porque não há nada que seja teu, dada a tua condição mortal. Em vez de a casa te pertencer, pois com isso é ela que ganha ou perde, o importante é que sejas tu da casa, única maneira de ela te levar a algum lugar, de ela obrigar a tua dinastia. Não é com os objetos que gozas, mas com as estradas que eles te abrem. A seguir, só faltaria essa: que um vagabundo egoísta e melancólico pudesse assegurar a si próprio uma vida de opulência e de fausto de uma maneira tão simples como cultivar a ilusão de ser um príncipe. Por-se-ia a caminhar de cá para lá, diante do palácio do rei, e diria: "Aí tens o meu palácio". A verdade é que, de momento, o palácio e a sua opulência nem sequer ao dono autentico servem de coisa alguma. O senhor só ocupa uma sala de cada vez. Acontece-lhe até fechar os olhos ou ler ou conversar e não ver nada dessa sala. Ou passear pelo jardim, de costas voltadas para a arquitetura. E, no entanto, ele é o senhor do palácio, tem um coração orgulhoso, e talvez nobre, e contém em si até mesmo o silêncio da sala esquecida do conselho, até as águas-furtadas e as caves. Um mendigo poderia inventar a brincadeira de se julgar o senhor e de se pavonear lentamente de cá para lá, como que dotado de uma alma com cauda. E, no entanto, a brincadeira será pouco eficaz e os sentimentos inventados participarão da podridão do sonho. Nada irá além do fraco mimetismo que, na descrição de um massacre, faz estremecer os ombros, ou gozar de uma vaga felicidade ao ouvir determinada canção.

Atribuis a ti e transformas em ti aquilo que é do teu corpo. Mas é um engano querereres agir da mesma maneira, quer no que diz respeito ao espírito, quer no que diz respeito ao coração. Na verdade, que riqueza tem as alegrias tiradas das tuas digestões? Mas digeres ainda muito menos o palácio ou o rio ou o jarro de prata ou a amizade do teu amigo, palácio continuará a ser palácio e o jarro continuará a ser gomil. E os amigos continuarão a sua vida.

Ora, eu sou o operador. De um mendigo na aparência semelhante ao rei, entretido a contemplar o palácio ou, melhor do que o palácio, o mar ou, melhor do que o mar, a Via Láctea, mas incapaz de extrair alguma coisa que lhe aproveite desse lânguido olhar sobre a planície, extraio um rei verdadeiro, muito embora não haja aparentemente mudança alguma. Tão pequena diferença fazem exteriormente o senhor e o mendigo, que nada era preciso mudar nesse aspecto. Não se distinguem um do outro aquele que ama e aquele que chora o amor perdido. Ambas se ele sentam no portal da casa, ao cair pacífico da tarde. Mas um deles - talvez o mais bem dotado, o mais rico e o mais favorecido de espírito e de coração - irá nessa mesma tarde procurar a morte no mar, se o não dissuadirem disso. Para tirar de ti, que és um,

o outro, não é preciso proporcionar-te nada que seja visível e material, ou modificar-te seja no que for. Basta que eu te ensine a linguagem que permite ler, no que está à tua volta e em ti, certo rosto novo e escaldante para o coração. Que poder não tem essas peças de madeira tosca, dispostos ao acaso em cima de uma tábua! Andavas triste e melancólico. Ministra-te a ciência do jogo do xadrez e imediatamente esses bocados de madeira te envolvem no clarão do problema que escondem.

Embrulho-os, por isso, no silêncio do meu amor sem lhes censurar o tédio, que não é deles, mas da sua linguagem. Eu bem sei que só uma linguagem distingue o rei vitorioso que respira o vento do deserto, do mendigo que mata a sede na mesma ribeira alada. Seria profundamente injusto censurar o mendigo por não nutrir os sentimentos de um rei vitorioso, sem primeiro ter arrancado esse mendigo a si próprio.

Eu proporciona as chaves da planície.

Quer um quer outro me apareciam entre as provisões do mundo, entre o mel extraído. No entanto, faziam-me lembrar o homem que deambula pela cidade morta para ele, mas milagrosamente viva por trás das paredes, ou então o que ouve recitar o poema numa linguagem que não lhe ensinaram, ou até o que fica indiferente ao encontrar a mulher pela qual outro morreria de bom grado.

Hei de vos ensinar o uso do amor. Que importam os objetos do culto? Quando foi da emboscada à volta do poço, não é verdade que poderia muito bem ter sobrevivido aquele que deixou encherem-se os seus olhos de noite, só por lhe terem fugido, vítimas do instinto, essas raposas das areias que durante tanto tempo tinham vivido da sua ternura? Ah! Soldados meus, o vosso repouso faz lembrar outro repouso, e a vossa miséria outra miséria. E, no entanto, para vos exaltar, bastaria que esta noite fosse a de um regresso, esta colina a colina de uma esperança, este vizinho o amigo esperado, este carneiro na brasa a refeição de um aniversário, estas palavras as palavras de um cântico. Bastaria uma arquitetura, uma música, uma vitória que vos desse ele sentido a vós próprios, bastaria que vos ensinasse a tirar desse calhaus, à semelhança dos moleques, uma frota de guerra, bastaria um jogo. E o vento do prazer passaria então por vós como por uma árvore. Mas é ver-vos aniquilados e dispersos, à procura apenas de vós próprios, para afinal só vazio encontrardes. É que sois núcleo de relações e não outra coisa; se não houver relação, encontrareis em vós apenas uma encruzilhada morta. Nada feito, meu amigo, se em ti só existir amor por ti próprio. Foi, aliás, o que te disse a propósito do templo. A pedra não se ele serve a si própria, nem serve as outras pedras. Serve mas é esse entusiasmo da pedras que elas constituem todas juntas e que, em paga, serve cada uma delas. Como tu e os teus camaradas sois soldados de um rei, talvez possais viver do entusiasmo pelo rei.

“Senhor - pedia eu -, dá-me a força do amor! O amor é cajado cheio de nós na ascensão de uma montanha. Faz de mim um pastor, para eu os guiar”.

Vou-te falar do sentido do tesouro. O tesouro é essencialmente invisível, nunca da essência dos materiais. Deves ter conhecido o visitante que, à tardinha, chega à estalagem, senta-se ele sem dizer nada, pousa o cajado e sorri. Juntam-se à volta dele: "Donde é que vens?". Que poder não tem aquele sorriso!

Não te ponhas a procurar ilhas com música como presente já pronto, oferecido pelo mar, que borda à volta delas a sua renda branca. Mesmo que eu te deposite na areia que as coroa, não darás com elas se primeiro te não submeti ao cerimonial do mar. No caso de não ter havido esforço da tua parte, só exercerás, ao acordar, o poder de esquecer o amor nos seios das raparigas da ilha. Irás de esquecimento em esquecimento, de morte em morte... Mais tarde, observar-me-ás, a propósito da ilha com música: "Havia lá alguma coisa que valesse a pena viver?" Quando uma tripulação inteira, bem industriada a respeito da ilha, teria aceitado por amor a ela o risco da morte.

Não é quem te enche de dinheiro ou te dá seja o que for para ti próprio que te salva, mas sim quem te submete, como a uma esposa, ao dever de um jogo.

Ah! A solidão se me torna sensível quando o deserto não tem nenhuma refeição a oferecer-me. Que farei eu da areia, se não há um oásis inacessível que a perfume? Que farei eu dos limites do horizonte, se não existe a fronteira dos costumes bárbaros? Que farei eu do vento, se ele se não vem carregado de conversas longínquas? Que farei dos materiais que não servem um rosto? Vem cá, senta-te aqui comigo

na areia. Falemos do teu deserto. Far-te-ei ver dele determinado rosto e não outro. Verte-ás mudado do pé para a mão. É que tu dependes do mundo. Se estiveres sentado num quarto da tua casa e eu te anunciar que ela está ardendo, continuas porventura a ser o mesmo? Não és tu outro homem mal ouves os passos da amada? Nem, para tanto, é preciso que ela venha ao teu encontro. Não me digas que ando a pregar ilusões. Não te peço a virtude de acreditar, mas sim de ler. O que é a parte sem o todo? O que é a pedra sem o templo? O que é o oásis sem o deserto? Para que tu, habitante do centro da ilha, saibas que o és, é preciso eu lá estar para te dizer o mar! Se em vez disso vives nessas dunas, é preciso que eu lá esteja para te contar esse casamento lá longe, essa aventura, essa libertação de uma cativa, essa marcha dos inimigos. E onde é que termina o poder desse casamento realizado em tendas longínquas? Não espalha ele sobre o teu deserto a sua luz de cerimônia?

Falar-te-ei de acordo com os teus costumes e as linhas de inclinação do teu coração. Os meus dons serão: significado das coisas, estrada lida através e sede que te assalta na estrada. E eu, o rei, te darei o único roseiral que te pode enriquecer, porque te hei de exigir a rosa. Aí tens, então, lançada a escada para o teu resgate. Começarás por ser cavador da terra, trabalhador da terra, e te levantarás de manhã cedo para regar. E vigiarás a tua obra, protegê-la-ás contra os vermes e as lagartas. Parecer-te-á patético o botão que desabrochar. Virá a festa: a rosa aberta que terás o privilégio de colher. E, depois de a teres colhido, de ma estender. Recebê-la-ei das tuas mãos e ficarás à espera. Não sabias que fazer de uma rosa.

Trocaste-a pelo meu sorriso... E aí voltas tu para casa aquecido pelo sorriso do teu rei.

CLXXXVI

Aqueles lá não tem o sentido do tempo. Querem colher flores, que ainda não chegaram; não há flores para eles. Ou então encontram uma flor aberta, noutra parte. Mas essa flor, que não é resultado do cerimonial da

roseira, não passa de um objeto de bazar, nem mais nem menos. Que prazer lhes proporcionaria?

Eu vou a caminho do jardim. Ele deixa no vento a esteira de um navio carregado de limões doces, ou de uma caravana pejada de tangerinas, ou ainda a ilha a atingir, que enche de perfume o mar.

Eu recebi, não uma provisão, mas uma promessa. Acontece com o jardim como com uma colônia a conquistar ou com a esposa ainda não possuída mas que se dobra nos teus braços. O jardim se me oferece. Por trás do pequena muro, há uma pátria de tangerineiras e de limoeiros, onde receberão o meu passeio. No entanto, neste mundo onde nada habita permanentemente, também não são permanentes nem o cheiro dos limoeiros nem o das tangerineiras, nem o sorriso. Para mim, que o sei, tudo conserva um significado. É questão de esperar pela hora do jardim ou da esposa.

Mas os outros não sabem esperar. Que poema hão de compreender, se é seu inimigo o tempo que restabelece o desejo, veste a flor ou faz o fruto amadurecer? Eles procuram extrair o prazer dos objetos, quando o prazer só se vai buscar à estrada que se lê através. Mas eu vou, e torno a ir. E quando me acho no jardim, que é uma pátria de aromas, assento-me no banco. Ponho-me a olhar. Há folhas que voam e flores que murcham. Sinto que tudo morre e se recompõe. Não sinto pena por isso. Eu sou vigilância no mar alto, em vez de paciência. Não é no fim que reside a prazer, mas na marcha. O meu jardim e eu vamos das flores para os frutos. Mas, através dos frutos, para as sementes. E, através das sementes, para as flores do próximo ano. Eu não me deixo enganar quanto aos objetos. Eles nunca são mais que objetos de um culto. Toco nos instrumentos do cerimonial e lhes encontro uma cor de oração. Mas aqueles que ignoram o tempo tropeçam contra. Até o filho se converte para eles num objeto cuja perfeição não atingem, porque ele é caminho para um Deus que uma pessoa não consegue conservar. Gostariam de o fixar na sua graça infantil, como se ele se fosse provisão. Mas eu, se encontro uma criança pela frente, vejo-a esboçar um sorriso e corar e procurar fugir. Sei o que a faz sofrer. E ponho-lhe a mão na testa, como se quisesse acalmar o mar.

Aqueles dizem-te: "Eu sou este. Aquele ou aquele outro. Possuo isto ou aquilo". Fariam melhor se te dissessem: "Sou serrador de tábuas, sou passagem de árvore em vias de se casar com o mar. Estou a caminho de uma festa para outra. Pai realizado e a realizar, porque minha esposa é fecunda. Sou jardineiro pela primavera, porque ela me utiliza e se ele serve da minha pá e do meu ancinho." Sou aquele que vai para". Ao passo que eles não vão para parte alguma. E a morte não será para eles o que o porto é para o navio.

Na época da fome, te dirão: "Ando sem comer. O meu ventre se cansa. E, por ouvir os meus vizinhos falarem dos cansaços do ventre, até a alma se me cansa". Nem lhes passa pela cabeça que o sofrimento é caminho para uma cura ou uma libertação de entre os mortos, ou sinal de uma transformação necessária ou apelo patético para a solução do litígio. O sofrimento não lhes serve de metamorfose, nem de solução, nem de cura prometida, nem de luto. Significa apenas o desconforto do instante de sofrimento. O mesmo se passa quando há alegria, que mesmo então só saberias apreciar a mesquinha alegria extraída

do instante - satisfação dos teus apetites, dos teus desejos? -, e não aquela que é válida para a homem, aquela que ele acaba de reconhecer de repente como caminho, veículo e transporte para o condutor dos condutores.

O significado da caravana não se lê nos passos monótonos que se parecem todos uns aos outros. Mas, se tiveres de puxar por uma corda para apertar determinado nó que se desata, se fores exortando os retardatários, se te puseres a preparar o acampamento noturno, se deres de beber aos teus animais, estás tu já metido nos ritos do cerimonial do amor. Não estarás mais nem menos quando, mais longe, entrares pelo palmar adentro, quando a coroa do oásis tiver posto termo à tua viagem, nem mais nem menos que se deambulasses já pela cidade de que apenas começarás por ver as paredes baixas dos bairros pobres e no entanto já brilhantes, por pertencerem à cidade onde reina o teu deus.

Não há distância a que o teu deus se canse de reinar. Logo o reconheces nas areias e nos arbustos de espinhos, que são objetos do culto e materiais da tua elevação, como as degraus da escadaria que leva ao quarto da esposa, ou aquelas palavras para o poema. . Eles são ingredientes da tua magia porque, com o teu suor ou os teus joelhos esfolados, preparas o aparecimento da cidade. Já achas até que eles se parecem com ela, da mesma maneira que o fruto se parece com o sol, ou as marcas na argila com qualquer movimento do coração do escultor que a tiver modelado. Já sabes que, no trigésimo dia, as tuas pedras darão mármore, os teus espinhos darão rosas, a tua aridez fontes. Como te havias de cansar da tua criação, se sabes que passo a passo vais construindo a tua cidade? Sempre que os meus tratadores de camelo pareciam cansados, fazia-lhes ver que construía uma , cidade de cisternas azuis e que plantavam tangerineiras com tangerinas, da mesma maneira que os homens que acarretavam pedra ou os jardineiras. Falava-lhes assim: "Vocês estão fazendo gestos de cerimônia. Vocês começam a despertar a cidade ausente. Através dos vossos materiais, começam a esculpir a graça das moças mimosas... Por isso os vossas areias P as vossas espinhos já tem o perfume do corpo ferido querida”.

Mas os outros só sabem ler o quotidiano. Como são míopes e ainda por cima esbarracham o nariz contra o objeto, de todo o navio apenas vêem esse rebite pregado na tábu. Da caravana no deserto, apenas vêem este passo e mais este e mais este ainda. E para eles toda a mulher é uma prostituta, porque a consideram como presente e significação do momento, quando teria sido preciso atingi-la pela via das areias e dos arbustos de espinhos, pela aproximação dos palmares, pelo gesto do dedo que afasta docemente a porta. Quando uma pessoa vem de tão longe, esse gesto é milagre capaz de acordar um morto.

Só depois de tudo isso é que ela se te abrirá. A pouco e pouco, ela foi emergindo das tuas noites solitárias, foi sacudindo a poeira do tempo e é agora perfume recém liberado, mocidade do mundo mais uma vez por ti recomeçada. E começará para vós o amor. S assim é possível obter qualquer recompensa das gazelas pacientemente domesticadas.

Mas as outros de que te falava tem uma inteligência d contabilistas. Maldita inteligência. Só sabe fazer um balanço miserável das coisas esgotadas num instante. Se passares junto às muralhas, vêes uma pedra, outra pedra, mais outra ainda. Mas há quem tenha o sentido do tempo. E então já não se choca contra esta pedra, nem contra esta outra. Não se lamenta tal pedra, nem se espera receber o que é devido de tal pedra próxima entre outras. Uma pessoa assim dá simplesmente a volta à cidade.

CLXXXVII

Eu sou aquele que habita. Vejo-vos nus e vos arranco à terra fria.

Ó povo desolado, perdido no meio da noite, bolor nascida nessas fendas de crosta que ainda retém um pouco da água que desce das montanhas para o deserto!

Depois de vos ensinar: “Aqui fica Orion, lá a Ursa Maior, além a Estrela do Norte”, ficastes a conhecer tão bem as vossas estrelas que dizeis uns para os outros: “Lá fica a Ursa Maior, aqui Orion, mais longe a Estrela do Norte”. E é por poderdes dizer uns aos outros: “Andei sete dias na direção da Ursa Maior” e por vos compreenderdes mutuamente, que habitais nalguma parte.

Ainda me lembra o palácio de meu pai. ”Vai correndo -diziam-me quando eu era pequeno - buscar fruta no celeiro.” E bastava pronunciarem-me esse nome para eu sentir o cheiro dessa fruta. E me abalava para a pátria dos figos maduros.

E é só eu dizer “a Estrela do Norte”, logo dás uma volta sobre ti próprio, como que a te orientares, e passas a ouvir o: ruído das armas das tribos do norte.

Só depois de eu ter escolhido a mesa calcária do Oriente para a festa e as salinas do Sul para os suplícios, depois de i: ter convertido esse grupo de palmeiras em lugar de repouso e albergue para as caravanas, é que tu te sentes em tua casa.

Pretendias reduzir esse poço à sua utilidade, que é proporcionar água. Mas a água não é não haver ausência de água. E existir não é não morrer ainda de sede.

Quem agoniza à míngua de água no meio do deserto e sonha ao mesmo tempo com o poço que conhece, e chega até, em pleno delírio, a ouvir ranger a roldana por onde a corda corre, habitará melhor do que aquele que, por nem sequer ter sede, desconhece a existência de poços agradáveis ao fim das estrelas.

Se presto homenagem à tua sede, não é por ela te enriquecer a água de uma importância carnal, mas por te obrigar a ler as estrelas e o vento e as pegadas que o inimigo deixou ' na areia. Se eu te negasse o direito de beber, em vez de te proporcionar um estímulo, apenas exaltaria no teu ventre u desejo da água, mera caricatura da vida, como deves compreender. Se queres matar a sede, o que eu tenho a fazer é submeter-te ao cerimonial da marcha à luz das estrelas e da manivela ferrugenta, que é um verdadeiro cântico. O teu ato adquirirá assim o significado de oração e o alimento do teu ventre se tornará alimento do coração.

Tu não és gado no estábulo. Mesmo que o mudes de estábulo, continua a haver a mesma manjedoura, a mesma cama de palha. E o gado não se encontra nem melhor nem pior. Mas, no teu caso, se a refeição é para o ventre, é também para o coração. Estás morrendo de fome, e um amigo te franqueia a porta da casa e te empurra para a mesa, enche a caneca de leite e corta o pão. O que tu então bebes é o sorriso, porque a refeição tem a virtude de cerimonial. Ficas, é certo, saciado, mas a tua gratidão estende-se também à boa vontade dos homens.

Eu quero que o pão seja o pão do teu amigo e que o leite seja o leite devido à maternidade da tua tribo. Quero que a farinha de cevada seja a farinha da festa das colheitas e que a água seja a água de um cântico de roldana ou de uma direção iluminada pelas estrelas.

Também gosto que os meus soldados sejam magnéticos e vivos como a agulha magnética nos navios. E não é para as esbulhar dos bens do mundo que eu os prefiro ligados à esposa e de uma castidade medida. É que, nessa altura, o corpo ferido deles puxa para ela e é assim que distinguem o norte do sul e o leste do oeste. Há uma estrela que marca a direção amada.

Mas se a terra é para eles como que um grande bairro proibido, onde uma pessoa bate a uma porta qualquer para extinguir o gosto do amor, se todas as mulheres são complacentes para com eles, é-lhes difícil distinguir o caminho e acharem a boa direção ao de cima da crosta nua da terra, porque não habitam em parte alguma.

O que o meu pai conseguiu no dia em que saciou, dessedentou e alimentou de mulheres os seus berberes, foi convertê-los em gado desesperado.

Mas eu sou aquele que habita. Só tocarás na tua mulher uma vez celebradas as núpcias, para que o teu leite seja vitória. E é certo que há os que morrem de amor, por não se puderem juntar. Se assim é, os mortos pelo amor serão condição do amor. Talvez me compadeça dos que se amam e os venha a dispensar de diques, de muralhas e do cerimonial que funda o rosto do amor. Nessa altura, em vez de lhes facilitar o amor, concedo-lhes o direito de esquecerem o amor.

Eu não seria menos louco se, com o pretexto de que não há esperança de que todos possuam um diamante, ordenasse que todos os diamantes fossem atirados na fornalha, a fim de salvar o homem da crueldade de seu desejo.

Se eles desejam uma mulher para amar, me faz bem lhes salvar o amor.

Eu sou aquele que habita. Sou pólo magnetizado. Sou semente de árvore e linha de força no silêncio, para que tronco, raízes e ramos sejam um só, e esta flor e este fruto sejam estes e não outro. Não é que eu desconheça ou despreze os outros. O amor é que, em vez de essência encontrada como objeto entre objetos, é coroamento de um cerimonial, à semelhança da essência da árvore, que domina a sua essencial diversidade. Eu sou a significação dos materiais. Sou basílica e sentido das pedras.

CLXXXVIII

Podes perder as esperanças, se fechares os olhos a essa luz que não é luz das coisas, mas do sentido das coisas. Encontro-te sentado à porta da tua casa. Pergunto-te:

“O que é que fazes aí?”

Nem mesmo tu o sabes. Queixas-te da vida.

“A vida já não me pode dar mais nada. A minha mulher dorme, a minha alma repousa e o meu trigo amadurece. Eu não passo de estúpida expectativa. Apenas consigo entediar-me.”

Ó criança sem brinquedos que já não sabe ler através. Sento-me junto de ti e te ensino. Flutuas no tempo perdido e te assalta a angústia de não te realizares.

Há outros que dizem: é preciso um fim. A tua amada é bela, por te criar uma margem lentamente arrancada ao mar. É bela a roldana que chia por te criar a água para beber. E o trigo dourado, que é praia do duro trabalho. E o sorriso do filho, praia do amor doméstico. E o vestido de filigrana de ouro lentamente costurado para a festa. Se virares a manivela só para ouvires o barulho da roldana, se costuras o vestido só pelo vestido, se amas só pelo amor, como haverás de te realizar? Depressa essas realidades se gastam, à força de não terem nada para te dar.

É o caso - nem mais - daqueles que negaram a sua condição de homens. Coloco-os naquela prisão de que te falei. Mando-os cavar um campo. As enxadadas que dão continuam a ser enxadadas. Cavando incessantemente, como antes. Substancialmente, nada mudou. Nadar sem ver a praia e em círculos. Que é feito da criação? Esses homens não são estrada, nem transporte que leve a qualquer luz. Ao passo que, se te for dado extrair uma vez por ano o diamante puro, já pode ser a mesma a estrada dura, o mesmo suor, que resplandesces de um fervor religioso. A tua enxadada assume então o sentido do diamante, de natureza diferente dela. Envolve-te a paz da árvore e a vida tem para ti o seu verdadeiro sentido: elevar-te, de andar em andar, até a glória de Deus.

Se lavras é para semear trigo, se costuras é na perspectiva da festa, se quebras a ganga é para extrair o diamante. Que tem a mais aqueles que irradiam felicidade, a não ser o conhecimento do laço divino que liga as coisas?

Só encontrarás a paz se transformares alguma coisa de acordo contigo. Se te fizeres veículo, via e transporte. O sangue então circula no império. Mas tu pretendes que te considerem e honrem por ti próprio. E pretendes arrancar ao mundo algo palpável que te aproveite a ti. Que hás de encontrar, se não és nada? E deitas os teus objetos ao desbarato, na fossa dos detritos.

Esperavas pela aparição vinda de fora, por algum arcanjo que se parecesse contigo. . Mas diz-me: contava extrair da sua visita alguma coisa que não extraíesses da do teu vizinho? Eu, em compensação, que faço? Reparei que aquele que caminha na direção do filho doente, e aquele que se dirige para casa da amada, e aquele que regressa à casa vazia, até parecem outros embora de momento não se diferenciem. Torno-me encontro ou praia, através das coisas que são, e tudo muda. Torno-me trigo para além do trabalho, homem para além do filho, fonte para além do deserto, diamante para além do suor.

Obrigo-te a construíres em ti uma casa. Construída ela, o morador inflama-te o coração.

CLXXXIX

Estava eu descansando no alto da montanha, que exerce sobre mim o efeito de um manto de pedra, quando, ó povo meu amado, se me apresentou, semelhante a um incêndio lento que só chegasse até mim na forma de fumo e de luz, o seguinte problema:

“Para onde vão eles? Onde os hei de conduzir, Senhor? Se for eu a administrar, eles se parecerão consigo próprios, Eu não sei de gestão, Senhor, que não endureça o objeto da gerencia. E que havia eu de fazer de uma semente que não tendesse para a árvore? E que faria eu de um rio que não se encaminhasse para o mar? E de um sorriso, Senhor, se não se orientasse para o amor?”

“Mas ... e o meu povo?”

“Ah, Senhor, eles sempre se amaram de geração em geração. Compuseram os seus poemas. Construíram casas para eles, guarneceram-nas com os seus tapetes de lã farta. Perpetuaram-se. Educaram os filhos e depuseram as gerações gastas nos cestos das vindimas. Reuniram-se nos dias de festa. Rezaram. Cantaram. Correram. Refizeram-se de ter corrido. Cresceram-lhes calos nas mãos. Os seus olhos viram, maravilhou-se, depois se encheram de trevas. Odiaram-se, igualmente. Cortaram relações uns com os outros. Feriram-se uns aos outros. Lapidaram príncipes nascidos deles próprios. Depois, tornaram o lugar vazio e se lapidaram entre eles. O Senhor, tão semelhantes os seus ódios, as suas condenações, os seus suplícios, a uma surda e fúnebre cerimônia, Aquela altura a que eu estava, tudo à minha volta gemia e chiava como num navio, sentia como que a dor de dar à luz, mas nada disso me metia medo. As árvores, Senhor, também se apóiam umas às outras, esmagam-se e se abafam na luta pelo sol. No entanto, pode-se dizer que o sol vai buscar a primavera ao chão e faz com que as árvores a festejem. E a floresta é composta pelas árvores, embora todas elas sejam inimigas umas das outras. E o vento extrai o seu louvor desta harpa. Mas eu, Senhor, que sou míope e achato o nariz no objeto, conseguiria saber alguma coisa deles, tão diversos uns dos outros? Mas eles agora repousam. Reservadas para a noite as palavras mentirosas. Adormecidos os apetites e os cálculos. Distendidas as invejas. Passo a olhar pelos trabalhos que eles deixaram por terminar e assalta-me aquela confusão que se costuma sentir nos umbrais da verdade, quando já se pressente um significado que ainda não foi desvendado e que importa descobrir para que seja.

“Quando o meu pintor pinta, Senhor, que consciencia tem disso os dedos, o ouvido ou a cabeleira? Ou o tornozelo ou os quadris ou o braço? Nenhuma. A obra futura dirige-lhes os movimentos e nasce, ardente, de tantos desejos contraditórios. Mas o míope, aquele que precisa achatam o nariz para ver, descobre apenas movimentos incoerentes, arranhaduras do pincel ou manchas de cor. Forjadores de rebites e serradores de tábuas, o que é que sabem da majestade do navio? O mesmo me acontecerá a mim, se dividir o meu povo. que é que o avaro, o barrigudo, o ministro, o carrasco e o pastor sabem? Se porventura algum deles vê mais claro do que os outros, é aquele que leva os animais ao bebedouro ou aquela que dá à luz ou este outro que morre, e não o sábio, nem o fuinha de dedos cheios de tinta, porque nem um nem outro conhecem a lentidão. E eles não servem nada de essencial, ao passo que aquele que aplaina a sua tábua a vê vir a ser e crescer.

“Adormecidas as paixões mesquinhas, vejo o patrimônio fundado pelo avarento. E aquele ministro prevaricador, que não vale nada e rouba as riquezas de outro, passa-as por sua vez para as mãos daqueles

que cinzelam os objetos de marfim e de ouro. E se cinzela e se esculpe o ouro e o marfim. E aquele que condena injustamente funda o áspero amor da verdade e da justiça. E aquele que rouba os materiais do templo esforça-se por erguer mais forte esse templo.

“Eu vi elevar esse templo a despeito do quotidiano, através das invejas dos homens. Vi os escravos acarretarem as pedras, açoitados pelos guardas dos forçados. Vi o capataz roubar os salários. Ah! Senhor, eu era míope e achatava o nariz no objeto. Por isso só reparava na covardia, na estupidez e no lucro. Mas, do alto da montanha onde estou sentado, atento de repente num templo que ascende para a luz.”

CXC

Vim a saber que não são da mesma essência a aceitação do risco de morte e a aceitação da morte. Conheci gente moça que desafiava superiormente a morte. E, em geral, é porque havia mulheres para os aplaudir. É tão agradável voltar da guerra e receber os cânticos que brilham nos olhos das mulheres! Vale a pena aceites a prova do fogo em que pões em jogo a tua virilidade. Só aquilo que ofereces e corres o risco de perder, existe verdadeiramente. Ninguém melhor o sabe que os jogadores. Olha como eles arriscam a fortuna aos dados. Embora ela nesse momento não lhes sirva de nada, surge como garantia de um dado. Naquela mão que deita os cubos de ouro em cima da mesa grosseira, essa fortuna assume um caráter patético. E os dados desenrolam sobre a mesa as planícies, as pastagens e as searas da tuo domínio.

O soldado regressa, pois, envolto na luz da sua vitória, o ombro ajoujado ao peso das armas que conquistou, talvez mesmo floridas de sangue. E ei-lo brilhando, só por algum tempo talvez - uma pessoa não pode viver da vitória. Mas mesma assim por algum tempo.

A aceitação do risco de morte é, portanto, aceitação da vida. E o amor do perigo é o amor da vida. Ia mesma maneira que a tua vitória era o teu risco de derrota vencida pela tua criação. Já viste alguma vez o homem orgulhar-se de ser vencedor dos animais domésticos? É que ele os domina sem risco algum.

Se eu quiser fazer de ti um soldado fértil para o império, exijo-te mais alguma coisa. No entanto, há aqui uns umbrais difíceis de franquear: uma coisa é aceitar o risco de morte, outra coisa aceitar a morte.

Gostaria que fosses de uma árvore e estivesses submetido à árvore. Gostaria que o teu orgulho residisse na árvore. E a tua vida, também. Seria a forma de ela adquirir um sentido.

A aceitação do risco resume-se afinal num presente feito a ti próprio. Gostas de respirar a plenos pulmões e de deslumbrar as moças com o teu brilho. E tens de mencionar essa aceitação do risco, ela é mercadoria para troca. Por isso os meus cabos são gabarolas. Mas ainda assim honram-se, embora a si próprios.

Uma coisa é perderes a tua fortuna nos dados por a teres querido sentir e abranger toda com a tua mão, por a teres querido sentir na tua mão, concreta e substancial, presente toda ela ao mesmo tempo, com o seu peso de restolho e espigas enceleiradas e animais nas pastagens e aldeias respirando fumo ligeiro, que são sinal da vida do homem, uma coisa é excitares a tua fortuna e a tornares ardente no momento do risca e renunciarestes a ela como quem se despoja das suas peças de roupa uma por uma e desdenhosamente descalça as sandálias na praia para desposar, nu, o mar, e outra coisa é te desfazeres das tuas mesmas quintas, dos teus animais, das tuas aldeias, para ires viver para mais longe. Tu, para desposar, precisas morrer.

Precisas sobreviver, à maneira das velhas que vão cansando os olhos na costura das tapeçarias da igreja, com que elas vestem o seu Deus. Elas se tornam veste de Deus. E o caule do linho, graças ao milagre daqueles dedos, torna-se oração.

Tu afinal és via e passagem, e só podes viver realmente daquilo que transformas. A árvore, a terra em ramos. A abelha, a flor em mel. E a tua lavoura, a terra negra em incêndio de trigo.

Importa-me por conseguinte, em primeiro lugar, que o teu Deus seja para ti mais real do que o pão onde

enterras os dentes. Nessa altura até o teu sacrifício, autêntico matrimônio no amor, te há de embriagar. Mas tu, que perdeste o sentido da festa e foste distribuindo dia a dia as tuas provisões, convencido de que assim enriquecias, acabaste afinal por destruir, por dilapidar tudo. Andas muito enganado quanto ao sentido do tempo. Vieram os teus historiadores, os teus lógicos e os teus críticos. Olharam para os materiais e, por não lerem nada através, aconselharam-te a gozares deles. E recusaste o jejum, que era condição da festa. Negaste-te a sacrificar na altura da festa essa parte de trigo que, ao ser queimada, criava a luz do trigo. Obnubilado pela tua miserável aritmética, não concebes que haja na vida um instante que valha toda a vida.

CXCI

Deu-me, pois, para meditar sobre a aceitação da morte. Lógicos, historiadores e críticos celebraram por eles mesmos os materiais que servem para tuas basílicas. Chegaste a julgar que era questão deles, quando uma asa de jarra de prata bem modelada vale mais e te afaga mais o espírito e o coração do que todo o jarro de ouro. Mal orientado na direção dos teus desejos, imaginas que a posse é que te fará feliz. Estafas-te amontoando, como condição da tua felicidade, pedras, que noutro lugar teriam sido pedras de basílica, Ao passo que uma só pedra basta para que outro reanime o espírito e o coração: é questão de imprimir nela o rosto do seu Deus.

Fazes-me lembrar o jogador de xadrez que, por não saber as regras, procura o prazer na coleção de peças de ouro e de marfim, que afinal acabam por entediá-lo, ao passo que outro, habilitada para o jogo sutil pela divindade das regras, irá buscar a sua luz a simples cavacos de uma madeira tosca. A ânsia de fazeres um inventário de coisas faz com que te apegues aos materiais e não ao rosto que eles compõem. Ora, o rosto é que tu devias reconhecer primeiro. Consideras essencialmente a vida como uma pilha de dias. Uma coisa te pergunto eu: se o templo é puro de linhas, sentes saudades do montão de pedras? Seria uma estupidez.

Não penses deslumbrar-me com o número das pedras da tua casa, das pastagens da tuo domínio, dos animais dos teus rebanhos, das jóias da tua mulher ou mesmo das recordações dos teus amores. Nada disso me importa. O que quero é conhecer a qualidade da casa construída, o fervor da religião da tuo domínio e saber se as refeições à tardinha, depois do trabalho realizado, decorrem alegremente. Quero saber que amor construístes e por que realidade mais duradoura que tu próprio trocaste a existência. O meu sonho é ver-te realizado. Gostaria de te ler na tua criação, e não os materiais por usar de que fazes a tua inútil glória.

Não me venhas com essa questão sobre o instinto. O instinto te leva a evitar a morte. Qualquer animal faz tudo por sobreviver, como tens visto. A vocação de sobreviver - dir-me-ás tu - domina toda a vocação. O presente da vida tem um valor inestimável e é minha obrigação preservar em mim a luz que ele irradia. Ora tu, que hás de combater com heroísmo para salvar a pele, que mostrarás grande coragem no cerco, na conquista ou na pilhagem, que te embriagarás com a embriaguez do homem forte que concorda em deitar tudo na balança para ver quanto pesa, serás incapaz de morrer em silêncio, no segredo do dom consentido. Apesar disso, eu te mostrarei aquele pai que acaba de mergulhar na vocação do abismo, porque o filho se debate nele e o rosto ainda lhe aparece de vez em quando, cada vez mais pálido, como a lua que se recorta por entre os rasgões das nuvem. E te observarei: “Então o pai não é dominado pelo instinto de conservação?...”

- É, sim senhor - dirás tu. Mas o instinto vai mais longe. Ele vale para o pai e para o filho. Vale para a guarnição que destaca os seus membros. O pai acha-se ligado ao filho...

E a tua resposta continuaria nesse mesmo tom pitoresco, complexo e denso. Mas, no intuito de te instruir, insistirei ainda:

“Há, na verdade, um instinto de conservação. Mas não passa de um aspecto de um instinto mais forte. O instinto essencial é o instinto da permanência. E aquele que foi construído em carne viva, procura a permanência na permanência da suo corpo ferido. E aquele que foi construído no amor do filho,

procura a permanência no salvamento do filho. E aquele que foi construído no amor de Deus, procura a permanência na sua ascensão para Deus. Ninguém procura aquilo que desconhece. Se procuras salvar as condições da tua grandeza ou do teu amor, é na medida em que sentes essa grandeza ou em que experimentas esse amor. Posso trocar a tua vida por alguma coisa superior a ela, sem que por isso te tirem seja o que for.

CXCII

Se julgas que a própria árvore vive para a árvore que ela é, encerrada na sua bainha, é sinal de que nem sequer vislumbras o que é a alegria. A árvore é fonte de sementes aladas e vai-se transformando e alindando de geração em geração. Ela caminha, não à tua maneira, mas como um incêndio dirigido pelos ventos. Se plantares um cedro no alto da montanha, verás a floresta deambular lentamente ao longo dos séculos.

Se ele se julgasse, o que é que a árvore se julgaria? Julgar-se-ia raízes, tronco e folhagem. Julgaria servir-se a si própria ao plantar as suas raízes, ela, que não passa de via e passagem. A terra através dela casa-se com o mel do sol, desabrocha em botões, abre-se em flores, compõe sementes, e a semente leva consigo a vida, como um fogo preparado mas invisível ainda.

Se eu semeio ao vento, incendeio a terra. Mas tu só vês essa folhagem imóvel, esse peso de ramos bem inseridos, e julgas a árvore sedentária, entregue à sua vida, emparedada em si própria. A culpa é tua, que olhas ao retardador. És míope, esborrachas o nariz no objeto e olhas de esguelha. Basta-te recuar e acelerares o pendulo dos dias, para veres brotar, da tua semente, a chama e, das chamas, outras chamas. Assim vai o incêndio lavrando, despindo os seus despojos de madeira consumida, porque a floresta arde em silencio. E deixas de ver esta árvore aqui e aquela lá. Vens a compreender que as raízes não serviam nem uma nem outra, mas sim esse fogo, devorador ao mesmo tempo em que construtor. E a massa de folhagem sombria que te vestia a montanha não passa agora de terra fecundada pelo sol. Instalam-se lebres na clareira e, nos ramos, pássaros. Já não sabes o que é que as tuas raízes essencialmente servem. Apenas há agora períodos e passagem. Por que havias de pensar da árvore aquilo que não pensas a respeito da semente? Tu não dizes: "A semente vive para si, realizou-se. caule vive para si, realizou-se. A flor em que este se transforma, vive para si, realizou-se.

A semente, que a flor veio a constituir, vive para si, realizou-se". E a história repete-se com o embrião novo, que faz surgir teimosamente o caule entre as pedras. Que período hás de escolher para mo apresentar como resultado? Mas eu apenas conheço ascensão da terra até ao sol.

Assim como também não sei onde é que o homem e o meu povo vão. Quando a noite desce, fecham as granjas e trancam a porta das casas. As crianças dormem, dormem as velhas e os velhos. Que posso eu dizer dos seus caminhos? É difícil destrinchá-los, cada estação que passa mal os define, apenas acrescenta uma ruga à velha, uma ou outra palavra à linguagem da criança, que continua a sorrir quase como antes. Uma estação a bem dizer não altera em nada a perfeição ou imperfeição do homem. E, no entanto, se abraço as gerações, vejo o meu povo despertar para si próprio e reconhecer-se.

Realmente, ninguém pensa a não ser em si. E isso é mesmo assim. Importa que o cinzelador cinzele a prata sem se distrair, que o geômetra pense na geometria, que o rei reine. Só assim se caminha. Importa igualmente que os forjadores de rebites cantem as cantigas dos forjadores de rebites, e os serradores de tábuas as cantigas dos serradores de tábuas. Mas é salutar para eles o conhecimento do veleiro, através do poema. Aqueles que tiverem compreendido que se vem a encontrar e a realizar nesse longo cisne alado alimentado pelos ventos do mar, nem por isso amarão menos as suas tábuas e os seus rebites, antes pelo contrário.

Embora a consciencia do fim, pelo próprio fato da sua grandeza, não te evite teres de varrer mais uma

vez o teu quarto ao nascer do dia, ou de semear este punhado de cevada depois de tantos outros, ou de emendar tal gosto no trabalho, ou de ensinar ao teu filho mais uma palavra ou uma oração - não te dizia eu que o conhecimento do veleiro te deve fazer estimar, e não desdenhar, as tuas tábuas e os teus rebites? -, é bom que saibas com toda a certeza que não é questão da tua refeição, nem da tua oração, nem da tua lavoura, nem do teu filho, nem da festa junto dos teus, nem do objeto com que honras a tua casa. Qualquer dessas realidades é simples condição, via passagem. E, ao fazer esta advertência, em vez de te levar a desprezá-las, consigo que honres melhor quer umas quer outras. Se o teu caminho for caminho direito ao mar e não meandro estéril e monótono, hás de ter seguramente em maior estima e conhecer melhor as voltas todas que ele dá, o olor das roseiras bravas e os regos e os declives através do lombo das colinas.

Não consinto que digas: de que me serve varrer, carregar com esse fardo, alimentar esse filho, conhecer esse livro? Porque, se é bom que adormeças e sonhes com o almoço e não com o império, à maneira das sentinelas, também é bom que estejas a postos para a visita que não se faz anunciar mas por instantes te aguça os olhos e os ouvidos e transforma as tuas varridas tristes em serviço de um culto que não há palavras que o contenham.

Assim, cada batimento do teu coração, cada sofrimento, cada desejo, cada melancolia vespertina, cada refeição, cada esforço no trabalho, cada sorriso, cada lassidão no decurso dos dias, cada despertar, cada doçura de adormeceres tem o sentido do deus que se lê através.

Se vos transformardes em sedentários, se vos julgardes a vós próprios provisão arrecadada entre as vossas provisões, que pensais ainda encontrar, não me direis? ! As provisões não existem, e quem deixa de crescer morre.

CXCIII

Na tua mania da igualdade, dás ordens como esta: “Dividam esta pérola entre todos. Qualquer dos mergulhadores a poderia ter encontrado”.

E o mar, por causa de certa pérola negra encontrada no ano anterior por um outro, deixa de ser maravilha, fonte de alegria e milagre do destino. E a imersão deste ou daquele já não é cerimonial de um milagre, nem tem o atrativo de uma aventura lendária.

A razão que me leva a desejar que economizes durante tolo o ano e reduzas as tuas necessidades e te privas de certas coisas em vistas da festa única, cujo sentido não reside no estado de festa, pois a festa - eclosão, vitória ou visita do príncipe - não dura mais que um segundo, mas sim nesse prazer causado pelo desejo ou pela recordação da recompensa que se espalha como um perfume ao longo do teu ano, a razão que me leva a gostar que prepares o ninho na perspectiva do nascimento, que não é da essência do ninho, que suportes o combate na esperança de uma vitória que não é da essência do combate, e que prepares durante o ano a tua casa para o príncipe, a razão que me leva a tudo isso é a mesma que me obriga a desaconselhar-te uma pretensa igualdade, fundada numa falsa idéia de justiça. Semelhante igualdade acarretará sempre uma distorção. Como hás de igualar o jovem e o velho? Se partires a pérola, ninguém ficará com coisa alguma. Desfaz-te tu da tua mesquinha parte. E então aquele que encontrar a pérola inteira voltará para casa iluminado pelo sorriso. E, às perguntas da mulher, responderá: "Adivinha". Ao mesmo tempo exibirá o punho fechado, contente por espicaçar a curiosidade alheia, cheio de regozijo pelo poder que tem de, mal abrir os dedos, espalhar à sua volta a felicidade...

E todos ficam mais ricos. Aquela pérola é a prova de que vasculhar no mar não é trabalho de escravo. Também as narrativas de amor, que os meus narradores divulgam, criam em ti o gosto pelo amor. E a beleza que elas celebram embeleza todas as mulheres. Basta que valha a pena morrer pelo prazer de conquistar uma delas, para afinal se morrer pelo amor. Nada mais é necessário para encantar e aformosear todas as mulheres. Quem sabe se cada uma delas não esconde no íntimo o tesouro particular de uma pérola maravilhosa como o mar?

E tu não te aproximas de uma delas sem que te bata um pouco o coração, como os mergulhadores do golfo de Coral, quando eles esposam o mar.

Tu, quando preparas a festa, és injusto para com os dias ordinários, mas a festa vindoura perfuma os dias ordinários e te vês mais rico simplesmente por ela existir. És injusto para contigo próprio se não partilhas da pérola do vizinho, mas a pérola que lhe couber em sorte iluminará as tuas imersões futuras, da mesma maneira que a fonte de que eu falava, apesar de correr no coração do oásis longínquo, encanta todo o deserto.

Ah! A tua justiça exige que os dias e os homens se pareçam uns aos outros. Se a tua mulher grita, podes repudiá-la, para escolheres outra que não grite. Tu és armário próprio para receber um presente e ainda não o recebeste. Mas eu desejo perpetuar o amor. Só há amor onde a escolha é irrevogável porque, para uma pessoa se realizar, é preciso ver-se limitada. O prazer da emboscada e da caça e da captura é diferente do do amor. Num dos casos, tu tens o significado de caçador. No outro, a mulher aparece como objeto da tua captura. Por isso ela, depois de capturada, depois de ter servido, já não vale coisa alguma. Que importa ao poeta o poema escrito? Ele só tem sentido enquanto permite criar mais longe.

Mas, após eu ter fechado a porta sobre esse casal que vós constituís, tu tens de ir mais longe do que tua mulher. O teu significado é o de esposo, ao passo que o dela é de esposa. Eu enchi a palavra de um sentido mais profundo, por isso podes dizer a minha esposa...” com a seriedade no coração. Mas vens a descobrir outras alegrias. E outros sofrimentos, não há dúvida. Os sofrimentos, porém, são condição das tuas alegrias. Podes morrer pela tua mulher, pois ela é tua como tu és dela, mas não pela tua captura. E a tua fidelidade é fidelidade de crente, não de caçador cansado. Fidelidade esta que é diferente e espalha, não a luz, mas o tédio.

Há, é certo, mergulhadores que não encontrarão a pérola. Há homens que apenas encontrarão a amargura no leito que tiverem escolhida. Mas a miséria daqueles mergulhadores é condição do brilho do mar, válido para todos e também para aqueles que não encontraram nada. E a miséria desses homens é condição do brilho do amor, válido para todos e também para os que são infelizes. Porque o desejo, o pesar, a melancolia por amor valem mais do que a paz de um gado que não conhece o amor. E do fundo do deserto, onde sofres com a sede e com os arbustos de espinhos, não preferes tu o pesar ao olvido das fontes?

Aí tens o mistério que me foi dado entender. Da mesma maneira que fundas aquilo de que te ocupas, que te faz lutar por ou contra - por isso combates mal se combates por simples ódio ao deus do teu inimigo; para aceitares a morte, precisas de combater primeiro pelo amor do que é teu - assim tu és iluminado, amamentado e aumentado por isso mesmo que lamentas, desejas ou choras, tanto como pela tua captura. E a mãe de rosto encarquilhado em quem o luto, ao adquirir o seu sentido, se tornou sorriso, vive da recordação do filho morto.

Se te dou arruíno as condições do amor para te autorizar a não sofreres com ele, ter-te-ei prestado algum favor? Para aqueles que perderam a pista e vão morrendo de sede, é porventura mais suave um deserto sem fonte?

Ouve o que eu te digo: a fonte bem cantada e bem construída no teu coração, quando te vês casado com a areia e te achas prestes a despir a tua casca, despeja-te no coração uma água tranqüila, que não é das coisas mas do sentido das coisas. E ainda conseguirei te arrancar um sorriso, ao te falar da doçura do cântico das fontes. .

Como não me havias tu de seguir? Eu sou o teu significado. Encanto a tua areia com uma mágoa. Abro-te o amor. De um perfume, extraio o império.

CXCIV

Estás muito enganado quanto ao cerimonial e tenho de te abrir os olhos. Julgas que é arranjo gratuito ou adorno suplementar. Pensas que o namorado odeia as regras como vindas de um deus um pouco caprichoso que apenas as ditaria para, quando muito, te favorecer aqui cerceando-te lá, à maneira de uma vida eterna que exigisse amputar o sentimento, quando as regras te fazem ser isto ou aquilo e te fundam ao mesmo tempo em que te limitam. Encontras esses limites logo que és. E a árvore se desenha segundo as linhas de força da sua semente. Foi o que te disse acerca da imagem bela. Ela é ponto de vista e gosto das coisas. Se adotares outro ponto de vista, pensarás de maneira diferente a respeito da refeição, do repouso, da oração, do jogo e do amor. Eu não sei de compartimento algum porque tu, em vez de seres divisíveis, em vez de soma de bocados, és um que domina. E se eu substituir o nariz nesse rosto de pedra que o meu escultor esculpiu, terei também que substituir a orelha ou, mais exatamente, alterei todo o poder e a ação também da orelha. Por conseguinte, se eu te impuser a obrigação de te prosternares uma vez por ano voltado para o deserto, para honrares o oásis cantante que ele esconde nas suas pregas, encontrarás o seu mistério na mulher ou no trabalho ou na casa. Bastou eu te dar um céu cheio de estrelas, para te modificar nas tuas relações com os escravos, com o rei, com a morte. Tu és raiz mãe da folhagem e, se eu te mudar a raiz, a tua folhagem muda. Nunca na minha vida vi homens transformados por argumentos lógicos, nunca os vi converterem-se em profundidade graças à ênfase do profeta estrábico. Mas sempre que me dirigi à sua essência, pelo jogo de um cerimonial, consegui abri-los à minha luz.

Reclamas o amor contra as regras que o proíbem. E essas regras fundaram o amor. E a melancolia por não experimentares o amor; melancolia essa que deves às regras, já é amor.

O desejo de amor é o amor. Serias capaz de desejar o que ainda não houvesse concebido? Lá onde os irmãos não fossem prezados, por falta de estruturas ou de costumes que dessem um sentido ao papel de irmão, poderias ir buscar a uma simples promiscuidade de mesa esse amor pelos irmãos? Nunca encontrei ninguém que lamentasse não amar mais o irmão. Tu lamentas o amor concebido e a mulher que se vai embora, mas nenhuma transeunte indiferente te incita a dizeres com desespero: “Eu seria feliz se a amasse...”

Quando choras o amor, é porque o amor nasceu. As regras, se fundam o amor, fazem-te ver que choras o amor e julgas que o amor te poderia exaltar fora das regras, quando fundando simplesmente o amor elas te oferecem as tuas alegrias e os teus suplícios, da mesma maneira que a existência de uma fonte no meio dum palmar torna cruel a areia árida e a ausência de fonte é para ti irmã certa da existência das fontes. Tu não choras o que és incapaz de conceber. Ao construir fontes, eu construo a sua ausência. Ao te oferecer diamantes, fundo a pobreza dos diamantes. E a pérola negra dos mares, recolhida uma vez por ano, funda as tuas imersões inúteis. O dom da pérola negra parece-te violação e rapto e injustiça e, por a dividires, destróis-lhe o poder. Quando bastava compreenderes que o fato de a pérola existir, mesmo para outro, te torna mais rico do que o vazio uniforme dos mares.

Os que introduziram a igualdade de manjedoura no seu estábulo fundaram por isso mesmo a miséria. E querem que os sirvam. Se acederes a honrar a loucura que neles existe, fundarás a loucura neles. Mas se em cada um deles honrares o homem, fundarás o homem e o porás a caminho dos deuses.

Atormenta-me que eles tenham virado a sua verdade de pernas para o ar. Tudo isso por se terem cegado à evidência de que a condição do nascimento do navio, isto é, o mar, contraria o navio, e de que a condição do amor contraria o amor e a condição da tua ascensão contraria a ascensão. Porque não há ascensão sem gravidade.

Mas há aqueles que dizem: "A nossa ascensão é uma maçada?...". Eles te destroem os seus entraves, e o seu espaço deixa de ter declive. Por terem arruinado o palácio do meu pai, onde todos os passos tinham um sentido, olha o lindo estado a que foram reduzidos: balbúrdia de feira.

É por isso que os ouves fazer perguntas uns aos outros sobre os alimentos espirituais que convém fornecer aos homens para lhes vivificar o espírito e lhes nobilitar o coração. Eles distribuíram-te os homens ao acaso, deram-lhes de comer na manjedoura e os transformaram, assim, em gado sedentário. É natural que, se antes o amor pelos homens os tinha levado a tentar libertá-los na sua nobreza e na sua claridade e na sua grandeza, receiem agora que o espírito e o coração se lhes embotem. Mas que hão de eles fazer de toda essa barafunda? Cantar-lhes-ão canções de galera para os comover, despertarão neles vagos fantasmas que esqueceram as galeras, mas ainda não conseguiram evitar que curvem vagamente o tronco com medo da chicotada. O poder das palavras do poema que discretamente tentam transportar para eles irá diminuindo progressivamente. Eles ouvirão daqui a pouco a canção das galeras sem sentirem as chicotadas esquecidas, e a paz do estábulo não será perturbada, porque tu esvaziaste de poder o mar. Na presença daqueles homens que ruminam a sua comida, assaltar-te-á então a angústia sobre o sentido da vida e o mistério das exaltações do espírito. Terão ambos morrido. E procurarás o teu objeto perdido, como se ele se fosse um objeto entre outros. E inventarás alguma canção da comida, a qual repetirá até mais não: "Eu como...", sem nada acrescentar ao gosto do pão. Não compreendes que não é questão de um objeto a distinguir entre outros objetos, nem a festejar entre outros, porque não se esconde em qualquer parte da árvore a essência da árvore, e quem quiser pintar só a essência não pintará nada.

Não é nada surpreendente que te esgotes à procura de uma cultura do sedentário, porque ela não existe. "Dar o presente da cultura - dizia o meu pai -, é dar o presente da sede. resto virá por si. Mas tu abasteces, numa bebida preparada, ventres a abarrotar."

O amor é apelo do amor. Assim a cultura. Ela reside na própria sede. Mas como cultivar a sede?

Tu apenas reclusas as condições da tua permanência. Aquele que fundou o álcool reclama o álcool. Não que o álcool lhe seja proveitoso, porque dá cabo dele. Aquele que fundou a tua civilização reclama a tua civilização. Apenas há instinto da permanência. Esse instinto domina o instinto vital.

Conheci muitos que preferiam a morte à vida perdida fora da sua aldeia. E até deves ter visto gazelas ou pássaros que, se os capturas, se deixam morrer.

E se te arrancam à tua mulher, aos teus filhos, aos teus costumes, ou se te extinguem no mundo a luz de que vivias - porque ela brilha mesmo no vazio de um mosteiro -, é possível que com isso te arranquem também a vida. Se então eu te quiser salvar da morte, basta que te invente o império espiritual onde a tua amada está como que em reserva para te acolher. Continuas então a viver, porque a tua paciência é infinita. A casa a que pertences, embora longínqua, te é útil no teu deserto. A amada te serve, embora longínqua e adormecida.

E és tu aquele que não suporta que o nó se desfaça, espalhando os objetos a granel. E, se morres, morrem os teus deuses. Porque tu vives deles. E só podes viver daquilo de que podes morrer.

Se te faço despertar para qualquer sentimento patético, transportá-lo-ás de geração em geração. Ensinarás os teus filhos a lerem esse rosto através das coisas, como o domínio através dos materiais do domínio, o único que há para amar.

Mas quem te faria morrer pelos materiais? São eles que se devem, não a ti - que não passas de via e passagem - mas ao domínio. E lhos submetes. Mas, se um domínio se realizou, nessa altura morrerás para salvar a sua integridade.

Morrerás pelo sentido do livro, não pela tinta nem pelo papel.

Porque tu és nó de relações e a tua identidade não repousa sobre esse rosto, esse corpo ferido, esse domínio, esse sorriso, mas sobre certa construção que através de ti se ergueu, sobre certo rosto aparecido, que é teu e que funda. A sua unidade liga-se através de ti, mas em compensação tu és dele.

Raramente podes falar dele: não há palavras que o transportem para outro. Assim a tua amada. Se me dizes o seu nome, essas sílabas não tem o poder de transportar para mim o amor. Preciso de que ma mostres. O que já pertence ao império dos atos e não das palavras.

Mas tu conheces o cedro. Se eu disser "um cedro", transporto para ti a sua majestade. Porque te despertaram para o cedro, o qual existe para além do tronco, dos ramos, das raízes e da folhagem.

Eu não conheço outro meio para fundar o amor que fazer-te sacrificar ao amor. Mas aqueles de que te falava recebem comida na liteira. Quais são os seus deuses?

Tu bem os pretendes ampliar enchendo-os de presentes; acabarão por morrer de indigestão. Tu só podes viver daquilo que transformas e de que morres um pouco cada dia, por te trocares por.

Bem o sabem as minhas velhas, que cansam os olhos nos jogos de agulha. Dize-lhes que poupem os olhos. E os seus olhos já não lhes servem de nada. Deste cabo da troca. Mas aqueles que pretendes saciar por que é que se trocam?

A sede da posse, podes tu fundá-la, mas a posse não é troca. Podes fundar a sede da acumulação dos panos bordados, que apenas fundas a alma do armazém. Como fundarás tu a sede de cansar os olhos nos jogos de agulha? Porque só essa é sede de verdadeira vida.

Eu, envolto no silêncio do meu amor, observei detidamente os meus jardineiros e as minhas fiandeiras de lã. Reparei que lhes davam pouco e lhes pediam muito. Como se repousasse sobre eles a sorte do mundo. Eu quero cada uma das sentinelas responsável por todo império. E também responsável pelas lagartas, à entrada do jardim. E a outra, que costura a casula de ouro, espalha apenas uma luz débil, mas essa casula ainda há de enfeitar o seu Deus. E é um Deus mais bem adornado do que na véspera, que por sua vez brilha sobre ela.

Não sei o que significa educar o homem a não ser ensinando-o a ler rostos através das coisas. Eu perpetuo os deuses. Eu escrevo o prazer do jogo do xadrez preservando as regras, mas tu lhes forneces escravos que lhes ganhem as suas partidas de xadrez.

Queres oferecer cartas de amor, por teres observado que alguns choravam ao recebê-las, e ficas admirado por não arrancares lágrimas algumas.

Não te basta dar. Teria sido preciso construir aquele que receba. Para o prazer do xadrez, teria sido preciso construir o jogador. Para o amor, teria sido preciso construir a sede de amor. E o altar primeiro, para receber o deus. Mas eu construí o império no coração das minhas sentinelas, obrigando-as a dar os cem passos no alto das muralhas.

CXCV

Um poema perfeito que resida nos atos e solicite tudo de ti, mesmo os teus músculos - é esse o meu cerimonial.

Débeis ecos, esboços de movimento que ligo em ti, graças às palavras dotadas de poder. Eu invento o jogo das galeras. Tu bem queres tornar parte e curvar um pouco os ombros.

Mas as regras, mas os ritos e as obrigações e a construção do templo, mas o cerimonial dos dias... - aí temos decerto uma outra forma de ação.

A escrita foi o meio de te converteres. Ela contribuiu discretamente para que te conhecesses assim realizado e esperasses.

E, na verdade, da mesma maneira que podes ler-me distraído e não sentir, podes sofrer o cerimonial sem crescer. E a tua avareza pode residir à vontade na generosidade do ritual.

Mas eu não pretendo reger-te de hora a hora, da mesma maneira que não pretendo que a minha sentinela tenha a toda hora o fervor do império.

Basta-me que uma vez por outra o tenha. Não pretendo que ela seja fervorosa em cada momento mas que, se sonha normalmente com a hora do almoço, lhe venham como clarões as iluminações da sentinela. Sei muito bem que o espírito dorme e não sabe ver permanentemente. De outra forma, esse fogo queimaria os olhos. Mas o mar tem sentido da pérola negra outrora encontrada, o ano sentido da festa única, e a vida sentido da realização na morte.

E pouco me importa que o meu cerimonial adquira um sentido abastardado entre os bastardos de coração. Durante as minhas conquistas, tive oportunidade de observar as tribos negras. O feiticeiro, farto de as conhecer, cedia ao apetite sórdido de homenagear com os seus presentes alguma vara de madeira pintada de verde.

Que me importa que o feiticeiro subestime o seu papel? O polegar do escultor cria a vida.

CXCVI

Quem, por ter feito por outro isto ou aquilo, exija o reconhecimento. Nem mesmo neste caso, porém, existe dom recolhido ou provisão arrecadada. O teu dom é circulação de um para outro. Se não dás mais, não deste nada. Dir-me-ás: “Ontem enchi-me de méritos, que continuam ainda a cobrir-me”. E eu responderei: “Não! Terias morrido com esses méritos se tivesses morrido ontem, efetivamente. Mas não morreste ontem. A única coisa que importa é o que te tiveres tornado na hora da morte. Do homem generoso que eras ontem, extraíste este leproso de hoje. A morte só lepra viria encontrar...”

Tu és raiz de uma árvore que vive à tua custa. Estás ligado à árvore. Ela se tornou o teu dever. Mas a raiz diz: "Estou farta de expedir seiva". A árvore então morre. A raiz pode-se gabar de ter direito ao agradecimento do morto?

Se a sentinela deixa de perscrutar o horizonte e adormece, a cidade morre. Não há provisão de rondas já realizadas. Não dá provisão de pulsações reservadas algures pelo teu coração. Nem o teu celeiro é provisão, mas escala. Tu lavras a terra ao mesmo tempo em que a saqueias. Mas enganas-te em todas as coisas. Imaginas descansar da criação acumulando objetos criados no museu. Amontoas lá o teu próprio povo. Mas não há objetos. Há sentidos diversos desse mesmo objeto em diversas linguagens. A pérola negra não é a mesma para o mergulhador, para a cortesã ou para o mercador. O diamante vale quando tu o vendes, quando o dás, quando o perdes, quando o encontras, quando ele prepara determinada frente para uma festa. Eu não sei nada do diamante usual. O diamante de todos os dias não passa de pedaço de vidro vazio. Sabem-no bem aquelas que o possuem. Elas encerram-no no cofre mais secreto, para que lá durma. Só o tiram dali no dia do aniversário do rei. Ele se torna então movimento de orgulho. Elas receberam-no na tarde do casamento. Ele era movimento de amor. Foi uma vez milagre para quem lhe quebrou o invólucro.

As flores valem pelos olhos. Mas as mais belas são aquelas em que eu fiz desabrochar o mar para honrar os mortos. E nunca ninguém as há de contemplar.

Aquele lá fala em nome do seu passado. Diz-me ele: “Eu sou aquele que...”. Aceito então honrá-lo, contanto que esteja morto. Mas nunca eu vi o único verdadeiro geômetra, meu amigo, valer-se dos seus triângulos. Ele era servidor dos triângulos e jardineiro de um jardim de sinais. Uma noite dizia-lhe eu: “Deves estar orgulhoso do teu trabalho, deste muito aos homens...” Ele se calou primeiro, depois respondeu-me: “Não é questão de dar, eu desprezo aquele que dá ou recebe. Como havia eu de venerar o insaciável apetite do príncipe que reivindica os presentes? E o mesmo aqueles que se deixam devorar. Assim, a grandeza do príncipe nega a grandeza deles. Urge escolher entre uma e outra. Mas eu desprezo o príncipe que me rebaixa. Eu sou da sua casa e ele tem o dever de me enaltecer. E, se eu sou grande, enalteço o meu príncipe.

“Que dei eu aos homens? Eu sou do meio deles. Eu sou aquela parte deles que medita sobre os triângulos. Os homens meditaram, por meu intermédio, nos triângulos. Através deles, comi dia a dia o meu pão. E bebi o leite das suas cabras. E calcei-me com o couro dos seus bois.”

Eu dou aos homens, mas recebo tudo dos homens. Onde reside a precedência de um sobre outro? Se dou mais, recebo mais. Torno-me de um império mais nobre. Tu bem vês os teus financeiros mais vulgares. Não conseguem viver de si próprios. Carregam a primeira cortesã que encontram com a sua

fortuna de esmeraldas. É vê-la brilhar. Eles passam então a pertencer a esse brilho. Ficam todos satisfeitos de luzirem tanto. E, no entanto, são pobres: são apenas de uma cortesã. Aquele outro deu tudo ao rei.”De quem és tu? - Sou do rei”. E ele, na verdade, resplandece.

CXCVII

Conheci um homem que era apenas dele, porque até desprezava as cortesãs. Já te falei desse ministro, opulento de ventre e de pálpebras pesadas que, depois de me ter traído, perjurou e abjurou à hora do suplício, traindo-se assim a si próprio. E como é que ele não havia de trair quer um quer outro? Se tu és de uma casa, de um domínio, de um deus, de um império, salvarás pelo teu sacrifício aquilo de que és. Assim o avaro, que é de um tesouro. Ele fez de um diamante raro seu deus. Morrerá às mãos dos ladrões. Mas não é o caso do opulento de ventre. Ele se considera um ídolo. Os seus diamantes são seus e o honram, mas ele em compensação não é deles. Ele é limite e parede, e não caminho. E, se agora tu o dominas e o ameaças, em nome de que deus vai ele morrer? Ele só tem barriga.

O amor que faz estendal é amor vulgar. Quem ama, contempla e comunica no silêncio com o seu Deus. O ramo encontrou a sua raiz. O lábio encontrou a sua mama. O coração emprega-se na oração. Eu não tenho nada a fazer da opinião de outro. Assim, o próprio avaro esconde a todos o seu tesouro.

O amor cala-se. Mas a opulência apela para os tambores. O que é uma opulência que não faz estendal? O que é um ídolo sem adoradores? Não é nada a imagem de madeira pintada que dorme debaixo dos detritos, no barracão.

O meu ministro, opulento de ventre e de pálpebras pesadas, tinha o costume de dizer: “A minho domínio, os meus rebanhos, os meus palácios, os meus candelabros de ouro, as minhas mulheres”. Era bem preciso que ele existisse. Servia para enriquecer o admirador que se prosternava diante dele. Assim o vento, que não tem peso nem cheiro, torna consciencia de que existe ao entrar pelos trigais adentro. ”Eu sou - pensa ele -, porque faço as coisas curvarem-se”.

O meu ministro, dentro desta ordem de idéias, não só gostava da adoração, mas também do ódio. Este lhe subia até ao nariz como uma prova da sua própria existência.”Eu sou, porque os faço gritar”. Era por isso que ele passava por cima da barriga do povo como um carro.

Também só havia nele um vento de palavras vulgares enchendo um odre. Porque, para tu seres, importa que suba a árvore de que tu és. Não passas de transporte e via e passagem. Para acreditar em ti, hei de ver o teu Deus. O meu ministro não passava de fossa para amontoar materiais.

Por isso lhe fiz o seguinte discurso:

“Por te ouvir dizer durante tanto tempo: “Eu... Eu...”, voltei-me completamente para o lugar assinalado pelos teus tambores e pus-me a olhar. Não vi mais que um depósito de mercadorias. De que serve possuí-lo? Tu és armazém ou armário, nem mais útil nem mais real que um armário ou um armazém. Gostas que digam “O armazém está cheio”, mas o que é ele?”

“Se, para me divertir à custa dos teus esgares, te mandar cortar a cabeça, alguma coisa mudará no império?”

Os teus cofres ficarão no mesmo lugar. Que dás tu às tuas riquezas que possa vir a faltar-lhes?”

O opulento de ventre não compreendia a pergunta, mas começava a se inquietar e a respirar mal. Voltei à carga: - Não julgues que te inquieto em nome de uma justiça difícil de fixar. O pesado tesouro que tens nas tuas caves é magnífico e não é por ele que me escandalizo. É certo que pilhaste o império, mas a semente também pilha a terra. Ela, no entanto, constrói graças a isso a árvore. Mostra-me tu a árvore

que construístes.

Não me preocupa que, para dar de vestir e de comer a um escultor, o vestido de lã ou o pão de trigo façam suar o pastor e o lavrador. Esse suor transforma-se, mesmo que não tenham consciência disso, em rosto de pedra. O poeta rouba os celeiros, porque se alimenta dos grãos do celeiro sem contribuir para a colheita. Mas ele serve um poema. Eu sirvo-me do sangue dos filhos do império para construir vitórias. Mas fundo um império de que eles são filhos. Escultura, árvore, poema, império - mostra-me o que é que serves. Porque tu não és mais que veículo, via e transporte...

“Depois de por mil anos repetires "Eu... Eu... Eu...”, ficarei a saber alguma coisa do teu caminho? O que é que os domínios, as pedras preciosas e as reservas de ouro se tornaram através de ti? Não julgues que eu vou contra a geleira em nome dos pântanos. Deus me livre de censurar à semente a glotonaria da sua pilhagem. Ela é afinal fermento que se esquece, e a árvore que ela liberta, o próprio roubo. Tu pilhaste, mas alguém te poderá roubar alguma coisa a que pertenças? Que linda era aquela rainha de um reino longínquo!

E os diamantes suados pelo seu povo tornavam-se diamantes de rainha. E os caminheiros e os vagabundos do seu território, quando desembarcavam no estrangeiro, escarneciam dos caminheiros e dos vagabundos: A vossa rainha não anda coberta de diamantes. A nossa é da cor da lua e das estrelas... Mas, no teu caso, as pérolas, os diamantes e os domínios ligam-se em ti para celebrarem a mera opulência de um ventre pesado. Desses materiais esparsos, constróis um templo vulgar, que não nobilita os materiais. Tu és laço da sua diversidade e esse laço os prejudica. A pérola que orna o teu dedo é menos bela do que se fosse simples promessa do mar. Hei de romper o laço que me escandaliza e fazer do teu edifício cama e estrume para outras árvores. E que farei de ti? Que farei da semente da árvore através da qual a terra se desfigura, como o corpo ferido através do abscesso?

Apesar disso, desejava que não confundissem com uma justiça estreita a elevada justiça que eu servia.” O acaso de um processo vil - dizia eu comigo mesmo - reuniu um tesouro que, dividido, não seria nada. Ele cresce quem o possui, mas importa que quem o possui o acresça. Eu poderia dividi-lo, distribuí-lo e trocá-lo por pão para o povo. Mas, como os homens do meu povo são muitos, pouco ganhariam com esse acréscimo de um dia de alimento. A árvore, uma vez construída, é bela. Tenciono transformá-la em mastro de veleiro e não distribuí-la em cavacos por todos, para fogo de uma hora. De que lhes serviria uma hora de fogo? Mas lançar ao mar o navio tornará mais belos a todos.

Eu quero extrair desse tesouro uma imagem que possa alegrar os corações. Quero restituir aos homens o gosto do milagre, porque é bom que os pescadores de pérolas, que vivem na pobreza, tão difícil é separá-las do fundo dos mares, acreditem na pérola maravilhosa. Ficam mais transformados e mais ricos graças a uma pérola encontrada por um só, uma vez no ano, do que com um medíocre suplemento de comida devido à partilha equitativa de todas as pérolas do mar, porque só aquela que é única faz o fundo dos mares florescer.

CXCVIII

Eu procurava portanto, mercê do meu elevado sentido de hostes, dar um uso digno às riquezas confiscadas. Longe de mim pronunciar-me pelas pedras em detrimento do templo. Não me interessava nada transformar a geleira em pântano, dispersar o templo em materiais diversos e submeter o tesouro à pilhagem. A única pilhagem que eu prezo é a da terra pela semente, que 'aliás também se pilha a si própria, porque com isso ela morre, em nome da árvore. Pouco me interessava enriquecer um pouco cada um deles, segundo o seu estado: uma jóia para a cortesã, um alqueire de trigo para o lavrador, uma cabra para o pastor, uma moeda de ouro para o avarento. Semelhante enriquecimento seria miserável. O que me importava era salvar a unidade do tesouro para que ele brilhasse sobre todos, como acontece com a pérola invisível. Sempre que fundas um deus, o dás na totalidade a cada um, sem reduzi-lo.

Mas subleva-se a tua sede de justiça:

“Miseráveis - dizes tu - são o lavrador e o pastor. Com que direito os esbulharias daquilo que lhes é devido, em nome de um benefício que não desejam ou de um deus que ignoram? Eu pretendo dispor do fruto do meu trabalho. Eu alimentarei dele, se me apetecer, os cantores. Pouparei, se me apetecer, para a festa. Mas com que direito construirás tu, contra minha vontade, a tua basílica sobre o meu suor?”

“Inútil - dir-te-ei eu - é a justiça provisória, porque não passa de um estádio. E é preciso escolher. Os materiais mudam de significado ao passarem de um estádio para outro. Tu não perguntas à terra se ela deseja formar o trigo. É que ela não concebe o trigo. Ela é terra, muito simplesmente. Tu não desejas o que ainda não foi concebido. Determinada mulher te é indiferente. Não desejas amá-la, ainda que esse amor, se te abrasasse, fizesse a tua felicidade.”

Ninguém tem pena de não desejar ser geômetra. Ninguém tem pena de não ter pena, porque semelhante atitude seria absurda. Pertence ao trigo fundar a significação da terra. Ela se torna uma terra para trigo. Também não pedes ao trigo que deseje tornar-se consciencia e luz dos olhos. Porque ele não concebe a luz dos olhos, nem a consciencia. Ele é, muito simplesmente, trigo. Pertence ao homem alimentar-se e mudar-se e mudar em fervor e oração da tarde o pão de trigo. Não perguntes ao meu lavrador se ele se, graças ao seu suor, deseja tornar-se poema ou geometria ou arquitetura, porque o meu lavrador não os concebe. Ele empregaria o seu trabalho em melhorar a sua charrua, porque é apenas lavrador.

Não quis pronunciar-me pelas pedras em detrimento do templo, pela terra em detrimento da árvore, pela charrua do lavrador em detrimento do

conhecimento. Eu respeito toda a criação, embora ela na aparência se funde sobre a injustiça, porque para construíres o templo tens de negar a pedra. E, no entanto, não digo eu que o templo, criação acabada, é significado da pedra e justiça prestada? Não digo eu que a árvore é ascensão da terra? Não digo eu que a geometria nobilita o lavrador, que embora não o saiba é homem?

Eu não fundo o respeito pelo homem sobre a inútil partilha de provisões vãs, numa igualdade odiosa. Soldado e capitão são iguais no império. Direi que os maus escultores se igualam ao bom escultor na obra-prima que este criou, porque lhe serviram de terreno para a ascensão. Foram condição da sua vocação. Direi que o lavrador ou o pastor são iguais ao bom escultor na sua obra prima, porque terão sido condição da sua criação.

No entanto, ainda te preocupa que eu pilhe esse lavrador, que não recebe nada em troca. E sonhas com um império onde os britadores de pedra ao longo das estradas, os estivadores do porto e os carregadores se possam embriagar de poesia, de geometria e de escultura, e decidam impor a si próprios, livremente, um acréscimo de trabalho para alimentar os teus poetas, os teus geômetras e os teus escultores.

A isso chama-se confundir a estrada e o fim. Na verdade, eu tenho em vista a ascensão do meu lavrador. Seria na verdade magnífico que ele se embriagasse com a geometria. Mas tu, atacado pela miopia e de nariz achatado no objeto, queres resolver a tua operação no ciclo de uma só vida de homem e pretendes não empreender coisa alguma que passe por cima dos indivíduos ou das gerações. No que tu mentes a ti próprio. Porque cantas aqueles que morreram no mar, a bordo de frágeis veleiros, abrindo a seus filhos o império das ilhas. Cantas aqueles que morreram sem terem tirado proveito das suas invenções, para que outros pudessem levá-las a cabo. Cantas os soldados sacrificados no alto das muralhas, que não recolheram para si o sangue derramado. Cantas mesmo aquele que planta um cedro, embora seja velho e não espere nada de uma sombra longínqua.

Há outros lavradores e outros pastores que tal poema mais tarde reembolsará. O poema vai colonizando lentamente, e a sombra da árvore será para o filho. É bom que o sacrifício reembolse o mais cedo possível, mas nem por isso desejo que ele deixe de ser necessário cedo demais. Ele é condição, sinal e caminho de ascensão. Durante três anos, rebito e aparelho meu navio. Não sou reembolsado nem pelo cheiro das tábuas, nem pelo barulho dos rebites. Será mais tarde o dia da festa. Ora, há navios que demoram a aparelhar. Se já não tens mais sacrifícios a solicitar, é porque te dás por satisfeito com os navios construídos, com os conhecimentos adquiridos, com as árvores plantadas, com as esculturas feitas, e consideras chegada a hora de te instalares como sedentário, para o consumo das provisões, nas conchas de outro.

Então irei instalar-me na torre mais alta, para observar o horizonte. Porque está próxima a hora do bárbaro.

Eu já te disse: não há provisão arrecadada. Apenas há direção, ascensão e caminho para. Os lavradores terão alcançado os geômetras - para receberem o prazer em paga do suor -, quando os geômetras não criarem mais. Se caminhas com o mesmo passo atrás do amigo que leva algum avanço e desejas alcançá-lo, é preciso que ele interrompa a sua marcha. Eu já te disse: só encontrarás igualdade depois de a marcha se tornar inútil, lá onde as provisões são úteis, isto é, à hora da morte, quando Deus guarda.

Pareceu-me, por conseguinte, eqüitativo não dividir o tesouro.

É que há apenas uma justiça: salvarei primeiro aquilo a que pertences. Justiça para os deuses? Justiça para os homens? Mas o deus é teu. Tentarei salvar-te, se a tua salvação o engrandece. Mas não te salvarei em prejuízo dos teus deuses, porque tu és deles.

Salvarei a criança se for necessário, em detrimento da mãe. Ele primeiro foi dela, agora é ela que é dele. Salvarei o brilho do império apesar do lavrador, da mesma maneira que o trigo da terra. Salvarei a pérola negra de que tu serás, ; mesmo que não te caiba em sorte, porque ela floresce todo mar, contra o ridículo fragmento de pérolas que seria teu mas não te enriqueceria. Salvarei o sentido do amor a que possas pertencer em detrimento do amor que te pertencesse como uma aquisição ou como um direito, o que nada teria a ver com o amor.

Defenderei a nascente que te mata a sede, da tua própria ; sede; senão morrerás, no espírito ou no corpo ferido.

Não me importa que as palavras se repilam e que de a impressão de que tenciono conceder-te a amor ao

recusá-lo e convidar-te a viver ao impor-te a morte. Os contrários são invenção da linguagem, a qual baralha aquilo que julga apreender. (Está-se abrindo a era da grande injustiça, em que exigis ao homem que se pronuncie por ou contra, sob pena de morte.)

Pareceu-me, por conseguinte, justo não dar, a título de reembolso por terem sido esbulhados, a jóia à cortesã, a cabra ao pastor, o alqueire de trigo ao lavrador e a moeda de ouro ao avaro, mas restituir ao espírito aquilo que foi pedido emprestado à carne. É o que tu fazes quando gastas os músculos britando a pedra já que, uma vez alcançada a vitória, esfregas as mãos para sacudir o pó, recuas semicerrando os olhos para ver melhor, inclinas um pouco a cabeça para o lado, depois recibes o sorriso do deus como uma queimadura.

Eu, realmente, poderia ter colorido com qualquer luz a restituição pura e simples. Uma coisa é possuir uma jóia qualquer, uma cabra, um alqueire de trigo, uma moeda de ouro, dos quais não tiras nenhum prazer, e outra coisa é recebê-los como remate de um dia de festa e cume do cerimonial. Esses humildes presentes tem a cor de presente do rei e de dom do amor. Não conheci eu esse proprietário de campos cheios de inumeráveis rosas, que teria preferido ver-se despojado deles até ao último, antes que perder uma só rosa murchada, costurada no humilde bocado de trapo que levava junto do coração? Mas este ou aquele dos meus súditos poderia muito bem enganar-se e, na sua estupidez, convencer-se de que ia buscar a alegria ao trigo, à cabra, ao ouro ou a uma rosa murchada costurada num bocado de trapo. E o meu desejo era instruí-los. Poderia realmente ter convertido o meu tesouro em recompensa. Tu enobreces o general vencedor perante o império. Assim como aquele que te inventou uma flor nova, ou um remédio, ou um navio. Mas isso teria todo o aspecto de um contrato que se justificasse por si próprio, contrato lógico e equitativo, satisfatório para a tua razão, mas de nenhuma influencia sobre o coração. Se entrego o teu salário no fim do mês, em que pode ele brilhar, não me dirás? Pareceu-me, portanto, ter pouco a esperar da reparação de uma injustiça, da glorificação de uma submissão absoluta, de uma homenagem prestada ao gênio. Tu olhas e dizes: "Está bem". . Está tudo em ordem, simplesmente, e voltas a casa para fazeres outra coisa. Ninguém recebe a sua parte de luz, porque a reparação deve acompanhar naturalmente a injustiça, a glorificação o sacrifício, a homenagem o gênio. E, se a tua mulher te pergunta, mal empurras a porta: <e que há de novo na cidade? Responderás, já de todo esquecido, que não há nada para lhe contar. Nem sequer te passa pela cabeça dizer que as casas são iluminadas pelo sol ou que o rio corre para o mar.

Declinei, portanto, a proposta do meu ministro da justiça, o qual pretendia obstinadamente que eu glorificasse e recompensasse a virtude. Isso seria destruir precisamente aquilo que se pretendia celebrar. Além disso, o seu interesse pela virtude fazia-me lembrar alguém que se interessasse por uma embalagem para frutas delicadas. Não é que ele fosse exageradamente licencioso, era-o até requintadamente, saboreando primeiro a qualidade.

“A virtude, o que faço é castigá-la” , respondi-lhe eu. E como ele parecia perplexo, acrescentei:

“Já te disse coisa parecida a respeito dos meus capitães no deserto. Recompenso-os do seu sacrifício na areia mediante o amor pela areia que lhes invade o coração. E, ao encerrá-los na sua miséria, torno essa miséria suntuosa.

“Se as tuas mulheres virtuosas apreciam a coroa de papelão dourado, os sufrágios dos admiradores e a fortuna que lhes chega, onde reside então a sua virtude? As mulheres do bairro proibido fazem-te pagar menos caro uma dádiva menos avara”.

Acabei por declinar as propostas dos arquitetos. Eles haviam-me dito: “Tu podes trocar esse tesouro estéril por um só templo, que fosse a glória do império e na direção do qual, ao longo dos séculos, se

viesses a esgotar as caravanas de viajantes.”

E, na verdade, eu odeio o quotidiano, que não te traz nada. E respeito a oferta ao homem da planície e do silêncio. Mais útil que a posse de um celeiro a mais, parece-me a posse das estrelas do céu - e do mar -, embora não saibas dizer-me em que é que elas te cultivam o coração. Mas tu as desejas, do fundo do bairro de favelas, onde morres abafado. Elas são apelo para uma migração maravilhosa. Pouco importa que semelhante migração seja impossível. A nostalgia do amor é amor. Mal tentas emigrar para o amor, estás salvo.

No entanto, eu não acreditava nos trâmites. Tu não compras nem a alegria, nem a saúde, nem o amor verdadeiro. Não compras as estrelas. Não compras um templo. Eu acredito no templo que te despoja. Acredito nos templos crescentes, que arrancam o suor aos homens. Eles destacam para longe os seus apóstolos, e estes vem-te resgatar em nome do seu Deus. Eu acredito no templo do rei cruel, que funda o seu orgulho na pedra. Esse rei dirige os varões do território para o seu estaleiro. E os ajudantes, munidos de chicote, arrancam-lhes a carroçada de pedra. Eu acredito no templo, porque te explora e te devora. E, em compensação, te converte. Só ele te paga em troca. O homem que transporta as pedras do rei cruel recebe por sua vez o direito ao orgulho. Vêem-no cruzar os braços diante da roda de proa com que o navio de granito começa a ameaçar as areias, na lentidão dos séculos vindouros. Sua Majestade é para ele, como para os outros, porque um deus, uma vez fundado, se dá a todos sem por isso ficar diminuído. Eu acredito no templo nascido do entusiasmo da vitória. Tu aparelhas um navio para a eternidade. E todos cantam, ao construir o templo. E o templo há de cantar, em paga.

Eu acredito no amor que se transforma em templo. Acredito no orgulho que se transforma em templos. E, se mos soubesses construir, acreditaria até nos templos de cólera. Porque então eu vejo a árvore que mergulha as suas raízes no amor ou no orgulho ou na embriaguez da vitória ou na cólera. Ela arranca o teu suco, para se alimentar. Tu, porém, ofereces à ambição das suas raízes uma adega miserável, nem que ela estivesse cheia de ouro. Ela apenas saberá alimentar um armazém de mercadorias. Um século de vento, de chuva e de areia bastará para a afundar.

Depois de ter negado que o tesouro fosse enriquecimento, depois de ter negado que fosse recompensa, depois de ter negado que se transformasse em navio de pedra, muito longe de estar satisfeito na procura de um rosto luminoso que embelezasse o coração dos homens, fui à procura do silêncio para refletir.

Adubo e estrume, nada mais - pensava eu. Não tenho por que pretender arrancar-lhe outro significado.

CXCIX

Eu pedia, portanto, a Deus que me instruisse e, dada a sua bondade, me fizesse lembrar-me das caravanas a caminho da cidade santa, embora a princípio não compreendesse como é que uma visão de condutores de camelo e de sol poderia contribuir para esclarecer o meu problema.

Eu vi, ó meu povo, preparares à minha ordem a tua peregrinação. Sempre saboreei, como um mel único, a atividade da última tarde. A expedição que preparas faz-me lembrar um navio que aparelhasses, depois de construído. Ele antes tinha o sentido de escultura ou de templo, os quais te dão cabo dos martelos e suscitam as tuas invenções, os teus cálculos e a força do teu braço; agora, adquire sentido de viagem, porque tu o vestes para o vento. Deste de comer à tua filha, ensinaste-a, castigaste-a por gostar muito de enfeites. Mas chega a madrugada do dia em que o esposo espera por ela. Nessa manhã, não há maneira de a achares bastante bela, fartas-te de comprar tecidos de linho e pulseiras de ouro. No teu caso, é como se lançasses um navio ao mar.

Depois de teres acumulado as provisões, pregado as caixas, atado os sacos, passavas majestosamente entre os animais, fazendo uma festa a um deles, refreando outro, apertando com a ajuda do joelho determinada correia de couro. Uma vez feito o carregamento, orgulhavas-te de não o veres tombar para a esquerda. E durante a viagem, os animais, apesar do passo bamboleante e dos tropeções nas pedras e das obrigatórias genuflexões em cada paragem, conseguiam manter em equilíbrio elástico esse carregamento duramente sacudido. O vento, que faz a laranjeira balançar, põe-lhe porventura em perigo o carregamento de laranjas? Saboreio então, ó meu povo, o calor com que preparas a crisálida dos teus quarenta dias de deserto. Não me enganava a teu respeito, porque nunca dei ouvidos ao vento das palavras. Às vezes, nas vésperas da partida, acontecia-me passar, envolto no silêncio do meu amor, entre os rangidos das correias, os grunhidos dos animais e as azedas discussões travadas por não estarem de acordo quanto ao caminho a seguir ou à escolha dos guias ou ao papel designado a cada um. Em vez de enaltecerem a viagem, pintavam com tintas negras o relato dos revezes sofridos pela expedição do ano anterior: os poços assoreados, os ventos ardentes e as picadas de serpentes escondidas na areia como invisíveis nervos, a emboscada dos ladrões, a doença e a morte. Mas ouvir tudo isto não me surpreendia nada, pois o pudor esconde muitas vezes o amor.

É bom que finja diminuto entusiasmo pelo teu deus, celebrando primeiro as cúpulas douradas da cidade santa, porque o teu deus não é presente já feito, nem provisão reservada para ti algures, mas festa e coroamento do cerimonial das tuas misérias.

O que em primeiro lugar me interessava eram os materiais que lhes haviam de garantir a grandeza. Se os construtores do veleiro começarem a falar cedo demais de velas e de vento e de mar, desconfiarei deles. Terei receio de que descuidem as tábuas e os rebites, à semelhança do pai que pedisse cedo demais à filha que fosse bela. Gosto das cantigas dos forjadores de rebites e dos serradores de tábuas porque eles celebram, não a provisão arrecadada, vazia portanto, mas a ascensão para o navio. E, uma vez aparelhado o navio, depois de ele já ter adquirido o sentido de viagem, quero ouvir os meus marinheiros cantarem a princípio, não as maravilhas da ilha, mas os perigos do cerco pelo mar. Fica com a certeza de que hão de sair vitoriosos. Eles próprios lêem, no sofrimento, caminho, veículo e transporte. Denunciarias miopia e credulidade se te inquietasses com as queixas ou com as juras com que eles acariciam o coração e lhes mandasses os teus cantores de compotas açucaradas, que negariam os perigos

da sede e enalteceriam a felicidade, os crepúsculos no deserto. Felicidade desprovida de forma não me seduz. O que me governa é a revelação do amor. .

A caravana põe-se em marcha. Começam logo a digestão secreta e o silêncio e a noite cega da crisálida e o desgosto e a dúvida e o mal. Não há metamorfose que não seja dolorosa. Em vez de te exaltares, é melhor permaneceres fiel sem compreender. Não há nada a esperar de ti, pois aquele que eras ontem tem de morrer.

Passarás a ser apenas saudade veemente do frescor da tua casa e do jarro de prata àquela hora do chá, junto dela, antes do amor. Até será cruel para ti o ramo que balançava debaixo da tua janela ou o simples canto de um galo no teu pátio. Hás de dizer: “Eu era de minha casa”. Deixaste de ser de parte alguma. Lembrar-te-ás do mistério do burra que acordavas ao nascer do dia. Do teu cavalo ou do teu cão, ainda tu sabes algo, porque eles te respondem. Mas ignoras se o burro, como que emparedado em si próprio, gosta ou não à sua maneira do prado, do estábulo ou de ti próprio. E sentes nascer em ti, na profundidade do exílio, a necessidade de lhe passares mais uma vez o braço à volta do pescoço ou de lhe dares palmadinhas no focinho, na esperança de lhe iluminares a noite em que ele se afunda como um cego. E ai chegar a altura do poço assoreado, que ressuma apenas um lama tépida, ferem-te o coração as confidências da tua fonte. Fecha-se assim sobre ti a crisálida do deserto, porque comesas, logo a partir do primeiro dia, a escorregar no asfalto da ascensão. Quem te resiste exalta-te, e os golpes do lutador solicitam os teus golpes. Mas o deserto recebe os passos u após outros como uma audiência desmedida que engolisse palavras e te levasse ao cilício. Começas a estar cansa logo de manhã, e o planalto de calcário, que marca o horizonte a tua esquerda, não se desviou sensivelmente quando a n desce. Cansaste como uma criança que, pazada a pazada pretende deslocar a montanha. Mas ela ignora o trabalho isso lhe daria. Tu estás como que perdido numa liberdade desmedida e já o teu fervor sufoca. Em todas as via que fizeste, ó meu povo, alimentei-te de areia e matei-te a sede com silvas. Gelei-te com a geada noturna. Submeti-te a ventos de areia tão ardentes, que tinhas de te por de cócoras, a cabeça encapuzada debaixo da roupa, a boca cheia de rangidos, ressumando estèrilmente a tua água, sorvida pelo sol. E a experiência ensinou-me que toda a palavra de consolação seria inútil.

“Virá - dizia-te eu - uma tarde semelhante ao fundo do mar. A areia solta dormirá em montes tranqüilos. Tu caminhas, rodeado de frescor, sobre um solo elástico e duro...” Mas, ao te falar, eu tinha nos lábios um gosto de mentira, porque queria que tu te tornasses, por invenção, alguém diferente de ti próprio. E, no silêncio do meu amor, não me escandalizava das tuas ofensas:

“Pode ser, Senhor, que tenhas razão. Talvez Deus amanhã venha a mascarar de multidão feliz os sobreviventes. Mas que nos importam esses estrangeiros? Nós, de momento, não passamos de um punhado de escorpiões encerrados num círculo de brasas!”

E era isso mesmo que eles viriam a ser, Senhor, para a tua glória.

Ou então, purificando o céu como uma golpe de sabre, erguia-se na sua crueldade noturna o vento do norte. A terra nua esvaziava-se de calor e os homens tiritavam, como que trespassados pelas estrelas. Que havia eu de dizer?

“Virão a madrugada e a luz. O calor do sol se espalhará docemente pelos vossos membros, semelhante a um sangue. De olhos fechados, saber-vos-eis habitados por ele...” Mas eles respondiam:

“Onde existíamos nós, talvez Deus venha a instalar amanhã uma horta de plantas felizes, que ele fará crescer bondosamente. Mas nós, esta noite, não passamos de uma peça de centeio, que o vento atormenta.” E era isso mesmo que eles viriam a ser, Senhor, para a tua glória.

Eu virava então as costas àquela miséria e punha-me a rezar a Deus:

“Senhor, é justo que eles recusem as minhas falsas beberagens. Aliás, pouco importam as queixas deles: eu sou semelhante ao cirurgião que recompõe o corpo ferido e a faz gritar. Conheço a reserva de alegria que se acha soterrada neles, ainda que desconheça as palavras capazes de a libertar. Não há dúvida que, neste momento, ela não existe. É preciso que o fruto amadureça antes de dar o seu mel. Nós passamos pela hora da amargura. Só há em nós um sabor azedo. Cabe ao tempo que corre curar-nos e transformar-nos em alegria, para a tua glória”.

E, mais ao longe, eu continuava a alimentar o meu povo de areia e a matar-lhe a sede nos arbustos de espinhos.

Mas de repente, essencialmente semelhante aos outros, sem nada a bem dizer que o distinguisse dos inumeráveis passos já vertidos na planície, nós dávamos o passo do milagre, festa a coroar o cerimonial de marcha. Instante bendito entre outros instantes, que rompe a crisálida e entrega à luz o seu tesouro alado. Consegui assim levar os meus homens até à vitória através do desconforto da guerra, até à luz através da noite, até ao silêncio do templo através do transporte das pedras, até à ressonância do poema através da aridez da gramática, até ao espetáculo dominado do alto das montanhas através das gretas e dos montões de pesadas pedras. Durante a travessia, não dou importância ao teu desconforto sem esperança, porque desconfio do lirismo da lagarta que se julga apaixonada pelo vôo. Basta que ela se devore a si própria na digestão da sua metamorfose, e que tu atravesasses o teu deserto.

Tu não dispões dos tesouros de alegria selados em ti, pois não te é permitido desferrolhá-los antes do tempo. O prazer que sentes no jogo de xadrez, quando a vitória coroa a tua invenção, é na verdade muito intenso, mas não está na minha mão conceder-te esse prazer fora do cerimonial do jogo. .

É por isso que, no andar das tábuas e dos rebites, gosto de te ouvir cantar as cantigas dos forjadores de rebites e dos serradores de tábuas, mas não as cantigas do navio. Ofereço-te as humildes vitórias da tábua aplainada e do prego forjado, que hão de satisfazer o teu coração se primeiro caminhaste para elas. Que belo é o teu bocado de madeira, quando lutas pela tábua! Que bela é a tua tábua polida, quando lutas pelo navio! Eu conheci aquele que, embora se submetesse ao cerimonial do jogo de xadrez, bocejava com discrição e respondia à jogada do adversário com uma indulgência longínqua, numa atitude semelhante à desse pai duro de coração que consente em distrair os filhos.

“Olha para a minha frota de guerra” - Pede o capitão de sete anos, que acaba de alinhar três calhaus.

- Linda frota de guerra, na verdade - responde o homem de coração empedernido, que olha para os calhaus com um olhar complacente.

Quem, por vaidade, se recusa a reconhecer a importância do cerimonial no jogo de xadrez, não saboreará a vitória. Quem, por vaidade, se nega a ver o seu deus nas tábuas e nos rebites, não construirá o navio.

O cuspidor de tinta, que nunca construirá nada, prefere por delicadeza a canção do navio à canção dos forjadores de rebites e serradores de tábuas. E, uma vez aparelhado o navio e lançado à água e enfunadas as velas de vento, em vez de me falar do seu contínuo litígio com o amor, estará disposto a celebrar logo a ilha da música, que na verdade é significado das tábuas e dos rebites, e mais tarde, do litígio com o mar, mas com a condição de que não tenhas negligenciado nada do que se refere às metamorfoses sucessivas que a farão nascer. Mas há quem, logo à vista do teu primeiro rebite, resolva chafurdar na podridão do sonho e comece a cantar-me os pássaros de cor e os crepúsculos nos corais, o que só servirá para me descoroçar, porque eu prefiro o pão a estalar a essas compotas, que, além disso, se me

afigurarão suspeitas, porque há ilhas de chuvas onde os pássaros são cinzentos e eu, depois de ter alcançado a ilha, para experimentar o amor gostaria de ouvir o cântico que o céu cinzento de pássaros sem cor me fizesse ressoar no coração.

Porém eu, que não pretendo construir sem pedras a minha catedral e que apenas atinjo a essência como coroamento da diversidade, eu, que não ficaria sabendo nada da flor se não existisse a flor particular, com tal número de pétalas e não com outro, com tais cores e não com outras, eu que forjei os rebites, serrei as tábuas e absorvi um por um os terríveis golpes do mar, eu posso-te cantar a ilha modelada e substancial, que arranquei dos mares com as minhas próprias mãos.

Assim, o amor. Se o meu cuspidor de tinta mo celebra na sua plenitude universal, o que é que ficarei a saber dele?

Mas aquela, que é particular, abre-me o caminho. Ela fala assim e não de outra forma. O seu sorriso é este e não outro. Nenhuma outra se parece com ela. E, no entanto, se eu à noite me debruçar à janela, em vez de ir de encontro ao muro particular, é Deus que virei a descobrir. Tu tens absoluta necessidade desses carreiros autênticos, com essas curvas, essa cor da terra e essas roseiras bravas à beira deles. Sá então tu vais a alguma parte. Quem morre de sede, dá passos de sonho a caminho das fontes. Mas morre.

Assim, a minha piedade. Lá estás tu a declamar acerca das torturas de crianças. E surpreendes-me a bocejar. Mas é que não me conduziste a nenhuma parte. Dizes-me tu: "Em tal naufrágio afogaram-se dez crianças...", mas eu não sei nada de aritmética e não chorarei duas vezes mais se o número for duas vezes maior. Aliás, embora elas tenham morrido às centenas de milhar desde a origem do império, acontece que gostas da vida e és feliz.

Mas chorarei a morte daquele, se fores capaz de me conduzir até ele pelo carreiro particular. E, da mesma maneira que através de tal flor eu chego às flores, acontece que através dele eu encontrarei todas as crianças e chorarei não só por todas as crianças, mas por todos os homens. '

Um dia, falaste-me daquele rapaz sardento, manco, humilhado, que os homens da aldeia odiavam porque ele tinha vindo não se sabia donde e passara a viver ao abandono, como um parasita. Havia quem lhe gritasse:

"Tu és o verme da nossa linda aldeia. És cogumelo na nossa raiz." Mas tu, ao encontrá-lo, perguntavas:

"Ouve, ó enjeitado, tu então não tens pai?" E ele não respondia.

Ou então reparavas que os seus únicos amigos eram os animais ou as árvores e lhe perguntavas: "Por que é que não brincas com os rapazes da tua idade?"

E ele encolhia os ombros sem te responder. É que os rapazes da idade dele deitavam-lhe pedras, por ele coxear e ter vindo de longe, de um lugar onde não há nada que preste.

Se tentava entrar nas brincadeiras, os rapazes bem parecidos, os mais prendados, punham-se na frente dele: "Andas como um caranguejo e a tua aldeia te vomitou! Tu és uma mancha na nossa. Era uma bonita aldeia, toda a gente andava direita.

Via-o então dar simplesmente mais voltas e afastar-se arrastando a perna.

Se o encontravas, fazias-lhe a pergunta: "Ouve, ó enjeitado: tu então não tens mãe?"

Mas ele não te respondia. Olhava para ti durante o breve tempo de um relâmpago e corava.

No entanto, como o imaginavas amargo e triste, não compreendias a sua doçura tranqüila. Assim era ele. Esse e não outro.

Houve uma noite em que os da aldeia quiseram expulsá-lo à cajadada:

“Esta semente de aleijado, que vá para outro lugar.”

Tu então, que tinhas decidido protegê-lo, perguntaste-lhe:

“Ouve lá, ó enjeitado: então tu não tens irmãos?” Nessa altura, o seu rosto iluminou-se e olhou para ti direito nos olhos:

“Sim, tenho um irmão.”

E, todo vermelho de orgulho, falou-te do irmão mais velho, tal irmão e não outro.

Era capitão e prestava serviço num lugar qualquer do império. O cavalo dele era de tal cor e não de outra. Num dia de glória, esse irmão chegara a escarranchá-lo a ele, manco, enjeitado, na garupa do cavalo. Fora em tal dia e não noutra. Esse irmão mais velho havia de aparecer ainda mais uma vez. E nessa altura voltaria a pegar nele, enjeitado, manco, e a sentá-lo na garupa do cavalo na presença de toda a aldeia. ”Mas dessa vez - continuava a criança - hei de pedir-lhe para me por na frente, na sela, e ele concordará. E eu é que hei de olhar. E eu é que hei de propor: à esquerda, à direita, mais depressa!... Por que é que o meu irmão havia de recusar? Ele fica contente, se me vê rir. Então, nós seremos dois.”

Porque essa criança não é um mero objeto cambado, sujo de manchas vermelhas, feio pelas sardas. Ele não é apenas dele próprio e da sua felicidade. Ele é de um irmão. Chegou a dar o seu passeio na garupa de um cavalo de guerra num dia de glória.

Chega entretanto a madrugada do regresso. E vais encontrar a criança sentada no muro baixo, com as pernas caídas. E os outros lhe deitam pedras:

“Eh! Tu, que não sabes correr, aleijado de pernas!”

Mas ele olha para ti e te sorri. Estás ligado a ele por um pacto. Tu és testemunha da doença daqueles que apenas vêem nele o enjeitado, o manco. Porque ele é do irmão dono de um cavalo de guerra.

E o irmão o lavará então desses escarros. A glória do irmão lhe servirá de muralha contra as pedras. E ele, o enfezado, será purificado pela ventania de um cavalo a galope. E não mais verão a sua fealdade, porque o irmão é belo. Ver-se-á lavado da sua humilhação, porque tem um irmão cheio de alegria e de glória. E ele, o enjeitado, se aquecerá ao sol do irmão.

Daí para o futuro, os outros, que o reconheceram, convidá-lo-ão para todas as brincadeiras: "Tu, que és do teu irmão, vem correr conosco... tu és belo no teu irmão. E pedirá ao irmão que também os faça montar a eles, um de cada vez, na sela do seu cavalo de guerra, para que eles por sua vez matem a sua sede de vento. Não haveria de ser rigoroso para com a ignorância da pequenada. Amá-los-á e lhes dirá: "Cada vez que o meu irmão voltar, faremos uma roda e ele vos contará as batalhas..." E te abraça, porque tu compreendes. E, em ti, ele não é tão disforme, porque vêes o irmão mais velho através dele.

Mas tu vinhas-lhe dizer que esquecesse que há um paraíso e uma redenção e um sol. Vinhas privá-lo da armadura que o tornava corajoso sob a chuva de pedras. Vinhas submetê-lo à sua lama. Vinhas-lhe dizer: "Meu pequeno, procura existir de outra forma, porque não há nada a esperar de um passeio na garupa de um cavalo de guerra. Como lhe havias de anunciar que o irmão foi expulso do exército, que se encaminha, coberto de vergonha, para a aldeia e que coxeia tanto pela estrada adiante, que lhe deitam pedras?"

E se nessa altura me dizes:

“Eu próprio o arranquei, já morto, do pântano onde se afogou. Ele já não podia viver, por falta de sol...”

Chorarei então pela miséria dos homens. E, graças àquele rosto sardento e não a outro, a tal cavalo de guerra e não a outro, a tal passeio na garupa em certo dia de glória e não a outro, de tal vergonha passada à entrada da aldeia e não de outra, de tal pântano enfim, que tu me descreveste com os seus patos e a pobre lixívia que secava nas margens, eis que venho a encontrar Deus, tão longe vai a minha piedade através dos homens, porque tu me guiaste pelo verdadeiro carreiro, ao falar-me dessa criança e não de outra.

Não procures, pois, primeiro uma luz que seja um objeto entre objetos; a luz do templo coroa as pedras. É untando a tua espingarda com respeito quer pela espingarda quer pelo unto, é contando os teus passos no caminho de ronda, é cumprimentando o teu cabo pelo cabo e pelo cumprimento, que preparas em ti a iluminação da sentinela. É deslocando as tuas peças de xadrez com a seriedade das convenções do jogo de xadrez, é pondo-te vermelho de cólera se o teu adversário infringe as regras, que tu preparas em ti a iluminação do vencedor de xadrez. É chicoteando os teus animais, é resmungando contra a sede, é maldizendo os ventos de areia, é tropeçando e tiritando e ardendo que podes aspirar à iluminação do peregrino, que mais tarde há de sentir ter dado o passo do milagre pelas repentinas pulsações do coração. Só uma condição se exige: que permaneças fiel, não ao patético das asas, que não passa de falsa poesia da ordem da lagarta, mas à tua função de cada instante.

Por muito poeticamente que eu te falasse delas, foi-me recusado o poder de desferrolhar as tuas alegrias em reserva. Mas consegui ajudar-te ao nível dos materiais. Falei-te da conservação dos poços, da cura das bolhas das mãos, da geometria das estrelas e também dos nós das cordas, quando uma das tuas caixas deslizava de lado. Para te cantar o cântico dos nós, contratei aquele que, antes de se tornar guia de camelos, após quinze anos passados no mar, não teria encontrado no arranjo dos ramos de flores, nem na arte dos enfeites das bailarinas, fonte de poesia mais excitante. Há nós que te amarram um navio e que um dedo de criança consegue desatar logo que lhes toca. Outros, que parecem mais simples que a ondulação do pescoço de um cisne. Mas dá um deles a desatar ao teu camarada e podes apostar que não conseguirá. E, se ele se aceita a aposta, só tens que te instalar bem para rires à tua vontade, porque tais nós tornam as pessoas furiosas. Aquele meu professor, apesar de ser zarolho e de ter o nariz torcido, as pernas exageradamente tortas e os anéis do cabelo bastante frágeis, sabia tanto, que aconselhava a enfeitar com flores o presente que se oferece à amada. O êxito só será perfeito se a amada puder desatar os nós com o mesmo gesto de quem colhe as flores.”Então - dizia-te ele - o teu presente acaba por a maravilhar e ela solta um grito!o E tão disforme era ele, quando arremedava o grito de amor, que te fazia fechar os olhos.

Por que é que eu me teria deixado ofuscar por pormenores que erradamente te parecem fúteis? O marinheiro celebrava uma arte que ele sabia por experiência permitir transfigurar uma simples corda em cabo de reboque e salvação, e, por ele ser para nós, condição da ascensão, eu concedia ao jogo valor de oração. Mas, na verdade, a pouco e pouco, ao longo dos dias, quando a tua caravana já se começa a cansar, deixas de saber agir sobre ela e te falta o poder dessas simples orações que são os nós de cordas ou as correias de couro ou a limpeza dos poços secos ou a leitura das estrelas. É agora mais espessa a carapaça de silêncio à volta de cada homem, e todos eles se tornam azedos de linguagem, suscetíveis de ouvido e duros de coração.

Não te inquietes. Já a crisálida se rompe.

Acabaste de contornar certo obstáculo, escalaste um cabeço. Ainda nada distingue a areia e as espinhos do deserto em que sofres, das areias e das espinhos de ontem, e já tu gritas, com o coração a querer-te sair do peito: "Lá está ela!o Os teus companheiros de caravana reúnem-se, muito pálidos, à tua volta.

Tudo acaba de mudar nos vossos corações, como ao nascer do dia. Todas as sedes, todas as bolhas dos pés e das mãos, todos os esgotamentos provocados pelo sol ao meio-dia, todos os relentos noturnos, todos os ventos de areia que rangem nos dentes e cegam as pessoas, todos os animais abandonados, todos os doentes e até os companheiros amados que vós sepultastes, vos são restituídos de uma só vez multiplicados por cem, não pela embriaguez de um banquete, não pelo frescor das sombras, não pelas cintilantes cores das mocinhas que lavam a roupa na água azul, nem mesmo pela glória das cúpulas que coroam a cidade santa, mas por um sinal imperceptível, pela simples estrela com que o sol abençoa a mais elevada das cúpulas, tão distante ainda que a não veja em si própria, separada talvez de ti pelas fendas da crosta onde a pista descendente se submerge aos ziguezagues no abismo e pelas falésias onde o teu peso te puxa para baixo e ainda pela areia e mais areia e por uma última refeição do sol no meio dos teus odres esgotados e dos teus doentes e dos teus moribundos. Nenhum discurso conseguiu ainda libertar aquelas provisões de alegria emparedadas dentro de vós, até que bruscamente, de um momento para o outro, no coração das areias e dos arbustos de espinhos, lá onde a areia tem serpentes por músculos, uma estrela invisível, mais pálida do que Sírio, observada em noites de vento do deserto, tão distante que aqueles de vós que não tem olhar de águia nunca conseguem receber dela coisa alguma, tão incerta que mal o sol tiver girado um pouco se extinguirá, uma piscadela de olho de estrela, ou até, para aqueles que não tem olhar de águia, o simples reflexo de uma piscadela de olho de estrela nos olhos de quem a vir, o reflexo em suma de um reflexo de estrela, vos transfigura. Todas as promessas se mantiveram, todas as recompensas se concederam, todas as misérias foram recompensadas pelo cêntuplo, só porque um de vós, dotado de um olhar de águia, fez alto bruscamente e, apontando com o dedo numa certa direção do espaço, disse: "Lá estão."

Tudo está concluído. Na aparência, não recebeste nada. No entanto recebeste tudo. Eis-te saciado, tratado e dessedentado. Tens as seguintes palavras: "Posso morrer, já vi a cidade, morro abençoado! O contraste entre as duas situações não é aqui tão discreto como o que opõe a saciedade de agora à sede de há pouco. Contrastes desses tem, como te disse, um desprezível poder. Neste caso, ainda o deserto não afrouxou o abraço. Não há mudança alguma de destino. Se fosse a água que faltasse, a aproximação da morte não te privaria de alegria. A explicação é a seguinte: como aceitaste até ao fim o cerimonial do deserto, o cerimonial do deserto te fundou e tu consegues chegar à festa, que para ti consiste simplesmente no aparecimento de uma abelha de ouro.

Não julgues que estou exagerando seja no que for. Um dia, que bem me lembro, perdi-me numas planuras invioladas. Quando mais tarde encontrei rasto de homens, pensei: Que bom é poder morrer entre os meus!

E, no entanto, nada distinguia uma paisagem da outra, a não ser débeis marcas na areia, meio apagadas pelo vento. E tudo se tinha transfigurado.

Eu, que tenho piedade de ti, ó meu povo, o que é que o silencio do amor me fez ver? Vi-te chicotear os animais, caminhar ao sol esvaziado de ti próprio, cuspir na areia, injuriar às vezes o teu vizinho, ou então optar pelo silencio, embora continuasses a dar os mesmos passos. Eu não te dei mais que refeições avaras, sede permanente, queimaduras do sol e bolhas nas mãos. Alimentei-te de areia e te matei a sede com silvas. Depois, na hora própria, mostrei-te o reflexo do reflexo de uma abelha. E tu me manifestaste efusivamente o teu agradecimento e o teu amor.

Ah! Os meus dons tem uma casca leve. Mas que importa o peso ou o número? Basta-me abrir a mão para levantar um exército de cedros, que escalará a montanha. É eu ter uma simples semente!

E se eu te presenteasse com uma fortuna já conseguida - pensa no caso de uma herança inesperada -, em que é que te aumentaria? Se te oferecesse a pérola negra do fundo dos mares, fora do cerimonial das imersões, em que é que te aumentaria? Só te aumenta aquilo que transformas, porque tu és semente. Para ti não há presentes. É por isso que eu te quero tranquilizar, tu que desesperas das ocasiões perdidas. Não há ocasiões perdidas. Há um que esculpe o marfim e transforma o marfim em rosto de deusa ou de rainha que atinge o coração. Há outro que cinzela o ouro, e talvez o proveito que daí tira seja menos patético para os homens. O ouro ou o simples marfim não foram dados nem a um nem a outro. Quer um quer outro apenas foram caminho, via e passagem. Para ti, só há materiais de uma basílica a construir. E não te faltam pedras. O cedro também não tem falta de terra. Mas a terra pode ter falta de cedro e permanecer charneca pedregosa. Do que é que te queixas? Não há ocasião perdida, porque o teu papel é ser semente. Se não dispões de ouro, esculpe o marfim. Se não dispões de marfim, esculpe a madeira. Se não dispões de madeira, pega numa pedra.

O ministro de ventre opulento e de pálpebras pesadas, que separei do meu povo, não encontrou, na suo domínio, uma só ocasião para usar as suas carroças de ouro e os diamantes das suas caves. Mas aquele que vai de encontro a um seixo depara com uma ocasião maravilhosa.

Aquele que se queixa de que o mundo lhe faltou, é porque ele faltou ao mundo. Aquele que se queixa de que o amor não o cumulou, é porque se engana a respeito do amor: o amor não é presente a receber.

A ocasião de amar não te escapa. Tu podes-te tornar soldado de uma rainha. A rainha não tem de te conhecer para que venhas a alcançar a plenitude. Eu vi o meu geômetra apaixonado pelas estrelas. Ele mudava em lei para o espírito um fio de luz. Ele era veículo, via e passagem. Ele era abelha de uma estrela em flores, onde ia buscar o seu mel. Vi-o morrer feliz por causa de alguns sinais e figuras por que se tinha trocado. Assim o jardineiro do meu jardim, que fez desabrochar uma rosa nova. Um geômetra pode faltar às estrelas. Um jardineiro pode faltar ao jardim, mas não te faltam nem estrelas, nem jardins, nem seixos redondos nos lábios dos mares. Não me digas que és pobre.

Vim assim a esclarecer a questão do repouso das minhas sentinelas à hora do almoço. Há homens que, enquanto almoçam, brincam uns com os outros e cada um deles diz a sua graça ao vizinho. São inimigos do caminho de ronda e da hora de vela. Quando acaba o serviço, ficam todos alegres. O serviço é, na verdade, seu inimigo. Mas, ao mesmo tempo em que inimigo, é sua condição. Da mesma maneira que a guerra e o amor. Não te disse já que é o guerreiro que dá todo o brilho ao apaixonado? E o apaixonado, exposto aos perigos da guerra, dá a qualidade ao guerreiro. Aquele que morre nas areias está muito longe de ser um autômato triste. Ele te diz: “Cuida da minha amada ou da minha casa ou dos meus filhos... o Daí a pouco, já cantas o seu sacrifício.

Eu bem vi que os refugiados berberes não sabiam gracejar nem se metiam uns com os outros. Não julgues que se trata de um simples contraste, como, por exemplo, a satisfação que se sucede à extração de um dente cariado. Os contrastes são pobres e tem pouca força. Se te obrigares a só beber uma vez por dia, vivificarás essa água que não te dá nada sempre que vais matando uma após outra as tuas pequenas sedes. O teu prazer então aumenta. Mas continua a ser prazer do ventre e portanto de reduzido interesse. A refeição das minhas sentinelas, à hora do repouso, também não seria mais do que

isso se só servisse de descanso do serviço. Mero apetite vivificado de devoradores. Mas ser-me-ia muito fácil vivificar a vida do: meus berberes obrigando-os a só comerem nos dias de festa. .

Eu, porém, foi na hora da guarda que construí as minha sentinelas. Elas realmente precisam comer. Mas a sua refeição está muito longe dos cuidados dispensados ao gado para ampliação da periferia do ventre. Ela é comunhão no pão da tarde, ainda que cada uma das sentinelas o ignore. No entanto, assim como o trigo do pão, através delas, se tornará vigilância e olhar sobre a cidade, da mesma maneira a vigilância e o olhar que abrasa a cidade se tornam através delas religião do pão. Não é o mesmo pão que se come. Se desejas lê-los no segredo que eles próprios ignoram, vai surpreendê-los ao bairro proibido, quando cortejam as mulheres. Eles dizem-lhes: "Eu estava lá em cima, no alto da muralha, quando ouvi três balas assobiarem-me aos ouvidos. Mantive-me direito, sem medo nenhum. E ferram os dentes no pão com orgulho. E tu, estúpido, que ouves as palavras, confundes com uma gabarolice de veterano o pudor do amor. Se o soldado conta o que foi a hora de ronda, é menos para se fazer passar por herói, que para se comprazer num sentimento que não pode definir. Ele não sabe confessar a si próprio o amor pela cidade. Ele morrerá por um deus de quem não sabe dizer o nome. Já se lhe deu, mas exige de ti que o ignores. Exige de si próprio essa ignorância. E parece-lhe humilhante que o tomem por um simplório de grande palavreado. Por não saber formular-se, ele recusa instintivamente submeter à tua e à sua própria ironia o seu frágil deus. E tu vês os meus soldados brincarem aos mata-mouros e aos fanfarrões - e comprazerem-se no teu erro - para saborearem em qualquer parte, no fundo de si próprios e como que à socapa, o gosto maravilhoso da entrega ao amor.

E se a moça lhes diz: Muitos de vocês - e isso é muito duro - morrerão na guerra...ouve-os aprovarem ruidosamente. Mas aprovam através de grunhidos e de juras. Apesar disso, ela desperta neles o prazer secreto de serem reconhecidos. Eles são aqueles que morrerão de amor.

E, se falas de amor, eles te rirão nas bochechas! Tomá-los por idiotas a quem é fácil sugar o sangue com frases de lindo efeito. Corajosos, sim, por vaidade. Eles brincam aos mata-mouros por pudor do amor. A razão está do lado deles. Tu é que gostarias que eles fossem idiotas. Serves-te do amor pela cidade para os

convidares a salvarem-te os celeiros. Eles lá querem saber dos teus celeiros vulgares! Far-te-ão acreditar, por desprezo por ti, que afrontam a morte por vaidade. Tu não concebes verdadeiramente o amor pela cidade. Eles sabem que tens lá o teu sustento. Salvarão a cidade graças ao amor, sem to dizerem. E, como os teus celeiros Picam na cidade, mandar-te-ão depreciativamente os teus celeiros salvos, no gesto de quem deita um osso ao cão.

CCI

Afinal, quando me condenas, me serves. Enganei-me, é certo, ao descrever o país entrevisto. Localizei mal este rio e esqueci-me de tal aldeia. Tu vens então, ruidosamente triunfante, contradizer-me nos meus erros. E eu aprovo o teu trabalho. Tenho porventura tempo para medir tudo, para recensear tudo? Gostava que julgasses o mundo do alto da montanha que escolhi. Tu te apaixonas por esse trabalho, vais mais longe do que eu na minha direção. Apoios onde eu fraquejava. Fico satisfeito.

Mostras não compreender a minha atitude quando julgas negar-me. Tu és da raça dos lógicos, dos historiadores e dos críticos, que discutem os materiais do rosto e não conhecem o rosto. Que me importam os textos da lei e as ornamentos particulares? Toca-te a ti inventá-los. Se desejo fundar em ti a inclinação para o mar, descrevo o navio em marcha, as noites de estrelas e o império que, graças ao milagre dos olores, lapida uma ilha no mar. Chegará a manhã - digo-te tu - em que hás de entrar, sem nada mudar para os olhos, num mundo habitado. A ilha invisível ainda, semelhante a um cesto de especiarias, instala o seu mercado no mar. Encontras os teus marujos, não mais hirsutos e duros, mas aquecidos - eles próprios ignoram porque - por doces invejas. Pensa-se no sino antes de o ouvir tocar. A consciencia grosseira exige muito barulho, ao passo que os ouvidos já estão informados. E já me sinto feliz quando caminho para o jardim, nas extremas da região das rosas... É por isso que tu experimentas no mar, conforme os ventos, os rostos do amor, do repouso ou da morte.

Mas tu me repreendes. O navio que descrevi não é à prova de tempestade. É preciso modificá-lo neste pormenor ou naquele. E eu aprovo. Muda-o! Não quero saber nada das tábuas nem dos rebites. Depois, não me negues as especiarias prometidas. A tua ciência demonstra-me que serão, não essas, mas outras. E eu aprovo. Não tenho por que conhecer os teus problemas de botânica. Interessa-me exclusivamente que construas o navio e me colhas ilhas longínquas ao longo dos mares. Navegarás, portanto, para me contradizeres. Contradir-me-ás. Respeitarei o teu triunfo. Mas mais tarde, após o teu regresso, irei lentamente, envolto no silêncio do meu amor, visitar as ruelas do porto.

Já tu voltaste, fundado pelo cerimonial que te obrigava a içar as velas, a ler as estrelas e a lavar a ponte com água abundante. Do meu esconderijo na sombra, ouvir-te-ei cantar aos teus filhos, que hão de vir a ser navegadores, o cântico da ilha que instala o seu mercado no mar. E voltarei satisfeito para o meu palácio.

Não esperes apanhar-me em falta, nem verdadeiramente negar-me no essencial. Eu sou origem e não conclusão. Pretendes demonstrar ao escultor que ele deveria ter esculpido tal rosto de mulher, em vez de tal busto de guerreiro? Tens de suportar a mulher ou o guerreiro. Eles são, no teu confronto, muito simplesmente. Se me volto para as estrelas, não tenho pena do mar. Penso estrelas. Quando crio, pouco me surpreende a tua resistência, porque peguei nos teus materiais para construir outro rosto. E tu, a princípio, protestarás. Esta pedra - dirás tu - é de uma frente e não de um ombro. - É possível - responderei. - E era. - Esta pedra - dirás tu - é de um nariz e não de uma orelha. É muito possível - responderei. E era. “Estes olhos - dirás tu...” Mas, à força de me contradizeres e de recuares e de avançares e de te curvares para a esquerda e para a direita para criticares as minhas operações, chegará o momento em que virá à luz a unidade da minha criação, tal rosto e não outro. Então, far-se-á em ti o silêncio.

Pouco me importam os erros que me censuras. A verdade está para além disso. As palavras vestem-na mal e cada uma delas é criticável. A doença da minha linguagem fez-me contradizer-me muitas vezes. Mas não penses que me enganei. Eu não confundi o laço com a captura. A captura é comum medida dos elementos do laço. Não é a lógica que liga os materiais, mas o deus que todos eles servem. As minhas palavras são inábeis e de aparência incoerente. Mas eu, no centro delas, não o sou. Eu sou, muito simplesmente. Desde que eu vista um corpo verdadeiro, não tenho de me preocupar com a verdade das pregas do vestido. Quando a mulher bela caminha, as pregas destroem-se e recompõem-se, mas correspondem umas às outras necessariamente.

Eu não sei de lógica nas pregas do vestido. Mas aquelas e não outras fazem-me bater o coração e despertam em mim o amor.

CCII

O presente que te dou será, por exemplo, a Via Láctea que domina a cidade. Para te oferecer, penso falar-te dela. Os meus presentes são essencialmente simples. Eu te disse: “Aí tens as casas dos homens distribuídas à luz das estrelas.” É verdade o que digo. Efetivamente, se caminhares do lugar onde vives para a esquerda, encontras o estábulo e o teu burro. À direita, a casa e a esposa. Na tua frente, o jardim de oliveiras. Atrás de ti, a casa do vizinho. São essas as direções dos teus passos, na humildade dos dias tranqüilos. Se te apraz conhecer a aventura de outro para assim aumentares a tua - porque ela então tem um sentido - vais ter à porta do teu amigo. E o seu filho curado é direção de cura para o teu filho. E o ancinho, que lhe roubaram durante a noite, enche a noite de todos os ladrões de passos de veludo. E a tua vigília se torna vigilância. E a morte do teu amigo se torna mortal. Mas, se te agrada consumir o amor, regressas à tua própria casa, contente por trazeres como presente o tecido com filigrana de ouro ou o jarro novo ou o perfume ou seja o que for que se transforme em riso. É como alimentar a alegria do fogo de inverno, deitando lá a madeira muda. E se, ao romper da madrugada, tens de trabalhar, vais ainda um pouco trôpego até ao estábulo acordar o burro adormecido de pé, acariciá-lo no pescoço, empurrá-lo na tua frente para o caminho.

E, ainda que agora simplesmente respires, não usando nem uns nem outros, não tendendo nem para uns nem para outros, banhas-te numa paisagem magnetizada onde há encostas, apelos, solicitações e recusas. Onde os passos tirariam de ti estados diversos. Tu possuis, no invisível, um país de florestas e de desertos e de jardins. Tu és, embora nesse instante ausente de coração, de tal cerimonial e não de outro.

Se agora eu acrescento uma direção ao teu império, porque olhavas para trás, para a direita e para a esquerda, se te abro essa abóbada de catedral que te permite, no bairro miserável onde talvez morras abafado, a atitude de espírito do marinheira do mar alto, se desenrolo um tempo mais lento que o que amadurece o teu centeio, fazendo que tenhas mil anos de idade ou a idade de uma hora à luz das estrelas, então uma direção nova se virá juntar às outras. Se te voltas para o amor, irás primeiro lavar o coração à tua janela. Dirás à tua mulher, do fundo desse bairro miserável onde morres abafado: "Aqui estamos sozinhos tu e eu, debaixo das estrelas! E, enquanto respirares, serás puro. E serás sinal de vida, como a planta nova nascida no alto do planalto deserto, entre o granito e as estrelas, semelhante a um despertar, e frágil e ameaçada, mas carregada com o poder que se distribuirá ao longo dos séculos. Serás elo da cadeia e te mostrarás muito senhor do teu papel. Se, finalmente, chegas a casa do teu vizinho e te agachas junto do fogo para ouvir o barulho que o mundo faz - barulho humilde, porque ele levantará a voz para te falar da casa vizinha ou do regresso de qualquer soldado ou do casamento de qualquer jovem -, então terei construído em ti uma alma mais apta para receber essas confidências. casamento, a noite, as estrelas, o regresso do soldado, o silencio serão para ti música nova.

CCIII

Dizes-me que essa mão de pedra grosseira e granulosa é muito feia. Não posso concordar contigo. Preciso conhecer a estátua antes de conhecer a mão. Representa uma jovem chorando? Tens razão, a mão é feia. A estátua representa um ferreiro anguloso? A mão é bela. Pode ser que me pretendas provar a ignomínia de quem eu não conheço: “Ele mentiu, ele repudiou, ele roubou, ele traiu...”. Mas, sem o conhecer, também não o posso julgar.

Decidir segundo atos é próprio do polícia, que os vê divididos em preto e branco no seu manual. Tu lhe pedes que assegure a ordem, não que julgue. Temos também a sargento ajudante, que aquilata das tuas virtudes segundo a sua ciência às três pancadas. E, na verdade, eu me apóio também sobre o guarda, porque o culto do cerimonial domina o culto da justiça. É próprio dele fundar o homem que a justiça há de garantir. Se eu violo o cerimonial em nome da justiça, arruíno o homem, e a minha justiça deixa de ter objeto. Eu sou justo, em primeiro lugar, para os deuses de que tu és. Mas tu me pedes, não que decida da castigo ou da absolvição daquele que não conheço - porque então eu, com o cuidado de folhear as páginas da agenda, me transformarei no meu guarda -, mas que despreze ou estime, o que é diferente. As vezes, tenho de respeitar quem condeno ou condenar quem respeito. Não lancei eu muitas vezes os meus soldados contra o inimigo amado?

Da mesma maneira que conheço homens felizes mas não sei nada da felicidade, também é preciso que a pilhagem, o assassínio, o repúdio, a traição que te imputam sejam certo ato de determinado homem para eu tornar conhecimento dele. E o débil vento das palavras não consegue acarretar o homem na sua substância, da mesma maneira que é impossível acarretar determinada estátua para quem a ignora.

Há então esse homem que provoca em ti sentimentos de hostilidade ou de indignação ou de desgosto (por motivos talvez obscuros, como por exemplo os que te fazem evitar tal música). E, se me brandiste tal ato como exemplo, é para assim materializares a tua reprovação e para a transportares para outro. Se o meu poeta quiser exprimir certa melancolia que lhe inspira um destino tocado de morte, embora glorioso ainda, dirá também: "O sol de outubro." No entanto, nem esse sol nem esse mês estão em causa. Se eu quiser transportar para ti essa carnificina noturna, em que no meio do silêncio me precipitei sobre o inimigo acampado numa areia elástica e o afoguei no seu próprio sono, ligarei tal palavra a tal outra, direi por exemplo "sabres de neve", para apanhar no laço uma doçura in formulável. Ora nem a neve, nem os sabres estão em causa. O que fazes é ir ao homem e escolher um ato que tenha o valor da imagem no poema.

É preciso que o teu rancor se torne ofensa. É preciso que ele adquira um rosto. Ninguém suporta ver-se habitado por fantasmas. A tua mulher, nessa noite, o que é que deseja? Partilhar o rancor com a sua confidente. Derramar à volta dela esse rancor. Porque tu estás feito de tal maneira que não sabes viver sozinho. E precisas de colonizar mediante o teu poema. É por isso que ela esmiuçarás, com uma voz volúvel, as tuas torpezas. Se as queixas dela tiverem tão pouca importância que façam a amiga encolher os ombros e ela nem mesmo assim amansar, é porque há outras queixas. Ela é que se enganou no veículo. Escolheu mal as imagens. O que não pode é duvidar de que o seu sentimento exista, porque existe.

Coisa parecida acontece quando estás doente. Sugeriste esta ou aquela causa ao médico. Tens as tuas

idéias a respeito da doença. Ele te demonstra que estás enganado. É possível. Mas o médico vai mais longe: diz-te que não tens nenhuma doença. Nessa altura tu protestas. Ilustraste mal a tua dor, mas não a poderias por em dúvida. O teu médico é que é burro. E irás de descrição em descrição até à luz. E, de negação em negação, o médico não terá o poder de anular o teu mal, porque ele existe. A tua mulher te difama na tua vida passada, nos teus desejos, nas tuas crenças. Não serve de nada lutar contra as ofensas. Dá-lhe a pulseira de esmeraldas. Ou, então, bate-lhe.

Tenho pena das vossas desavenças e das vossas pazes, porque elas são de uma ordem diferente do amor. O amor é, antes do mais, audiência no silêncio. Amar é contemplar. Vem a hora em que a minha sentinela desposa a cidade. Chega a hora em que alcanças a tua amada, mais do que neste ou naquele gesto, neste ou naquele pormenor do rosto, nesta ou naquela palavra que pronuncia, nela própria.

Chega a hora em que basta o nome dela como oração, porque já não tens nada a acrescentar. Chega a hora em que já não exiges nada. Nem os lábios, nem o sorriso, nem o braço macio, nem o sopro da sua presença. Basta-te que ela exista.

Chega a hora em que já não tens que te interrogar mais para compreenderes esse passo ou essa palavra ou essa decisão ou essa recusa ou esse silêncio. Porque ela é.

Mas aquela exige que tu te justifiques. Ela instaura um processo aos teus atos. Ela confunde o amor com a posse. Para que serve responderes? Que encontrarás tu na sua audiência? O que querias era ser recebido em silêncio, nem por este gesto nem por aquele, nem por esta virtude nem por aquela, nem por esta palavra nem por aquela, mas pela tua miséria, tal como és.

CCIV

Assaltou-me o remorso de não ter usado como medida os dons recebidos. Os dons nunca passam de significação e caminho e, após os ter desejado por eles próprios, só encontrei neles o deserto. Confundi medida com sovínice do corpo ferido ou do coração, não tornarei a cair noutra. Apeteceu-me incendiar a floresta para me aquecer durante uma hora; ser-me-ia difícil encontrar fogo mais vivo. E, se do alto do meu cavalo ouço assobiar as balas de guerra, parece-me de pouco interesse economizar os meus dias. Eu valho aquilo que sou a cada instante. Se o fruta desprezar qualquer trâmite na sua evolução, acabará por não nascer.

Por isso me pareceu ridículo aquele cuspidor de tinta que, durante o cerco da sua cidade, evitou aparecer no alto das muralhas. Por desprezo da coragem física - dizia ele,. Como se ele se tratasse de um estado e não de uma passagem. De um fim e não de uma condição simples da permanência da cidade.

Eu também desprezo o apetite vulgar. Nunca vivi para a digestão dos quartos de carne. Mas mandei servir os quartas de carne ao relampejar da minha golpe de sabre e submeti a minha golpe de sabre à permanência do império.

E, na verdade, embora durante o combate eu evite medir os meus golpes par avareza de músculo ou medo acovardado, não me agradaria nada que os historiógrafos do império fizessem de mim um moinho de golpes, porque eu não resido no meu sabre. Se desconfio daquelas pessoas delicadas que devoram as suas refeições como quem devora um remédio, de narinas fechadas, não me agradaria nada que os meus historiógrafos me fizessem comilão de carne, porque não resido no meu ventre. Eu sou uma árvore bem instalada sobre as raízes; aproveito toda a massa delas. É lá que vou buscar os meus ramos.

Uma noite tive a impressão de que andava enganado a respeito das mulheres.

Descobri que não sabia servir-me delas e fiquei arrependido. Tinha feito uma figura semelhante à daquele larápio que, por desconhecer o cerimonial, remexe nas peças do jogo de xadrez com uma pressa árida, e, não encontrando alegria nessa desordem, acaba por as espalhar aos quatro ventos.

Nessa noite, Senhor, levantei-me encolerizado do leito das mulheres, por ter compreendido que era gado no estábulo. Senhor, não estou para ser servidor das mulheres.

Uma coisa é triunfar na ascensão da montanha, outra é ir de liteira procurar de paisagem em paisagem a perfeição. Mal acabaste de medir os contornos da planície azul, já te sentes vencido pelo tédio e pedes aos teus guias que te levem a outro lugar.

Eu procurei na mulher o presente que ela podia fornecer. Aquela desejei-a como o som de um sino cuja nostalgia eu tivesse saboreado. Mas que hás de tu fazer de um mesmo som de sino noite e dia? Depressa mandas o sino para o celeiro. Já não sentes necessidade dele. Aquela outra desejei-a por uma inflexão sutil que lhe descobri na voz quando dizia: “Tu, meu Senhor...” Mas daí a nada já te sentes cansado da palavra e sonhas com outra canção.

Eu que te desse dez mil mulheres umas atrás das outras, imediatamente tu as esvaziarias da sua virtude particular. Para te satisfazeres, ainda seriam precisas muitas mais, porque tu vais sendo sempre diferente conforme as estações, os dias e os ventos.

E apesar disso, por ter sido sempre de opinião que jamais alguém chegará a conhecer uma só alma de

homem e que existe, no íntimo de cada um, uma paisagem interior de planícies invioladas, planícies de silêncio, montanhas pesadas, jardins secretos, e que, a respeito disto ou daquilo, posso falar sem te cansar toda uma vida, eu não compreendia a miséria da provisão que uma ou outra das minhas mulheres me trazia, a qual não basta para a refeição de uma noite.

Ah! Senhor, em vez de as considerar como terra arável, aonde durante todo o ano me dirigiria antes de raiar a madrugada, com as minhas pesadas botas cheias de lama e a minha charrua e o meu cavalo e a minha grade e o meu saco de cimento e a minha previsão dos ventos e das chuvas e o meu conhecimento das ervas daninhas e acima de tudo a minha fidelidade para receber delas o que se destina a mim, reduzi-as a esses manequins de boas vindas que as autoridades da humilde aldeia por onde passas, na tua digressão pelo império, empurram para frente e que te recitam a sua saudação ou te presenteiam com uma cesta de frutas da região e conseguem que tu a aceites, porque é puro de linhas o sorriso e cantante o gesto que oferece os frutos e ingênuo na intenção o discurso, mas esgotarias logo as dons e esvaziarias de uma só vez o mel se acariciasses as suas faces frescas e saboreasses com os olhos o aveludado da sua confusão. É certo que mesmo essas são terras aráveis de grandes horizontes, onde te perderias talvez para sempre se soubesses por onde se entra lá.

Mas eu procurava recolher o mel já produzido de colméia em colméia, em vez de penetrar nessa planície que a princípio não te oferecerá nada e te exigirá passos, passos e mais passos, porque terás de acompanhar durante muito tempo em silêncio o dono dos domínios, se quiseres conseguir uma pátria.

Eu, que conheci e fui amigo do único verdadeiro geômetra, que a qualquer hora da noite e do dia estava disposto a instruir-me, que, para conhecer os problemas com que eu lhe aparecia, nem tinha precisão de os resolver, bastava-lhe ve-los para passarem a ser outros problemas, e isso porque ele era certo, era ele própria e não outro, e não ouvia como eu esta nota, nem via como tu esse sol, nem saboreava como tu essa refeição, ele que dos materiais que lhe eram submetidos extraía determinado fruto de determinado gosto e não outro - não fruto mensurável, mas sim poder em marcha de tal qualidade e não de outra, em tal direção e não em outra -, eu que conheci nele o espaço e ia ter com ele como quem procura o vento de uma árvore ou a solidão, digam-me que teria recebido dele se houvesse apelado, não para o homem nem para a árvore, mas para as provisões, para as frutas, e pretendesse satisfazer o espírito e o coração com alguns preceitos de geometria.

Senhor, tu me dás a mulher para que eu a torne da minha casa, para que a lave e a acompanhe e a descubra.

“Senhor - dizia eu comigo mesmo -, só aquele que amanha a terra, planta a oliveira e semeia a cevada ouve soar a hora das metamorfoses que ele não estaria em condições de gozar se comprasse o pão no padeiro. Soa para ele a hora da festa das colheitas. Soa a hora da festa da armazenagem e ele empurra lentamente com o ombro a porta que range sobre a reserva de sol. Se chamo sol a essa colina de sementes que acabas de arrecadar e por cima da qual flutua ainda a glória de uma poeira de som que não pousou de todo, é porque ela tem o poder de abrasar, na hora devida, as tuas grandes extensões de terra negra.

“Ah! Senhor - dizia eu comigo mesmo -, enganei-me no caminho. Vi-me cedo demais metido entre as mulheres, foi como se me tivessem empurrado para uma viagem sem objetivo.

“Sofri junto delas como num deserto sem horizonte, à procura de um oásis que não é oásis do amor, mas de mais além.

“Procurei um tesouro que lá estivesse escondido, como um objeto a descobrir entre outros objetos.

Debrucei-me sobre a breve respiração delas, como o remador. E eu não ia a parte alguma. Medei com os olhos a perfeição delas, conheci a graça das juntas e a dobra do cotovelo onde se quer beber. Sofri uma angústia que tinha uma direção. Experimentei uma sede que tinha um remédio. Mas, por me ter enganado no caminho, olhei a tua verdade, de frente, sem a compreender.

“Fui semelhante àquele doido que surge, altas horas da noite, no coração das ruínas, armado com a sua pá, com a sua enxada e com o seu cinzel. E te deita abaixo as paredes. Dá a volta às pedras e põe-se a ouvir as pesadas lajes. Domina-o um fervor obscuro. Ele se engana, Senhor, ele procura um tesouro que seja provisão já feita, deposta pelos séculos no segredo de tal cofre como uma pérola na sua concha, mocidade para o velho, penhor de riqueza para o avaro, penhor de amor para o namorado, penhor de orgulho para o orgulhoso e para o glorioso de glória - e, apesar disso, cinza e vaidade, porque não há fruto que não seja de uma árvore, nem alegria que não tenhas construído. É estéril procurar entre as pedras uma pedra mais excitante que outra pedra. Da sua agitação, no ventre das ruínas, não se tirará nem a glória, nem a riqueza, nem o amor.

“Comparável a esse doido que vai de noite cavar na aridez, eu não encontrei nada na voluptuosidade que não fosse prazer de avaro prodigiosamente inútil. Só me encontrei a mim próprio. Não sei que fazer de mim, Senhor, cansa-me o eco do meu próprio prazer.

“Eu quero construir o cerimonial do amor, para que a festa me conduza algures. Nada do que eu procuro e de que tenho sede, nada daquilo de que os homens tem sede é da ordem dos materiais de que dispõem. E aquele homem se perde procurando entre as pedras o que não é da essência delas, quando poderia utilizá-las para construir a sua basílica. Em vez de ir buscar a alegria a uma pedra entre outras pedras, deveria ir buscá-la a certo cerimonial das pedras, uma vez construída a catedral. É-me impossível encontrar harmonia em determinada mulher se não ler através.

“Senhor, é um regalo ver dormir nua uma esposa como a minha, que é bela e tem curvas delicadas e seios tépidos. Por que não havia de ter eu aí a minha recompensa?

Mas vim a compreender a tua verdade. É preciso que aquela que dorme - para daqui a pouco a acordar, bastar-me-á pousar a minha sombra - não seja o muro onde eu esmurro o nariz, mas a porta que leva algures. E preciso, além disso, que eu não a disperse em materiais diversos, à procura do impossível tesouro, e em vez disso a mantenha bem ligada e una no silêncio do meu amor.

Como me havia de desiludir? Fica, é certo, desiludida aquela que recebe uma jóia. Há uma esmeralda mais bela do que a tua opala. Há um diamante mais belo do que a esmeralda. Há um diamante mais belo do que todos os diamantes. Eu não sei que fazer de um objeto estimado em si próprio, se ele se não tem um sentido de perfeição. Porque eu vivo, não das coisas, mas do sentido das coisas.

Apesar disso, são insubstituíveis esse mal talhado ou essa rosa murchada cosida num bocado de trapo ou esse gomil, nem que fosse de estanho, onde se ele serve o chá junto dela antes do amor. É que todos eles são objetos de um culto. Eu só queria que o deus fosse perfeito e então objeto de madeira tosca que passasse a servir no culto participaria da sua perfeição.

O mesmo se diga da esposa adormecida. Se a considerasse por ela própria, daqui a pouco já eu estaria farto e iria procurar outra algures. Porque ela é menos bela ou tem pior gênio do que outra. Mesmo que ela fosse perfeita na aparência, nunca daria por exemplo o som de determinado sino, de que eu sinto nostalgia, ou então torce a boca ao dizer o mesmo "Tu, meu Senhor", de que o lábio de outra faria música para o coração. Mas dorme tranqüila na tua imperfeição, ó esposa imperfeita. Eu não vou contra uma parede. Tu não és objetivo, recompensa ou jóia venerada por si mesma, de que eu em breve me

cansasse, tu és caminho, veículo e transporte. E eu não me cansarei de vir a ser.

CCV

Vi-me assim esclarecido acerca da festa, que é festa do instante em que passas de um estado para outro, quando a observância do cerimonial te preparou o nascimento. E eu bem to disse a respeito do navio. Ele, que foi durante muito tempo casa em construção ao nível das tábuas e dos rebites, torna-se, uma vez aparelhado, noivo do amor. E tu o casas no momento da festa. Mas tu não te instalas para viver do lançamento do navio.

Foi o que te disse a respeito do teu filho. O seu nascimento é uma festa. Mas tu não vais todos os dias, durante anos, esfregando as mãos de contente por ele ter nascido. Esperarás, para a outra festa, determinada mudança de estado, como por exemplo o dia em que o fruto da tua árvore se tornar origem de uma árvore nova e for plantar mais longe a tua dinastia.

Eu to disse a propósito da semente recolhida. Chega a festa do armazenamento. Depois, a das sementes. A seguir, a festa da primavera, que transforma as tuas sementeiras em erva tão doce como uma bacia de água fresca. Esperas depois mais um bocado e é a festa da colheita e depois a do armazenamento. E assim por diante, de festa em festa, até à morte, porque não há provisões. Não sei de festa alguma a que não chegues vindo de qualquer parte e pela qual não vás algures. Caminhaste durante muito tempo. A porta abre-se. É o momento da festa. Mas não viverás mais desta sala do que da outra. No entanto, quero que gozes por passar os umbrais que vão dar a qualquer parte. E reserva a tua alegria para o momento em que romperes a tua crisálida. Tu és fogo de pouca intensidade e a iluminação da sentinela não é para todos os minutos. . Eu a reservo, se possível, para os dias de clarins e de tambores e de vitórias. É preciso que se restabeleça em ti algo que se parece com o desejo e exige muitas vezes o sono.

Eu caminho lentamente, lentamente, um passo lento na laje de ouro, um passo lento na laje negra, nas profundidades do meu palácio. A hora do meio-dia, parece-me cisterna, por causa do frescor cativo. E me embala o meu próprio passo: eu sou remador inesgotável, vá eu onde for. Deixei de ser desta pátria. Desvanecem-se lentamente as paredes do vestibulo e, se levanto os olhos para a abóbada, vejo-a balançar docemente como a arco de uma ponte. Um passo lento num quadrado de ouro, um passo lento num quadrado negro, faço lentamente o meu trabalho, como o grupo de trabalhadores que perfuram um poço e te trazem o entulho. Eles escondem o apelo da corda com músculos doces. Eu sei para onde vou, já não sou desta pátria.

De vestibulo em vestibulo, prossigo a minha viagem. E são essas as minhas paredes. E são esses os ornamentos suspensos da parede. Contorno a grande mesa de prata, onde estão os candelabros. E passo com a mão por tal pilar de mármore. Ele está frio. Sempre frio. Mas penetra nos territórios habitados. Os ruídos vem a mim como num sonho, porque já não sou desta pátria.

São no entanto doces para mim os rumores domésticos. Agrada-me sempre o cântico confidencial do coração. Nada dorme completamente. Até o teu cão, quando dorme, mesmo a sonhar, late em pequenos latidos, agita-se um pouco por recordação. Nem o meu palácio dorme, embora o meu meio-dia o tenha feito adormecer. Há uma porta que bate, não se sabe onde, no silencio. E tu pensas no trabalho das criadas, das mulheres, porque sem dúvida o barulho vem do lado delas. Acabaram de te dobrar a roupa fresca nos seus cestos. Navegaram a duas e duas para os transportes. E 'agora, que a arrumaram, fecham os altos armários,. Há aí um gesto terminado. Respeitaram uma obrigação. Algo acaba de se realizar.

Deve ser agora o repouso, mas eu sei lá! Eu já não sou desta pátria.

De vestíbulo em vestíbulo, de quadrado negro em quadrado de ouro, contorno lentamente a zona das cozinhas. Reconheço o cântico das porcelanas. Fere-me depois o som de um jarro de prata com que me feriram. A seguir, esse débil rumor de uma porta profunda. Depois disso o silêncio. Mais logo, um barulho de passos precipitados. Esqueceram-se de algo. Exigem subitamente a tua presença. Talvez o leite que cresce, ou a criança que solta um grito, ou simplesmente a extinção inesperada de um ronrom familiar. Acaba de emperrar qualquer peça na bomba, no espeto ou no moinho para a farinha. Vais correndo para dar andamento à humilde oração...

Mas o ruído dos passos se desvaneceu. Conseguiram salvar o leite, a criança foi consolada, a bomba, o espeto ou o moinho recomeçaram a recitação da sua ladainha. Remediarão uma ameaça. Cuidaram de um ferimento. Repararam um esquecimento. Qual? Não sei nada. Eu já não sou desta pátria.

Agora penetro eu no reino dos odores. O meu palácio parece-se com um celeiro que prepara lentamente o mel dos seus frutos, o aroma dos seus vinhos. E eu navego como que através de imóveis províncias. E, aqui, de cogumelos maduros. Fecho os olhos, prolonga-se a sua influencia. Aqui, navego através do sândalo dos cofres de madeira. Aqui, apenas lajes lavadas de fresco. Cada aroma, passadas que são várias gerações, moldou-se em império. Até um cego se orientaria sem dificuldade. Não há dúvida que meu pai reinava já sobre estas colônias. Mas eu me vou embora, sem pensar bem nisso. Já não sou desta pátria.

O escravo, segundo o ritual dos encontros, apagou-se contra a parede à minha passagem. Mas eu lhe disse condescendentemente: “Mostra-me o teu cesto”, para que ele se ele sentisse importante no mundo. Ele então levou à cabeça os braços luzidios como as asas de um cântaro e pegou no cesto com cuidado, para me apresentar, de olhos baixos, a sua homenagem de tâmaras, de figos e de tangerinas. Bebi profundamente odor. A seguir, sorri-lhe. O sorriso dele então dilatou-se, e olhou-me direito nos olhos, contrariamente ao ritual dos encontros. Os seus braços tornaram de novo a forma de asas. Tinha outra vez o cesto à cabeça e não afastava de mim os olhos.”Qual é o mistério - perguntei eu comigo mesmo - dessa candeia acesa? É que

as rebeliões ou o amor se propagam como um incêndio. Qual é o fogo secreto que arde nas profundidades do meu palácio, por trás destas paredes?” E olhei para o escravo como se olhasse para um abismo nos mares.”Não tem fundo - disse eu comigo mesmo - o mistério do homem!” E segui o meu caminho, sem resolver o enigma, porque já não era dessa pátria.

Atravessei a sala do repouso. Atravessei a sala do conselho, onde os meus passos se multiplicaram. Depois descí a passos lentos, de degrau em degrau, a escadaria que leva ao último vestíbulo. Mal tinha começado a caminhar a passos largos por ele fora, ouvi um grande barulho surdo e um tinir de armas. Sorri com indulgência: as minhas sentinelas deviam estar dormindo, o meu palácio ao meio-dia era como uma colméia adormecida, muito vagarosa, apenas abalada pela curta agitação das caprichosas que não havia forma de repousarem, das esquecidas que correm ao seu esquecimento, ou do eterno revoltoso que sempre te afina, te aperfeiçoa e te quebra algo. Sempre há, no rebanho, uma cabra que berra, sempre sobe da cidade um apelo incompreensível para ti. Mesmo na necrópole mais morta, há ainda o guarda noturno, em movimento de um lado para outro. Continuei a caminhar no meu passo lento, a cabeça caída para não ver as minhas sentinelas perfilarem-se à pressa. A mim que me importa? Já não sou desta pátria.

Já as sentinelas se puseram em sentido. Apresentam-me armas, abrem-me o guarda-vento de par em par. O sol é tão cruel, que me obriga a fechar as pálpebras. Fico um instante nos umbrais. Ali, são os campos. Lá, as colinas redondas que aquecem ao sol as minhas vinhas. E as minhas searas, cortadas em

quadrados. O cheiro de calcário das terras. Começo a ouvir uma música diferente da das abelhas, dos gafanhotos e dos grilos. Passo de uma civilização para outra civilização. Bastou-me respirar este meio-dia que se abate sobre o meu império.

Acabo agora mesmo de nascer.

CCVI

Fui visitar o único geômetra verdadeiro, meu amigo.

Comoveu-me ve-lo tão atento ao chá e às brasas e à cafeteira e ao cântico da água. Provou o líquido e depois ficou à espera, porque o chá expele lentamente o aroma. Impressionou-me agradavelmente que, durante esta curta meditação, ele permanecesse mais distraído pelo chá do que por um problema de geometria:

“Tu, que és um sábio, não desprezas os trabalhos humildes...”

Mas ele não me respondia. Depois de ter enchido, todo satisfeito, as nossas xícaras:

“Eu, que sou um sábio... que entendes tu por isso? Havia o tocador de guitarra de desprezar o cerimonial do chá pela simples razão de saber algo acerca das relações entre as notas? Eu sei algo acerca das relações entre as linhas de um triângulo. No entanto, agradam-me o canto da água e o cerimonial que há de honrar o rei, meu amigo...”

Ficou uns instantes pensativo e acrescentou:

“Que sei eu... eu não acredito que os meus triângulos me esclareçam quanto ao prazer que o chá nos dá. Mas pode acontecer que o prazer do chá me esclareça um pouco acerca dos triângulos...”

- Sempre tens cada uma, geômetra!

- Quando experimento, sinto a necessidade de descrever.

Vou-te falar dos cabelos, dos cílios, dos lábios e do gesto, autentica música para o coração, daquela que eu amo. Falaria eu porventura dos gestos, dos lábios, dos cílios, dos cabelos, se não houvesse certo rosto de mulher lido através? Vou-te mostrar em que é que o sorriso dela é doce. Mas, primeiro, havia o sorriso...

“Não vou agora revolver um monte de pedras para lá encontrar o segredo das meditações. A meditação não significa nada ao nível das pedras. É preciso que haja um templo. Então, eis que se me muda o coração. E irei por aí fora, refletindo sobre a virtude das relações entre as pedras...”

“Não me passará pela cabeça procurar nos sais da terra a explicação da laranjeira. A laranjeira não tem significado ao nível dos sais da terra. Mas, para assistir à ascensão da laranjeira, explicarei por ela a ascensão dos sais da terra.

“Que eu, primeiro, experimente o amor. Que eu contemple a unidade. Meditarei depois sobre os materiais e os conjuntos. Mas, se nada daquilo para que tendo dominar os materiais, não me interessará investigar sobre os materiais. Contemplarei primeiro, o triângulo. Depois, procurei no triângulo as obrigações que regem as linhas. Tu também amaste primeiro uma imagem do homem, de tal fervor interior. E deduziste daí o teu cerimonial, para que o fervor lá ficasse contido, como a presa no laço, e se perpetuasse no império.

Mas que escultor se interessará pelo nariz, pela orelha e pela barba em si mesmos? Que rito do cerimonial imporás tu por ele próprio? E que deduzirei eu acerca das linhas, se elas não pertencerem a um triângulo?

“Eu me submeto, primeiro, à contemplação. Só a seguir falarei, se puder. Nunca recusei o amor: a recusa do amor não passa de pretensão.

Efetivamente, honrei esta ou aquela, que não sabia nada dos triângulos. Mas ela sabia muito mais de que eu sobre a arte do sorriso. Já viste alguém sorrir?

- Com certeza, geômetra...

- Aquela mulher, das fibras do rosto e dos cílios e dos lábios, que são materiais ainda sem significado, construía-te sem esforço uma obra-prima inimitável. Bastava-te seres testemunha de tal sorriso, para habitares na paz das coisas e na eternidade do amor. Depois, ela te desfazia a sua obra-prima no tempo que tu precisas para esboçar um gesto e fechar-te numa outra pátria, onde te assaltava o desejo de inventar o incêndio donde a terias salvo, tu, o redentor, tão patética ela se mostrava. Se a sua criação não deixava esses rastros com que se pode enriquecer os museus, havia eu por isso de a desprezar? Eu sei formular regras sobre as catedrais construídas, mas ela construía-me as catedrais...

- Mas... Que te ensinava ela acerca das relações entre as linhas?

- Pouco importam os objetos ligados. Tenho primeiro de aprender a ler as ligações. . Já sou bastante velho. Vi morrer ou sobreviver quem eu amava. Chega uma noite em que a amada, com a cabeça caída para o ombro, declina a oferta da tigela de leite, à maneira do recém-nascido já separado do mundo que recusa o seio porque o leite se lhe tornou amargo. Ela esboça como que um sorriso de desculpa, porque tem pena de não mais se alimentar de ti. Já não tem necessidade de ti. Voltas-te para a janela, para esconder as lágrimas. E lá fora se estendem os campos. Sentes então o laço que te liga às coisas, semelhante a um cordão umbilical. Os campos de cevada, os campos de trigo, a laranjeira florida que prepara o alimento do teu corpo ferido e o sol que te faz girar desde a origem dos séculos o moinho das fontes. Chega até junto de ti o barulho do aqueduto em construção, que há de matar a sede à cidade, em vez de outro, que o tempo gastou.

Ou o simples barulho da carriola ou do passo do burro carregado de sacos. E sentes circular a seiva universal que faz durar as coisas. Voltas a passos lentos para a cama, enxugas o rosto que brilha do suor. Ela ainda ali está junto de ti, mas já completamente distraída pela morte. Os campos já não cantam para ela o seu cântico de aqueduto em construção ou de carriola ou de burro a trote. Já não existem para ela nem o cheiro das laranjas nem o teu amor.

“Lembras-te então daqueles camaradas teus que se amavam.

“Um deles vinha procurar o outro, altas horas da noite, por simples necessidade dos seus gracejos, dos seus conselhos, ou mais simplesmente ainda da sua presença. E, quando um viajava, o outro sentia a falta dele.

Até que um mal-entendido sem pés nem cabeça os veio malquistar um com a outro. E eles fingem não se ver, quando se encontram. Milagre, aqui, é eles não terem pena de nada. A pena do amor é o amor. E, no entanto, aquilo que eles recebiam um do outro não receberão de ninguém no mundo. Cada pessoa graceja, aconselha ou simplesmente respira à sua própria maneira, e não à maneira de outra. Aí estão eles pois. amputados, diminuídos, mas incapazes de o reconhecerem. E mesmo todos orgulhosos e como que enriquecidos pelo tempo disponível. E cada um vai espaiar-se para diante das vitrinas. Eles já não perdem tempo com o amigo... Eles hão de recusar qualquer esforço no sentido de os ligar de novo àquele celeiro onde hauriam o seu alimento. A parte deles próprios que vivia disso, morreu. Como é que essa parte havia de fazer reivindicações, se já não existe?

“Mas tu, tu passas junto da árvore como jardineiro. E vês o que lhe falta. Não do ponto de vista da árvore, porque do ponto de vista da árvore não lhe falta nada, está perfeita, mas sim do teu ponto de vista de deus da árvore que introduz os ramos onde é preciso. E tu atas o fio quebrado e o cordão umbilical. Reconcilias. Olha como eles partem de novo fervorosos.

“Eu também reconciliei. Também passei por essa manhã fresca, em que a amada te pede o leite de cabra e o pão mole. E eis que te debruças sobre ela, com uma das mãos apoiando a nuca, a outra aproximando-lhe a tigela dos lábios. E ficas a vê-la beber. Tu és caminho, veículo e transporte. Dá-te a impressão, não de que a alimentas nem mesmo de que a trata, mas de que a voltas a ligar àquilo de que ela era, esses campos, essas searas, essas fontes, esse sol. Daqui para o futuro, o sol já faz rodar um pouco para ela o moinho cantante das fontes. aqueduto constrói-se um pouco para ela.

A carriola faz soar um pouco para ela as seus guizos. Ela, nessa manhã, parece uma criança. Em vez de coisas profundas, o que ela quer saber são notícia da casa e dos brinquedos e dos amigos. Acabas por lhe dizer: "Escuta". E ela reconhece o trote do burro. Começa a rir E volta-se para ti, que és o seu sol, porque tem sede de amor.

“Apesar de ser um geômetra sabido, vim a aprender muitas coisas, como se tivesse voltado para a escola. Só existem aquelas relações com que sonhaste. Mal dizes: "Acontece o mesmo...”, há uma questão que morre. Restituí a esse homem a sede do amigo: reconciliei-o com ele. Restituí a essa mulher a sede do leite e do amor. Disse: "Acontece o mesmo..." e curei-a. Nem outra coisa fiz ao enunciar determinada relação entre a pedra que cai e as estrelas. O que eu disse foi: "Acontece o mesmo...". Nem ao enunciar assim tal relação entre linhas. O que eu disse foi: "No triângulo, aquilo ou isto é a mesma coisa...". E assim, de morte de questões em morte de questões, encaminho-me docemente para Deus, em quem já nenhuma questão se levantou.

Ao deixar o meu amigo, fui por aí fora no meu passo lento. É assim que me curo das minhas cóleras. Subo à montanha e logo me inunda uma paz verdadeira, que não é feita de conciliação, nem de renúncia, nem de mistura, nem de partilha. É que onde eles vêem litígio, eu vejo condições. Não é o meu constrangimento condição da minha liberdade, as minhas regras contra o amor condição do amor, o meu inimigo amado condição de mim próprio? Se não fosse o mar, não teria forma o navio.

De inimigo conciliado em inimigo conciliado - e também de inimigo novo em inimigo novo -, subo ao longo desta minha encosta até à calma de Deus. Sei perfeitamente que nem o navio se deve mostrar indulgente para com os assaltos do mar, nem o mar deve ser manso para com o navio; de contrário, os primeiros soçobrarão e os segundos se abastardarão em barcos chatos para lavadeiras de roupa. Sei até que uma pessoa não se deve curvar nem pactuar por falso amor, no de , : curso de uma guerra sem tréguas que é condição da paz, abandonando pelo caminho mortos que são condição da vida, aceitando renúncias que são condição da festa, paralisias de crisálidas que são condição das asas. Quando tu por fim, Senhor, me ligares nalguma coisa superior a mim próprio, segundo a tua vontade, deixarei de conhecer a paz ou a amor fora de ti. Só em ti aquele que eu amava e reinava a norte do meu império e eu próprio seremos conciliados, porque realizados. Só em ti eu próprio e aquele que me vi obrigado a castigar apesar da minha estima seremos conciliados porque realizados. Só em ti, Senhor, se confundirão finalmente, na sua unidade sem litígio, o amor e as condições do amor.

CCVII

É efetivamente injusta a hierarquia que te contraria e impede a tua realização. Apesar disso, a lutas contra essa injustiça, irás de destruição de arquitetura em destruição de , arquitetura, até ao pântano estagnado onde os geleiras se acharão confundidos.

Queres que os teus súditos sejam semelhantes uns aos í outros, o que é confundir a igualdade com a identidade. Eu mesmo os considerarei iguais por servirem de maneira semelhante o império, e não por se parecerem uns com os outros.

Olha para o jogo de xadrez: há um vencedor e um vencido.

O vencedor, às vezes, veste-se de um sorriso malicioso para humilhar o vencido, porque os homens são assim. Então tu, com o teu sentido de justiça, resolves proibir as vitórias ao xadrez. Raciocinas da seguinte forma: “Qual a mérito do vencedor? Ele era mais inteligente ou conhecia melhor a arte do jogo. A sua vitória não passa da expressão de um estado. Havia ele de ser glorificado por ter um rosto mais vermelho ou mais macio, mais cabeludo ou menos cabeludo... ?”

Mas eu vi o vencido do xadrez jogar durante anos na esperança de vir a festejar a vitória. É que tu és mais rico só em virtude de essa festa existir, mesmo que não em tua honra. Foi o que te disse da pérola oculta no fundo dos mares.

Não te enganes acerca da inveja. Ela é sinal de uma linha de força. Supõe tu que me ocorre instituir determinada condecoração. É matemático. Os contemplados vão-se pavonear com a minha pedra no peito. Tu então sentes inveja dos que eu condecerei. Dominado pelo teu sentido de justiça, que não passa de espírito de compensação, decides que todos hão de trazer pedras no peito. Daqui para o futuro, quem ousará ostentar semelhante jóia? Tu vivias, não para a pedra, mas para o significado da pedra.

Aí está - dirás tu. Consegui reduzir as misérias dos homens. Consegui curá-los da sede de pedras, que a maior parte deles não podia satisfazer. É que tu julgas conforme a inveja, que é dolorosa. O objeto da inveja é, portanto, um mal. Daquilo que deixas subsistir, nada se encontra a salvo. A criança estende a mão e pede a estrela. De acordo com a tua justiça, tens o dever de a extinguir.

O mesmo se diga da posse das pedras preciosas. Tu as armazenas no museu, acompanhadas das seguintes palavras: "Assim ao menos são de todas". Efetivamente, o teu povo há de desfilar ao longo das vitrinas, nos dias de chuva. Mas, diante das coleções de esmeraldas, a gente se fartará de bocejar. Deixou de haver cerimonial que as ilumine com um significado. E em que é que elas são mais brilhantes do que o vidro lapidado?

Purgaste até o diamante da sua natureza particular. Ele podia ser para ti. Mas castraste-o do brilho que lhe vinha de ser desejável. O mesmo acontecerá se proibires as mulheres. Por muito belas que elas sejam, serão manequins de cera. Por muito bela que fosse a imagem, nunca vi fosse quem fosse morrer por esta ou por aquela que o baixo-relevo de um sarcófago perpetuou até aos seus dias. Ela transmite a graça do passado ou a melancolia, não a crueldade do desejo.

Se o teu diamante não for suscetível de posse, deixará de ser o mesmo. Era essa qualidade que lhe dava o brilho. Por isso ele te glorificava e honrava e engrandecia com o seu esplendor. Mas tu o transformaste em condecoração de vitrina. Ele será honra das vitrinas. Como não queres ser de uma vitrina, repudias o

diamante.

Mesmo que agora decidas queimar um deles para nobilitar com esse sacrifício o dia de festa, e assim multiplicar o seu resplendor sobre o teu espírito e sobre o teu coração, não queimarás coisa alguma. Não serás tu a sacrificar o diamante. Ele será dom da tua vitrina. E ela quer saber disso para alguma coisa? Já não podes brincar com o diamante que não te serve de nada. Mesmo que decidas ocultar um deles na noite do pilar do templo, para o dar aos deuses, não darás coisa alguma. O teu pilar não passa de um armazém pouco mais discreto que a vitrina, que aliás será igualmente discreta se o sol convidar o teu povo a fugir da cidade.

O teu diamante não tem valor de dom, porque não é objeto que se de. Ele é objeto que se armazena. Aqui ou lá. Deixou de ser magnetizado. Perdeu as suas divinas linhas de força. Ganhaste porventura alguma coisa?

Eu mesmo proíbo que vistam de vermelho aqueles que não descendem do profeta. Porventura prejudico com isso os outros? Nenhum deles se vestia de vermelho. O vermelho não tinha significação. Agora, todos sonham vestir-se de vermelho. Eu fundei o poder do vermelho e tu és mais rico por ele existir, embora não seja para ti. E a inveja que te assalta é sinal de uma linha de força nova.

Só quando aquele que costuma sentar-se de pernas cruzadas no coração da cidade morrer de sede e de fome é que o império te parecerá perfeito. Ninguém o puxará de preferência nem para a direita, nem para a esquerda, nem para diante, nem para trás. Ele não receberá ordens, da mesma maneira que não as dará. Não mostrará interesse nem pelo diamante insuscetível de posse, nem pela pedra no peito, nem pelo vestido vermelho. Ainda hás de ver o vendedor de tecidos de cor bocejar durante horas e horas, à espera que eu carregue com as minhas significações a direção dos seus desejos.

Mas, por eu proibir o vermelho, entorta ele para o vermelho... Ou então, porque é refratário e livre e hostil às honras e superior s convenções e indiferente ao sentido das cores, que dependem do meu arbítrio, tu o vês mandar esvaziar todas as prateleiras do armazém e vasculhar na arrecadação para encontrar a cor mais oposta à cor vermelha, por exemplo um verde cru. Não descansa enquanto não encontrar a perfeição das perfeições. Depois, há de pavonear gloriosamente o seu verde cru por toda a cidade, cheio de desprezo pela minha hierarquia das cores.

Mas acontece que eu o animei ao longo de todo um dia. De outra forma, vestido de vermelho, ele teria passado o tempo a bocejar nalgum museu, porque está chovendo.

“Eu mesmo, dizia meu pai, instituo uma festa. Mas não é uma festa que eu instituo, é determinada relação.

Eu bem ouço rir os refratários, que logo a seguir hão de instituir a contra-festa. E a relação é a mesma que eles afirmam e perpetuam. Eu mando-os prender durante algum tempo, para lhes fazer a vontade, porque eles levam a sério o seu cerimonial. E eu também.”

CCVIII

Nasceu, portanto, o dia. Eu ali estava, semelhante a um marinheiro de braços cruzados, respirando o mar.

Tal mar a navegar e não outro. Eu ali estava diante dele, como o escultor diante do barro. Tal barro a modelar e não outro. Eu ali estava no alto da colina e dirigia a Deus a seguinte oração:

“Senhor, nasce o dia sobre o meu império. Me entregas esta manhã, pronto para o concerto, como uma harpa. Senhor, nasce para a luz aquele grupo de cidades, de palmares, de terras aráveis e de plantações de laranjeiras. A minha direita, o golfo do mar para navios. E, ali para a minha esquerda, a montanha azul, de vertentes abençoadas por carneiros de lã, que ferra as garras das suas últimas rochas no deserto. E, lá ao longe, a areia escarlate onde floresce, sozinho, o solo.

“O meu império tem tal rosto, e não outro. E, na verdade, está na minha mão mudar um pouco a curva de tal rio, para assim irrigar a areia, mas não de momento. Está na minha mão fundar aqui uma cidade nova, mas não de momento. Está na minha mão soltar uma floresta de cedros vitoriosa, mas não de momento; bastar-me-ia soprar numa semente de cedro. Porque eu herdo de momento um passado resolvido, o qual é este e não outro. Esta harpa prestes para cantar.

“De que me havia eu de queixar, Senhor, eu que considero na minha sabedoria patriarcal este império, onde tudo está no seu lugar, como ã estão os frutos coloridos no cesto? Por que havia eu de experimentar a cólera, a amargura, o ódio ou a sede de vingança? 'É essa a minha trama para o meu trabalho. É esse o meu campo para a minha lavoura. É essa a harpa com que hei de cantar.

Ao nascer do dia, vê o dono do domínio ir pelas suas terras fora e apanhar talvez uma pedra e arrancar uma silva. Ele não se irrita nem com a silva, nem com a pedra. Ele embeleza a sua terra e não experimenta nada, a não ser o amor.

Ao amanhecer do dia, quando aquela lá abre as portas da casa, tu a vê limpar o pó. Ela não se irrita contra o pó.

“Ela alinda uma casa e não experimenta nada, a não ser o amor.

“Queixar-me-ia eu por tal montanha cobrir tal fronteira e não outra? Ela, tão calma como a palma de uma mão, não consente passagem às tribos que sobem do deserto. Faz ela muito bem. Construirei mais longe, lá onde o império é nu, as minhas cidadelas.

“E por que é que me havia de queixar dos homens? Eu os recebo esta madrugada tal como são. Há, é certo, quem prepare o seu crime, quem medite na sua traição, quem vá polindo a sua mentira. Mas há outros que se aparelham para o trabalho ou para a piedade ou para a justiça. Na realidade, até eu, para embelezar a minha terra arável, deitarei fora a pedra ou a silva, mas sem odiar nem a pedra nem a silva, não experimentando nada a não ser o amor.

“Porque eu, ó Senhor, encontrei a paz durante a oração. Eu venho de ti. Sinto-me jardineiro que caminha a passos lentos direito às suas árvores.”

Eu, na verdade, experimentei ao longo da vida a cólera, a amargura, o ódio e a sede de vingança. Nos dias das batalhas perdidas e das rebeliões, à hora do crepúsculo, quando me via impotente e como que

fechado em mim próprio, por não poder agir à vontade sobre as tropas em debandada que a minha palavra já não atingia, nem sobre os generais sediciosos que se faziam passar por imperadores, nem sobre os profetas dementes que de cachos de fiéis faziam punhados de cegos, cheguei a sentir a tentação do homem colérico. Mas tu queres corrigir o passado. Quando atinas com a decisão feliz, já é tarde demais. Recomeças a dar o passo que te teria salvado, mas que, como a hora dele já passou, participa da podridão do sonho. Há efetivamente um general que, segundo os seus cálculos, te aconselhou a atacares a oeste. Tu reinventas a história. Escamoteias aquele que te deu conselhos. Resolves atacar a norte. A mesmíssima coisa que se tentasse abrir uma estrada soprando contra o granito de uma montanha.” Ah! - dizes tu de ti para ti, na corrupção do teu sonho - se este não tivesse agido, se este não tivesse falado, se este outro não tivesse adormecido, se aquele não tivesse acreditado ou duvidado, se aquele outro tivesse estado presente, se aquele outro ainda se tivesse encontrado algures, então eu seria vencedor!”

Mas eles desafiam-te a que os apagues, como a mancha de sangue do remorso desafia. E te assalta o desejo de os moer nos suplícios, para te desfazeres deles. Mas bem poderias empilhar sobre eles todas as mós do império, que nem mesmo assim impedirias que eles tivessem sido.

Fraco és tu e mesmo covarde, se passas a vida à procura de responsáveis, reinventando um passado resolvido na podridão do teu sonho. De depuração em depuração, acabarás por mandar todo o teu povo para Q coveiro.

Esses homens foram talvez veículos da derrota, mas por que é que esses outros, que teriam sido veículos da vitória, não dominaram os primeiros? Por o povo não os apoiar? Então por que é que o teu povo preferiu os maus pastores? Por que mentiam? Mas sempre se exprimem mentiras, porque tudo se diz sempre, quer a verdade quer a mentira. Por que pagavam? Mas o dinheiro sempre se oferece, sempre haverá corruptores.

Se os homens do meu império se acham bem fundados, riem-se de quem os pretende corromper. A doença que lhes ofereço não é para eles. Se os habitantes de outro império tem o coração gasto, a doença que lhes ofereço fará a sua entrada através deste e daquele, que serão os primeiros a sucumbir. E, progredindo de um para outro, ela fará apodrecer todos os homens do império, porque a minha doença era para eles. Os tocados em primeiro lugar são responsáveis pela podridão do império? Nem no império mais saudável tu podes pretender que não existam os portadores do câncer. Eles lá estão, mas como que em reserva para as horas de decadência. Só então se espalhará a doença, que aliás nem sequer teria necessidade desses homens. Teria encontrado outros. Se a doença vai fazendo a vinha apodrecer de raiz em raiz, Deus me livre de acusar a primeira raiz. Mesmo que eu a houvesse queimado no ano anterior, outra raiz teria servido de porta à podridão.

Se o império se corrompe, todos colaboraram na corrupção. Se o maior número a tolera, em que é que ele não é responsável? Eu te chamo assassino se a criança se afoga no teu pântano e não te apressas a socorrê-la.

É escusado que eu tente, na podridão do sonho, esculpir tarde demais um passado resolvido, mandando decapitar quer os corruptores, quer os cúmplices da corrupção, quer os covardes, quer os cúmplices da covardia, quer os traidores, quer os cúmplices da traição. De conclusão em conclusão, chegarei a aniquilar mesmo o melhor, porque todos terão sido ineficazes e sempre lhes poderei censurar a preguiça ou a indulgência ou a estupidez. Afinal de contas, terei pretendido aniquilar no homem o que é suscetível de estar doente e de oferecer uma terra fértil a tal semente, e todos podem estar doentes. E todos são terra fértil para todas as sementes. E terei de os suprimir a todos. Nessa altura será perfeito o mundo, porque purgado do mal. Mas eu digo que a perfeição é virtude dos mortos. A ascensão usa

como adubo os maus escultores e o mau gosto. Não é mandando executar quem se engana que eu sirvo a verdade, porque a verdade se constrói de erro em erro. Não é mandando executar todo aquele que falha na sua criação que eu a sirvo, porque a criação se constrói de fracasso em fracasso. Eu não imponho tal verdade mandando executar quem serve outra, porque a minha verdade é árvore que cresce. E eu não conheço nada que não seja terra arável, a qual ainda não alimentou a minha árvore. Eu venho, estou presente. Recebo o passado do meu império como herança. Eu sou o jardineiro a caminho da sua terra. Deus me livre de o censurar por alimentar cactos e silvas. Eu não quero saber dos cactos nem dos arbustos de espinhos, se sou semente do cedro.

Sinto desprezo pelo ódio, não por indulgência mas porque, vindo de ti, Senhor, em quem tudo está presente, o império me \t está presente em cada instante. E em cada instante eu começo.

Lembro-me da doutrina de meu pai: Cai no ridículo a semente que se queixa de que a terra através dela se torna salada em vez de cedro. Se ela é apenas semente de salada. .

Dizia ele também: “O estrábico sorriu para a moça. Ela se voltou para aqueles que olham a direito. E o estrábico começa a espalhar que aqueles que olham a direito corrompem as moças”.

Que vaidosos são os justos que imaginam não dever nada às apalpadelas, às injustiças, aos erros, às vergonhas que s transcendem! É ridículo o fruto que despreza a árvore!

CCIX

Aluiu que julga possível vir a encontrar a alegria na riqueza do monte de objetos, ao se ver impotente para a extrair de lá, porque não é lá que ela reside, começa a multiplicar as riquezas e a amontoar os objetos em pirâmides. E desce até às caves onde eles se encontram, para se comprazer na sua posse. Chega a fazer lembrar esses selvagens que desmontam os materiais do tambor, na esperança de capturarem o ruído.

Outros vieram a descobrir que as relações de palavras constrangedoras te submetem ao meu poema, que as estruturas constrangedoras te submetem à escultura do meu escultor, que as relações constrangedoras entre as notas da guitarra te submetem à emoção do guitarrista, e convenceram-se de que a poder reside nas palavras do poema, nos materiais da escultura, materiais e notas numa desordem inextrincável. Mas não conseguem dar com esse poder, porque não é lá que ele reside. Para se fazerem ouvir, aumentam então o barulho de toda essa fanfarra, que na melhor das hipóteses só acarreta para ti a emoção equivalente à de uma pilha de louça que se quebra, a qual além de ser de qualidade discutível e de discutível poder, poderia ter uma outra eficácia, isto é, reger-te, governar-te e provocar-te melhor se ele sentisses todo o peso esmagador do meu guarda sobre o dedinho grande do teu pé.

Se eu te quiser governar através de expressões como "sol de outubro" ou "sabres de neve", terei de construir uma armadilha capaz de capturar uma presa que não é da sua essência. Se, porém, o meu intuito for comover-te mediante os próprios objetos da armadilha, nem ousarei dizer-te melancolia, crepúsculo, camada, palavras de poema compradas já feitas na bazar, que até talvez te fizessem vomitar, nem mesmo recorrerei à débil ação do mimetismo, inadequada para te governar em profundidade, dissesse-te eu "buquê de rosas" ou a menos alegre palavra "cadáver"; não terei mais remédio que sair do habitual para te descrever os suplícios mais requintados. Aliás, não é daí que virei a tirar a emoção, pois não é ali que ela reside. As palavras que eu utilizo, por exemplo, para fazer funcionar a máquina da recordação fazem-te segregar apenas uma saliva azeda, sintoma do débil poder que sobre ti exercem. Eu bem multiplico as torturas e os pormenores sobre a tortura e os cheiros da tortura. Começas a agitar-te freneticamente, mas acabas por sentir menos todo esse peso do que o do delicado pé do meu guarda.

Tentar-te surpreender pelo leve poder de choque do insólito - não deixarei decerto de te surpreender se entrar de costas na sala da audiência onde te recebo - ou, de uma maneira mais geral, apelar seja para o que for de incoerente e de inesperado, dar de alguma forma nas vistas, é proceder afinal como um gatuno e recorrer mesmo à destruição só para fazer ruído, porque quando da segunda audiência já não te admirarás da minha entrada de costas, e, uma vez habituado não só a tal gesto absurdo mas ao imprevisto do absurdo, já não te admirarás de nada. Começarás a afundar-te, morno e sem linguagem, na indiferença de um mundo gasto. Ainda assim, a única poesia capaz de te arrancar um movimento de queixa será a da enorme bota cardada do meu guarda.

Os refratários não existem. Não há indivíduos sozinhos. Não há homem que se isole verdadeiramente. Esses são mais ingênuos do que os fabricantes de gaitas de cana que, sob o pretexto de poesia, te misturam o amor, o luar, o outono, os suspiros e a brisa.

“Eu sou sombra - diz a tua sombra -, sinto desprezo pela luz.” Esquece-se de que vive dela.

CCX

Eu te aceito tal como és. Pode ser que tenhas a doença de por no bolso as bugigangas de ouro que te calham a jeito e que, por outro lado, tenhas queda para a poesia. Receber-te-ei, portanto, por amor à poesia. E por amor às minhas bugigangas de ouro, as guardarei.

Pode ser que, à maneira das mulheres, consideres os segredos que te são confiados como diamantes para teu adorno. A mulher vai à festa. E o objeto raro que exhibe torna-a gloriosa e importante. Também pode acontecer que sejas bailarino. Receber-te-ei então por respeito pela dança, mas guardarei os meus segredos, por os respeitar.

Pode ser que sejas simplesmente meu amigo. Receber-te-ei, pois pelo amor que te tenho, tal como és. Se coxeias, não te pedirei que dances. Se odeias este ou aquele, não os infligirei como convivas. Se tens necessidade de alimento, servir-te-ei.

Não me passará pela cabeça dividir-te para te conhecer. Tu não és este nem aquele ato, nem a soma deles. Nem esta, nem aquela palavra, nem a soma delas. Não te julgarei nem por estas palavras nem por esses atos. Julgarei esses atos e essas palavras segundo aquilo que tu és.

Exigirei, em paga, que me atendas. Não tenho nada a fazer do amigo que não me conhece e pede explicações. Não tenho o poder de me fazer transportar no débil vento das palavras. Eu sou montanha. A montanha pode-se contemplar. Mas o carrinho de mão não a oferecerá.

Como é que te hei de explicar aquilo que não é o amor antes de o ouvires? E, muitas vezes, como é que hei de falar? Há palavras indecentes. Foi o que já te disse a respeito dos soldados no deserto. Olho para eles em silêncio, nas vésperas de combate. O império repousa sobre eles. Eles morrerão pelo império, e a sua morte ser-lhes-á paga nessa troca. Conheço, portanto, o autêntico fervor que eles têm. Que me ensinará o vento das palavras? Que eles se queixam dos arbustos de espinhos, que eles odeiam o cabo, que a comida é pouca?

Que o seu sacrifício é amargo?...

Assim devem elas falar! Eu desconfio do soldado lírico demais. Se ele se deseja morrer pelo cabo, é muito provável que não venha a morrer, tão ocupado estará em te debitar o seu poema. Eu desconfio da lagarta que se julga apaixonada pelas asas. Essa não há de morrer para si própria na crisálida. Mas, surdo ao vento das palavras do meu soldado, vejo quem ele é, não quem ele se diz. Esse soldado, durante o combate, protegerá o cabo com o peito. O meu amigo é um ponto de vista. Eu tenho necessidade de ouvir falar do que ele fala, porque descubro nisso um império particular e provisão inesgotável. Ele pode até calar-se, que nem por isso deixará de me cumular. Considero então segundo ele o mundo, e passo a vê-lo de maneira diferente. Também exijo ao meu amigo que saiba, primeiro, do que é que eu falo. Só então ele me entenderá. Porque as palavras sempre se repelem.

CCXI

Veio a mim esse profeta de olhar duro, que noite e dia alimentava um furor sagrado e ainda por cima era estrábico.

“Convém - disse-me ele - salvar os justos.

- Não há dúvida - respondi-lhe eu. - Não há razão evidente para os castigar.

- É preciso distingui-los dos pescadores.

- É verdade - respondi-lhe eu. - O mais perfeito deve ser erigido em exemplo. Tu escolhes para o pedestal a melhor estátua do melhor escultor. Tu lêes às crianças os melhores poemas. Tu desejas para rainha a mais bela. É bom visar à perfeição, embora não esteja na tua mão atingi-la.

Mas o profeta continuou, desta vez todo exaltado:

“E, uma vez escolhida a tribo dos justos, urge salvá-la sozinha. É a única maneira de aniquilar de uma vez para sempre a corrupção.

“Alto - gritei-lhe eu -, estás indo longe demais. Pretendes tu que eu separe a flor da árvore. Que nobilite a seara suprimindo o adubo. Que salve os grandes escultores, decapitando os maus escultores. E eu apenas conheço homens mais ou menos imperfeitos e a ascensão da árvore devida à tendência para a flor. Afirmo, além disso, que a perfeição do império repousa sobre os impudicos.

- Tu honras a impudicícia!

- Honro até a tua estupidez, porque é bom que a virtude se ofereça como um estado de perfeição perfeitamente desejável e realizável. E que se conceba o homem virtuoso, embora ele não possa existir em primeiro lugar porque o homem é um doente, a seguir porque a perfeição absoluta, onde quer que ela resida, implica a morte. Mas é bom que a direção assuma o aspecto de fim. De outra forma, cansar-te-ias de caminhar para o objeto inacessível. Fartei-me de sofrer no deserto. O deserto, a princípio, nos parece impossível de vencer. Que faço eu? Situo nessa duna longínqua o doce porto de escala. Mal lá chego, logo ele se esvazia do seu poder. Tomo então um perfil montanhoso do horizonte como doce porto de escala. Atinjo-o e ele se esvazia do seu poder. Escolho então um outro ponto de mira. E, de ponto de mira em ponto de mira, vou emergindo das areias.

“O impudor, ou é um sinal de simplicidade e de inocência, como no caso das gazelas, além disso convertível em candura virtuosa por meio da educação, ou então tira as suas alegrias do atentado ao pudor. O impudor repousa sobre o pudor, vive dele e funda-o. Quando passam soldados bêbados, tu vês as mães mandarem embora as filhas e proibirem-lhes que apareçam. Ao passo que os soldados do teu império de utopia, acostumados a baixarem castamente os olhos, era como se estivessem ausentes, e tu não verias inconvenientes em que as moças da tua casa tornassem banho nuas. Mas o pudor do meu império é coisa diferente da ausência de impudor. (Porque, de outra forma, os mais pudicos seriam os mortos). Ele é fervor secreto, reserva, respeito por si próprio e coragem. Ele é proteção do mel realizado, em vistas de um amor. Passe um soldado bêbado onde passar, funda em minha casa a qualidade do pudor.

- Tu não desejas que os teus soldados bêbados gritem as suas obscenidades...

- Pelo contrário, eu até os castigo para fundar o próprio pudor. Mas acontece igualmente que, quanto mais eu o fundei, mais atraente se torna a agressão. Proporciona-te mais alegria escalar o pico elevado do que a colina redonda. Vencer um adversário que resiste do que aquele palerma que não se defende. Só onde as mulheres andam veladas te assalta o desejo de lhes ler o rosto. Eu julgo da tensão das linhas de força do império pela dureza do castigo que equilibra o apetite. Se obstruo um rio na montanha, gosto de medir a espessura do muro. Ele é sinal do meu poder. Na verdade, contra o pequeno pântano, basta-me uma muralha de cartão. E por que havia eu de desejar soldados castrados? Eu quero que eles façam força contra a muralha, porque só então eles serão grandes no crime ou na criação que transcende o crime.

- O que queres é ve-los cheios de ânsias de estupro...

- “Não. Tu não percebeste nada” - respondi-lhe eu.

Os meus guardas, tão estúpidos como são, fizeram uma roda a minha volta:

“Descobrimos a causa da decadência do império. É preciso extirpar essa seita. A culpada é ela.

- Eh! - exclamei eu. Como é que sabes que eles estão ligados uns aos outros?”

Fizeram-me notar as coincidências que havia nos atos deles, o parentesco que avultava por este e por aquele sinal, e até me indicaram o lugar onde se reuniam.

“E por que é que vocês dizem que eles são uma ameaça para o império?”

Descreveram-me os crimes deles e a concussão de alguns e as violações cometidas por outros e a covardia ou a fealdade de vários.

“Mas eu conheço uma seita mais perigosa ainda, porque ninguém me avisou de que é preciso combatê-la!” “Que seita?” - perguntaram à uma os meus guardas.

Porque o guarda, como nasceu para bater, murcha se lhe faltam alimentos.

“A dos homens - respondi-lhes eu - que trazem um sinal na fonte esquerda.”

Os meus guardas, sem perceberem nada, aprovaram com um grunhida. Porque o guarda pode bater sem compreender. Eles batem com os punhos, porque tem o cérebro vazio.

No entanto, um deles, que tinha sido carpinteiro, tossiu duas ou três vezes: “Não se nota assim tanto o parentesco entre eles. Não tem lugar de reunião.

- Isso é verdade - respondi-lhe eu. É aí que está o perigo. Eles passam despercebidos. Mas mal eu acabasse de publicar o decreto que os denunciasses ao furor público, verias como se procurariam uns aos outros, como se uniriam uns aos outros, como viveriam em comum e como se ergueriam contra a justiça do povo e tornariam consciencia da sua casta.

- Isso é uma grande verdade - aprovaram os meus guardas.

Mas o antigo carpinteiro voltou a tossir:

“Eu conheço um deles. É meigo, generoso, honesto. Foi até ferido três vezes em defesa do império...

- É certo - respondi-lhe eu. Só por as mulheres não terem cabeça, deduzes daí que não haja nenhuma que de mostras de razão? Só por os generais serem barulhentos, deduzes que não existe um aqui ou ali que seja tímido? Não te fiques nas exceções. Uma vez apartados os portadores do sinal, vasculha-lhes o passado. Eles foram fonte de crimes, de raptos, de estupros, de pancadas, de traições, de glotonaria e de impudor. Pretendes tu que estejam puros de tais vícios?

- Claro que não - gritaram os guardas, já de punhos no ar.

- Quando uma árvore dá frutos podres, censuras a podridão aos frutos ou à árvore?

- A árvore - gritaram os guardas.

- E bastam alguns frutos são para a absolver?

- Não! Não! - gritaram os guardas que, ainda bem, amavam o seu ofício, que não é absolver.

- “Então seria justo purgar o império dos que tem um sinal na fronte esquerda”. Ma o velho carpinteiro tossiu mais uma vez.

“Expressa a tua objeção” disse-lhe, enquanto seus companheiros, desacostumados, lançavam olhares carregados de alusões em sua direção.

Um deles tornou coragem, olhando de alto a baixo o suspeito:

“Este que ele diz conhecer... não seria por acaso seu irmão... ou seu pai... ou algum parente/” Então me encolerizei:

“Mais perigosa ainda é a seita dos que trazem um sinal na face direita! Pois nós nem imaginamos! Pois este sinal se esconde melhor ainda. Mais perigosa ainda do que esta é a seita dos que não têm nem sinal no rosto, pois estes ficam camuflados, invisíveis como os conspiradores. E ao final de contas, de seita em seita, eu condeno a seita dos homens todos, pois ela é, evidentemente, fonte de crimes, de raptos, de estupros, de pancadas, de gulodice, e de impudor. E como acontece que os guardas, além de guardas, são homens, começo por eles, aproveitando esta facilidade, a depuração necessária. É por isto que dou ordem ao guarda que sois de lançar o homem que sois na sujeira do calabouço de minhas cidadelas!”

E os meus guardas se foram, fungando de perplexidade e refletindo sem grande resultado, pois acontece que eles refletem com os punhos.

Mas eu mantive o carpinteiro, o qual baixava os olhos e se fazia de modesto.

“A ti, eu destituo! Lhe disse. A verdade para o carpinteiro, que é sutil e contraditória devido à madeira que lhe resiste, não é de forma alguma a verdade do guarda. Se o manual marca negativamente os que têm um sinal na face, me agrada que meus guardas, para que não falem deles, sintam seus punhos fechar. Me agrada também que o ajudante te pese ele segundo tua ciência com a meia-volta. Pois o ajudante, se tem direito de julgar, ira te desculpar tua imperícia porque és um grande poeta. Da mesma forma ele perdoara teu visinho, pois ele é piedoso. E ao visinho de teu vizinho, pois este é modelo de castidade. E assim reinará a justiça. Mas se vier a guerra a finta sutil da meia volta e eis meus soldados atolados uns aos outros numa balburdia enorme, e trarão sobre eles a carnificina. Pouco consolo para eles será a estima de teu ajudante! Eu te devolvo portanto as tuas madeiras, com medo de que o teu amor pela justiça, lá onde ela não tem nada que fazer, venha um dia a fazer correr sangue inútil.”

CCXIII

Houve um que veio a mim e me interrogou sobre a justiça.

“Ah! disse-lhe eu - embora saiba de atos eqüitativos, não sei nada da eqüidade. É eqüitativo que sejas alimentado conforme o teu trabalho. É eqüitativo que sejas tratado se estás doente. É eqüitativo que sejas livre se és puro. Mas a evidencia não vai muito longe... 'É eqüitativo o que é conforme ao cerimonial.

“Eu exijo que o médico atravesse o deserto, nem que seja de gatas e de joelhos, para tratar a ferida de um homem. Mesmo que esse homem fosse um descrente. É assim que fundo o respeito pelo homem. Mas se o império estiver em guerra contra o império dos descrentes, exijo que os meus soldados atravessem o mesmo deserto para derramarem ao sol as entranhas do mesmo descrente. É assim que fundo o império.

- Senhor... Não te compreendo.

- Gosto que os forjadores de rebites, que cantam as cantigas dos rebitadores, tentem roubar os utensílios dos serradores de tábuas para servirem os rebites. Gosto que os serradores de tábuas tentem desviar os forjadores de rebites para servir as pranchas. Agrada-me que o arquiteto, que domina, contrarie os serradores de tábuas protegendo os rebites, e os forjadores de rebites protegendo as tábuas. É dessa tensão das linhas de força que o navio há de nascer. Não espero nada dos serradores de tábuas sem paixão que veneram os rebites, nem dos forjadores de rebites sem paixão que veneram as tábuas.

- Tu então honras o ódio?

- Eu digiro ódio e o ultrapasso, para só honrar o amor. Mas uma pessoa só no navio se liga para além das tábuas e dos rebites.

Quando me vi só, dirigi a Deus a seguinte oração:

“Aceito provisòriamente as verdades contraditórias do soldado que procura ferir e do médico que tenta curar, embora ao meu nível não se possa distinguir delas o fecho da abóbada. Longe de mim conciliar numa beberagem morna bebidas geladas e bebidas a ferver. Não gosto que firam ou curem moderadamente. Castigo o médico que nega os seus cuidados, castigo o soldado que evita magoar. E pouco me importa a mim que as palavras se desafiem! Acontece que só essa armadilha, cujos materiais são diversos, apanha na unidade a minha presa, isto é, determinado homem dotado de certas virtudes e não outro.

“Procuro às apalpadelas as tuas divinas linhas de força e, na falta de evidencias que não são próprias da minha condição, digo que tenho razão na escolha das ritos do cerimonial, se acontece que eles me libertam e me deixam respirar. Assim o meu escultor, Senhor, que dá certa dedada à esquerda, embora não saiba dizer porque. Só assim parece carregar o seu barro de poder.

“Caminho para ti, à maneira da árvore que se desenvolve segundo as linhas de força da sua semente. O cego, Senhor, não sabe nada do fogo. Mas há, no fogo, as linhas de força sensíveis. nas papilas. E ele caminha através dos arbustos de espinhos, porque toda a metamorfose é dolorosa. Senhor, eu vou até junto de f ti, ao abrigo da tua graça, ao longo da encosta que faz uma pessoa realizar-se.

“Tu não desces até junto da tua criação e eu, para me instruir, só passo contar com o calor do fogo ou a tensão da semente. E o mesmo a lagarta, que não sabe nada das asas. Não é a marionete que me há de informar das aparições de arcanjos. Dir-me-ia ela alguma coisa que valesse a pena? É inútil falar de asas à lagarta, como é inútil falar de navio ao forjador de rebites. Basta que existam, pela paixão do arquiteto, as linhas de força do navio. Pela semente, as linhas de força das asas. Pelo grão, as linhas de força da árvore. E que tu, Senhor, simplesmente existas.

“Glacial, Senhor, é por vezes a minha solidão. No meio do deserto do abandono, cheguei a pedir um sinal. Mas tu me iluminaste um dia, por meio de um sonho. Fiquei a compreender que todo o sinal é vão, porque, se tu és da minha ordem, não me obrigas a crescer. E que haveria eu de fazer de mim, Senhor, tal como sou? “É por isso que continuo a caminhar. Vou elaborando orações novas, que nunca obtém resposta. Tão cego estou que só um fraco calor nas minhas papilas murchas me guia. Apesar disso louvo-te, Senhor, por não me responderes. Se eu encontrasse o que procuro é porque teria acabado de me realizar.

“Se tu gratuitamente desses o passo de arcanjo na direção do homem, o homem ver-se-ia terminado. Não serraria mais, não forjaria mais, não combateria mais, não curaria mais. Não mais varreria o quarto, nem acariciaria a amada. Dar-se-ia porventura ele ao trabalho de te honrar com a sua caridade através dos homens, se te contemplasse? Depois de construído o templo, passo a ver o templo e não as pedras”.

“Senhor, sinto-me tão velho e tão fraco como as árvores quando o inverno sopra. Farto dos meus inimigos e dos meus amigos. Pouco satisfeito, ao pensar que me vejo obrigado a matar e a curar ao mesmo tempo. É que me fazes sentir a necessidade de dominar todos os constrangimentos que tornam tão cruel a minha sorte. E, no entanto, constrangido a subir do menor número de problemas até à morte dos problemas, até ao teu silêncio.

“Digna-te, Senhor, para tua glória, estabelecer na unidade aquele que repousa a norte do meu império e foi meu inimigo amado, e o geômetra, o único verdadeiro, meu amigo, e eu próprio, que já passei, ai de mim!, a crista da montanha e deixo para trás, como que na vertente vencida, a minha geração. Digna-te adormecer-me nas profundidades dessas areias desertas onde trabalhei tanto” .

CCXIV

O teu desprezo pelo húmus é surpreendente. Só sentes respeito pelos objetos de arte:

“Por que é que vais a casa desses amigos tão imperfeitos? Como é que consegues suportar aquele que tem este defeito ou aquele outro que tem este outro cheiro? Conheço gente mais digna de ti...”

“Vamos, experimenta dizer à árvore: - Como é que te dá para plantar as raízes no estrume? Eu apenas respeito os frutos e as flores.”

És tão estéril como um morto. Ao passo que eu apenas vivo daquilo que transformo. Sou veículo, via e transporte.

Estais tão imóveis como um navio que, depois de ter acostado, descarregasse a carga para vestir os cais do porto de cores vivas: tecidos dourados, especiarias vermelhas e verdes, marfins. O sol, semelhante a um rio de mel que corresse pela areia fora, descarrega o dia. E vocês ficam sem movimento, surpreendidos pela riqueza da aurora, sobre as encostas do cabeço que domina o poço. E os animais de grandes sombras estão imóveis também. Nenhum deles se agita: sabem que vão beber um por um. Mas há um pormenor que mantém a procissão suspensa. Ainda não começaram a distribuir a água. Faltam os grandes cochos. Hão de trazê-los de um momento para o outro. Tu, de mãos nos quadris, olhas para o longe e perguntas: “O que é que eles estão fazendo?”

Aqueles que trouxeste das entranhas do poço escavado, largaram os instrumentos e cruzam os braços. O sorriso deles tranqüiliza-te. Temos água. Porque o homem no deserto é animal de focinho inábil, que procura às apalpadelas a sua mama. Sorris também. E os condutores de camelo, que te viram sorrir, sorriem por sua vez. Tudo é um grande sorriso. As areias cheias de luz e o teu rosto e o rosto dos teus homens e talvez mesmo algo no fundo dos animais, porque eles já sabem que vão beber e se mantêm imóveis, resignados e satisfeitos. Vivemos um minuto semelhante àquele que se vive no mar, quando o rasgão de uma nuvem deixa passar o sol. E sentes de repente a presença de Deus, sem compreender porque, talvez por causa do gosto generalizado de recompensa (um poço vivo no deserto faz lembrar um presente: nunca se conta de todo com ele, nunca se perdem todas as esperanças), por causa também da expectativa da comunhão da água próxima. É ela que vos mantém sempre imóveis. Aqueles lá, de braços cruzados, nem sequer se mexem. Tu, de mãos nos quadris, no cimo do montículo, continuas a olhar para o mesmo ponto do horizonte. Os animais de grandes sombras, alinhados em procissões nas vertentes de areia, ainda não se puseram em marcha. Aqueles que trazem os cochos grandes, onde se bebe, ainda não chegaram. E tu continuas a perguntar de ti para ti: "O que é que eles estão fazendo?" Tudo está ainda suspenso e, apesar disso, tudo continua prometido.

E vós habitais na paz de um sorriso. Daqui a nada, haveis de sentir realmente o prazer de beber. Mas será só prazer, ao passo que agora é amor. Homens, areias, animais e sol acham-se como que ligados no seu significado por um simples buraco no meio das pedras. À tua volta tudo são agora, apesar da diversidade, objetos de um mesmo culto, elementos de um cerimonial, palavras de um cântico. E tu, o sumo sacerdote que há de presidir, tu o general que há de ordenar, tu o mestre de cerimônias imóvel, as mãos nos quadris, com a tua decisão ainda suspensa, interrogas o horizonte donde te trazem os grandes cochos onde se bebe. Falta ainda um objeto para o culto, uma palavra para o poema, um peão para a vitória, uma especiaria para o festim, I um hóspede de honra para a cerimônia, uma pedra para a basílica que daqui a nada há de resplandecer ante os olhares. Já devem vir aí aqueles que trazem, qual fecho da abóbada, os grandes cochos. Quando eles aparecerem, hás de gritar: "Vamos a ver se vocês se despacham! Sem responderem uma i nem duas, eles subirão ao montículo, ajoelhar-se-ão para instalar os seus utensílios. Bastar-te-á então fazer um gesto. A ° corda que faz a terra dar à luz começará a gritar, a procissão dos animais se porá lentamente em movimento. Já os homens os procurarão manter na ordem prevista, à cacetada, já andarão no ar os gritos guturais do comando. Começará assim a desenrolar-se, segundo o seu ritual, a cerimônia do dom da água, enquanto o sol prossegue na sua lenta ascensão.

Vieram a mim os lógicos, historiadores e críticos, dispostos a argumentar, a demonstrar e a deduzir os seus sistemas, de conclusão em conclusão. E tudo era impiedosamente exato. Construíram-me, qual deles melhor, sociedades, civilizações e impérios que admiravelmente favoreciam, libertavam, alimentavam e enriqueciam o homem.

Depois de os deixar falar durante muito tempo, pedi-lhes simplesmente:

“Já que é vosso intuito perorar validamente sobre o homem, não seria má idéia que antes me dissésseis aquilo que é importante no homem e para o homem...”

Lançaram-se, de novo e com volúpia, em construções novas. É que basta oferecer-lhes a oportunidade de discorrerem, logo eles lhe pegam pela crina e se lançam imprudentemente no caminho aberto. Pela barafunda das armas, pela pulverulencia de ouro da areia, pelo vento tempestuoso da corrida, fazem lembrar uma autentica carga de cavalaria. Mas aonde irão eles, não me dirás?

Mal o barulho acabou e eles ficaram à espera dos cumprimentos (gente desta, efetivamente, corre, não para servir, mas para ser vista, ouvida ou admirada no seu volteio; acabado rodopio, apressam-se a aparentar modéstia), tornei a palavra:

“Se bem compreendi, vocês pretendem favorecer o que é próprio do homem, o que é mais importante para o homem. Mas, em meu entender, os sistemas por vocês defendidos favoreceriam a periferia do ventre, a saúde ou o número dos homens, simples meios e não fins. Na verdade, o arcabouço está para os homens como a solidez para o veículo, a manutenção dos órgãos não é diferente da manutenção do veículo e a quantidade suscita em homens e veículos idênticos problemas. Não é que o império não deva dispor de muitos homens sãos, convenientemente alimentados. Mas, depois de ter exposto tão flagrantes evidencias, continuo sem me referir ao essencial. Só disse que existe uma matéria disponível. Mas que hei de fazer dela, onde a hei de conduzir e que lhe hei de fornecer para a tornar maior? É que ela não passa de veículo, via e transporte...”

Discorriam a respeito do homem como quem discorre a respeito da alface. E as gerações de alfaces que se sucederam na minha horta deixaram porventura lembrança de alguma coisa que valha a pena contar?

Não souberam responder-me. A miopia e a proximidade a que se situam do objeto só os deixa reparar na qualidade da tinta ou do papel, não no significado do poema.

Acrescentei, portanto:

“Para mim, que sou positivo e desprezo a podridão do sonho; para mim, que apenas compreendo a ilha da música como construção concreta; para mim, que não estou, como os financeiros, completamente embriagado pelos vapores do sonho; para mim, que coloco naturalmente a arte da dança acima da arte da concussão, do açambarcamento, da prevaricação, pois sei por experiência - prezo muito a experiência - que ; ela proporciona mais prazer e tem um significado mais claro, as coisas passam-se assim: como percebes que a dança comove os homens e não sabes que fazer das riquezas acumuladas, lembraste de contratar uma bailarina; não conheças tu a arte ' da dança e virás talvez a comprometer a própria riqueza, pois o mais certo é que escolhas uma bailarina sem gênio... Eu, que olho e ouço - por não escutar palavras no silencio que envolve o meu amor -, constatei que não há nada tão importante para o

homem como um cheiro a cera numa certa tarde, uma abelha de ouro numa certa madrugada, uma pérola negra não possuída no fundo dos mares. Constatei que os próprios financeiros chegaram a trocar uma fortuna duramente adquirida através da concussão, da prevaricação, do açambarcamento, da exploração, da escravidão, das noites em branco queimadas em trabalhos do foro e em corrosivas adições de contabilista, por uma avelã do tamanho de uma unha e da aparência do vidro lapidado, que, só por se denominar diamante e ter saído do cerimonial das escavações na espessura dos órgãos da terra, veio a adquirir o valor do cheiro a cera ou do clarão da abelha e merece ser salva, mesmo com risco da vida, das mãos dos ladrões.

“Donde se vê que o dom essencial é o dom da estrada a seguir para chegar à festa. Para julgar a tua civilização, o que quero é que me digas quais são as tuas festas e que gosto deixam no coração e, além disso, donde vens e para onde vais, pois essas festas são momento de passagem, porta franqueada e abandono da crisálida, após a metamorfose. Só então saberei que homem és tu e se vale a pena que prosperes em saúde, em periferia do ventre e em número.

“Se tendes para determinada estrada, é necessário que experimentes em determinada direção a sede bastante para a ascensão, que assim te guiará os passos e fertilizará o gênio, da mesma maneira que, se eu quiser obter de ti navios, é só dotar-te de inclinação para o mar. Já que assim é, quero que me esclareças sobre a natureza da sede que infundes nos teus homens. Acontece que o amor é essencialmente sede de amor, a cultura sede de cultura e o prazer do cerimonial da pérola negra sede de pérola negra no fundo dos mares.

CCXVII

Não iras julgar segundo a soma. Vens-me dizer que não há nada a esperar daqueles lá. São grosseria, gosto do lucro, egoísmo, ausência de coragem, fealdade. Mas se me podes falar assim das pedras, as quais são rudeza, dureza, peso morno e espessura, já não o podes daquilo que tiras das pedras: estátua ou templo. Quase nunca vi o ser comportar-se como o teriam feito prever as suas partes. Se pegares em vizinhos à parte, virás a concluir que cada um deles odeia a guerra e não está disposto a abandonar o lar, porque ama os filhos e a esposa e as refeições de aniversário; nem a derramar o sangue, porque é bom, dá de comer ao cão e faz carícias ao burro; nem a roubar outro, pois tu bem vês que ele apenas preza a sua própria casa e puxa o lustro às suas madeiras e manda pintar as paredes e perfuma o jardim de flores. E me dirás: “Eles representam no mundo o amor à paz...” No entanto, o seu império não passa de uma grande terrina aonde se vai cozendo a guerra. E a sua bondade e a sua doçura e a sua piedade pelo animal ferido e a sua emoção à vista das flores não passam de ingrediente de uma magia que prepara o tilintar das armas, da mesma maneira que aquela mistura de neve, de madeira envernizada e de cera quente prepara as grandes palpitações do coração, embora a captura não seja, como nunca é, da essência do laço.

Julgas a árvore pelos materiais? Vens-me falar da laranjeira, criticando a raiz ou o sabor da fibra, o visco ou as rugas da casca, ou a arquitetura dos ramos? Que não te importem os materiais. Julga a laranjeira pela laranjeira.

Assim aqueles que persegues. Tornados um por um, eles são tal, tal e tal. Eu não quero saber disso. A árvore deles fabrica-me de tempos a tempos almas de gládio, prestes a sacrificarem o corpo no suplício, em contraste com a covardia do maior número, e olhares lúcidos que despem, como o fruto da casca, a verdade dos seus vãos atributos e, contrariamente ao apetite vulgar do maior número, se põem a observar as estrelas da janela da sua mansarda e vivem de um fio de luz. Nessa altura, fico satisfeito, porque vejo condição onde tu vês problema. A árvore é condição do fruto, a pedra do templo e os homens condição da alma que brilha sobre a tribo. E, apesar da bondade, do devaneio meigo e do amor desses homens pela casa, estou disposto a pôr-lhes o calcanhar em cima porque, apesar das aparências, são tudo ingredientes para a terrina, peste, crime e fome.

Perdoarei aos outros a ausência de bondade ou a rebelião perante o sonho ou o fraco pelas casas (pode acontecer que eles tenham sido nômades durante muito tempo), se esses ingredientes são condição da nobreza de alguns. E não é o encadeamento das palavras que me há de consentir previsões, pois não há lógica que permita passar de um andar para outro.

CCXVIII

Pois aqueles lá gostariam gostaria de fazer os outros acreditarem que ardem noite e dia. Mas todos mentem. . A verdade é que desfalecem.

Mente a sentinela das muralhas, que te canta noite e dia o amor pela cidade. Ela prefere a sopa.

Mente o poeta que noite e dia te fala da embriaguez do poema. Se padece de qualquer dar de barriga, já não quer saber dos poemas.

Mente o apaixonado que se diz habitado noite e dia pela imagem da amada. Basta uma pulga para, com a sua picada, o afastar dela. Ou o simples tédio, para bocejar.

Mente o peregrino que se gaba de andar embriagado noite e dia com as suas descobertas. Mal a ondulação é mais forte, começa a vomitar.

Mentiria o santo se dissesse contemplar Deus noite e dia. Deus às vezes o abandona à semelhança do mar. E ele fica mais seco do que uma praia de seixos.

Mentem aqueles que choram o morto noite e dia. Por que o haviam de chorar noite e dia, se o não amavam noite e dia?

Atravessavam horas de disputas ou de cansaços ou de distrações fora do amor. E, na verdade, o morto é mais presente do que o vivo, por ser contemplado fora dos litígios, tornado um. Mas tu és infiel mesmo aos teus mortos.

Mentem todos esses, porque renegam as suas horas de segura, mostrando nada terem compreendido. Afirmam com tamanha veemência o seu fervor, que te fazem duvidar de ti - que passas por tantas e tão humilhantes seguras - e acreditar na sua permanência. Quando estiveres de luto, até te verás obrigado a mudar a voz e o rosto, sempre que olharem para ti.

Que eu saiba, só o tédio te pode tornar permanente. Tédio esse devido à doença do teu espírito, que não sabe ler rosto algum através dos materiais. É o caso de quem considera o material do jogo de xadrez, sem adivinhar que há um problema ali escrito. Mas se, de tempos a tempos, te for concedido, como recompensa da fidelidade à crisálida, o segundo de iluminação da sentinela ou do poeta ou do crente ou do namorado ou do viajante, não te queixes por não contemplares permanentemente o rosto que transporta. Porque os há tão ardentes, que consomem quem os contempla. A festa não é para todos os dias.

Enganas-te, por conseguinte, quando condenas os homens pelos seus movimentos de rotina, à maneira do profeta de olhos estrábicos que noite e dia alimentava um fervor sagrado. Estou farto de saber que o cerimonial se abastarda ordinariamente em tédio e rotina. Estou farto de saber que a prática da virtude se

abastarda ordinariamente em concessões aos guardas. Estou farto de saber que as elevadas regras da justiça se abastardam ordinariamente em biombo de sórdidas manobras Mas isso que me importa? Sei também que o homem costuma dormir. Hei de me queixar então da sua inércia? Sei também que a árvore não é flor, mas condição da flor.

Ao fundar em ti o amor pelo irmão, fundei da mesma assentada a tristeza da separação do irmão. Ao fundar em ti o amor pela esposa, da mesma assentada fundei a tristeza separação da esposa. Ao fundar em ti o amor do amigo na mesma assentada fundei a tristeza da separação do amigo. Aquele que constrói as fontes, não constrói por esse mesmo fato a sua ausência?

Mas afinal fui dar contigo mais atormentado pela separação do que por qualquer outro mal. Só havia um remédio: esclarecer-te acerca da presença. Para quem morre de sede, a fonte ausente é mesmo assim mais doce do que um mundo sem fontes. E, mesmo que te aches exilado lá longe para sempre, rompes a chorar se a tua casa arde.

Eu sei de presenças generosas como árvores, que levam longe os seus ramos para derramar a sombra. Sou aquele que habita e hei de indicar-te a tua morada.

Quando o dia nascente restitui a cor aos legumes, tu os amontoas numa pirâmide oscilante em cima do teu burro e te pões a caminho do mercado, onde os tencionas vender. Dás um abraço em tua esposa. Ela te sorri. Ainda hoje, ao lembrá-lo, saboreias esse amor. Ela fica na ombreira da porta, pronta como tu para o trabalho. Sonha varrer a casa e dar lustro aos utensílios. Já se apresta para te cozinhar determinado petisco muito do teu agrado. Só pensa em ti, na surpresa que te vai fazer. E diz de si para si: “Tomara que ele não volte cedo demais; não teria graça nenhuma apanhar-me em flagrante... Nada, por conseguinte, a separa de ti, embora na aparência vás para longe e ela deseje que tu te demores. Mais ou menos o mesmo se passa contigo. A tua viagem é afinal em serviço da casa: há sempre coisas que se gastam e é preciso mantê-la alegre. Pensas descontar nos cobres que ganhares um tapete de lã farta e determinado colar de prata para a tua esposa. Por isso cantas pela estrada fora e habitas na paz do amor, embora à primeira vista pudesse parecer que vais para o exílio. As pequenas chibatadas com que guias o burro, o constante cuidado em ajustar os cestos, o próprio gesto de esfregar os olhos mal abertos ainda - é assim que vais construindo a tua casa. Sentes-te mais solidário com a tua mulher do que nas horas de ócio, quando dos umbrais da tua porta te voltas para o horizonte sem mesmo pensares em te voltares para saborear seja o que for do teu reino, porque nessa altura sonhas, mas é com um casamento longínquo a que queres ir assistir ou com tal serviço ou com tal amigo.

Já tu e o burro pareceis mais acordados. Ele chega às vezes a encher-se de brio e a ensaiar um trote pouco duradouro, que faz lembrar um cântico de pedras. Ao ouvi-lo pensas na tua manhã. E sorris. Já escolheste a loja onde hás de negociar a pulseira de prata. Conheces o velho comerciante. Ficará contente com a tua visita, porque és o seu melhor amigo. Informar-se-á a respeito da tua mulher. E irá te perguntar pela saúde dela, porque a sabe delicada e frágil. Dir-te-á tão bem dela, numa voz tão quente, que o transeunte menos sutil, só por ouvir tais louvores, a acharia digna da pulseira de ouro. Mas tu soltarás um suspiro. A vida é assim. Não és nenhum rei. Não passas de um modesto hortelão. O comerciante também soltará um suspiro.

E, quando vocês tiverem suspirado à vontade em homenagem à inacessível pulseira de ouro, ele te confessará que prefere a de prata. Uma pulseira - explicar-te-á ele - o que deve ser é pesada. E as de ouro são sempre leves. A pulseira tem um sentido místico. É o primeiro elo da cadeia que vos há de ligar um ao outro. Onde há amor, que doce não é sentir o peso da cadeia! Ela há de sentir o peso da jóia quando

levantar graciosamente o braço para ajeitar o véu. Será então a jóia a informar o coração. E o homem voltará de dentro com o mais pesado dos seus anéis. Pede-te que lhe experimentes o peso. Só o avaliarás bem se fechares os olhos e meditares no elevado prazer que sentes. E tu te submeterás à experiência. Concordas. E soltas outro suspiro. Porque a vida é assim. Tu não és capitão de uma caravana rica, mas simples dono de um burro. Apontarás para o burro magricela, que espera diante da porta. E dirás: "São tão poucas minhas riquezas que ele esta manhã conseguiu trotar sob o seu peso". O comerciante soltará também um suspiro. E, quando tiverdes suspirado à vontade em homenagem à inacessível pulseira pesada, ele te confessará que afinal as pulseiras leves tem vantagem pela qualidade do cinzelado, que é mais fino. E te mostrará aquela que é do teu agrado. Já há dias que tornaste a tua decisão, com a sabedoria de um chefe de Estado. Hás de reservar uma parte dos ganhos do mês para comprar um tapete de lã farta, e outra para o ancinho novo, e outra finalmente para a alimentação de todos os dias...

É só agora que a verdadeira dança começa. O comerciante conhece os homens por dentro e por fora. Se adivinhar que a sua isca está firme, não te dará linha. Dizes-lhe que a pulseira é cara demais e te despedes. Ele então te chama. É muito teu amigo. Dada a beleza da tua mulher, consentirá num sacrifício. Seria tão triste para ele desfazer-se do seu tesouro nas mãos de uma mulher feia! Consentes em voltar, mas a passo lento. Regulas o teu regresso como um passeio que desses para espairecer. Mostras-te contrafeito. Experimentas o peso da pulseira. Não tem grande valor se não são pesadas e a prata não brilha. Estás hesitante entre uma jóia insignificante e um lindo tecido de cor que viste na outra loja. Mas também não é preciso que mostres demasiado desdém porque, se ele se desespera de te vender alguma coisa, deixará que te afastes. E então, para voltar, terás de te embrulhar num pretexto tão mal amanhã que te fará corar. Aquele que não conhecesse nada dos homens veria nessa dança a dança da avareza, quando ela é dança do amor. E, por te ouvir falar de burro e de legumes ou filosofar sobre o ouro e a prata, sobre a quantidade e a qualidade, por te ver protelar o regresso com tão longas e distantes diligências, julgaria que estás muito longe da tua casa, quando tu na verdade a habitas precisamente nesse momento. É que nunca há ausência para longe da casa ou do amor, quando dás os passos do cerimonial do amor ou da casa. A tua ausência, em vez de te separar, liga-te; em vez de te isolar, confunde-te. E és capaz de me dizer onde fica o limite para além do qual a ausência é corte? Se o cerimonial está bem ligado, se contemplos bem a deus no qual vos confundis, se esse deus é bastante ardente, quem te separará da casa ou do amigo? Conheci rapazes que me diziam: meu pai morreu antes de ter acabado de construir a ala esquerda da sua morada. Estou eu a construí-la. Morreu sem ter acabado de plantar as suas árvores. Ando eu a plantá-las. Meu pai morreu e delegou em mim o cuidado de continuar a sua obra. Estou a continuá-la. Ou de permanecer fiel ao seu rei.

“E eu sou-lhe fiel”. E não me pareceu que, nessas casas, o pai tivesse morrido.

Se procurares nalgum lugar que não em ti ou nalgum lugar que não no teu amigo a raiz comum do teu amigo e tua, se há para vocês os dois, através da confusão das materiais, qualquer laço divino que ligue as coisas, não há distância nem tempo capazes de vos separar. É que esses deuses, em que _ a vossa unidade se funda, riem-se das paredes e dos mares.

Conheci um velho jardineiro que a toda a hora me falava num amigo dele. Os dois tinham vivido durante muito tempo como irmãos, antes que a vida os separasse. Tinham bebido juntos o chá da tarde, tinham celebrado as mesmas festas, tinham-se procurado um ao outro para pedirem alguns conselhos ou fazerem confidências. Que, bem vistas as coisas, pouco tinham a dizer. Até os viam passear, depois de acabado trabalho, sem pronunciarem uma só palavra. Limitavam-se a olhar as flores, os jardins, o céu e as árvores.

Mas, se um deles meneava a cabeça e apalpava entre os dedos alguma planta, o outro se debruçava por sua vez e meneava também a sua. Acabavam de reconhecer o rasto da lagarta. E as flores abertas proporcionavam a qualquer deles o mesmo prazer.

Ora, aconteceu que um mercador contratou um dos dois e o associou por algumas semanas à sua caravana. Mas os ladrões de caravanas e depois as voltas que a vida dá e as guerras entre os impérios e as tempestades e os naufrágios e os lutos e as ruínas e a luta pela vida andarem com ele sacudindo-o durante anos, como uma pipa levada e trazida pelo mar, empurrando-o de jardim para jardim até aos confins do mundo.

Ora o meu jardineiro, depois de uma velhice em silencio, recebeu um dia uma carta do amigo. Sabe Deus quantos anos ela tinha navegado. Sabe Deus que diligencias, que cavaleiros, que navios, que caravanas a tinham a pouco e pouco encaminhado, com essa mesma obstinação dos milhares de ondas do mar, até ao seu jardim. E nessa manhã, como ele resplandecia de felicidade e a queria partilhar, pediu-me para ler, como se pede para ler um poema, a carta que tinha recebido. Ficou-se a ler no meu rosto a emoção da leitura. A verdade é que eram só algumas palavras, porque os dois jardineiros sempre tinham tido mais habilidade para cavar do que para escrever. Só consegui ler: "Hoje de manhã, podei as minhas roseiras... o. Aquilo me fez meditar sobre o essencial, que sempre me pareceu informulável. E mencei também a cabeça, como eles teriam feito.

Daí em diante, nunca mais o meu jardineiro havia de saber o que é o repouso. Poderias tê-lo ouvido informar-se da geografia, da navegação, dos correios, das caravanas e das guerras entre os impérios. Três anos mais tarde, chegou por acaso o dia de eu mandar qualquer embaixada ao outro lado da terra. Mandei chamar o meu jardineiro: "Se quiseres, podes escrever ao teu amigo". As minhas árvores sofreram um pouco com isso e também os legumes da horta e houve festa entre as lagartas, porque ele passava os dias em casa rabiscando, rasurando, recomeçando a tarefa, tirando a língua de fora como uma criança debruçada sobre o trabalho. Mal descobria algo de urgente a dizer, como que sentia a necessidade de se transportar todo ele, na sua verdade, para casa do amigo. Precisava construir a sua própria passadeira sobre o abismo, de alcançar a outra parte de si próprio através do espaço e do tempo. Precisava dizer o seu amor. Por fim, todo corado, veio-me submeter à apreciação a sua resposta e perscrutar outra vez ainda no meu rosto um reflexo da alegria que havia de iluminar o destinatário. O que ele queria era experimentar em mim o poder das suas confidências. Afinal, apenas confiava ao amigo, na sua escrita aplicada e desajeitada, como que uma oração muito convicta, mas de palavras humildes: "Hoje de manhã, também cortei as minhas roseiras... o Na verdade, era o mais importante que ele podia dar a conhecer: aquilo por que no fundo ele se trocava à maneira das velhas que estragam a vista nos trabalhos de agulha, para enfeitar o seu Deus. Após a leitura, permaneci calado, meditando sobre o essencial, que eu ia compreendendo cada vez melhor. É que eles, sem saber, estavam afinal a homenagear-te: era em ti, Senhor, que eles se vinham a encontrar, para além das roseiras.

Ah! Senhor, depois de ter ensinado o melhor possível o meu povo, rezarei mesmo próprio. É que recebi de ti trabalho demais para alcançar em particular este ou aquele que eu teria podido amar, e foi preciso que eu me privasse de um comércio que só procura os prazeres do coração: que doces são as voltas aqui e não noutra lado e os sons de vozes particulares e as confidências infantis daquela que julga chorar a jóia perdida, quando chora já a morte que separa de todas as jóias. Mas tu me condenaste ao silencio para que, para além do vento das palavras, eu percebesse o seu significado. É minha missão debruçar-me sobre a angústia dos homens "" para curá-los.

Tu quiseste, é certo, poupar-me o tempo que eu teria gasto na tagarelice, e o inferno das palavras à volta

da jóia perdida - quem se libertará desses litígios, se o que afinal está em causa não é uma jóia, mas a morte? - ou da amizade ou do amor. Porque amor ou amizade só em ti se ligam verdadeiramente e é tua intenção só ali me permitires o acesso através do teu silêncio.

Que receberei eu, que sei que não é próprio da tua dignidade nem mesmo da tua solicitude visitar-me no meu andar, nem espero coisa alguma da marionete das aparições noturnas? Eu, que me dirijo não a este ou àquele, mas tanto ao lavrador como ao pastor, tenho muito a dar, mas nada a receber. E se o meu sorriso pode embriagar a sentinela, porque sou o rei e porque em mim se liga o império, que é feito do sangue delas, porque afinal, através de mim, por meio do meu sorriso, é o império que lhes paga o sangue derramado, o que é que eu tenho, Senhor, a esperar do sorriso dessa sentinela? Não peço para mim o amor nem duns nem de outros, e pouco me importa que eles porventura me ignorem ou me odeiem, com a condição de que me respeitem como caminho para ti. Se peço amor é para ti, de quem eles são - e de quem eu sou. Eu mais não faço que amarrar o feixe de centeio dos seus movimentos de adoração e entregar-ta depois, da mesma maneira que transmito ao império, e não a mim, a genuflexão da minha sentinela. Eu não sou muro, mas sim operação de semente que à terra vai buscar ramos para o sol.

Para mim não há rei que me possa reembolsar um sorriso. Assim há de ser, até à hora em que te dignares receber-me e confundir-me com os do meu amor. Por isso me assalta às vezes, de tempos a tempos, o cansaço de me ver sozinho e se torna mais premente a necessidade de ir ter com os do meu povo. Ainda não devo ser bastante puro.

Tão feliz me pareceu o jardineiro que comunicava com o amigo, que às vezes me assalta o desejo de me ligar assim, segundo o deus deles, com os jardineiros do meu império. Gosto então de descer, a passos lentos, um pouco antes da aurora, os degraus do meu palácio, até ao jardim, na direção dos roseirais. Ponho-me a observar isto ou aquilo. Debruço-me atentamente sobre alguma haste, eu que, ao meio-dia, decidirei do perdão ou da morte, da paz ou da guerra, da sobrevivência ou da destruição dos impérios. Abandono depois o meu trabalho com esforço, porque estou ficando velho, e digo simplesmente, no meu coração, única via eficaz para os atingir, a todos os jardineiros vivos e mortos: “Também podei hoje de manhã as minhas roseiras. E pouco me importa que tal mensagem caminhe ou não durante anos, chegue ou não a este ou àquele. Não é esse o objeto da mensagem. Para alcançar os meus jardineiros, bastou-me saudar o deus deles, que é roseira ao nascer do dia.

Senhor, o meu inimigo amado também só o alcançarei para além de mim próprio. E a ele, que se parece comigo, acontece-lhe exatamente o mesmo. Eu exerço justiça segundo a minha sabedoria. Ele exerce a justiça segundo a dele. Elas parecem contraditórias e, no caso de se defrontarem, virão a alimentar as nossas guerras. Mas quer ele quer eu, por caminhos contrários, seguimos com a palma das nossas mãos as linhas de força do mesmo fogo. Só em ti, Senhor, elas se vem a encontrar.

Acabei o trabalho, aformoseei a alma do meu povo. Ele também aformoseou a alma do seu povo e deu o trabalho por terminado. E eu que penso nele e ele que pensa em mim, embora nenhuma linguagem se nos proporcione para os nossos encontros, depois de termos julgado ou ditado o cerimonial, ou punido ou perdoado, podemos ambos dizer, ele para mim e eu para ele: “Hoje de manhã podei as minhas roseiras...” É que tu és, Senhor, a comum medida de um e de outro. Tu és o nó essencial entre atos diversos.

FIM

Sumário

Algumas notas sobre a tradução para o Português	3
I	5
II	10
III	13
IV	17
V	19
VI	22
VII	25
VIII	28
IX	31
X	33
XI	35
XII	38
XIII	40
XIV	42
XV	44
XVI	48
XVII	50
XVIII	53
XIX	54
XX	57
XXI	60
XXII	62
XXIII	65
XXIV	66
XXV	67
XXVI	68
XXVII	70
XXVIII	71
XXIX	74

XXX	76
XXXI	78
XXXII	80
XXXIII	83
XXXIV	84
XXXV	85
XXXVI	87
XXXVII	88
XXXVIII	89
XXXIX	91
XL	93
XLI	94
XLII	96
XLIII	97
XLIV	98
XLV	99
XLVI	101
XLVII	102
XLVIII	106
XLIX	107
L	109
LI	111
LII	112
LIII	113
LIV	114
LV	117
LVI	118
LVII	121
LVIII	122
LIX	123
LX	124
LXI	126

LXII	127
LXIII	129
LXIV	131
LXV	133
LXVI	135
LXVII	136
LXVIII	138
LXIX	140
LXX	143
LXXI	146
LXXII	147
LXXIII	149
LXXIV	151
LXXV	152
LXXVI	154
LXXVII	155
LXXVIII	156
LXXIX	159
LXXX	161
LXXXI	162
LXXXII	163
LXXXIII	164
LXXXIV	166
LXXXV	168
LXXXVI	170
LXXXVI	171
LXXXVIII	172
LXXXIX	173
XC	175
XCI	176
XCII	177
XCIII	179
XCIV	180

XCV	184
XCVI	185
XCVII	186
XCVIII	189
XCIX	190
C	191
CI	192
CII	193
CIII	195
CIV	196
CV	198
CVI	199
CVII	200
CVIII	201
CIX	207
CX	208
CXI	209
CXII	210
CXIII	212
CXIV	214
CXV	216
CXVI	218
CXVII	219
CXVIII	221
CXIX	223
CXX	224
CXXI	227
CXII	229
CXXIII	231
CXXIV	233
CXXV	234
CXXVI	236

CXXVII	238
CXXVIII	240
CXXIX	241
CXXX	242
CXXXI	243
CXXXII	244
CXXXIII	246
CXXXIV	247
CXXXV	249
CXXXVI	252
CXXXVII	254
CXXXVIII	256
CXXXIX	257
CXL	258
CXLI	259
CXLII	261
CXLIII	264
CXLIV	266
CXLV	267
CXLVI	268
CXLVII	269
CXLVIII	271
CXLIX	272
CL	274
CLI	276
CLII	278
CLIII	280
CLIV	283
CLV	284
CLVI	285
CLVII	288
CLVIII	293
CLIX	295

CLX	296
CLXI	297
CLXII	298
CLXIII	299
CLXIV	300
CLXV	301
CLXVI	302
CLXVII	304
CLXVIII	305
CLXIX	306
CLXX	309
CLXXI	312
CLXXII	313
CLXXIII	314
CLXXIV	315
CLXXV	317
CLXXVI	320
CLXXVII	321
CLXXVIII	323
CLXXIX	324
CLXXX	325
CLXXXI	327
CLXXXII	328
CLXXXIII	330
CLXXXIV	332
CLXXXV	334
CLXXXVI	336
CLXXXVII	338
CLXXXVIII	340
CLXXXIX	342
CXC	344

CXCII	346
CXCIII	350
CXCIV	352
CXCV	356
CXCVI	357
CXCVII	359
CXCVIII	361
CXCIX	365
CC	373
CCI	375
CCII	377
CCIII	378
CCIV	380
CCV	384
CCVI	387
CCVII	390
CCVIII	392
CCIX	395
CCX	396
CCXI	397
CCXII	399
CCXIII	401
CCXIV	403
CCXV	404
CCXVI	406
CCXVII	408
CCXVIII	409
CCXIX	410